



RIO AZUL

Olhares sobre a história

A HISTÓRIA DA CÂMARA MUNICIPAL E DO MUNICÍPIO DE RIO AZUL-PR.

Rio Azul - Paraná
Gráfica e Editora Kaygangue Ltda.
2018



1918 – 2018

A história da Câmara Municipal de Rio Azul e do Município de Rio Azul-Paraná

Presidente da Câmara Municipal

Vereador Edson Paulo Klemba

Vereadores

André Dusanoski

Cesar Martins dos Santos (Geleia)

Jair Boni

Maria da Conceição Burko

Leandro Jasinski

Sérgio Mazur

Valdir Siqueira

Zerico José Nepomoceno

Prefeito Municipal

Rodrigo Skalicz Solda

Vice-Prefeito

Renato Hriniczuk

Autores

Felipe Cheremeta

Ivan Gapinski

Dr. Joécio Soares

José Augusto Gueltes

Rodrigo Zub

Romualdo Surmacz

Sandra Maria Mosson

Teobaldo Mesquita

Organizador

José Augusto Gueltes

Capa

Felipe Ventura

Diagramação

Luciane Mormello Gohl

Impressão

Gráfica e Editora Kaygangue Ltda.

MENSAGEM DO PRESIDENTE

Quando estamos vivendo este momento único, comemorando o Centenário do nosso Município e de sua Emancipação Político Administrativa, oportuno é também festejarmos esta forma de passarmos pela História da Casa Legislativa, como ainda pela História de toda a existência de Rio Azul, até os dias de hoje.

Desde os tempos em que nos chamávamos Roxo Roiz, desde os tempos que os primeiros povoadores exploravam a madeira e a erva mate e construíam a Rede Ferroviária, esteve iniciando também a sua História, esta Casa de Leis.

Sempre presente na vida da população e no progresso do nosso Município, este Legislativo, no decorrer destes cem anos, quando todos acolhemos a chegada de várias gentes de várias origens e etnias, enobrecemos a vida do Município, irmanados com tantos cidadãos, que pela vontade popular estiveram na condição de representantes do povo.

Na nobre e honrosa condição de Presidente desta Casa de Leis, quando esta data impar e histórica do Centenário passa pelas nossas vidas, queremos deixar este trabalho em forma de livro, escrita por pessoas que destacamos como aptas para um trabalho desta grandeza, levando igualmente a mensagem que deixamos, reconhecendo todo o passado de lutas do nosso povo e o presente que garante um olhar seguro e próspero para os novos dias que virão.

Edson Paulo Klemba
Presidente da Câmara Municipal de Rio Azul

PREFÁCIO

Ao ser-me concedida a honrosa deferência em prefaciá-la esta obra histórica, alusiva às comemorações do centésimo aniversário da Câmara Municipal de Rio Azul e que aborda a emancipação política do Município de Rio Azul, de sua população, de suas comunidades, sua formação por diferentes etnias seus costumes, suas tradições, suas personalidades e demais aspectos socioculturais que hoje constituem o Rio Azul em que vivemos e conhecemos, lembrei-me, saudoso, de quando pesquisávamos para contar esta história em livro pela primeira vez. De 1967, quando fui convidado para ser funcionário da municipalidade, até 2013, quando enfim deixei o exercício da função pública, direta ou indiretamente participei das ocorrências do município, do seu progresso, das suas realizações e de sua vida como entidade administrativa governamental, concorrendo para a concretização de sua história. Lembro do desafio de ter participado das pesquisas e da escrita dos textos que resultaram na edição de um livro comemorativo aos 70 anos de Rio Azul, tarefa esta desenvolvida junto ao heraldista Reinaldo Valascki. Lembro das profundas pesquisas do material disponível que foi encontrado, das entrevistas com antigos moradores, a análise das administrações anteriores, consultas a ex-Prefeitos ainda vivos e outras tantas consultas a fontes históricas, entre as quais, pesquisas que haviam sido desenvolvidas por mim e por Hamilton Durski, então acadêmicos do curso de História da Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória-Pr, no ano de 1970. Este livro, depois, tornou-se referência em pesquisa e conhecimento sobre o município.

Ao tomar conhecimento de que agora, ao se comemorar os 100 anos, um novo livro foi planejado, sinto-me, de certa forma, recompensado pelo esforço dispendido e por saber que a história será recontada de uma forma diferente, sob a ótica de diferentes pessoas, com uma visão particular do passado, enriquecida com nossos conhecimentos acrescidos resultantes da inclusão de novos assuntos e do trabalho de pesquisa efetuado, pois as gerações passadas fizeram a história que hoje pesquisamos e estudamos; nós, na atualidade, faremos a história que será pesquisada e estudada pelas gerações futuras, que também farão a sua história, portanto, temos a obrigação de deixar um digno legado às futuras gerações. Almejando que a presente obra seja de utilidade para pesquisadores, jovens e crianças e todos aqueles que tem interesse pelo Município de Rio Azul e, coincidentemente com a edição desse trabalho a realização de 21ª Copa do Mundo de Futebol apresento um “Goal” de agradecimento vitorioso àqueles que tornaram possível a concretização desta obra: aos idealizadores, colaboradores, redatores, entrevistados, ao Presidente da Câmara Municipal e demais pessoas que prestaram sem concurso e sem o qual essa obra não seria possível e, portanto, impedindo as gerações futuras de disporem de mais uma obra de registro histórico do Município. Muito obrigado a todos e parabéns pelos 100 anos da Câmara Municipal e do Município de Rio Azul

Rio Azul-Pr, junho de 2018.

CESLAU WZOREK

APRESENTAÇÃO

Este é um livro de história, mas não daquela que se estuda em todas as escolas. Está a história da Câmara Municipal, do Município de Rio Azul e seu povo.

Uma história particular contada por um grupo de amigos que se uniram em torno de um mesmo objetivo: o de trazer à memória as realizações e acontecimentos do passado, sejam eles vividos por políticos ou por cidadãos comuns para servirem de inspiração aos feitos que levarão juntos a um futuro promissor e igualitário.

Conta a história do Poder Legislativo, da Câmara Municipal a partir de uma pesquisa minuciosa que fez desencanaixar livros velhos para buscar, através de nomes e datas, os fatos históricos que revelam a identidade política de um povo. Histórias alegres e tristes. De alegria como aquela que devem ter sentido o Coronel Hortêncio Martins de Mello e seus amigos ao conquistarem a tão sonhada independência administrativa em 1918 e de tristeza como a tida por eles e muitos outros munícipes quando Rio Azul deixou de existir e foi anexado ao Município de Mallet. De alegria como aquela que sentiram os primeiros Camaristas ao organizarem as Sessões Preparatórias para a instalação do Município e de tristeza como aquela que sentiram seus colegas nos idos de 1937 quando tiveram de encerrar livros e deixar seus cargos por força da determinação legal getulista. Enfim, uma história que revela a luta e a obstinação de pessoas imbuídas de um mesmos desejo: de fazer Rio Azul crescer e desenvolver-se superando dificuldades e desilusões, mas certas de que com muito trabalho e empenho tudo valeria a pena. E que valeu, como poderemos concluir ao preparar este livro que nos conta como foi esta trajetória de cem anos. Esta também é a história montada através de relatos de algumas famílias, pesquisas e entrevistas com pessoas que ajudaram na criação da identidade e na construção de Rio Azul. Portanto, esta é a história que constrói uma versão não oficial da cidade, mas completamente real, objetivando ter em mãos uma fonte de pesquisa e conhecimento para os moradores, estudantes e pesquisadores. Os relatos apresentados neste livro foram colhidos em tempos distintos, mas por serem considerados importantes e únicos, foram aqui juntados. E, vão muito além de uma organização de fatos, pois são a história de um povo.

O objetivo de compilar todos esses assuntos numa publicação é eternizar a história de Rio Azul que foi passada dos avós para nossos pais, e depois, por estes aos netos ... e por isso foi buscado na coletividade das memórias um subsídio para construir o todo que é Rio Azul nos dias de hoje.

Claro que não houve condições de entrevistar todos os que de alguma forma ajudaram a construir a história da nossa cidade, e muitas pessoas, assim como fatos, ficaram de fora desse registro, porém, traz-se aqui a certeza de que são assuntos relevantes na construção do aspecto físico, cultural, social, educacional e espiritual de Rio Azul, contribuindo para o crescimento e a transformação dessa pequena comunidade que festeja agora seu centenário de emancipação política.

Para ajudar a enriquecer o conteúdo e trazer uma forma de ilustrar, além de confirmar fatos, foram usadas fotografias obtidas de arquivos pessoais e de profissionais da época, que são exploradas como meio de revelar costumes e situações da cidade. Com isso, as imagens e as histórias trazidas do passado reorganizam o

sentimento com sensações muitas vezes esquecidas com o tempo. As imagens são instrumento de conhecimento e uma forma de interpretar tudo aquilo que já foi a realidade de um dia. Muitos momentos eternizados pela fotografia estão aqui para fornecer dados e detalhes de uma época.

Muitas das pessoas entrevistadas já são falecidas, pois toda essa busca por dados sobre Rio Azul compilados aqui aconteceu desde os anos de 1996 até os dias atuais. Portanto, suas memórias e observações sobre o passado de Rio Azul estão eternizados através deste documento. Sim, esta publicação é um documentário sobre a Câmara Municipal de Rio Azul e conseqüentemente sobre o Município Rio Azul. Um documento que agora vêm à público por iniciativa da Câmara de Vereadores e através do trabalho de pesquisa de José Augusto Gueltes (idealizador do projeto), Sandra Maria Mosson, Ivan Gapinski, Rodrigo Zub, Joécio Soares Gonçalves, Felipe Cheremeta, Romualdo Surmacz e Teobaldo Mesquita. Esta união de amigos e, principalmente, de pessoas que amam Rio Azul, objetiva, acima de tudo, deixar às futuras gerações de rioazulenses um material de informação, com imagens que sobreviveram ao tempo, marcando um passado que tende a se perder com facilidade, analisando os fatos que levaram o município a ser o que é.

A intenção do grupo é ajudar a preservar a memória, a deixá-la mais acessível a todas as pessoas, pois certamente criará laços de reconhecimento com o passado. Foi escrito com um jeito que todos possam entender e usando a simplicidade para trazer detalhes importantes, como a simplicidade de uma fotografia em preto e branco que estava esquecida, mas que foi resgatada para revelar o que já existiu e trazer de novo à mente o colorido de um passado não tão distante, mas que se tende a ignorar. As fotografias de casas demolidas, localidades desfiguradas, fazem a ligação com o passado, e os relatos e conversas despertam informações adormecidas na memória transformando tudo isso numa fonte de pesquisa e de registro e, com isso, a construção da identidade de cada morador. Lembranças como da criação de fábricas, do cinema, a chegada do progresso e o desenvolvimento da agricultura - que é o ponto forte na economia até os dias atuais.

E, por fim, além de rememorar o passado, que seja este livro uma provocação! Que ele provoque em cada leitor, em cada estudante, em cada cidadão, o desejo de buscar desvendar ainda mais o que já ficou para trás, de buscar mais histórias, mais curiosidades, mais fatos que marcaram época e pessoas e que não podem continuar escondidos nos relatos dos mais velhos e ou nas fotos que enchem caixas e gavetas. Que se possa, a partir desta singela obra que foi pensada para os festejos do centenário desta querida cidade, despertar em mais pessoas a vontade de escrever a história que não para, mas segue adiante, mais e mais E com ela cada um de nós, os filhos, netos... pois se apenas o que se escreve perdura por mais tempo, só resta festejar por ter conseguido fazer o que foi proposto realizar, ficando com a certeza de que outros surgirão para aperfeiçoar aquilo que foi começado com esta publicação.

José Augusto Gueltes
Sandra Maria Mosson

SUMÁRIO

ATA DA FUNDAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL E DE INSTALAÇÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO EM 14 DE JULHO DE 1918	11
ESTATÍSTICAS MUNICIPAIS - RIO AZUL - PARANÁ	
<i>José Augusto Gueltes</i>	<i>15</i>
CÂMARA MUNICIPAL DE RIO AZUL: 100 ANOS DE HISTÓRIA	
<i>José Augusto Gueltes</i>	<i>21</i>
O MUNICÍPIO DE RIO AZUL E SUAS COMUNIDADES RURAIS: 1870 a 2018	
<i>Dr. Joélcio Gonçalves Soares.....</i>	<i>77</i>
A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE: HISTÓRIAS, RELATOS E IMAGENS DE RIO AZUL	
<i>Sandra Maria Mosson</i>	<i>111</i>
100 ANOS - A HISTÓRIA CONTADA PELA COMUNIDADE	
<i>Rodrigo Zub.....</i>	<i>159</i>
SÃO GONÇALO, O MONGE SÃO JOÃO MARIA E OS FAXINAIS EM RIO AZUL	
<i>Ivan Gapinski.....</i>	<i>193</i>
A HISTÓRIA DA COMUNIDADE UCRANIANA EM RIO AZUL	
<i>Felipe Cheremeta.....</i>	<i>239</i>
A TRILOGIA “NO MEU TEMPO ERA ASSIM”	
<i>Romualdo Surmacz, José Augusto Gueltes</i>	<i>265</i>
A EFEMÉRIDE DOS PARALELEPÍPEDOS: RIO AZUL, UM ENIGMA PASSADO, UM HORIZONTE DESAFIANTE	
<i>Teobaldo Mesquita</i>	<i>277</i>
AS CORES DA SOLIDÃO: VIDA E OBRA DE ANTÔNIO PETREK	
<i>Sandra Maria Mosson</i>	<i>299</i>
CORPUS CHRISTI: TRADIÇÃO E FÉ EM RIO AZUL	
<i>José Augusto Gueltes</i>	<i>323</i>
VIAGEM PELALINHA DO TEMPO	
<i>José Augusto Gueltes</i>	<i>331</i>

ATA DA FUNDAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL E DE INSTALAÇÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO EM 14 DE JULHO DE 1918



Prefeito e Camaristas em foto tirada no dia 14 de julho de 1918, dia da instalação oficial do Município de Roxo Roi.

“Acta da installação da Sessão Solenne da tomada de posse dos Senhores Camaristas e Prefeito Municipal e inauguração da Villa e Municipio de Roxo Roiy.

Presidência do capitão Zeferino Salles Bittencourt. Aos quatorze dias do mez de julho de mil novecentos e dezoito nesta Villa de Roxo Roiy em a sala para este fim designada, presentes cidadãos Joaquim Luiz dos Santos, Presidente interino Zeferino Salles Bittencourt, Honório Alves Pires, Gabriel Cury, Antônio José dos Passos, Saturnino Bueno de Camargo, camaristas, comigo Antonio Salles Borges, secretário interino da Câmara Municipal e com a presença das autoridades federaes e estaduaes da localidade assim como o Exmo. Sr. Dr. Elizeu de Campos Mello, Deputado Estadual representando o Exmo. Sr. Dr. Presidente do Estado Affonso Alves Camargo, o capitão Manoel Ciryllo Ferreira representando o Municipio de Pon-

ta Grossa, o Senhor Lourenço Moura representando a vizinha população de Rebouças e crescido número de pessoas gradas da localidade assim como Excelentísimas famílias e a Banda de Música Lyra do Sul ao meio dia assignado o livro de presença pelos senhores camaristas e demais partidos assistentes. O Senhor Presidente Interino Joaquim Luiz dos Santos declarou aberta a sessão e mandou ler a ata da sessão antecedente qual submetida a discussão foi unanimemente approvada. Depois convidados os Senhores camaristas para elegerem o seu Presidente e Vice Presidente para o seu primeiro anno legislativo. Por aclamação unânime e restrição dos nomes foram eleitos o capitão Zeferino Salles Bittencourt Presidente e Vice Presidente o camarista Saturnino Bueno Camargo. Ao assumir a cadeira da presidência o capitão Zeferino Salles Bittencourt echoou na sala uma chuva de palmas. Acto continuo elle annunciou que ia prestar a promessa legal na forma da lei e disse: Prometo sob palavra de honra exercer com lealdade o cargo para qual fui eleito tendo em vista o bem público e a prosperidade do municipio o que fez repetir pelos demais camaristas proferida assim a promessa sendo lavrado em seguida o competente termo da promessa que todos assignaram. Em seguida o Senhor presidente nomeou uma comissão composta dos camaristas Joaquim Luiz dos Santos, Honório Alves Pires e Saturnino Bueno de Camargo para convidar e conduzir o Coronel Hortêncio Martins de Mello o que feito tomou assento a direita do senhor presidente que fê-lo prestar a seguinte promessa: Prometo sob palavra de honra exercer com lealdade o cargo para qual fui eleito mandando e fazendo executar as leis emanadas da câmara Municipal dentro dos limites das leis estaduais e da União. Pelo secretário foi lavrado o termo de promessa que assignaram. O Presidente da câmara e o prefeito estavam de posse de seus cargos e installada a Villa e Municipio de Roxo Roiz que deviam ser reconhecidas pelas divisas que respeitam a lei n°

1759 de 26 de Março de 1918 cuja lei é do seguinte teor: 'O Congresso decretou e eu sanciono a lei seguinte: Art. 1º Fica elevado a Município o districto judiciário de Roxo Roiz com a mesma denominação e sede actuais. § Único: As divisas do município que trata o artigo na parte que confia com o districto judiciário de Rebouças ficam alteradas passando a ser as seguintes: Começa a partir da estrada de ferro S. Paulo-Rio Grande, sobe o rio Pottinga por esta estrada de ferro até o Rio das Pedras, por este acima até suas cabeceiras, dalhi em diante por uma linha recta até a estrada que vem da Serra da Esperança e passa pelo Pinheiro da Cruz e vae ao rio Pottinga no passo do Cabral, estrada essa que divide o districto Policial do Taquary. As demais divisas são as que existem actualmente. Artº 2º Fica o novo Município de Roxo Roiz desmembrado do Termo de S. João do Triumpho e anexado ao de Iraty da comarca de Ponta Grossa. Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário. O secretário d' Estado de Negócios do Interior de Justiça e Instrução Pública faça escutar. Palácio da Presidência do Estado do Paraná, em 26 de março de 1918: 30º da Republica. Affonso Alves de Camargo. Enéas Marques dos Santos. Publicada na Secretaria de Estado de Negócios de Interior, Justiça e Instrução Pública em 26 de março de 1918. Júlio Pernetta - Diretor Geral.'. Concluida que foi a leitura desta lei a banda de música Lyra do Sul, fez repercutir um dos melhores dobrados do seu repertorio que se confundio com uma nova chuva de palmas. Em seguida o Senhor Presidente declarou que a presente installação obedecen o decreto presidencial número 549 que designou o dia de hoje para este fim e facultou a palavra aquelles que quisessem fazer uso della. Pelo Excelentissimo Senhor Doutor Elizen de Campos Mello foi exhibido um telegrama do Excelentissimo Sr. Dr. Presidente do Estado para ser inserido na acta. O telegrama era do teor seguinte: 'Dr. Campos Mello Ponta Grossa, Pesso presado amigo Ferreira representar

na installação do Municipio Roxo Roiz agradecendo antecipadamente obsequio conceder saudações. Affonso Camargo.'. Também pelo Senhor Alfredo Viana foi pedida a palavra e exhibido outro telegrama requerendo fosse também inserido no livro acta, este telegrama era do teor seguinte: 'Sub-delegado Policia Roxo Roiz. Peço representar-me na installação municipio Roxo Roiz Saudações, Lindolpho Pessoa. Chefe de Policia.'. Pelo capitão Manoel Cyrillo Ferreira em curta menção foi representado o Municipio de Ponta Grossa, sendo nessa ocasião levantado vivas ao nosso municipio ao Estado do Paraná e ao Excelentissimo Senhor Doutor Presidente do Estado. Em cuja ocasião foi tocado o hyno nacional pela banda de música. Pelo Prefeito Municipal Coronel Hortêncio Martins de Mello foi pedida a palavra que lhe sendo deferida manifestou elle sua gratidão pela escolha que o povo de Roxo Roiz fez de sua pessoa pra qual os destinos do nosso Municipio e de baixo de longas ponderações solicitou ao corpo legislativo a mais união e decoro nas medidas a serem tomadas e com dignidade de modo a conciliar os interesses da Municipalidade com o povo procurando-se todos os meios de que elle pudesse ser compettido a actos. Finalizou levantando vivas ao Excelentissimo Senhor Presidente do Estado que disse ter sido Incansável na criação deste Municipio, ao Dr. Elizeo de Campos Mello e aos demais cidadãos que concorreram a festa da installação. O Senhor Presidente da Câmara tomou a palavra agradeceu seus pares a distinção que lhe dispensaram elegendo-o para Presidente no decorrer do primeiro anno legislativo e designou o dia 20 de setembro para intallação da primeira sessão ordinária da câmara dando por terminada as solenidades da festa suspendeu a sessão. Do que para constar em Antonio de Salles Borges Secretário interino lavrei a presente acta que depois de lida e approvada vai devidamente assignada. Hortêncio Martins de Mello, Honório Alves Pires, Antônio José dos Passos. "

ESTATÍSTICAS MUNICIPAIS - RIO AZUL - PARANÁ

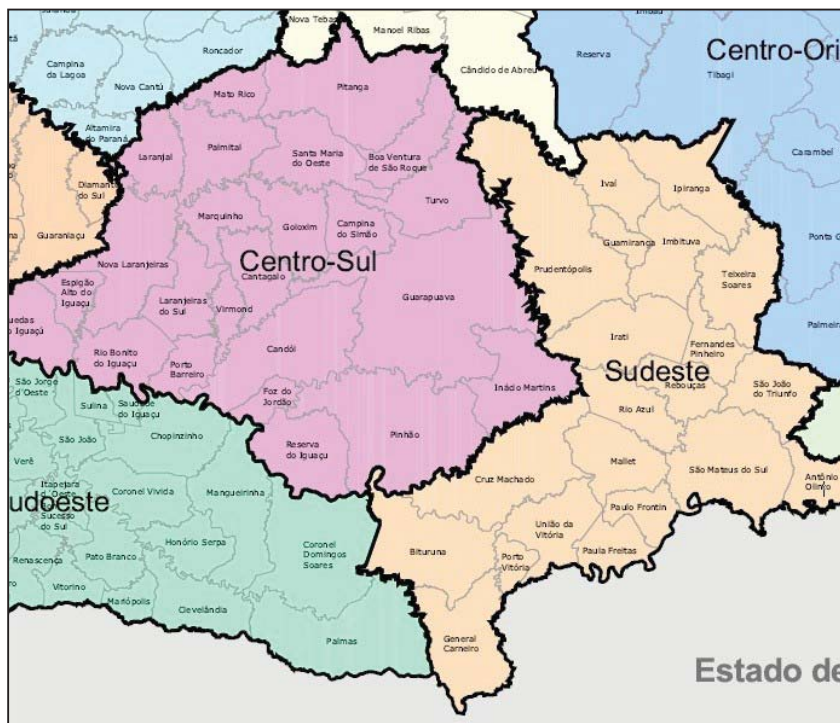
Pesquisa: José Augusto Gueltes

Fontes: sites do IBGE, IPARDES, Secretaria da Câmara Municipal

LOCALIZAÇÃO NO ESTADO DO PARANÁ



LOCALIZAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE DO ESTADO DO PARANÁ



ELEITORES (2016)	
Masculino	5.914
Feminino	5.291
Total	11.025

FONTE: IBGE - Censo Demográfico - Dados da amostra

POPULAÇÃO OCUPADA (2010)	
Área urbana	2.595
Área rural	5.265
Total	7.860
Masculino	4.602
Feminino	3.258

FONTE: IBGE Censo Demográfico 2010

Em 2015, o salário médio mensal era de 2.2 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 12.7%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 76 de 399 e 320 de 399, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 1176 de 5570 e 2660 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 35.5% da população nessas condições, o que o colocava na posição 132 de 399 dentre as cidades do estado e na posição 3462 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (2010)	
Índice de Desenvolvimento Humano – IDHM	0,687
IDHM – Longevidade	0,819
Esperança de vida ao nascer	74,14 anos
IDHM - Educação	0,544
PIB per capita	R\$ 31215,30
Classificação no Estado do Paraná	277º
Classificação nacional	2.251º

FONTE: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil - PNUD, IPEA, FJP

NOTA: Os dados utilizados foram extraídos dos Censos Demográficos do IBGE.

A Taxa de mortalidade infantil média na cidade é de - para 1.000 nascidos vivos. As internações devido a diarreias são de 3.1 para cada 1.000 habitantes. Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 1 de 399 e 96 de 399, respectivamente. Quando comparado a cidades do Brasil todo, essas posições são de 1 de 5570 e 1116 de 5570, respectivamente.

EDUCAÇÃO (2017)	
Bibliotecas Públicas	01 (Biblioteca Cidadã)
Outros equipamentos culturais	-
Matriculas na Educação infantil municipal	433
Matriculas no Pré-Escolar	358
Matricula no Ensino Fundamental	1.878
Matricula no Ensino Médio	541
Matriculas na Educação Especial	57
Matriculas no EJA - Educação de Jovens e Adultos	114
Total de matriculas	3.023

FONTE: MEC/INEP

Em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 5.6 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 4.3. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 248 de 399. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 174 de 399. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 96.2 em 2010. Isso posicionava o município na posição 359 de 399 dentre as cidades do estado e na posição 4435 de 5570 dentre as cidades do Brasil. (IBGE)

AGRICULTURA (2016)		
Tipo de cultura	Área colhida (há)	Produção (t)
Soja em grão	16.550	51.513
Milho em grão	2.300	16.575
Fumo em folha	6.246	12.365
Erva-mate em folha	500	4.750
Feijão em grão	2.700	4.100
Trigo em grão	850	2.933
Batata doce	35	1.750
Mandioca	80	1.424
Bata inglesa	30	818
Triticale em grão	70	182
Arroz em casca	90	171
Uva	6	120
Pêssego	2	50
Laranja	1	10
Caqui	1	5

FONTE: IBGE - Produção da Pecuária Municipal

PECUÁRIA E AVES (em mil cabeças) (2010)	
Suínos	10.500
Bovinos	6.116
Vacas ordenhadas	3.372
Ovinos	1.200
Ovinos tosquiados	850
Equinos	550
Bubalinos	172
Caprinos	150
Galináceos (galinhas)	95.000

FONTE: IBGE - Produção da Pecuária Municipal

PRODUÇÃO DE ORIGEM ANIMAL POR ANO (2010)	
Leite	9.908 mil litros
Mel de abelha	10.000 kg
Lã	1.900 kg
Ovos de galinha	200 mil dz

FONTE: IBGE - Produção da Pecuária Municipal

EMPRESAS (2017)	
Unidades locais	338
Empresa atuantes	331
Pessoal ocupado	1.909
Pessoal ocupado assalariado	1.547
Salário médio mensal	2,2 salários mínimos

FONTE: IBGE, Cadastro Central de Empresas 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017

RELIGIÃO (2010)	
Católica Apostólica Romana	12.887
Espírita	39
Evangélica	1.088
Não determinada e múltiplo pertencimento	10
Outras religiosidades cristãs	4
Sem religião	65

FONTE: IBGE Censo Demográfico 2010

HABITAÇÃO (2014)	
Domicílios na área urbana	1.778
Domicílios na área rural	2.939
Domicílios coletivos	9
Total de domicílios	4.717
Domicílios próprios	3.384
Domicílios alugados	372
Domicílios cedidos	369
Com abastecimento de água canalizada	3.910
Com esgotamento sanitário	4.122
Com coleta de lixo	2.754
Com energia elétrica	4.033

FONTE: IBGE - Censo Demográfico - Dados da amostra

NOTA: Posição dos dados, no site da fonte, 20 de agosto de 2014.

BENS DURÁVEIS (2014)	
Automóveis	4.832
Motocicletas de uso particular	1.643
Caminhonete	739
Outros	1.024
TOTAL	8.238

FONTE: DETRAN-PR NOTA: Posição em dezembro.

OUTROS BENS DURÁVEIS (2014)	
Televisão	3.794
Rádio	3.959
Geladeira	3.847
Máquina de lavar roupas	1.128
Telefone fixo	600
Telefone celular	3.065
Microcomputador/Notebook	1.157

FONTE: IBGE - Censo Demográfico - Dados da amostra NOTA: Posição dos dados, no site da fonte, 20 de agosto de 2014.

IMPORTANTE:

Outros dados, aqui faltantes por uma questão de espaço, podem ser conferidos em consulta ao site da Prefeitura Municipal de Rio Azul (<http://rioazul.pr.gov.br/>) e no Departamento de Tributação da Prefeitura.

CÂMARA MUNICIPAL DE RIO AZUL 100 ANOS DE HISTÓRIA

José Augusto Gueltes

Nascido em Prudentópolis-Pr, em 1974, ainda criança vim com meus pais para Rio Azul, logo, sou rioazulense, cidade pela qual tenho especial carinho. Meus pais Antonio Gueltes e Elza Kempe Gueltes são rioazulenses de nascimento. Ele na localidade de Rio Azul dos Soares e ela na localidade de Lajeado dos Mellos. Orgulho-me dos meus antepassados avós e bisavós, poloneses, ucranianos, alemães e búlgaros. Desde 1995, sou casado com Terezinha Aparecida Markovicz Gueltes, filha de Pedro e Odete Markovicz, nascida na localidade de Rio Vinagre. São meus filhos Jenifer Fernanda, Jonathan Felipe (*in memoriam*), Matheus Emanuel e Camilla Gueltes. A Jenifer, casada com Luciano Assis Pereira, já me deu um neto, João Victor Gueltes Pereira. À minha família meu respeito e minha admiração sempre. Com a benção de Deus, pilares de minha existência.

Depois de concluir o Ensino Fundamental em Rio Azul, no ano de 1988, por quatro anos estive como seminarista da Congregação do Verbo Divino (SVD), nos seminários em Ponta Grossa e Curitiba, onde recebi formação pessoal e espiritual que prezo muito. Foi lá que tive os primeiros contatos com a Filosofia, a Sociologia e a Teologia, temas que até hoje fazem parte do meu dia a dia e compõem a minha pequena biblioteca particular. Ao final deste ano de 2018, alcanço graduação no curso de Ciência Política pela Universidade Internacional de Curitiba – Uninter.

Em 06 de março de 2018 completei 22 anos de serviços na Secretaria da Câmara Municipal de Rio Azul, onde ocupo o cargo efetivo de Secretário Executivo. No exercício laboral sempre tive a oportunidade de estar em contato com muitas pessoas e documentos diversos. Fui um dos organizadores do arquivo da Câmara Municipal onde estão muitos livros importantes, como o que registra as atas preparatórias para a instalação da Câmara e a de instalação oficial do Município de Rio Azul, em 14 de julho de 1918. A partir do contato com estes documentos organizei a Galeria de Ex-Presidentes da Câmara e a galeria com dados históricos que também trazem os nomes de todos os ex-vereadores que já passaram pela Câmara de Rio Azul.

No exercício da função pública são raros os dias em que não recebo em minha sala pessoas de todas as idades querendo saber sobre o município com objetivos diversos, tanto dados estatísticos, informações relacionadas à Câmara e aos vereadores quanto a dados históricos. Com exceção dos arquivos a que já fiz referência e ao livro escrito pelo Ceslau Wzorek, nas comemorações dos 70 anos de Rio Azul, definitivamente temos poucas fontes de informações e para pesquisas. Isso sempre me incomodava e aos poucos fui percebendo que poderia fazer alguma coisa. Nasceu e desenvolveu-se assim, o que ousei chamar projeto do livro do centenário, que agora, enfim, depois de muito trabalho, tenho a grande satisfação de ver acontecendo.

Quero aqui, brevemente, manifestar publicamente alguns agradecimentos. Primeiro à minha querida e amada esposa, Terezinha, que sempre me incentivou

e encorajou a seguir em frente, não desistir deste propósito, pois viveu comigo as dificuldades enfrentadas.

Agradecimento bastante especial aos meus amigos Ivan Gapinski, Joélcio Soares, Rodrigo Zub, Teobaldo Mesquita, Romualdo Surmacz, Felipe Cheremeta e Sandra Maria Mosson pela parceria e companheirismo. Eles que aceitaram prontamente fazer parte do projeto que um dia idealizei e que hoje, juntos, entregamos ao povo de Rio Azul.

Igualmente especial o agradecimento que faço ao Presidente da Câmara Municipal de Rio Azul, o Vereador Edson Paulo Klemba, por acreditar e confiar a mim a tarefa de contar a história dos 100 anos da Câmara Municipal e por aceitar que trouxesse junto os amigos que, na mesma obra, contam a história do município de Rio Azul. Agradeço a todos os demais vereadores e aqueles que já passaram pela Câmara em anos anteriores e que da mesma forma sempre confiaram na minha pessoa.

Por fim, agradeço a paciência e a disposição e tantos amigos que me ajudaram na execução desta tarefa. Aqueles que me trouxeram fotografias e que gastaram um pouco do seu tempo proseando sobre o que aqui é contado. Às minhas colegas de trabalho, Giovana, Lurdes, Ingrid e Veridiana por colaborarem. À Veridiana agradecimento especial por ter me ajudado nas transcrições das Atas que são trazidas à público neste trabalho.

Como dito na apresentação deste livro, que ele seja um instrumento de provocação. Sabemos desde o início que muita coisa vai ficar sem ser contada. Muitas histórias, muitos fatos aqui esquecidos merecem ser lembrados e registrados. Que a provocação a que me refiro seja neste sentido. Que mais pessoas se sintam motivadas a escrever. Estarei sempre a postos para contribuir do mesmo modo como tantos comigo contribuíram para aqui revelar a história tão bonita da Câmara Municipal de Rio Azul e do próprio Município.

HISTÓRICO DA CÂMARA MUNICIPAL DE RIO AZUL

A Câmara Municipal ou a Câmara de Vereadores abriga o Poder Legislativo, a instituição mais aberta e democrática dos poderes locais, em face de ser composta por membros das mais variadas ideologias, cabendo-lhe proporcionar condições para que a sociedade a ela recorra na busca de seus direitos.

O Poder Legislativo Municipal é o instrumento de constante debate com a sociedade, refletindo os interesses da opinião pública, buscando sempre o bem-estar da coletividade. Para tanto há a necessidade de haver a conscientização, por parte do povo e das entidades representativas, de acompanhamento do processo legislativo e das atividades dos parlamentares, em especial no que diz respeito à fiscalização e controle do Poder Executivo.

Em nossa Constituição Federal - parágrafo único do artigo 1º - está destacado que todo o poder emana do povo. O ex-Presidente americano Abraham Lincoln destacou que “democracia é o governo do povo, pelo povo e para o povo”, que é a finalidade do poder político. Jean-Jacques Rousseau ressaltou que “o Poder Legislativo pertence ao povo, e não pode pertencer senão a ele”. A Câmara Municipal, portanto, tem a obrigação legal de ser um espaço democrático para a plena participação da sociedade, para que os desejos da população sejam atendidos e que sejam proporcionados avanços positivos na vida das pessoas. Deve estar sempre em sintonia com a população, atenta às necessidades e reivindicações da comunidade e representando seus interesses e anseios, agindo em prol do bem-estar comum.

Foi na Roma antiga que a instituição Câmara Municipal teve sua origem, onde o vereador, chamado edil, era o funcionário responsável pela garantia e observância do bem comum. As câmaras municipais do Brasil, têm origem nas tradicionais câmaras municipais portuguesas, existentes desde a Idade Média. A história das câmaras municipais no Brasil começa em 1532, quando São Vicente é elevada à categoria de Vila. De fato, durante todo o período do Brasil Colônia, possuíam câmaras municipais somente as localidades que tinham o estatuto de Vila, condição atribuída pelo Reino de Portugal mediante ato do próprio rei. Durante todo o período colonial vigiam na colônia as mesmas normas que valiam para todo o Império Português, as chamadas Ordenações do Reino (Manuelinas até 1603 e Filipinas até a Independência).

De acordo com o que previam as Ordenações, a administração municipal era toda concentrada nas câmaras municipais, que naturalmente exerciam um número bem maior de funções do que atualmente, concentrando os poderes executivo, legislativo e judiciário. Todos os municípios deveriam ter um Presidente, três vereadores, um procurador, dois almotacéis, um escrivão, um juiz de fora vitalício e dois juizes comuns, eleitos juntamente com os vereadores. Eram as responsáveis pela coleta de impostos, regular o exercício de profissões e ofícios, regular o comércio, cuidar da preservação do patrimônio público, criar e gerenciar prisões, etc. Na câmara municipal, era onde ocorriam todas as leis e ordens e era o lugar onde trabalhavam os políticos da época.

As câmaras constituíram o primeiro núcleo de exercício político do Brasil. As câmaras e seus edis foram, por diversas vezes, elementos de vital importância para a manutenção do poder de Portugal na Colônia, organizando a resistência às diversas invasões feitas por ingleses, franceses e holandeses. Também foram focos de diversas revoltas e distúrbios.

Com a Independência do Brasil, a autonomia de que gozavam as câmaras municipais é drasticamente diminuída com a Constituição de 1824, e a Lei de 1 de outubro de 1828. A duração da legislatura é fixada em quatro anos e o vereador mais votado assumia a presidência da câmara, visto que até então não havia a figura do “prefeito”, a não ser pela presença do alcaide (equivalente a prefeito, com poderes menores).

Com a Proclamação da República, as câmaras municipais são dissolvidas e os governos estaduais nomeavam os membros do “conselho de intendência”. Em 1905, cria-se a figura do “intendente” que permanecerá até 1930 com o início da Era Vargas. Com a Revolução de 1930 criam-se as prefeituras, às quais serão atribuídas as funções executivas dos municípios. Assim, as câmaras municipais passaram a ter especificamente o papel de casa legislativa.

Durante o Estado Novo, entre 1937 e 1945, as câmaras municipais são fechadas e o poder legislativo dos municípios é extinto. Com a restauração da democracia em 1945, as câmaras municipais são reabertas e começam a tomar a forma que hoje possuem.

A atividade legislativa das Câmaras é delimitada pela Constituição Federal, que determina que compete aos Municípios legislar sobre assuntos de interesse local e suplementar a legislação federal e a estadual no que couber. O processo pelo qual as normas jurídicas municipais são feitas, o processo legislativo municipal, é determinado pelo Regimento Interno das Câmaras.

O REGIMENTO INTERNO DA CÂMARA MUNICIPAL DE RIO AZUL

O Regimento Interno é um documento onde se encontram dadas as normas internas que disciplinam as atribuições dos órgãos da Câmara Municipal, contemplando suas funções legislativas, fiscalizadoras e administrativas. Deve ser editado mediante Resolução, de acordo com a Lei Orgânica do município, dependendo sempre da deliberação do Plenário. De acordo com a mesma Lei Orgânica, em seu artigo 30, II, da lei Orgânica do Município de Rio Azul, compete privativamente à Câmara Municipal elaborar o seu Regimento Interno.

O primeiro Regimento Interno © Resolução nº 01/92, foi aprovado em 02 de dezembro de 1992, data a partir da qual passou a valer como norma jurídica de orientação aos trabalhos na Câmara Municipal. Eram Vereadores os senhores Adão Klemba (Presidente, Félix Hessel Junior (1º Secretário), Vicente Solda, Jaciel Bucco Martins, Arnaldo Borba Cordeiro, Maria Regina Choma, André Dusanoski, José Tomaz de Andrade e David José Gurski.

No ano de 2016, depois de quase dois anos de trabalhos dos quais participaram todos os Vereadores, com o apoio do Secretário Executivo (Jose Augusto Guel-

tes, que fez a assessoria técnica) e da Assessora Jurídica (Ingrid Hassen Maurer), foi aprovada em 14 de dezembro de 2016, a Resolução nº 14/2016, que trouxe à Câmara Municipal de Rio Azul um Regimento Interno novo, totalmente atualizado, mais condizente com a realidade depois de vinte e quatro anos passados da edição do primeiro Regimento que, portanto, já se encontrava desatualizado. Este novo Regimento foi publicada no Diário Oficial dos Municípios do Paraná em 16 de dezembro de 2016, Edição 1150.

Entre as novidades trazidas por este novo Regimento estão o Código de Ética e Decoro Parlamentar e a Tribuna Livre. Era Presidente o vereador Leandro Jasinski e 1º Secretário o Vereador Sérgio Mazur.

LEI ORGÂNICA MUNICIPAL

No ordenamento jurídico brasileiro, a lei orgânica de um município, é a lei maior de competência do próprio processo legislativo dos municípios do Brasil, elaborada e promulgada para reger o município com a obrigação de respeitar o princípio da simetria constitucional para com a Constituição Federal e da Constituição Estadual.

No império, após a Independência, os municípios brasileiros eram regidos pelo que se denominava “Livro I, título 66” e “Livro II, título 61”, das Ordenações Filipinas, cuja aplicação se estendeu a 1º de outubro de 1828, data do primeiro regimento das câmaras municipais do Império, baixado depois da Constituição imperial de 1824 e alterado pelo Ato Adicional de 1834. Foi esse regimento que (artigo 24) que cancelou as atribuições jurisdicionais dos membros dos conselhos. Foi ele, finalmente, que serviu como espécie de lei orgânica de todos os municípios do Brasil, até a declaração do regime republicano em 1889.

Já no período republicano, a Constituição brasileira de 1891 oficializou a tradição para que os municípios fossem regidos por um diploma legal denominado “Lei de organização dos municípios”, mas era um instituto de competência das Assembleias Legislativas estaduais, regulado na Constituição de cada estado.

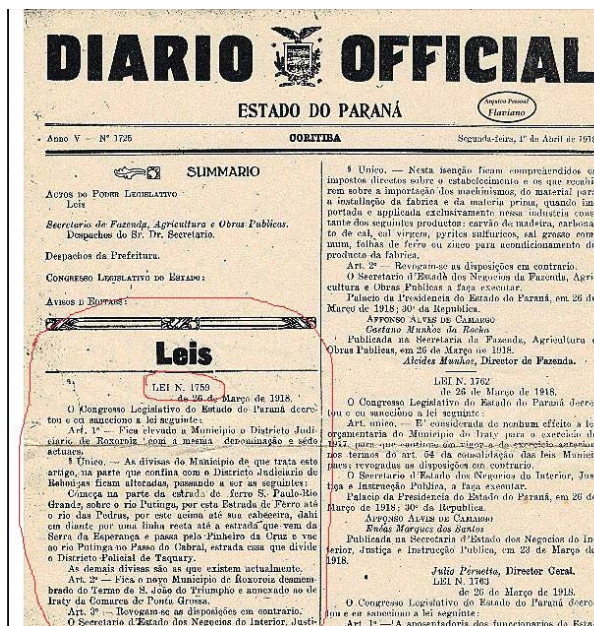
Somente com a Constituição brasileira de 1988 (artigo 29) é que a competência para elaborar e promulgar as Leis Orgânicas passou para as Câmaras Municipais. O primeiro artigo da Constituição de 1988, que ampliou a autonomia municipal em relação ao que dispunham as Constituições nacionais que a antecederam, fica estabelecido que o Município, juntamente com os Estados e o Distrito Federal, forma a República Federativa do Brasil. Mais adiante, em seu artigo 18, a autonomia municipal é enfatizada ao tratar da organização político-administrativa do Estado, fixando as normas constitucionais atinentes ao Município. A autonomia significa que o Município dispõe de autogoverno, autoadministração e auto-organização. O autogoverno é a condição de eleger os seus dirigentes, a autoadministração significa que o Município presta os serviços com os seus próprios meios, tendo em vista que dispõe de recursos financeiros que lhes são assegurados pela Constituição. A auto-organização implica admitir que o Município elabore as suas próprias leis, de que é exemplo maior a sua Lei Orgânica.

Podemos entender então que a Lei Orgânica age como uma Constituição Municipal, sendo considerada a lei mais importante que rege o município. Cabe ao município determinar a sua própria Lei Orgânica, contanto que esta não infrinja a Constituição e as leis federais e estaduais.

Em 28 de abril de 1990 foi promulgada a Lei Orgânica do Município de Rio Azul depois de intensos trabalhos da Comissão Constituinte que à época fora composta pelos Vereadores Adão Klemba, que foi quem a presidiu, Felix Hessel Junior, o Relator, Maria Regina Choma, a Secretária e José Tomaz de Andrade, membro. Além destes Vereadores também foram vereadores Constituintes em 1990: Vicente Solda, Jaciel Bucco Martins, Arnaldo Borba Cordeiro, André Dusanoski e David José Gurski.

O PODER LEGISLATIVO LOCAL

Em 1910 tiveram início os primeiros movimentos políticos para que a Vila fosse elevada a categoria de município. Com o passar dos anos a população foi aumentando cada vez mais e o que viria a ser a futura sede do município, a cidade, já tinha uma certa estrutura, como o posto da Coletoria Estadual e a Delegacia. Neste tempo, o Estado do Paraná era presidido pelo guarapuavano Affonso Alves de Camargo que conhecia Roxo Roiz e sabia da vontade das lideranças de então, em especial na pessoa do Coronel Hortêncio Martins de Mello, de conquistarem a independência administrativa. Depois de muitas tratativas que se deram na capital do estado e, depois disso, ficando comprovada a capacidade de receita do futuro município, o povo de Roxo Roiz alcançou a tão sonhada autonomia. Isso se deu com a assinatura da Lei Estadual nº 1.759, no dia 26 de março de 1918.



Cópia da publicação da Lei nº 1.759 no “Diário Oficial do Estado do Paraná”, em 1º de abril de 1918 - Arquivo Secretaria da Câmara Municipal

Abaixo, a transcrição da Lei nº 1759, de 26 de março de 1918

“LEI Nº 1759, De 26 de março de 1918.

“O Congresso Legislativo do Estado do Paraná decretou e eu sanciono a lei seguinte:-

Art 1º -Fica elevado a Município o Distrito Judiciário de Roxo Roiz, com a mesma denominação e séde actuais.

§ Único -As divisas do Município de que trata este artigo, na parte que confia com o Districto Judiciario de Rebouças, ficam alteradas, passando ser as seguintes:

Começa na parte da estrada de ferro S. Paulo-Rio Grande, sobre o Rio Putinga, por esta estrada de ferro até o rio das Pedras, por este acima até sua cabeceira, dahi em diante por uma linha recta, até a estrada que vem da Serra da Esperança e passa pelo pinheiro da Cruz e vae ao Rio Putinga no Passo do Cabral, estrada essa que divide o Districto do Taquary. As demais divisas são as que existem actualmente.

Art 2º - Fica o novo Município de Roxoroiz desmembrado do Termo de S. João do Triumpho e anexado ao de Iraty da Comarca de Ponta Grossa.

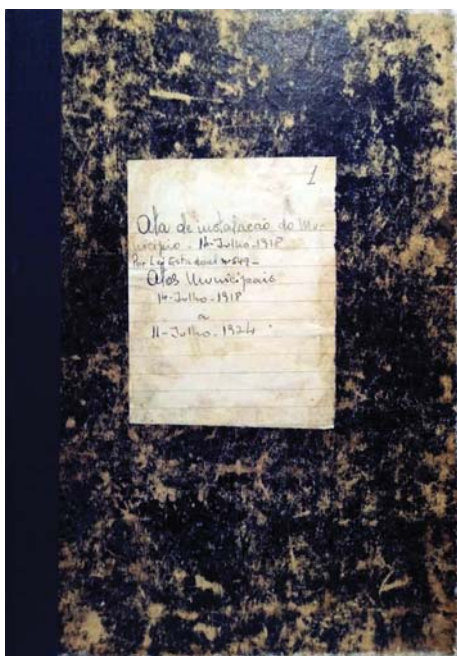
Art 3º - Revogam-se as disposições em contrário

O Secretário d’Estado dos Negócios do Interior Justiça e Instrução Pública a faça executar.

Palácio da Presidência do Estado do Paraná, em 26 de março de 1918. 30º ano da República.

Affonso Alves de Camargo.

Enéas Marques dos Santos.”



Capa do 1º Livro de Atas, 1918. Arquivo Câmara Municipal

Elevada a povoação à categoria de Villa (Município), o processo de emancipação se completava com a instituição formal da Câmara e a eleição de seus oficiais. O povo, as lideranças e as autoridades se organizaram neste sentido.

Dos registros daquele tempo que encontramos nos arquivos da Câmara Municipal de Rio Azul, temos o “Livro de Atas Municipais nº 1 - Ata de instalação do Município - 14 de julho de 1918 ...”.

Abaixo, seguem transcritas as primeiras Atas registradas em 11 e 13 de julho de 1918, respectivamente, onde os Camaristas discutiram como se daria o processo de instalação:

1ª ATA DE VERIFICAÇÃO DE PODERES – registrada em 11 de julho de 1918

Importante observar duas coisas neste documento: primeiro, que ele revela que as eleições para prefeito e Camaristas (Vereadores) haviam ocorrido em 16 de junho de 1918 e depois, que a reunião, não havendo ainda local específico para tal, se deu na residência do senhor Hortêncio Martins de Mello. Por curiosidade, vale destacar que esta residência ficava onde hoje está localizada a empresa Martins Supermercados, cujo endereço é Rua Coronel Hortêncio Martins de Mello, endereço assim denominado justamente em razão de ali ter sido o local da residência de nosso primeiro Prefeito e onde foi oficialmente instalado a 14 de julho de 1918 o Município de Roxo Roiz.

“Acta da instalação do Processo de verificação de poderes dos senhores Camaristas e Prefeito do Município do Roxo Roiz a ser instalado no dia 14 do corrente mez.

Aos onse dias do mez de Julho de mil novecentos e dezoito, nesta Villa de Roxo Roiz em a salla principal da casa de residência do Senhor Coronel Hortêncio de Mello, designada para esta fim por não existir ainda edifficio próprio, presentes os cidadãos Joaquim Luiz dos Santos, Zeferino Salles Bittencourt, Honório Alves Pires, Antonio José dos Passos, Gabriel Curi, Saturnino Bueno de Camargo, Manoel Antônio Fornier, Horácio Vieira, Achilles Bueno, José Januário dos Santos, Jacob Burko e Felicíssimo Idelfonso Neves, camaristas e suplentes diplomados, ao meio dia, assumindo a Presidência o Camarista Joaquim Luiz dos Santos por ser de entre elles, o mais velho, na forma da lei, nomeou a mim Antonio de Salles Borges para servir interinamente de secretário que aceitei; ficou assim formada a mesa provisória. Em seguida o Senhor presidente convidou os senhores camaristas e suplentes a apresentarem os seus diplomas o que feito por cada um de per si, foi feita uma relação nominal de todos os presentes, pelas autênticas recebidas das eleições apuradas em dezesseis de junho do corrente ano. Depois disso os Senhores camaristas inscriptos na relação elegerão por escrutínio secreto uma comissão de três membros compostos dos cidadãos Zeferino de Salles Bittencourt, Honório Alves Pires e Saturnino Bueno Camargo os quaes elegeram de entre si para presidente Honório Alves Pires; rela-

tores Zeferino Salles Bittencourt e Saturnino Bueno de Camargo, para proceder a verificação e legitimidade dos diplomas apresentados. Nada mais havendo a tratar o Senhor presidente deu por terminados os trabalhos e suspendeu a secção para se continuar no dia immediato. Do que para constar eu Antonio de Salles Borges, secretário interino que o escrevi, digo, secretário interino, lavrei a presente acta que depois de lida e approvada vae devidamente assignada.

Assinaram: Joaquim Luiz dos Santos, Honório Alves Pires, Zeferino Salles Bittencourt e Saturnino Bueno de Camargo.”.

2ª ATA DE VERIFICAÇÃO DE PODERES - registrada em 13 de julho de 1918

A curiosidade neste documento é que registra uma reunião feita por uma Comissão especificamente atribuída de examinar os papeis da eleição de 16 de junho para então depois emitir parecer pelo qual os eleitos são reconhecidos e proclamados Camaristas (Vereadores) e Prefeito.

“Acta da continuação da secção preparatória para verificação de poderes. Presidência do Senhor Capitão Joaquim Luiz dos Santos.

Aos treze dias do mez de julho de mil novecentos e dezoito nesta Villa de Roxo Roiz, em a sala para este fim designada, presentes os cidadãos capitam Joaquim Luiz dos Santos, Presidente, Zeferino Salles Bittencourt, Honório Alves Pires, Antônio José dos Passos, Gabriel Curi e Saturnino Bueno de Camargo, camaristas efetivos, ao meio dia, com a totalidade dos membros, declarou o Senhor Presidente aberta a secção. Em Seguida a commição appresentou o seguinte parecer: A commição eleita para dar parecer sobre a eleição de Prefeito e Camaristas deste Município de Roxo Roiz procedida no dia dezesseis de junho do corrente ano tendo examinado a acta e demais papeis referentes a mesma eleição é de parecer que sejam reconhecidos e proclamados camaristas municipais Joaquim Luiz dos Santos, Zeferino Salles Bitencourt, Honório Alves Pires, Antonio José dos Passos, Gabriel Curi e Saturnino Bueno Camargo camaristas e suplentes, Manoel Antônio Fornier, Horácio Vieira, Achilles Bueno, José Januário dos Santos, Jacob Burko e Felicíssimo Idefonso Neves . Sala das comissões 13 de julho de 1918. (Assginados) Honorio Alves Pires Presidente. Zefferino Salles Bitencourt Relator, Saturnino Bueno de Camargo Secretário. Lido e discutido o presente parecer foi elle unanimemente approvedo pelo que o Senhor Presidente proclamou eleito e reconhecidos os camaristas denominados no parecer ascima e seus suplentes. Em seguida o Senhor Presidente declarou que ia se proceder ao reconhecimento do Prefeito eleito e submetida a votação e foi o Coronel Hortêncio Martins de Melo unanimamente reconhecido. Nada mais havendo a tratar o Senhor presidente deu por terminados os trabalhos das secções preparatórias e convidou os senhores camaristas

e prefeito para comparecerem no dia imediato, ao meio dia neste mesmo lugar, em secção solene para respectiva posse. Do qual eu Antonio de Salles Borges, secretário interino lavrei a presente acta que depois de lida e aprovada vai devidamente assignada.”.

ATA DA INSTALAÇÃO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE ROXO ROIZ – registrada em 14 de julho de 1918

Neste documento, que poderíamos dizer que é a certidão de nascimento do município, observamos que a data, 14 de julho, não fora escolhida aleatoriamente, mas sim por decreto presidencial (Presidente do Estado à época equivalia ao cargo de Governador hoje). Também notamos a presença de poucas autoridades e o registro de que muitas se fizeram representar, como se percebe pelos telegramas que foram lidos. Presença ilustre e marcante foi a do senhor Elizeu de Campos Mello, Deputado Estadual de então, representando o Presidente do Estado Affonso Alves Camargo. A presença da Banda de Música é outro destaque curioso, pois revela que naquele tempo já tínhamos uma Banda Municipal com Maestro, o que de certa forma também entristece por sabermos que, infelizmente, esta condição não se repetirá nas comemorações do centenário. Ainda neste documento encontramos a definição do dia 20 de setembro de 1918 como a data para a 1ª Sessão ordinária da Câmara Municipal de Rio Azul. Por último, chama a atenção, além do próprio texto, como são descritas as reações de quem acompanhava a Sessão (ecoou na sala uma chuva de palmas, fez repercutir um dos melhores dobrados do seu repertório).

Esta Ata está reproduzida na abertura deste livro, na página.....

A VILLA MUDA DE NOME PELA PRIMEIRA VEZ

Conforme verifica-se no 1º Livro de Atas, na página 34, em 15 de abril de 1920 foi lavrada a última ata onde encontramos o registro “Villa Roxo Roiz”. Na página 35, seguinte, já temos a ata onde encontramos pela primeira vez a alteração do nome da Villa que havia passado a ser “Marumby”. De acordo com Valascki e Wzorek (1988, p. 104), a mudança se deu em razão da alteração do nome da estação ferroviária, com o município passando a pertencer ao Termo de Iraty, com o nome de Villa e Município de Marumby. Em razão disso o nome da banda de música também mudou para “Lyra União Marumbiense”.

Na sequência temos a transcrição de algumas atas que registraram pela primeira vez o novo nome do Município (pág. 35 seguintes, do 1º Livro de Atas). Observamos que os eleitos tiveram de aguardar primeiro o parecer de uma Comissão pela legalidade das eleições para somente depois serem convocados para a posse. Chama a atenção o fato de que um número reduzido de pessoas assinaram estas atas, como já observamos nas atas aqui anteriormente reproduzidas:

“Acta da instalação do processo de verificação de poderes dos Senhores Camaristas e prefeito do Município de Marumby a ser instalada no dia vinte e um do corrente.

Aos dezoito dias do mez de setembro de mil novecentos e vinte nesta Villa de Marumby em a sala da Câmara Municipal designada para este fim presentes os cidadãos Antonio Jose Ribeiro, Joaquim Luiz dos Santos, Manoel Rodrigues Carrilho, Euphrasino Marques de Oliveira, Roberto Elck Sobrinho e Gabriel Curi, Apparício de Lara, Gregório Colaço de Meira, Saturnino Bueno de Camargo, Jair, digo, José Januário dos Santos, Manoel Luiz dos Santos e Jacob Burko, ao meio dia assumindo a presidência o Camarista Antonio José Ribeiro por ser dentre elles o mais velho, na forma da lei nomeou a mim José Antonio de Souza para servir interinamente de secretario que aceitei, ficou assim formada a mesa provisória. Em seguida o Ilmo Presidente convidou os Ilmos Camaristas e Supplentes a apresentarem os seus diplomas, o que feito por cada um de per si foi feita uma relação nominal de todos os presentes pelas authenticas recebidas das eleições apuradas em vinte e um de junho p. passado. Depois disso os Ilmos Camaristas inscripthos na relação e elegeram por escrutínio secreto uma comissão de treis membros composta dos cidadãos: Gabriel Curi, Roberto Elck Sobrinho e Euphrasino Marques de Oliveira, os quaes elegeram de entre si para presidente, Euphrasino Marques de Oliveira, para proceder a verificação e legitimidade dos diplomas apresentados. Nada mais havendo a tratar o Senhor Presidente deu por terminados os trabalhos e suspendeu a sessão a se continuar no dia immediato. Do que para constar eu José Antonio de Souza secretário interino lavrei a presente que depois de lida e approvada vai devidamente assignada. Antonio José Ribeiro, Euphrasino Marques de Oliveira, Roberto Elck Sobrinho, Gabriel Curi.

Acta da continuação da Sessão Preparatória para verificação de poderes presidência do Sr. Euphrasino Marques de Oliveira

Aos dezenove dias do mez de setembro de mil novecentos e vinte nesta Villa de Marumby na sala da câmara Municipal presentes os cidadãos Antonio José Ribeiro, Joaquim Luiz dos Santos, Manoel Rodrigues Carrilho, Euphrasino Marques de Oliveira, Roberto Elck Sobrinho, Gabriel Curi, digo Gabriel Curi, Roberto Elck Sobrinho e Euphrasino Marques de Oliveira, membros da comissão ao meio dia pelo Presidente foi aberta a Sessão. Ahi até as quinze horas o recebimento de reclamações verbaes ou documentadas de qualquer interessado sem que tivesse havido uma si quer. Dado a hora o Sr. Presidente suspendeu a sessão deixando os mais trabalhos para o dia seguinte. Do que para constar, eu Antônio José de Souza secretário interino lavrei a presente acta que depois de lida e approvada vai devidamente assignada. Antonio Jose Ribeiro, Euphrasino Marques de Oliveira, Roberto Elck Sobrinho, Gabriel Curi.

Acta da continuação da sessão preparatória da verificação de poderes. Presidência do Ilmo Euphrasino Marques de Oliveira.

Aos vinte dias do mez de setembro de mil novecentos e vinte nesta Villa de Marumby na sala da Câmara Municipal presentes os cidadãos Antonio José Ribeiro, Joaquim Luiz dos Santos, Manoel Rodrigues Carrilho, Euphrasino Marques de Oliveira, Roberto Elck Sobrinho, Gabriel Curi e Apparicio de Lara, camaristas effectivos, ao meio dia com a totalidade dos membros declarou o Ilmo Presidente declarou aberta a sessão: Em seguida a Comissão apresentou o seguinte parecer sobre a eleição de Prefeito e Camaristas deste Município de Marumby procedida no dia vinte e um de junho tendo examinada a acta e demais papeis referentes a mesma eleição e de parecer que sejam reconhecidos e proclamados Camaristas Municipais, Antônio José Ribeiro, Joaquim Luiz dos Santos, Manoel Rodrigues Carilho, Euphrasmo Marques de Oliveira, Roberto Elck Sobrinho, Gabriel Curi, Apparicio de Lara, Gregório Colaço de Meira, Jacob Burko, Severino Bueno de Camargo, José Januário dos Santos e Manoel Luiz dos Santos. Juizes districtaes, Guilherme Pereira, Antonio José dos Passos, Honório Alves Pires, Urquis Cordeiro, Jorge Burgaten, Serafim Baptista dos Santos Lima, Paulo Mazureki e Liberato José da Roza. Sala das comissões 20 de setembro de 1920, (assignados) Gabriel Curi, Roberto Elck Sobrinho e Euphrasino Marques de Oliveira. Lido e discutido o presente parecer, foi elle unanimemente aprovado pelo que o Ilmo Presidente proclamou eleitos e reconhecidos os camaristas denominados no parecer acima e seus supplentes. Em seguida o Ilmo Presidente declarou que ia proceder ao reconhecimento do Prefeito eleito e submettida a votação foi o Ilmo Dr. Elizeu de Campos Mello unanimemente reconhecido. Nada mais havendo a tratar o Ilmo Presidente deu por terminados os trabalhos das sessões preparatórias e convidou os Ilmos camaristas e prefeito para comparecerem no dia immediato, ao meio dia neste mesmo logar em sessão solene para respectiva posse. Do que para constar eu José Antonio de Souza, Secretário interino, lavrei a presente acta que depois de lida e approvada vai devidamente assignada. Antonio José Ribeiro, Euphrasino Marques de Oliveira, Roberto Elck Sobrinho, Gabriel Curi.”.

Acta da installação da sessão solene de posse de Camaristas Prefeito e Juizes Districtaes.

Aos vinte e um dias do mez de setembro de mil novecentos e vinte nesta Villa de Marumby, na sala da Câmara Municipal compareceram os cidadãos: Antônio José dos Ribeiro, Joaquim Luiz dos Santos, Manoel Rodrigues Carrilho, Euphrasino Marques de Oliveira, Roberto Elck Sobrinho, Gabriel Curi, com migo José Antônio de Souza, Secretário da Câmara ao meio dia, assignado o livro de presença pelos Ilmos camaristas, o presidente declarou aberta a sessão e convidou os Ilmos camaristas para egerem o Presidente e Vice Presidente effectivos, e tendo se pro-

cedido a eleição foram unanimemente eleitos Capitão Joaquim Luiz dos Santos Presidente e Roberto Elck Sobrinho Vice Presidente, assumindo o Presidente eleito o seu lugar de Presidente acto continuo annunciou que ia fazer a promessa legal, a qual que foi prestada bem como pelos demais camaristas na forma da lei. Em seguida foi, digo passado a Presidência ao Vice Presidente eleito visto como o Presidente que exerceu até hoje as funções de Prefeito Municipal ia prestar a Câmara o relatório de mais informações a câmara Municipal o que em seguida fez, tendo sido todos os actos de sua gestão administrativa unanimemente aprovados. Em seguida foi o Prefeito Eleito Doutor Elizeu de Campos Mello empossado do cargo, o qual prestou perante a Presidência O compromisso legal declarando o mesmo Ilmo Presidente que a Câmara Municipal e o Prefeito achavam-se de posse de seus respectivos cargos. Do que para constar eu José Antônio de Souza secretario lavrei a presente acta que depois de lida vai devidamente assignada. Joaquim Luiz dos Santos, Elizeu de Campos Mello, Euphrasino Marques de Oliveira, Roberto Elck Sobrinho, Gabriel Curi.

A seguir, uma relação de contribuintes registrados pela Câmara Municipal de Rio Azul no ano de 1919. Estes registros são encontrados no Livro de Lançamento de Impostos, Indústria e Profissões, dos arquivos da Câmara Municipal:

1) Na sede da Villa:

- Negociantes (Comerciantes): Jacob Burko, Luiz Busse, Achilles Bueno, Paulo Mazureki, Hortencio Martins de Mello, Manoel Carrilho & Cia, Lopacinski & Hessel, Bazilio Bida, Irmãos Vieira & Cia, Euphrasino Marques de Oliveira, Zeferino Salles Bitencourt, Ernesto Affonso Martins, Guilherme Pereira;
- Alfaiate: Elias Estankevski;
- Açougue: Jacob Burko, Irmãos Ploteche, Ignácio Ilusaski;
- Hotel: Honório Alves Pires, Carlos Riffaud;
- Fábrica de Moer café: Achilles Bueno;
- Ferreiro: Adão Stasiak;
- Selleiro: Miguel Tracz e Antonio Vodareski;
- Barbeiro: Ferdinando de Almeida;
- Sapateiro: Boleslau Ilusaski;
- Cartório: Felicíssimo Ildefonso Neves;
- Serraria: Felipe Abrahão e Gabriel Cury;
- Depósito: Abílio Cobner e Apparício Castilho.

2) Nas colônias:

- Negociantes (Comerciantes): Gregório Colaço de Meira (Barra do Rio Azul), José Januário dos Santos e Manoel Bueno da Rocha (Butiazal), Pedro Abib (Cachoeira dos Paulistas), Bittencourt & Cia, Norberto Nunes e Antonio Fidelis Sobrinho (Marumby);
- Serraria: Felipe Abrahão (Palmeirinha) e Elizeu de Campos Mello (Marumby).

tregue ao mesmo senhor Adelermo Camargo. Do que para constar eu Ascânio Domingues Filho lavrei a presente que assigno com os senhores camaristas. Ascânio Domingues Filho."



Código de Posturas Municipais editado pela Câmara Municipal em 1928

A seguir, uma relação de contribuintes registrados pela Câmara Municipal de Rio Azul no ano de 1929. Estes registros são encontrados no Livro de Lançamento de Impostos, Indústria e Profissões, dos arquivos da Câmara Municipal:

Na sede da Villa:

- Fazendas, Secos e Molhados: Hessel & Cia, Pereira & Santos, Jacob Burko, Oadi Cury, Challela & Filho, José Pallú, Pedro Abib, Basílio Bida, Elias Stankiewski, Alberto Kulka Damiano Dunetz, Moscibroski & Bidenski, Miguel Bartzcen, Pedro Pinto, Angelo Meneglelo & Cia; José Pacheco; José A. Matozo, Adão Swinka, Angelo Sguário, Gerytch & Protzeck
- Ferraria: Estanislau Zusko, Estanislau Stefanhak,
- Sapataria: Pedro Gaioski, M. Brekailo & Filho
- Alfaiataria: Lapzak & Wincztkoski, Gregório Petrek,
- Hotel: J. Maratelli
- Fábrica de caixas: Felipe Abrahão
- Seleiro: Antonio Wudarski
- Barbeiro: Flôres Netto, Guilherme Meira, Theodormiro Soares Leal
- Padaria: Antonio Machado, Nicolau Miqueta, Pedro Horokoski
- Açougue: Estanislau Baby, Pedro Pasko, Francisco Michalak
- Pharmácia: Francisco Gluszczynski, Hilário Cordeiro Costa
- Casa de fructas: Alfredo Assad
- Café: Marcílio Nunes, Elias Assef
- Agrimensor: Carlos Romanno
- Mercado de madeira: Lourenço Folda, Domingos Soares
- Comprador de Herva: Amador Taques

2) Nas colônias:

- Fazendas, Secos e Molhados: Durval Bueno e Januário & Cia (Butiazal), Urquiza Cordeiro e Irmãos Curi (Marumbi dos Elias)
- Serraria: R. Souza & Cia e Irmãos Curi (Marumbi dos Elias, Caetano Zarpellon (Butiazal), Jacob Pissaia (Palmeirinha), Francisco Lazzari (Água Quente),
- Ferraria: João Sappior (Beira Linha)
- Moinho de Cereais: Francisco Kulka (Marumbi dos Elias), Francisco Wallenga (Rio Vinagre), Dalizio Percival Butiazal), José Buko (Cachoeira dos Paulistas)
- Máquina de palha: Valentim Klemba (Serra Azul)

Contribuição dos contribuintes Rio Azul				Ano de 1929	
Nº	Nome	Valor	Observações	Valor	Observações
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Foto da primeira página de registros do ano de 1929. Foto: Arquivo Câmara Municipal

O PODER LEGISLATIVO RIOAZULENSE

A Câmara Municipal de Rio Azul teve a sua primeira Sessão no dia 20 de setembro de 1918. Infelizmente não encontramos registro de onde estava exatamente instalada. Provavelmente as reuniões, que não eram muito frequentes, aconteciam na residência do Prefeito ou de algum dos Vereadores ou ainda em um local que, com a instalação do município, passou a ser utilizado para este e outros fins necessários para a sua condução política. Buscou-se fotografias ou documentos que pudessem nos fazer conhecer a este respeito, mas não obtivemos sucesso, infelizmente. Mas isso tem uma explicação!

Como mais adiante será visto, com a ascensão de Vargas ao poder logo houve a dissolução das Câmaras Municipais no Brasil. Relatos de pessoas mais velhas e como conta o senhor Theodoro Surmacz, que foi Secretário da Câmara por muitos anos, os vereadores da época ao saberem da decisão do Governo de fechar a Câma-

ra, optaram, por motivo desconhecido, em lançar ao fogo todos os documentos que dispunham. Uma lástima, pois com esta atitude impensada, muitos registros históricos desapareceram. Apenas os livros de Atas sobreviveram, certamente por não se encontrarem na Câmara, mas aos cuidados do Secretário que tomou o cuidado de preservá-los. Todos estes livros hoje se encontram no arquivo próprio da Câmara Municipal de Rio Azul.

Recentemente, no ano de 2015, a Câmara firmou parceria com o Centro de Documentação e Memória - CEDOC-, campus Irati-Pr, através da qual foram executados trabalhos voltados à higienização, restauração e acondicionamento de quarenta e dois destes livros Atas mais antigos. Também foi feita a digitalização dos mesmos conforme padrões técnicos definidos pelo CONARQ - Conselho Nacional de Arquivos, além de orientações para indexação destes documentos, visando facilitar a pesquisa.

A REVOLUÇÃO DE 1930 E OS SEUS EFEITOS LOCAIS

Em 1930 aconteceu no Brasil uma grande revolução que terminou por levar ao poder o gaúcho Getúlio Dorneles Vargas. O tempo que viria a ficar no poder passou a ser conhecido como a “Era Vargas”. Foi com Getúlio Vargas que nasceram as Prefeituras Municipais, às quais foram atribuídas funções executivas dos Municípios.

A última ata que registra uma Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Rio Azul com os Vereadores eleitos democraticamente em 21 de junho de 1928 e que haviam sido empossados a 21 de setembro daquele mesmo ano, está na página 48, do 2º Livro de Atas e aconteceu no dia 19 de julho de 1930. Logo em seguida, na página 50, temos o registro da Ata de uma Sessão Extraordinária bastante interessante:

“Acta extraordinária da posse das novas autoridades municipais nomeadas e empossadas por ordem das forças Liberais em operações. Aos sete dias de outubro de mil novecentos e trinta, reunidos em Sessão extraordinária o Comandante das forças organizadas neste Município, reunido o elemento mais representativo deste Município, destituídas de seus cargos as autoridades anteriores, foi por aclamação geral constituído as novas autoridades deste Município, assim constituídas: Prefeito Municipal José Pallú, Presidente da Câmara Norberto Nunes, Camaristas João Cirino, Guilherme Pereira, Francisco Gluszczyński, Miguel Bachtzen, Ascânio Domingues Filho. Juizes Distritais Amador Taques, Joaquim Pinto, Zacarias Pedrosa, Feliuto Bueno de Oliveira. Tomando posse de seu cargo Ilmo José Pallú, convidou os demais membros empossarem de seus cargos e propoz fosse passado um telegrama ao Governo provisório de Curityba, ao novo Diretório do Partido, a Câmara Municipal, dando comunicação da posse das novas autoridades Municipaes e congratulando-se pela marcha vitoriosa das Forças Libertadoras, pela regeneração da Pátria. Nada mais constando o Ilmo Presidente mandou que encerrasse a presente actaque eu, Joaquim Pinto, servindo de

Secretário fiz escrevi e assigno com os demais. José Pallú - Prefeito Municipal, Norberto Nunes, João Cirino dos Santos, Guilherme Pereira, Francisco Gluszczyński, Miguel Bachtzen, Ascânio Domingues Filho, Amador de Macedo Taques, Joaquim Alves Pinto, Zacharias Pedrozo.”.

Em 1932, conforme registrado por Valascki e Wzorek (1988, p. 135) no livro que comemorou os setenta anos de Rio Azul, nosso município enfrentou uma grave crise econômica motivada pela revolução e que afetou todo o país. O Prefeito Municipal decidiu não acatar o Código dos Interventores, que impunha obedecer a medidas severas que prejudicavam a economia local, e procurou, ao contrário, favorecer certos contribuintes. Com isso, houve a diminuição da receita municipal e pelo Decreto nº 1918, de 04 de agosto de 1932, o Interventor no Paraná, Manoel Ribas, decretou a extinção do município de Rio Azul, anexando-o ao Município de Mallet. Esta situação perduraria até 26 de fevereiro de 1934 quando Rio Azul novamente foi elevado à categoria de Município.

Portanto, durante este período de pouco mais de um ano, a Câmara Municipal de Rio Azul deixou de existir. Na página 1, do 3º Livro de Atas, encontramos o registro da instalação do município:

“Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro do ano de 1934, no edifício da Prefeitura desta Villa foi reinstalado este Município de acordo com o Decreto da Interventoria Federal nº 195 do corrente mês. Rio Azul, 26 de fevereiro de 1934.”.

Na página 2, do mesmo Livro de atas, encontramos referência ao Conselho Consultivo e chama a atenção para a apresentação que registra:

“Aos dez dias do mês de abril do ano de mil novecentos e trinta e quatro, nesta Vila de Rio Azul, presentes os senhores João Cirino dos Santos, Miguel Bachtzen e Honório Alves Pires, membros do Conselho Consultivo local, Felipe Jacobucci, membro do Diretório Político do Partido Social Democrático e Amador Taques, Secretário-Tesoureiro da Prefeitura Municipal de Rio Azul, compareceu na Sala da Prefeitura Municipal o Sr. Agenor Garcia da Rocha que exibiu um título sob número setecentos e setenta e três, da Interventoria Estadual para cujo cargo de Prefeito foi nomeado. Sala da Prefeitura Municipal de Rio Azul, 10 de abril de 1934. Amador Taques, Secretário, Felipe Jacobucci, João Cirino dos Santos, Honório Alves Pires, Agenor Garcia da Rocha, Prefeito Municipal, Luiz Stival, Leôncio Alves de Oliveira, Miguel Bachtzen.”.

Neste 3º Livro de atas seguem-se outros poucos registros, sendo o último deles encontrado na página 7, verso, da “passagem de cargo” de Prefeito Municipal que se deu no dia 02 de fevereiro de 1936. Neste dia foi empossado no cargo de Prefeito Municipal o senhor João Cirino dos Santos. Os próximos registros já estão no 4º Livro de Atas.

A CÂMARA FOI DISSOLVIDA

Em 1937, a Câmara Municipal deixou de funcionar devido ao golpe de estado de Getúlio Vargas, momento que foi substituída pelo Conselho Consultivo, que desempenhou suas atribuições até 1947, quando foi restabelecido o regime da Lei em nosso País.

Durante o chamado Estado Novo, de Vargas, nos anos de 1937 a 1945, as Câmaras Municipais, assim como a Assembleia Legislativa, a Câmara dos Deputados e o Senado Federal, foram dissolvidas, fechadas, e o Poder Legislativo foi extinto. Com a restauração da democracia, em 1945, as Câmaras Municipais foram reabertas e começaram a tomar a forma que hoje possuem.

Com o Estado Novo de Getúlio Vargas, uma nova Constituição concentrou os poderes na mão do Presidente. Partidos políticos foram extintos e com os parlamentos fechados os governos estaduais e municipais deixaram de ter seus titulares escolhidos com a participação do povo e passaram a ser por indicação. Os Estados passaram a ser administrados por Interventores que eram escolhidos pelo Presidente e cabia aos Governadores nomear os Prefeitos municipais.

No 4º Livro de Atas, à página 57, temos o registro da Ata de Encerramento da Câmara Municipal de Rio Azul. Importante notar que apenas três vereadores assinaram o documento. A análise das atas deste período não permite afirmar que os vereadores da época sabiam que isso aconteceria. Em nenhum momento é citado desconforto com a situação.

“Ata de encerramento da Câmara Municipal de Rio Azul, aos dezenove dias do mês de novembro de 1937, o senhor Miguel Bachtzen, que vinha exercendo o cargo de Presidente do Legislativo Municipal, declarou aberta a Sessão, comunicou aos senhores vereadores a resolução do artigo nº 178 da Constituição brasileira, decretada pelo senhor Presidente da República no dia 10 do corrente mês e ano, que dissolveu as Câmaras Municipais. Em seguida se deu a palavra a qualquer Vereador, que dela quisesse fazer uso sobre esta ocorrência, não havendo quem quisesse tomar a palavra o senhor Presidente propôs para que fosse passado um telegrama ao senhor Presidente do Estado, senhor Manoel Ribas, deste encerramento. E como nada mais houvesse a tratar o senhor Presidente encerrou a presente Sessão mandando de que tudo fosse lavrada e assinada a competente ata. Do que eu Acir Pereira, funcionário interino da Câmara Municipal a escrevi. Miguel Bachtzen, Estanislau Baby, Dinarte Domingues da Luz.

Em obediência ao artigo 178, da Constituição promulgada a 10 do corrente mês e ano, encerro este Livro de atas para que dele não se possa mais fazer uso. Acir Pereira, funcionário interino da Câmara Municipal.”.

Em 30 de novembro de 1947, reinstala-se a Câmara Municipal de Rio Azul que desde então vem funcionando ininterruptamente. Com a restauração do regime

democrático foram eleitos e empossados: Atílio Andriguetto, Acir Pereira, Estanislau Baby, Antonio Wudarski, Antonio Odorczych Filho, Floripo Pissaia, Victor Burko, Matias Batista Vieira e Altevir de Lara.

Esta temos como sendo a 1ª Legislatura. Seguimos o que fez a Assembleia Legislativa do Paraná, ou seja, as Legislaturas - nome que se dá ao período de quatro anos do mandato dos vereadores -, começaram a ser contadas com a retomada do regime democrático a partir de 1947. Em 2018, portanto, a Câmara Municipal de Rio Azul vivencia a sua 17ª Legislatura composta pelos seguintes Vereadores: André Dusanoski, Edson Paulo Klemba, Cesar Martins dos Santos, Jair Boni, Maria da Conceição Burko, Sérgio Mazur, Valdir Siqueira e Zerico José Nepomoceno.

A seguir, a transcrição da Ata que se encontra no 5º Livro de Atas. Nela está registrada a posse dos Vereadores eleitos para a 1ª Legislatura, na página 1:

“Câmara Municipal do Município de Rio Azul

Ata de Instalação, posse dos Senhores Vereadores e Eleição da Mesa

Aos trinta dias do mez de novembro dos anos de mil novecentos e quarenta e sete, no Edifício da Câmara Municipal do município de Rio Azul, sito a rua Dr. Campos Mello nesta cidade ás 10 horas (dez horas) sob a Presidência do Exmo. Sr. Dr. Joaquim Ferreira Guimaraes, Juiz Eleitoral da Zona e com presença dos senhores representantes do Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Alcides Pereira Jr., Sr. Prefeito municipal em exercício e demais autoridades locais e convidados de honra deste e de outros municípios, que tomaram assento a mesa bem como de outras altas autoridades, o Exmo. Sr. Dr. Presidente após dizer que, na conformidade da decisão de Junta Eleitoral, em sessão realizada em 22 de novembro corrente, na qual foram proclamadas os eleitos em 16 de novembro do ano em curso considerava entregues os diplomas aos mesmos, declarando a seguir aberta a sessão. Após S. Exa. convidou os vereadores Floripo Pissaia e Victor Burko, Antonio Wudarski, Antonio Odorcchike Filho, Atílio Andriguetto, Estanislau Baby, Matias Batista Vieira, para funcionarem como Secretário ad-hoc, mandando proceder a chamada dos Vereadores, constatando-se a presença dos seguintes: Victor Burko, Floripo Pissaia, Antonio Wudarski, Antonio Odonski Filho, Estanislau Baby, Matias Batista Vieira, Acir Pereira, Atílio Andriguetto. A seguir S. Exma. Sr. Juiz Eleitoral, congratulou-se com a população de Rio Azul pela ordem verificada por ocasião do pleito, em que mais uma vez se ressaltou o Patriotismo e Sentimento puramente Democrático dos habitantes desta laborissa e progressiva terra, finalizando com um apelo para que os eleitos prosseguissem nos seus trabalhos com esses mesmo sentimento e em seguida declarou que, na conformidade do disposto no Artigo 1º do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição do Estado, deveria proceder a Eleição da mesa da Câmara. Achava, entretanto, que, antes de ser procedida tal Eleição deveriam os Senhores Vereadores prestar o Compromisso legal de cumprirem com honra e lealdade os deveres do cargo, convidando

assim o Sr. Atilio Andriguetto vereador pelo Partido Social demo, digo convidando o Sr. Antonio Wudarski vereador pelo P.S.D. na qualidade de mais Idozo, a prestar em nome dos demais o aludido compromisso, tendo os demais senhores vereadores proferido, em pé a frase: Assim o prometo. Findo o compromisso legal o Exmo. Sr. Dr. Presidente declarou que ia proceder a eleição da mesa. Procedeu –se a eleição verificando o seguinte resultado: Para Presidente: Atilio Andriguetto com sete votos; Para 1 Secretário: Floripo Pissaia com sete votos. Para 2 Secretário: Antonio Wudarski com sete votos. Conhecido o resultado o Exmo. Sr. Dr. Presidente proclamou eleitos os senhores Vereadores, Atilio Andriguetto - Floripo Pissaia - Antonio Wudarski, respectivamente, Presidente, 1º Secretário, e 2º Secretário. A seguir S. Exma, declarou instalada a Câmara Municipal do Município de Rio Azul, e, dizendo ter sessedo a sua missão, convidou os senhores vereadores eleitos a tomarem posses dos seus cargos, o que foi feito. Do que para constar, eu Floripo Pissaia, secretário ad-hoc, lavrei a presente ata que assino com o Exmo. Sr. Dr. Presidente. Joaquim Ferreira Guimaraes, Atilio Andriguetto, Victor Burko, Floripo Pissaia, Antonio Odorczych Filho, Acir Pereira, Matias Batista Vieira, Estanislau Baby e Antonio Wudarski.

A transcrição da Ata a seguir, também do 5º Livro de Atas, é da que deu posse ao senhor Bronislau Wronski, o primeiro Prefeito eleito em 1947 com a retomada do regime democrático. A curiosidade deste documento fica por conta do registro da presença do Deputado Dr Chafic Cury, o qual mais tarde seria homenageado com a escolha do seu nome para dar denominação a um dos nosso principais colégios estaduais. Infelizmente não conseguimos identificar a sua assinatura ao final desta ata:

“Ata do compromisso e posse do Sr Prefeito Municipal

Aos trinta dias do mez de novembro de mil novecentos e quarenta e sete, no edificio da Câmara Municipal de Rio Azul, em prosseguimento à sessão de instalação na Câmara Municipal que foi presidida pelo Exmo. Sr. Dr. Joaquim Ferreira Guimaraes, Juiz Eleitoral da 34ª Zona, foi pelo Sr. Atilio Andriguetto Presidente eleito e empossado reaberta a presente sessão, com a presença das mesmas Exmas. Autoridades e pessoas constantes da ata da primeira faze: Lida e assinada a ata de instalação e posse dos Srs Vereadores, e bem assim da eleição da mesa, foi pelo Sr. Presidente declarado que, de acordo com as disposições legais vigentes, ia passar o compromisso e posse do Prefeito eleito. Para esse fim convidou os senhores Vereadores Estanislau Baby, Floripo Pissaia, Matias Batista Vieira para acompanharem ao recinto o Sr. Bronislau Wronski que se encontrava no Gabinete da Prefeitura. Dando entrada no recinto, foi pelo mesmo Sr. Bronislau Wronski prestado o seguinte compromisso: (que desemf) Prometo defender e cumprir a Constituição da República e a do Estado, observar as leis promover o bem geral do município de Rio Azul e desempenhar, com lealdade e patriotismo as

funções do meu cargo. Isto feito o Sr. Presidente declarou empossado o Prefeito Municipal de Rio Azul, eleito a 16 do corrente mez e diplomado pelo Exmo. Sr. Dr. Juiz Eleitoral desta Zona. A seguir, o Sr Presidente declarou livre a palavra para quem dela quizesse fazer uso. O Sr Bronislau Wronski agradeceu a confiança que lhe fôra dispensada pelos habitantes de Rio Azul, prometendo não poupar esforços para promover o engrandecimento do Município, tendo como principal lema a Justiça. A seguir, fizeram uso da palavra o Deputado Dr Alcides Pereira Jr. como representante do Exmo. Governador do Estado, tendo falado também o Dr. Chafic Curi, Pe Alfredo Aluisio Vigário da Paróquia e o Sr. José Eskina, todos eles salientando a magnitude do ato de pósse dos Srs. Prefeito e Vereadores e consequentes reentregação do município do Regime Constitucional. Não havendo mais quem quizesse fazer uso da palavra o Sr. Presidente agradeceu as Exmas. Autoridades e demais pessoas o seu comparecimento a este ato e ao declarar encerrada a sessão convocou os Srs. Vereadores para a primeira sessão ordinária da Câmara Municipal a se realizar na próxima 2ª feira dia 1º de Dezembro, às 14 horas com a seguinte ordem do dia: Eleição das comissões permanentes. Do que para constar eu, Floripo Pissaia 1º secretário, lavrei a presente ata que vai por todas as autoridades e pessoas presentes assinada. Atilio Andri-guetto, Bronislau Wronski, Joaquim Pereira Guimaraes, ... , ... , ... , Acir Pereira, José Schina, ... , Pedro Estival Junior (Tabelião), Victor Burko, Floripo Pissaia, Estanislau Baby e Antonio Wudarski."

Deste tempo em diante, até o ano de 1964, pode-se dizer que o Brasil viveu sua primeira experiência de regime democrático. Antes disso a política brasileira esteve longe de representar uma experiência verdadeiramente democrática dado os incontáveis vícios políticos que se viam mascarados em princípios de legalidade prescritos nas leis.

Não podemos deixar passar sem citação um período amargo de nossa história. Entre os anos de 1964 e 1985, de acordo com quem viveu naquele tempo e, principalmente, pelos inúmeros registros históricos, houve com certeza absoluta falta de democracia. Supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar são apenas alguns exemplos desta situação. Os Atos Institucionais, decretos emitidos durante os anos que se seguiram ao golpe militar de 1964, foram cruéis mecanismos de "legitimação® e legalização das ações políticas dos militares, privilegiados que eram com diversos poderes extra constitucionais.

Na ditadura militar, com a desculpa de acabar com a corrupção e com a desordem, assassinaram a democracia, os direitos humanos e os direitos civis de brasileiros, história essa que todos conhecemos. Mesmo assim, as Câmaras continuaram suas atividades políticas, contudo, com maiores restrições do ponto de vista da autonomia decisória, tendo o Executivo grande poder de iniciativa legislativa.

Felizmente, em 1988, depois de muitas lutas e sacrifícios populares, nascia aquela que passaria a ser conhecida como a Constituição Cidadã. A nova Constitui-

ção Federal, promulgada em 05 de outubro daquele ano, deu aos municípios uma relativa autonomia decisória em um contexto de maior descentralização, com nova repartição de tributos, aumento das transferências de recursos entre as diversas esferas de governo e novo papel municipal de coordenação das políticas públicas no âmbito local, especial nas áreas de educação, saúde e assistência social.

A FUNÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL

A exemplo do que ocorre nas esferas federal e estadual, a principal função do Poder Legislativo Municipal é legislar, ou seja, elaborar e aprovar as leis que irão reger a vida do município, além de fiscalizar sua aplicação e as demais ações desempenhadas pelo Executivo. No entanto, na condição de agente político e representante do povo, o vereador mantém contato permanente com os diferentes segmentos da sociedade, escutando e dando voz a suas demandas e interesses.

A Constituição Federal de 1988, regida pelos princípios da soberania popular e da representação, segundo os quais o poder político pertence ao povo e é exercido em nome deste por órgãos constitucionalmente definidos, divide a organização política do país em três poderes: Legislativo, Executivo e Judiciário. Atuando de forma independente e harmônica, cada um deles possui suas atribuições e prerrogativas.

Elaborada e aprovada após o longo período de ditadura militar no Brasil, a atual Constituição reforçou a opção do país pela democracia ao restaurar plenamente as funções e a independência do Legislativo, poder que melhor reflete e caracteriza os princípios de representatividade e soberania popular defendidos pelo texto constitucional, que em alguns momentos da história, como já vimos antes, teve suas prerrogativas restringidas e até mesmo anuladas por força de regimes autoritários.

No âmbito federal, o Poder Legislativo é representado pelo Congresso Nacional, composto pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, com sede em Brasília. Nos estados e municípios, as funções de propor e aprovar leis, fiscalizar as ações do Poder Executivo e servir de ponte entre as demandas da população e o poder público são exercidas, respectivamente, pelas Assembleias Legislativas e as Câmaras Municipais.

Para compor as Câmaras Municipais, os vereadores são eleitos pelo povo para um mandato de quatro anos, podendo ser reeleitos nos pleitos seguintes. O número de vereadores de um município está relacionado com a quantidade de habitantes. Mas o número exato de vagas disponíveis é definido pela Lei Orgânica de cada município, respeitando o que diz o art. 29 da Constituição Federal, que relaciona o limite de vereadores de acordo com a quantidade de habitantes do município. Em cidades com população entre 1,8 milhão até 2,4 milhão, como Curitiba, por exemplo, a Constituição permite até 41 vereadores. No caso de Rio Azul, que possui uma população estimada em pouco mais de 15 mil habitantes, o número de vereadores permitido é 11, mas ao menos até agora não houve ninguém interessado em aumentar o número atual que é 9 vereadores.

VEREADORES SÃO OS REPRESENTANTES DO POVO

A palavra Vereador vem de “Verear”, que define a incumbência de cuidar do bem estar dos moradores do lugar, na qualidade de seu representante. Além de participar das reuniões plenárias da Câmara Municipal, onde são propostos, discutidos e votados projetos de lei de iniciativa própria ou do Executivo, os vereadores estão sempre em contato com a população para conhecer seus problemas e contribuir na busca de soluções viáveis. O vereador desempenha, portanto, as tarefas de legislar e de exercer o controle externo do Poder Executivo. A função legislativa consiste em elaborar, apreciar, alterar ou revogar as leis de interesse para a vida do município. Essas leis podem ter origem na própria Câmara ou resultar de projetos de iniciativa do Prefeito, ou da própria sociedade, através da iniciativa popular.

Para atender às reclamações dos cidadãos e às necessidades de melhorias na cidade e na qualidade de vida da população, além de propor leis, o vereador pode apresentar Indicações recomendando providências e sugerindo medidas ao à Administração Municipal. Ele também pode exercer o direito de solicitar audiências públicas nas quais representantes da comunidade, do poder público e outros atores envolvidos se reúnem para expor e debater as questões. Além disso, cabe ao Vereador fiscalizar o Executivo, por meio de requerimentos de informação, realização de vistorias e inspeções e a criação de Comissões Parlamentares de Inquérito para apuração de irregularidades. A Câmara também confere as contas da Prefeitura e da própria instituição, juntamente com o Tribunal de Contas do Estado (TCE), verificando a cada quatro meses a aplicação dos recursos municipais, através de Audiências, a realização das diretrizes orçamentárias e o atingimento das metas previstas.

Filiados a diversos partidos políticos, os vereadores se agrupam formando bancadas e podem escolher seus líderes. Em geral, o líder fala em nome do partido e da bancada sobre os assuntos em pauta e indica nomes para participar de comissões e outras atividades. Articulações e acordos entre lideranças podem facilitar a tramitação de projetos ou promover alterações no conteúdo das matérias.

A ATIVIDADE LEGISLATIVA

A atividade legislativa do vereador permite as seguintes proposições à Câmara: Proposta de Emenda à Lei Orgânica, Projetos de lei, Projetos de resolução, Projetos de decreto legislativo, Emendas a projetos de lei, de resolução ou de decreto legislativo, Indicação ao Executivo e aos vereadores, Moções, Requerimentos, Parecer, Recurso.

Como funções atípicas, a Câmara tem competência administrativa: gerenciamento do próprio orçamento, patrimônio e pessoal, organização dos serviços (composição da Mesa Executiva, organização e o funcionamento das Comissões etc.) e judiciária: processar e julgar o prefeito por crime de responsabilidade, julgar os próprios vereadores, inclusive o Presidente da Câmara, em caso de irregularidades, desvios éticos ou falta de decoro parlamentar.

A MESA EXECUTIVA OU MESA DIRETORA

A Mesa Executiva é órgão permanente de direção administrativa e financeira do Poder Legislativo do Município. Todos os atos realizados pela Câmara ou por seus membros são submetidos a uma série de normas regulamentares, expressas em seu Regimento Interno que constitui a lei que rege a instituição. O regimento define as normas básicas de competência, norteia os direitos e obrigações dos vereadores e disciplina a composição da Mesa Executiva, que administra e atua em nome da Câmara Municipal, interna e externamente.

Na Câmara Municipal de Rio Azul, os quatro componentes da Mesa Executiva (Presidente, Vice-Presidente, 1º e 2º Secretários) são eleitos no primeiro dia de cada Legislatura, que corresponde ao período de quatro anos que se segue à posse dos vereadores eleitos. Após dois anos, seus componentes devem ser renovados.

O PAPEL DAS COMISSÕES PERMANENTES

As Comissões Permanentes são órgãos técnicos criados pelo Regimento Interno da Câmara e constituídos de três Vereadores com a finalidade de discutir e votar as propostas de leis que são apresentadas à Câmara. Com relação a determinadas proposições ou projetos, essas Comissões se manifestam emitindo opinião técnica sobre o assunto, por meio de pareceres, antes de o assunto ser levado ao Plenário. Com relação a outras proposições elas decidem, aprovando-as ou rejeitando-as, sem a necessidade de passarem elas pelo Plenário.

A composição desses órgãos técnicos cabe ao presidente da Mesa Executiva e é renovada a cada dois anos ou a cada duas sessões legislativas. Na ação fiscalizadora, as Comissões atuam como mecanismos de controle dos programas e projetos executados ou em execução, a cargo do Poder Executivo. Essas Comissões perderam enquanto constarem do Regimento Interno. São elas:

I - de Constituição, Justiça e Redação;

II - de Finanças, Orçamento e Contas;

III - de Educação, Saúde, Esportes, Cultura, Turismo e Assistência Social;

IV - de Obras, Serviço Público, Desenvolvimento Urbano, Indústria e Comércio;

V - de Agricultura, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

O PAPEL DAS COMISSÕES TEMPORÁRIAS

As comissões temporárias serão criadas mediante requerimento de 1/3 (um terço) dos Vereadores, aprovado por maioria simples, indicando a finalidade prevista, o número de Membros e o prazo de funcionamento, que poderá ser prorrogado. O artigo 76, do Regimento Interno da Câmara Municipal de Rio Azul estabelece as seguintes Comissões Temporárias: Comissão especial de estudos; Comissão especial de representação; Comissão parlamentar de inquérito e Comissão processante.

A ELEIÇÃO DE MULHERES AO CARGO DE VEREADORA

Durante grande parte da História do Brasil, as mulheres não tiveram participação na política, pois a elas eram negados os principais direitos políticos como, por exemplo, votar e se candidatar. Somente em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas, as mulheres conquistaram o direito do voto. Também puderam se candidatar a cargos políticos. Nas eleições de 1933, a doutora Carlota Pereira de Queirós foi eleita, tornando-se a primeira mulher deputada federal brasileira.

Nas últimas décadas, houve avanços significativos da condição de vida das mulheres no Brasil. Entre muitos pontos a serem destacados temos o fato de que elas estão mais escolarizadas, viraram maioria da força de trabalho, alçaram-se aos cargos de chefia, organizaram-se mais para lutar por seus direitos, disputaram com a sociedade o direito sobre sua autonomia e questionaram o modelo tradicional de família chefiada por homens. A participação na política e a ocupação de cargos eletivos, considerados de poder e de destaque na nossa sociedade, está sendo aos poucos atingida com maior força, haja vista o número que temos hoje de mulheres eleitas ao cargo de Governadora de estados, de Prefeitas, Vereadoras e até mesmo à Presidência do Brasil, como foi a recente eleição da Presidenta Dilma Rousseff. No entanto, muito aquém dos avanços adquiridos em outras dimensões da vida cotidiana, embora por lei, todas as chapas eleitorais tenham que ser compostas por trinta por cento de candidatas mulheres. A principal crítica é que, sem punição, os partidos não cumprem a exigência. A cota garante as candidaturas, mas não a eleição das mulheres para os Legislativos municipais, estaduais e federal.

Na Câmara Municipal de Rio Azul a situação não é nem um pouco diferente. Tanto é fato que a primeira mulher eleita ao legislativo aconteceu apenas no ano de 1976. Desde então, muitos anos se passaram e no decurso deste tempo tivemos apenas outras cinco mulheres que alcançaram o mesmo êxito. Abaixo, uma tabela com os nomes e os respectivos períodos de nossas vereadoras:

1ª Vereadora eleita - Maria Madalena Pissaia de Souza
Foi eleita para a 8ª Legislatura (1977 – 1983)

2ª Vereadora eleita - Maria Regina Choma
Foi eleita para a 10ª Legislatura (1989-1992)

3ª Vereadora eleita - Amélia Zem Mosson
Foi eleita para a 11ª Legislatura (1993-1996)

4ª Vereadora eleita - Maria Lucas Wilszek
Foi eleita para a 12ª Legislatura (1997 – 2000)

5ª Vereadora eleita e a 1ª Vereadora reeleita - Jane Luiz Skalisz Solda
Foi eleita para a 15ª Legislatura (2009 – 2012) e em seguida reeleita para a 16ª Legislatura (2013 – 2016)

6ª Vereadora eleita - Maria da Conceição Burko
Foi eleita para a 17ª Legislatura (2017-2020)

Na foto abaixo a 1ª Vereadora da Câmara Municipal de Rio Azul, Maria Madalena Pissaia de Souza ao lado do seu esposo, o senhor Arthur de Souza. Por muitos anos possuíram uma afamada panificadora na Rua XIV de Julho, próximo ao Colégio Affonso Camargo, mais tarde deixada aos cuidados do neto Gilson Woehl.



O casal Artur de Souza e Maria Madalena Pissaia de Souza
Foto: acervo de Tiago Pissaia

O PREFEITO E OS SECRETÁRIOS NA CÂMARA

Eleito juntamente com os vereadores a cada quatro anos, o Prefeito é o chefe do Poder Executivo do município, com funções atribuídas às áreas políticas, executivas e administrativas. Ele conta com o serviço de secretários por ele escolhidos e por servidores públicos, concursados ou que também podem ser indicados aos cargos dentro dos limites que a lei estabelece. As funções são divididas em Secretarias responsáveis pela administração de determinados setores, como por exemplo a Secretaria de Obras, a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, a Secretaria de Saúde, a Secretaria de Educação, etc.

A utilização eficiente e transparente do dinheiro arrecadado pelo município também é papel do Prefeito. A arrecadação se dá principalmente através de impostos municipais e de transferências da União e dos estados. Cabe aos vereadores a fiscalização dessa administração orçamentária. A Câmara Municipal foi encarregada pela Constituição da República de acompanhar a execução do orçamento do município e verificar a legalidade e legitimidade dos atos do Poder Executivo.

O Prefeito e os Secretários Municipais comparecem à Câmara Municipal sempre que convidados, para prestarem esclarecimentos sobre determinado assunto. Os convites podem ser feitos através de requerimentos. Um Vereador, por si só, pode apurar e mostrar erros e investigar desfalques nas contas públicas e tomar providências cabíveis em Lei.

PROJETOS DE LEI DE INICIATIVA POPULAR

De acordo com a Constituição Federal, a Lei Orgânica Municipal e o Regimento Interno da Câmara Municipal de Rio Azul, é lícito a qualquer entidade da sociedade civil patrocinar a apresentação de proposição de iniciativa popular, responsabilizando-se inclusive pela coleta de assinaturas.

A iniciativa popular é exercida pela apresentação à Câmara de Vereadores de proposições subscritas por, no mínimo, cinco por cento dos eleitores do Município, obedecidas as seguintes condições: assinatura de cada eleitor, que deverá ser acompanhada de seu nome completo e legível, endereço e dados identificadores de seu título eleitoral; ser apresentada em formulário padronizado e disponibilizado pela Câmara; ser instruída com documento hábil da Justiça Eleitoral quanto ao contingente de eleitores alistados no Município, aceitando-se, para esse fim, os dados referentes ao ano anterior, se não disponíveis outros mais recentes.

O projeto de iniciativa popular deve ser entregue na Secretaria da Câmara Municipal mediante protocolo. Depois será lida em Plenário após a Comissão de Constituição, Justiça e Redação se manifestar atestando que atende as exigências para a sua apresentação.

A TRIBUNA LIVRE

O artigo 266 do regimento Interno da Câmara Municipal de Rio Azul prevê que a existência de um espaço democrático a ser utilizado por entidades representativas de setores sociais, o que passou a chamar de Tribuna Livre.

O uso da tribuna legislativa pelas entidades representativas (científicas e culturais, de defesa dos direitos humanos e da cidadania, os sindicatos e associações profissionais, as associações de moradores, entidades estudantis, entidades assistenciais de cunho filantrópico) será facultado nas sessões ordinárias, durante quinze minutos, sendo admitidas até duas inscrições distintas e só fará uso da palavra orador pertencente à entidade, desde que devidamente autorizado por esta. Este orador poderá ser aparteado pelos Vereadores e responderá pelos conceitos que emitir.

HISTÓRICO DOS VEREADORES

Relacionados a seguir estão os nomes de todos Vereadores eleitos ao longo destes cem anos de história. Achamos por bem citar o nome dos Prefeitos. Importante destacar que não constam os nomes dos suplentes que não chegaram a ser convocados no decorrer de cada Legislatura.

1 – Empossados em 14 de julho de 1918:

Prefeito: Coronel Hortêncio Martins de Mello (esposa dona Maria José Camargo de Mello)

Camaristas: Zeferino Salles Bitencourt – Presidente, Saturnino Bueno de Camargo - Vice-Presidente, Gabriel Cury, Joaquim Luiz dos Santos, Honório Alves Pires e Antonio José dos Passos

Suplentes convocados: Jacob Burko, Horácio Vieira, Manoel Antonio Fornier, Achilles Bueno, José Januário dos Santos, Felicíssimo Ildefonso Neves. Era Secretário da Câmara: Antonio Salles Borges

2 - Eleitos em 21-06 e empossados em 18-09-1920 para o período 1920 - 1923:

Prefeito: Dr. Elizeu de Campos Mello (tomou posse somente em 17-08-1922)

Camaristas: Antonio José Ribeiro - Presidente - exerceu o cargo de Prefeito Municipal até 17-08-1922; Roberto Elck Sobrinho - Presidiu a Câmara de 18-09-1920 até 02-02-1924; Joaquim Luiz dos Santos – Prefeito Municipal Substituto em 1920; Jacob Burko, eleito Presidente da Câmara em 02-02-1924, Manoel Rodrigues Carrilho, Euphrasino Marques de Oliveira, Gabriel Cury e Apparício Alves de Lara.

Suplentes convocados: Gregório Colaço de Meira, Severino Bueno de Camargo, José Januário dos Santos, Manoel Luiz dos Santos

O Prefeito eleito, Elizeu de Campos Mello, não assumiu o cargo de imediato, pedindo licença para tratamento de saúde. Na qualidade de Prefeito Substituto foi empossado o Presidente eleito da Câmara, o senhor Antonio José Ribeiro. Em razão disso, assumiu a Presidência do Legislativo o Vice-Presidente, Roberto Elck Sobrinho e a cadeira de vereador vaga, foi ocupada pelo suplente Jacob Burko.

3 - Eleitos em 21-06-1924 e empossados em 21-09-1924 para o período 1924 - 1928

Prefeito: Guilherme Pereira

Camaristas: Pedro Alves Pinto – Presidente, Saturnino Bueno de Camargo – Vice-Presidente, Adelermo Camargo, Deocleciano Souza Nenê, Faustino Colaço Vieira, Alberto Kulka

Suplentes: Antonio José Ribeiro, José Joaquim Ribeiro Neto, João Bedin, Jorge Bur-gath, Wismar da Costa Lima

4 - Eleitos em 21-06-1928 e empossados em 21-09-1928 para o período 1928 - 1932

Prefeito: Adelermo Camargo (renunciou em 01-07-1930)

Camaristas: Antonio José Ribeiro - Presidente entre 21-09-1928 a 06-10-1930, Oadi Cury – Vice-Presidente, Saturnino Bueno de Camargo, João Zarpellon, Faustino Colaço Pereira, Norberto Nunes, Ildefonso Neves.

Por Decreto do Governo do Estado, Prefeito e Camaristas foram destituídos de seus cargos e outros nomeados em seu lugar. Inicialmente fora nomeado Prefeito o senhor Eliziário Camargo de Mello, que assumiu a Prefeitura em 19-07-1930. Pouco mais tarde, em 07-10-1930, foi nomeado em substituição a ele o senhor José Pallú.

Neste mesmo dia assumiram os seguintes Camaristas, igualmente nomeados pro Decreto: Norberto Nunes – Presidente, João Cirino dos Santos, Guilherme Pereira, Francisco Gluszczyński, Miguel Bachtzen, Ascânio Domingues Filho.

No ano de 1932, a Câmara Municipal foi extinta, assim como o Município de Rio Azul, anexado ao Município de Mallet. Esta situação foi revertida em 1934 e novos Prefeito e Camaristas foram eleitos:

Prefeito: João Cirino dos Santos

Camaristas: Domingos Mores – Presidente, Eliziário Camargo de Mello, Dinarte Domingues da Luz, Estanislau Baby, Miguel Baschtzen, Carlos Grden, Antonio Wudarski.

Em 19 de novembro de 1937 a Câmara Municipal de Rio Azul foi dissolvida. Isso se deu em razão de um golpe de morte contra o Poder Legislativo dado pelo presidente Getúlio Vargas, com a imposição da ditadura do Estado Novo. O Senador Federal, a Câmara dos Deputados e as Assembleias Legislativas também foram dissolvidas. O Presidente Getúlio caiu em outubro de 1945, mas Casas Legislativas não voltaram de imediato. Os senadores e os deputados eleitos na fase democrática trabalharam de fevereiro a setembro de 1946 na elaboração da nova Constituição. Cumprida a missão, a Assembleia Constituinte se dissolveu, permitindo o ressurgimento, após nove anos fechados, do Senado, da Câmara e depois também das Assembleias Legislativas e das Câmaras Municipais. Com a retomada do regime democrático, começamos a contar as Legislaturas (períodos de quatro anos para os quais os Vereadores são eleitos)

1ª LEGISLATURA (1947 - 1951) - Eleitos em 16-11-1947 e empossados em 30-11-1947

Prefeito: Bronislau Wronski

Vereadores:

- Atilio Andriguetto (Presidente até 05-07-1948 quando renunciou),
- Acir Pereira (Presidente em 05-08-1948, reeleito em 12-03-1949 e em 11-03-1950)
- Estanislau Baby (Presidente de 15-03-1951 a 29-11-1951)
- Antonio Wudarski, Antonio Odorczyki Filho, Floripo Pissaia, Victor Burko e Matias Batista Vieira.

Suplentes convocados: João Bucco, João Duda, Vasco Rasteiro Coimbra, Altevir de Lara, Miguel Bachtzen, José Pissaia, Campolim José Ribeiro, Pedro Vasco, Manoel Carneiro Sobrinho.

Curiosidade:

Como podemos observar pela quantidade de nomes citados, neste curto espaço de tempo de apenas um ano, houve uma verdadeira dança de cadeiras na Câmara Municipal de Rio Azul. Isso se deu em razão de a grande maioria dos vereadores terem optado por renunciar ao cargo por motivos diversos.

Em razão disso, tendo já sido chamados praticamente todos os suplentes e diante da continuidade dos pedidos de renúncia, no ano de 1948 foi necessária nova

eleição. Em 12 de dezembro daquele ano foram eleitos e posteriormente empossados a 31 de dezembro para cumprirem a 1ª Legislatura até 24-11-1951 os seguintes vereadores: João Gurski, João Cararo Filho, Feliciano Golemba, Acir Pereira, Pedro Vasko, Estanislau Baby, Floripo Pissaia, João Bucco.

2ª LEGISLATURA (1952 – 1955) - Eleitos em 22-07-1951 e empossados em 30-11-1951

Prefeito: José Pissaia

Vereadores:

- Sadala Aziz Domingos (Presidente eleito em 30-11-1951 e reeleito em 02-03-1953)
- Herculano Chaves (Presidente eleito em 01-03-1954 e reeleito em 01-03-1955)
- Orestes Pallú, Marciano Ferreira de Andrade, Estanislau Stefaniak, João Gurski, Matias Batista Vieira, Campolino José Ribeiro e Arlindo Santos.

Suplentes convocados: Mário Costa, Antonio Duda, Olívio Muniz, Wismar Carneiro e Hilário Bezentchka

Curiosidade:

Nesta Legislatura o senhor Arlindo Santos, logo que assumiu, em 01-12-1951, pediu licença por tempo indeterminado e posteriormente foi cassado por unanimidade de votos no dia 17-04-1953 porque exercia a função de Tesoureiro da Prefeitura, cargo ao qual não renunciou para assumir a vereança. O suplente Mário Costa assumiu em definitivo a partir de 16-12-1951.

3ª LEGISLATURA (1956 - 1959) - Eleitos em 03-10-1955 e empossados em 30-11-1955

Prefeito: Paulo Burko

Vereadores:

- Herculano Chaves (Presidente em 30-11-1955, reeleito em 01-03-1957, em 01-03-1958 e em 01-03-1959)
- José Vieira Soares, Alberto Knauth, João Knauth, Josilco Bolzani, Estanislau Stefaniak, Miguel Pedro Abib e Acir Rachid.

Suplentes convocados:

Antonio Domanski (assumiu a vaga deixada pela renúncia de Alberto Knaut em 08-11-1958), Leoclides da Gracia Vianna Junior e João Gembarowski.

4ª LEGISLATURA (1960- 1963) - Eleitos em 04-10-1959 e empossados em 30-11-1959

Prefeito: Orestes Pallú

Vereadores:

- Acir Rachid (Presidente eleito em 30-11-1959, reeleito em 05-03-1960, em 05-03-1961, em 05-03-1962 e em 05-03-1963)
- Platonit Tarastchuk, João Jasinski, João Vasco, Albino Ianoski, Durval Martins, Otávio do Valle, João Pissaia e Miroslau Gluszczyński.

Suplentes convocados: Herculano Chaves, Nestor Leonides Martynetz, Boleslau Wosniak, José da Silva França, Marcelino Veronez e João Pissaia.

5ª LEGISLATURA (1964 - 1968) - Eleitos em 06-10-1963 e empossados em 30-11-1963

Prefeito: Albino Ianoski

Vice-Prefeito: Victor Burko

Vereadores:

- Nestor Leonides Martynetz (Presidente eleito em 07-03-1964, reeleito em 06-03-1965, 05-03-1966, 04-03-1967 e em 02-03-1968)
- João Vasco, Hamilton Durski, Moisés Rodrigues de Oliveira, Raul Borges, Platonit Tarastchuk, Acir Rachid, João Jasinski e Sebastião Bucco

Suplentes convocados: João Knaut e Mário Costa

Curiosidade:

Pela primeira vez aparece a figura do Vice-Prefeito

6ª LEGISLATURA (1969 - 1973) - Eleitos em 15-11-1968 e empossados em 31-01-1969

Prefeito: Nestor Leonides Martynetz

Vice-Prefeito: Amílcar Rezende Dias

Vereadores:

- Hamilton Durski (Presidente no biênio 1969/1970)
- Orestes Pallú (Presidente no biênio 1971/1972)
- Victor Burko, Eloy Pissaia, João Faber, Arlindo Santos, Sebastião Bucco, Platonit Tarastchuk e Leocides da Gracia Vianna Junior

Suplentes convocados: Guilherme Gurski e Moisés Rodrigues de Oliveira

7ª LEGISLATURA (1973 - 1976) - Eleitos em 15-11-1972 e empossados em 31-01-1972

Prefeito: Albino Ianoski

Vereadores:

- Amílcar Rezende Dias (Presidente no biênio 1973/1974)
- Mario Victor Burko (Presidente no biênio 1975/1976)
- Leonardo Skalicz, Moisés Rodrigues de Oliveira, Júlio Vital Chaves, Sebastião Bucco, Pedro Helpa, Gregório Pelech e Platonit Tarastchuk

Suplentes convocados: Mauricio Gaspar Lopacinski, Arlindo Santos e Ladislau João Jasiocha

Curiosidade:

Por razões desconhecidas nesta Legislatura não há o registro de Vice-Prefeito eleito.

8ª LEGISLATURA (1977 - 1983) - Eleitos em 15-11-1976 e empossados em 01-02-1977

Prefeito: Leonardo Skalicz

Vice-Prefeito: Mario Victor Burko

Vereadores:

- Amílcar Rezende Dias (Presidente no biênio 77/78 e no biênio 1981/1982)
- Júlio Vital Chaves (Presidente no biênio 1979/1980)
- Pedro Helpa, Luiz Bucco, Maria Madalena Pissaia de Souza, José Tomáz de Andrade, Leopoldo Budziak, Moisés Rodrigues de Oliveira e Leonardo Mikoski.

Suplentes convocados: Ladislau João Jasiocha, que assumiu em definitivo diante da renúncia de Moisés Rodrigues de Oliveira e Osdival Neves Albini.

Curiosidade:

Pela primeira vez a Câmara Municipal de Rio Azul teve uma mulher eleita: a Vereadora Maria Madalena Pissaia de Souza

O Vereador Moisés Rodrigues de Oliveira, que havia ocupado o cargo por diversas vezes em diversas Legislaturas, acabou por renunciar no dia 23-04-1980 quando optou por fixar residência em Curitiba.

Esta Legislatura acabou tendo dois anos a mais de duração em razão da aprovação da Emenda Constitucional nº 14, de 09 de setembro de 1980, que alterou Título das Disposições Gerais e transitórias da Constituição Federal, estendendo os mandatos de prefeitos, vice-prefeitos, vereadores e suplentes até o ano de 1983.

9ª LEGISLATURA (1983 - 1988) - Eleitos em 15-11-1982 e empossados em 01-02-1983

Prefeito: Ansenor Valentim Girardi

Vice-Prefeito: Francisco Mazur

Vereadores:

- José Tomaz de Andrade (Presidente no biênio 1983/1984)
- Vicente Popovicz (Presidente no biênio 1985/1986)
- Leonardo Jasinski (Presidente no biênio 1987/1988)
- Pedro Iantas, Hamilton Durski, Adão Chochel, Júlio Vital Chaves, Mario Victor Burko e Pedro Helpa.

Suplentes convocados: Miguel Zub e João Biuhna

10ª LEGISLATURA (1989 - 1992) - Eleitos em 15-11-1988 e empossados em 01-01-1989

Prefeito: Mario Pietroski

Vice-Prefeito: Nicolau Chauszcz

Vereadores:

- Vicente Solda (Presidente no biênio 1989/1990)
- Adão Klemba (Presidente no biênio 1991/1992)
- Jaciel Bucco Martins, Arnaldo Borba Cordeiro, Maria Regina Choma, Félix Hessel Junior, André Dusanoski, José Tomaz de Andrade e David José Gurski

Suplente convocado: Leonardo Jasinski

11ª LEGISLATURA (1993 - 1996) - Eleitos em 03-10-1992 e empossados em 01-01-1993

Prefeito: Ansenor Valentim Girardi

Vice-Prefeito: Alfeu Glier

Vereadores:

- Quirino Alfredo Bucco (Presidente no biênio 1993/1994)
- André Dusanoski (Presidente no biênio 1995/1996)
- Nicolau Chauszcz, Amélia Zem Mosson, Amaury Vieira Santos, Mariano Tyski, Francisco Lesniowski, Júlio Ferreira de Andrade e Luiz Wroblewski.

Suplente convocado: Sérgio Francisco Girardi, que assumiu em 03-04-1996, a vaga deixada pelo renunciante Luiz Wroblewski

Curiosidade:

Pela primeira vez há a eleição consecutiva de uma mulher ao cargo de vereadora.

12ª LEGISLATURA (1997 - 2000) - Eleitos em 03-10-1996 e empossados em 31-12-1996

Prefeito: Vicente Solda

Vice-Prefeito: Jaciel Bucco Martins

Vereadores:

- André Dusanoski (Presidente eleito para o biênio 1997/1998 e reeleito para o biênio 1999/2000)
- Alfeu Glier, Amaury Vieira Santos, Alcibaldo Martins, Mariano Tyski, Maria Lucas Wilszek, José Fernando Malojo, Sérgio Francisco Girardi e Vismar Ribeiro.

Curiosidade:

Pela primeira vez não houve a convocação de suplentes.

O Vereador André Dusanoski, juntamente com todos os demais membros da Mesa Diretora de então foram reeleitos, mesmo não existindo esta possibilidade diante da Lei Orgânica e do Regimento interno. Houve entendimento de que prevalecia a decisão do Plenário.

13ª LEGISLATURA (2001 - 2004) - Eleitos em 01-10-2000 e empossados em 31-12-2000

Prefeito: Vicente Solda

Vice-Prefeito: Jaciel Bucco Martins

Vereadores:

- Alexandre Burko (Presidente no biênio 2001/2002)
- Vismar Ribeiro (Presidente no biênio 2003/2004)
- Alcibaldo Martins, Antonio Boni, André Dusanoski, Mariano Tyski, Sérgio Francisco Girardi, Mario Pietroski Junior e Domingos Tomas Machado.
- **Suplentes convocados:** Pedro Moacir dos Santos que assumiu a vaga deixada por Alexandre Burko e João Biuhna

Curiosidade:

Em 02-04-2003, a Câmara recebeu da Juíza Eleitoral da 62ª Zona Eleitoral, Comarca de Rebouças - Pr, comunicado informando da nulidade do Diploma expedido ao vereador Alexandre Burko em data anterior.

Pela primeira vez tivemos o Prefeito e o Vice-Prefeito reeleitos para mandato consecutivo.

14ª LEGISLATURA (2005 - 2008) - Eleitos em 03-10-2004 e empossados em 31-12-2004

Prefeito: Dr. Alexandre Burko

Vice-Prefeito: André Dusanoski

Vereadores:

- Quirino Alfredo Bucco (Presidente no biênio 2005/2006)
- Alcibaldo Martins (Presidente no biênio 2007/2008)
- Vismar Ribeiro, Pedro Moacir Santos, João Biuhna, Antonio Boni, Alfeu Glier, Antonio Galdino França Junior e Jair da Silva Pinto.

15ª LEGISLATURA (2009 - 2012) - Eleitos em 05-10-2008 e empossados em 31-12-2008

Prefeito: Vicente Solda

Vice-Prefeito: Paulo Henrique Clazer de Andrade

Vereadores:

- Sérgio Francisco Girardi (Presidente no biênio 2009/2010)
- Jane Luizi Skalisz Solda (Presidente eleita para o biênio 2011/2012)
- Jair Boni, João Biuhna, Amaury Vieira Santos, José Bialéski, André Dusanoski, João Sérgio Kovalski e Valdir Siqueira.

Curiosidade:

Pela primeira vez a Câmara Municipal de Rio Azul teve uma mulher eleita ao cargo de Presidente da Mesa, a senhora Jane Luizi Skalisz Solda.

Em 01-09-2010, uma decisão judicial determinou o afastamento do Prefeito Vicente Solda, cujo cargo foi declarado vago. Na forma da Lei, pelo Edital nº 05/2010 a Câmara Municipal convocava o Vice-Prefeito, Paulo Henrique Clazer de Andrade, para tomar posse, o que se deu a 03 de setembro de 2010. Entretanto, a 06 de agosto de 2011, atendendo ao Mandado de Recondução expedido pela Juíza Substituta da Comarca de Rebouças/PR, Dr^a Deisi Rodenwald, a Câmara Municipal providenciou que fosse reconduzido ao cargo o senhor Vicente Solda por haverem sido suspensos os efeitos da execução de sentença que o havia afastado do mesmo.

16ª LEGISLATURA (2013 - 2016) - Eleitos em 07-10-2012 e empossados em 31-12-2012

Prefeito: Sílvio Paulo Girardi

Vice-Prefeito: Antonio Galdino França Junior

Vereadores:

- Sérgio Mazur (Presidente no biênio 2013/2014)
- Leandro Jasinski (Presidente no biênio 2014/2015)
- Leonardo Kostiuczuk, Pedro Iantas, Amauri Domingues, Edson Paulo Klemba, Jane Luizi Skalisz Solda, Jair Boni e Renato Hrinzcuk.

Suplente convocado: Valdir Siqueira

Curiosidade:

Pela primeira vez uma Vereadora consegue a reeleição ao cargo.

Com a eleição do vereador Leandro Jasinski dois fatos marcam a história da Câmara. O primeiro é que foi o Vereador mais novo ao assumir o cargo aos 24 anos de idade. O segundo fato curioso tem a ver também com o mesmo vereador, uma vez que é a terceira geração da família que ocupa o cargo na Câmara. Os primeiros foram seu avô João Jasinski e o seu pai, Leonardo Jasinski.

17ª LEGISLATURA (2017 - 2020) - Eleitos em 02-10-2016 e empossados em 31-12-2016

Prefeito: Rodrigo Skalicz

Vice-Prefeito: Renato Hrinczuk

Vereadores:

- Edson Paulo Klemba (Presidente no biênio 2016/2017)
- Leandro Jasinski, Maria da Conceição Burko, Cesar Martins dos Santos, André Dusanoski, Jair Boni, Sérgio Mazur, Valdir Siqueira e Zerico José Nepomoceno.



André Dusanoski, Edson Paulo Klemba, Valdir Siqueira, Leandro Jasinski, Maria da Conceição Burko, Zerico José Nepomoceno, Cesar Martins dos Santos, Jair Boni e Sérgio Mazur.

Foto: acervo da Câmara Municipal

Curiosidade:

Pela segunda vez há a eleição consecutiva de uma mulher ao cargo de vereadora.

Ao ser eleito para esta 17ª Legislatura, o vereador André Dusanoski tornou-se o vereador recordista em número de mandatos. Foi eleito pela primeira vez para

a 10ª Legislatura (1989-1992) e depois para a 11ª, 12ª e 13ª Legislaturas. Durante a 14ª Legislatura exerceu o cargo de Vice-Prefeito. Não conseguiu eleger-se para a 16ª Legislatura, logrando êxito, porém, na seguinte e atual legislatura, completando assim seis eleições ao cargo de Vereador. Antes dele, o recordista era o Vereador Moisés Rodrigues de Oliveira, com cinco eleições.

A CÂMARA MIRIM

O Projeto Câmara Mirim foi criado através da Lei Municipal nº 773/2015, por iniciativa dos vereadores Edson Paulo Klemba e Leandro Jasinski. Executado em parceria com a Secretaria Municipal da educação e com as escolas da rede municipal de ensino, é coordenado na Câmara pela Assessora Jurídica Ingrid Hassen Maurer que tem o apoio do Secretário Executivo José Augusto Gueltes.

Além de estimular a formação de líderes, o projeto Câmara Mirim favorece o entendimento dos estudantes sobre projetos, leis e atividades inerentes à função do vereador, enquanto representante do cidadão junto ao poder público. Os estudantes são estimulados a pensar como um vereador e apresentar sugestões para a melhoria da sua rua, da comunidade, do bairro e da cidade.

Embora não tenha poderes de decisão, a Câmara Mirim, que tem Regimento Interno próprio, é um espaço para discutir propostas, defender projetos e encaminhar ideias, que poderão se tornar indicações, requerimentos ou até mesmo projetos de lei apresentado em sessões ordinárias pelos vereadores. A filosofia do Câmara Mirim baseia-se então na formação de jovens cidadãos autônomos, reflexivos e críticos, que precisam conhecer e lutar pelos seus direitos de participar da definição e concretização dos rumos da sociedade. Diferentemente do processo legislativo oficial, neste não há partido político ou disputa por bancadas. Todos os vereadores mirins escolhidos discutem juntos os projetos para melhorar a cidade, fazendo disso um verdadeiro exercício de cidadania.

OS VEREADORES MIRINS

Os Vereadores Mirins são em mesmo número dos Vereadores, ou seja, nove. A Mesa executiva (ou Mesa Diretora) é composta de um Presidente, um Vice-Presidente e um Secretário que são eleitos na primeira Sessão Ordinária do 1º e do 2º Períodos Ordinários. Cada período Ordinário equivale a um semestre.

Os Vereadores Mirins são todos alunos do 5º Ano do Ensino Fundamental, das escolas municipais da rede pública de educação e que foram eleitos no ano anterior, de acordo com o seu Regimento Interno.

Vereadores Mirins da 1ª Legislatura da Câmara Mirim (2016)

Titulares: Amanda Isabely Przybiszewski, Diego Mateus Gurski, Gabriela Marcinek Conrado, João Vitor Santos Dusanoski, Kamyła Borox, Marcela Aline Gomes, Paulo Vinicius Paloschi, Sabrina Busse Klazura e Luciano Borocz Filho.

Suplentes: (todos os que receberam votos nas eleições foram diplomados)
Alessandra Paulowski, Antonio Henrique Princival, Daniele Santos Leal, Danilo de Lima, Diego José Ciuski, Gabriel dos Santos, Geovana Maria Romanovitch, Gilson Rech Junior, Isabelli Martins Kowaleski, Jakson Fernando Borges Ribeiro Machado, Jucélio Adriano Mosson, Kauã Knaut, Letícia Gabriely Nieckacz, Letícia Gonçalves Batista, Luana Aparecida Vidal Ferreira, Lucas Alexandre Surmacz, Lucas Gabriel Martins, Maria Daiana de Paula, Maria Eduarda Ferreira de Oliveira, Maria Fernanda Cardozo Santos, Maria Luisa Silva Machado, Maria Luiza dos santos de Souza, Mariele Fillus, Taís Fátima Helpa, Tauana Aparecida Fialkowski, Tiago Bilino dos Santos, Tiago de Lima, Vinícios Cequinel, Bárbara Rayane Fiatkowski Pedroso, Kelly Stanicheski, Léo Henrique de Lima e Sofia Fialkowski Padilha.

Vereadores Mirins da 2ª Legislatura da Câmara Mirim (2017)

Titulares: Mateus Valenga, Wesley Mateus Valente, Giovani Alex Mikovski, Alessandro Borges Sampaio, Lucas Gonçalves Batista, Caroline Surmacz Plodoviski, Taline Klenk, Raissa de São Pedro Rodrigues e Maria Caroline Siqueira

Suplentes: Evikeslen Paola Bueno De Souza, Milena Aparecida Toledo Domingues, Gabriely Vitória Silva Pissaia, Jhenifer Maisa Golemba, Elton Do Vale, Diego Henrique Domingues Dos Santos, João Vitor Dos Santos, Luciano Borocz Filho e Manoel Carlos Camilio Teixeira.

Vereadores Mirins da 3ª Legislatura da Câmara Mirim (2018)

Titulares: Adir Junior De Souza, Ana Carolina Ferraz Skrzeczkowski, Ana Julia Pissaia, Emanuela Domingues, Felipe de Andrade, Felipe Dembinski, Heloísa Vitória Mikoski, Ketlyn Banardeli Vianna e Greicy Kelly Cassimiro Dos Santos.

Suplentes: não foram diplomados.

A CÂMARA DE RIO AZUL E SUAS SEDES

Ao iniciar este trabalho uma das preocupações foi conseguir saber onde a Câmara Municipal de Rio Azul funcionou antes de estar no seu prédio próprio, inaugurado em 2008.

Pela leitura das atas infelizmente não tem como precisar isso, uma vez que não fazem menção, em momento algum, sobre o local onde estava a Câmara. Tão somente registraram os responsáveis que as reuniões ou as Sessões aconteciam “em sala para este fim designado” ou “em Sala da Prefeitura” ou ainda, na “Sala de Reuniões” da Câmara.

O que se sabe com certeza é que a Câmara Municipal durante muitos anos ocupou sala na Prefeitura Municipal, provavelmente desde a retomada do regime democrático em 1947. O senhor Theodoro Surmacz que viria a ser efetivado no cargo de Secretário Administrativo em 10 de junho de 1982, já desempenha a função a algum tempo cumulativamente com outras funções a nível do Poder Executivo.



Estas duas fotografias retratam momentos distintos em reuniões acontecidas quando a Câmara funcionou no prédio da Prefeitura. O crucifixo que aparece na primeira foto está até hoje na Câmara, protegido, patrimônio histórico, uma das únicas lembranças materiais, que não documentos, que a Câmara possui em sua guarda. Fotos: Acervo Câmara Municipal

Nos arquivos da Câmara encontramos a Resolução nº 15/90, de 07 de março de 1990, que autoriza a mudança de local de funcionamento da Câmara Municipal para as dependências do Colégio Santa Terezinha, na Avenida Manoel Ribas, a partir de 01 de abril do mesmo ano, quando era Presidente o senhor Vicente Solda. A Câmara ficava no piso inferior do prédio de frente para a Avenida Manoel Ribas e ocupava dois ambientes, um deles destinado às reuniões e outro que servia para abrigar a cozinha e para guardar o que fosse necessário. Na sala do outro lado do corredor, neste tempo, funcionava o Laboratório de Análises Clínicas Santa Terezinha, do farmacêutico Felix Hessel Junior, que mais tarde viria a ser vereador.

Eram servidores nesta época o senhor Theodoro Surmacz, Secretário Administrativo e a senhorita Adriana Lewandowski. No ano de 1991, em substituição à senhorita Adriana que pediu demissão, foi contratada a sua irmã, a senhorita Giovana Lewandowski que passara a desempenhar as funções de Contadora, mas que também ficava responsável por todos os demais serviços da Casa Legislativa, exceto àqueles que cabiam ao senhor Theodoro na condição de Secretário, embora sempre ajudasse este também na execução de serviços de secretaria.

Mais tarde, em 1993, sendo Presidente o senhor Quirino Alfredo Bucco, que não concordava com o fato de a Câmara ter de pagar aluguel, conseguiu entendimentos com o então Prefeito, o senhor Ansenor Valentim Girardi e, aprovada a Resolução nº 01 daquele ano, a Câmara Municipal se instalou em prédio do Município situado na Rua Expedicionário Antonio Cação, 179, ao lado da Prefeitura, onde ficou por vários anos. Era um ambiente único, com apenas uma janela e uma porta de acesso onde tudo funcionava junto: cozinha, secretaria, plenário. A pia e um fogão de quatro bocas tinham de ficar estrategicamente escondidos atrás das bandeiras para não aparecerem. Chamavam a atenção ainda as mesas e cadeiras que eram ocupadas pelos Vereadores, as quais ainda tinham o selo do fabricante, a Fábrica de Móveis Bucco, de propriedade do senhor Sebastião Bucco, que também havia sido vereador. Estes móveis mais tarde seriam doados à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Rio Azul. Antes do início das Sessões sobre estas mesas eram colocados cinzeiros, uma vez que todos ou ao menos a maioria dos Vereadores eram fumantes. No decorrer das Sessões, café ou chá eram servidos, de acordo com o gosto de cada um. Quem assistia ficava restrito a um pequeno espaço nos fundos, ocupado por não mais que trinta cadeiras. Quando acontecia de lotar de assistentes, estes tomavam todo o pequeno espaço e quem ficava de fora valia-se da janela e da porta para poder acompanhar o que acontecia. Obviamente que, em sendo necessário algum dos vereadores ter de sair do prédio a missão era praticamente impossível. Mais tarde, quando a Secretaria Municipal de Agricultura mudou-se para outro prédio, o espaço ao lado, até então por ela ocupado foi também cedido à Câmara. Uma outra porta foi aberta interligando os dois ambientes e, por conseguinte, uma nova opção de entrada ou de saída para vereadores e funcionários que neste tempo já eram três, com a admissão, em 06 de março de 1996, do senhor José Augusto Gueltes para o desempenho das funções de Secretário Executivo.

SESSÃO NA CÂMARA MUNICIPAL NO ANO DE 1999



Da esquerda para a direita: Vereadores Sérgio Girardi, Mariano Tyski, José Fernando Malojo, Maria Lucas Wilszek, André Dusanoski (Presidente). Os servidores Giovana Lewandowski, Helton Enio Fillus (Assessor Técnico - cargo em comissão) e José Augusto Gueltes. Ainda aparece a direita o Vereador Alfeu Glier.

Foto: acervo Câmara Municipal

Em 2005, assumiu novamente como vereador o senhor Quirino Alfredo Bucco e, por escolha de seus colegas, eleito Presidente da Câmara para o biênio 2006-2007. Logo manifestou seu desejo de ver a Câmara Municipal instalada em um local próprio, um prédio mais amplo onde servidores, vereadores e o povo em geral pudessem ficar melhor acomodados. Tinha em mente que a Câmara Municipal, tida como a “Casa do Povo” deveria ter condições de oferecer a população um espaço adequado para ser não somente representada, mas também ouvida e acolhida por seus representantes. Ao contrário de outros Prefeitos que não concordavam com a ideia, pois antes já havia sido estudada a possibilidade de a Câmara vir a ter sede própria, o Prefeito de então, Dr. Alexandre Burko, que nos anteriores havia sido Vereador e também Presidente, logo demonstrou apoio ao intento do Vereador Quirino.

Na Rua Getúlio Vargas, próximo à esquina com a Avenida Manoel Ribas, tinha um lote pertencente ao Município que anos antes estava para ser doado ao Banco do Brasil. O terreno fora oferecido mas, não havendo interesse do banco, naquele momento, de estabelecer agência na cidade, a ideia foi descartada e o lote continuava sem edificação. Foi a deixa que o Vereador Quirino precisava. Já tinha o apoio do Prefeito, o terreno estava lá, desocupado, bastava então correr para legalizar a situação. Através da aprovação da Lei nº 328/2006, de 17 de maio de 2006, o lote da Rua Getúlio Vargas ficava destinado para a construção da sede própria da Câmara Municipal.

Confiados pelo Vereador Quirino Alfredo Bucco, os servidores José Augusto Gueltes e Giovana Lewandowski encarregaram-se de providenciar o necessário para que fosse feito um projeto para a construção da nova Câmara. De início o então engenheiro da Prefeitura foi procurado, pois os recursos da Câmara eram poucos e não se pretendia gastar com os serviços de engenharia. Mas a ideia não deu certo. O engenheiro apresentou um projeto que não agradou. Em um lote considerado grande, ele previa a construção de um prédio com único piso, privilegiando apenas o espaço do Plenário, uma pequena cozinha e algumas pequenas salas, o que não foi considerado ideal por não corresponder às expectativas de um prédio amplo que pudesse servir aos vereadores e também à população. Ante a necessidade de se encontrar outro engenheiro para a tarefa, a Câmara contratou os serviços da engenheira civil rioazulense Emili Andrea Pallú Ianoski. Totalmente inovador, seu projeto logo foi aprovado e começaram então as tratativas necessárias, incluindo todo o processo legal e licitatório, para que as obras fossem iniciadas.

Começava então uma árdua luta que para ser vencida precisou da união, da participação e do apoio e comprometimento do Prefeito Alexandre Burko e dos Vereadores. Passo a passo tudo começava a ser feito. E assim se passaram longos dias de trabalho, ansiedade e espera. Os recursos também não eram muitos e tudo tinha de ir sendo ajustado aos poucos sem deixar de lado o cronograma estabelecido.

Ao final do ano de 2006, as obras já haviam iniciado, mas por motivos particulares, teve de ser trocado o engenheiro, vindo a assumir a responsabilidade e dando nova roupagem ao projeto, principalmente em relação a fachada, o engenheiro iratiense Dagoberto Waidzik.

Em janeiro de 2007 era eleito o novo Presidente da Câmara. A responsabilidade foi confiada ao Vereador Alcibaldo Martins. Com o mesmo ímpeto, força de vontade, dedicação e contando com a colaboração daqueles todos que estavam ao lado de seu antecessor, colocou-se a serviço para dar continuidade ao trabalho agilizando e participando ativamente das decisões que eram necessárias. As dificuldades eram as mesmas assim como a disposição em vencê-las.

Em meados do primeiro semestre do ano de 2008 finalmente as obras já estavam por ser concluídas. Não foi uma etapa fácil de ser vencida. A empresa vencedora do processo licitatório causou muitos problemas não somente à Câmara como também para o comércio e trabalhadores locais. Apesar de ter recebido em dia todos os pagamentos, não cumpria honestamente suas obrigações com terceiros.

Chegou enfim o dia da inauguração que se deu a 28 de junho de 2008, às 16:30 horas de um sábado brusco e frio. Apesar do tempo não ter colaborado muito, mesmo assim um grande número de convidados e população em geral se fez presente para acompanhar o ato que acabou lotando a rua em frente. Para o corte simbólico da fita de inauguração foram chamados o vereador Quirino Alfredo Bucco, que foi o Presidente que deu início à obra, o vereador Alcibaldo Martins, o Presidente responsável pela sua conclusão e também o senhor Prefeito Municipal Dr. Alexandre Burko, numa forma de homenageá-lo pelo apoio que sempre dera aos Vereadores. A benção coube ao Pároco Pe Paulus Koko Tollang, da Congregação Sociedade do Verbo Divino.



O Prefeito Alexandre Burko e os Vereadores (Presidentes) Alcibaldo Martins e Quirino Alfredo Bucco cortando a fita simbólica de inauguração da sede definitiva da Câmara Municipal no ano de 2008.

Foto: acervo da Câmara Municipal



Vereadores Quirino Alfredo Bucco, Alfeu Glier, Antonio Galdino França Junior, Pedro Moacir dos Santos, Prefeito Alexandre Burko, Vismar Ribeiro, Antonio Boni, João Biuhna, Jair da Silva Pinto e Alcibaldo Martins

Foto: acervo da Câmara Municipal



A população acompanhando o ato de inauguração da Câmara em 2008.

Foto: acervo da Câmara Municipal

Logo depois da solenidade de inauguração aconteceu a primeira Sessão no novo prédio. Foi uma Sessão Solene em que diversas pessoas foram agraciadas com o título de cidadania. Receberam o título de Cidadão Honorário os senhores Nicolau Chauszcz, idealizador e fundador da APAE de Rio Azul, Mauricio Lopacinski, ex-vereador, João Borba Cordeiro, Júlio Vital Chaves, ex-Juiz de Paz e ex-Vereador, e o senhor Pedro Fusverki. O título de cidadão Benemérito de Rio Azul foi entregue à senhora Nádia Boiko Rymsza, fundadora da Associação Beneficência Católica Pe. João Salanczyk, ao artista plástico Antonio Petrek, ao senhor Osvaldo Kosciuk, à professora Laidi Soares, ao Diácono José Surmacz, ao senhor Adão Soares da Silva, ao senhor Antonio Gembaroski e aos ex-veredores Vicente Popovicz e Francisco Mazur.

A concessão da honraria está prevista no Capítulo IX, do regimento Interno da Câmara Municipal de Rio Azul. Segundo este diploma legal, o título de cidadania honorária deve ser concedido a personalidade ilustre, que pelos seus feitos em favor do município, merece ser agraciado e ser assim cidadão honorário, já que não é nascido e nem reside na cidade, via de regra. Já o título de cidadão benemérito deve ser concedido a personalidade que tendo nascido na cidade, dedica-se a causa que beneficia a população como um todo ou parcela da população através de seus serviços.

Ao longo dos anos, receberam o Título de Cidadão Honorário de Rio Azul: Paulo Cruz Pimentel, Acir Rachid, Orestes Pallú, João Mansur, Luiz Roberto Nogueira Soares, Padre João Salanczyk, Deni Lineu Schwartz, Antonio Martins Anibelli, Álvaro Dias, José Richa, Afonso Alves de Camargo e Heinz Georg Herwig, Nestor Leonides Martynetz, Leonardo Skalicz, Miguel Pedro Abib, Irmã Josefa Cziminski,

Theodoro Surmacz, Professora Ivete Padilha Estival, Aníbal Khury, Paulo Roberto Cordeiro, Fani Lerner, Jaime Lerner, Dr. Acir Rachid, Osdival Neves Albini, Padre Rodrigo Guzman de La Rosa, Vicente Solda e Mário Pietroski. E o Título de Cidadão Benemérito de Rio Azul já foi entregue ao Desembargador José Meger, ao Professor Eloy Pissaia, ao senhor Abib Miguel, à senhora Leandrina Petreski Plodoviski e ao senhor Romualdo Surmacz, idealizador e produtor da trilogia “No meu tempo era assim”.

O QUADRO DE SERVIDORES DA CÂMARA MUNICIPAL DE RIO AZUL

Por muito tempo a Câmara Municipal de Rio Azul contou apenas com um servidor (ou funcionário) que se encarregava praticamente de redigir as atas das Sessões e cuidar da comunicação com outros órgãos de governo. Importante observar que funcionava dentro do prédio da Prefeitura e, portanto, os demais serviços, como os de zeladoria e copa, provavelmente eram feitos por servidores desta.

Do conhecimento mais recente que se tem a este respeito, sabemos que foi apenas no início da década de 1990, com a contratação da senhorita Adriana Lewandowski, que a Câmara passou a dispor de dois servidores. Até então apenas o senhor Theodoro Surmacz, nomeado para o cargo de Secretário Administrativo, era quem cuidava dos trabalhos do Legislativo. E como ele próprio ainda lembra, no alto dos seus quase noventa anos de idade, tinha de fazer os serviços da Câmara e também trabalhar na Prefeitura, que àquele tempo também dispunha de poucos funcionários.

A senhorita Adriana pediu afastamento do cargo e indicou a sua irmã, Giovana Lewandowski para assumir as funções, tendo sido aceita e que passou a desempenhar a função de Contadora e também ficando responsável pelos serviços de zeladoria e copa/cozinha, pois a esta altura a Câmara já estava instalada em uma sala alugada no antigo Colégio Santa Terezinha, onde funcionou por pouco tempo. Mais tarde a sede da Câmara foi transferida para um prédio público em frente da prefeitura. O senhor Theodoro fazia os serviços de secretaria e a senhorita Giovana continuava desempenhando as funções para a qual havia sido contratada.

Os anos se passaram e o senhor Theodoro Surmacz, já com uma certa idade e sentindo-se cansado, pedia a contratação de alguém para substituí-lo nas funções de Secretário da Câmara. Em 1995 foi eleito para Presidente o vereador senhor André Dusanoski que começou a dar ouvidos aos pedidos do senhor Theodoro. Logo preocupou-se em encontrar um substituto que estivesse à altura da missão que deveria ser cumprida. Inicialmente tentou trazer alguém já com experiência, que estivesse a algum tempo trabalhando na Prefeitura exercendo cargo semelhante. Depois de algumas tentativas frustradas optou em buscar alguém de fora e para isso pediu ao Prefeito de então que lhe ajudasse. O Prefeito era o senhor Vicente Solda e este tinha conhecimento de que um ex-seminarista havia voltado para residir na cidade e que tinha algum conhecimento e certa experiência que poderiam capacitá-lo ao exercício do cargo. Assim, este que escreve, José Augusto Gueltes, foi indicado ao senhor André que, depois de uma breve conversa, propôs um período de três meses de

experiência para depois decidir se contrataria em definitivo ou não. Em 06 de março de 1996, o senhor Theodoro e a senhorita Giovana, bem como os vereadores de então, recebiam um novo companheiro de trabalho, o que se deu depois da Sessão ordinária daquele dia. Bem, parece que deu certo, tanto que vinte e dois anos depois, aqui estou contando esta história e tentando contar a história da própria Câmara Municipal.

Em 1999, por exigência legal, a Câmara foi orientada a realizar concurso público para a contratação de servidores. Primeiramente foi preciso pensar em um Plano de Cargos e Remuneração, o que acabou sendo aprovado para que o concurso tivesse fundamentação. E se era lei, o concurso tinha de ser feito. E assim aconteceu. Os servidores então tiveram alguns meses para estudarem, se aprofundarem no conhecimento das disciplinas que seriam cobradas e contando também com a experiência de alguns anos de trabalho para poderem fazer a diferença e alcançar êxito no desafio que estava à frente. Por razões desconhecidas apenas alguns poucos nomes apareceram para concorrer aos cargos de Secretário Executivo, de Contadora e de Zeladora. A cargo do concurso ficou o corpo técnico e jurídico da Prefeitura. Feitas as provas, veio o resultado que revelou a aprovação dos servidores que já estavam nos cargos e ainda a aprovação da senhora Lurdes Brek da Silva para o cargo de Zeladora, esta que viria a ser admitida somente em 2004, quando estava na presidência da Câmara o Vereador Vismar Ribeiro. A Câmara passava a contar agora com três servidores efetivos.

No ano de 2009, estando a Câmara já em seu endereço definitivo, na Rua Getúlio Vargas, em um prédio novinho inaugurado em 2008, foi realizado novo concurso público objetivando a contratação de um advogado para o cargo de Assessor Jurídico, de uma Recepcionista e de uma Auxiliar Administrativa. Em 04 de janeiro de 2010 era contratada a senhorita Rosa Veridiana Duda para o cargo de Recepcionista e no dia 1º de fevereiro a senhorita Andreia de Lima Bisiewicz para o cargo de Auxiliar Administrativo. Logo depois, no dia 03 de fevereiro, assumia as funções de Assessora Jurídica da Câmara Municipal de Rio Azul a advogada Ingrid Hassen Maurer. Em 03 de agosto de 2012, a servidora Andreia de Lima Bisiewicz pedia exoneração do cargo, o que foi aceito. Desde então a Câmara de Rio Azul conta com apenas cinco servidores efetivos. Esporadicamente, já contou com os serviços do jornalista Clayton Aristócrates Molinari Burgath, contratado temporariamente, a critério de cada Presidente que assim o desejou, para ocupar as funções de Assessor de Imprensa, cargo este de livre nomeação e exoneração (cargo comissionado).

Quadro atual de servidores:

José Augusto Gueltes - Secretário Executivo/Assessor Técnico Legislativo e Parlamentar

Giovana Lewandowski – Contadora/Departamento de Tesouraria e de Recursos Humanos

Ingrid Hassen Maurer - Assessora Jurídica/Coordenadora da Câmara Mirim

Rosa Veridiana Duda – Recepcionista/Representante na Controladoria Interna

Lurdes Brek da Silva – Zeladora/Responsável pelos serviços de copa e cozinha



Em maio de 2018: Giovana Lewandowski, Lurdes Brek da Silva, Ingrid Hassen Maurer, Rosa Veridiana Duda e José Augusto Gueltes. Foto: Marcos Antonio Maroski



O senhor Theodoro Surmacz em sua poltrona preferida. No alto dos seus 88 anos de idade completados em 15 de maio de 2018, é viúvo e pouco sai de casa em razão de problemas de saúde. Foto: Romualdo Surmacz

A CÂMARA NA INTERNET E NAS REDES SOCIAIS

O instalação do primeiro computador e da primeira impressora na Câmara de Rio Azul aconteceu em meados do ano de 1999 quando foi escolhida pelo Interlegis - Senado Federal para fazer parte de um programa que objetivava levar a tecnologia a todas as Câmaras municipais do país a fim de favorecer a comunicação e a troca de experiências entre todas as casas legislativas.

Entretanto, apesar de ter acesso à rede mundial de computadores, a Câmara somente veio a ter sua página oficial quando já estava instalada em sua sede própria e os serviços de postagem e publicação das informações estavam a cargo do assessor de imprensa, cargo ocupado por Clayton Burgath. Durante muitos anos ficou com esta responsabilidade, ora como assessor, ora contratado para este fim, além de começar a transmitir as Sessões ao vivo a partir da metade do ano de 2014.

Em 2018, depois de muita conversa, convencendo de que seria bom para a Câmara e para os vereadores, foi inaugurada uma nova página da Câmara Municipal na internet, que está no endereço eletrônico www.riozul.pr.leg.br. Com isso, graças também ao empenho do Presidente Edson Paulo Klemba, a Câmara adquiriu novos equipamentos de som e também modernos equipamentos de imagem que possibilitaram a ela própria, a Câmara, através do seus servidores efetivos e, portanto sem gastar a mais com o pagamento para terceiros, transmitir com qualidade e ao vivo as suas Sessões.

A mudança aconteceu em boa parte pelo acesso tido à ferramenta Portal Modelo que é disponibilizada pelo Interlegis e que era desejo antigo, mas que não havia encontrado resposta positiva até então para enfim firmar o convênio. O Interlegis é um programa do Senado Federal e o Portal Modelo é disponibilizado gratuitamente a todos as Câmaras Municipais e vem pronto para uso, permitindo que a Casa Legislativa crie e publique o seu próprio site na internet de forma autônoma e sem a necessidade de contratar serviços especializados, inclusive treinando um funcionário da Casa para executá-lo.

Com esta nova página eletrônica, que tem todas as funções ativas, todo cidadão rioazulense passa a ter condições de consultar com fácil acesso todas as informações disponibilizadas, como a Lei Orgânica do Município, o Regimento Interno da Câmara, o Diário Oficial Eletrônico, o Portal da Transparência, as Sessões ao Vivo e as Sessões gravadas, além de informações sobre o trabalho dos vereadores e toda a legislação municipal. Além disso, a Câmara também possui sua página na rede social Facebook e desde o mês de março de 2018, a Câmara também tem seu programa na rádio que é transmitido todo sábado no horário das 12:00 horas pela Rádio Najua de Irati-Pr, na frequência 106,9 FM.

O HINO DE RIO AZUL, A BANDEIRA E O BRASÃO DE ARMAS

O primeiro registro que encontramos a respeito do Hino do Município de Rio Azul é a menção que faz o artigo 18, da Lei nº 19/87, de 14 de dezembro de 1987, assinada pelo então Prefeito Ansenor Valentim Girardi, que dispõe sobre os símbolos

oficiais do Município de Rio Azul (Brasão de Armas, a Bandeira e o Hino Municipal). Este artigo, na verdade, autorizava contratar os serviços de um compositor ou instituir concurso entre compositores para a escolha do hino municipal.

Não se sabe ao certo o que aconteceu, mas pesquisando outras fontes e sabendo-se que o autor do Hino de Rio Azul é o mineiro Sebastião Lima, concluiu-se que o mesmo acabou sendo contratado para este fim.

Sebastião Lima, o autor do Hino de Rio Azul (letra e música), era maestro e tenente da Aeronáutica. Segundo o texto “Da boemia às portas das prefeituras”, publicado pelo Jornal Folha de Londrina, em março de 2015 (<https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/da-boemia-as-portas-das-prefeituras-911289.html>), nasceu em 1918, em Mirai (MG). Seus pais logo mudaram para o Rio de Janeiro. Depois de passagem pela boemia carioca, que lhe rendeu vários sambas gravados por artistas ilustres da época, com quem convivia no Café Nice, famoso reduto das estrelas do rádio, Lima ingressou na Aeronáutica. Até que no final dos anos 1950 foi transferido para Curitiba para fundar a Banda da Aeronáutica. Como a vida noturna curitibana deixava a desejar no fim dos Anos Dourados, o músico foi aos poucos abandonando a verve de compositor popular para se dedicar à lucrativa atividade de criar hinos municipalistas, já na década de 1970. Ele seguiu com as composições até pouco antes de morrer, em 1996.

Além dos municípios, Lima também é autor do hino do Paraná Clube em parceria com João Arnaldo e do segundo hino do Coritiba (Eterno Campeão), em parceria com Vinícius Coelho. O compositor, que era casado com Maria Gonçalves de Lima, deixou dois filhos e quatro netos. Todos ainda moram em Curitiba. A filha mais velha, Vera Gonçalves de Lima, de 66 anos, lembra com saudade das andanças do pai pelo Estado. “Quando ele entrou para a reserva, se dedicou totalmente aos hinos. Estava sempre viajando”, conta. Segundo reportagens dos anos 1980, Lima viajava com cerca de 300 fitas k7 com spots e composições para mostrar aos prefeitos.

Outra composição famosa de Sebastião Lima é “Brasil brasileiro”, samba de 1942, na linha ufanista, que associa as glórias do Brasil à ditadura de Getúlio Vargas.



Foto de Sebastião Lima (http://www.oradiodoparana.com.br/crbst_438.html)

HINO MUNICIPAL DE RIO AZUL

No planalto ondulado e verdejante,
Na paisagem mais linda que há;
Tu nasceste altivo e pujante,
Para orgulho do meu Paraná.
Meus respeitos ao heróico pioneiro.
Que lutando com alma e ardor,
Fez nascer este solo hospitaleiro,
Rio Azul terra de paz e amor.

Refrão:

Salve! Salve! Rio Azul que eu amo tanto,
Meu tesouro e meu bem querer,
Minha prece e meu acalanto,
Sou teu filho e por ti vou viver.
Oh! Sagrado Coração de Jesus,
Nos ampare e nos dê proteção,
Espargindo sobre nós a sua luz.
E no que germinar deste chão.

Rio Potinga, Rio Azul e Cachoeiras,
Os tesouros mais belos que já vi;
Irrigando estas terras altaneiras,
Protegidas pelo Pico Marumbi.
Ser teu filho para mim é uma glória,
Que será eterna em meu coração,
Siga firme pela estrada da vitória,
Rio Azul meu amado torrão.

A BANDEIRA

A bandeira de Rio Azul é de autoria de Elza Maria Zem, vencedora de um concurso instituído no ano de 1967 para este fim. o desenho original, que havia sido aprovado pelo Decreto nº 6/1967, sofreu alterações através da Lei nº 19/87. Do desenho atual temos as seguintes descrições: "O triângulo superior em cor azul representa e simboliza o céu ameno que cobre o território do Município. As estrelas que se encontram na abóbada celeste do triângulo retangular simbolizam e representam a administração do povo pelos seus governantes. O Brasão de Armas Municipal aplicado ao centro da Bandeira Municipal representa o "Poder Municipal que se expande pelo seu território". A faixa retangular em diagonal em cor verde representa e simboliza a esperança, a erva mate, as campinas e as matas, enfim, todos os produtos agrícolas que o Município 18 produz. O triângulo retangular na parte inferior em cor branca (metal prata) simboliza e representa a paz, a amizade, a harmonia, a lealdade e a religiosidade do povo de Rio Azul".



Bandeira de Rio Azul

O BRASÃO DE ARMAS

Criado pela Lei nº 19/87, foi idealizado e desenhado pelo vexilologista e heráldista Reynaldo Valascki, de conformidade com a Heráldica Municipalista Brasileira a pedido do Prefeito Ansenor Valentim Girardi, no ano de 1987. Em 2017, já no governo do prefeito Rodrigo Skalicz Solda, foi revigorado com a utilização de modernas técnicas de computação. Em 2018, pela Lei nº 910/2018, foi aprovado o Brasão comemorativo do centenário, escolhido em concurso promovido pela Prefeitura Municipal, de autoria do artista rioazulense Laércio Soares da Silva.



O Brasão em 1987



Revigorado em 2018



Brasão comemorativo

A CÂMARA NO CENTENÁRIO

Procurando comemorar de forma marcante a passagem do centenário de Rio Azul, em julho de 2017, a exatamente um ano antes das comemorações do centenário, foi criado pela Secretaria da Câmara um timbre especialmente dedicado a comemorar a data que passou a ser utilizado em todos os documentos oficiais do Legislativo. Ao final do mesmo ano, o Presidente Edson Paulo Klemba aprovou um projeto de um grande painel artístico idealizado pelo Secretário Executivo (José Augusto Gueltes) para ser disposto no Plenário da Câmara. Este painel, dividido em cinco grandes

quadros de madeira, depois de juntados, conta através de imagens do passado e do presente a história de Rio Azul. A partir de informações históricas repassadas pela Secretaria da Câmara, o painel foi executado pelos artistas rioazulenses Laércio Soares da Silva e Madalena Ianoski. Depois de pronto, com valor artístico e histórico imensurável, passou a constar do acervo de obras de arte do Poder Legislativo Municipal.

Ainda em 2017, o Presidente Edson Paulo Klemba aprovou o projeto idealizado pelo mesmo Secretário, de edição de um livro contando a história do Legislativo, mas também a história do próprio Município, uma vez que projeto semelhante, iniciado pela Prefeitura no ano anterior, não havia prosperado. O projeto de um livro de fotografias antigas idealizado para ser editado pela Câmara não foi possível em razão da pequena participação do público. Entretanto, aos poucos, depois, foi-se formando um pequeno acervo que, ao menos por enquanto, se encontra arquivado para projetos futuros.

No dia 26 de março de 2018, data do centenário da assinatura da Lei Estadual nº 1.759, pelo Presidente do Estado Affonso Alves de Camargo, que criou o Município de Rio Azul, não foi esquecida pelo Legislativo. À frente do prédio da Câmara foi estendida uma grande faixa contendo em destaque o Brasão do município e com dizeres ressaltando as conquistas e glórias do passado, os desafios do presente e o futuro promissor que todos desejam. Foi a forma encontrada de felicitar todos os rioazulenses na passagem de tão significativa data.

Faixa estendida na frente da Câmara comemorativa ao 26 de março



Além disso, a Câmara preparou uma vasta programação para o mês de julho, em que se comemora no dia 14 o centenário da instalação do Município e da própria Câmara Municipal. Foi providenciada a edição de um selo comemorativo em parceria com os Correios e, em Sessões Solenes homenageadas algumas pessoas com a outorga dos títulos de cidadãos honorários e beneméritos. Também Sessão Solene para homenagear os ex-vereadores com a outorga de título de Honra ao Mérito e outra ainda para igualmente homenagear com a entrega de Moção de Aplausos, presidente de associações e entidades diversas, além da participação de vereadores, ex-vereadores e servidores da Câmara no grande desfile comemorativo.

A HISTÓRIA DO LIVRO DO CENTENÁRIO

Ao adentrarmos neste assunto, peço licença para falar na primeira pessoa, pois o tema tem relação direta com este que vos escreve. Também peço para que voltemos um pouco no tempo.

Desde que assumi as funções de Secretário da Câmara no ano de 1996, despertei interesse em organizar e cuidar dos arquivos por entender que tinha sob minha responsabilidade documentos importantes não somente para o momento que se vivia, mas também para as futuras gerações, seja como fonte de pesquisa e informação ou para simplesmente satisfazer curiosidades. Percebi que a Câmara não dispunha de arquivo histórico e isso fez despertar uma vontade grande de buscar estes documentos pelos motivos já ditos. É claro que os documentos mais recentes estavam todos bem cuidados e adequadamente arquivados, tanto os da Secretaria que estava a cargo do senhor Theodoro Surmacz como aqueles do setor de Contabilidade e Recursos Humanos (Vereadores e servidores) que estavam a cargo da senhorita Giovana Lewandowski. Havia trabalhado muito pouco com o senhor Theodoro Surmacz. Aproximadamente um ano. E a Giovana, que havia sido admitida alguns anos antes, igualmente a mim não tinha conhecimento de onde os arquivos antigos se encontravam.

Com a sua aposentadoria do senhor Theodoro, busquei contato com o Secretário Administrativo da Prefeitura, o senhor Ceslau Wzorek. Com o passar dos dias e, depois, dos anos, conversávamos muito. Gastamos juntas muitas horas falando sobre assuntos diversos, de trabalho, sobre a Câmara e a Prefeitura, Vereadores, Prefeitos, enfim, que tivessem relação com a história de Rio Azul. Logo, uma das primeiras obras que li foi o seu livro “Rio Azul, 70 anos”. Em 2002, foi ele que me indicou o sótão da Prefeitura onde pude encontrar, já em estado lamentável, muitos livros históricos. Eram livros atas, de registros diversos. Documentos da Prefeitura e da Câmara Municipal confundindo-se entre si, alguns já tomados pelo bolor e outros que haviam sido comidos por traças ou atingidos por goteiras, o que os deixava em estado de praticamente não ser possível restaurar. Com a licença do pessoal da Prefeitura e com o apoio da Giovana, resgatamos e trouxemos aos cuidados do Legislativo os livros que por certo eram seus. Entre estas joias encontradas, o 1º Livro de Atas que registra as reuniões preparatórias para a instalação do município e, mais tarde, a posse dos primeiros Camaristas e Prefeito eleitos.

Após este resgate, as motivações aumentavam e a curiosidade cada vez mais aguçava-se. A preocupação com a falta de informação escrita para pesquisa e de documentos que pudessem ajudar a trazer à tona a nossa história começava a incomodar também. O livro “Rio Azul 70 Anos...” de Walascki e Wzorek, 1988, foi por muito tempo a única fonte de pesquisa para quem quisesse conhecer a história de Rio Azul. E estava limitado no tempo. Era preciso algo mais. Nascia aí a ideia de começar a produzir um novo livro, mas era tarefa difícil e temia por não conseguir sozinho. Era preciso contar com mais pessoas para levar o projeto adiante. Uma das primeiras pessoas com quem conversei a respeito foi a jornalista Sandra Mosson, cuja mãe havia sido Vereadora, a senhora Amélia Zem Mosson. A Sandra nesta época estava no jornal “Irati Hoje” que inclusive publicava vários textos contando um pouco da história de Rio Azul que, inclusive, fora tema do seu trabalho de conclusão de curso universitário. Assim que contei da ideia de um novo livro, de pronto ela aceitou. Com o tempo, como ainda havia muitos anos até o centenário, o assunto foi sendo esquecido.

Sempre que dava um tempo, dedicava-me a ler os livros atas encontrados. Foi depois de ter lido todas as atas e de muitas anotações terem sido feitas, que conseguimos inaugurar em 2006, quando era Presidente o Vereador Quirino Alfredo Bucco, a Galeria dos Ex-Presidentes e, junto, uma coleção de outros quadros com os nomes de todos os vereadores e respectivas Legislaturas desde 1918, disponibilizando assim, ao público, parte de nossa história. No dia da inauguração da Galeria de ex-presidentes. As fotos e os quadros foram obra do fotógrafo e grande amigo Marcos Antonio Maroski. Estes quadros com as fotos na verdade, tiveram de ser colocadas no salão nobre da Secretaria Municipal de Educação (conhecido na época como a Casa da Cultura), já que no prédio da Câmara, não havia espaço para abrigá-la. Somente com a inauguração da nova sede, em 2008, é que foram colocadas no seu local definitivo. No dia da inauguração da Galeria de ex-Presidente, estiveram presentes praticamente todos os ex-Presidentes da Câmara de Rio Azul que ainda se encontravam vivos, entre os quais, destaco, a presença do médico Dr Acir Rachid, do também médico Dr Amílcar Resende Dias, entre outros.

Voltemos ao livro!

Por volta do ano de 2013, quando estávamos a pouco mais de cinco anos das comemorações do centenário, a ideia do projeto do livro voltou a tomar força. Como trabalhava na Câmara com um computador velhinho e não tinha o costume de fazer uma cópia de segurança, certa tarde tive o desprazer de perder ao menos umas setenta páginas que havia digitado em razão de uma simples queda de energia. Ao contrário do que poderia ter acontecido, não desanimei. Além da Sandra Mosson, neste tempo já pude contar com outros amigos para virem fazer parte do projeto, todos conhecidos, recém formados, que tiveram como tema do trabalho de conclusão do curso a história de Rio Azul. Renascia com força a certeza de que faríamos algo de muito bom. Mas, infelizmente e, por motivos que aqui vou desconsiderar, naquele mesmo ano, depois de ter comentado com uma autoridade que tínhamos um projeto a desenvolver sobre a história de Rio Azul e que precisávamos do seu apoio, o assunto mereceu ser esquecido. Nosso planejamento envolvia escrever um livro a partir das informações que já dispúnhamos como o livro do Ceslau, os trabalhos de conclusão de curso universitário e as atas da Câmara, mas também ir ao encontro de pessoas mais velhas, na cidade e no interior, gravar seus depoimentos sobre diversos temas. Como dito, isso não prosperou.

Ao final de uma das comemorações cívicas na Praça Tiradentes (das quais sempre participei, inclusive muitas vezes na companhia do senhor Theodoro, da Igleci Popovicz, quando era a Secretária da Educação e de somente outros dois ou três vereadores), um autoridade do município, aquela que havia conversado na Câmara comigo e sabia do projeto do livro, anunciou a todos que estava dando início ao lançamento do Livro do Centenário, nomeando logo alguém que ali se encontrava para ser o coordenador do seu projeto. É verdade que foi um baque grande. Um desestímulo sem igual. Fui embora triste! Passados alguns dias, já considerando falecido nosso projeto, tratei logo de levar a notícia aos demais que haviam sonhado comigo.

Mas o que tem de acontecer, o destino encarrega-se de dar uma mãozinha. Vivíamos o ano de 2017 e Rio Azul já tinha um novo Prefeito e novos Vereadores. Comentava-se entre grupinhos que o livro do centenário que seria editado pela Prefeitura havia ficado de lado. Conferida a informação, levei a notícia adiante e, depois de algumas trocas de mensagens e telefonemas, consegui reunir o grupo para conversarmos. Era início de dezembro quando a primeira reunião foi feita. Eu, a Sandra Mosson, o Felipe Cheremeta, o Romualdo Surmacz, o Ivan Gapinski, o Joélcio Soares e o Rodrigo Zub acabaríamos, ao final, por aceitar o desafio de retomar o nosso projeto e lançar o livro em julho de 2018. Assim, partimos ao trabalho. Mais tarde, quando já era março, preocupado em ter uma visão mais contemporânea sobre Rio Azul em nosso livro, procurei o amigo Teobaldo Mesquita que de imediato aceitou o desafio de escrever sobre o tema. E assim se fez!

Fontes pesquisadas:

Câmara Municipal - Arquivos da Câmara Municipal de Rio Azul-Pr

Lei Orgânica do Município de Rio Azul-Pr

Regimento Interno da Câmara Municipal de Rio Azul-Pr

VALASCKI, Reynaldo; WZOREK, Ceslau. *Rio Azul 70 anos de emancipação política: de braços abertos para o amanhã*. 1. ed. Curitiba: 1988.

Wikipédia - https://pt.wikipedia.org/wiki/Poder_Legislativo_do_Brasil

Site do Senado Federal - <https://www12.senado.leg.br/institucional/arquivo>

Site da Câmara dos Deputados - <http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca>

Sites de Câmaras Municipais

Site Brasil Escola - <https://brasilecola.uol.com.br/politica/>

O MUNICÍPIO DE RIO AZUL E SUAS COMUNIDADES RURAIS – 1870 a 2018

Joélcio Gonçalves Soares

Dr. Joélcio Gonçalves Soares graduado em Turismo, pela Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO-PR, Mestre em Gestão do Território (Geografia), pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, UEPG-PR, e Doutor em Geografia, pela Universidade Federal do Paraná, UFPR. Exerceu a função de professor na Universidade Estadual do Centro-Oeste, nos anos de 2013, 2014 e 2017. Atualmente é Chefe de Gabinete e Secretário Municipal de Indústria e Comércio, na Prefeitura Municipal de Rio Azul.

Filho de Dona Dirce e do Senhor João Gonçalves Soares, é natural de Rio Azul. Viveu até seus 8 anos na comunidade de Rio Azul dos Soares, vindo posteriormente a residir na área urbana. Teve diversas oportunidades para deixar de residir em Rio Azul, tendo em vista possibilidades de trabalho, porém, sempre buscou permanecer no município, em razão do seu amor por Rio Azul e seu povo.

Em seu capítulo, Dr. Joélcio busca apresentar o município de Rio Azul e suas comunidades rurais, partindo da gênese, envolvendo aspectos socioespaciais e econômicos. Para isso, utilizou-se de pressupostos históricos, com base em bibliografia sobre o município e também sobre o Paraná. Agregou aos dados bibliográficos, outros levantados por meio de entrevistas nas comunidades, agregando dados do contexto histórico regional do município como subsídio para se aferir sobre a gênese de suas comunidades rurais, assim como, sobre as transformações que se deram no tempo e no espaço.

Quanto a estrutura do capítulo, na primeira parte apresenta-se a formação do pequeno povoado de Roxo Roiz, que deu origem ao município de Rio Azul. A segunda traz um panorama do município no que se refere à gênese e as dinâmicas das comunidades rurais a partir de enfoques específicos, envolvendo as serrarias, os portos, as etnias povoadoras e comunidades de faxinal. Na terceira se apresenta a situação atual das comunidades rurais.

1 O PEQUENO POVOADO RURAL DE ROXO ROIZ

A região onde se inicia o pequeno povoado de Roxo Roiz, atual município de Rio Azul, até por volta de 1870 era denominada Sertão do Jararaca¹. A denominação se devia ao grande número existente do réptil, que até os dias de hoje ainda existe, e pode-se dizer que em grande quantidade. As primeiras comunidades a aparecerem no espaço onde hoje se constitui o município, foram as de Butiazal e Rio Azul dos Soares (VALASCKI e WZOREK, 1988). A primeira está localizada na divisa com o município de Rebouças², ao nordeste da área urbana de Rio Azul e distante 8 km desta. Já a segunda se encontra na parte central, ao sul da área urbana e também a 8 km de distância desta. “Estes núcleos de povoação foram formados por elementos de origem portuguesa, que passaram pelas terras do município entre 1870 e 1890” (MARTYNETZ, 1973, p. 2).

Contudo, muito antes disso, a partir de meados do século XVII, já se efetuavam as primeiras penetrações na região situada no “Vale do Iguaçu, onde está hoje o território de Rio Azul, que foi outrora, nos idos tempos da colonização hispano-lusitana, parte integrante do Histórico-Reino de Guairá, quando então era região habitada pelos índios Kaigangs³” (VALASKI e WZOREK, 1988, p. 33). Estas penetrações foram efetuadas por “Bandeirantes Paulistas, que se deslocavam a procura de metais e pedras preciosas, porém tendo como escopo a preação de índios” (MARTYNETZ, 1973, p. 2).

Estes bandeirantes paulistas, também passam pelo Sertão do Jararaca, no século XVIII quando se deslocavam em:

[...] demanda dos Campos de Palmas, de grande importância econômica naquela época, e que proporcionavam elevados rendimentos com o franco crescimento da criação de gado. Tinham um caráter transitório, pois apesar da exploração da pecuária, o objetivo principal destes exploradores era a caça do índio (VALASCKI e WZOREK, 1988, p. 34).

Os bandeirantes abriram os primeiros caminhos, pelos quais transitavam o gado oriundo dos campos de Palmas com destino a São Paulo e Minas Gerais, principais mercados consumidores na época (MARTYNETZ, 1973; NADALIN, 2001).

Consta que os primeiros povoadores a se radicarem e formarem as primeiras comunidades, e posteriormente também a vila de Roxo Roiz⁴, foram Zeferino

1 Designação comum a várias espécies de répteis ofídios, crotalídeos, gênero *Bothrops*, que ocorrem em todo o Brasil, e têm presas anteriores solenóglifas, cauda afilada bruscamente, sem guizo, cabeça triangular e revestida de escamas.

2 Rebouças teve seu início na comunidade de Butiazal, posteriormente, alguns que ali residiam migram para as proximidades do local por onde passariam os trilhos da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande. Este povoado inicialmente leva o nome de Rio Azul, depois, por volta de 1902, o povoado passa a ser denominada Antonio Rebouças, em homenagem a um engenheiro que trabalhava nas obras da ferrovia. Em 1943 finalmente o nome é simplificado para Rebouças, em virtude de existir no estado de São Paulo um distrito com o nome de Antonio Rebouças (REBOUÇAS, 2011).

3 Além dos Kaigangs, que eram em maior número, habitavam e percorriam a região índios Guaranis e Xetas, segundo Valascki e Wzorek (1988).

4 Nesta época, as terras de Roxo Roiz pertenciam ao termo de São João do Triunfo, da Comarca de Palmeira. Em 27 de novembro de 1907, através do Decreto Estadual nº 461, o povoado foi elevado a

Marinho, Pedro Alves Cardoso, Cláudio Amâncio de Oliveira, Domingos Soares de Ramos, Frederico Ferreira, Joaquim Correia Lopes, Joaquim Marinho, José Lourenço Cardoso. Eles chegam entre 1870-1885 (VALASCKI e WZOREK, 1988; IBGE, 2011).

A região até por volta de 1880 não apresentava nenhum centro populacional. Contudo, em 1882⁵ inicia-se a navegação entre o Porto Amazonas e União da Vitória, a qual, como afirma Wachowicz (1995, p. 149), “[...] desenvolvia-se em todo o vale médio do Iguaçu, em terras cobertas de matas e praticamente despovoadas”. O início da navegação, vai proporcionar o desenvolvimento na região da exploração da erva-mate.

Com a finalidade de povoar o vale, ocorreria em 1890 o início da vinda de imigrantes para colônias que foram localizadas à margem direita do rio Iguaçu, já que na época a margem esquerda estava sendo disputada entre Paraná e Santa Catarina. Assim surgem as primeiras colônias, algumas delas vizinhas ao hoje território de Rio azul, sendo estas: São Mateus (1890), atual município de São Mateus do Sul, Rio Claro (1891), hoje distrito Rio Claro do Sul pertencente ao município de Mallet, Eufrosina (1892), atual distrito de Fluvópolis pertencente ao município de São Mateus do Sul, e Mallet (1896), atualmente município. Para estas predominou a vinda de imigrantes de nacionalidade polonesa e ucraniana (WACHOWICZ, 1995, pp. 149-150).

Já para Roxo Roiz, a partir de 1894 inicia-se a vinda de imigrantes poloneses, ucranianos e italianos, além de sírios-libaneses, estes em menor número, principalmente para o local onde hoje se encontra a área urbana de Rio Azul⁶. Tal vinda decorre do início das obras da estação ferroviária a partir de 1894, pois passariam por ali os trilhos da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande (VALASKI e WZOREK, 1988). Esta estrada cortava também os municípios vizinhos de Irati, Rebouças e Mallet, entre outros. Os que residiam nesta época no pequeno povoado, lutavam para sobreviver cortando as matas e fazendo dormentes para a construção da estrada de ferro, além de praticar uma agricultura de subsistência.

No entanto, o povoamento de forma mais acentuada e sistemática se inicia quando entra em operação a estrada de ferro, em 1902. Assim, “[...] ao lado da estação começaram a serem estabelecidas as primeiras residências e casas comerciais”, de forma progressiva e “com a vinda dos colonos de outras localidades, principalmente dos arredores de Curitiba que se estabeleciam na povoação e nas suas proximidades” (MARTYNETZ, 1973, p. 2).

É com o passar dos trilhos, todavia, que começa a se consolidar um pequeno povoado próximo a estação ferroviária, a qual foi denominada como Jaboticabal, tendo sua inauguração em 1902. Assim, a primeira colônia, hoje área urbana de Rio Azul, recebeu também o nome de Jaboticabal. Os nomes da estação e do povoado, porém, não se mantêm. No mesmo ano, a localidade e a estação rece-

distrito, denominada Distrito do Rio Cachoeira, passando a pertencer ao Termo de Santo Antonio de Imituva, da Comarca de Ponta Grossa (MARTYNETZ, 1973, p. 2).

5 Mais detalhes em Bach (2006, p. 24).

6 As terras onde atualmente situa-se a área urbana de Rio Azul, foram outrora de propriedade de Elizeu de Campos Mello e de sua esposa, Ubaldina Batista de Campos Mello, os quais doaram as terras para estabelecimento das primeiras residências e início da área urbana (MARTYNETZ, 1973).

bem a denominação de Roxo Roiz⁷. Isso ocorreu devido a uma homenagem feita ao engenheiro que chefiava os serviços da estrada de ferro na região (VALASKI e WZOREK, 1988).

Contudo, o povoado veria o maior número de imigrantes chegar para integrá-lo a partir de 1908, quando ocorre o segundo ciclo migratório para a região⁸. Segundo Wachowicz (1995), a mesma dinâmica ocorre nos municípios vizinhos de Irati (1908) e Cruz Machado (1910). Nesta imigração predominou a vinda de poloneses⁹, ucranianos e alemães. Contudo, para o povoado de Roxo Roiz predominou a vinda de poloneses a partir de 1908.

No que se refere ao povoado rural de Roxo Roiz, “[...] Os imigrantes vinham de localidades próximas de Curitiba, como Araucária, Lapa, Campo Largo e Lagoa das Almas. Esses pioneiros requeriam terras na região, junto ao presidente da Província¹⁰ do Estado do Paraná” (VALASCKI e WZOREK, 1988, p. 35). Assim, começam a se deslocar para as terras cedidas pelo estado, deixando os locais onde haviam ficado quando da chegada ao Brasil. A maioria deles se deslocavam até Roxo Roiz de trem, alguns vinham transportados pelos barcos a vapor, saindo de Porto Amazonas e chegando até os portos próximos a Roxo Roiz, e também em comunidades vizinhas, tendo também os que vieram em suas carroças, desbravando o sertão e com muita luta chegando até o povoado (p. 35).

De acordo com dados do Plano Diretor de Rio Azul (RIO AZUL, 2009), a partir de 1902, com a ferrovia operando, o transporte ficou facilitado e, assim, atraiu a instalação de atividades comerciais e industriais para o povoado. Em 1907 ele se tornou Distrito Policial e em 1913 foi elevado à categoria de Distrito Judiciário. Por essa época ocorreu um grande fluxo populacional à região, atraídos pelas atividades de extração da madeira e da erva-mate, bem como, pelas atividades agropastoris. Este crescimento se dá, principalmente, devido à busca, por parte dos países platinos, pela erva-mate paranaense, uma vez que estes passavam por problemas políticos,

7 Antonio Roxo de Rodrigues era engenheiro, conhecido também como *Roxo Roiz*. Foi presidente e acionista majoritário da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande entre 1899 e 1906, quando vendeu suas ações para a Brazil Railway (VALASCKI e WZOREK, 1988, p. 142).

8 Pode-se observar que são dois períodos da imigração na região, um próximo a 1890 e outro em 1907. Isso se dá, pois “Em 1885, a revolução federalista paralisou o serviço de imigração para o estado; este somente foi retomado em 1907, quando ocorreu um surto, que foi denominado de novas colônias federais” (WACHOWICZ, 1995, p. 150, grifo do autor). Cabe salientar que Rio Azul, na época ainda Distrito do Rio Cachoeira, não foi uma destas novas colônias, como ocorre com os municípios vizinhos. Não houve planejamento e criação de colônias, a vinda dos imigrantes e o povoamento se deu de forma esporádica, tendo como grande influência o fenômeno que ocorria nos municípios vizinhos.

9 Estes imigrantes fundaram no território do Distrito de Rio Cachoeira a Colônia Rio Azul, na área ao leste do centro do distrito, a beira do Rio Azul, o qual deu nome à colônia. Contudo, o distrito até se tornar município e posteriormente a isso, passa por várias denominações, sendo: entre 1907 e 1913, Distrito Policial do Rio Cachoeira; de 1913 até o início de 1918, Distrito Judiciário de Roxo Roiz; de 1918 (passa a município) a 1920, Vila de Roxo Roiz; de 1920 a 1929, Vila de Marumby; e depois de 1929, Rio Azul. A mudança do nome para Rio Azul faz com que a comunidade tenha que mudar sua denominação, já que a sede do município teria a mesma denominação. Assim ela passa a ser conhecida como Barra do Rio Azul (ROXO ROIZ, 1924, p. 8-34; MARUMBY, 1930, p.44; IBGE, 2011).

10 “O período provincial do Paraná teve uma duração de 36 anos, desde 1853 até 1889, quando o Brasil aderiu ao regime republicano de governo” (WACHOWICZ, 1995, p. 121). Sendo assim, podem ter ocorridos requerimentos antes de 1889, mas como o início da vinda se dá em 1894, pode ser que muitos dos requerimentos tenham sido feitos no momento em que o Paraná já havia deixado de ser província.

o que os impossibilitava de adquirirem o produto em mercados fronteiriços. Isto ocasiona, também na região de Roxo Roiz, o aumento da sua exploração, já que o mercado platino oferecia preços compensadores (MARTYNETZ, 1973).

A exploração da erva-mate, “desencadeia um surto progressista, que aliado à extração madeireira e às atividades agropastoris, com as produções escoadas pela estrada de ferro”, faz com que a região seja favorecida na questão econômica, “havendo um elevado aumento populacional com o influxo de imigrantes” (MARTYNETZ, 1973, p. 3).

Outro fator que teve grande importância no desenvolvimento da comunidade rio-azulense, desde sua gênese até por volta de 1940¹¹, foi o segundo modal de transporte, por onde saíram inúmeras cargas de erva-mate beneficiada em barbaquás e madeira serrada, entre outros produtos, sendo também utilizado no transporte de pessoas. Esse modal é o referente à navegação com barcos a vapor¹².

A área do município, em sua divisa com Rebouças (leste) e São Mateus do Sul (sul), tem como ponto divisor o Rio Potinga. Segundo Bach (2006, p. 28), este rio possuía 110 km navegáveis. A profundidade média era de seis metros, por quarenta metros de largura. Neste rio:

[...] Realizava-se a navegação com vapor de pequeno calado, a remo, a varejão, com lancha a motor e com balsas puxadas por cabo de aço. No Potinga, além do Porto Soares, não existiam vilas ou cidades ao longo de suas margens, mas pequenos portos de carga e descarga de erva-mate e madeira (BACH, 2006, p. 28).

Ao longo desta área navegável existia ainda o Porto Mineiros. Ele ficava na comunidade de Barra do Rio Azul, ao leste vila de Roxo Roiz, e o Porto Cortiça, próximo às comunidades de Charqueada e Cortiça, na porção ao sul do município¹³, na divisa com o Município de São Mateus do Sul (VALASCKI e WZOREK, 1988).

Desta forma, o transporte fluvial vem a beneficiar a porção leste e sudeste do município. Grande parte do que era produzido nas comunidades aí localizadas era vendido e posteriormente transportado até os pólos de beneficiamento, em São Mateus do Sul, Porto Amazonas e União da Vitória, por meio deste modal (BARRETO, 2009).

Outro fato relevante concerne à povoação nas proximidades destes portos, que deram origem a algumas comunidades. Por meio dos barcos a vapor vieram também inúmeros imigrantes e migrantes, que se estabelecem na área rural de Roxo

11 Segundo Bach (2006, p. 24), o primeiro vapor a navegar no Rio Iguaçu foi o denominado Cruzeiro, no ano de 1882. De toda forma, não se sabe ao certo em que ano se inicia a navegação no Rio Potinga.

12 Segundo Barreto (2009, p. 59), o transporte hidroviário estava ativo até a década de 1940, uma vez que, nesta época, os portos do Rio Iguaçu, entre eles o de São Mateus do Sul, que recebia as cargas de erva mate e madeira dos portos de Rio Azul, já havia encerrado suas atividades.

13 Parte da porção sul do que hoje constitui o território de Rio Azul pertencia a São Mateus do Sul. Eram as comunidades de Invernada, Soares, Cortiça e Charqueada e onde se encontrava o Porto Soares. Contudo essa situação muda em 1938, quando pelo Decreto/Lei Estadual n.º 7573 de 20 de outubro de 1938 esta área denominada distrito de Soares passa a fazer parte de Rio Azul. Ficaria assim, o município constituído dos distritos Rio Azul e Soares. A situação muda novamente pela Lei Estadual n.º 7518, de 05 de novembro de 1981, quando é extinto o distrito de Soares e o município passa a ser constituído somente do distrito sede Rio Azul (IBGE, 2011).

Roiz, fazendo com que o povoado fosse beneficiado e crescesse, com o que, posteriormente, viria a possibilidade de ser emancipado.

Este progresso que o pequeno povoado vinha assistindo fez com que surgisse entre seus membros o desejo pela emancipação, para torná-lo município. Isso ocorreria no ano de 1918, quando é desmembrado do Termo de São João do Triunfo e seu território deixa de ser chamar Distrito do Rio Cachoeira, passando a denominação de Município de Roxo Roiz (VALASCKI e WZOREK, 1988, p. 71).

Mesmo tendo apontado vários fatores que tiveram influência na formação do povoado de Roxo Roiz, ainda cabe salientar sobre um dos vetores que fez com que o povoado rural crescesse e se desenvolvesse, e assim chegasse a sua emancipação. Este vetor diz respeito às madeireiras, que operavam na pequena vila e na área rural, pois, uma vez tendo meios de transporte para escoamento da produção e havendo mercado para a madeira, começam a se instalar várias serrarias tanto na área urbana como na área rural. Isso gera um grande movimento, juntamente com a exploração da erva-mate. O Quadro 1 apresenta as serrarias que estavam situadas na vila de Roxo Roiz¹⁴.

Serraria/ Proprietário
Felippe Abrahão
Jacob Burko
Camargo Kulka e Cia
Adelermo Camargo
Cordeiro Souza e Cia
P.A. Exportadora Sonyro
Estanislau Ostrawski Madeiras
Paulo Herman Madeiras
Felipe Jaconucci Madeiras

Fonte: LLIIPRR (1919-1938) Org.: SOARES, J. G.

Quadro 1 - Serrarias situadas na vila de Roxo Roiz (1910-1940)

No Quadro 1 são apresentadas as nove serrarias, estas que estavam localizadas e operando no povoado entre 1910 até meados da década de 1940. Elas exploravam a madeira das comunidades mais próximas ao pequeno povoado, e sua produção era escoada pela estrada de ferro. Pequena parte era comercializada para as construções na vila e também na área rural. As principais madeiras exploradas eram a araucária, a imbuia, o cedro e o sassafrás (LLIIPRR, 1919-1938; VALASCKI e WZOREK, 1988).

O segundo vetor se refere à exploração da erva-mate, que juntamente com a exploração madeireira, traz muitas riquezas ao povoado de Roxo Roiz. Nos

¹⁴ As madeireiras da área rural são citadas na seção que segue, onde se trata mais especificamente destas e seu papel na gênese de algumas comunidades.

pequenos núcleos de povoação, na área rural do município como um todo, havia uma grande produção de erva-mate. O produto era abundante naquelas matas ainda virgens e, sendo assim, as famílias que possuíam porções de terra com mata para exploração, tinham seu barbaquá de beneficiamento. A erva-mate, até a década de 1950-1960, mesmo tendo oscilações negativas e positivas dependendo da época, representava a atividade econômica que gerava a maior parte da renda das famílias rurais de Rio Azul.

Esta erva-mate, geralmente, era vendida a um negociante e este fazia a transação final no que concerne a venda e transporte, via linha férrea para Curitiba ou União da Vitória, ou pelos vapores para São Mateus do Sul, onde havia o porto de descarga e infra-estrutura de beneficiamento (BACH, 2006; BARRETO, 2009).

Além das atividades já citadas, como a erva-mate e a madeira, a localidade era conhecida por volta de 1910-1930 devido à existência de uma grande indústria de palhões, que serviam para proteger vasilhames de vidro. Os agricultores vendiam as palhas do milho que produziam para a empresa, gerando uma renda complementar. A fábrica, uma das mais prestigiadas do ramo no estado, levava o nome de Roxo Roiz e trazia inúmeros benefícios ao povoado, como geração de emprego e renda, e também contribuindo para o seu desenvolvimento (VALASCKI e WZOREK, 1988).

Havia também, distribuídos nas colônias polonesas/ucranianas e também na área do povoado, um grande número de moinhos de trigo e centeio. A produção era tanto para consumo próprio como para venda. A comercialização se dava na localidade e comunidades, mas também fora destas, sendo transportados por meio da estrada de ferro e pelos barcos a vapor (LLIIPRR, 1919-1938).

Pode-se citar também, com base no Livro de Lançamento de Impostos Industriais e Profissões de Roxo Roiz (1919-1938), outras atividades que eram desenvolvidas nesta época, tais como: ferreiros, seleiros, sapateiros, alfaiates, hotelaria, padaria, tabernas, negociantes (venda/troca de produtos alimentícios e outros), barbearia e açougue. Os estabelecimentos estavam distribuídos na pequena vila e também nas comunidades rurais.

Sendo assim, observando as considerações apontadas, pode-se afirmar que os dois modais de transporte, o ferroviário e o fluvial, tiveram um papel fundamental na criação e crescimento da comunidade de Roxo Roiz. Tal crescimento deu-se tanto na área rural como na pequena vila, pois possibilitaram o povoamento, e por conseqüência, a exploração dos potenciais que a região apresentava, servindo ainda como canais de escoamento destes produtos para as localidades consumidoras e exportadoras.

Certamente o transporte fluvial teve sua influência na porção por onde operava, ou seja, na parte leste e sudeste do atual município de Rio Azul. Assim como levava produtos da área rural, por meio dele também vinham produtos que eram deixados nos portos, onde eram negociados e passados às pessoas, que tinham suas pequenas bodegas e armazéns nas comunidades próximas.

O transporte ferroviário foi primordial na formação do povoado donde se originaria a área urbana de Rio Azul, com a aglomeração de residências e casas comerciais nas proximidades da estação. Cabe ressaltar que, por meio deste, vieram centenas de imigrantes que residiam em regiões próximas a Curitiba. Grande parte

destes buscava as áreas rurais do município, que por meio da exploração mais intensiva das matas, com o corte da madeira e o trabalho com a erva-mate, se radicavam e começavam a dar origem no que hoje se constituem as comunidades rurais.

Partindo destes pressupostos até então apresentados, que dão as bases do contexto no qual se cria o pequeno povoado de Roxo Roiz, parte-se agora, mais especificamente, para uma análise das suas comunidades rurais, onde buscar-se-á apresentar fatores que influenciaram na sua gênese, enfocando ainda a questão da formação dos faxinais no meio rural rioazulense.

2 ENTRE COLÔNIAS E FAXINAIS: A GÊNESE DAS COMUNIDADES RURAIS

Na seção anterior pode-se observar que Rio Azul tem seu início atrelado, principalmente, a ferrovia. Esta passa a operar a partir de 1902 e faz com que se crie o pequeno povoado nas proximidades da estação. Este primeiramente teria a denominação de Roxo Roiz e Marumby, até ser denominado Rio Azul, o que constitui hoje sua área urbana. Teve também no transporte fluvial, um forte ponto de desenvolvimento, contudo este mais atuante no que concerne a origem de algumas comunidades rurais, sobretudo na porção do município que por este era afetada.

Tem-se também a exploração madeireira e da erva-mate, com seu papel primordial no que se refere à formação dos núcleos rurais para exploração destes recursos. A existência de meios de escoamento da produção para fora do município, trem e barco, facilitou o incremento destas atividades.

Contudo, no que tange a área rural de Rio Azul, além dos caboclos que por ali residiam, os imigrantes tiveram um papel primordial, principalmente quando da vinda de poloneses, ucranianos e italianos que se deslocavam para os espaços ainda não explorados, e iniciavam suas atividades. Nestes, eles logo começam a construção de residências, formando assim pequenos núcleos, que mais tarde dariam origem a parte das comunidades rurais que até hoje existem. Estando instalados, começam suas práticas agrícolas, além da extração de madeira e erva-mate. Passam também a desenvolver a criação de gado e suínos, entre outros animais, além de aves (VALASCKI e WZOREK, 1988).

A maior parte destes imigrantes chega no povoado a partir de 1908. Uma parte menor, aí não só de imigrantes mas também de migrantes, tiveram sua chegada entre 1895 e 1900. Vieram para Roxo Roiz após terem fixado residência em outros locais, nos quais já haviam começado a desenvolver atividades. Diferente dos que chegam a partir de 1908, que vão buscar no corte da mata, exploração da erva-mate e na agricultura suas bases, principalmente na área rural, estes primeiros desbravadores, em sua maioria, já chegam aqui com o objetivo de trabalhar com atividades comerciais. São estes que abrem os primeiros armazéns, as primeiras serrarias e os primeiros pontos de compra da erva-mate na vila, os denominados negociantes.

Como citam Valascki e Wzorek (1988, p. 69):

Ao lado das atividades extrativas de erva-mate apareceram outros grandes empreendimentos que proporcionavam bons lucros. A fer-

tilidade do solo atraiu para Roxo Roiz uma considerável quantidade de imigrantes de origem polonesa e ucraniana que se dedicaram à indústria extrativa de erva-mate, à agricultura, desenvolviam criações de gado e em especial a criação de suínos. [...] Aumentavam assim a população e progresso econômico de Roxo Roiz. Para se dedicar ao comércio e indústria madeireira, imigraram famílias sírias, libanesas, e italianas vindas da região de Curitiba.

Observa-se, assim, que os que possuíam mais recursos, como é o caso dos sírios, libaneses e italianos, acabam ficando na área urbana. Alguns vão para a área rural do povoado, mas tendo o mesmo objetivo, nesse caso, o de montar suas serrarias e explorar as matas, não só no que se refere ao corte da madeira, mas também na extração da erva-mate. Estes seriam os grandes empreendimentos.

Neste eixo tomado, é que se passa a apresentar os fatores de influência para existência de algumas comunidades, mas especificamente, no que se refere a sua gênese. Primeiro ocorre uma apresentação das serrarias na área rural de Roxo Roiz e sua influência na gênese das comunidades. Segue a discussão com a apresentação das comunidades rurais e suas etnias povoadoras. Ao final, é apresentada a dinâmica que ocorre, onde as pequenas colônias passam a faxinais com uso comum.

2.1 AS SERRARIAS E SUA INFLUÊNCIA NA GÊNESE DAS COMUNIDADES RURAIS

Primeiramente, efetuando-se uma análise da porção ao leste da área urbana, tem-se a ela atrelada a questão das serrarias, bem como, dos portos de carga e descarga no Rio Potinga. De início, cabe salientar que observa-se que algumas serrarias tinham localização estratégica, levando-se em conta a localização dos portos que existiam na área rural a nordeste e leste da área urbana do atual município de Rio Azul. Estas inferências podem ser observadas na Figura 1.

Nota-se que as serrarias 1 e 2, da família Pissaia, ficavam mais próximas aos portos Soares e Cortiça. A produção destas serrarias tinha como destino o estado de São Paulo e, também, grande parte era exportada para Argentina pelo Porto de Paranaguá. Cabe salientar que mesmo tendo proximidade aos portos fluviais locais, o transporte ferroviário era o mais utilizado para envio da produção. Esta chegava a 240 vagões/ano somente pela serraria existente em Cortiça (VIDA PRINCESINA, 1943, p. 67).

Levantou-se, por meio de entrevistas, que a serraria 4, de Saladino do Vale, apesar de estar situada distante dos portos, escoava uma parte da produção pelo Porto Soares. Quanto à produção das serrarias de Felipe Abrahão e Jacob Pissaia, a mesma era trazida para a pequena vila, de onde partia pela estrada de ferro. A serraria dos Irmãos Curi, localizada na comunidade de Barra do Rio Azul, passa a operar a partir de 1926, passando em 1932 a ser de propriedade de Angelo Sguário. Nota-se que esta também tinha localização estratégica, pois ficava próxima ao Porto Mineiros (LLIIPRR, 1919-1938).

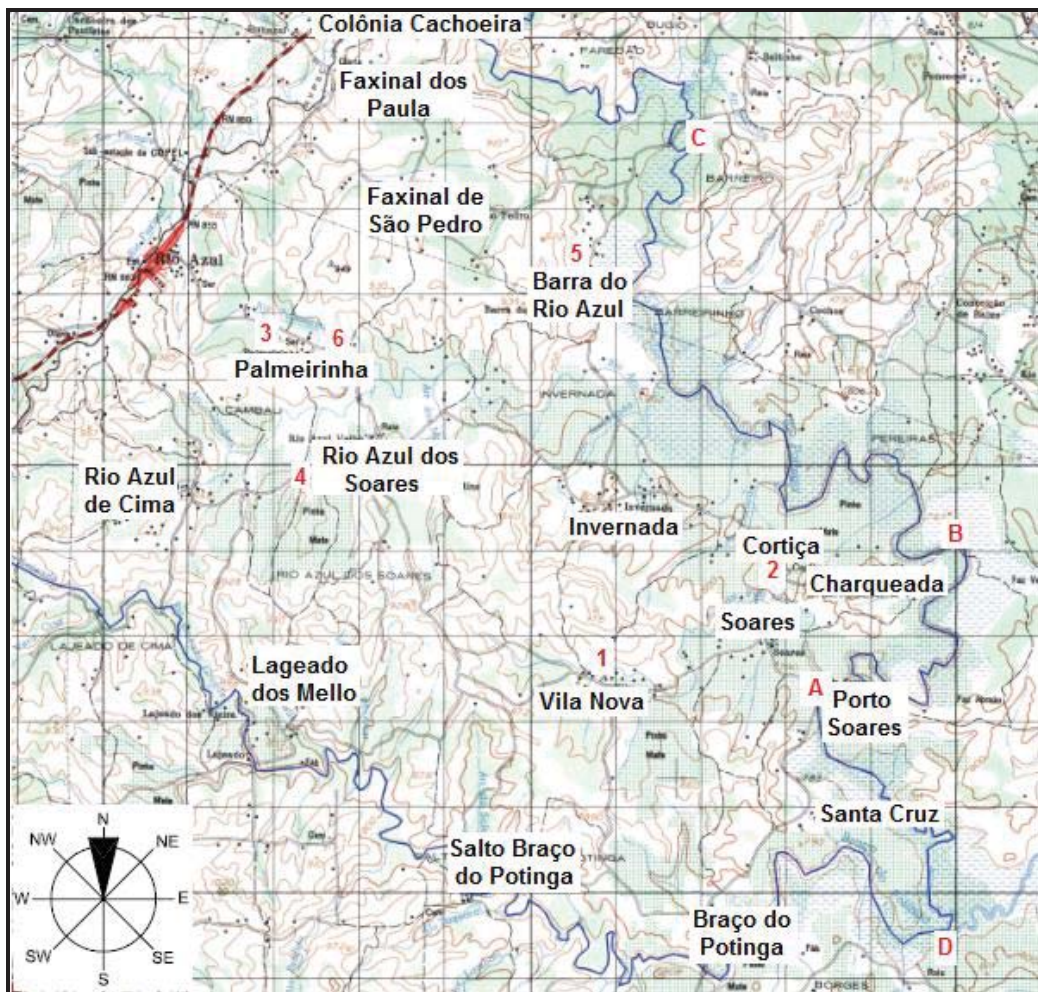


Figura 1 - Localização dos Portos e Serrarias na porção leste e sudeste de Rio Azul (1919-1938)

Legenda:

— Divisas do município de Rio Azul.

A – Porto Soares; B – Porto Cortiça; C – Porto Mineiros; D – Porto Braço do Potinga¹⁵.

- 1 – Serraria da Família Pissaia na comunidade Vila Nova.
- 2 – Serraria da Família Pissaia na comunidade de Cortiça/Charqueada.
- 3 – Serraria de Felipe Abrahão na comunidade de Palmeirinha.
- 4 – Serraria de Saladino do Vale na comunidade de Rio Azul dos Soares.
- 5 – Serraria Irmãos Curi/Angelo Sguário comunidade de Barra do Rio Azul.
- 6 – Serraria de Jacob Pissaia na comunidade de Palmeirinha.

Fonte: Adaptado de Carta Rebouças (BRASIL,1973). Dados de localização dos portos e localização e propriedade das serrarias, levantados por meio de entrevistas e com base em LLIIPRR (1919-1938).

Org.: SOARES, J. G.

15 Bach (2006, p. 487) apresenta uma tabela com os portos e com as taxas que eram cobradas para transporte, partindo de cada um destes. Assim, nesta ele acaba citando “Porto Soares e Braço do Potinga” e os referidos valores. Braço do Potinga é um rio que deságua no Potinga, na parte citada (D) da Figura

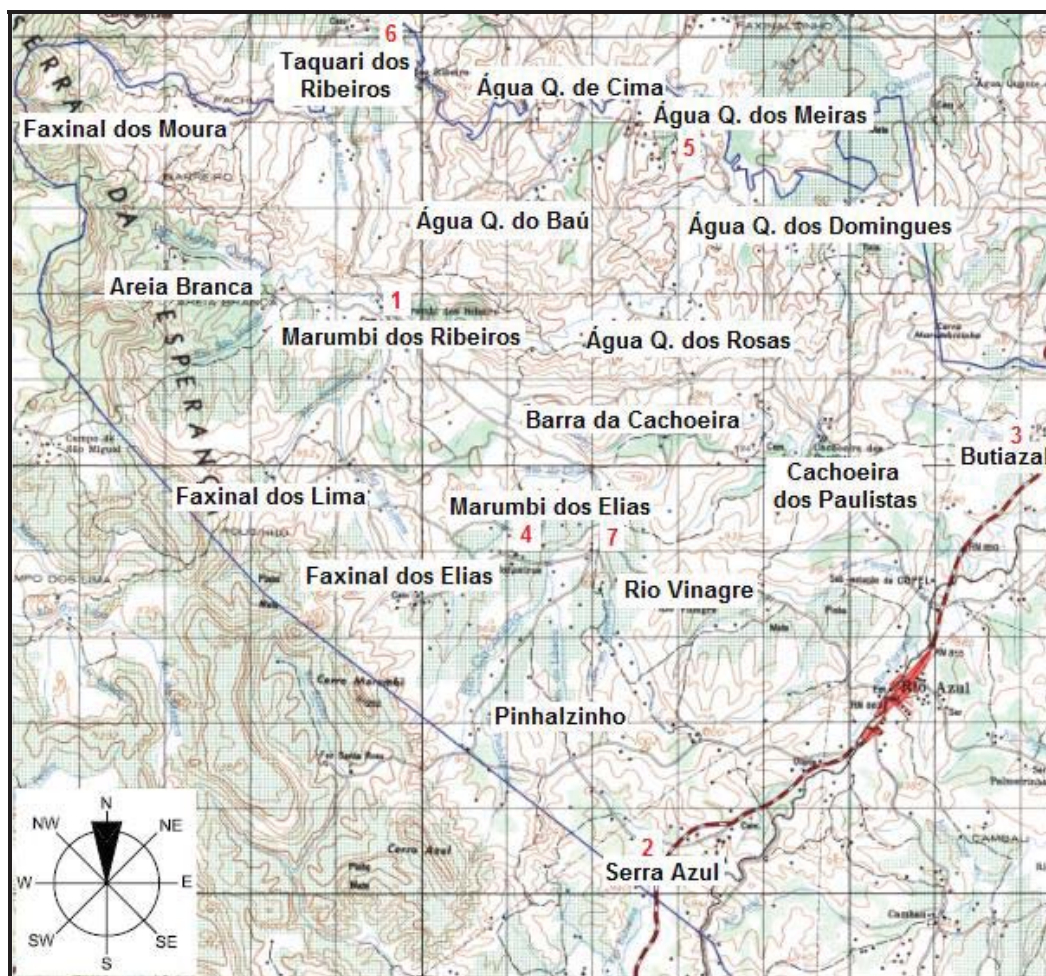


Figura 2 - Localização das Serrarias na porção oeste e noroeste de Rio Azul (1919-1938)

Legenda:

— Divisas do município de Rio Azul.

- 1 – Serraria de Dr. Elizeu de Campos Mello na comunidade de Marumbi dos Ribeiros.
- 2 – Serraria de Dr. Elizeu de Campos Mello na comunidade de Serra Azul.
- 3 – Serraria de Caetano Zarpelon e Irmãos na comunidade de Butiazal.
- 4 – Serraria de Francisco Gluszczyński na comunidade de Marumbi dos Elías.
- 5 – Serraria de Francisco Lazzari na comunidade de Água Quente dos Meiras.
- 6 – Serraria de Maluceli e Cia na comunidade de Taquari.
- 7 – Serraria de R. Souza e Cia na comunidade de Marumbi dos Elías.

Fonte: Adaptado de Carta Rebouças (BRASIL, 1973). Dados sobre a localização e propriedade das serrarias levantados por meio de entrevistas e com base em LLIIPRR (1919-1938).

Org.: SOARES, J. G.

5. Sendo assim, trata-se de uma evidência, que ali pode ter existido mais um porto de carga, no ponto de deságüe do Rio Braço do Potinga no Rio Potinga.

Percebe-se que a área de influência destas serrarias e destes portos era grande, uma vez que havia 6 serrarias e 4 portos dentro de uma porção territorial que hoje tem 17 comunidades¹⁶.

Observando a Figura 2, nota-se a existência de 7 serrarias na porção noroeste, oeste e sudoeste do município. A produção destas era trazida até a área urbana e escoada pela estrada de ferro. Estas serrarias iniciam suas atividades mais tarde que as da porção sul do município (LLIIPRR, 1919-1938). Como na outra porção do município, pode-se inferir que estas influíram na dinâmica de criação de algumas comunidades.

Cabe salientar que juntamente com as serrarias, tanto as apontadas na Figura 1, como as da Figura 2, as famílias pioneiras instalavam barbaquás. Sendo assim, eram atividades conjuntas, ou seja, no momento que se explorava a madeira, também ocorria a exploração da erva-mate.

O transporte dos produtos até os portos, assim como até a estação ferroviária na área urbana, era feito em “carroções até por volta 1930/1940, [...] estes que foram introduzidas pelos Alemães do Volga, e depois passaram a ser utilizados também por ucranianos e poloneses”. Estes carroções “tinham características de origem eslava, quatro rodas, grandes dimensões e construção muito forte” (BACH, 2005, pp. 124-125). Posteriormente, começam a surgir os primeiros caminhões, adquiridos pelos madeireiros.

A partir da apresentação efetuada, no que se refere ao ramo madeireiro e sua influência na gênese das primeiras comunidades, e ainda, a partir de entrevistas efetuadas, pode-se inferir sobre uma série de premissas e hipóteses do que ocorreu nestes locais.

A primeira se refere à questão do trabalho de corte da madeira, que exigia mão de obra. Esta mão de obra era formada por caboclos que já residiam na região, e também pelos imigrantes. Estes trabalhadores acabam, pelo seu vínculo ao trabalho, tendo que residir nas proximidades das serrarias, muitas vezes nos terrenos do proprietário da serraria. Essa dinâmica tem papel fundamental na formação dos primeiros grupos de vizinhança nas localidades onde estas serrarias atuavam e que se tornariam comunidades que permanecem até hoje.

O corte da madeira começa a gerar os primeiros espaços abertos, e isso vinha de encontro com a necessidade dos colonos, que precisavam de locais para o plantio de gêneros alimentícios e cereais. Assim, como a atividade madeireira vai diminuindo, vão aumentando as atividades agropecuárias, permanecendo a ervateira.

Com o passar dos anos a população aumenta e vai se dedicando as atividades de agricultura e também de pecuária. Estas serrarias no interior do município operam entre as décadas de 1910 e 1950, no caso, até se esgotarem as reservas de madeira que existiam nas suas proximidades. Uma vez sem matéria prima, estas são fechadas, ficando, muitas vezes, um grande número de casas de trabalhadores, que normalmente se tornariam agregados ou camaradas daqueles que residiam nas comunidades que tinham o faxinal como forma de organização. Estes iriam morar

16 Pela divisão administrativa do município existem nesta porção da área rural somente 14 comunidades, não entram as de Santa Cruz, Charqueada e Cortiça, sendo estas consideradas parte de outra comunidade. De toda forma, os membros integrantes destas, as têm como suas comunidades. Para estes, elas não são parte de outra comunidade, como apregoa a divisão administrativa.

nos criadouros e trabalhar para aqueles que tinham terras e matas, labutando na agricultura e na extração da erva-mate. Outra parte destes se dirige para a vila em busca de trabalho.

Sendo assim, no que se refere às serrarias, elas tiveram parte importante na gênese das comunidades. Na porção sudeste, criam-se as comunidades de Vila Nova, Cortiça, Charqueada, Rio Azul dos Soares (com pouca influência, pois a serraria vem depois de já existir um povoado nesta comunidade, uma das primeiras do município), Palmeirinha e Barra do Rio Azul. Já na porção noroeste criam-se as comunidades de Marumbi dos Ribeiros, Marumbi dos Elías, Faxinal dos Elías, Água Quente dos Meiras, Butiazal e Serra Azul.

No que se refere à porção a leste da área urbana, é importante lembrar dos portos. Estes influenciam na formação das comunidades de Cortiça e Porto Soares. Nas proximidades do Porto Mineiros localizado na comunidade de Barra do Rio Azul, nota-se que trata-se de uma área pouco povoada, onde este elemento não teve influência na formação de núcleos de povoamento.

Essa dinâmica concernente aos portos ocorre devido à necessidade que se tinha de galpões para armazenamento de erva-mate e madeira, além de barbaquás para beneficiamento, bem como, de outras atividades no que se refere à compra e venda de cereais e também ao transporte de pessoas. Com isso, muitas famílias fixam residência nas proximidades dos portos para poder trabalhar no armazenamento de produtos, carga e descarga. Tem-se, assim, o início das comunidades de Porto Soares, Cortiça e Charqueada, as quais formavam o Distrito de Soares, que pertencia ao município de São Mateus até 1938, quando passa a ser parte de Rio Azul.

A comunidade de Soares tem sua origem atrelada à formação deste distrito, onde havia uma grande exploração de erva-mate. O povoado era habitado por caboclos, que viviam por meio desta atividade. Todas as comunidades próximas a de Soares eram núcleos com forte influência cabocla. Contudo, ao adentrarem etnias para o povoamento das comunidades, assiste-se a uma nova dinâmica, que comporá um segundo eixo de análise visando explicar a gênese das comunidades.

A comunidade de Braço do Potinga, que segundo os dados de Bach (2006), pode ter abrigado também um porto de carga/descarga, não tem seu povoamento atrelado apenas à questão do porto, já que seu povoamento foi influenciado pela imigração, como poderá se observar com mais detalhes na seção seguinte, que trata da gênese das comunidades a partir das etnias povoadoras.

2.2 A GÊNESE DAS COMUNIDADES E SUAS ETNIAS POVOADORAS

A região onde está localizado o município de Rio Azul foi alvo de imigrações planejadas e não planejadas pelo governo. No que concerne a imigrações planejadas essas ocorreram em municípios que tem divisas com a área rural de Rio Azul. Wachowicz (1995, p. 150) afirma que a partir de 1890 se inicia através do transporte fluvial no Rio Iguazu, a localização das primeiras colônias de imigrantes. As primeiras colônias formadas foram as de São Mateus (1890), hoje município de São Mateus do Sul, e Mallet (1896) atual município de Mallet. Trata-se do primeiro ciclo organizado

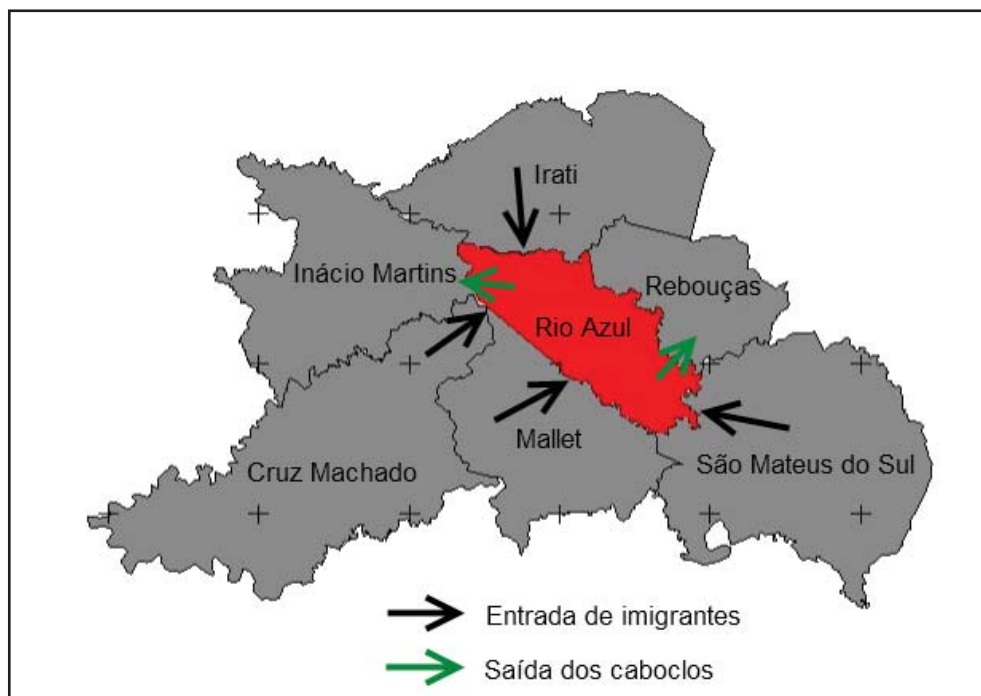
de imigração que ocorreu na região. As colônias foram povoadas principalmente com elementos de origem polonesa e ucraniana.

Houve um segundo momento, no qual veio um maior número de imigrantes à região. Esta divisão em dois períodos ocorreu por que “em 1885 a revolução federalista paralisou o serviço de imigração para o estado; este somente foi retomado em 1907, quando ocorreu um surto, que foi denominado de *novas colônias federais*” (WACHOWICZ, 1995, p. 150, grifo do autor). Neste segundo ciclo surgiram nas divisas com o município de Rio Azul, as colônias Irati (1908) e Cruz Machado (1910). Os imigrantes que predominaram nesta vinda foram os poloneses e ucranianos.

Nesta segunda etapa da imigração, além dos imigrantes serem dirigidos às novas colônias, eles também eram mandados às colônias já existentes, anteriormente citadas, fundadas durante o primeiro ciclo migratório.

Ao observar a Figura 3, com a localização de Rio Azul e seus municípios vizinhos, pode-se notar onde se deu a imigração organizada pelo governo na região. Sendo assim, os municípios que receberam correntes migratórias organizadas pelo governo, que tem divisas a Rio Azul, foram Mallet, Irati, São Mateus do Sul e Cruz Machado.

Na Figura 3 pode-se observar também, através da representação com as setas, tanto a dinâmica de entrada dos imigrantes e migrantes, como a de saída dos caboclos. Estes se viram obrigados a deixar as terras que habitavam por não possuírem a propriedade da terra e nem documentos que comprovassem seus direitos sobre o espaço que ocupavam, algo que não ocorria com os imigrantes, que recebiam do governo documentos de seus lotes.



Fonte: Adaptado de Barbosa (2007) Org.: SOARES, J. G.

Figura 3 - Dinâmica populacional entre Rio Azul e seus municípios limítrofes

Para o município de Rio Azul ocorre a vinda de imigrantes, que normalmente adquiriam terras junto a uma subsidiária da companhia que administrava a estrada de ferro, denominada *Southern Brazil Lumber and Colonisation Company*. Esta subsidiária tinha terras devido a contratos firmados com o governo do Paraná, antes e durante a construção e operação da ferrovia. Em um dos decretos que regeu a construção da ferrovia tinha uma cláusula estipulando que a companhia que construísse a estrada de ferro teria direito sobre as terras nacionais e devolutas numa faixa de 15 quilômetros de cada lado da ferrovia (LUZ, 2006¹⁷).

Sendo assim, em Rio Azul, na época Sertão do Jararaca, foram várias as faixas de terras que ficaram nas mãos da companhia da estrada de ferro, tendo esta um papel de administradora, no que concerne a divisão de lotes rurais e ao assentamento dos colonos. Portanto, a própria companhia assumia também o papel de agente da colonização. Algumas comunidades nas quais esta companhia conseguiu a posse de parte das terras e as revendeu, foram as de Faxinal dos Paula, Colônia Cachoeira e Rio Azul de Cima (DSJ, 1910-1950).

No que se refere às terras na área onde se localiza o município de Rio Azul, nota-se ainda que havia a dominância de um grande latifundiário, Dr. Eliseu de Campos Mello¹⁸, que também passou a comercializar terras. Importante frisar, que grande parte da atual área urbana de Rio Azul foi doada por este, depois da construção da estação ferroviária, para que fossem nestes terrenos instaladas atividades comerciais. Nota-se, através da análise em um livro de registros de compra e venda de lotes urbanos e rurais de Rio Azul, intitulado *Divisão do Sertão do Jararaca*, que as terras deste latifundiário estavam situadas, em sua maioria, na porção ao oeste, noroeste e sudoeste da área urbana (DSJ, 1910-1950).

Sendo assim, pode-se inferir sobre alguns aspectos da vinda e localização dos imigrantes para Rio Azul, na época ainda denominado Roxo Roiz. Primeiro, havia o interesse por parte da companhia *Southern Brazil Lumber and Colonisation Company* na venda das terras. Segundo, havia também o interesse do latifundiário Dr. Eliseu de Campos Mello, que incentivava a criação da vila com a doação dos terrenos. Para o latifundiário, a criação do pequeno povoado significaria um negócio promissor, já que existindo o povoado, a área rural começaria a ser explorada e suas terras seriam valorizadas.

Desta forma, a imigração em Rio Azul, mesmo não sendo planejada pelo governo, como ocorreu nos municípios vizinhos já citados, ocorreu por meio dessa organização, que tinha como agente principal a própria companhia da estrada de ferro. Tal fato possibilitou a vinda de um grande número de pessoas e, assim, o desenvolvimento daquela pequena vila. A ferrovia foi a principal base estrutural do povoado desde sua gênese, o qual tornou-se município de Roxo Roiz em 1918.

Assim, após esta breve explanação sobre o contexto que envolveu Rio Azul em sua gênese no que se refere à imigração e sua influência e dinâmica na região, parte-se a seguir para a análise das comunidades, tomando o enfoque da origem destas e suas etnias povoadoras.

17 Para mais detalhes sobre as estratégias de implantação da estrada de ferro, vide Luz (2006, pp. 62-80).

18 Dr. Eliseu de Campos Mello foi prefeito do município de Ponta Grossa, deputado estadual, fundador e proprietário do jornal "Diário dos Campos" de Ponta Grossa-PR (VALASCKI e WZOREK, 1988, p. 44).

Novamente serão utilizadas figuras com a finalidade de poder explicar o processo de povoamento, assim como a dinâmica de influência dos municípios vizinhos e de sua colonização. Primeiramente seguem as considerações acerca da porção ao leste, nordeste e sudeste da área urbana do município (Figura 4).

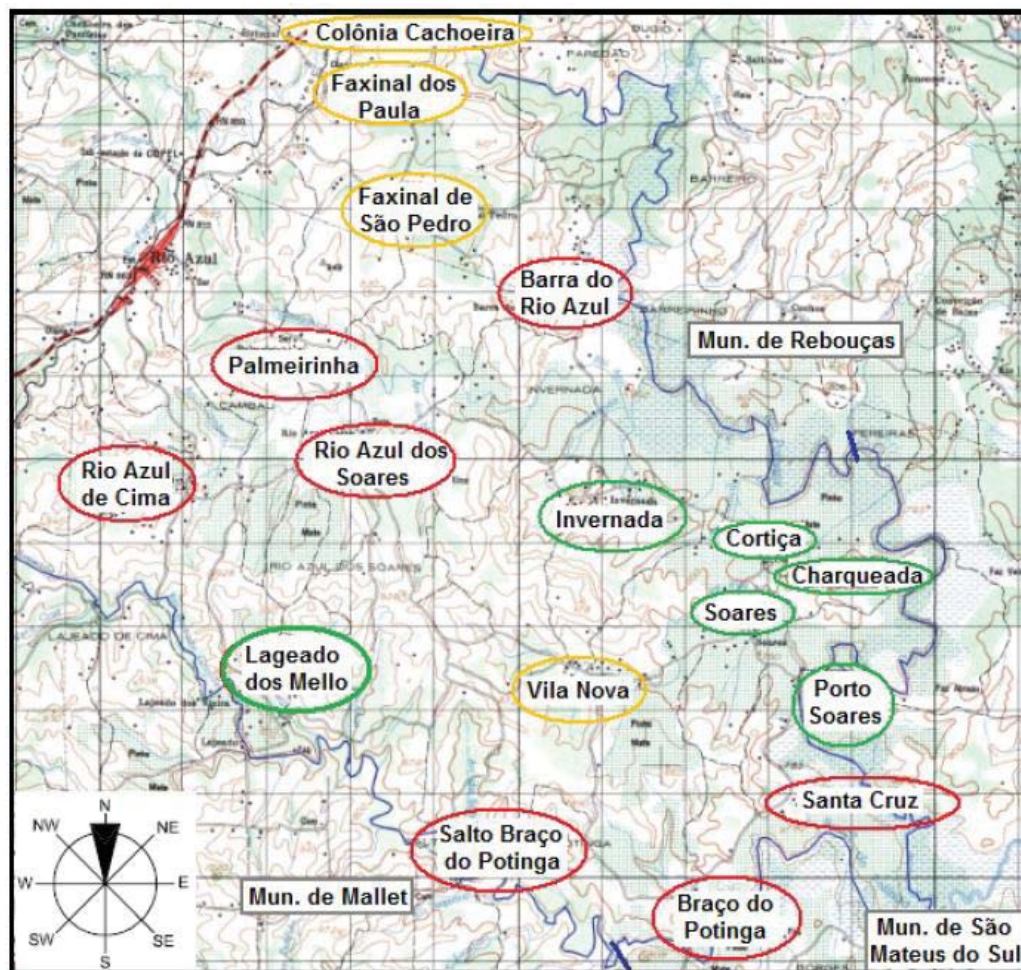


Figura 4 - Comunidades rurais segundo a origem étnica de seus povoadores na porção a leste, nordeste e sudeste da área urbana de Rio Azul

Legenda:

- Divisas do município de Rio Azul.
- Elementos de origem variada, entre poloneses, ucranianos, caboclos e italianos.
- Predominância de elementos de origem cabocla, tendo outras etnias.
- Predominância de elementos de origem polonesa, tendo outras etnias.

Fonte: Adaptado de Carta Rebouças (BRASIL,1973). Dados sobre as etnias levantados por meio de entrevistas e com base em Valascki e Wzorek (1988, p. 150) e Martynetz (1973. Org.: SOARES, J. G.

Como nota-se na Figura 4, das 17 comunidades desta porção do município, 7 delas são povoadas predominantemente por integrantes de origem polonesa, tendo

também membros de outras etnias. Já em 6 delas, há uma predominância da origem cabocla, tendo nestas ainda integrantes poloneses, ucranianos e italianos. Em 4 delas, há uma forte mistura de elementos de origem polonesa, ucraniana, italiana e cabocla. Tem-se assim, a predominância da etnia polonesa nesta porção rural do município.

Ainda podem ser tecidas algumas considerações acerca da influência das divisas do município, que se buscou apontar na Figura 3. Como se pode observar, as comunidades com predominância de poloneses - Salto Braço do Potinga, Braço do Potinga e Santa Cruz¹⁹ - tem sua gênese atreladas a das colônias que ficam no município de Mallet. Neste ocorreu uma divisão em lotes, os quais eram denominados colônias, sendo cinco existentes. Estas, como já citado anteriormente, foram organizadas pelo governo, onde predominou o assentamento de elementos poloneses.

Nos relatos de membros das comunidades, percebe-se que os imigrantes, muitas vezes, chegavam nas colônias em Mallet, mas posteriormente, pelos terrenos serem de um relevo bastante acidentado, ou ainda improdutivos, uma vez que não haviam formas de correção do solo na época - como o calcário por exemplo - e alguns tendo problemas com a documentação, eles buscavam outras terras. Isso acabou gerando um fluxo para o município de Rio Azul, refletindo na formação de comunidades que tiveram sua gênese atrelada em parte a esta ocupação pelos imigrantes.

Outro fato que deve ser ressaltado, é que tanto a comunidade de Lageado dos Melo, com predominância de caboclos, como a de Salto Braço do Potinga são contíguas com as comunidades de Mallet, a primeira com a comunidade de Lageado de Baixo, com predominância de poloneses e a segunda com a de Colônia V, também constituída por poloneses. Há uma divisão administrativa, contudo para os membros não há distinção. Pela divisão administrativa são comunidades distintas, contudo, entre os membros as relações se dão na forma de uma comunidade única, pois há dependência por parte dos dois lados, onde se utilizam de uma mesma estrutura.

Já nas comunidades de Rio Azul de Cima, Rio Azul dos Soares, Palmeirinha e Barra do Rio Azul, com predominância de poloneses, nota-se que estas foram tomadas por imigrantes que vieram via estrada de ferro. Todavia, há nestas também alguns integrantes que migraram das comunidades supracitadas que tem divisa com o município de Mallet.

As comunidades com predominância de membros de origem cabocla têm uma dinâmica diferenciada. Como já salientado anteriormente, as comunidades de Invernada, Soares, Porto Soares, Cortiça e Charqueada faziam parte do município de São Mateus do Sul, até 1938, quando este distrito de Soares passa a ser parte de Rio Azul. Ao tomar os relatos dos entrevistados nestas comunidades, conclui-se que elas foram povoadas antes mesmo de Rio Azul dos Soares e Butiazal, que são ditas como as primeiras comunidades de Rio Azul. Considerando que o Distrito de Soares é anexado a Rio Azul em 1938, estas não faziam parte do município quando da sua

¹⁹ Straube e Urben-Filho (2006, p. 32), em seu dicionário geográfico das expedições zoológicas polonesas no Paraná, apresentam uma série de lugares por onde o ornitólogo Tadeuz Chrostowski, havia passado e efetuado coletas para seus estudos. Dentre estes locais eles citam o denominado Santa Cruz, no município de Rio Azul, onde havia uma colônia de imigrantes poloneses. Sua passagem por Santa Cruz foi entre 1910 e 1911.

criação (DSJ, 1910-1950; VALASCKI e WZOREK, 1988).

De toda forma, o município de São Mateus do Sul foi criado anteriormente ao de Rio Azul, no ano de 1908. Sua gênese esta fortemente atrelada à questão da navegação no Rio Iguçu e a extração e beneficiamento de erva-mate (BACH, 2006). Este município foi um dos maiores centros ervateiros da região, pois ali foram instaladas várias unidades de beneficiamento do produto (BARRETO, 2009). Nota-se que estas comunidades já se encontravam povoadas anteriormente ao maior surto de povoamento em Rio Azul, entre 1900 e 1920. Elas existiam com os portos em operação e com forte exploração da erva-mate.

Tais comunidades foram povoadas, portanto, antes do período de imigração, tendo fluxo de pessoas vindas da região de São Mateus do Sul e São João do Triunfo, fluxo este da etnia luso-brasileira, ou seja, dos chamados caboclos (SAHR, 2005). Contudo, elas recebem posteriormente pessoas de outras origens étnicas, principalmente imigrantes poloneses, ucranianos e italianos. Um fato interessante é que a exploração madeireira nestas comunidades se inicia quando os imigrantes italianos chegam em Rio Azul, entre 1900 e 1910. Estes adquirem alguns terrenos nestes locais, isso por volta de 1910, e criam a serraria da família Pissaia (vide Figura 1, serraria nº 2) (DSJ, 1910-1950).

Já a comunidade de Lageado dos Mello, também com maioria cabocla, nota-se que ela fica em meio a comunidades de origem polonesa, tendo ainda no município de Mallet, a comunidade vizinha de Lageado de Baixo onde predominam os ucranianos. Contudo ela não sofre influência das divisas. Infere-se que está predominância de caboclos ocorre, uma vez que Lageado dos Mello começou a ser povoada por volta de 1880, antes do momento que ocorre a imigração. Sendo assim, ali se reuniram várias famílias desta etnia, principalmente da família Mello que somavam 16 famílias, onde foi criado o faxinal. Sendo assim, quando ocorreu a imigração a comunidade já estava povoada pelos elementos caboclos. As terras da comunidade eram devolutas, e foram requeridas e loteadas por elementos de origem cabocla. Os imigrantes chegam em Lageado dos Mello a partir de 1920, sendo estes em sua maioria ucranianos. Contudo, mesmo com esta vinda, a comunidade permaneceu com maioria cabocla (FERREIRA, 2008, p. 51).

A comunidade de Vila Nova, estando em meio a essas várias comunidades, acaba tendo influências diversas. Assim, a mesma foi povoada por elementos de origem polonesa, ucraniana, italiana, assim como pelos caboclos que estavam ali quando da chegada destes imigrantes.

Fato parecido ocorreu com as comunidades de Faxinal de São Pedro, Faxinal dos Paulas e Colônia Cachoeira, onde também existe esta influência variada. Sobre estas comunidades, cabe salientar que elas eram cortadas pela estrada de ferro e isso também teve influência na sua origem. Nelas ocorria uma forte produção de dormentes, que eram utilizados na construção da ferrovia, o que também impulsionou seu povoamento.

Parte-se a seguir, para apresentação das comunidades rurais situadas a noroeste, oeste e sudoeste da área urbana do município (Figura 5).

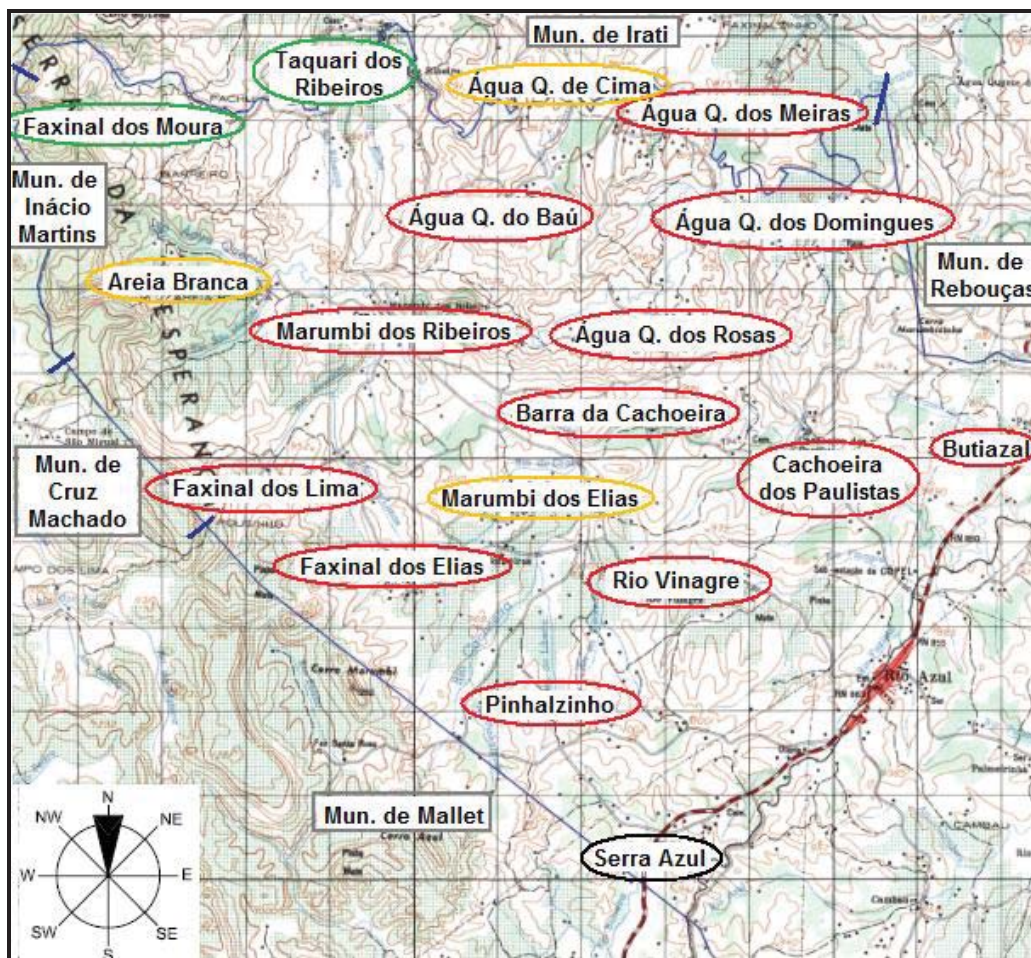


Figura 5 - Comunidades rurais segundo a origem étnica de seus povoadores na porção a noroeste, oeste e sudoeste da área urbana de Rio Azul

Legenda:

- Divisas do município de Rio Azul.
- Elementos de origem variada, entre poloneses, ucranianos, caboclos e italianos.
- Predominância de elementos de origem cabocla, tendo outras etnias.
- Predominância de elementos de origem polonesa, tendo outras etnias.
- Predominância de elementos de origem ucraniana.

Fonte: Adaptado de Carta Rebouças (BRASIL, 1973). Dados sobre as etnias levantados por meio de entrevistas, e com base Valascki e Wzorek (1988, p. 150) e Martynetz (1973).

Org.: SOARES, J. G.

Como pode-se observar na Figura 5, das 18 comunidades existentes na porção ao noroeste, oeste e sudoeste da área urbana do município, 12 delas tiveram como principal etnia povoadora a polonesa, 3 tiveram origem variada tendo poloneses, ucranianos, caboclos e italianos, e 2 apresentaram predominância de caboclos. Um caso único no município é comunidade de Serra Azul, que apresenta maioria de ucranianos.

A maioria das comunidades foi alvo da imigração, com os poloneses, ucranianos e italianos. Aqui ocorre a dinâmica no que se refere às áreas de terreno de propriedade do Dr. Eliseu de Campos Mello. Os terrenos se estendiam até a comunidade de Marumbi dos Ribeiros, que como pôde-se observar na Figura 2, trata-se da porção do município com serrarias, uma delas de propriedade de Campos Melo. Sendo assim, a porção de terra que a ele pertencia foi vendida aos imigrantes que ali chegaram, fazendo com que predominasse a existência de comunidades com origem polonesa, como as de Rio Vinagre, Cachoeira dos Paulistas, Barra da Cachoeira e Pinhalzinho. Todas foram alvo da imigração, povoadas principalmente por poloneses. Campos Mello tinha também uma serraria em Serra Azul, onde se forma a comunidade de predominância de ucranianos.

O povoamento desta porção do município também teve influência das divisas da área rural com os municípios que receberam imigração organizada pelo governo. O município de Irati fica na divisa com as comunidades de Água Quente dos Meiras e Água Quente de Cima e o município de Mallet na divisa com as comunidades de Pinhalzinho, Faxinal dos Elias e Serra Azul. Estas comunidades, como pôde-se levantar por meio das entrevistas, receberam migrantes dos municípios vizinhos, principalmente poloneses e ucranianos.

Um fato que cabe ressaltar, é sobre a saída destes imigrantes das colônias formadas pelo governo, tanto em direção ao município de Rio Azul, como também para outros municípios da região. Na época que ocorreu a imigração, não existiam produtos para correção do solo, como o calcário por exemplo. Muitas das terras que eram repassadas pelo governo, fato que nota-se que aconteceu no município de Mallet, eram improdutivas, ou apresentavam um relevo onde o trabalho se tornava difícil. Não havendo como sobreviver nestes terrenos, muitos os deixavam e vinham para Rio Azul, que ainda estava sendo povoado. Eles se estabeleciam em terras onde pudessem produzir seus alimentos, e assim viver de forma mais digna. Muitas destas terras, como se observa no livro de Divisão do Sertão do Jararaca (DSJ, 1910 - 1950), foram adquiridas ou trocadas por outras terras, e em grande parte dos registros consta que as terras foram adquiridas do Sr. Eliseu de Campos Mello.

Na divisa de Rio Azul com o município de Cruz Machado, este que também teve a imigração organizada pelo governo, pode-se inferir que não ocorreu a vinda de imigrantes eslavos, mas de caboclos para a comunidade de Soares, após a chegada dos eslavos naquela colônia. Nesta porção sudeste do município encontram-se as comunidades de Soares, Cortiça e Charqueada, que como se observa na Figura 4, predominam os caboclos.

As comunidades de Taquari dos Ribeiros²⁰ e Faxinal dos Mouras tiveram em sua gênese o predomínio de caboclos. Fato interessante é que estas comunidades fazem divisa com Inácio Martins, que é um município povoado por maioria cabocla, tendo vários faxinais caboclos ainda ativos e com suas manifestações culturais bastante preservadas.

Tem-se 3 comunidades onde ocorreu uma mescla de etnias. Trata-se de Areia Branca, Água Quente de Cima e Marumbi dos Elias. Estas ficam entre as comunidades de predominância polonesa e as de caboclos, fato que pode ter levado as

20 Os dados sobre as etnias nesta comunidade foram levantados com base em Barbosa (2007).

mesmas a se configurar desta forma. A comunidade de Marumbi dos Elías teve uma dinâmica interessante. Nessa havia um grande proprietário de terras de origem luso-brasileira, da família Cordeiro, que chegou na década de 1880 trazendo com ele parte de sua família. Assim, embora em sua gênese a comunidade tenha essa influência cabocla, a partir de 1905-1910 passa a ser ocupada por imigrantes ucranianos e poloneses, aos quais tanto a família Cordeiro como o Dr. Eliseu de Campos Mello revendem suas terras em pequenos lotes.

Esta comunidade em sua gênese era chamada de Faxinal dos Elias. Como se observa na Figura 5, hoje a comunidade, que divisa com a de Marumbi dos Elías, leva também essa denominação. Elas eram uma só comunidade, contudo, quando ocorreu a divisão do município em Quarteirões (1920), o que se acredita que culminou com o cercamento dos criadouros comuns dos faxinais pelo fato destes terem áreas ser muito extensa, a comunidade foi dividida. Ela passou a pertencer a dois quarteirões distintos, e com isso, com o passar do tempo, se tornam duas comunidades. Isso ocorre, uma vez que se formaram dois grandes núcleos de povoamento no centro de cada um dos quarteirões, conhecidos também como criadouros comunitários. A porção de Faxinal dos Elias é povoada mais tarde, e assim, teve predominância dos imigrantes poloneses. Dinâmica semelhante aconteceu no Faxinal dos Lima, o qual em sua gênese era conhecido como quarteirão dos Lima.

As comunidades de Água Quente dos Meiras, das Rosas, dos Domingues e do Baú, constituíam uma porção de terra denominada como Água Quente e Santa Cruz da Água Quente. Água Quente é o nome do principal rio que corta estas comunidades. Segundo os dados levantados nas entrevistas, esta porção de terras foi requerida na década de 1880 ao governo do Paraná pelas famílias Meira, Rosa e Domingues, tendo os lotes áreas de 300 a 400 alqueires. Assim, cada família iniciou suas atividades em seu lote, todavia, ao longo do tempo ocorre um fenômeno parecido com o da comunidade de Marumbi dos Elías, onde os imigrantes começam a chegar e foram adquirindo terras das famílias que as haviam requerido.

No entanto, outro fato que se constatou é que muitos imigrantes que haviam sido estabelecidos pelo governo em Irati se desfizeram de suas terras, grande parte destes residia na localidade de Guamirim que faz divisa com o município de Rio Azul. Estes acabaram comprando lotes de terras melhores para planta, passando a residir nas comunidades de Água Quente dos Meiras, das Rosas, dos Domingues e do Baú. O município de Irati, na divisa com Rio Azul, recebeu a imigração organizada pelo governo a partir de 1907.

A comunidade de Água Quente do Baú teria sido também mais um lote de terras requeridas ao governo, contudo, os membros da comunidade não souberam explicar que família fez o requerimento, até por que é uma comunidade pequena, pouco povoada. Há alguns que afirmam que as terras pertenciam a uma empresa madeireira, mas não se tem certeza sobre isso. Quanto ao seu nome, leva a denominação do Rio Água Quente. Quanto à denominação Baú, há uma lenda contada pelos moradores mais antigos, que na porção de terras da comunidade havia um baú no curso do Rio Água Quente, que seria um objeto deixado pelos jesuítas, e que nele havia um grande tesouro. De toda forma, nunca ninguém conseguiu abrir ou tirar o baú do rio. Por tanto se falar na lenda do baú, a comunidade acabou levando o termo em sua denominação.

A comunidade de Butiazal era também parte da extensão de terras de Eliseu de Campos Mello. Nota-se, a partir da análise do livro de registro (DSJ, 1910 - 1950), que havia faixas de terra nessa comunidade que por serem terras devolutas passaram a fazer parte do patrimônio da empresa que operava a estrada de ferro. Os registros fazem várias menções de compras de lotes efetuadas junto a companhia *Southern Brazil Lumber and Colonisation Company*. A comunidade tem predominância de poloneses.

Ainda quanto à comunidade de Butiazal, cabe salientar que ela foi uma das primeiras comunidades do município, junto com Rio Azul dos Soares. Ela era habitada, primeiramente, por pessoas de origem luso-brasileira. Contudo, a maioria destes deixou a comunidade quando ocorreu a construção da estrada de ferro, indo residir tanto nas proximidades da Estação Antonio Rebouças, onde se formaria mais tarde a área urbana do município de Rebouças, como também nas proximidades da Estação de Roxo Roiz, onde, como já salientado, começaria a se formar o núcleo urbano de Rio Azul (REBOUÇAS, 2011; VALASCKI e WZOREK, 1988).

Com a passagem da ferrovia, as terras passam a serem exploradas através da venda para os imigrantes, tanto pela *Southern Brazil Lumber and Colonisation Company*, como pelo Sr. Eliseu de Campos Mello. Assim, muitos dos caboclos que ali residiam não tinham como comprovar que eram donos das terras, sendo obrigados a deixá-las, uma vez que os imigrantes iriam começar a povoá-las. Estes caboclos passaram a ser parte da mão de obra que construiria a ferrovia, fazendo dormentes, trabalhando para aqueles que tinham matas para cortar, e também cortando lenha para ser comercializada com a companhia da estrada de ferro, para tocar os trens a vapor.

Tendo-se apresentado as etnias e suas dinâmicas no povoamento da área rural de Rio Azul, passa-se agora a seção que busca apresentar como estas grandes extensões de terra passaram de pequenos núcleos de povoamento a comunidades de faxinal, apresentando uma forma particular de organização do uso da terra. Todavia, antes que chegassem a configuração de apresentar terras de criar cercadas, porção conhecida como criadouro comum, e terras de plantar que ficam fora do criadouro, algumas transformações ocorrem. Estas serão apresentadas na seção que segue.

2.3 DE PEQUENAS COLÔNIAS A COMUNIDADES DE FAXINAL

Tendo em vista os dados apresentados nas seções anteriores, infere-se que as comunidades do município têm sua gênese atrelada a várias dinâmicas, sejam elas a questão das serrarias e da porção que constituía o distrito de Soares, a imigração que veio propriamente a Roxo Roiz via estrada de ferro, e ainda a migração que ocorre dos municípios vizinhos de comunidade para comunidade. Observou-se também, comunidades com a predominância de caboclos, poloneses ou ucranianos em sua gênese e comunidades que tiveram mais de uma etnia predominante. Trazendo este contexto do povoamento das pequenas colônias, cabe agora entender a questão dos faxinais e de sua gênese nas comunidades, assim como as transformações que fazem

com que estes se configurem da forma que se apresentam hoje, nas comunidades onde esta forma de uso da terra permanece.

As terras do município de Rio Azul entre 1870 e 1900, como pode-se observar por meio dos estudos efetuados, eram parte das “terras sem limites” (SOUZA, 2009a). Tratava-se de um sertão onde poucos habitavam, o que possibilitava a dinâmica de criação à solta na forma de faxinal com uso comum aberto. O pequeno número de pessoas que habitava tais espaços e a pequena quantidade de criações soltas permitia a existência deste modo de vida.

As primeiras penetrações de imigrantes na área de Rio Azul para a área que constituiria a pequena vila ocorrem a partir de 1895, por causa da construção da ferrovia. Depois disso, iniciou a vinda de imigrantes que se dirigiram à área rural. Tem-se assim, por volta de 1900-1910 o início dos “faxinais”, “criadores”, ou “invernadas”, como os membros das comunidades se referem a essa forma de uso do espaço.

Todas as comunidades da área rural de Roxo Roiz, tanto as da porção mais a leste como as mais a oeste, tiveram em sua gênese esta forma de uso da terra. Cabe salientar, todavia, que essas terras de criar não tinham divisas, e seus limites adentravam as fronteiras dos municípios vizinhos, como ocorria com São Mateus do Sul, Mallet, Rebouças e Irati. Isso se deu uma vez que estes municípios tiveram sua origem na mesma época que Roxo Roiz e também porque o povoamento deu-se por imigrantes e migrantes de origem étnica similares.

Não há registro de que os imigrantes tenham trazido este modo de vida faxinalense de seus países de origem, provavelmente eles tenham aprendido com moradores caboclos que os precederam no lugar que vieram a ocupar (LÖWEN SAHR e CUNHA, 2005). Já os caboclos teriam conhecido este tipo de organização a partir de seu contato com índios Guaranis, que teriam aprendido uma forma parecida de utilização do solo nas Reduções Jesuítas. Esta forma pode vir sendo utilizada desde o século XVIII, uma vez que “os fragmentos de conhecimento deste sistema podem ter sobrevivido com alguns sertanejos solitários que continuaram na floresta, a utilizando como base de subsistência” (SAHR, 2005, p. 4).

No entanto, a chegada dos imigrantes cria situações distintas daquelas até então vividas nestes locais habitados pelos caboclos. O primeiro ponto diz respeito às cercas, pois os imigrantes ao chegarem já providenciam uma forma de cercar o quinhão que tinham adquirido. Isso se contrapõe à lógica ali existente vivenciada pelos caboclos. Ocorre também que muitos destes são expulsos de suas terras por não terem documentos de comprovação de suas terras, o que os diferenciava dos imigrantes.

Com o aumento da população na área rural e com essa mistura de etnias, começam a aparecer os primeiros conflitos sobre a questão do faxinal. Esses problemas levam os então governantes do município, logo após a sua emancipação, a criarem um código de posturas, isso em 1918. Neste código havia artigos que tratavam sobre agricultura, cercas e indústria pastoril, bem como, sobre a forma de organização da terra e seus usos.

Consta na Ata de Instalação do Município de Roxo Roiz (1918, pp.10-11), quando trata do Código de Posturas que:

Art. 4. As propriedades rurais são de agricultura e de criar; as pri-

meiras constituem matas especialmente destinadas a cultura, as segundas em faxinais e campinas para criar.

Parágrafo 1. São consideradas terras de culturas propriamente ditas as cobertas de matas em costas de serra ou margem de rio, na extensão mínima de seis quilômetros quadrados.

Art. 5. Havendo dois terrenos limítrofes, um de agricultura outro de criar, serão os seus proprietários obrigados a fechá-los de acordo com a lei de mão comum em toda a extensão que se limitarem; ao infrator pena de 30.000 de multa, além de ser a parte que tocar no fecho feito a sua custa.

Parágrafo Único: Os contraventores serão responsáveis pelo logar que lhe pertencer o fecho.

Art. 6. É proibido recolher e conservar animais de qualquer espécie em terras lavradas sem serem cercadas, de forma a poder danificar plantações dos vizinhos; pena de 20.000 de multa e obrigado a pagar os danos causados.

Parágrafo Único: No caso de serem encontrados animais nas roças os donos destas poderão prendê-los e conduzi-los ao inspetor ou fiscal, para serem recolhidos à mangueira municipal.

Essas atitudes por parte do poder público começam a modificar a dinâmica de vivência naqueles pequenos núcleos de povoamento e vizinhança. Uma das adequações, como se observa, se refere à forma de uso do solo. Os colonos tinham suas terras de plantar, que se constituíam de pequenos espaços onde cultivam o arroz, milho, o feijão, a batata a mandioca, ou seja, uma agricultura de subsistência, separadas das terras de criação em comum.

Contudo, na época, as terras de plantações eram poucas, se comparadas as de criação, o que fazia com que as de planta fossem cercadas, ou separadas por uma grande vala, que impedia a entrada dos animais. Mesmo assim, havendo essas posturas, continuavam a ocorrer conflitos na área rural, o que faz com que se crie uma nova forma de organização destas comunidades, no sentido de diminuir estes problemas.

Uma das primeiras atitudes no sentido de organizar as áreas rurais após a criação do Código de Posturas, foi realizada pelo Prefeito substituto Capitão Joaquim Luiz dos Santos. Este assume o município e janeiro de 1920.

Em seu primeiro trabalho administrativo iniciou a divisão do município em quarteirões e a separação com cercas de arame das terras de cultura e criação (faxinal) e para que tudo corresse bem e sem intrigas nomeia inspetores municipais (VALASCKI e WZOREK, 1988, p. 107).

Esses quarteirões são criados, ocorrendo que, em algumas situações, uma comunidade tinha mais de um quarteirão. Na época desta divisão a área rural do município apresentava poucas comunidades, porém elas eram extensas. Assim, após essa divisão, e com o passar do tempo, cada quarteirão acaba tomando a forma de uma comunidade, uma vez que os membros que ali viviam tinham essa necessidade, devido às tarefas de manutenção das cercas, viação das estradas, além das questões familiares e das relações de compadrio.

Com o aumento da população e, com isso, dos animais criados à solta e das áreas de terra agricultável, ressurgiu a questão das cercas. As terras de criação acabam tomando proporções menores que as de planta. Passa-se a cercar nos quarteirões, as terras de criar. É uma nova dinâmica que vem com a finalidade de reorganizar o espaço. Essa mudança se dá de forma concomitante nas comunidades, segundo relatos dos entrevistados, principalmente entre 1940 e 1950.

Assim, surgiria a forma de faxinal com criação em comum num espaço cercado que se tem até os dias de hoje em algumas comunidades, já que na maioria delas, por causa de conflitos diversos, pelo aumento da população e dos animais no criadouro, esse passa a ser inviável. Desta forma, estas comunidades se transformam, e muitas delas hoje são comunidades que possuem apenas vestígios dos antigos criadouros, como as cercas e algumas manifestações culturais.

Uma vez apresentadas as dinâmicas que ocorrem no povoamento das comunidades, por meio das serrarias e etnias povoadoras, assim como algumas transformações desde sua gênese no que concerne a utilização do espaço, cabe agora apresentar qual é a situação das comunidades rurais de Rio Azul na atualidade.

3 AS COMUNIDADES RURAIS NA ATUALIDADE

As comunidades rurais apresentam atualmente uma situação similar quanto à forma de sobrevivência e renda. Contudo, para entender sua situação hoje, há necessidade de apresentar alguns períodos anteriores, que tiveram papel determinante para que as comunidades chegassem à forma como estão.

Atualmente o município tem uma população aproximada de 14.093 habitantes, sendo 64% desta rural e 36% urbana, distribuída em uma área de 627,4 km² (IBGE, 2010). A população rural está dividida em 30 comunidades (RIO AZUL, 2009), que possuem em média 229 habitantes, variando de 46 habitantes, na comunidade de Faxinal de São Pedro, a 393 habitantes, na comunidade de Marumbi dos Ribeiros (RIO AZUL, 2010).

A principal cultura e atividade que gera renda para os membros das comunidades é a do tabaco. Rio Azul tem sua área rural dividida, em sua maioria, em pequenas propriedades, onde ocorre agricultura familiar. Agregado ao plantio do tabaco, são plantados cereais para o consumo próprio, e também, como no caso do milho, para alimentar cavalos, gado de leite e de corte, porcos e aves principalmente. Existem agricultores que criam ainda cabritos e carneiros. Quanto à produção de cereais, um pequeno excedente é para venda.

Nota-se ainda uma nova tendência na área rural, onde os agricultores passaram a cultivar soja, mesmo os pequenos proprietários. Estes tendo áreas de terras que não estão sendo utilizadas em outro cultivo, passam a utilizá-la para o plantio da oleaginosa.

Um fato que também vem ocorrendo, é que a cultura do tabaco por exigir muito tempo dos agricultores, faz com que eles deixem a pequena agricultura de subsistência, passando a comprar nos mercados da área urbana gêneros alimentícios que antes eles mesmos produziam, já que o tabaco é uma atividade rentável, e faz

com que eles tenham recursos para isso. Essa dinâmica faz com que produtores tenham mais tempo para se dedicar ao cuidado na safra do tabaco, o que lhe gera renda e possibilita sua permanência no campo.

Esse fato citado ocorre devido ao trabalho no campo com o tabaco ser uma cultura que está subordinada as regras e normas da indústria, que compra o produto e financia a produção. Isso leva a mudanças diversas nas relações sociais das comunidades, já que nota-se certo isolamento de cada família em prol de seu trabalho. A convivência na comunidade, que antes era um valor, vem sendo deixada de lado, em prol das atividades de trabalho.

De toda forma, para chegar ao tabaco, enquanto cultura principal, a área rural de Rio Azul passou por alguns ciclos na agricultura, tendo altos e baixos em várias culturas. Segundo dados levantados por meio das entrevistas, e também em LLIIPRR (1919-1938), Martynetz (1973), Valascki e Wzorek (1988) e RIO AZUL (2009), pôde-se sistematizar, década a década, quais foram as atividades realizadas no campo que geraram, assim como as que atualmente são realizadas geram, renda no meio rural.

Observando o Quadro 2, pode-se entender as mudanças no campo até a chegada do plantio do tabaco.

Período	Principais atividades praticadas e mudanças ocorridas
1931 – 1940	Período áureo de plantio de batata. O município, grande produtor do tubérculo, tem um surto de crescimento devido à procura pelo produto no mercado. Tem-se ainda o plantio de trigo, feijão e milho, além da criação de animais em faxinal, principalmente de suínos. Mantêm-se a atividade ervateira e madeireira, com os barbaquas e serrarias.
1941 – 1950	Plantio da batata decai, contudo, continua sua produção. O plantio do trigo toma proporções maiores, mantendo-se o plantio de feijão, milho e as atividades de criação de animais em faxinal, principalmente de suínos, assim como, as atividades ervateira e madeireira com os barbaquas e serrarias.

Fonte: Elaborada com base em dados de entrevistas, LLIIPRR (1919-1938), Martynetz (1973), Valascki e Wzorek (1988) e RIO AZUL (2009). Org: SOARES, J. G.

Quadro 2a – Principais atividades praticadas na área rural de Rio Azul entre 1930 e 2010

Período	Principais atividades praticadas e mudanças ocorridas
1951 – 1960	Plantio do trigo decai, devido ao surgimento de pragas e baixo preço. Fecham-se vários moinhos coloniais no interior do município. Mantêm-se o plantio da batata, feijão e milho, assim como as atividades de criação de animais em faxinal, período bom de venda de suínos. Inicia-se o plantio de cebola. A atividade ervateira se mantém com barbaquas em operação, mas a madeireira decai, com fechamento de serrarias na área rural do município. Começa a adentrar a cultura do tabaco, com as primeiras estufas sendo instaladas na comunidade de Cachoeira dos Paulistas em 1958/1959. Na área da urbana fecha a fábrica de palhões, que atuava desde a década de 1920 e que comprava palhas dos agricultores que plantavam milho. Outras empresas fecham ocorrendo um período de decadência do município. Mantêm-se ainda o plantio de milho, arroz, feijão, mandioca e batata para consumo próprio e venda do excedente.

1961 – 1970	Período de dificuldade no município. Mantêm-se as atividades na área rural de agricultura com o plantio de milho, arroz, feijão, mandioca e batata para consumo próprio e venda do excedente, extração de erva-mate e criação de animais em faxinal, tendo ainda como fonte auxiliar de renda a venda de suínos. Serrarias operam na área urbana, cortando remanescentes de Mata com Araucária, com a atividade já em decadência. O tabaco começa a tomar lugar nas comunidades gradativamente.
1971 – 1980	Período de crescimento da cultura do tabaco, onde já havia cerca de 500 produtores com estufas em operação. Extração de erva-mate se mantêm, contudo, em menor proporção, sendo que muitos barbaquas são desativados, uma vez que se inicia a compra da erva por empresas as quais beneficiariam de forma industrial a mesma. A criação de animais começa a diminuir, com o fim das áreas de criação comum em várias comunidades. Mantêm-se ainda o plantio de milho, arroz, feijão, mandioca e batata para consumo próprio e venda do excedente. Atividade madeireira ocorre na área urbana com 4 serrarias em operação.
1981 – 1990	A cultura do tabaco toma conta da área rural, tendo em 1987, 1.300 agricultores, com uma produção de 3.750 toneladas. Havia previsões para 1988, de aumento da produção para 10.000 toneladas, com 2.000 produtores. Atividade ervateira decai com maioria dos barbaquas sendo desativados, a erva-mate é vendida para empresas de beneficiamento. A produção de cereais diminui, sendo a fonte de renda para aqueles que não produziam o tabaco. Mantêm-se ainda o plantio de milho, arroz, feijão, mandioca e batata para consumo próprio e venda do excedente. A criação de animais em faxinal já é presente em poucas comunidades. Atividade madeireira ocorre na área urbana com 2 serrarias em operação.
1991 – 2000	O município fica conhecido como a capital do fumo pela alta produção e pela instalação de empresas compradoras. O plantio de cereais é praticado por agricultores que possuem maiores extensões de terra, surgem os monocultivos em diversas comunidades (soja e milho), e também reflorestamentos (pínus e eucalipto). A erva-mate passa a ser vendida para as empresas no pé, onde estas vão e cortam a erva no próprio terreno, sendo que em alguns locais os próprios donos das terras que possuem o produto o extraem, e as empresas vão e compram na localidade. Barbaquas são abandonados. Decai o plantio de milho, arroz e feijão para consumo próprio e venda do excedente, sendo que os agricultores acabam adquirindo estes produtos ou dos grandes proprietários que produzem em grande escala, ou em empresas de grãos na área urbana do município. Mais comunidades deixam de possuir o criadouro comum.

Fonte: Elaborada com base em dados de entrevistas, LLIIPRR (1919-1938), Martynetz (1973), Valascki e Wzorek (1988) e RIO AZUL (2009). Org: SOARES, J. G.

Quadro 2b – Principais atividades praticadas na área rural de Rio Azul entre 1930 e 2010

Período	Principais atividades praticadas e mudanças ocorridas
2001 – 2018	O plantio do tabaco é a principal atividade na área rural. Plantações de soja, principalmente, e de milho predominam entre os grandes proprietários de terra. Os pequenos proprietários também aderem ao plantio da soja em pequenos espaços de terra que não são ocupados com o plantio do tabaco. Os reflorestamentos passam a ser parte da paisagem das comunidades, com o plantio de eucalipto que é cortado para servir como lenha na secagem do tabaco. O pínus também é plantado e vendido às laminadoras existentes na área urbana. A erva-mate continua sendo comprada pelas empresas, mas representa uma pequena parcela de renda para as comunidades, já que grande parte das matas foram cortadas, restando poucas com erva-mate que seja de interesse das empresas de beneficiamento. Pequeno plantio de milho, arroz e feijão nas pequenas propriedades, para consumo próprio, sendo que os agricultores acabam optando por adquirir estes produtos ou dos grandes proprietários que produzem em grande escala, ou em empresas de grãos na área urbana do município e em mercados.

Fonte: Elaborada com base em dados de entrevistas, LLIIPRR (1919-1938), Martynetz (1973), Valascki e Wzorek (1988) e RIO AZUL (2009). Org: SOARES, J. G.

Quadro 2c – Principais atividades praticadas na área rural de Rio Azul entre 1930 e 2018

Como pode-se observar no Quadro 2, há uma série de atividades que se mantêm em diversas décadas na área rural de Rio Azul. As mudanças de culturas ocorrem devido a contextos socioeconômicos diversos, onde em determinado momento, uma cultura deixa de ser viável dando lugar a outra que se apresente mais rentável para a população no campo.

O tabaco vem a cerca de 40 anos tomando espaço e sendo a principal fonte de renda das comunidades, por ser uma atividade rentável para pequenos proprietários, que praticam uma agricultura familiar. Ele vem a entrar no contexto da área rural de Rio Azul a partir do momento que as atividades referentes a erva-mate e a madeira perdem força. Vai se tornar a atividade que mais gera renda às comunidades e movimenta a economia do município como um todo. Contudo, como se observa, as atividades de plantio de arroz e feijão para consumo, e de milho para o trato dos animais se mantêm, com a venda de pequenos excedentes.

Mesmo com a entrada do tabaco, a erva-mate tinha certo mercado, e segundo os relatos dos entrevistados, havia motivos para continuar com a extração. À medida que o tabaco vai sendo visto como atividade rentável, todavia, as outras atividades vão sendo deixadas de lado, chegando ao que ocorre hoje, onde os produtores de tabaco preferem comprar seus gêneros alimentícios que anteriormente eles mesmos produziam.

A partir do momento que estas novas culturas, seja a dos monocultivos, do tabaco, passam a ser valorizadas há “[...] uma desvalorização das agriculturas alimentares básicas e de tradição nacional (como o arroz, feijão e mandioca), e isso se dá com a colaboração do crédito público, da informação, da propaganda e dos novos consumos” (SANTOS e SILVEIRA, 2006, p. 120).

Nota-se que se mantêm os quintais nas proximidades das casas, para produção de verduras, legumes, ervas medicinais e temperos. Estes quintais são parte dos

vestígios dos antigos faxinais, já que nos arredores da casa era cercado um espaço de terra para se efetuar estes cultivos.

Cabe salientar que estas transformações se devem em grande parte à modernização da agricultura que teve seu início na década de 1950. Modernização esta que “[...] não é outra coisa, para ser mais correto, que o processo de transformação capitalista da agricultura, que ocorre vinculado às transformações gerais da economia brasileira recente” (GRAZIANO NETO, 1985, p. 27).

Em Rio Azul, nota-se que esta modernização começa a influenciar com mais peso a partir da década 1980, tendo seu ápice a partir da década de 1990, quando os monocultivos começam a ser parte da dinâmica rural do município. Essa modernização da agricultura, juntamente com as mudanças na legislação sobre o uso do solo no meio rural e o esgotamento dos recursos naturais por meio do desmatamento, são os “principais fatores do processo de desagregação” por meio da transformação das dinâmicas internas das comunidades rurais, principalmente das faxinalenses (TÚLIO, 2004, p. 23).

Como Hauresko (2009, p. 269) afirma, essa grande transformação que ocorre no meio rural do Centro-Sul do Paraná, se dá de forma lenta, tendo seu começo na década de 1970 quando diversas comunidades rurais, onde se incluem fortemente as faxinalenses, se transformam e deixam de possuir o criadouro comunitário, mudando toda a lógica interna de vivência de seus membros. Isso ocorre por motivos como a modernização da agricultura e a inclusão de culturas exógenas, primeiramente o tabaco, seguido posteriormente da soja e dos reflorestamentos.

A partir do momento que novas técnicas e equipamentos mais modernos invadem o meio agrícola, “o produtor passa a depender cada vez menos da generosidade da natureza, adaptando-a mais facilmente de acordo com seus interesses”. De toda forma isso levou a agricultura a ficar cada vez mais dependente e subordinada à indústria, a qual dita as regras de produção (TEIXERA, 2005, p. 22).

Esses fatores que levam as transformações apresentadas apontam para a realidade que se dá nas pequenas propriedades, já que as grandes conseguem subsistir a esta forma de trabalho no campo subordinada a indústria. Não que o pequeno proprietário tenha deixado de existir, ele consegue subsistir e desenvolver-se, mas de uma forma mais lenta e com mais dificuldades. No entanto, como pode-se observar que:

[...] essa pequena produção encontra-se em geral determinada pelas exigências da grande produção. De modo direto ou indireto, pode estar satelizada pela dinâmica da grande empresa. Em muitos casos, o pequeno produtor produz matéria-prima para a grande empresa [...]. Pode inclusive estar obtendo assistência técnica, créditos e preços mínimos garantidos pela grande empresa (IANNI, 2007, p. 39).

Observando o Quadro 2, onde são apresentadas as mudanças ocorridas no meio rural de Rio Azul, pode-se concluir que todas estas transformações acabam por atingir as pequenas propriedades, já que havia certo favorecimento aos grandes proprietários. Enquanto isso, “restou as pequenas propriedades a possibilidade de

subordinação ao capital industrial, a marginalização, o esfacelamento ou a venda e migração para os centros urbanos” (GONÇALVES NETO, 1997, p. 109). Isto foi o que ocorreu em Rio Azul, quando quase todo o meio rural, que é constituído por pequenos proprietários, adere a cultura do tabaco, passando a ser subordinados às regras impostas pela empresa fumageira, que financia sua produção e na hora da compra ainda lhe impõe qual será o preço a ser pago pelo produto.

No entanto, para o agricultor que quer continuar no campo, não só quer como precisa disso, ela vai acabar tendo que:

[...] seguir as exigências do progresso técnico (mecanizar-se etc) e do mercado econômico (produzir mais, com melhores custos). Ele deve fazê-lo porque isso lhe é imposto pela sociedade envolvente e porque a sociedade aldeã é o palco de uma competição encarniçada entre todos os agricultores que pretendem sobreviver (MENDRAS, 1978, p. 191).

Apesar desta crítica sobre a situação dos pequenos agricultores perante a indústria, que deriva desta “sociedade envolvente”, citada por Mendras (1978), há que se ter certa cautela, já que ainda não há uma alternativa que se apresente viável para mudar esse contexto que se apresenta no meio rural de Rio Azul, assim como de outros municípios onde o tabaco predomina. O que ocorre é que o tabaco, mesmo sendo uma atividade que prejudica a saúde do agricultor e que lhe torna mais individualista, é rentável, gerando grandes quantias em dinheiro que outra atividade não geraria em curto prazo.

Mesmo sendo apresentadas algumas alternativas aos agricultores que trabalham com o tabaco, como a produção de alimentos orgânicos, a produção frutífera, o trabalho com laticínios, a maioria dos agricultores se negam a deixar o tabaco, por saberem que estas atividades poderiam somente a longo prazo gerar a renda que o tabaco gera.

Essa é uma problemática que fica para reflexão, por ser uma mudança necessária, porém, que deve ser ainda debatida, pensada e planejada, para buscar mudar, mais uma vez, a forma de vivência nas comunidades rurais de Rio Azul, com meios favoráveis que permitam ao agricultor permanecer no campo, no entanto, para viver de forma mais digna.

REFERÊNCIAS

BACH, Arnaldo Monteiro. **Carroções**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2005.

BACH, Arnaldo Monteiro. **Vapores**. Ponta Grossa: Editora da UEPG, 2006.

BARBOSA, Thiago Augusto. **Território e territorialidades do Sistema Faxinal**: análise a partir da reconstrução histórica familiar na comunidade de Taquari dos Ribeiros em Rio Azul-PR. 2007. 85p. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

BARRETO, Marcelo. **A produção camponesa e o monopólio pelo território do capital**: espacialidades distintas na extração da erva mate na região da floresta com araucária do Paraná. 2009. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

BRASIL, Ministério do Exército – Diretoria de Serviço Geográfico. **Carta Rebouças**. Levantamento: 1966/ Impressão: 1973.

DSJ. Divisão do Sertão do Jararaca (DSJ) **Livro de registro de terras do Sertão do Jararaca/ Roxo Roiz/Rio Azul entre 1910 – 1950**. Acervo da Família Pissaia de posse do Sr. Eloy Pissaia Junior.

FERREIRA, Patrícia. **Estudos sobre os faxinais Lageado de Baixo e Lageado dos Mello – PR**: a construção do conhecimento através da ecologia social como subsidio para um projeto de turismo comunitário. 2008. 136p. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) © Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. **Estado e agricultura no Brasil**, São Paulo: Hucitec, 1997.

GRAZIANO NETO, Francisco. **Questão agrária e ecologia**: crítica da moderna agricultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HAURESKO, Cecilia. **Entre a tradição e a modernidade**: o lugar das comunidades faxinalenses na contemporaneidade. In: Anais do IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro. São Paulo: 2009.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. 9 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico do Município de Rio Azul-PR**. 2011. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=412200#>>. Acesso em: abr. de 2011.

JORNAL VIDA PRINCESINA. **Uma firma que com seu trabalho concorre para a prosperidade de Rio Azul.** Jan. de 1943. Acervo da Família Pissaia de posse do Sr. Eloy Pissaia Junior.

LLIIPRR. Livro de Lançamento de Impostos Industriais e Profissões de Roxo Roiz. **Lançamentos:** de 1919 a 1938. Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Rio Azul-PR.

LÖWEN SAHR, Cicilian Luiza. CUNHA, Luis Alexandre Gonçalves. O significado social e ecológico dos faxinais: reflexões acerca de uma política agrária sustentável para a região da mata com araucária do Paraná. **Emancipação**, Ponta Grossa, v. 5, n. 1, p. 89-104, 2005.

LUZ, Coaracy Eleutério da. **Rede e Região – Desmistificação do determinismo tecnológico:** o caso da linha férrea Ponta Grossa – União da Vitória nos Campos Gerais/Mata com Araucária (PR). 2006, 180p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Paraná.

MARTYNETZ, Nestor Leonides. **Município de Rio Azul:** administração do prefeito Nestor Leonides Martynetz. Rio Azul-PR: Impressora Martins, 1973.

MARUMBY. **Ata das seções da Camara de Marumby:** de 18 de setembro de 1924 a 7 de outubro de 1930. Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Rio Azul-PR.

MENDRAS, Henri. **Sociedades camponesas.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

NADALIN, Sergio Odilon Nadalin. **Paraná: ocupação do território, população e migrações.** Curitiba: SEED, 2001.

REBOUÇAS, Prefeitura Municipal. **Histórico do Município.** 2011. Disponível em: <<http://www.reboucas.pr.gov.br/=HISTORICO.htm>>. Acesso em: jun. de 2011.

RIO AZUL. **Plano Diretor Municipal.** CD-ROM, 2009.

RIO AZUL. Secretaria Municipal de Saúde. **Sistema de informação de atenção básica.** 2010. (Apostila Impressa)

ROXO ROIZ. **Ata de instalação do município de Roxo Roiz. 14 de julho de 1918, Por lei estadual nº 549 – atos municipais:** de 14 de julho de 1918 a 11 de julho de 1924. Acervo da Câmara Municipal de Vereadores de Rio Azul-PR.

SAHR, Wolf-Dietrich. **Micro-dynamics in the rural space of central Paraná a contribution to regional rural Geography.** In.: III SIMPÓSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA - JORNADA ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA. Anais de artigos. UNESP, Presidente Prudente © SP, 2005.

SANTOS, Milton. SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SOUZA, Roberto Martins de. **Mapeamento social dos faxinais do Paraná**. 2009. Disponível em: <www2.mp.pr.gov.br/direitoshumanos/docs/isad/faxinal/art01.doc>. Acesso em: jan. de 2011.

STRAUBE, Fernando Costa. URBEN-FILHO, Alberto. **Dicionário Geográfico das expedições zoológicas polonesas no Paraná**. 2006. Disponível em: <www.ao.com.br/download/polonesa.pdf>. Acesso em: mar. de 2011.

TEIXEIRA, Jodenir Calixto. Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais. In. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Três Lagoas, V 2, n.º 2, ano 2, 2005.

TÚLIO, Elizete da Aparecida. **O sistema de faxinais no município de Rebouças: o ápice e o declive de uma experiência coletiva de vida no campo**. 2004. Monografia (Pós-graduação em Perspectivas do Ensino de História do Brasil) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, Paraná.

VALASCKI, Reynaldo. WZOREK, Ceslau. **Rio Azul: 70 anos de emancipação política, de braços abertos para o amanhã**. Curitiba, 1988.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. 7 Ed. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda. 1995.

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE UMA CIDADE HISTÓRIAS, RELATOS E IMAGENS DE RIO AZUL

Sandra Maria Mosson

Este projeto foi criado nos anos de 1998 e 1999 como parte integrante do meu TCC. Eu queria muito fazer alguma coisa sobre minha cidade natal, e como gosto muito de fotografia, pensei em juntar tudo isso em uma reportagem fotográfica que tratasse da história de Rio Azul, e assim eu fiz. Conversei com muita gente bacana, e me deram dados importantes sobre o dia a dia da cidade. Recuperei fotos, andei bastante atrás de informações para juntar à outras incompletas e, no final, saiu o projeto de conclusão de curso em Jornalismo, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), que teve como tema: “*O Fotorjornalismo na construção da memória de uma cidade. Histórias, relatos e imagens de Rio Azul*”.

Como uma jornalista que se preze, guardei todas as entrevistas na íntegra, as anotações, gravações, percepções e fotografias pensando em um dia usar este material novamente. E esse dia chegou. Juntei a reportagem fotográfica com as entrevistas e reeditei o material e confesso que foi uma alegria revirar esse arquivo, pois tive ótimos momentos com meus entrevistados, que confiaram em mim e deram detalhes de suas vidas e das dificuldades enfrentadas quando Rio Azul ainda estava tomando sua personalidade para se transformar na cidade que é hoje, e que tanto representa para cada um de nós.

Meus entrevistados da época já partiram deste plano, mas deixaram conteúdos enriquecedores para a compreensão do que hoje se transformou Rio Azul. Alexandra Burko, na época com 80 anos; Ambrósio Vilcek da Silva com 80 anos; Arlindo Santos nos seus 86 anos; Augusto Kwasek com 82; Catarina Schraier com 74 anos na época; Dalila Pallú nos seus 77 anos; Leônidas da Silva com 71 anos; Maurício Lopacinski com 80; Nestor Leonides Martynetz nos seus 69 anos; Rosa Machowski Gembaroski com 85 anos na época; e Vitório Burko com 88 anos, serviram como fontes de informação sobre o passado e a percepção da realidade da época.

Meu agradecimento à eles, à suas famílias e à Rio Azul, pelas boas lembranças que carrego comigo.

Espero que gostem. Abraços.

LEMBRANÇAS DE RIO AZUL

Um rio, com nascente e embocadura no mesmo território, por possuir uma cor azulada devido a uma grande quantidade de magnésio, foi chamado de Rio Azul. Em 1930 o rio serviu de inspiração para o nome de uma cidade do sudeste do Paraná, localizada no vale do Rio Iguaçu. A nascente do rio fica perto da Colônia dos Dúlcios, em Serra Azul, passa por Rio Azul de Cima, Rio Azul dos Soares, Invernada, Barra do Rio Azul e cai no Rio Potinga.

Hoje, o “Rio Azul” apresenta um aspecto diferenciado, provavelmente não serviria mais de inspiração para nomear qualquer cidade, pelo menos com o adjetivo “Azul”. Segundo Ceslau Wzorek, historiador, o rio está cada vez mais alterado por causa de agrotóxicos usados nas lavouras. Já não possui mais a cor azulada devido às ações dos homens e do tempo.

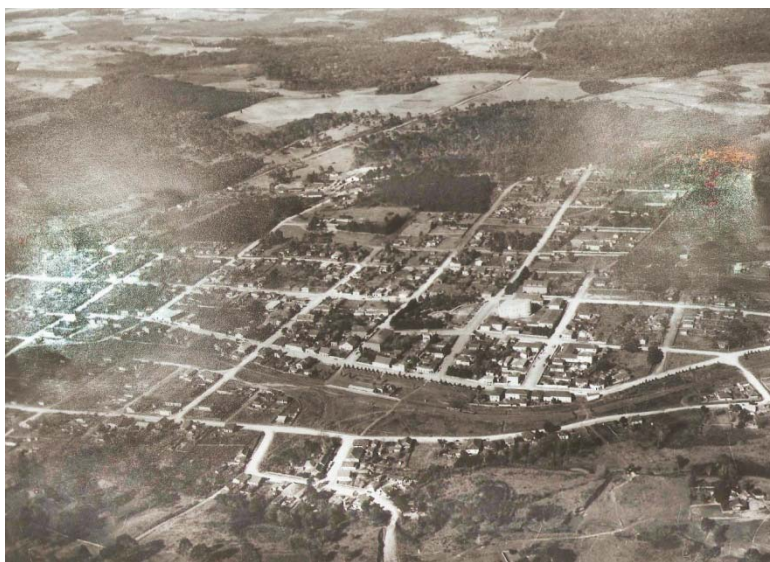


Foto panorâmica da cidade em 1976. Hoje com 100 anos, Rio Azul permanece quase do mesmo tamanho em tinha na época em que a fotografia foi tirada.

BUSCA DA IDENTIDADE

Desde o início do povoado em Rio Azul, chegavam aos poucos imigrantes poloneses, ucranianos e uma pequena parte de outros lugares do mundo como italianos e libaneses. As primeiras famílias polonesas chegadas no Paraná, por volta de 1880, fixaram residência em toda a região próxima à Curitiba. Aos poucos, de carroça ou de trem foram mudando para o interior do Paraná em busca de terras para produção agrícola. *“Meu pai veio de carroça, de Thomás Coelho - região de Araucária - até aqui, tocando a criação. Levaram uma semana. As mulheres vieram de trem, e levaram o dia todo”*, comentou Rosa Gembarowski Machowski.

Muitos dos imigrantes que vieram da Ucrânia construíram suas casas feitas de taquara e barro. De acordo com Paulo Baran, filho de imigrantes, muitas pessoas chegaram nas colônias e não saíram mais, viveram enclausuradas, convivendo só

com as pessoas de sua terra natal, e com medo até dos vizinhos. Na lavoura dedicavam-se ao plantio de trigo, tatarca, centeio, milho e feijão.



Ucranianos que vieram no início do povoado iludidos por seus países de origem de que o Brasil era o paraíso e, ao chegarem aqui, recebiam somente um papel com o número da Colônia em que deveriam ficar, além de sementes e ferramentas.

Foto: arquivo Barão, 13/09/1955

Por volta de 1885 começaram a se estabelecer as primeiras colonizações na região de Rio Azul. Os primeiros núcleos de povoação se deram nas colônias de Butiazal e Rio Azul dos Soares. O povoamento sistemático se deu a partir de 1902, com a construção da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande do Sul.



A instalação da maioria das casas particulares e de comércio se deu a partir de 1910.

Foto: arquivo Barão, 1962

As famílias construíram casas, comércio, investindo num futuro melhor na terra desconhecida. A primeira casa comercial surgiu em 1901, de Jacob Burko, e fornecia mantimentos aos obreiros e trabalhadores da estrada de ferro. Passou a vender dormentes aos empreiteiros da obra, trocava toras, lenha e dormentes por mantimentos com os trabalhadores do mato.

Com a extração da erva-mate, madeiras e o funcionamento dos portos que tinha em alguns rios, a região continuou atraindo vários imigrantes. A população aumentou consideravelmente e enriqueceu de maneira rápida. Na época, muitas famílias vieram de países como Síria, Líbano, Polônia, Itália, Ucrânia e Portugal, e fixaram residência em Roxo Roiz. Os europeus se dedicavam principalmente à cultura agrícola e criação de animais, e os sírios e libaneses ao extrativismo de madeiras.

Em 1910, a população começou lutar para que a vila fosse mudada para município de Rio Azul. Com isso, no dia 26 de março de 1918 foi criado o município de Roxo Roiz, e as primeiras eleições se deram no dia 16 de julho de 1918. Na ocasião, foi escolhido Hortêncio Martins de Mello como o primeiro prefeito da cidade.



Foto: arquivo Sandra Maria Mosson 08/1999

“Naquele tempo era um pinhal escuro onde é a cidade.

*Hoje a região está devastada e
restam poucas árvores nativas”,
contou Catarina Zem Schraier.*

Intensificou-se o desbravamento na região, e o reflexo dos investimentos se fez sob forma de grandes construções, que iniciaram em 1918, como a olaria construída também por Jacob Burko. *“A mãe do Vitório tinha um negócio. Ela fazia bolacha, cuque, matava porco, fazia linguíça e outras coisas, para vender. O negócio prosperou e o pai dele começou a fornecer às pessoas que trabalhavam na estrada de ferro. Fazia também dormente,*

e com aquilo fez a casa grande de comércio”, contou Alexandra Paramustchak Burko. A casa de comércio possuía variedades de tecidos, roupas feitas e materiais de construção. Depois da olaria, a família Burko construiu também uma serraria em 1920.

No dia 21 de junho de 1919, o município havia arrecadado cinco contos, 235 mil e 100 réis, e suas despesas foram da ordem de quatro contos, 841 mil e 100 réis, apresentando assim um superávit de 394 mil réis em caixa. Nessa época, a população da cidade era de 3.208 habitantes e a situação municipal melhorava cada vez mais, até a grande queda da bolsa de Nova Iorque, em 1929, que atingiu o mundo todo.

No dia 18 de setembro de 1920, a cidade mudou de nome, passando de Roxo Roiz para Marumby, devido ao nome da estação ferroviária também ter sido mudado e, no dia 2 de janeiro de 1930, o município passou a chamar-se Rio Azul.

A Revolução de 1930, que atingiu o país, chegou também a Rio Azul. Augusto Kwasek explicou como isso repercutiu na cidade. *“Em 1930 tínhamos um batalhão que era Getulhista, e veio um pessoal de São Paulo que prendeu algumas pessoas. Guilherme Pereira, político naquele tempo, quando viu os presos passou a navalha no pescoço. Aí, levaram ele pra Ponta Grossa, e lá costuraram”*, lembrou.

Somente em 15 de setembro de 1934 é que Rio Azul voltou à categoria de município. A partir de 1936, a cidade voltou a aumentar sua arrecadação e houve grande progresso devido ao cultivo de batatas. Nessa época, a cidade contava com 12.500 habitantes. Nos índices de 1997, a cidade contava com 12.559 habitantes e de acordo com o site do IBGE, atualmente a cidade conta com 15.125 pessoas, isto é, em 82 anos, houve um aumento de 2.625 pessoas no território rioazulense.

Apesar de muitas coisas novas na época, casas, imigrantes, a cidade não mudou de aspecto. As pessoas continuavam chegando, mas o progresso demorava a aparecer. Como em qualquer outro lugar do mundo, Rio Azul também contou com muitas pessoas que só passaram por seu território e ficaram por muito pouco tempo, depois de deixarem marcas na história particular de cada família e também da cidade. Alexandra falou sobre de pessoas que, depois de algum tempo morando na cidade, mudaram-se. *“Muitos vieram para Rio Azul, ganharam dinheiro e depois foram embora”*, disse. Na época, quem não construía casa de alvenaria é porque não tinha intenção de fixar-se na cidade, seria apenas desbravar, ganhar dinheiro e investir em centro maior. Alexandra Burko lembrou que dava para contar nos dedos quem tinha casa de material naquela época.

Com a 2ª Guerra Mundial, a situação econômica do município agravou-se. A cidade também participou da guerra representada por alguns expedicionários: Amid Abib, André Klemba, Antônio Cação, Boreslau Pawluk, Eroslau Sechuk, Nicolau Burek, Nicolau Gravonski, Jacob Pissaia, José de Lima, José Machowski, Luiz Navacki e Vitória Zem. Dois deles, Cação e Lima, morreram na Itália. Os que voltaram foram recebidos com uma grande festa, pois eram os “heróis rioazulenses que estavam de volta”. Dalila Pissaia Pallú conta que seu marido Orestes, 15 dias após o casamento, passou dez meses em Curitiba sem saber se ia combater na Itália. Quando o dispensaram ele retornou à Rio Azul. *“Abandonei tudo que estava fazendo e corri pra casa esperá-lo, mas como morávamos na colônia ele demorou pra chegar, pois estava na cidade, aí fizemos uma festa”*, disse ela.



Na década de 50 o município passava por dificuldades financeiras. Apenas mantinha-se estável baseando sua economia na agricultura, pecuária, extrativismo de vegetais e de madeira.

Foto: arquivo Barão, 1958

Faltava muita coisa ainda na cidade. *“Naquela época era o início, não tinha calçadas”*, comentou Arlindo Santos. Foi adquirida também uma propriedade para o motor do Departamento de águas e energia elétrica. *“Não tinha água encanada. A água era tirada do poço, com o braço ou com motor. O saneamento básico era de fossas nos fundos de quintais”*, complementou Santos. Nessa mesma época o município passava por dificuldades financeiras, mas se mantinha estável. O que era arrecadado supria somente os gastos, baseando sua economia apenas na agricultura, pecuária, extrativismo de vegetais e de madeira.



Na avenida principal, calçada e meio fio começaram a ser construídos após 1952.

Foto: Arquivo Barão, 14/12/1952

O início de uma vida no território rioazulense foi difícil, como relembrou Maurício Lopacinski, ex-comerciante. *“Quando cheguei aqui aluguei uma casa. O assoalho, todo ondulado, era depósito de cabrito e vaca. A fechadura era um pedaço de barbante e com um pano amarrava a porta. Deixamos as mudanças do lado de fora e lavamos a casa para poder recolher as coisas”*, afirmou.

A cidade sempre foi marcada por uma inconstante no número de habitantes, assim como muitos chegavam, apostando numa vida melhor, muitos iam embora. É o que confirmou o ex-prefeito, Nestor Leonides Martynetz. *“Em 1970 mais ou menos, tivemos um decréscimo muito grande em Rio Azul. O pessoal foi embora, desmotivou, não tinha o que fazer. Era só Curitiba, saía uma mudança por dia. Agora estão voltando algumas mudanças, estão vindo de Curitiba e do Rio Grande do Sul. Eu acho que houve uma recuperação da população”*, comentou.

Mas nem tudo era problema e crise. A cidade oferecia aos seus habitantes momentos que não se apagaram da memória com o tempo. *“O pessoal costumava passear na rua da estação. Tinha um canteiro de árvores na rua e ali as pessoas passeavam, iam ao cinema”*, contou o ex-prefeito. Martynetz relembrou ainda da época em que os bares eram só para homens. *“Mulher não tomava bebida de álcool em público, só guaraná, e nem frequentava bares. Os homens jogavam sinuca ou carambola, que é uma espécie de jogo de sinuca, mas em mesa diferente. Era grande o movimento de gente”*, afirmou.

Devido à estrada de ferro, as ruas da cidade ficaram com um traçado diferenciado. Não são retas e certas, pelo menos as que ficavam próximas à estação ferroviária. Martynetz comentou que a rua Dr. Campos Mello ficou assim por causa da rede férrea, mas outras já foram traçadas, organizadas. *“A rede é que atrapalhou”*, analisou.

Com relação ao conforto, as pessoas não tinham motivos para queixarem-se. Chegou a luz elétrica e junto com ela um monte de aparatos para facilitar a vida doméstica, água encanada, e aumentou o tempo disponível para o lazer. Schraier, quando perguntada se pudesse voltar no tempo aceitaria, foi rápida na resposta. *“Eu não, hoje tenho água na torneira, não preciso carregar balde nas costas”*, afirmou. E Martynetz também dá a sua versão. *“Hoje o povo se bate mais, mas tem uma vida melhor, as estradas são boas, e tem-se muitos carros”*, comentou.

Martynetz foi eleito o prefeito da cidade e atuou entre 1969 e 1973, quando o governador era Paulo Pimentel. *“Ele não fez nada por Rio Azul, por ser final de mandato. Depois foi nomeado o Leon Peres e, como era época de revolução, ficou nove meses no governo e foi caçado. Na sequência foi nomeado o Parigot de Souza, que era presidente da Copel, mas também não mandou recursos para o município. Então passou os quatro anos sem vir verbas extra, sem um tostão pra nada, só aquelas que eram de lei, que sempre vinham pra todos. Era um tempo muito difícil”*, explicou ele.



A Prefeitura Municipal ocupa o mesmo prédio há mais de 60 anos.
Foto: arquivo Barão, 11/11/1956

As expectativas da população e os investimentos para transformar a cidade em um centro maior sempre estiveram presentes, mas, muitas vezes não era acatado com empolgação. É o que conta Lopacinski. *“Quando eu trabalhava como fiscal na prefeitura, veio um negócio de criar frango e galinhas, de fazer granjas, tinha cento e noventa e tantas inscrições, e só uns poucos que construíram. Tinha que entrar indústrias aqui pra melhorar”,* analisou.

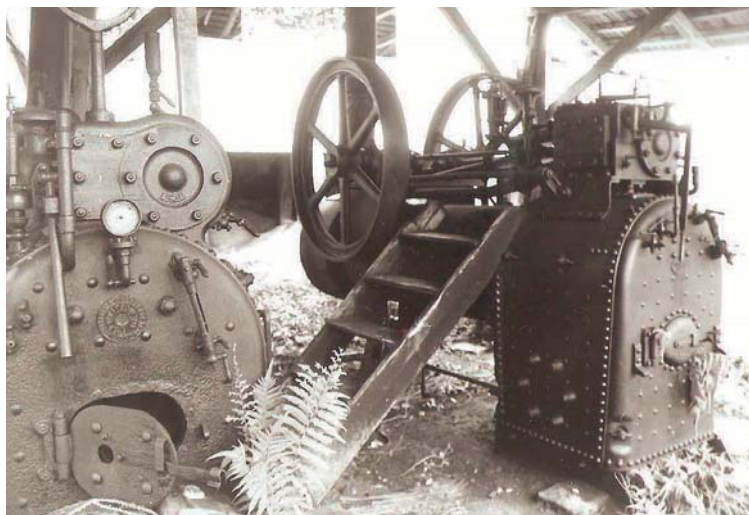
PILARES DA ECONOMIA

Símbolo do Paraná, o pinheiro Araucária cobria a região que foi praticamente toda devastada pelos madeireiros que chegaram. Era um meio fácil de conseguir dinheiro, pois o local estava cheio de madeiras nobres como a cerejeira, imbuia, além da erva-mate e muitas outras. Com a construção da estrada de ferro tornou-se mais assídua a exploração, atraindo muitas pessoas.



A primeira serraria foi de Jacob Burko que, desde 1905, já trabalhava com extração de madeira.
Foto: arquivo Barão, 16/11/1955

Quando mandou vir um locomóvel, Jacob Burko transformou sua serraria numa das mais importantes e modernas indústrias da região sul do Estado. Segundo Vitório Burko, a serraria do seu pai foi construída em 1920. Schraier afirmou que Jacob, para construir sua serraria, trabalhou incansavelmente. *“Quando os Burko fizeram a serraria, Ana, a mulher do Jacob, puxava terra com o carrinho de mão, eles trabalharam bastante”*, relembrou. Depois os Cury também construíram uma serraria no município.



Em 1920 veio o primeiro locomóvel para cidade transformando a serraria de Jacob Burko em uma das mais importantes indústrias da região sul.

Foto: Sandra M. Mosson, agosto/1999

Com a estrada de ferro ficou fácil o transporte das madeiras, que eram tiradas do mato, levadas por carretões até a estação, e lá colocadas em vagões. A economia regional se afirmava na extração, pois bastava explorar a madeira e canalizar os recursos para o município. Mas a devastação da região não foi bem recebida por algumas pessoas. Silva tinha sua explicação. *“Se pudesse voltar no tempo eu não sei se melhorava, porque foi devassado tudo, as madeiras todas, já não tem pinhal como antigamente”*, disse.



A produtividade era tanta que imigrantes da Síria e do Líbano vieram montar suas serrarias em Rio Azul.

Foto: arquivo Barão, 27/06/1963



A extração de imbuia e outras madeiras nobres de grande porte prevaleceu por muitos anos.
Foto: arquivo Barão

Em 1920, o prefeito Coronel Hortêncio Martins de Mello abdicou de seus subsídios para serem aplicados em prol do município, isentou os serradores de impostos municipais, incumbindo-lhes a conservação de bueiros, pontes e estradas.



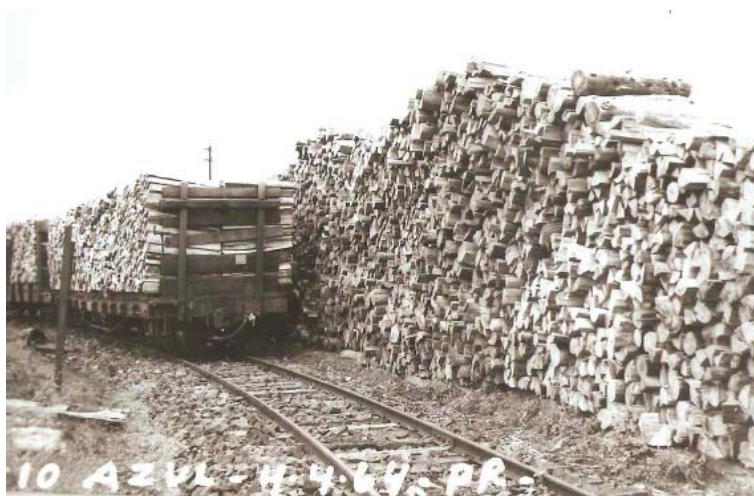
O maquinário facilitou o beneficiamento da madeira. Foto: Sandra M. Mosson, 08/1999

“Em uma máquina tocada à água, faziam-se tábuas e vigas. Em outra, à vapor, era para a confecção de cabos de vassouras, que ficava por conta das filhas. Enquanto uma fazia o cabo, a outra arredondava a ponta. A empilhação de ripas, era tudo por nossa conta”, relembrou Pallú.

Poucos anos mais tarde, Felipe Abrahão fundou uma grande indústria de madeiras na localidade de Palmeirinha e, numa homenagem à sua terra natal, deu o nome de “Serraria Monte Líbano”.



Foto: arquivo Barão, 04/04/1964



Doze vagões mensais de madeira; estoques de serradas; e cabo de vassoura que caberiam em 80 vagões, eram produzidos pela Serraria Monte Líbano de Felipe Abrahão Foto: arquivo Barão, 04/04/1964

NOS TRILHOS DO TEMPO

No fim da tarde, em meados de 1928, Augusto Kwasek, Ernesto Paratais e Dimétrio Tresh estavam na estação de trem e presenciaram o maior incêndio que a cidade já teve. Segundo Kwasek o agente fechou a sala da estação e saiu para jantar, deixando o lampião aceso. *“Tinha um vidro quebrado na janela e uma cortina, bandeirinhas de papel pregadas em cima, bateu o vento e empurrou a cortina no lampião, que começou a pegar fogo. Tentamos salvar e não pudemos. Quando arrebentamos a porta, o estouro de fumaça nos jogou longe. Queimou a estação inteira”*, lembrou Kwasek.

Junto da estação havia um armazém que também queimou. Na tentativa de acudir o armazém o povo começou a jogar pra fora tudo que tinha no seu interior. Kwasek contou que pegaram as latas grandes de doce e, como ainda eram “piaçadas”, começaram a chupar balas vendo a estação queimar. As investigações sobre

o acontecido iniciaram-se no dia seguinte. *“No outro dia chegou um trem com um vagãozinho pequeno, uma mesa e quatro cadeiras. Veio também a polícia, que me chamou pra perguntar como foi o negócio. Eu disse que o culpado era o agente que não apagou o lampião. Chamou o Ernesto, e depois o Dimétrio mas, um longe do outro, e todos contamos a mesma história”*, completou Kwasek.

Os trabalhos na construção da estrada de ferro iniciaram-se em 1894, na qual trabalharam muitos pioneiros de Rio Azul. A estação foi marcada por muitas histórias desde a sua construção. Em 1902, quando recebeu o nome de Jabuticabal até a retirada dos trilhos, no final de 1996.



Com a estrada de ferro, ficou fácil o transporte das madeiras que eram levadas para São Paulo, Rio de Janeiro e outros lugares. Foto: arquivo Barão, 02/12/1956

O traçado da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande do Sul saía de São Paulo, passando por Itararé, Jaguariaíva, Ponta Grossa, Prudentópolis, Irati, Rebouças, Rio Azul, Mallet, Paulo Frontin, União da Vitória, Porto União, São Francisco do Sul até Marcelino Ramos, divisa de Santa Catarina com Rio Grande do Sul. A cidade só cresceu e desenvolveu devido à estrada de ferro. Muitos dos grandes empresários que contribuíram com o município vieram atraídos pela ferrovia. As promessas de lucros se faziam evidentes.

Uma viagem de Tomás Coelho até Rio Azul levava o dia inteiro e era necessário requisitar um vagão para trazer a mudança, pois o trem era um meio de transporte muito procurado na época. Schraier guardou a história da sua família. *“Meu pai morava em Santa Felicidade (Curitiba) e veio pra cá porque naquele tempo estavam construindo a estrada de ferro e pagavam um mil réis por dia”*, comentou.

Martynetz contou outro fato que ocorreu na estação. *“Lembro de um desastre, um vagão que começou a pegar fogo. Queimou todo e saquearam ele à noite. Eu era bem menino e fui ver com a piaçada. Achei uma cruz e tenho ela guardada até hoje”* afirmou. Quando aconteceu o acidente, de acordo Martynetz, as pessoas tiveram um pouco de medo de se aproximar, porque aconteceu um desastre igual em Paulo Frontin, em 1946. Na ocasião, morreu um comerciante de Rio Azul, que tinha carregado milho para União da Vitória. Foi junto com o trem que teve o vagão de carga queimado. *“O pessoal*

curioso foi se aproximando, pois tinha corrido uma história que tinham saqueado um vagão em Mallet, e que muitas pessoas tinham enriquecido com o saque. E em Paulo Frontin as pessoas foram também para aproveitar, só que tinha dinamite dentro, inclusive esse senhor de Rio Azul morreu lá no desastre. Quase destruiu um pedaço da cidade”, contou Nestor. Em Rio Azul, o incêndio aconteceu a noite, então as pessoas não tiveram a oportunidade de saquear, foi pouca coisa, mas foi o grande comentário da época.

Mas estas não são as únicas histórias que marcaram a estação ferroviária. Kwasek lembrou o fato que ficou marcado na sua memória mais profundamente, foi quando uma moça se atirou embaixo do trem. “Eu estava com o meu irmão, e a filha do João Bento se jogou embaixo do trem, na nossa frente. Depois vieram as freiras com panos e juntaram os pedaços dela”, falou.

Como o trem era o meio de transporte mais rápido que existia na época, as famílias que vieram para a cidade se valiam dele para trazer suas mudanças. Por ser um meio muito procurado, era necessário requisitar um vagão. Podia-se fazer mudanças para qualquer lugar, desde que estivesse na rota de alguma ferrovia. Em 1930 foi inaugurada a estação em alvenaria.



No dia 22 de dezembro de 1930 foi inaugurada a estação em alvenaria, pois a primeira havia sido destruída pelo fogo. Foto: arquivo Barão, 2205/1965

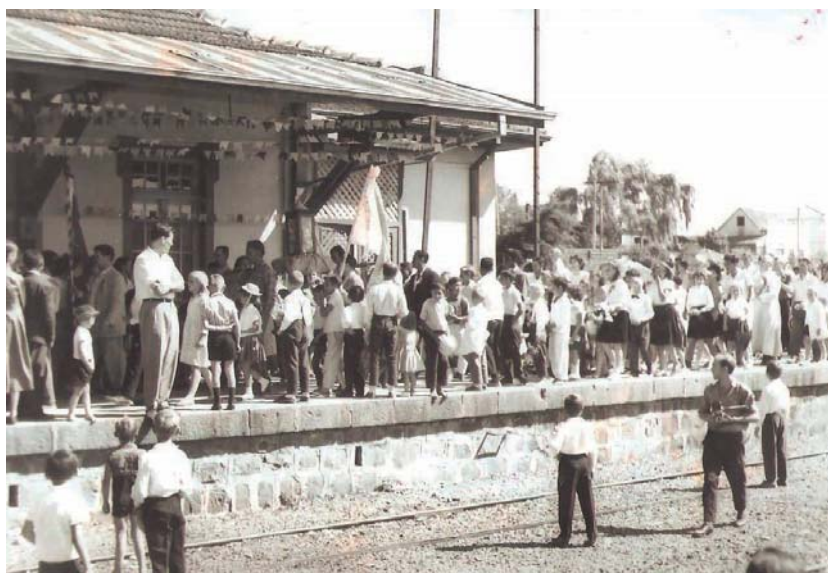
Pallú comentou que a estação ferroviária sempre foi a atração da época. “Quando eu me mudei para Rio Azul, em 51, aqui era feio, não tinha nada, só a estação era bonita, passava o trem nos fundos da minha casa”, lembrou ela.

Muitos, acostumados a viajar de trem, ainda trazem na lembrança os horários e as paradas que dava. “Tinha um que era misto, saía de União da Vitória às sete da manhã, passava em Rio Azul às 11 horas e chegava às cinco em Ponta Grossa. De lá saía também um às sete, e passava quatro da tarde aqui. Tinha um que vinha do Rio Grande do Sul à São Paulo. Com certeza foi nesse que Getúlio Vargas viajou. Passava diariamente em Rio Azul às seis da manhã e chegava em São Paulo no outro dia nove da manhã. Tinha carro leito, carro restaurante, daqueles que hoje a gente só vê em filmes”, afirmou Martynetz.



Nesta época Getúlio Vargas passou pela cidade quando se dirigia do Rio Grande do Sul para São Paulo. Foto: arquivo Família Mosson, década de 1930

Havia também o trem internacional que fazia a linha do Uruguai até São Paulo. Passava uma vez por semana na cidade, mas não parava para pegar passageiros, só em lugares maiores como Ponta Grossa e União da Vitória. Para uma viagem até a capital do estado, por exemplo, o trem saía de Rio Azul pela manhã e chegava as seis ou sete horas da noite em Curitiba, pois ia primeiro à Ponta Grossa e fazia a baldeação, quando os passageiros precisavam mudar de trem. A viagem, segundo Martynetz, levava este tempo se tudo corresse bem, porque às vezes o trem noturno que vinha de São Paulo atrasava, chegava às três da manhã. *“Mas quem queria viajar tinha que ficar esperando”*, completou.

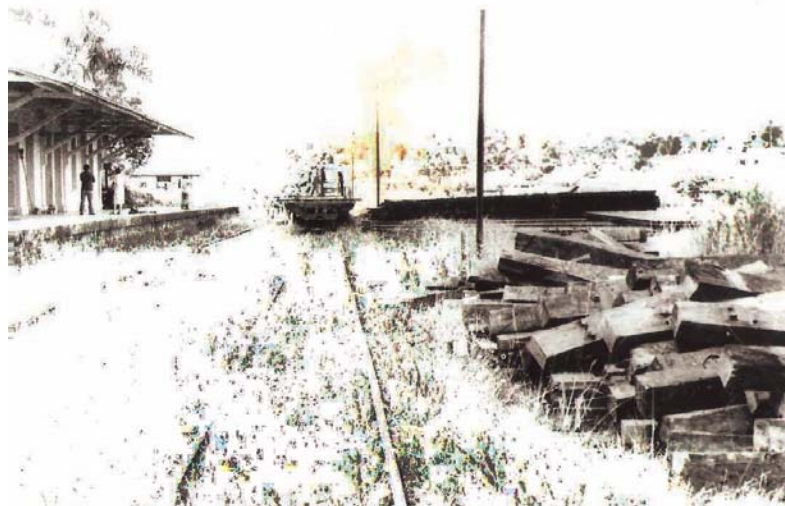


“No meu tempo de rapaz, o ponto de encontro era a estação”, relembrou Nestor Martynetz.
Foto: arquivo Barão, 31/12/1965

Tudo o que chegava ou saía do município era através da estrada de ferro. Também o abastecimento das casas de comércio, e até o transporte de objetos pessoais eram feitos através do trem. *“O pai do Vítório pedia farinha de mandioca, lá de Piratuba, mas tinham que comprar um vagão inteiro”*, contou Alexandra. Era comum essa prática de comprar um vagão de mercadorias, e aí o entendimento entre os donos de armazéns era imprescindível. Um pedia a mercadoria e depois repassava parte dela para os outros comerciantes da cidade. O problema era com alimentos perecíveis que muitas vezes estragavam por ser em grande quantidade, e de baixo consumo.

“Chegamos aqui com muito sacrifício, mas a cidade já estava melhor, já tinha estrada de ferro. Considerando as cidades vizinhas, aqui era a estação mais chique. No meu tempo de rapaz ficávamos vendo o trem passar. À noite também enchia de gente na estação, quando vinha o trem de São Paulo, mas já não era tanto público porque tinha o cinema” afirmou Martynetz.

Aproximadamente em 1946 havia tantos vagões na estação que, pra uma pessoa passar para o outro lado da rua, tinha que pulá-los. Enchiam o pátio, pois, às vezes, o trem vinha até a cidade, mas como precisava pegar alguma carga mais necessária, deixava outras cargas aqui. Era muito o espaço ocupado por lenhas, uma das coisas que mais se transportava da cidade.



Em 1988 o movimento da estação já tinha diminuído. Havia apenas transporte de cargas que vinham de União da Vitória para Irati ou Engenheiro Gutierrez, e os trens passavam apenas quatro ou cinco vezes por semana. Foto: Sandra M. Mosson, 1996

Logo a estação virou motivo de saudosismo. *“Agora o pessoal não fala mais em trem como antigamente. Isso é coisa do passado, não viram funcionando como nós. Foi uma pena terem tirado. Parece que não teve interesse dos administradores da região de brigar um pouco e melhorar a linha. O povo se acostumou com a idéia de não ter trem”*, afirmou Martynetz.

Os usuários pararam de viajar de trem quando os ônibus começaram circular. Além de chegarem mais rápidos ao destino, não tinha atrasos frequentes como os trens. Os trilhos foram retirados em 1996.

Os trilhos foram retirados no final de 1996. “As viagens foram parando devagarinho e ninguém percebeu”, comentou Nestor Martynetz.



Os trilhos da linha férrea sendo retirados em 1996. Foto: Acervo Romualdo Surmacz



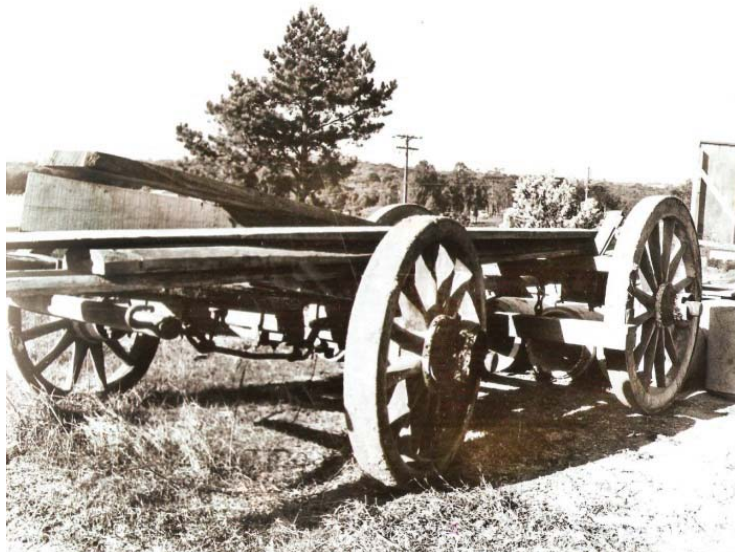
O início da circulação dos ônibus intermunicipais contribuiu para a decadência do transporte ferroviário de passageiros. Foto: Acervo de Antonio e Elza Gueltes, 1971

EVOLUÇÃO DAS RODAS

Animais, carroças e carroções eram usados, no início da cidade, como meio de locomoção. “Pra irmos de casa até a cidade era de charrete ou carroça”, comentou Pallú.

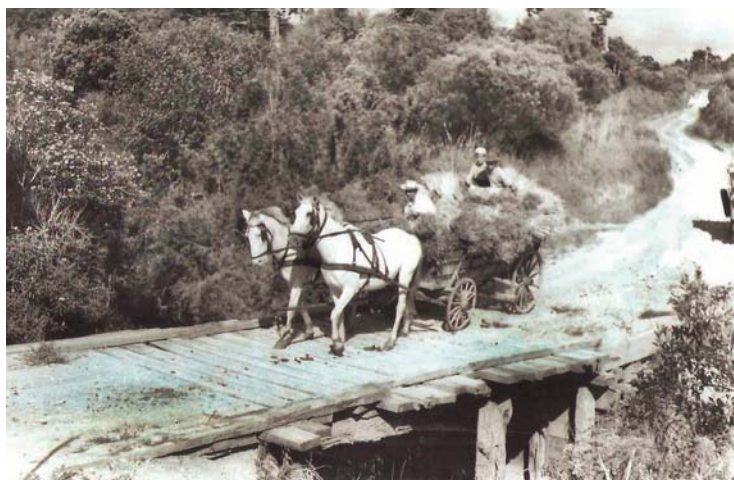
Nas margens do rio Potinga, limite entre Rio Azul e São Mateus do Sul, e no Porto Cortiça, havia pequenos barcos a vapor que faziam o transporte de cereais, madeiras, erva-mate. Havia também o Porto Soares e o Porto dos Mineiros. Nessa época, década de mim novecentos e vinte, uma balsa era destinada ao transporte de passageiros de um lado a outro do rio. Com o barco a vapor, podia-se transportar os produtos da região para União da Vitória, Três Barras e Porto Amazonas. O transporte feito por barcos funcionou até meados de 1950.

Era comum também as pessoas transportarem os animais tocados pelas estradas. Kwasek contou sobre uma vez que José Dúrcio levou cerca de 260 porcos de Rio Azul até Pitanga. *“Eles foram lá antes e fizeram uma roça grande, então vieram buscar os porcos. Em seis pessoas foram tocando à pé até Pitanga. Andavam dez quilômetros por dia, era de encher a rua. E atrás ia uma carroça com comida e tolda. Não tinha caminhão naquela época, iam levar de que jeito?”*, pergunta.



O carretão era destinado a puxar toras com bois. Era usado com quatro ou cinco juntas, isto é, de dois em dois num total de oito ou dez animais. Fotos: Sandra M. Mosson, 1999

Nas serrarias usavam-se muito os carretões. *“Naquele tempo em que tinham as serrarias, existiam 51 carretões na cidade”*, afirmou Kwasek. Este meio de transporte era usado também nas mudanças. *“Meu pai chegou em Rio Azul e gostou daqui. A mudança veio de carretão, de oito cavalos. Nós chegamos de carroça, com três animais, levamos um dia, saímos de madrugada e a noite chegamos aqui. Eu tinha seis anos e ainda tenho uma lembrança”*, contou Martynetz.



A carroça era o principal meio de locomoção da família e transporte de safra agrícola do interior até a cidade. Foto: arquivo Barão, 25/10/1964



Cavaleiros na Rua Dr Campos Mello. Foto: arquivo Barão



A carroça, um importante meio de transporte que prevaleceu por muitos anos em Rio Azul. Hoje apenas alguns poucos exemplares podem ser encontrados. Foto: arquivo Barão

O primeiro carro que chegou à cidade foi de Felipe Abraão e provocou tanta euforia que foi lembrado por muito tempo. *“Falaram que existia um carro que andava com cinco rodas, e quando veio o automóvel, em um fim da tarde, encheu a rua de gente pra ver. Saiu da garagem com o motorista chamado Maneco chofer, que era o serviço dele. Todo*

aquele povo ficou olhando até o automóvel sumir. Veio gente da colônia e de toda parte, assustados para ver. quando ele sumiu nós continuamos ali, admirados com aquele carro que corria sozinho, sem cavalo. À tarde já tinha gente esperando a volta dele. Depois que fomos saber que as cinco eram as quatro normais e o estepe” divertiu-se Kwasek.

O combustível chegava até Rio Azul através do trem. Vinha de Irati ou Ponta Grossa em latas de vinte litros. Era só telegrafar e pedir. Mais tarde, o prefeito da época, Adelermo Camargo, concedeu a Hélio Fonseca de Almeida a instalação de uma bomba automática de gasolina pelo prazo de dez anos. Martynetz lembrou de um outro fato. *“Ali onde o Francisco Gluszczyński tinha a farmácia, colocaram uma bomba de combustível daquelas de manivela. Existiam poucos carros na época mas abasteciam ali, ficava bem na esquina”,* lembrou.

Logo que carros chegaram os acidentes tornaram-se comuns. *“Uma vez eu estava no Sadala, com o Cararo e mais um homem, conversando. Um alfaiate de Mallet veio de caminhão, fez a volta e ficou segurando o volante. O caminhão subiu na calçada, eu saltei fora, mas o Cararo ficou. Moeu o braço dele, e só machucou um pouco o outro homem”,* contou Kwasek.



Os caminhões apareceram antes dos automóveis e mudaram a rotina das pessoas. *“Quem tinha carro era padrinho de quase todos os casamentos”,* lembrou Martynetz. Foto: arquivo Barão, 14/03/1965

Além dos problemas com acidentes havia também os de conservação das estradas. O ex-prefeito explica as dificuldades, na sua administração, em manter as estradas boas para o tráfego. *“Foram 170 Km de ruas retificadas e alargadas com pouco maquinário. Foi feito bastante.”* finalizou.

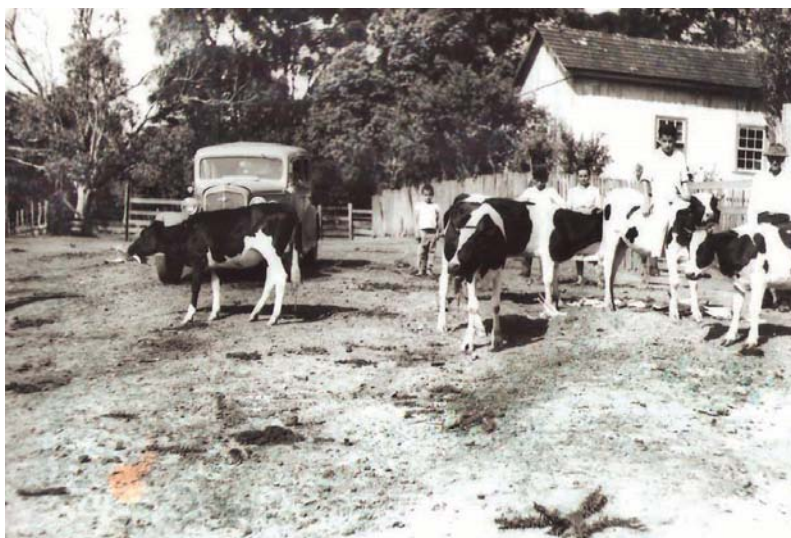
Quando começou a aparecer ônibus na cidade, este tirou os passageiros do trem por fazer a viagem em menor tempo. O Estrela Azul foi primeiro ônibus intermunicipal que passava por Rio Azul, e tinha o motor na frente, pequeno. Quando a empresa parou de circular ninguém fez a linha, só depois é que a Princesa dos Campos começou a circular.



As estradas que separavam Rio Azul das outras cidades eram de difícil acesso. “Era um sacrifício consertar as estradas e tapar buracos”, lembrou Ambrósio da Silva. Foto: arquivo Barão, 17/05/1962



Foi necessária a retificação de várias estradas que, a princípio, formaram-se na rota dos carroções que traziam madeira até estação. Foto: arquivo Barão, 17/05/1962



Um veículo no ambiente rural. . Foto: arquivo Barão

CICLO ECONÔMICO

O “Sertão da Jararaca”, região que se estende de Irati até União da Vitória sofreu, no período de 1914, o início da exploração dos ervais. Devido a problemas com países vizinhos, a importação de erva mate ficou comprometida. Houve então a necessidade de buscar o produto nos ervais paranaenses. Com isto, um espírito progressista tomou conta da população que via na extração de erva mate, de madeiras e construção da estrada de ferro, sinais de progresso. Também a facilidade no transporte de produtos através do Porto Cortiça, fizeram com que mais pessoas investissem na cidade.



A erva-mate, explorada desde 1914, representou naquela época cerca de 67% da arrecadação municipal. Foto: Sandra M. Mosson, 1999



A erva, *Ilex Paraguaiensis*, após ser colhida no pé, era seca e moída nos barbaquás. Depois, já podia ser recolhida e vendida. Saía da cidade em fardos e era exportada para outros estados. Foto: Sandra M. Mosson, 1999



Na cancha do barbaquí era colocada a erva já seca através de um sistema de canalização de calor. Depois disso, um cavalo circulava a cancha puxando a madeira maior, moendo assim a erva que caía na parte de baixo através de furos feitos no chão. Na parte de baixo ela era recolhida e posteriormente comercializada. Foto: Sandra M. Mosson, 1999

No início não havia o costume de cercar as propriedades. Os animais eram criados soltos e os colonos faziam as plantações sem se preocupar com divisas, o que causava muitas divergências entre vizinhos, pois quase sempre havia animais “intrusos” na horta de alguém. *“O povo se criava mais a vontade, criação a vontade, era tudo solto. Os terrenos não ocupavam veneno ou adubo, a terra era boa”*, afirmou Leônidas da Silva.

As famílias trabalhavam na lavoura e a renda familiar vinha do que a terra produzia. *“Havia plantação de milho, feijão e tomávamos conta de tudo. Com o passar do*

tempo a variedade na agricultura em Rio Azul decaiu bastante. Chegamos a criar cem galinhas lá na Vila Nova, porco, vaca de leite. E hoje, quem é que tem? O que será que aconteceu?”, perguntou Pallú.

Por sua vez, Machowski falou sobre o sofrimento de uma vida. *“Criei todos os filhos na roça. Amarrava um cobertor em estacas e deixava a criança numa caixinha. Quando chorava, dava o peito, arrumava ela e continuava trabalhando. Depois, tinha mais serviço de casa para fazer”, lamentou.*



A renda familiar estava baseada no que a terra produzia. *“Trabalhávamos na roça de manhã até à noite. Criávamos galinha, porco e vaca de leite”, lembrou Dalila.* Foto: arquivo Barão, década de 50

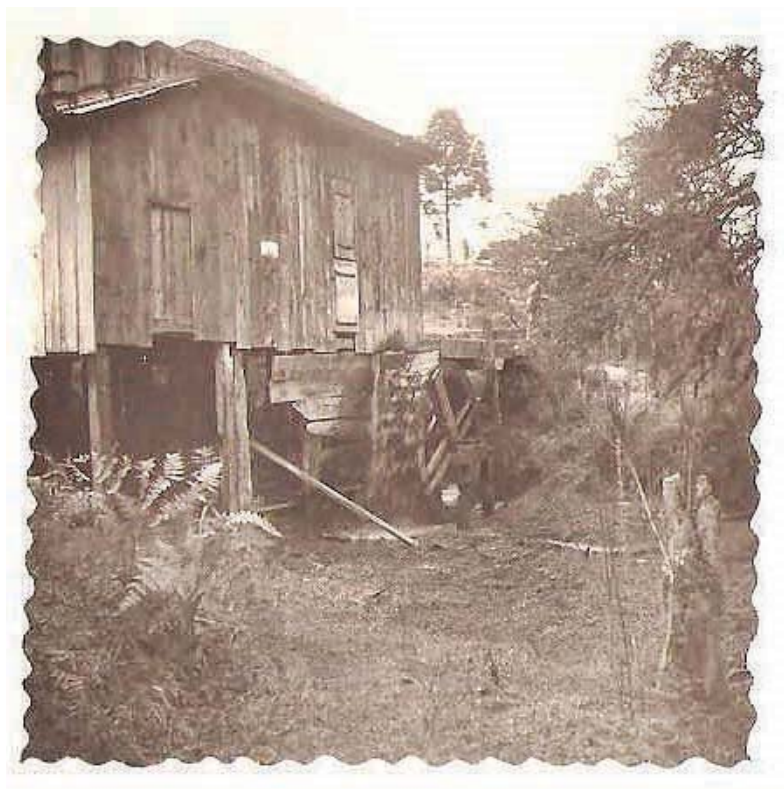
Em 1940 iniciou-se o plantio intensivo da batata e trigo mas, desde 1932, a batatinha representou cerca de 70% da economia do município. Assim, o município se destacou como o maior produtor de batatinha da região. Foram aumentando o número de depósitos e, segundo Lopacinski, Rio Azul chegou a ter 80 depósitos para atender a demanda.



Desde 1932 a batata representou cerca de 70% da economia do município. São Paulo foi o grande comprador até o final da década de 60. Foto: arquivo Barão, 08/05/1965

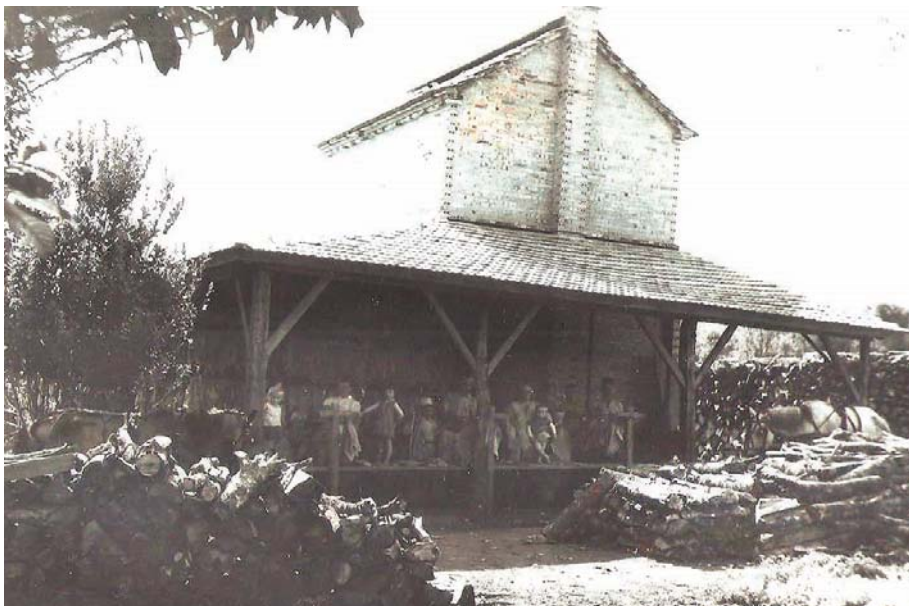
Em 1970, a população começou a abandonar a agricultura e ir embora para Curitiba, em busca de emprego, porém, teve uma época em que foram exportados quase 200 vagões de batata. *“São Paulo consumia tudo. Em dois ou três dias, o produto estava lá. Mas, quando começou a ter greve na rede, o vagão chegava lá com a batatinha podre. Neste caso, o proprietário tinha que ir até São Paulo e jogar fora a batatinha nas barrocas”*, contou Martynetz. Com todos esses transtornos, os agricultores começaram a perder o incentivo de continuar plantando.

A cidade foi marcada pelo plantio e exploração de vários produtos em épocas distintas. Assim, na década de mil novecentos e vinte, a madeira foi muito explorada. No período de 48 a 60, aproximadamente, a erva voltou a ser extraída com mais intensidade. *“Quando viemos pra cá trabalhávamos com batatinha e trigo. Depois vieram os gafanhotos, em 1946, e acabaram com a lavoura. Trabalhamos 19 anos com o fumo, plantamos pêssego para vender em toda a região, cuidamos de vacas de leite, porcos, galinhas e da horta”*, comentou Machowski.



“Nas colônias onde existia arroio tinha também um moinho”, contou Lopacinski. A região ficou conhecida como ‘Trigais do Paraná’ e a farinha era um produto que não se comprava em armazéns. Foto: arquivo Barão, 1954

Fecharam-se muitos moinhos no final da década de 1950, quando as pragas atacaram a lavoura. No entanto, o cultivo de fumo começou a se destacar. *“Aqui virou a febre do fumo, mas com os anos também foi decaindo. O tempo modificou bastante e criou dificuldades para a lavoura, então muitas pessoas deixaram de plantar”*, afirmou Santos.



As primeiras estufas de fumo foram da companhia Souza Cruz, instaladas em 1958.
Foto: arquivo Barão, 11/01/1964



O auge da plantação de fumo foi nos anos de 75 a 80. Atualmente várias famílias estão abandonando ou investindo em outras formas de utilização da terra.
Foto: arquivo Barão, janeiro/1964

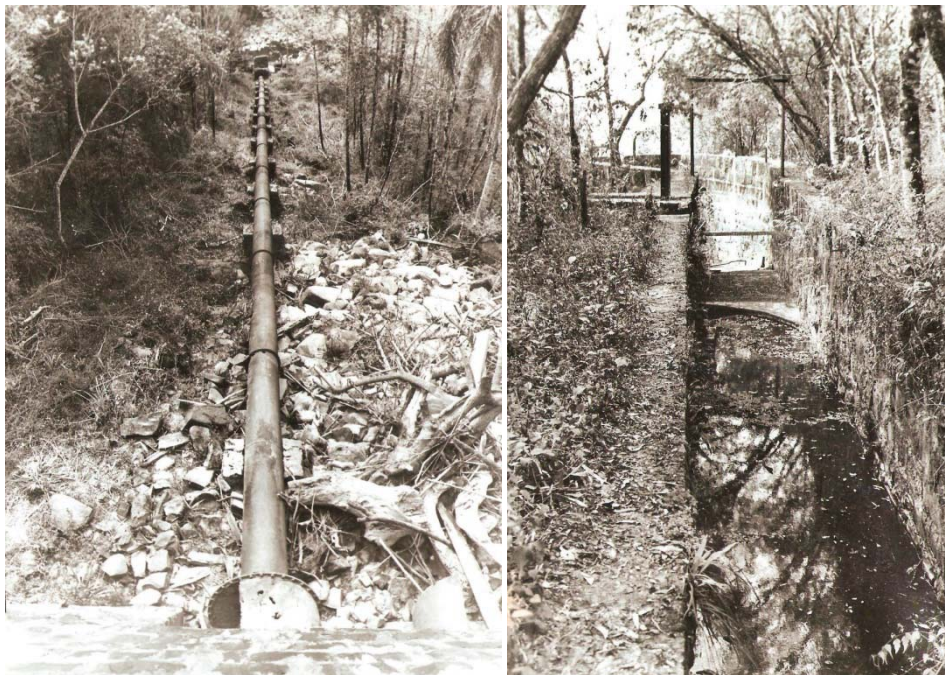
O investimento na agricultura oscila bastante em tempos de grande produção e outros sem reação significativa. *“Há uns anos havia muitos compradores de cereais. Outra época parece que fica tudo meio parado. A decadência é resultado do tempo, da época, mas também a situação dos governos modifica tudo. Se a lavoura vai bem o restante das coisas também vão bem”*, explicou Santos.



Movimento na área central da cidade com carroças e caminhões.
Foto: arquivo Barão, janeiro/1964

ENERGIA DO CONFORTO

Com lampiões à querosene era feita a iluminação nas ruas da cidade. Para tanto, um fiscal da prefeitura estava encarregado de acendê-los e apagá-los em determinadas horas, como medida tomada pelo então prefeito, Hortêncio Martins de Mello, em 1920.



Canalização da represa na Pedreira que gerava luz para as cidades de Rio Azul e Rebouças. Foto: Sandra M. Mosson, 1999

O preço da luz fornecida pelos irmãos Cury era de três contos e 600 mil réis anuais, em todo o perímetro urbano. *“Quase todos os municípios tinham uma usina para si”*, contou Martynetz, que foi o funcionário da prefeitura da cidade, durante dois anos, encarregado de cobrar a conta de luz. *“Ficava três dias em Rio Azul e três em Rebouças. Ia cobrando de casa em casa, e a maioria delas tinha contador. Para as residências pequenas existia uma taxa fixa”*, lembrou.



“Foi colocado um motor na praça matriz para gerar luz, só que não deu certo, pois funcionava durante duas horas e depois parava”, contou Lopacinski. Foto: arquivo Barão, 2002/1966

Em 1976 teve início a eletrificação rural, com 12 quilômetros de redes. Sem dúvidas, a energia elétrica fazia muita falta. Hoje seria quase impossível sobreviver muito tempo sem ela, pois além de conforto e comodidade, toda casa está equipada com objetos eletrônicos. Martynetz afirmou que, no início de Rio Azul, as pessoas saíam para uma cidade maior porque queriam ter geladeira, televisão e água encanada. *“Quase não existia geladeira. Se comia mais carne defumada”*, afirmou Lopacinski.



Todo o perímetro urbano da cidade recebeu luz gratuita durante seis meses no ano de 1924. Foto: arquivo Barão, 22/10/1953

NOS ESCOMBROS DO TEMPO

As palhas que restavam da colheita do trigo eram trançadas envolvendo litros de vidro a fim de protegê-los durante o transporte. Para realizar este serviço, existiam as fábricas de palhões. Elas entraram em decadência quando se inventaram engradados de madeira para o transporte. *“Naquele tempo existiam duas fábricas, a de Alberto Kulevitch e de Alberto Kulka. Houve uma vez em que a fábrica de Kulevitch pegou fogo. Acusaram Kulka de ter ateado fogo em seu concorrente, mas foi provada a sua inocência”*, contou Lopacinski.



As fábricas de palhões funcionaram de 1910 até 1959. *“É o que dava serviço para as moças,”* conta Catarina Schraier. Foto: arquivo Barão, 30/04/1956



Na fábrica de palhões, os litros eram trançados com palha de trigo, evitando que quebrassem durante o transporte. Foto: arquivo Barão, 30/04/1956

A terceira fábrica de farinhas do Paraná foi construída em Rio Azul por Adão Schraier, no ano de 1955. Funcionou até 1982. O milho, utilizado na fábrica, era todo produzido na cidade e consumido na região. Com isso, foi parando o funcionamento dos antigos monjolos que faziam a farinha de milho.

Outras fábricas movimentavam a economia rioazulense, aumentando as expectativas das pessoas. *“Tinha uma fábrica de caixas, do Felipe Jacobucci. Mandavam até para São Paulo. A de “Café Marumbi”, de palhões, Tsar & Cia, de calçados; e nós, que tínhamos engarrafamento de bebidas”*, contou Dalila Pallú.



Existia a fábrica de engarrafamento de bebidas Especial, da família Pallú. Além disso, fábricas de café, sapatos, caixas e farinhas, entre outras, mas não restou nenhuma delas. Foto: Sandra M. Mosson, 1999

Outras pessoas que chegaram na cidade investiram em negócio próprio. Foi o caso de Lopacinski, que montou uma pequena oficina de artefatos de couro, em 1955. *“Naquela época usava-se muito animal, tanto que quase ninguém tinha caminhão. Os colonos usavam muito ariame, sapatões, botinas de serviço”*, disse ele lembrando que fabricava todos esses aparatos para a comunidade.

Na década de 1970 foi construída uma fábrica de manilhas, mas das fábricas citadas, não restou nenhuma.

EM CONTATO COM O MUNDO

A LUZ, foi o primeiro jornal de Rio Azul lançado em 02 de junho de 1927. A edição era quinzenal e os jornalistas responsáveis eram Ismael Fernandes e Ascânio Domingues Filho. Não há registros de quando se extinguiu, nem mesmo um exemplar foi encontrado. O primeiro rádio que apareceu na cidade causou euforia e espanto, como contou Kwasek. *“O Coronel Hortêncio trouxe um caixãozinho que fala. Eu tinha 12 anos mas lembro que juntava muita gente pra ver. Todo dia ligavam o rádio cedo para o povo da rua escutar”*, contou. A primeira televisão, segundo Santos, foi de Abílio Vieira, e na época afirmaram que se podia ver quem falava dentro do caixãozinho.



Depois de ter causado espanto como o ‘caixãozinho que fala’, o rádio se popularizou. Comentários diziam que a televisão foi o meio usado para mostrar quem falava dentro do caixãozinho.

Foto: arquivo Barão, 12/03/1962

O aparecimento de rádios em Rio Azul era relacionado com o poder aquisitivo do dono. *“O Felipe Jacobucci era considerado rico, pois tinha rádio”,* contou Martynetz. Antes dessa invenção fazer parte do cotidiano, era comum as pessoas se visitarem para conversar. Depois as visitas não diminuíram, mas eram só para escutar os programas, e quando a televisão tornou-se um bem acessível, elas diminuíram. *“Quando entrou a televisão segurou todo mundo em casa, aí ninguém mais ia passear. Acho que a televisão tirou o convívio do povo, não se visitam mais. Esse é o preço do progresso”,* afirmou Martynetz.

Dalila Pallú recebia notícias sobre os soldados que combatiam na Itália através do rádio. *“Tinha um programa do expedicionário, ao meio-dia. Cortava o coração da gente”,* relembrou ela.

O contrato para a telefonia intermunicipal foi assinado em 1926, com prazo de quatorze meses para a instalação. A vinda de telefones para a cidade era importante devido a comercialização de batatas. Precisava-se de um meio mais rápido para a comunicação com compradores de São Paulo. *“O nosso telefone já era esse de levantar do gancho e falar com a telefonista. Em Rebouças era aquele de manivela, que fica na parede. Aqui, a telefonista é que fazia a ligação. Durante a crise, você pedia uma ligação às oito da manhã e ela conseguia te atender às quatro da tarde. As ligações acumulavam daqui e de outras cidades, tinha que ficar aguardando. Como evoluiu, coisa extraordinária”,* complementou Martynetz.



A central telefônica de Rio Azul funcionou até meados de 90. Durante a crise, você pedia uma ligação e demorava até 10 horas para ser atendido”, relembrou Martynetz. Foto: arquivo Barão, 12/10/1957

REALIZAÇÕES DE UM JOVEM MÉDICO

Mais de 200 pessoas morreram na cidade em 1918, vítimas de um surto de gripe. Por ser uma doença nova, não sabiam ao certo como combatê-la. O problema aconteceu também em vários locais do Paraná e do país. Dez anos mais tarde foi construído o primeiro posto de saúde, e o funcionário, Alberto Rangel, prestava todos os serviços de vacinação, saneamento básico, e controle de hanseníase. Como na época não havia seringas e agulhas, as vacinações eram realizadas com um instrumento parecido com caneta de pena. Com uma ponta de metal era feita uma incisão até ocorrer sangramento onde era aplicada a vacina. A farmácia de Francisco Gluszczyński, aberta em 1930, foi a primeira da cidade. Além de cuidar da farmácia, Gluszczyński também manipulava medicamentos caseiros. Era a pessoa mais procurada em Rio Azul, assim como o médico Lauro Wolf Valente. O dentista Olgierdo Hessel veio estabelecer-se no município em 1949. *“Depois que viemos pra cá começou a chegar mais gente na cidade, veio até dentista”*, contou Burko. As pessoas sentiam a falta de um sistema melhor de saúde, talvez não eram acostumadas pois, como disse Schraier, médico era só para ricos. Não investiam em tratamentos.

“Um dia trabalhei bastante na roça mas estava esperando o filho. A noite fiquei ruim e a parteira demorou muito. Nasceu o Chico, sozinho no paiol. A minha sogra fez fogo a noite toda pra me esquentar, pois era uma noite muito fria”, lembrou Machowski.



Desde 1928 a cidade contava com um posto de saúde e, em 1930, foi aberta a primeira farmácia. O hospital (parte dos fundos mostrada na foto) era o maior de toda a região.

Foto: arquivo Barão, 28/05/1966

O primeiro hospital da cidade foi montado na antiga casa de Hortêncio Martins de Mello. O médico responsável era Acir Rachid, recém-formado, que veio residir em Rio Azul. A parteira que lhe auxiliava era Jocelina Balhs Santos. *“Ela foi funcionária do hospital velho, e foi desde enfermeira à cozinheira, depois, trabalhou trinta anos como parteira”*, contou Santos. Contando sempre com a administração das Irmãs religiosas, o novo hospital foi fundado em 20 de novembro de 1949. Alguns políticos usaram sua influência para ajudar na construção. *“Consegui verbas com Getúlio Vargas”*, contou Santos.



Hospital 'novo' de Rio Azul foi fundado em 20 de novembro de 1949, e foi construído com ajuda da população através de festas e eventos para arrecadar dinheiro. Foto: arquivo Barão

Com o médico instalado no município a cidade ganhou a fama de melhor hospital da região. *“O hospital naquela época era bom, era quase melhor que agora, e tinha só um médico, o Acir Rachid pois, quando a consulta era de grande precisão, ele ia na casa do paciente. Como nas colônias só tinham carroça, quando era preciso trazer um doente ao médico, alguém vinha na cidade e pegava um carro pra buscá-lo”*, lembrou Silva.



“O Rachid como médico foi um dos poucos. Dedicado e inteligente, sem dúvida foi o médico mais famoso que a cidade já teve”, comentou Martynetz. Nessa foto, Rachid aparece em pé, falando na sua despedida da cidade, antes de ser professor universitário em Curitiba. Foto: arquivo Barão

Enquanto aguardava a conclusão do novo hospital, Rachid atendia em uma sala do cinema. Quando tinha alguém que precisasse ficar internado, ele trazia para seu quarto de hotel, a fim de não deixar o seu paciente sozinho. *“O Rachid, durante todo o tempo que esteve em Rio Azul, se atualizou na medicina”*, confirmou Martynetz.

“Ele administrou o hospital durante quatro anos. Trouxe para a cidade um novo médico, o Amilcar Resende Dias, e depois, o Celso Pallú. Mais tarde mudou-se para Curitiba e foi professor universitário. Foi embora porque achou que já cumpriu a missão em Rio Azul. Já estava melhor financeiramente e tinha filhos pra estudar”, finalizou Martynet.



Desde a inauguração, o hospital foi procurado por pessoas de vários locais do estado. A foto mostra uma operação realizada pelo doutor Amilcar Rezende Dias, que se instalou na cidade através do convite de Rachid. Foto: arquivo Barão, 23/10/1965

Doutor Acir Rachid faleceu no dia 06 de novembro de 2016, aos 95 anos, em Curitiba. Ele fazia parte do primeiro grupo de médicos paranaenses a se inscrever no CRM-PR e seu número de registro era 388.



Um dos hotéis da cidade em tempo incerto.
Foto: arquivo Barão

EM BUSCA DO SABER

Poucas pessoas tinham acesso às escolas. Algumas crianças caminhavam quilômetros até uma escola do interior, ficavam internados nos colégios da cidade, ou então, os pais contratavam professores particulares para que seus filhos recebessem o ensino necessário. *“O grupo funcionou na frente da prefeitura. Eram duas casas de madeira, mantidas pela prefeitura, com seis ou sete professoras. Tinha também o colégio velho, que era na esquina da igreja”*, lembrou Martynetz. A escola normal e comércio eram as únicas gratuitas da região. Mantidas pelo governo estadual, atraíam para a cidade muitos estudantes que ficavam morando no próprio colégio.



A construção do colégio Santa Terezinha foi iniciada em 1935, e a estrutura passaria a ser escola, moradia para as irmãs e internato. Foto: arquivo Barão, 07/09/1957

O colégio Santa Terezinha parou com suas atividades educandárias em 1975. *“Eu parei no colégio para estudar. Até cinco horas assistia aula e depois ajudava puxar terra com um carrinho de mão para construir esse outro prédio. Eu tinha nove anos”*, contou Schraier.



O colégio era o único de alto nível da região. Oferecia cursos de 1ª a 4ª série, escola de datilografia, cursos de costura, bordado, teatro e música. Foto: arquivo Barão, 07/09/1957



As crianças ajudavam na construção, manutenção e afazeres do colégio após a aula. “Eu puxava terra com carrinho de mão”, contou Catarina Schraier. Foto: arquivo Barão, 20/02/1966



Aspecto das salas de aulas. Foto: arquivo Sandra Mosson

Pertencente à etnia ucraniana, o Colégio Nossa Senhora de Fátima oferecia o curso primário e catequese. Em 1965 foi fundado o abrigo e jardim da infância, que funcionou até 1987, através de convênio com o Instituto de Assistência ao Menor.



O colégio ucraniano Nossa Senhora de Fátima era cuidado pelas irmãs catequistas de Sant'Ana.
Foto: arquivo Barão, 17/09/1962

A utilização do novo prédio do grupo escolar Dr. Afonso Alves de Camargo aconteceu em 01 de setembro de 1945. A biblioteca pública municipal foi criada em 1950, e o colégio Chafic Cury começou a funcionar em 26 de fevereiro de 1960.

Os jovens começaram buscar estudos em outras cidades então, nessa época, foram criadas as escolas. Segundo Martynetz, foi um esforço grande para arrumar alunos naquele tempo, e hoje há falta de salas. *“O pessoal da colônia vem estudar na*

cidade porque tem ônibus que faz o transporte”, afirmou. Segundo ele, a reforma em escola do estado era responsabilidade da prefeitura, e o povo é que ajudava a manter. Apesar da cidade já possuir boas escolas, os jovens continuavam saindo para buscar estudos em centros maiores. Os anseios cresceram e o município já não supre as necessidades. “Rio Azul tinha tanta coisa boa, as escolas, diretoras. Atualmente muitas pessoas foram embora, para estudar em Curitiba”, afirmou Burko.



No prédio escolar fundado em 1º de setembro de 1945 funciona o Colégio Estadual Dr Afonso Alves de Camargo. Foto: arquivo Barão, fevereiro/1965

COOPERATIVISMO DA FÉ

No início só existia a religião católica, mas atualmente, outras crenças fazem parte do cotidiano rioazulense, embora aquela seja a mais representativa. Em 1920, não existiam igrejas nem capelas no interior do município, somente uma do rito bizantino, que foi construída em 1918 e pertence à paróquia do município de Mallet. Na colônia, as missas eram rezadas nas escolas e casas. Em 1922, foi fundada a primeira capela em Rio Azul dos Soares, e também a igreja na praça Tiradentes. Com isso, veio o primeiro vigário residir no município, o Padre José Pallas.

Nas primeiras capelas do município, costumava-se colocar um mastro com quadros de seus padroeiros no alto. As festas eram comemoradas com grandes foguetórios, e assim atraíam a atenção do povo. *“Sempre tinha padre nas capelas uma vez por mês. Alguém da comissão da igreja vinha buscá-lo. Ia de carroça rezar a missa. Era o padre João Bodjeba, e o padre Augusto”,* conta Silva.

A primeira igreja ficava no centro da praça. Era pequena, possuía canteiros de flores que as famílias cuidavam. Em 1929, foi iniciada a construção de uma igreja maior, que só ficou pronta em 1935. Foram contratados os irmãos Flzykowski, de Curitiba, para fazerem a pintura interna da nova igreja.

Com o passar do tempo, houve a necessidade de uma igreja maior, pois a população da cidade aumentava. *“A igreja velha era pequena, muito bonita a pintura, mas*

era de madeira. Pela necessidade de uma reforma, achamos conveniente começar a construção de uma nova, grande e de material. Foi lançada a pedra fundamental em 1971, e o término da construção se deu em 1978. Possui 3.200 lugares. Os bancos foram adquiridos do ex-cinema da cidade. Nunca faltou dinheiro, o povo ajudou demais com festas e campanhas”, conta Martynetz.

Em 1988, é instalado no alto do Morro do Cristo a imagem do Sagrado Coração de Jesus, padroeiro do município.

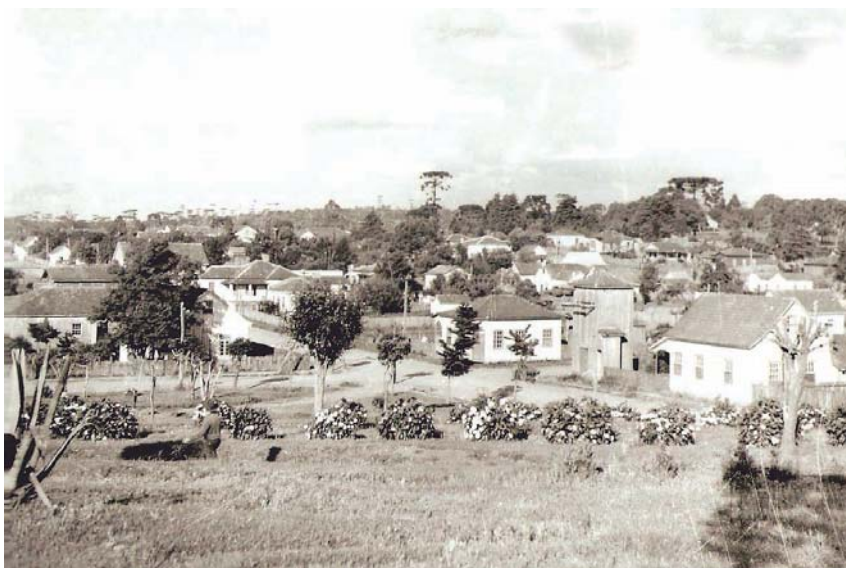


A igreja levou seis anos para ficar pronta em 1935, mais tarde deu lugar para outra maior. Rosa Machowski contou que quando chegou na cidade só existia a igreja velha e muito toco de imbuia na praça. Foto: arquivo Família Mosson, década de 40



A religiosidade sempre esteve presente entre as famílias rioazulenses. No início do povoado um padre vinha de São João do Triunfo, a cada três meses, para celebrar missa.

Foto: arquivo Barão, 27/07/1956



Aspecto da praça Tiradentes. Foto: arquivo Barão



Logo que inaugurada, a Praça virou atrativo. Foto de 1970, cedida por Elza Kempe Gueltes



A Praça Tiradentes sempre foi ponto de encontro da juventude nos finais de semana.
Foto cedida por Augusto Kruk

FORMA SIMPLES DE LAZER

A cidade sempre ofereceu lazer para seus habitantes. As distrações eram simples, mas em bom número. Poucas cidades podiam se dar ao luxo de possuir um cinema bonito e espaçoso como o de Rio Azul. *“O primeiro cinema era pequeno e de madeira, foi montado em 1924. As pessoas saíam da novena e iam ao cinema, que lotava”,* lembrou Martynetz.



O cinema era o maior da região, e foi montado em 1946. Na década de 80 encerrou suas atividades. Foto: arquivo Barão, 16/03/1962

Ex-proprietário do cinema, Vitório Burko contou que as sessões aconteciam no domingo e na quinta-feira. Quando o filme era bom, havia sessão também no sábado. Segundo ele, o cinema começou a decair porque apareceu a televisão, e era novidade. *“As músicas eram ouvidas pela cidade toda. Aos domingos podia-se também oferecer músicas para as pessoas queridas. Através do alto falante o locutor transmitia recados, em sua maioria, de casais enamorados que ficavam na praça”,* lembrou.



O prédio do antigo cinema ficou abandonado por um período. Equipamentos e discos em vinil que faziam a trilha sonora dos filmes foram roubados, e o prédio vandalizado. Atualmente vários comércios ocupam o local onde antes foi sala de cinema, diversão e distração para muita gente.

“Íamos ao cinema pra ver o noticiário que apresentavam antes de começar o filme. Falavam sobre futebol e passavam aqueles lances de gol, e tudo o que acontecia no mundo. Outra coisa que atraía público era o seriado do Tarzan, onde apresentavam uma parte a cada domingo. Essa era uma maneira de atrair o público”, explicou Martynetz.

Lyra do Sul era o nome da banda criada em 1917, composta por moradores de Roxo Roiz e regida pelo maestro Roberto Ehlke Sobrinho. Esta banda se extinguiu sem deixar vestígios.



“Para ganhar um baile nós quase morríamos de trabalhar, porém papai sempre nos levava”, contou Dalila Pallú. Foto: arquivo Barão, 25/01/1956

Mais tarde, aproximadamente em 1932, a cidade contava com outra banda que era composta por Davi, o mestre, Agnelo, Miguel Baszezen, João Sirino, Francisco Mores, Batista Mores, Evangelista Mores, Izídio Mores, Pedro Borges, Jorge Teixeira, Tancredo Leite, Dico Pinto, Orestes Pallú e Odilon Estival. Tocavam em festas, nas ruas e bailes. *“O Chico Mores morava lá em cima, pegava o instrumento e da janela tocava para Rio Azul inteiro escutar. Eu queria saber que fim levou isso”, perguntou saudosista Augusto Kwasek.*

“Antes tinha muita serenata aqui, era animado, juntava uma porção de gente que saía cantando pela rua à noite. Eu, o Bilo, o Milo Sus, e mais alguns. Quantas vezes a Helena, minha esposa, abriu a janela pra ver eles em três, quatro, cantando”, contou Kwasek.



“As festas eram animadas com bandas de Rio Azul como ‘Onório e Seu Conjunto’ ou então vinha o conjunto de jazz de outra cidade. Era muito divertido”, lembrou Alexandra. Foto: arquivo Barão, 05/01/1956

Além das serenatas, os bailes faziam a cidade ficar mais alegre. *“Há sessenta anos, o nosso bloco de carnaval foi o mais bonito, tirou em primeiro lugar. A roupa custou 50 mil réis, o colete era inteirinho bordado, o lenço também era todo com flores aplicadas. As pessoas faziam cordões e iam pulando de um clube ao outro. O clube era todo enfeitado, coisa mais linda”, afirmou Pallú.*

O carnaval daquela época, assim como acontece hoje, também foi motivo de união de muitos casais. *“Conheci o Vitória num carnaval. Já no ensaio quebrei o salto do meu sapato, e a saia tinha aplicações de rosas. Não sei o que aconteceu, o povo não é mais animado como antes que enchiam os bailes, o clube ficava lotado, e olha que as músicas eram caras assim como as festas. Faziam festas que enchiam de gente, era até bonito de ver. Agora tudo mudou”, comentou Alexandra Burko.*



O bloco que desfilou no carnaval de 1939. *“Quando Inventei de fazer o bloco muitos tinham vergonha e medo”, contou Kwasek. Foto: arquivo pessoal de Augusto Kwasek, 1948*

O esporte também teve destaque entre a população rioazulense. “O filho do prefeito Guilherme Pereira, o Acir Pereira, jogava futebol no nosso grupo. Tinha o time do Gaúcho e o Tabajara. Jogávamos também em outras cidades”, afirmou Kwasek.



Foto: arquivo Barão, 08/10/1956

Os jogos de futebol aconteciam sempre aos domingos, e em uma localidade diferente. Os jogadores iam de caminhão. “Íamos jogar em Mallet porque deles sempre ganhávamos, mas em Rebouças só perdíamos. Íamos cantando e *voltávamos cantando*”, animou-se Kwasek.

Como um dos incentivadores do futebol no município, Lopacinski tinha muito que contar. “*Deu uma crise no futebol mas ninguém queria saber. Cresceu muito mato no campo, então, um dia, peguei uma piazada e limpamos, mas depois fizemos um joguinho. Hoje tudo mudou, até a própria bola. A gente enchia, dobrava, amarrava o bico, colocava dentro do capotão e depois costurava, com cordão de sapato. Eu cuidava bem do campo, não deixava dar briga. Quando via um agito ali já tinha polícia que dava uma mão pra gente*”, finalizou.

Antes do futebol ser introduzido no cotidiano das pessoas, havia as corridas de cavalos. Várias raias foram construídas na cidade e nas colônias, pois, na época, o futebol era pouco praticado. “*A última raia ficou ali perto do cemitério, mas tudo acabou porque ficou coisa antiga, ninguém mais ligava*”, contou Kwasek. “*Aos domingos, a pessoa chegava ali e apostava quanto queria no cavalo tal e tal. Além disso, no meio do povo, jogava-se cachola. Era com moeda de quarenta réis feitas de bronze. Batiam num tijolo e pediam, chapa ou cruz, e com isso caçavam dinheiro. A moeda ia lá em cima. É como cara ou coroa*”, relembrou Lopacinski.



Outra forma de lazer que acontecia na época eram as corridas de cavalos. Uma modalidade esportiva muito procurada, que desapareceu depois que o futebol ganhou espaço. Foto: arquivo Barão, 10/04/1961

ENTREVISTADOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA COM ESTE TRABALHO NOS ANOS DE 1998/1999



Vítório Burko, com 88 anos. *“Meu pai, Jacob Burko, fundou o comércio em 1908, mas antes disso ele lidava com dormentes”.*



Arlindo Santos, com 86 anos. *“Na época em que vim para Rio Azul foi a ‘febre da batatinha’. Era uma beleza, tinha batatinha até pelas calçadas, mas depois começaram a plantar em São Paulo e a produção local decaiu”.*



Rosa Gembarowski Machowski, 85 anos. *“Viemos de Tomás Coelho porque estava custoso viver lá. Não tinha dinheiro nem para comprar roupas, tecidos ou sapatos”.*



Augusto Kwasek, 82 anos. *“Carnaval é assim: quanto mais feio, mais bonito fica”.*



Ambrósio Vilcek da Silva, 80 anos. *“Podiam ter cuidado da estrada de ferro, mas tiraram tudo. Quantos vagões de batatinha e madeira saíram daqui para São Paulo, Rio de Janeiro e outros lugares”.*



Alexandra Paramustchak Burko, 80 anos. *“Quando casei em 1938 e vim morar para cá, dava para contar nos dedos os negócios que tinham na cidade”.*



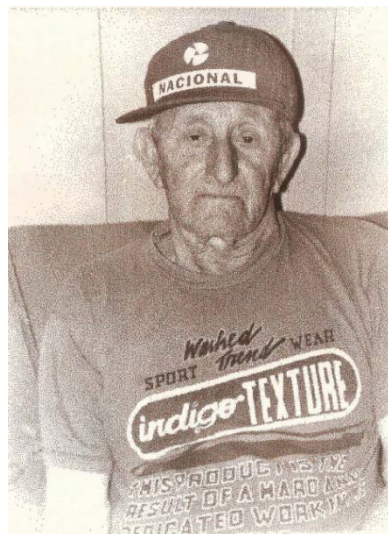
Maurício Lopacinski, 80 anos. *“Antes vinham amigos meus de Curitiba, e saíram para comprar frango, cabrito, leitão e encher a caminhonete antes de ir embora. Incrível, hoje o colono vem comprar frango no mercado”.*



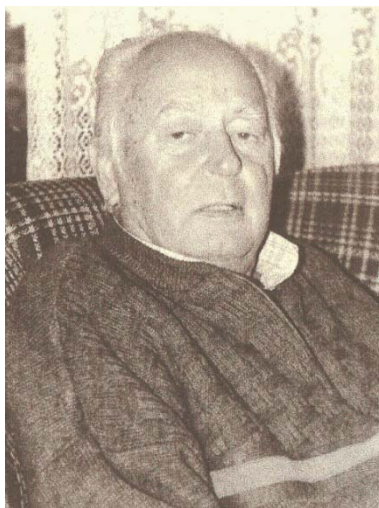
Dalila Pissaia Pallú, 77 anos. *“Nosso tempo... ah meu Deus se a gente soubesse... ‘me dá o dinheiro aí’... ‘mamãe eu quero’. Nós fazíamos ensaio antes de pular carnaval”.*



Catarina Zem Schraier, 74 anos. *“Quando eu tinha nove anos parava no colégio das freiras. Não tinha luz, era tudo com gerador ou à luz de velas”.*



Leônidas da Silva, 71 anos. *“Pode ser que melhorou para o povo da cidade, mas para nós do mato não”.*



Nestor Leonides Martynetz, 69 anos. *“Quando vim para Rio Azul em 1936, a cidade era bem pequenininha e a maioria das pessoas moravam na colônia”.*

100 ANOS A HISTÓRIA CONTADA PELA COMUNIDADE

Rodrigo Zub

Eu Rodrigo Zub, bacharel em Comunicação Social-Habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário de União da Vitória (UNIUV) e que trabalho desde novembro de 2010 na Rádio Najuá de Irati, não sou natural de Rio Azul, mas aprendi a amar essa cidade que possui um povo simples, trabalhador e acolhedor. Meu objetivo com esse trabalho é eternizar alguns fatos marcantes da história do município de pouco mais de 15 mil habitantes, que tem na agricultura seu carro-chefe, pois através da labuta diária na terra essas pessoas conseguem renda para sobreviver e conseqüentemente movimentam o comércio local, que depende do sucesso da produção rural para alavancar suas vendas. Com isso, espero contribuir para que as gerações futuras saibam como era o cotidiano e os hábitos culturais de seus antepassados.

Entendo que a história deve ser contada a partir de relatos da própria comunidade. Por isso, procurei pessoas que pudessem retratar momentos marcantes da história de Rio Azul, como a instalação e funcionamento do Cine-Teatro, que proporcionava momentos de lazer e ao mesmo tempo exercia um papel de meio de comunicação para a população. Os entrevistados lembraram com nostalgia como eram as viagens de trem na Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e falaram sobre a importância econômica do cultivo do fumo para os agricultores familiares. Eles também retrataram alguns fatos pitorescos como a festa do cinquentenário, a origem do nome Roxo Roiz (como se chamava o município no início de sua colonização), como eram os passeios de pé de bode (carro que transportava as noivas até a igreja), falaram sobre o funcionamento das fábricas de palhões, da gripe espanhola, dos casarões antigos, dos Pracinhas (pessoas que serviram ao Exército durante a Segunda Guerra Mundial e que voltaram como heróis ao município), entre outras curiosidades.

A história de Rio Azul foi o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Porém, essa história foi construída por inúmeros munícipes que contribuíram para o desenvolvimento na indústria, comércio, infraestrutura, saúde, educação, esporte, entre outros setores ao longo dos 100 anos de emancipação política. Diversas transformações ocorreram, mas o clima de cordialidade continua sendo marca registrada do povo rio-azulense, que acolhe todos os seus visitantes de braços abertos para se estabelecer profissionalmente ou para uma simples conversa. Agradeço aos entrevistados Ceslau Wzorek, Teodoro Surmacz, Osdival Pallu, José Dmucharski (in memoriam), Catarina Dmucharski, Paulo Baran (in memoriam), Jussara Romanhuk Cordeiro, Josefa Romanhuk, Júlio Vital Chaves (in memoriam), Terezinha F. Chaves (in memoriam), Mário Pietroski, Lúcia Knaut Budziak, Adalberto Budziak (in memoriam) e inúmeras pessoas que contribuíram espontaneamente repassando informações e ajudando a contar a história de Rio Azul, que será narrada a seguir neste capítulo da obra.

INSTALAÇÃO DO CINE-TEATRO RIO AZUL

Conforme registro do livro *Rio Azul: 70 anos de emancipação política*, escrito por Ceslau Wzorek e Reinaldo Valascki, contratado para ajudar a escrever a obra e que já é falecido, a instalação do Cine-Teatro Rio Azul, de propriedade do industrial Jacob Burko, em sociedade com a família Wasilewski, em 1946, causou imensa repercussão na população.

Além de um instrumento de valorização da cultura local, o cinema foi um importante veículo de informação e fonte de entretenimento para a população. *“Ele possuía um serviço de alto-falante que anunciava filmes ou qualquer notícia à população. Então tinha seu valor como meio de comunicação e divulgação de informações”*, destaca o servidor municipal aposentado, Ceslau Wzorek.

Esse sucesso ocorreu, principalmente, porque a televisão ainda não existia e poucas pessoas possuíam rádio, sendo um meio de comunicação destinado a cidadãos com uma renda elevada. No teatro, havia apresentações de orquestra, filmes, grupos que faziam apresentações teatrais, inclusive folclóricos. *“Passavam normalmente filmes, às quintas-feiras e aos domingos, às vezes, aos sábados também. Havia um palco que era usado para apresentações de teatro, conjuntos musicais, local de reuniões políticas e qualquer outro evento ou festival eram feitos nesse local”*, conta Ceslau.

As apresentações de filme eram geralmente do Mazzaropi, outros de banguê-banguê e faroeste da época. Eram duas apresentações: uma de manhã e outra à tarde, havia intervalos de meia em meia hora, para trocar as bobinas.



Cine-Teatro Rio Azul- Crédito: Acervo Câmara Municipal

O ex-prefeito e atualmente tabelião do cartório de Rio Azul, Mário Pietroski, participou de uma peça teatral realizada em 1960, no teatro, que, segundo ele, marcou a sua vida, tanto que a lembrança chega a emocioná-lo. *“Devia ter dez anos mais ou menos, tínhamos uma peça teatral que fez sucesso em Rebouças [Mário nasceu e viveu na cidade até a década de 1980]. Devido à repercussão fomos convidados a nos apresentar em Rio Azul, o teatro estava cheio, foi um espetáculo muito bonito e especial para todos que participaram”,* relembra.

Mário conta que algum tempo depois outra apresentação significou uma novidade às pessoas presentes no cinema. *“Um grupo folclórico polonês se apresentou e era uma novidade porque em Rio Azul não tínhamos grupos folclóricos, depois dessa apresentação passou-se a incentivar, tanto é que hoje temos o folclore ucraniano. O folclore polonês não teve seguimento, mas o ucraniano existe até hoje”,* revela.

A dona de casa Josefa Romanhuk, que é mãe de Jussara, diz que o cinema ficou na lembrança de muita gente, pois era um lugar que os jovens utilizavam como lazer, essencialmente porque se tocava música uma hora antes de começar as sessões. *“Como ninguém tinha rádio, todo mundo ficava deslumbrado ouvindo aquilo que era novidade para muitos. A maior alegria do povo era escutar a estação de cinema. Também em razão do teatro, porque hoje ele existe nas escolas, mas antes era novidade”,* conta.

As canções executadas no sistema de som do cinema vinham de trem pela estrada de ferro. *“Caixas enormes com fitas traziam os sucessos do momento”,* afirma Josefa. As peças teatrais não possuíam muitos atores e figurantes, porque o palco não era muito grande.

De acordo com relatos de moradores de Rio Azul, o cinema foi desativado em 1962, com a popularização da televisão, que fez com que as pessoas se afastassem preferindo ficar em casa vendo os filmes que eram apresentados nos canais de TV. Ceslau explica outros fatores que fizeram com que o Cine-Teatro deixasse de funcionar. *“Você tinha de pagar pelos rolos de filmes, empregados, era caro manter o serviço e também porque as pessoas preferiam ficar em casa vendo os filmes. Depois, quando a TV se popularizou, ele ficou obsoleto e não teve como funcionar, aos poucos foi parando e fechou”.*

O jornalista Pedro Henrique Wasilewski Almeida afirma que poucos equipamentos foram preservados após o fechamento do cinema em Rio Azul. *“O Cine Rio Azul ficou para a minha avó Madalena Burko Wasilewski, a firma ficou para ela de herança depois que eles dividiram tudo após a morte dos sócios. As cadeiras foram vendidas para uma igreja e os aparelhos não se têm muitas informações. Foram meio que abandonados”.*

Pedro revela que segundo informações de amigos e familiares, o Cine-Teatro Rio Azul funcionou até meados da década de 1980. *“Essa informação que ele foi fechado em 1962 não bate. Foi fechado em 1983 juntamente com o Cine-Theatro Central de Irati porque os filmes eram passados em Irati eram posteriormente enviados para Rio Azul para serem reapresentados. Então como acabou as atividades aqui em 1983 após a morte do João Wasilewski [bisavô de Pedro Henrique], que era dono da empresa cinematográfica em 1982, daí se encerrou as atividades”.*

O Cine Theatro Central foi fundado por João Wasilewski em 1920 e sua sala de exibição era localizada na Rua XV de Novembro, em Irati.

O local onde funcionava o Cine-Teatro Rio Azul atualmente abriga um mercado da família Hrinczuk.

ESTRADA DE FERRO SÃO PAULO-RIO GRANDE

Para grande parte da população rio-azulense, a instalação da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, em 1902, foi o que faltava para Rio Azul crescer e se desenvolver, principalmente, com a chegada de imigrantes de países da Europa e da Ásia. Ucrânianos, poloneses, italianos e libaneses chegaram a Rio Azul, com a esperança de um futuro melhor, sobretudo pela oportunidade de emprego e desenvolvimento da agricultura, pois o local possuía terras férteis ainda inexploradas.

Além disso, a propaganda de governantes do Estado para exploração desse local chamou a atenção dessas pessoas, pois, no começo da década de 1900, havia uma necessidade comum de busca e oferta de mão de obra e outros serviços. “O meu avô veio para a zona urbana de Rio Azul, por causa da estrada de ferro. Eles moravam no interior nas comunidades da Cachoeira e Butiazal. Como existia muita mão de obra, resolveram tentar a sorte na cidade. Além disso, como ao redor da estação havia muito movimento, acabaram abrindo a primeira sorveteria da cidade, que ficava bem perto da estação de trem”, conta Jussara.



Moradores aguardam a chegada dos trens vindos de São Paulo. Crédito: Acervo Municipal

Os trabalhos de construção da estrada de ferro iniciaram-se em 1894, com a participação de vários pioneiros do município. Muitos deles participaram da abertura de estradas, na colocação e fabricação de dormentes e trilhos. “Essa estrada de ferro e outras da região foram construídas por engenheiros estrangeiros, por volta de 1894, mais ou menos. No estado de São Paulo, por exemplo, ingleses construíram estradas de ferro, aqui perto tem a comunidade de Engenheiro Gutierrez, em Irati, foi um engenheiro espanhol que participou da construção dessa estrada. Não foi diferente aqui em Rio Azul, sendo chamada de Roxo Roiz, forma adaptada de chamar o engenheiro espanhol”, relata Ceslau.

No início, o trajeto dessa estação ferroviária era apenas São Paulo-Rio Grande, mas, posteriormente, teve seu caminho estendido, chegando até a Argentina e o Uruguai. Ceslau explica a importância dessa ferrovia para as cidades do interior da região Sul do País. *“Ela teve o nome referencial de Jaboticabal, antes de se chamar Roxo Roiz. Então essa estrada de ferro foi feita em 1902, pelos imigrantes, sendo uma fonte de acesso às cidades do interior do Sul do País, porque grande parte dos imigrantes chegou à cidade pela estrada de ferro e a exportação era feita pela ferrovia”*.



Trem chega a estação ferroviária na década de 1970. Crédito Luciano J. Pavloski

O professor aposentado de Língua Portuguesa, que trabalhou em cargos como auxiliar administrativo e secretário de finanças na Prefeitura de Rio Azul, Teodoro Surmacz, revela como era o trajeto da estrada de ferro: *“A estrada de ferro vinha de São Paulo e chegava ao Paraná pelo Norte do Estado, na divisa do rio Paranapanema, passando por Londrina, Apucarana, Ponta Grossa, Irati, Rio Azul, até União da Vitória, atravessava Santa Catarina e entrava na junção do Rio Paraguai, no Rio Grande do Sul, indo até Porto Alegre, chegando até a Argentina. Ela era administrada pelo governo federal, sendo vendida duas vezes a terceiros”*, explica.

O descendente de poloneses e professor de Língua Portuguesa, Osdival Pallu, conta como era feito o transporte dos produtos em solo rio-azulense: *“Os produtos da ferrovia eram transportados por meio do Rio Potinga, na comunidade do Porto Soares, em embarcações a vapor indo até a cidade de São Mateus do Sul e, posteriormente, a outras cidades”*.

Pela estrada de ferro chegavam produtos, como açúcar, sal, máquinas e implementos, que não havia na localidade e eram vendidos por comerciantes.

Como o transporte era feito por carroças, a construção da estrada de ferro fez com que esses produtos chegassem mais rápido à população. *“Essa estrada de ferro*

servia como escoador da produção local, principalmente da madeira e da erva-mate, mais tarde da batata e outros produtos agrícolas. Ela era fonte de transporte aqui, trazia os bens necessários mais rapidamente à cidade, transportava pessoas e nossa produção”, explica Ceslau.



Antiga estação ferroviária hoje é sede da rodoviária municipal. Crédito: Rodrigo Zub

O principal produto do município, nessa época, e exportado pela estrada de ferro foi a batata. Alguns anos mais tarde, entre as décadas de 1930 e 1950, quando o município já era chamado de Rio Azul, ficou também conhecido como a capital da batata. O fato curioso é que se formavam muitas filas nas lavouras, para que se pudesse levar a batata para a cidade, por meio de carroças. Em dias de maior movimento se notavam filas quilométricas, que chegavam a dobrar quarteirões. Essa época, denominada de “*Ciclo da Batata*”, durou, aproximadamente, entre dez e 15 anos, e foi um dos cultivos mais difundidos em Rio Azul.

Existiam dois tipos de trens que eram usados na estrada de ferro, os de carga, que somente transportavam mercadorias e cargas, e o misto, que levava mercadorias e pessoas, principalmente, para as cidades vizinhas.



Estação ferroviária de Rio Azul em 1940. Crédito: Acervo Municipal

Júlio Chaves (in memoriam), que foi vereador, durante três mandatos em Rio Azul, além de atuar como agricultor, veterinário, entre outras funções, relembra algumas das viagens de trem, comuns na década de 1950. *“Lembro que ia para Rebouças e Irati, levava seis horas de viagem e hoje é tudo diferente, com meia hora de viagem de carro já estamos lá”*, disse Júlio quando foi entrevistado em 2009. (faleceu no dia 5 de janeiro de 2016, aos 86 anos)

O descendente de ucranianos, José Dmucharski (in memoriam), que trabalhou boa parte da vida em madeireiras e serrarias que eram responsáveis por fazer os dormentes para a estrada de ferro, lembra que, além da batata, outro produto que poucas pessoas têm conhecimento era exportado pela estrada de ferro. *“Trabalhei na serraria Pasta Mecânica Ltda. Eles produziam uma pasta mecânica, que era um produto feito por meio de um líquido retirado de madeiras como pinus e canela, que eram transformados numa pasta, que depois era exportada para o México, por meio dos vagões da estrada de ferro”*, conta.

A estrada de ferro possuía uma frota de mais ou menos 25 vagões. Paulo Baran (in memoriam), ex-alfaiate, que também trabalhou como taxista, fotógrafo e dono de loja, diz que na frota da ferrovia existiam até alguns trens considerados de luxo, que saíam do Rio de Janeiro, em direção ao Uruguai. Havia ainda o chamado “direto misto”, que era deslocado do Estado de São Paulo até o Uruguai, país que faz fronteira com o Rio Grande do Sul, passando em Rio Azul, à noite, depois das 20 horas. De acordo com Baran, as viagens de trem para outros estados eram cansativas e cheias de dificuldades. *“Para viajar para São Paulo, por exemplo, embarcava de madrugada, às 5 horas, andava o dia todo e chegava no outro dia, às 10 horas da manhã”*, explica.

A estrada de ferro parou de funcionar no final da década de 1980. Ceslau conta alguns dos motivos que fizeram o transporte ferroviário deixar de existir e como ele foi substituído. *“Um dos motivos foi porque o trabalho era muito dispendioso e a manutenção das estradas de ferro era muito difícil, ocupando muita gente. Além disso, por ser um empreendimento do governo federal, com muita burocracia, a ferrovia foi desativada. Com a chegada dos caminhões, o serviço ferroviário foi perdendo espaço e o transporte dos produtos agrícolas passou a ser feito, então, por esses veículos automotores que fazem o transporte dos produtos até hoje”*, explica.

A população enfatiza a importância da ferrovia para a cidade. *“A estrada de ferro ajudou a povoar a cidade toda em volta dela. Você pode notar que ao redor dela todas as construções são daquela época. As ruas também começaram a ser construídas depois da instalação da estação. Ela teve importância e agora tem outras características que a tornam importante, por ser a estação rodoviária municipal”*, conta Jussara.

A mãe de Jussara, Josefa Romanhuk, agricultora aposentada e descendente de poloneses, conta algumas curiosidades da estrada de ferro. *“A estação [sede da ferrovia em Rio Azul] era ponto de encontro para achar namorado. Era considerado um ponto turístico, todo mundo ia lá, porque não tinha praça, bancos, a única coisa que existia era uma plantação de orquídeas. Então, na década de 1940 e 1950, os namorados se encontravam na estação. Tinha um portão na entrada, em que os casais sentavam e as mulheres ficavam observando seus futuros pretendentes”*, relembra.

De acordo com Josefa, outro fato curioso era que nas terças e quintas-feiras vinha trem de São Paulo, que seguia direto para o Rio Grande do Sul, trazendo

muita maçã da Argentina para vender. Por isso, as crianças que tinham vontade de comer maçã ficavam esperando o trem da noite para poder comprar. *“Outra data que ficará marcada na memória de muitas pessoas foi a primeira vez que a imagem de Nossa Senhora Aparecida [padroeira do Brasil] foi trazida aqui de trem. Porque todo mundo falava em ir para a cidade de Aparecida, mas parecia o fim do mundo, então, quando trouxeram a imagem aqui, em Rio Azul, foi uma emoção muito grande”*, recorda.

ORIGEM DO NOME ROXO ROIZ E OUTRAS CURIOSIDADES

O município de Rio Azul teve várias denominações até que recebesse seu nome definitivo, depois de sua emancipação política. O primeiro deles foi Jaboticabal, em referência à estrada de ferro que passava nessa localidade. Com a inauguração dessa estação ferroviária, em dezembro de 1902, ela passou a se chamar Roxo Roiz, em homenagem a um engenheiro espanhol que chefiou a construção da obra. Desse dia em diante aquele povoado ficou conhecido como Vila de Roxo Roiz.

O que poucas pessoas que residem em Rio Azul têm conhecimento é a origem desse nome. Ceslau explica que o nome verdadeiro do engenheiro era “Rojo Ruiz”, que, na pronúncia, em português, ficou Roxo Roiz. Em razão da dificuldade que as pessoas tinham de pronunciar esse nome na época, ele foi simplificado para a pronúncia brasileira.

Com o desenvolvimento do então município de Roxo Roiz, devido ao sucesso da estação ferroviária, crescimento da indústria extrativa e das atividades agrícolas, muitas casas foram construídas, chamadas hoje de casarões antigos, além dos estabelecimentos comerciais. Essas construções obedeciam a uma característica especial, trazida pela imigração europeia, de ser um prédio enorme, com formato triangular, construído dessa maneira pelos europeus, para suportar o rigoroso inverno e as muitas noites de neve do seu continente.

O primeiro imigrante registrado como morador de Roxo Roiz foi Jacob Burko, nascido na Ucrânia, em 1882, que chegou à localidade com 18 anos, reconhecido como pioneiro e um dos principais fundadores da Villa de Roxo Roiz. As terras, onde o povoamento se formou, eram de propriedade do grande industrial, camarista e prefeito da cidade de Ponta Grossa, Elizeu de Campos Mello, e de sua esposa, Ubaldina Batista de Campos Mello, que doaram boa parte das terras para a construção da então Vila de Roxo Roiz. Em 1907, por meio do decreto 1471, a Vila de Roxo Roiz foi elevada a Distrito com o nome de Distrito do Rio Cachoeira, município de Irati, passando a pertencer ao termo Santo Antônio do Imbituva, comarca de Ponta Grossa.

FÁBRICA DE PALHÕES

Em 1910, o progresso em Roxo Roiz prosseguiu com a instalação de mais residências particulares, estabelecimentos comerciais e a criação da coletoria estadual. Também foi registrado o início das atividades de duas fábricas de palhões, que ser-

viam para a proteção de garrafas, garrafões e outros tipos de bebidas finas, uma de Alberto Kulka e outra da família Kulevicz, que movimentaram a economia do local e foram fontes de emprego para muitos trabalhadores da Vila. Teodoro diz que o povo semeava centeio, que, conforme a terra, chegava a dois metros de altura. Depois de colhido, sobravam as palhas, que eram aproveitadas e dadas a cavalos.

De acordo com ele, a melhor palha era amarrada em feixes grandes e levada a fábrica de palhões, para ser usada como proteção porque não existiam os engradados. O processo era feito por um cortador que rasgava a palha em uma máquina, em seguida costurava-se um saco em forma de bolsa cônica, para finalmente colocar as garrafas dentro dessa proteção. *“Então eles faziam um tipo de saco, em formato de litro ou garrafa para embalagem de bebida. Essas fábricas de palhões faziam essas proteções de palhas, para litros e garrafas, que eram costuradas, em seguida você colocava o litro da garrafa dentro daquilo e podia despachar para outras localidades, pois o consumo disso era muito grande”*, conta Ceslau.

O negócio prosperou porque nas comunidades havia moinhos de trigo e centeio, por isso a palha era aproveitada como matéria-prima pela indústria. O produto era vendido e servia como mais uma fonte de renda aos produtores rurais. A fábrica de palhões parou de funcionar após a invenção dos engradados de madeira para, o acondicionamento de litros e garrafas e, também, depois que as caixas de papelão começaram a ser usadas como proteção.

Segundo Ceslau, a fábrica de maior sucesso foi a de Alberto Kulka, que funcionou até a década de 1970, e exportava a proteção para transportadoras de bebidas dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e também Rio Grande do Sul, local onde havia muitas colônias italianas que consumiam vinho. Ele lembra ainda que havia uma terceira fábrica de palhões em Rio Azul, mas que não obteve o mesmo sucesso.

No início de 1914, o Distrito do Rio Cachoeira voltou a se chamar Roxo Roiz, agora com subordinação ao município de São João do Triunfo. Nesse momento, Rio Azul pertenceu ao município de São João do Triunfo, judicialmente como comarca, porque Irati, Rebouças e outros municípios próximos ainda não eram comarcas.

CARIJOS E BARBAQUÁS

Vários países da América do Sul, grandes consumidores de erva-mate, passavam por uma crise com a falta de matéria-prima. Por esse motivo, esse período ficou conhecido como época de ouro da erva-mate. *“Essa foi uma fase de desenvolvimento de Roxo Roiz, cuja principal fonte de renda era a venda da erva-mate”*, destaca Ceslau. Durante esse período, existiam os chamados “carijos e barbaquás”, locais onde era produzida a erva-mate. De acordo com Jussara, carijos eram os locais onde se conservava a erva, evitando que suas folhas murchassem, para manter o sabor original da região. Os carijos eram de tração animal e os barbaquás, de tração humana.

Para Ceslau, os carijos e barbaquás tinham a mesma finalidade, pois ambos serviam para secagem e moagem da erva-mate. *“Barbaquá é onde se faz o fogo e vai a*

fumaça para secagem da erva. E o carijo é onde parte da erva era moída. No centro dele havia um eixo, onde era fixada uma tora de dois metros, dois metros e meio, de pedaços de madeira cunhe, presos naquela tora. Então jogava-se erva naquilo e na ponta engatava um cavalo e aquele cavalo ia puxado a tora, que era acionada e ia rodando lentamente, quebrando e moendo a erva, que era triturada e caía numa espécie de concha. Depois desse processo, a erva era ensacada e vendida”, explica.

Nesse período em que a erva-mate de Roxo Roiz fazia muito sucesso na região, ela começou a ser exportada pela estrada de ferro e também pelos barcos a vapor, que navegavam pelo rio Potinga, onde haviam instalado três portos: Soares, Cortiça e Mineiros.

Na localidade do Porto Cortiça, que pertencia a Roxo Roiz e era localizada próximo a divisa com o município de São Mateus do Sul, há registros de que um pioneiro da localidade, Antonio Vieira Alvarenga, falecido em 1947, melhorou as condições do local, em que pequenos barcos a vapor transportavam cereais, erva-mate e madeiras. Também construiu uma balsa que servia para transportar passageiros de um lado a outro do rio Potinga, já na divisa com o município de São Mateus do Sul.

EMANCIPAÇÃO DE RIO AZUL

Em virtude do desenvolvimento de Roxo Roiz, cresceu na população o desejo de autonomia política. Pessoas influentes, como Coronel Hortêncio Martins de Mello, Antonio José dos Passos, Gabriel Cury, Achiles Bueno e Jacob Burko, reuniram-se com o objetivo de emancipar e transformar o povoado em município, sendo representadas na Assembleia Legislativa do Estado pelo deputado Eliseu de Campos Mello.

No dia 26 de março de 1918, isso se tornou realidade. A data ficará marcada para sempre no coração dos rio-azulenses, que, depois de tantas batalhas, finalmente deixariam de ser subordinados a determinações de terceiros e teriam o direito de adotar suas próprias medidas, atos e decisões.

Com a ajuda do então deputado estadual Eliseu de Campos Mello e a participação do coronel Hortêncio Martins de Mello, primeiro prefeito da história de Roxo Roiz, foi sancionada, nesse dia, pelo governador (na época chamado de presidente do Estado do Paraná) Afonso Alves de Camargo, a lei nº 1.759, criando o município de Roxo Roiz, desmembrando-o de São João do Triunfo e integrando-o a Irati, da comarca de Ponta Grossa. Conforme diz o termo, os limites do município ficaram estabelecidos da seguinte maneira: ao norte, com a cidade de Irati, ao sul com Mallet e São Mateus do Sul, a oeste com Inácio Martins e Cruz Machado e a leste com Rebouças.

A instalação solene do município ocorreu apenas no dia 14 de julho de 1918. Dois dias depois aconteceram as primeiras eleições municipais, que definiram os primeiros camaristas (hoje vereadores) e o primeiro prefeito, que iriam iniciar a administração autônoma do recém-criado município. Ceslau conta que o nome de camarista surgiu justamente como referência à função que essas pessoas fazem na

câmara de vereadores de um município. *“Era de camaristas, pois geralmente os países europeus têm o poder legislativo e têm as câmaras. Por exemplo, na Inglaterra, Câmara dos Lordes; nos EUA, atualmente, Câmara dos Deputados; na Alemanha, o Parlamento; e aqui no Brasil, Câmara dos Deputados. Então, naquela época, camaristas correspondiam aos membros da Câmara Municipal ou dos Deputados, que é o conjunto de pessoas que administra o poder político do município”*, explica.

GRIFE ESPANHOLA

No final de 1918, porém, a alegria se transformou em preocupação para a maioria da população de Roxo Roiz. Um grave surto de gripe, chamada de Gripe Espanhola, fez várias vítimas naquele ano. O surto de gripe se espalhou rapidamente e fez mais de 200 vítimas em uma população que tinha entre 3 e 5 mil habitantes.

O vírus responsável pela gripe espanhola matou mais de 21 milhões de pessoas no mundo. Mesmo os mais idosos sabem muito pouco sobre o assunto. Os corpos de quem morria eram reunidos e jogados em valas comuns, espécie de cemitério onde eram colocados os cadáveres. Jussara diz que, na comunidade da Invernada, em Rio Azul, existiu uma dessas valas, localizada atrás do atual cemitério da localidade, onde foram enterradas mais de cem pessoas mortas.

Os sintomas da gripe eram parecidos aos de uma pneumonia muito contagiosa e o vírus se propagava pelo ar. Como não existiam remédios e a forma de combate ao vírus, quem pegava a doença, na maioria das vezes, não sobrevivia. O vírus se expandiu a outros países, por meio dos navios de carga e passageiros espanhóis, como conta Teodoro. *“Na época não existia avião, dizem que veio de navio. Alguma pessoa ou família daquela região [da Espanha] veio infectada e transmitiu o vírus, na Europa e, em Curitiba, principalmente, foi uma devastação. Dizem que uma das formas de prevenção era tomar suco de limão, por causa da vitamina C. O povo tremeu de medo. Foi considerada uma calamidade pública, uma tragédia, para Rio Azul. Médicos não existiam, curadores sabiam mais que os médicos. Como as pessoas não saíam muito de casa, o vírus não se alastrou”*.

Em 1920, misteriosamente, a gripe espanhola desapareceu. Pesquisas em laboratórios de todo o mundo foram feitas para que fosse descoberto o que causou a pandemia. Porém, como os recursos eram escassos, na época, as experiências não foram bem-sucedidas.

No dia 18 de setembro de 1920, a denominação de Roxo Roiz teve sua primeira mudança passando a se chamar Marumby, por causa do pico culminante da cidade, localizado na comunidade de Faxinal dos Limas, que fica a 1.200 metros de altitude, em virtude da mudança de nome da estação ferroviária do município, que passou a pertencer ao termo de Irati, com o nome de Villa e município de Marumby, de acordo registro do livro *Rio Azul 70 anos de emancipação política*.

FINALMENTE A VILLA RECEBE UM NOME DEFINITIVO: RIO AZUL

Em 2 de janeiro de 1930, a Villa de Marumby, como era conhecida e oficialmente chamada, passou a se chamar Rio Azul. Esse nome foi escolhido a partir da existência de um rio que nasce e morre em território do município e cujas águas, devido ao cascalhão presente no fundo, em seu leito, apresentava forte coloração azul. Esse rio cortava a estrada que conduzia da Villa de Roxo Roiz ao Porto Soares, e era importante ponto de referência para todos que sempre paravam no local, para se refrescarem e dar de beber a seus animais.

A primeira grande inauguração em solo rio-azulense registrada aconteceu no dia 22 de dezembro de 1930, quando o novo prédio da estação ferroviária foi construído em alvenaria, para substituir a antiga construção em madeira, inaugurada em 1910, que foi atingida por um incêndio, em 1928, e foi totalmente destruída.

RIO AZUL É ANEXADO A MALLET

Em consequência das dificuldades pela qual passava o País, ocasionadas pela crise econômica mundial de 1929, e com o estouro da revolução de 1930, muitos habitantes de Rio Azul se vêem obrigados a participar dos combates. Por esse motivo, em 1932, foi formado um batalhão local para a defesa dos princípios revolucionários, que atuou em combates nas fronteiras do Estado do Paraná, tendo como comandante Estanislau Rosa e Luiz Estival.

A cidade sentiu os reflexos dos problemas de todo o País, e depois que o prefeito José Pallú não acatou o chamado Código dos Interventores, favorecendo alguns contribuintes que ficaram isentos de impostos, o município é extinto. De acordo com Ceslau, houve denúncias que fizeram com que o Interventor do Estado, Manoel Ribas, decretasse a extinção de Rio Azul, pelo decreto número 1918, de 4 de agosto de 1932 anexando a cidade a Mallet. *“O prefeito na época favoreceu alguns contribuintes, não sei se dispensou do pagamento de imposto. Foi uma jogada política. Então a receita do município caiu lá para baixo. Como o prefeito foi notificado e não tomou providência, então o governador decretou a interdição do município”*, explica Ceslau.

Essa intervenção durou dois anos e, para muitas pessoas, teve início em virtude de brigas políticas. Mesmo assim, ela uniu a população e fez com que o povo novamente se reunisse em torno da busca pela independência. A situação voltou ao normal, em 26 de fevereiro de 1934, quando o governo do Estado do Paraná, por meio do decreto número 195, deu direito para que Rio Azul fosse novamente um município emancipado. Mesmo assim, o governo do Paraná designou para o cargo de interventor da cidade, o major Dagoberto Dulcídio Pereira, oficial da força militar do Estado, no dia 26 de fevereiro de 1934. O major ficou apenas um mês e cinco dias no cargo.

No dia 10 de abril, foi formado o conselho consultivo com a participação de figuras importantes da cidade, como João Cirino dos Santos, Miguel Baschtzen, Honório Alves Pires e Agenor Garcia Rocha, que foi nomeado a ocupar o cargo de prefeito, como interventor substituto. Ceslau diz que esse conselho era um conjunto de pessoas que decidia ou estudava determinada situação apresentada pelo prefeito

ou administrador. *“Então esse conselho dava um parecer sobre o que deveria ser feito. Não é equivalente a uma câmara de vereadores ou camaristas. O conselho consultivo hoje seria uma comissão de assessoramento do executivo. Alguma coisa que o prefeito tinha dúvida e submetia a ouvir a opinião dessas pessoas, era uma assessoria para orientar o executivo”*, conta. Para Jussara, o conselho consultivo ainda exercia mais uma função importante em Rio Azul. *“Era um grupo de oito pessoas mais idosas, de respeito na cidade, todos homens, uma espécie de conselheiros que mantinham o código de posturas e fiscalizavam se a lei estava sendo colocada em prática”*, analisa.

Depois de muita luta, Rio Azul reconquistou sua autonomia política, pela lei número 2.231, de 15 de setembro de 1934, e José Pallú assumiu o cargo de prefeito. De acordo com registros da época, a população local contava com 12.500 habitantes, dos quais 2.500 eram estudantes. Nesse período, estudar era sinônimo de respeito para as famílias tradicionais. Por esse motivo explica-se o número grande de estudantes. *“O acesso à escola era uma coisa de respeito, então as pessoas de posse faziam questão de estudar. A partir da quarta série, formava-se professor. A escola era bastante rígida e quem não entrava nos costumes e normas era expulso dos colégios”*, lembra Jussara.

CICLO DA BATATA FAZ RIO AZUL CRESCER ECONOMICAMENTE

Em 1936, no mesmo período em que o País sofre com a ditadura no governo de Getúlio Vargas, o município de Rio Azul deu início a um tempo de progresso, que começou na agricultura. O chamado Ciclo da Batata, que teve início nesse ano, e durou, aproximadamente, 15 anos, fez com que o município fosse conhecido no Estado do Paraná como um dos maiores produtores de batata. A procura foi tão grande pelo produto, que ele chegou a ser exportado a outros Estados pelos vagões de trens que todos os dias partiam lotados. Um dos motivos do sucesso era que, nessa época, as terras eram propícias à cultura e o preço agradava os interesses dos agricultores, que investiam em grandes áreas para a plantação.

O plantio, diferentemente de hoje em dia, na década de 1930 e 1940, era feito por meio de tração animal e manual. Arados, grades, carpideiras, enxadas, soterrador, entre outros implementos agrícolas, eram usados para fazer os carreiros e plantar a batata. Uma das particularidades do ciclo da batata é que a produção era vendida na própria roça. *“As pessoas colhiam, juntavam em baldes, latas, ensacavam, pesavam e vendiam a batata, que era carregada geralmente em carroças, porque poucas pessoas possuíam caminhão nesse período”*, destaca Ceslau.

Segundo o comerciante, Paulo Baran, a batata era vendida para cidades do interior do Estado de São Paulo, sendo levada pelos vagões da estrada de ferro. Além disso, o produto era plantado pela maioria dos agricultores, inclusive de localidades pequenas do interior do município. *“Até a pequena comunidade de Vera Cruz produzia uma grande quantidade de batata. Naquela época não se usava adubo nem sulfato [veneno], o plantio era feito na terra bruta. Destocavam a terra com a força humana, e era plantada a batata”*, explica. Hoje, a batata não tem o mesmo valor daquele tempo, tanto que a maioria das pessoas planta o produto apenas para consumo próprio. Soja e fumo são as principais atividades agrícolas.

DISTRITO DE SOARES PASSA A PERTENCER A RIO AZUL

No dia 20 de outubro de 1938, Rio Azul comemorou outra conquista importante. O Distrito Judiciário dos Soares, que pertencia ao município de São Mateus do Sul, finalmente passou a pertencer ao território rioazulense, por meio do decreto-lei número 7.537.

Essa localidade sempre foi vista com “bons olhos” pelos governantes das duas cidades, principalmente por ter um potencial econômico elevado. *“Essa localidade era uma área muito povoada e tinha um grande movimento econômico. Era um povo grande produtor de erva e de madeira. Como havia navegação pelo rio Potinga, a produção era escoada pelo rio, até União da Vitória. Sei que até essa cidade havia navegação e, de lá em diante, ferrovia”*, relata Ceslau.

Ceslau afirma que durante um período (ele não recorda a data exata), Rio Azul pertenceu tributariamente a São Mateus do Sul, sendo cobrada uma taxa de erva-mate e extração da madeira. *“Havia um cobrador de tributos, que cobrava e recolhia, numa espécie de agência de renda, na época, coletoria estadual, em São Mateus do Sul”*.

Como o Distrito de Soares era mais desenvolvido e possuía grandes recursos naturais, a localidade sofria as consequências. *“Era designado, digamos, um subprefeito para fazer a arrecadação e cobrança de impostos. Então, nessa época, o Distrito de Soares pertencia a São Mateus do Sul”*.

Como o local era muito afastado do meio urbano, a comunidade continuou sendo um distrito. Em razão disso foi criado o cartório de registro civil do Distrito de Soares, no qual aconteciam julgamentos, audiências, acertos de conta, entre outras pendências jurídicas que eram resolvidas pelo chamado juiz de paz, pessoa responsável pela administração do estabelecimento. O primeiro cartorário da localidade foi Herculano Bedzins.



Júlio Vital Chaves (in memoriam), ex-juiz de paz do Distrito de Soares, ao lado de sua esposa Terezinha F. Chaves (in memoriam). Crédito: Rodrigo Zub

Segundo Júlio Chaves, esse era um dos únicos cartórios da região na década de 1930, que tinha como uma das finalidades fazer a cobrança de impostos da população. Júlio conta, com muito bom humor, que por cinco anos foi juiz de paz do distrito durante meados dos anos 1940. *“Foi uma tradição passada de pai para filho, já que meu pai também foi juiz de paz. Eu gostava muito de trabalhar nesse cargo, era um desafio interessante principalmente, porque eu era a pessoa responsável por decidir sobre assuntos complicados, como, por exemplo, divisão de terrenos”*.

O Distrito de Soares só foi extinto na gestão do prefeito Ansenor Valentin Girardi, por meio de uma lei municipal, no final da década de 1980. Hoje não é mais distrito, a localidade é chamada de Porto Soares. *“A instalação quando e como era eu não tenho ideia de como aconteceu. Sei que o distrito foi uma divisão administrativa, como acontecia antes, no Paraná, em muitas localidades, espécie de subprefeituras. Existia a prefeitura sede e a auxiliar, então esse distrito era espécie de uma subprefeitura, mas que, no caso de Rio Azul, não teve essa função porque servia apenas como arrecadador de tributos”*, relata Ceslau.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: PESSOAS QUE SERVIRAM AO EXÉRCITO VOLTAM COMO HERÓIS A RIO AZUL

Muitas pessoas em Rio Azul sofreram na pele o que é participar de uma guerra mundial. Em consequência do surgimento na década de 1930, na Europa, de governos com objetivos expansionistas e militares, inúmeros conflitos iniciaram no continente europeu e, rapidamente, espalharam-se pela África e Ásia. Na Alemanha, nasceu o nazismo, liderado por Adolf Hitler, que pretendia expandir o território alemão e retomar territórios perdidos na Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

O início dos combates ocorreu em 1939, quando o exército alemão invadiu a Polônia. Depois dessa medida, França e Inglaterra declararam guerra à Alemanha. Com isso formaram-se dois grupos de alianças militares: Aliados (liderados por Inglaterra, União Soviética, França e Estados Unidos) e Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

O Brasil também participou da guerra, enviando para a Itália, na região de Monte Castelo, mais ou menos 25 mil soldados brasileiros, que conquistaram a região, alcançando uma vitória importante para o grupo dos Aliados. Rio Azul enviou cidadãos para participar dos combates, chamados de “pracinhas” da Força Expedicionária Brasileira (FEB). *“Participaram da guerra em torno de 15 a 20 pessoas de Rio Azul. Esses foram convocados como militares. E houve dois poloneses, que foram como voluntários quando a Alemanha ocupou a Polônia. Eles saíram daqui e foram para a Argentina, e lá embarcaram em um navio com destino à Inglaterra. Chegando lá, eles se incorporam com o batalhão polonês, que estava refugiado na Inglaterra”*, conta Ceslau.

Durante esse período surgiram na cidade as figuras de alguns heróis da defesa democrática, como ficaram conhecidas algumas pessoas que participaram das operações bélicas na Itália e não resistiram. Os dois mais famosos eram Antonio Cação e José de Lima, que faleceram em operações de guerra, atuando como soldados.

Antonio morreu quando estava na trincheira (único local onde se movimentavam) na época de inverno na neve. *“Depois de ficar de pé, seu companheiro falou para ele não ficar, que iriam matá-lo. Cação era destemido e falou que não tinha medo, no entanto um disparo de metralhadora acabou matando-o”*, conta Ceslau.

As famílias dessas pessoas tiveram de conviver durante os quatro anos de combates, com a esperança de receber alguma notícia dos combatentes, principalmente na dúvida e incerteza sobre se muitos deles ainda estariam vivos.

Quem conseguiu sobreviver aos ataques voltou totalmente arrasado, alguns deprimidos e outros tiveram um problema grave de audição, que permaneceu para o resto da vida. Segundo Josefa, seu pai, José Machowski, voltou reclamando de surdez, pois, de acordo com ele, tomavam muita injeção para diminuir os efeitos dos disparos dos tanques e bombas. José trabalhava no correio e serviu na guerra como telegrafista. *“Ele trabalhava mandando as cartas e mensagens que os soldados mandavam a família, por meio do telégrafo”*, lembra Josefa. Ainda de acordo com ela, seu pai voltou sem nenhum auxílio, chorava demais, estava totalmente deprimido, e não podia ouvir falar em guerra.

Jussara, filha de Josefa, diz que não foi só seu avô que voltou triste depois dos conflitos. *“O soldado Vinhedo [sogro da irmã de Josefa] também foi um herói de guerra, foi cozinheiro e mecânico. Eles também voltaram tristes e evitavam tocar no assunto”*, conta.

Ceslau e Jussara destacam outros expedicionários que eram de Rio Azul, o diácono polonês e marinheiro Luis Nawacki, (que morreu em 2007), Boleslau Pawluk, Amid Abib, Aleixo Wzorek, Pedro Gaioski, Julio Pinkoski, Antonio Colloda, Vítório Zem, Nicolau Burek, Eroslau Sechuk, Antonio Saldanha, André Klemba, entre outros. José afirma que muitos desses heróis rio-azulenses, depois que voltaram para Rio Azul, foram trabalhar na manutenção da estrada de ferro.

Esse importante e triste conflito terminou somente em 1945, com alemães e italianos se rendendo. Os prejuízos foram enormes, principalmente para os alemães, italianos e japoneses, nações derrotadas. Foram milhões de mortos e feridos, cidades destruídas, indústrias e zonas rurais arrasadas e dívidas incalculáveis.

Talvez o principal ponto negativo pós-guerra foi o racismo que aconteceu, principalmente na Alemanha, que ficou caracterizado quando o governo nazista alemão mandou para campos de concentração e matou aproximadamente seis milhões de judeus. De acordo com o agricultor Adalberto Budziak, que faleceu em 2010 quando tinha 99 anos e era um dos moradores mais velhos da cidade, nessa época surgiu uma grande rivalidade entre os países do leste europeu, principalmente Polônia e Ucrânia, que foram muito afetados por causa do conflito e se tornaram inimigos políticos.

Mesmo assim, em Rio Azul, nesse período, a única coisa que persistiu foi o racismo da população branca, em sua maioria de origem europeia, com os negros. *“Apesar da grande rivalidade entre ucranianos e poloneses no leste europeu, sempre os descendentes desses países viveram em harmonia em nossa cidade. Principalmente pelo sofrimento ser parecido, entre imigrantes, eles acabaram se apegando e convivendo em harmonia. Existia, sim, um racismo grande entre brancos e negros, principalmente por causa da escravidão”*, explicou Adalberto.

CASARÕES ANTIGOS

Em 1945 foi aprovada a instalação de um armazém de consumo em Rio Azul. Conforme explica Josefa, esses estabelecimentos comerciais eram construções bastante altas, sendo de dois andares, sobretudo porque na parte de baixo havia uma espécie de porão para que fossem guardadas as mercadorias. *“Eram construções bem simples, que tinham uma escadaria bem alta. Os primeiros pontos comerciais aqui eram do Ambrosio Choma, Orestes Pallu, da família Grden [bar e armazém] não só secos e molhados. Havia o dos turcos também, só que as casas deles vendiam roupas, trazidas em fardos, do Estado de São Paulo”*, conta Josefa. Ceslau afirma que essas casas eram chamadas também de “casarões antigos”, por serem construções grandes, feitas de madeira, que ofereciam vários produtos, principalmente sal, açúcar e querosene.

A mesma forma de casarão foi copiada nas localidades do interior, tendo os depósitos usados no Ciclo da Batata, para guardar a produção, formato semelhante. Outra peculiaridade nessa época aconteceu na construção das casas comuns, que foram obrigadas a adotar esse padrão em razão do tamanho das famílias e da cultura trazida dos países europeus. *“Hoje as pessoas têm dois filhos, no máximo, naquela época eram nove, dez, até mais pessoas, por isso as casas eram dessa maneira. Há também um pouco da influência portuguesa. Os portugueses gostam de casas grandes, as famílias eram numerosas, e a influência na colonização foi tipicamente portuguesa, no início. Além dos portugueses, poloneses, ucranianos e italianos construíram casas grandes, porque tinham famílias numerosas”*, explica Ceslau.



Casa colonial da família Grden. Foto tirada em 2009. Crédito: Rodrigo Zub

PRODUÇÃO DE FUMO COMEÇA TIMIDAMENTE EM 1958

No fim de 1958, as primeiras estufas de fumo das famílias Wyrtycki, Rym-sza, Kruk e Zem apareceram em Rio Azul, na localidade da Cachoeira. A primeira companhia a investir e a incentivar os agricultores a plantar e colher o fumo foi a empresa Souza Cruz. *“No início foram poucos agricultores que fizeram a experiência. No começo, a empresa financiava a construção da estufa, orientava a plantação, colheita e secagem. O proprietário ia pagando o equipamento que recebia com a produção. Não sei em detalhes. Ele plantava o fumo e tinha o valor X da produção que ele entregava como forma de pagamento. Logo foi crescendo e se tornou um grande negócio”*, reflete Ceslau.

A primeira secagem de fumo em Rio Azul foi feita por Miguel Rym-sza. Segundo Mário Pietroski, nos primeiros anos de cultivo de fumo, existiam muitos produtores temerosos, com medo. Algo normal, característica do ser humano quando uma nova cultura é adotada. *“A cultura de nosso povo é assim, primeiro tem de ter certeza, para depois abraçar, é a grande dificuldade que existe. Mas o fumo começou assim, um aqui, outro lá, bastante distante. Os instrutores andavam de moto, de casa em casa, e assim dissimilou a cultura do fumo”*.

O senhor Osdival Albini aponta outro fator que causou preocupação entre os agricultores, tornando a população receosa em relação à adoção da cultura do fumo. *“As pessoas no começo tinham medo de lidar com esse produto, porque não sabiam mexer com os defensivos agrícolas e, depois, essas companhias foram dando incentivo, as pessoas foram-se adaptando e hoje ela se tornou uma grande riqueza em Rio Azul”*, explica.



Fumo é a principal fonte de renda de 80% da população rioazulense atualmente. Crédito Rodrigo Zub

Hoje, a venda de fumo é a principal fonte de renda dos produtores rurais, 80% da população faz o plantio e há várias companhias especializadas que trabalham, ensinando os principais procedimentos de semeadura, plantio, colheita, secagem, estocagem e transporte, dando toda a assistência ao fumicultor, caso a sua produção seja boa. *“O fumo fez sucesso porque a única perda de tempo é fazer a estufa. Não há a necessidade de uma grande quantidade de terreno para a produção. Em um pequeno pedaço de terra uma família pode sobreviver. O único risco é a desvantagem de ter de trabalhar com produtos químicos usados para que as lavouras não sejam afetadas por alguma praga, que causam perigos à saúde das pessoas”*, afirma Ceslau.

O município de Rio Azul é o maior produtor de fumo no Estado do Paraná. De acordo com informações do escritório regional Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SEAB), a expectativa de produção em 2018 é de 16 mil toneladas, em uma área de pouco mais de 7 mil hectares.

Dados da Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) referentes à safra de 2015/2016 mostram que o município possui mais de 2.660 agricultores que residem em pequenas propriedades e sobrevivem com a renda do tabaco. Com isso, Rio Azul está entre os dez maiores produtores de tabaco do País. Foram mais de 10 mil toneladas produzidas na safra 2015/2016, segundo dados da Afubra.

De acordo com o presidente do Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco), Iro Schünke, a fumicultura representa uma cultura fundamental aos aspectos sociais e econômicos. *“É essa tradição do cultivo em pequenas propriedades diversificadas que confere excelência ao tabaco brasileiro, reconhecido pelos importadores por sua qualidade ímpar”*, destaca.

O fumo é, atualmente, sete vezes mais rentável que a produção de milho. Estudos revelam que a produção de tabaco continua sendo a principal fonte de renda entre os agricultores. *“A fumicultura é uma das únicas atividades viáveis, principalmente com o perfil dos produtores da região, que em sua maioria tem pequenas propriedades”*, avalia o presidente do Sindicato Rural de Irati, Mesaque Kecot Veres, que é representante regional da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP).

Além de interferir diretamente na renda dos produtores rurais, a fumicultura também aumenta a receita do município e ajuda a movimentar o comércio da cidade, que tem um incremento nas vendas com o sucesso da safra.

Em entrevista ao jornal Hoje Centro-Sul, o diretor de assuntos ambientais da Afubra, Adalberto Huve, destaca que apesar dos municípios investirem na diversificação das propriedades não existe uma cultura que proporciona a mesma rentabilidade para os agricultores familiares. *“A produção do tabaco em si ainda é aquela cultura que dá subsistência maior para o agricultor, ou seja, não existe hoje outra cultura que dentro da sua pequena propriedade ele vá produzir e essa produção seja comercializada, venha dar um rendimento e uma sustentabilidade para ele no volume tão avançado. O agricultor precisa ter uma fonte de renda para o sustento, uma parte operacional de subsistência da sua família o ano inteiro. Então baseado nisso, hoje a grande verdade é que nós ainda temos o tabaco como alternativa de renda onde esse produtor está conseguindo, pelo menos até agora, manter uma qualidade de vida dentro dos parâmetros aceitáveis”*, disse.

AS COMEMORAÇÕES DOS 50 ANOS

A FESTA DO CINQUENTENÁRIO

Como Rio Azul se aproximava de completar 50 anos de emancipação política, em 1968, a grande preocupação dos governantes do município era realizar uma grande festa em comemoração ao cinquentenário da cidade, por isso uma das principais metas do prefeito da época foi iniciar rapidamente a construção de uma praça que recebesse a celebração. *“A ideia era construir a praça Tiradentes, no local onde havia uma praça antiga que foi reformada, para a comemoração do cinquentenário do município, em 1968, mas não ficou pronta até lá, sendo concluída alguns anos depois”*, destaca Ceslau.

Para muitas pessoas, o dia 14 de julho de 1968 é uma data que nunca mais será esquecida. Nesse dia histórico, a cidade de Rio Azul completava 50 anos de emancipação política. A celebração que atraiu diversas pessoas e autoridades políticas, inclusive de cidades próximas, foi muito elogiada por todos que compareceram ao evento. A mistura de recreação e celebrações cívicas agradou a população de Rio Azul.



Crianças desfilam em comemoração ao cinquentenário de Rio Azul.
Crédito: Acervo Municipal

Algumas pessoas que participaram da festa relembram, de forma precisa, os momentos mais importantes da celebração. *“Sei que teve um almoço com autoridades e com o pessoal no pátio da igreja, que foi patrocinado pelo município. Houve a celebração cívica com hasteamento da bandeira, discursos, celebração de missa, depois um desfile de alunos e atletas, à tarde um jogo de futebol; se não me engano, veio um clube de Ponta Grossa jogar contra um time rio-azulense e houve ainda um baile, também num sábado anterior ou posterior, não me recordo”*, confirma Ceslau.

Para Adalberto Budziak, um momento que o emocionou bastante foi quando alguns cavaleiros do exército (eram mais de 200 cavaleiros presentes) levaram a

bandeira do município para ser hasteada no mastro. *“Como não tínhamos ainda um símbolo oficial, aquele momento simbolizou muito. Além disso, a festa foi muito bonita com a participação de uma banda de União da Vitória [que ele não se recorda o nome], várias pessoas da cidade e região, sendo servido a elas churrasco e bebida”,* conta Adalberto.

Segundo Josefa, o fato de o prefeito do município reconhecer, pela primeira vez, o sofrimento da população e sua luta diária com um almoço de graça a todos os rioazulenses tornou, para muitas pessoas, a festa do cinquentenário inesquecível. *“Não havia festividades na época, a não ser as festas de igreja. Como foi a primeira vez que o povo ganhou um almoço de graça, então a comemoração é lembrada por muita gente até hoje. Lembro que havia churrasco, vieram muitas pessoas das comunidades do interior e até gente de fora [da cidade]”.*

INAUGURAÇÃO DA RODOVIÁRIA

A inauguração da rodoviária em 1985 mobilizou a população de Rio Azul, que compareceu, em grande número, para acompanhar a cerimônia, que contou com a participação do então governador do Estado, José Richa, e do deputado estadual, Antonio Martins Annibelli. Paulo Baran diz que essa foi a primeira rodoviária construída na cidade. Segundo ele, como não havia um terminal rodoviário, as pessoas tinham costume de esperar o ônibus na Praça Tiradentes.

Como a rodoviária era localizada longe do centro da cidade, ela foi transferida para o prédio da extinta estação ferroviária, em 2004. *“No começo dos anos 2000, ocorreu um fato importante, que foi a compra pelo município de todas as propriedades e terrenos pertencentes à rede ferroviária de Rio Azul. Então foi feita uma reforma no local e depois construída a nova rodoviária municipal”,* explica Ceslau.



Rodoviária de Rio Azul funcionou até 2004 em prédio próximo ao ginásio de Esportes Albinão.
Imagem: Rodrigo Zub

PONTOS TURÍSTICOS DE RIO AZUL

Rio Azul é um município que possui alguns pontos turísticos bastante interessantes. *“A parte turística de Rio Azul está recebendo um incentivo de uns dez anos para cá, principalmente com a implantação do parque da Pedreira, que é um ponto turístico muito apreciado pelos rio-azulenses e também pelos visitantes de outros Estados”,* destaca Osdival.

O Parque da Pedreira foi criado no dia 3 de maio de 1999 e está localizado a 7 km do centro da cidade, próximo à rodovia estadual BR-153, saída para Rebouças.

Antes da construção do parque, funcionou no local uma usina que por muitos anos foi a responsável pela geração de energia elétrica para os moradores de Rio Azul e Rebouças. Também no local ocorreu a extração de cascalho e pedra, daí o nome “Pedreira” que foi incorporado à denominação oficial do Parque.

“Na primeira administração do prefeito Vicente Solda, em 1999, ele começou as obras, melhorando o acesso, fazendo limpeza, instalando jardins, local para canchas desportivas, para instalar barracas de festivais e produtos locais. Hoje é um local bastante movimentado. Às vezes, as pessoas passam pelo local apenas para apreciar o lugar. No verão, nos fins de semana, existe gente direto, pessoas acampando, quiosques, para quem quiser almoçar, tem um estrutura mais ou menos definida”, conta Ceslau.



Cachoeira do Parque da Pedreira. Crédito: Divulgação



Vista parcial do Parque da Pedreira. Crédito: Divulgação

Nos governos de Vicente Solda o local recebeu muito investimento melhorando em diversos aspectos e, abrigando, por diversas oportunidades eventos de grande porte que atraíam gente de Rio Azul e da região, a exemplo da Fest in Rio e da Festa da Padroeira. A Fest in Rio chegou a sua 13ª edição em 2018. O evento tem com principais atrativos os shows, atividades esportivas e gastronomia. No passado, já foram realizados concursos para escolha da garota Fest in Rio e eventos esportivos, como motocross, tirolesa e campeonatos de vôlei, pesca e futebol. *“Em edições antigas da Fest in Rio já foram realizados torneio de pesca, de modalidades esportivas, nas canchas de areia e são contratados shows que contam com a participação de 5 mil a 6 mil pessoas durante esse evento”*, afirma Ceslau.

O Pico do Marumbi, por exemplo, localizado a 22 km do centro da cidade, entre as comunidades do Faxinal dos Limas e do Marumbi dos Elias, é considerado o ponto de referência de Rio Azul, por ser o local mais alto da cidade, com cerca de 1.200 metros de altitude. Tem como característica ser uma região montanhosa de difícil acesso. Há alguns anos, próximo dali, no local conhecido como Serra da Torre ocorreram campeonatos de salto de paraquedas e, nos últimos anos, pela ocasião da Quaresma, período que antecede a Páscoa, fieis católicos sobem em procissão rezando a “Via Sacra”.

Outro local que causa admiração nas pessoas é a estátua do Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da cidade, que está localizada no Morro do Cristo na localidade de Rio Vinagre e que pode ser avistada desde a cidade. Há ainda muitas outras cachoeiras conhecidas e freqüentadas como a Cachoeira do Cid na localidade de Palmeirinha, a cachoeira do Dusanoski, em Marumbi dos Ribeiros, a cachoeira do Lajeado, em Lajeado dos Mellos, outras ainda nas localidades do Braço do Potinga e Barra da Cachoeira, onde também tem a Toca Funda, uma das cavernas que podem ser visitadas. Além disso, temos nas comunidades as tradicionais capelas, sempre um atrativo à parte de acordo com o estilo de cada comunidade. Uma delas, a Ca-

pela Senhor Bom Jesus, localizada na comunidade de Cachoeira dos Paulistas, tem atraído o olhar de diversas pessoas e de autoridades que vêem nela potencial para ser tombada como patrimônio histórico. As motivações são diversas, mas principalmente porque tem todo o seu interior, teto e paredes de madeira, pintadas com figuras sacras criadas e executadas pelo artista rioazulense Antonio Petrek. Também merecem destaque a igreja Matriz do Sagrado Coração de Jesus, do rito latino, e a igreja Santa Terezinha do Menino Jesus, do rito ucraniano (onde há um lindo campanário), cada qual com seus atrativos que chamam muito a atenção das pessoas

AS LENDAS E OS “CAUSOS”

Em Rio Azul, ao longo dos anos, muitas histórias fizeram sucesso e são lembradas pela população até os dias de hoje, causando bastante polêmica e fazendo a alegria de quem conta o fato inusitado. Uma dessas histórias “estranhas” aconteceu na comunidade da Invernada, com um casal que brigou a vida inteira, mesmo depois de mortos. *“Desde que casaram, eles eram conhecidos como um casal que só brigava. Até que eles morreram, aí todos pensaram que aquele casal morreu, enfim, vão viver em paz e juntos. Não é que algum tempo depois de serem enterrados no mesmo túmulo, o local se abre no meio. Todos acharam estranho o fato, tamparam o buraco e amarraram com ferro. Um período depois, não é que o túmulo se parte ao meio. Além disso, no túmulo há bastante mato. Então, todos lá na Invernada contam que, mesmo depois de mortos, eles não sossegarão, alguns dizem que isso aconteceu porque foi um casamento arranjado”*, relata Jussara Romanhuk.



Cemitério da Invernada. Crédito: Bianca Oliveira Lima

Outro “causo” envolve o ex-taxista Paulo Baran, que ficou famoso na década de 1950, por ser umas das primeiras pessoas de Rio Azul a ter um pé de bode, veículo parecido com um jipe. De acordo com Josefa, o fato curioso é que esse veículo era todo aberto, parecendo uma carroça que era movido por meio de uma manivela, diferente de hoje que é usada a partida elétrica. *“Todas as noivas da época procuravam seu Paulo para ser seu padrinho de casamento, para que ele as levasse de carro até a igreja. Como não existia calçamento, para chegar chique e sem sujar os vestidos antes da celebração era necessário um carro. Por causa desse fato, seu Paulo foi padrinho de várias pessoas na cidade”*, lembra Jussara.



Paulo Baran (in memoriam) transportava noivas em seu veículo pé de bode
Crédito: Rodrigo Zub

HÁBITOS CULTURAIS DE POLONESES E UCRANIANOS

Parte dos imigrantes poloneses que chegaram ao município se estabeleceu na comunidade de Rio Vinagre. Adalberto Budziak é uma dessas pessoas. Ele revela que aprendeu a falar português, apenas depois de se mudar para Rio Azul, antes falava somente o polonês. Além disso, foi obrigado a largar os estudos no terceiro ano do ginásio, porque seu pai sofria de problemas de saúde, então, como devia ajudar na roça, teve que deixar a escola mais cedo.

Ele relembra um pouco das dificuldades nos primeiros anos em que residiu em Rio Azul, principalmente, porque não tinha dinheiro para comprar um terreno. Sendo assim, foi obrigado a morar quatro meses na escola do Rio Vinagre onde teve aulas de português com o professor Luiz Nawacki. Depois de muito esforço, ele conseguiu comprar uma propriedade na localidade do Rio Vinagre, ficando lá cerca de 30 anos. Como agricultor, cultivou várias plantações, como cebola, milho, trigo, entre outros produtos, para consumo próprio e venda. Também foi um grande produtor de vinho, tradição passada a seu filho Pedro Budziak. Mais tarde, mudou para a comunidade do Pinhalzinho e posteriormente para a cidade, aos cuidados do seu filho Pedro e da nora Lúcia, em razão de sua saúde debilitada.



Adalberto Budziak (in memoriam) ao lado da nora Lúcia Knaut Budziak. Crédito: Rodrigo Zub

Na época que foi entrevistado, Adalberto disse que várias características e hábitos culturais do povo polonês e também ucraniano foram mantidos pelos descendentes em algumas celebrações que antecedem datas importantes da igreja Católica, como a “Colenda”, tradicional celebração que lembra o nascimento de Jesus, que começa alguns dias antes do Natal e vai até o dia 6 de janeiro (na igreja Católica, o Dia de Reis). *“A Colenda é feita por um grupo de pessoas que se reúne, e chega à casa de descendentes de poloneses e ucranianos, cantando e tocando cânticos de natal, com um bumbo, que é um tamborzinho pequeno. Antigamente era tocado violino e acordeão também”*, relembra Ceslau.

Já os casamentos eram feitos em três dias, e a festa era um pouco diferente da atual. Geralmente, na sexta ou em alguns casos na quinta-feira, nas comunidades do interior, os vizinhos e os próprios convidados se reuniam para preparar a festa. Nesse dia, os preparativos começavam com o abate de animais, como boi, galinha, porco, e eram preparadas algumas comidas típicas. Ceslau explica que a comida servida era bastante simples, ao contrário das festas atuais. *“Não existia churrasco, só carne de panela. O porco assado no forno ou feito molho, a galinha era recheada. Era toda comida típica, não sofisticada como hoje. Se virava com o que tinha arroz, macarrão feito em casa e alguma salada. Então na sexta-feira as pessoas ficavam preparando comida, tomando cachaça, cerveja ou outra bebida”*.

Ainda na sexta-feira, à tarde, chegavam os músicos que tocavam um baile de despedida até a meia-noite. *“Havia um baile de despedida das noivas, que terminava com um banquete à meia-noite, em que a noiva se despedia e cada um dançava uma valsa em volta da mesa, onde havia muita pinga, cigarro e dinheiro”*, relata a nora de Adalberto, Lúcia Knaut Budziak. No sábado, as pessoas levantavam cedo para receber os convidados da festa. No momento que chegavam para à casa da família, onde os festejos estavam sendo realizados, essas pessoas eram recebidas pelos músicos que ficavam no portão e tocavam uma música especial. Os integrantes das bandas durante a

apresentação carregavam um chapéu e uma caixa, coletando dinheiro que era doado para os noivos.

A celebração do casamento acontecia no começo da tarde, na igreja. Logo depois, os convidados se dirigiam à casa da família dos noivos, onde a festa começava definitivamente, sem hora para acabar. Primeiramente era servida o jantar para os convidados. Em seguida, havia a realização do tradicional baile, que contava com muitas brincadeiras das pessoas presentes. *“Os poloneses faziam uma dança que tinha um termo meio maroto, em polonês, que significava o relacionamento sexual entre a noiva e o noivo. O baile, conforme a animação das pessoas terminava algumas vezes às 9 horas da manhã, no domingo. Dormiam um pouco, acordavam todos meio bêbados, tomavam café, e havia ainda no domingo um almoço [chamado de repique]”,* descreve Ceslau.



Casamento Miguel e Telina Kulis em 08-06-1957. Fotografia tirada na Rua 14 de Julho. O caminhão do sr Julio Neves Albini levou os convidados de volta à casa dos noivos onde acontecia a festa.

Foto: Acervo Câmara Municipal

Além dos poloneses, outro povo que buscou resgatar suas origens, hábitos e costumes em Rio Azul foram os ucranianos. Como era um povo de muita fé e religiosidade, os primeiros imigrantes que vieram da Ucrânia, em 1902, tiveram a ideia de construir uma igreja e uma escola ucraniana. Em 1910, eles conseguiram atingir seu objetivo, com a inauguração de uma capela que também funcionava como escola ucraniana, na comunidade de Serra Azul. *“Cada povo tem obrigação de manter e conservar viva a tradição, a língua e cultura de seus antepassados. Um povo sem língua é um povo morto”,* diz uma crônica escrita pela descendente de ucranianos e professora de ucraniano, Eugênia Osatchuk, que consta no livro *Rio Azul: 70 anos de emancipação política*. Segundo ela, os descendentes de ucraniano de Rio Azul, estão de parabéns, pois mantêm vivos seus costumes, comida típica, folclore, entre outras atividades até hoje. *“Em Rio Azul, algo está sendo feito, por exemplo, temos na igreja celebração sema-*

nal da Santa Missa no nosso rito, temos o colégio, com alunas que fazem bordados e o folclore que participa de festivais ucranianos”.

Em 1920, no mesmo local, foi feita uma segunda capela, onde tinha aulas de catequese pelas irmãs Catequistas de Santana e que depois foi transferido, em 1962, para a igreja Santa Terezinha do Menino Jesus de Rio Azul e, posteriormente, para o colégio Nossa Senhora de Fátima, que começou a funcionar em 1962. Neste Colégio havia aulas do curso primário e também de catequese. Entre 1962 e 1987, funcionou no local um abrigo e jardim de infância para meninas órfãs e carentes. Em 2009, o estabelecimento passou por uma grande reforma, que aumentou as instalações e trouxe mais conforto às irmãs catequistas de Santana que residem no local. Alguns anos depois, em 1968, foi inaugurada a igreja Santa Terezinha do Menino Jesus de Rio Azul (Rito Bizantino), que pertence à Paróquia do Sagrado Coração de Jesus do município de Mallet. O fato curioso é que a arquitetura da igreja é de estilo bizantino, caracterizado por ter sempre três, cinco ou sete cúpulas arredondadas.

A IGREJA MATRIZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

Com a evolução da cidade e o aumento do número de habitantes, na década de 1970, o padre João Salanczyk sentiu a necessidade da construção de uma nova igreja matriz. Para muitas pessoas, na época, o projeto do padre era ambicioso e poderia não ser executado pela falta de recursos necessários. Mesmo assim, contando com o apoio da maioria dos moradores que contribuíram com mão de obra e arrecadações em dinheiro, a obra foi finalizada em 1978. *“A igreja matriz é antiga, tinha uma base de madeira que foi demolida, depois foi construída a atual, eles foram buscar cópia em um projeto de uma igreja noutra cidade [igreja de Santa Terezinha, em Guarapuava]. A construção levou bastante tempo, teve um custo alto, mas foi concluída fazendo arrecadações em festas e doações”*, explica Ceslau.

Atualmente, a igreja matriz, batizada em 1971 com o nome de Sagrado Coração de Jesus, é um grande atrativo da região Sudeste, tem 790 metros quadrados e abriga celebração da santa missa diariamente. Como nos contou a Ir. Márcia, que trabalhava no Hospital, *“Algumas celebrações chamaram bastante a atenção dos fiéis, como a celebração especial que comemorou os 75 anos da construção da primeira igreja de Rio Azul, na década de 1970, e a segunda, mais recente, aconteceu em 2008, no dia 27 de setembro, quando foi realizado o encerramento das Missões Populares, evento iniciado em 29 de agosto, que teve como objetivo principal renovar a fé cristã, por meio de palestras, visitações a famílias e celebrações de missas. O evento movimentou todas as comunidades do interior e a paróquia que recebeu a visita dos missionários Capuchinhos, vindos de Vacaria, no Rio Grande do Sul. Esse evento foi um despertar do povo para a espiritualidade. A dinâmica divertida e alegre, usada pelos padres franciscanos, nas palestras, para tratar de temas como sexualidade e drogas, por exemplo, envolveu tanto crianças, jovens e adultos. Foi muito emocionante ver a paróquia lotada [na celebração de encerramento do evento], todo aquele povo vibrando e cantando. Foi uma coisa especial, profunda. Às vezes, a rotina do dia a dia e os problemas fazem com que a gente deixe Deus e a espiritualidade de lado”*, analisa. Outra celebração importante que lotou as dependências da paróquia aconteceu no dia 21 de agosto

de 1988, quando os padres João Salanczyk e Augusto Kolek foram homenageados por seus 50 anos de sacerdócio. Nesse dia, padre João comemorou também 29 anos como pároco da cidade de Rio Azul. Por esse motivo recebeu o título de cidadão benemérito do município, e também uma placa da paróquia pelos serviços prestados à comunidade. Ainda, em 2003, houve as comemorações do centenário da presença dos padres da Congregação do Verbo Divino em Rio Azul. Além destas, são marcantes as festas tradicionais das Capelinhas (no mês de março) e do padroeiro (em junho).



Igreja Matriz de Rio Azul quando ainda não tinha o asfalto e existia o pavimento poliédrico.
Imagem: divulgação



Tradicional procissão de Corpus Christi que todo ano reúne a comunidades do rito latino e ucraniano. Crédito: Foto J. A. Gueltes

CAPELA SENHOR BOM JESUS

A Capela Senhor Bom Jesus, localizada na comunidade da Cachoeira dos Paulistas, a 7 km do centro de Rio Azul, foi fundada em 1958, com a colaboração das famílias dos descendentes de poloneses e ucranianos que moravam na comunidade e doaram madeira, participando da construção da igreja. Hoje, a comunidade que conta com aproximadamente 55 famílias sente orgulho do local, considerado pela prefeitura um ponto turístico de Rio Azul.



Capela Senhor Bom Jesus – Cachoeira dos Paulistas

As pinturas internas da capela, realizadas em 1966, pelo pintor Antonio Petrek (in memoriam), mantêm até hoje o brilho e ainda não precisaram ser retocadas. *“A igreja da Cachoeira é uma capela de madeira, que tem pinturas famosas da Itália, da época do Renascimento, como por exemplo, da Sagrada Família, Anjos e São José Marceneiro, que foram reproduzidas em tamanho grande, nas paredes ou no teto da igreja”*, relata Ceslau. Além desses retratos lembrados por Ceslau, há desenhos de passagens e personagens bíblicos no interior da capela, em um estilo que combina imagens figurativas e pintura gestual.



Interior da Capela Senhor Bom Jesus, com as pinturas de Petrek - Crédito: Rodrigo Zub

Hoje, a comunidade luta pela preservação da igreja, como patrimônio histórico. Em 2003 houve um movimento para a demolição, com o intuito de construir uma nova igreja mais moderna no local, mas isso não aconteceu. As únicas obras realizadas foram a duplicação das paredes externas. Antonio é uma das pessoas que lutam para que a capela não deixe de existir. *“Querem fazer o tombamento, podem fazer outra igreja nova, mas essa não pode desmanchar”*, ressaltou Petrek durante entrevista ao jornal Hoje Centro-Sul.

MODO DE VIDA DOS RIOAZULENSES MUDA COMPLETAMENTE NA VIRADA DE SÉCULO

Rio Azul completa, no dia 14 de julho de 2018, o seu centenário de emancipação política. Ao longo desse tempo, muitas coisas mudaram no município, principalmente o modo de vida bastante primitivo e os costumes trazidos pelos primeiros habitantes foi alterado radicalmente. As diversas transformações podem ser percebidas essencialmente com a evolução da tecnologia, que mudou a vida das pessoas mesmo em uma cidade pequena, com uma população que vive basicamente do meio rural. Mesmo assim, com todas essas evoluções, durante esse período, muitas histórias, contos folclóricos e personagens ajudaram a construir uma cidade que tem como fonte de renda a agricultura, conhecida como a “Capital do Fumo”.



Centro da cidade de Rio Azul na década de 1970. Crédito Acervo Municipal

Conversando com qualquer cidadão rioazulense, hoje em dia, percebe-se a felicidade de um povo que sofreu, lutou, mas que começa a colher os frutos de sua organização. Como toda cidade do interior, foi-se desenvolvendo de forma tímida. Aos poucos, a população que vivia só do extrativismo, principalmente, com a venda de erva-mate e madeira, começou seu progresso.

A evolução da agricultura, com o cultivo de batata, milho, feijão e outros produtos, fez com que a esperança das pessoas, de ter um futuro melhor, voltasse a

ser um sonho possível e real para os rio-azulenses. Com o passar dos anos, as instalações foram melhorando, Há alguns anos, por exemplo, não existia água encanada, não havia como investir em bens materiais como a compra de veículos, eletrodomésticos, entre outros produtos, porque as famílias eram numerosas e o pouco que ganhavam tinha de ser destinado à alimentação.

Hoje em dia, a educação evoluiu com a construção de colégios e as indústrias foram se estabelecendo, dando melhores condições financeiras e gerando emprego às pessoas.

Depois de todas essas transformações e mudanças, houve um crescimento no nível econômico da população. Prova disso é que mesmo as pessoas mais humildes, possuem automóveis, modernos implementos agrícolas para realizarem suas produções rurais, e a maioria das pessoas possui estabilidade financeira, para viver em paz e aconchego com suas famílias.

Mas essa situação só começou a mudar a partir da década de 1990, quando Rio Azul teve seu maior salto econômico já verificado desde sua emancipação política.

Segundo Ceslau, a vinda de empresas fumageiras, a instalação da Schreiber, em 2000, e de várias indústrias madeireiras, nos últimos 20 anos, como a Madeireira Rio Claro, por exemplo, foram alguns dos motivos que trouxeram desenvolvimento ao município. *"Houve um crescimento no comércio, quase não se viam lojas e mercados na cidade, agora, em cada esquina, há um estabelecimento desses. O número de casas também aumentou radicalmente. Os agricultores, quase todos, têm seus carros, antes eram carroças e a agricultura deixou de ser tração animal e passou a ser tudo com máquinas e tratores, então, nesse aspecto, teve desenvolvimento também"*, conta.

De acordo com os produtores rurais, basta voltar um pouco no tempo, para perceber as mudanças, principalmente, se for feita uma comparação entre o início do cultivo de fumo e o que hoje o produto representa para a cidade. No começo na década de 1960 eram poucos produtores e só a empresa Souza Cruz, financiava os produtores. Atualmente há várias companhias fumageiras que têm pessoal técnico especializado dando suporte ao agricultor. *"De início, as companhias financiavam a construção da estufa e pagava com o lucro da safra e, hoje, o nível econômico das pessoas melhorou bastante principalmente, por causa do cultivo do fumo. Então isso trouxe riqueza e gerou um aumento no comércio, hotéis, por exemplo, antigamente havia um, hoje são cinco, seis. Também houve o desenvolvimento com a construção do asfalto em várias ruas da cidade"*, relata Ceslau.

Mesmo com todos os pontos positivos e a importância da evolução da cidade, algumas pessoas sentem saudade da vida que levavam há alguns anos. *"A cada dez anos tem mudado tudo, não há como acompanhar mais, a gente quer que volte sempre aos tempos antigos, mas não é assim, e cada vez está melhor, não dá para dizer que piorou. Antes tinha que só guardar dinheiro, agora você investe, tem mais conforto nas casas, tem água encanada, mesmo assim, as pessoas não são felizes, porque não sabem aproveitar esses privilégios"*, reflete Josefa.

Não há dúvida para a população de que as mudanças são benéficas e trazem mais conforto e bem-estar às pessoas. Mas, na visão de algumas delas, a tecnologia tem deixado as pessoas mais alienadas, sem tempo para gestos simples como uma

boa conversa. O bate-papo e as rodas de chimarrão, tão comuns entre vizinhos, parentes e amigos, perderam espaço para a internet, que se transformou na grande fonte de entretenimento da população. Muitos apontam a falta de tempo e a correria diária como o grande vilão da história. Já as pessoas mais velhas preferem se lembrar de como era o mundo, há alguns anos, quando a vida simples e pacata tornava as pessoas mais felizes do que a agitação de hoje.

Segundo Ceslau, todas essas transformações mudaram a vida das pessoas nos últimos anos, principalmente, com a evolução da tecnologia, que tornou o ser humano mais preguiçoso e excluiu os principais hábitos culturais da população mundial. *“Hoje não existe outro hábito cultural, é só televisão e internet. Antigamente, tinha-se o costume de ir à casa do vizinho tomar um chimarrão, bater papo. Antes, as pessoas mais velhas trabalhavam o dia inteiro e, então, no final da tarde, diziam: ‘Vou tomar um chimarrão na casa do compadre’. Hoje essa geração mais nova, que vem vindo, não tem mais interesse em conversa, eles são mais ligados à TV”*, conclui Ceslau.

De acordo com ele, os únicos hábitos culturais coletivos da população, atualmente, são a prática de esportes (cada comunidade tem seu time de futebol), festas que cada comunidade organiza em uma determinada data do ano, e a realização dos tradicionais bailes no interior. *“Na cidade há pessoas que têm o costume de se reunir e tomar a cachacinha, cerveja ou comer um sanduíche nos bares”*, conta.

Até os descendentes de ucranianos e poloneses mais tradicionalistas, que mantêm alguns costumes, como culinária, manifestações artísticas, língua e religiosidade, nos últimos anos, têm mudado seu modo de pensar e agir. *“Os mais antigos que vieram da imigração cultivavam a tradição, a língua e os costumes; esses todos faleceram. Esse pessoal mais jovem pegou outros hábitos, a maioria não fala mais a língua nativa. Ainda existem alguns que falam, a maioria são de uma faixa etária entre 30 e 40 anos. Agora entre a juventude, um ou outro tem interesse e sabe uma palavra, mas nada que possa manter uma comunicação”*, explica Ceslau.

De acordo com Mário Pietroski, também deve ser feito um processo de reestruturação de alguns setores, principalmente a agricultura, para que as pessoas possam usar a terra de várias maneiras para subsistência, de maneira racional e sem extravagância de espaço. *“Eu comento com agricultores, naquela barroca, naquele buraco, que não tem como fazer cultivo de nada, planta uma imbuia ou um pinheiro, porque daqui a alguns anos seus filhos, netos ou bisnetos, vão aproveitar aquela madeira para alguma coisa. Com isso, não estamos apenas protegendo o meio ambiente, mas também preparando o futuro”*, analisa o ex-prefeito de Rio Azul.

SÃO GONÇALO, O MONGE SÃO JOÃO MARIA E OS FAXINAIS EM RIO AZUL

Ivan Gapinski

Graduado em História pela Universidade Estadual do Centro - Oeste do Paraná (Unicentro), campus de Irati, 2006. Especialista em História Cultural pela mesma Instituição, 2009. Possui Pós Graduação em Arte, Educação e Terapia pelas Faculdades Integradas Camões, FICA, Brasil, 2010 e Pós Graduação em Educação Especial pelas Faculdades de Ciências Sociais Aplicadas, CELER/FACISA, Brasil, 2011. Possui graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano de Curitiba, CEUCLAR, Brasil, 2013. Mestre em História e Regiões pela Universidade Estadual do Centro - Oeste do Paraná (Unicentro), 2015. Professor QPM (Quadro Próprio do Magistério) de Filosofia e História da Rede Estadual de Ensino - Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná, atuando nos Ensinos: Fundamental II, Médio e Profissionalizante. Realiza pesquisas sobre a cultura nos faxinais, bem como trabalhos voltados para a área da Filosofia da História.

Desde muito pequeno sempre gostei de ouvir as histórias contadas pelos mais velhos, dentre elas, os fatos e causos de antigamente eram os meus preferidos, pois quase sempre imaginava como teria sido a vida em outras épocas e em condições distintas as atuais, bem como, o modo de vida das pessoas que viviam em outros lugares. Apesar de não ser tão idoso naquela época, meu narrador preferido era meu pai. Suas histórias, sobretudo, as da sua infância, provocavam em mim um misto de curiosidade, dúvida e encantamento.

Nesse período de minha vida ainda não imaginava que algum dia seguiria a carreira acadêmica e o magistério, talvez pelas várias dificuldades enfrentadas e por pensar, então, que a história apenas era o registro dos feitos de grandes homens e de fatos importantes. Todavia, entre outras coisas, aquelas histórias que ouvi na infância por vezes me inquietavam e, este sentimento por muito me acompanhou.

Felizmente o tempo e algumas adversidades da vida me levaram a superar essa visão tradicional de História e em certa medida querer transcendê-la. Tal mudança de perspectiva se deve a dois “encontros” um tanto quanto tardios: o primeiro, com a história acadêmica, e o outro, com a filosofia. Tais circunstâncias, somadas às várias inquietações juvenis, me levaram a querer, dentre outras coisas, compreender também as histórias que meu pai contava e os motivos pelos quais os livros e os registros que eu conhecia negligenciavam-nas.

Ambas as formas de compreender o mundo e a existência, entre desconfortos e inquietações, me fizeram apreciar a história dos povos e dos indivíduos com um olhar tanto curioso quanto irrequietamente, pondo-me a refletir acerca do que nos cerca e porque as coisas, fatos e pensamentos são assim e não de outro modo.

Somados aos desafios enfrentados na vida acadêmica, profissional e pessoal, o desafio agora é, em grande medida “saciar” aquela inquietude juvenil, tributária, também de algumas memórias de infância, e falar deste tema tão caro e importante

que é a História de Rio Azul a partir de alguns relatos e histórias de vida falar sobre temas pouco conhecidos e por vezes negligenciados, a saber: o Sistema Faxinal, A Dança de São Gonçalo e a crença no Monge São João Maria.

Em meio a estes três temas que nomeiam este trabalho, e alguns marcos históricos do Município, tecemos também algumas considerações sobre a presença indígena e de ex escravos no território onde hoje está localizado o Município. Nosso objetivo ao trazer à baila esses dois temas, não é desmerecer os trabalhos precedentes, nem tampouco semear o pomo de Eris, mas chamar a atenção para a presença e importância desses dois povos na formação de nossa identidade histórica e cultural e suscitar pesquisas mais aprofundadas que preencham as lacunas aqui deixadas e tragam novos elementos que serão acrescentados aos já existentes e somados, formarão o que chamamos de História de Rio Azul.

O Sistema Faxinal, a Dança de São Gonçalo e a crença em São João Maria já foram por nós trabalhados em estudos anteriores, assim sendo o texto que aqui segue é em certa medida um pequena compilação destes trabalhos feitos a partir de vários depoimentos, que embora colhidos em momentos distintos colaboram sobremaneira para entendermos não somente os temas supracitados, mas aspectos importantes da História de nosso município, pouco conhecidos pela grande maioria.

Pode-se dizer que tais estudos não podem ser dados como concluídos e o que apresentamos aqui são apenas alguns olhares sobre o que se convencionou chamar de “História de Rio Azul”. Embora pautado no uso e rigor no trato com as fontes, além do olhar este texto traz, ainda que de maneira implícita, as preferências de seu autor, portanto nem de longe pretende encerrar os debates sobre os temas abordados, pelo contrário, suscitá-los.

Que este modesto trabalho, ainda que minimamente contribua para a quitação do grande déficit histórico que o município de Rio Azul possui com a maioria de seus habitantes, ou seja, que sirva para dar voz a muitas pessoas simples que gastaram e ainda gastam suas vidas para que o Município de Rio Azul hoje pudesse estar celebrando seu primeiro centenário de Emancipação política.

É a essas pessoas simples, meus depoentes e co-autores deste trabalho e também a todos os munícipes rioazulenses, que a cada dia na causa em que abraçaram escrevem esta história, hoje centenária, que dedico este modesto trabalho.

SÃO GONÇALO DO AMARANTE, O MONGE SÃO JOÃO MARIA E OS FAXINAIS EM RIO AZUL: RASTROS DE UMA CULTURA TRADICIONAL E CONTRIBUTOS PARA UM NOVO OLHAR SOBRE A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO¹

APRESENTAÇÃO: POR UM NOVO OLHAR SOBRE O NOSSO PASSADO

Hoje centenário, o Município de Rio Azul percorreu longa e árdua trajetória, para conseguir sua autonomia política e econômica, bem como construir sua identidade cultural a partir da conjugação de vários esforços e elementos dos mais diversos, mas que, nem sempre constam nos discursos oficiais que tratam de sua formação a partir dos aspectos que o compõem.² Desta “jornada centenária” participaram todos os munícipes contudo, a grande maioria, nem sempre aparece nos escritos e quando isto ocorre, apenas serve de pano de fundo e mero espectador do processo histórico pelo qual o mesmo passou nestes últimos cem ou cento e vinte anos, visto que somente do ponto de vista político, a pela autonomia, se iniciou muito tempo antes.

Ainda que este não seja um texto acadêmico em essência, é um trabalho histórico, assim sendo, é *mister* desconstruir alguns conceitos arraigados no âmbito da historiografia local, bem como, abordar este importante tema por uma perspectiva outra, ou seja, dar voz àqueles sujeitos que gastaram (gastam) suas vidas para que o mesmo se tornasse o que hoje é, mas que na maioria das vezes são negligenciados em prol de “grandes nomes”, representantes do poder político e de “famílias abastadas”, datas e feitos eleitos como dignos de serem cultuados e lembrados para a posteridade.

Pois tais razões e também por uma espécie de “tributo” para com esses sujeitos, trataremos de parte da cultura popular e da religiosidade praticada no Município de Rio Azul abordando três temas que embora distintos, a nosso ver, se articu-

1 Neste texto deixaremos de lado algumas das regras da academia a fim de que o mesmo se torne acessível a todos os tipos de leitores. Ainda que seja fruto de alguns estudos publicados anteriormente, nosso objetivo aqui não é que o mesmo seja aceito pelos nossos pares, mas sim um retorno ao Município e a seu povo que em muito contribuíram e contribuem em nossa jornada acadêmica iniciada há algum tempo e que por certo não terá um fim. Que seja, ainda que singela, uma homenagem ao lugar onde nascemos, crescemos e que muito amamos. Para tanto, além de contarmos com vasto arcabouço bibliográfico acumulado pelo caminho, teceremos essa narrativa com a ajuda de vários moradores e ex-moradores de comunidades do Município de Rio Azul e de dois Municípios vizinhos, Cruz Machado e Inácio Martins, a fim de dar voz e vez a esses sujeitos que por outras perspectivas seriam considerados como meros objetos de estudos. Assim, contaremos a História que aqui nos propusemos, a partir das Histórias por eles contadas. Em certa medida seremos aqui seu porta-voz. Os depoimentos aqui utilizados foram colhidos para realização de trabalhos anteriores com moradores de cinco comunidades e três municípios e, recentemente para realização de projetos futuros relacionados à esta mesma temática.

2 A data que marca o centenário do Município é 26 de Março, pois no ano de 1918, neste dia o então governador do Estado do Paraná Afonso Alves de Camargo, sancionou a lei nº 1959 criando o Município de Roxo Roiz, integrando-o ao termo de Irati, Comarca de Ponta e o desmembrando de São João do Triunfo. Em 14 de julho do mesmo ano, o município é instalado oficialmente e é empossado seu primeiro prefeito, vice e camaristas. Pode-se dizer que o nascimento do Município se deu em 26 de março e seu “batizado” dia 14 de julho. Por que será que comemoramos a segunda data e não a primeira? Teria sido coincidência a escolha de 14 de julho para a instalação do Município ou propositalmente por ser este o marco inicial da Revolução Francesa, que entre outras coisas disseminou preceitos democráticos pelo mundo? Estariam já na gênese de nosso Município os ideais de *Liberté, égalité e fraternité*?

lam: o Sistema Faxinal, a crença no Monge São João Maria e a devoção dançada em honra a São Gonçalo do Amarante.

Entende-se que no bojo desses temas seja possível também encontrar elementos que venham a contribuir para um melhor entendimento de importantes aspectos da história local, trazendo à baila, questões quase desconhecidas sobre a História e a cultura do Município, ainda que para isso as tenhamos que escovar no “contrapelo”.

Adotaremos também aqui o termo Cem Anos de Emancipação Política e não Cem anos de História, pois, ainda que poucas, as fontes existentes dão conta de que o território onde hoje se localiza o Município já era percorrido desde a segunda metade do século XVII, pelas etnias indígenas *Kaingang*, *Xetá* e *Guarani*, assim sendo há muito mais história a ser conhecida e pesquisada. Infelizmente, não há ainda nesses cem anos de emancipação política, registros escritos da presença de ex-cativos, muito embora a tradição oral dê a entender que algumas das famílias “pioneiras” chegaram a possuir escravos e ex-escravos onde hoje se encontra atualmente o território de Rio Azul.

No que tange à presença indígena, há cerca de uns 30 anos para cá quando a agricultura no Município se mecanizou e o solo começou a ser lavrado mais profundamente, com isso, vários objetos passaram a ser encontrados em várias localidades do interior, entre eles pontas de flechas de vários tamanhos e formatos, pedaços de cerâmicas e machados indígenas.

Fontes orais também citam a presença de nativos que, conforme a colonização avançou, buscaram outros territórios “fugindo” do contato com “o homem branco”, ou então, raramente, aculturaram-se, fato percebido em algumas de nossas feições e também na fala dos mais antigos quando, por exemplo, assim dizem: “*minha avó era bugre*”, “*fulano era bugre*”, “*aqui antigamente tinha muitos bugres*”. Entre as comunidades de Rio Azul dos Soares e Vila Nova, há até hoje um ponto de referência, apesar de não mais existir fisicamente, fruto do fim do sistema faxinal, *o portão do bugre, etc.*³

A esse respeito, o Senhor Félix Mikovski, morador da comunidade de Rio Azul de Cima, relata que:

Rio Azul dos Soares, o Rio Azul Velho que nós chamamos também, era uma comunidade que antigamente possuía muitos bugres, mestiços assim, que eram índios que iam se misturando com os brancos que vinham e iam virando caboclo, sabe. De tanto que tinha o pessoal chamava aquele lugar de Faxinal dos Bugres, lá até hoje tem portão dos Bugres. (MIKOVSKI, 2018).

Corroborando com a fala do senhor Félix, Almir Domingues Cabral, morador da localidade de Água Quente dos Domingues, onde Rio Azul faz divisa com o Município de Rebouças no extremo leste, lembra que havia nesta comunidade

³ Bugre é um termo pejorativo dado aos índios brasileiros pelos europeus, entre outras coisas, pelo fato, destes não possuírem os valores cristãos, nem serem “civilizados”, ou seja, simplesmente por não comungarem de seus valores e cultura. Em nossa região o termo é utilizado para fazer referência aos “mestiços” de índio e branco que, embora já inseridos na dita “civilização” mantinham traços de sua ancestralidade, como por exemplo, andar descalço, ter casas de chão batido, trabalhar apenas para a subsistência, entre outros aspectos. Provavelmente daí tenha surgido o adágio popular que diz: “fulano vivia tipo bugre”, ou “fulano é tipo bugre”.

vários “bugres”, que teriam vindo de outros lugares e se estabeleceram nas terras de seu avô, que lhes cedeu um terreno e vez ou outra os contratava para trabalhos temporários. Segundo ele:

A minha mãe contava que aqui as bugras vinham pescar, mas os bugres daqui tinham roupa. Então diz que a bugra sentava lá e puxava o peixe e ele caía no colo dela. Eles plantavam as rocinhas deles ali mas comiam tudo assim, o feijão eles comiam tudo nas vagens e o milho começava a criar espiga, comiam tudo assim. A minha mãe contou que morreu um bugre ali, daí eles vieram, vieram e contaram. Daí a falecida mãe foi lá pra ver a guarda, daí chegaram lá e não tinha nada, daí a falecida mãe com o pai perguntaram, já foi sepultado e eles disseram, não, nós deixamos ele na fumaça, nós só sepultamos ele quando trovejou. (CABRAL, 2018).

A fala de seu Almir revela importantes aspectos da cultura desse povo que também faz parte dos alicerces de nossa cultura e identidade, mas que, apesar disso, não é citado como “pioneiro”. Segundo ele, havia até pouco tempo nesta comunidade um “cemitério de bugre”, um local onde esse povo enterrava os seus e onde era possível encontrar vestígios de flores, entre outras coisas. Neste local atualmente há uma plantação de soja. Ainda segundo seu relato, é possível encontrar ao longo da comunidade, vários vestígios deixados por este povo, como armadilhas feitas na terra para prender animais em forma de grandes buracos cobertos com folhagens. (CABRAL, 2018).

Ainda de acordo com o seu Almir, o próprio nome de sua comunidade é influência dos indígenas que ali viviam, pois, segundo ele, tinham o costume de banhar-se várias vezes ao dia nos rios da região, em cada lugar que passavam, tomavam um banho de rio. O Rio que passa naquela comunidade, e também nas comunidades vizinhas, segundo os indígenas, possuía a água mais quente se comparada com os outros em que se banhavam, assim, cada vez que iam se referir àquele rio, diziam rio da “Água Quente”. Como o lugar desde 1905 já era propriedade da família Domingues, a partir de título de posse requerido junto ao governo do estado pelo avô do senhor Almir, passou a ser chamado de Água Quente dos Domingues, diferenciando das outras duas comunidades vizinhas, por onde também passa o rio a partir do sobrenome de seus primeiros proprietários, os Rosas e os Meiras. (CABRAL, 2018)

Vitoldo Przybysewski, morador da comunidade de Braço do Potinga extremo sul do Município, onde Rio Azul faz divisa com São Mateus do Sul e Mallet, atualmente com oitenta e dois anos, ao lembrar sua infância, cita que:

Quando o meu pai veio morar aqui existia índio, então veio as índias aqui na minha casa. A mãe até tinha medo das índias, mas disseram que não precisa ter medo, eles são gente e são respeitados, mas quando eu tinha mais ou menos uns cinco ou seis anos, depois nunca mais vi. (PRZYBYSEWSKI, 2016).

A fala de seu Vitoldo corrobora com o que afirmamos acima e, nos leva a crer que na maioria dos casos os indígenas evitavam o contato com o homem branco,

preferindo “fugir” a ter que reivindicar seu lugar no processo, tanto do ponto de vista cultural, quanto material. Na comunidade em questão, os moradores mais antigos falam da “paragem” ou “tapera” dos bugres, lugar hoje localizado em uma grande fazenda e que muito antigamente havia um local junto de determinadas árvores onde habitavam índios.

Quanto à presença de ex-escravos, além de sermos também denunciados por nossas feições e por alguns números que começam “vir à tona”⁴, alguns relatos legados pela tradição oral dão conta de que nas localidades de Porto Soares e Braço do Potinga havia (há) descendentes de escravos. É importante salientar que essas comunidades até o ano de 1938 pertenciam ao Município de São Mateus do Sul e que, somente por meio do decreto-lei estadual nº 7573 deste ano foram anexadas ao Município de Rio Azul. Talvez algumas fontes oficiais sobre o tema tenham que ser buscadas no Município vizinho, contudo o recurso à oralidade é de suma importância para o entendimento deste fator, visto que é possível que assim como aqui em Rio Azul, no Município vizinho esta parte “incômoda” deva ter sido negligenciada pela historiografia oficial.

A esse respeito, o Senhor João Gapinski, também morador da comunidade de Braço do Potinga, vizinha cerca de cinco quilômetros de Porto Soares, relata que:

Tinha uma senhora, diziam a Maria Italiana pra ela, ela morou, quando eu era piazzino bem pequenininho, ela morava perto de casa e ela sempre vinha. Diziam que ela era uma escrava, ela já era bem de idade, uma mulher morena, então eu me lembro bem dela, morava perto aí e depois não demorou muito e ela faleceu. Diziam que ela era escrava, eu era piazzino pequenininho e me lembro dela muito bem, mas eu nem sabia o que que era escravo na época, mas eu me lembro, diziam a Maria Italiana, eu não sei o sobrenome dela, era bem morena”. (GAPINSKI, 2016).

Seu João não nos fornece maiores detalhes acerca de Dona “Maria italiana”, visto que quando sua família chegou à comunidade em questão a mesma já residia no local há tempos, segundo relata teria vindo para aquela comunidade com um fazendeiro de nome Oscar, era casada com um senhor chamado Pedro e possuía três filhos, Terêncio, Mathias e Reinaldo. O esposo faleceu primeiro em data incerta e logo após a morte de Dona Maria, os filhos teriam ido embora dali, possivelmente para o Município de Ponta Grossa, sem dar mais notícias⁵. O que nos interessa neste

4 Evidentemente a cor da pele não muda, não é algo que possa ser negado ou afirmado conforme a circunstância, porém, em termos de estatísticas há a questão da “auto-declaração” que sabemos, nem sempre condiz (ia) com a realidade. Sabe-se, no entanto, que há um maior entendimento acerca desta importante questão, bem como da luta constante contra o racismo e o preconceito, o que faz com que as pessoas não mais tenham vergonha de declararem a cor da pele, assim hoje sabemos que o Brasil, por exemplo, tem mais da metade de sua população declarada negra.

5 De acordo com o Senhor João Gapinski, no início do século XX as famílias Soares e Vieira eram donas de quase todas as terras onde hoje se encontram a Comunidade de Braço do Potinga. Seu Pai e outros moradores de algumas colônias de Mallet, como Rio Claro do Sul, por exemplo, vinham de lá pra o Braço do Potinga fazer erva nas safras para essas famílias, com o passar do tempo adquiriram terrenos junto às mesmas e ali fixaram residências. (GAPINSKI, 2016). Ainda que não seja este o objetivo principal deste trabalho, faz-se necessário lembrar que no estado do Paraná a mão de obra escrava fora utilizada principalmente no tropeirismo e na extração da erva mate a partir do século XVII. Sabe-se que na primeira metade do século XIX, o número de escravos negros na Província do Paraná, que politicamente

momento ao evocar a memória de infância de seu João, memória que também era evocada por outros, é demonstrar que embora não citada em outros escritos havia a presença de ex-cativos naquela região⁶.

Entre as comunidades de Porto Soares e Braço do Potinga, em meio ao que convencionou-se chamar de “Vila dos Pescadores”, mora o casal Timóteo Ferreira e Constantina Ferreira da Silva, conhecida por todos como “Tantica”. Segundo ela:

Meu avô, Pedro Ribeiro da Silva, o Pedro Grande, era um escravo, tinha sido libertado e daí que veio pra cá, mas não sei de onde. Veio junto com um fazendeiro, chamavam ele de Pedro Grande pra diferenciar, porque tinha outros Pedro. Aqui também, perto de onde mora o seu João Gapinski tinha uma escrava, a Maria Italiana. (SILVA, 2018).

Dona Tantica nasceu em 1931, segundo conta seu Pai, João de Deus que faleceu aos 63 anos de idade quando a mesma tinha 20 anos, nasceu em 1888, ano da abolição da escravatura no Brasil, assim sendo, se levarmos em consideração essas datas, seu avô poderia mesmo ter sido cativo. É importante lembrar que seu Pedro Grande e depois seu filho João de Deus, também conhecido como João Grande, foram patriarcas de uma grande família que até hoje vive naquela comunidade, muitas vezes ao se referirem a eles ou a seus familiares, ainda é comum os moradores, principalmente os mais velhos, utilizarem o seguinte termo “*os grande*”.

Ceslau Wzorek, que juntamente com Reynaldo Walascki foi responsável por escrever o livro que celebra os setenta anos de Emancipação Política de Rio Azul e que traz por título: **Rio Azul 70 anos de emancipação política: de braços abertos para o amanhã**, configurando-se em uma das mais importantes fontes históricas que possuímos até o momento, em depoimento a nós cedido por ocasião de pesquisa realizada sobre a Dança de São Gonçalo nos Faxinais do Município, acerca destes dois temas, assim falou:

Escravo se tinha era muito pouco, quase não apareceram porque aqui não houve assim a utilização da mão de obra escrava, foi lá mais pra São Paulo e a região norte e nordeste, aqui era um ou outro descendente que tinha, agora indígenas havia bastante, mas com a vinda dos imigrantes aqui, como é que se diz, eles fugiram

se emancipou em 1853, chegou a 40 % da população, diminuindo significativamente nos anos seguintes, por conta do esgotamento do sistema escravista. (Paraná Negro, 2008.) Se comparado com outras regiões do Brasil, isto ocorreu em escala bem menor, contudo, marca profundamente a cultura e a identidade do estado. Na região onde hoje se localiza Rio Azul, não há muitos registros oficiais e historiográficos de tal presença, contudo além de alguns relatos orais, algumas feições os atuais dados do censo a denunciam.

⁶ Não esqueçamos que a escravatura no Brasil fora abolida oficialmente em 13 de maio de 1888, então é bem possível que a senhora citada pelo seu João tenha sido mesmo cativa ou descendente e que, talvez ali tenha parado em busca de trabalho, guarida ou mesmo pertencia juntamente com seus familiares aos antigos donos daquela propriedade, ou seja, à família Vieira. O termo “italiana”, atribuído como sendo o sobrenome de Dona Maria, talvez fosse uma maneira de Seu João, seus familiares e as demais pessoas que a conheciam a identificar como estrangeira que era naquela circunstância. Corroborando com tais questões, o senhor João Maria Pacheco, atualmente o morador mais idoso da comunidade, com 83 anos, lembra que grande parte da área em que se localiza a Comunidade de Braço do Potinga, antigo Faxinal, na década de 1970 foi adquirida pelo senhor Júlio Wronski, contudo, já havia sido propriedade de João Gonçalves e Pedro Vieira, respetivamente. (PACHECO, 2016).

pro mato porque a plantação que eles faziam era muito pouca coisa, às vezes alguma roça de milho e mandioca, mas a principal alimentação deles era a caça, coleta e pesca. E com a vinda do pessoal que derrubou mato pra fazer plantação eles não tinham mais esta fonte de alimentação, então foram se retirando para um lugar mais isolado, mais no mato. Mas existe relato também de que antes ainda da colonização aqui dos indígenas, havia até um intercâmbio entre indígenas moradores aqui de Rio Azul com a civilização inca do Peru, e havia um relacionamento, vinham índios lá da civilização inca até aqui em Rio Azul e assim também de Rio Azul também tenha ido pra lá, mas isto aqui foi em pequena escala. (WZOREK, 2014).

A fala do senhor Ceslau é de suma importância, pois nos mostra um olhar histórico importante sobre a presença desses dois povos na formação cultural do Município ainda nos seus primórdios, bem como nos fornece elementos que nos inquietam, principalmente no que diz respeito à presença indígena. Responsável pelo livro dos Setenta anos de Emancipação do Município, sua visão, é tradicional e mostra como a história oficial cita esses dois povos.

Contudo, o intercâmbio que segundo ele havia entre os povos indígenas que aqui viviam com os povos da antiga civilização inca, também citado no livro comemorativo ao septuagésimo aniversário de Rio Azul é no mínimo instigante e merece ser estudado com mais profundidade a fim de que possamos, quem sabe (re) descobrir um Rio Azul “pré-colonial”, para então melhor entendermos certos aspectos da formação de nossa identidade étnica e cultural.⁷

Apesar disso, ou seja, de haver evidências da presença indígena e africana em território hoje rioazulense, nota-se por parte de alguns a tentativa de excluir esses dois povos da “grande celebração centenária”, entretanto, não obstante a escassez de fontes, tais temas merecem mais atenção e não podem ser negligenciados. Nota-se uma tendência praticamente em todos os municípios, principalmente os pequenos, em se exaltar os grandes feitos e datas, criar ídolos e celebrar as glórias do passado, reivindicando assim um início excepcional. Entretanto, ao fazer tal opção geralmente se deixa de lado algo muito rico que é a História das pessoas ditas “comuns”, e que de fato são os agentes transformadores da história.

Vale lembrar aqui, numa perspectiva nietzschiana tomada de sua **Genealogia da Moral** que, nem todo começo é grandioso, ou seja, as coisas nascem pequenas e se tornam-se grandes com o passar do tempo, fruto de várias circunstâncias, adversidades, contingências e a partir da soma de forças, não de um ou de outro fato ou pessoa isolada. Por tais razões, externamos aqui o desejo de que este modesto trabalho, entre outras coisas, possa contribuir para semear inquietações e assim suscitar outras pesquisas com relação a estes importantes temas a fim de que superemos o oficialismo ainda em voga em prol do que aqui podemos chamar de, uma história vista de baixo.

⁷ Até o momento não se tem conhecimento de nenhuma pesquisa arqueológica em território rioazulense, espera-se que dentro em breve surja o interesse sobre este importante tema e, trabalhos com esses vieses possam contribuir para trazer à tona, fragmentos e novos olhares para essa História pouco conhecida de Rio Azul. A análise de todo este material que vem sendo encontrado recentemente, somada ao depoimento de moradores mais antigos de algumas comunidades, pode em muito acrescentar elementos importantes sobre o que podemos denominar de nosso período “pré-colonial”.

ANTIGAMENTE, TUDO ISTO ERA UM GRANDE FAXINAL: A VIDA COMUNITÁRIA E A DESESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA NO MUNICÍPIO

Feito estas considerações, iniciaremos falando sobre um tema de grande relevância para a formação e identidade cultural do Município, o Sistema Faxinal. Sempre que se conversa com os moradores mais antigos de qualquer comunidade que seja, uma frase é recorrente: “*antigamente, isto tudo era um grande faxinal*”. Ora, mas afinal, o que é isto um faxinal, que marcou não somente as configurações territoriais do Município?

Bem, utilizaremos a princípio a definição dada pelo senhor Antônio Tomaz de Andrade morador da comunidade de Taquari dos Ribeiros, para quem: “*Faxinal é uma coisa dividida da terra de planta, o que é faxinal é faxinal, o que é terra de planta é terra de planta. Passou do portão pra lá é lavoura. O que é faxinal é só faxinal, toda vida foi. Era e é, está sendo até agora.*” (ANDRADE, 2009).

Silvio Cordeiro, morador da Comunidade de Marumbi dos Elias, antigo faxinal, certa feita ao falar sobre este tema e recordar momentos de sua infância e juventude em que as cercas praticamente inexisteriam na comunidade, afirmou que:

Toda vida conheci aqui por Marumbi dos Elias, mas só que era um criador só e se criava tudo junto, só a terra de planta era separada, aqui era só faxinal, e hoje, hoje aqui está tudo mudado, é uma coisa só, não tem mais esse negócio é tudo terra conhecido como fechado, terra de planta. Criação naquele tempo aqui era criado tudo solto o meu pai tinha uma imensidade de criação, ia daqui até lá pro Pinhalzinho lá pro morro do Marumbi⁸ lá perto era tudo aberto. (CORDEIRO, 2008).

Dito de outra forma e corroborando com as falas de Cordeiro e Andrade citadas acima, pode-se dizer também que, os faxinais são comunidades rurais típicas da chamada região Centro Sul do Estado do Paraná, configurando-se em um sistema singular associado à pecuária, ao extrativismo, à agricultura e às tradições comunitárias. Sua ocorrência se dá, principalmente, nas antigas regiões das matas de araucária e a agricultura praticada nesses locais é do tipo familiar, principalmente a de subsistência.⁹

⁸ O Morro do Marumbi, ou pico do Marumbi como é mais conhecido, localizado na Comunidade de Faxinal dos Elias e citado pelo senhor Sílvio Cordeiro ao se referir sobre a “falta de limite” dos faxinais, além de nomear a sua comunidade, a partir de 18 de setembro de 1920, também empresta o nome ao Município, que anteriormente se chamava Roxo Roiz e que por ocasião da mudança do nome da estação da estrada de ferro e por já haver outro Município no Paraná com este nome precisou passar por essa mudança. Somente em 1929 por meio da lei estadual nº 2645, de 10/04/1929 é que o Município passa a ter a denominação atual em referência ao Rio de mesmo nome e que nasce na comunidade de Rio Azul de Cima. Por várias vezes ouvimos de antigos moradores de comunidades próximas ao Pico do Marumbi em Rio Azul e também de seus filhos e netos a seguinte afirmativa: “*O Pico do Marumbi é o marco do centro do mundo.*” Esta declaração revela uma maneira peculiar de se relacionar com a natureza, maneira pautada na simplicidade e na espontaneidade no trato com as coisas cotidianas, pode-se dizer que de fato ela procede, visto que marca um mundo em certa medida à parte e explícita uma relação de respeito com algo imponente e que faz parte da vida dessas pessoas.

⁹ Os moradores dos Faxinais, ou povos faxinalenses, como assim são denominados, juntamente com os remanescentes dos quilombolas, ilhéus, caçaras, povos indígenas, extrativistas, entre outros, pertencem

Quando em seu apogeu, entre as décadas de 1940, 1950 e 1960, praticava-se nessas comunidades, e ainda é possível encontrar em algumas delas, a pecuária extensiva no sistema de criadouros comuns, onde as terras de plantar são separadas por cercas, “vedos”¹⁰ e “mata-burros”¹¹ e o extrativismo vegetal como o da erva-mate, por exemplo, ocorre no período da entre safra. Atualmente a atividade com maior importância nas comunidades faxinalenses é a produção de tabaco, visto que demanda pouca mão de obra e pode ser produzida em pequenas propriedades. Dividem espaços também nos faxinais, algumas lavouras de milho e soja e aos poucos, a despeito de um discurso já gasto em campanhas eleitorais, começa-se a introduzir nas mesmas, ainda que de maneira tímida, a tão proclamada diversificação da agricultura com destaque para agricultura familiar orgânica.

Pode-se dizer com base na fala o senhor Antônio Tomaz de Andrade que os faxinais se dividem em duas áreas distintas: as terras onde se encontram as lavouras, que garantem a subsistência de seus moradores, e o criadouro comum, considerado como a marca característica deste sistema. O criadouro comum, além de ser o local destinado para criação, engorda e apascentamento dos animais, também é o local em que são construídas as casas. Trata-se, portanto, do espaço de convivência entre o faxinalense e os animais.

Embora os estudos disponíveis não aprofundem este debate, é possível supor que os primeiros moradores das comunidades rurais do município tenham optado pelo sistema faxinal, pela necessidade de ajuda mútua nas colheitas, pelo fato de não terem outra opção à época, pela preservação de práticas comunitárias, compadrismo, entre outros fatores que conjugados foram responsáveis pelas características e manutenção do mesmo. Trata-se de um sistema que marcou profundamente não só a cultura de Rio Azul, mas de toda região, se porventura aqui quiséssemos negar tais contributos, seríamos denunciados pelo nome de várias comunidades que compõem o Município, bem como comunidades dos Municípios vizinhos a Rio Azul.

Reproduzimos a seguir a fala do senhor José Tomaz de Andrade, ex-morador do Faxinal de Taquari, que bem sintetiza algumas razões para a adoção do sistema, aspectos da vida em comunidade, bem como algumas mudanças passadas pelo sistema ao longo dos anos. Segundo Andrade:

à categoria de Povos Tradicionais. Tal reconhecimento se deu a partir da Constituição de 1988 e visa garantir, por força de lei que esses povos possam continuar, se assim desejarem, a manter sua forma peculiar de utilização e posse da terra, o aproveitamento ecológico dos recursos naturais, a preservação da memória comum e o cultivo da vida comunitária. A esse respeito ver: LITTLE, Paul E. “Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da Territorialidade”. In.: **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, V. 2003, p. 251-290, 2005.

10 **Vedos:** Cada vez mais raros nos faxinais, na maioria deles quase que inexistente. Grandes valas de cerca de dois metros de largura por dois de profundidade feitas ao redor das terras de plantar para impedir que os animais adentrem nas lavouras e venham a causar danos. Sua finalidade é “vedar” o tráfego de animais, difere do *mata-burro* por não ser coberto com traves de madeira ou ferro, atualmente quase que inexistente, todavia era uma forma bastante utilizada para separar as terras de plantar das terras utilizadas para a criação de animais.

11 **Mata-burro:** Ponte de traves espaçadas para “vedar” (impedir) o trânsito de animais. Consiste em uma vala construída na boca dos portões ou porteiras e cobertas com pedaços de madeira colocados lado a lado, cerca de quinze centímetros um distante do outro. É comum encontrar em algumas comunidades os mata-burros cobertos com trilhos que outrora foram usados nas estradas de ferro, mesmo em comunidades que há muito deixaram de ser organizadas no sistema de faxinal o mata-burro ainda compõe a paisagem, servindo de ponto de referência para os moradores.

O meu pai dizia o seguinte: tem pessoas na comunidade que ele tem assim digamos uma grande área de terra, uns tinham naquela época, ainda requerido títulos não é, uns requeriam cem alqueires outros requeriam mais ou menos e alguns não tinham nada. Isto foi toda a vida assim, então o que que eles faziam, o faxinal, reservava-se uma área entre os primeiros moradores onde tinham as criações, então este faxinal, se eu estava dentro dele ali, mesmo que eu tivesse lá um litro, dois litros, uma quarta de chão, eu poderia ter o mesmo número de criações que aquelas pessoas teriam. Então que nem o pai dizia, nós que temos mas podemos ajudar aquele que não tem uma área grande ou ele não tem água no terreno dele, porque as fontes de água, as nascentes, aquilo fazia muito bem, porque às vezes se compra uma área de três alqueires, cinco alqueires que não tem uma água corrente por dentro do terreno. Então, pra você ter criação naquela época não tinha como. Então quando você participa de um faxinal, assim em conjunto, em comunhão com os demais vizinhos aquilo serve para estreitar a amizade e cada um ter o direito de ter as criações que ele gostaria de ter, isto sem restrição alguma. No início quando era tudo, vamos dizer muito grande e o povo era pouco, então às vezes as criações nem necessitavam de serem fechadas, depois tiveram que fechar aquela parte, aquela área, sempre áreas grandes né, de cinquenta alqueires para mais, de dez alqueires pra mais pra poderem ter suas criações ali de todo o tipo, cabritos, gados, equinos, entre outros. (ANDRADE, 2014).

A fala do senhor José é bastante esclarecedora e, inclusive nos instiga a pensar além, ou seja, querer entender como se deu a questão do requerimento das terras pelo Brasil afora sabendo que primeira lei de terras que aqui tivemos data de 1850, coincidentemente ano da chegada dos primeiros imigrantes em solos tupiniquins. Contudo deixemos este debate para uma outra oportunidade a fim de não nos desviarmos de nosso foco principal, bem como evitar certa aporias que o tempo e as fontes aqui não nos permitem abarcar.

A fala de seu José, entre outras coisas, revela a importância da vida comunitária, a amizade e a vontade de querer ajudar aqueles que pouco tem e que necessitavam de espaço para criar seus animais, bem como como das fontes de água¹². Tal discurso, proferido pelo pai do senhor José e por ele citado, hoje seria uma utopia, para alguns, uma insanidade.

Conforme dados fornecidos pela Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente do Município, atualmente há neste município três comunidades que ainda se organizam no Sistema de Faxinal e que são reconhecidas como tal pelos órgãos Estaduais e Federais, recebendo com isso alguns incentivos para que possam continuar mantendo seu modo de organização, bem como para que seja preservada sua cultura e memória comum.

Ironicamente as comunidades que estão organizadas no Sistema Faxinal em Rio Azul não levam o termo em seu primeiro nome, sendo elas: Taquari dos Ribeiros, Água Quente dos Meiras e Lageado dos Melos. Comunidades como Faxinal dos Paulas, Faxinal de São Pedro, Faxinal dos Elias, Faxinal dos Mouras e Faxinal do Limas, há muito se desestruturaram, guardando no nome algo que já foi muito

12 O acesso às fontes de água será um dos fatores que conjugados à questão das cercas e à mudança de mentalidade contribuirão para o fim do sistema. Sem água, este bem natural, não há como criar animais.

comum não somente neste Município, mas que a partir de vários elementos internos e externos começa e ser questionado, desarticulado e desestruturado a partir das décadas de 1970 e 1980, como veremos a seguir.

No interior desses espaços coletivos, ou seja, dos faxinais, manifestam-se (de forma cada vez mais rara) variadas práticas culturais, entre elas, as danças, as folias e as festas religiosas, algumas organizadas pela Igreja Católica em louvor aos santos padroeiros, outras desenvolvidas pelos próprios moradores. Novenas, recomendações, terços, batizados nas casas ou em olhos d'água de São João Maria, benzimentos, pagamento de promessas a São Gonçalo, conhecimentos acerca das ervas medicinais, são exemplos de conhecimentos existenciais, ou saberes tradicionais como também são chamados e que em muito contribuíram (contribuem) para a vida das pessoas em um tempo e lugar onde o conhecimento científico por vezes cede espaço a outras formas de conhecimento¹³.

Outra prática bastante comum no âmbito deste sistema, praticamente em desuso é o mutirão¹⁴. Tradição em que os faxinalenses se reuniam para ajudar seus vizinhos em tarefas que necessitavam do uso de muita mão de obra, ou que necessitavam ser realizadas com certa urgência, tais como consertar alguma cerca danificada ou ajudar na colheita de certos produtos.

Sobre os mutirões, que ocorriam na comunidade de Faxinal do Taquari dos Ribeiros, Antônio Tomaz de Andrade relata que:

Faziam, agora largaram mão, não vai ninguém. Faziam mutirão bastante pra roçar, pra derrubar pau, pra carpir roça, faziam toda a vida, agora todos largaram, plantam só fumo, um pouquinho. Mas dantes faziam roças grande, cinco, seis alqueires. Precisava gente e pagar não há quem aguento e toda vida o pessoal aqui todos eram pobres então faziam tudo na base do mutirão. Não tinha fazendeiro, não tinha nada, só gente pobre. (ANDRADE, 2014).

13 Um conhecimento tradicional bastante presente no Município a alguns anos atrás, devido a falta de médicos, a distância das comunidades com relação ao hospital, entre outros fatores, era o das parteiras. Sua importância foi tanta que no ano de 1988, em data incerta, o prefeito, por ocasião da inauguração do Centro de Saúde provavelmente, entregou diplomas homenageando as várias parteiras leigas do município. Entre essas parteiras estava a senhora Evinolda Ferraz, atualmente com 85 anos. Mãe de oito filhos, dona Evinolda até pouco tempo morou na comunidade de Rio Azul dos Soares, faxinal extinto recentemente. Parteira e benzedeira, Dona Evinolda nos conta que a vinham buscar de várias comunidades vizinhas por vezes até de madrugada para ela realizar a função que aprendera sozinha, ainda moça quando precisou realizar o parto de alguém de sua família, pela falta de médico e de alguma pessoa habilitada que pudesse realizar o mesmo. Assim, com vinte anos tomou a frente daquela situação e partir dali realizou mais de trinta pelo município. (FERRAZ, 2018). João Maria Pacheco, morador da comunidade de Braço do Potinga, fala sobre a presença desses conhecimentos tradicionais e cita a presença de uma figura muito conhecida nessas comunidades. Segundo ele: “aqui onde quer tinha um curador, benzedor como dizem, eu me lembro bem. Aqui nos Gramados era cheio de gente, meu Deus do céu. Tinha um tal de Antonio Damo ele era benzedor o “negro velho” e benzia tudo que é coisa, de ar assim, o tal de negrão, a turma fala do curador Antonio Damo” (PACHECO, 2016).

14 Pode-se perceber resquícios dos antigos mutirões quando, por exemplo, alguma família realiza casamento em casa. Neste evento à moda antiga são envolvidas muitas pessoas antes e depois, entre parentes e vizinhos que deixam seus afazeres para ajudar no preparo da festa e arrumação dos galpões de trabalho que viram grandes salões enfeitados com palmeiras, fitas e muitas cores. Em muitos casos a festa ocorre durante toda a semana em meio aos preparos, sendo regada a muita comida, bebida boa música e dança. Até mesmo em um velório no interior pode-se perceber ecos desta tradição, onde as famílias largam todos os seus afazeres ficam a disposição daquela que perdeu seu ente querido.

Prática importante no seio dos faxinais, o mutirão era uma de suas marcas características e reforçava os laços comunitários ao demonstrar que unidos, mesmo as pessoas mais humildes poderiam realizar grandes trabalhos almejando um bem comum. Uma característica importante que podia ou não ocorrer junto com os mutirões eram os bailes. Moradora do faxinal do Taquari dos Ribeiros, a senhora Neuza Aparecida Pacheco Stresser cita que:

Eles ainda fazem mutirão para fazer as cercas. Combinam lá pra fazer as cercas, as vezes dividem um pedaço pra cada um, mas sempre as famílias que vão lá e fazem, é tipo um mutirão mesmo. Bem antigamente eles faziam mutirão de baile, faziam o baile. Então as pessoas queriam fazer o mutirão, convidavam as pessoas e elas iam lá, por exemplo, limpar uma roça, aí a tarde tinha o baile. Aí não pagava a entrada, era livre a entrada. Conheci um uma vez que eu fui, tinha um tio meu lá que fez pra ir limpar uma roça dele aí a tarde tinha o mutirão, tinha a janta e tinha o baile né. Acho que isso une a comunidade, é muito importante porque a comunidade fica mais unida, trabalha junto né, então é uma forma de unir mais as famílias, assim a comunidade fica mais unida. (STRESSER, 2014).

Sobre os bailes que ocorriam nesses mutirões, o senhor José Tomaz de Andrade vai além. Segundo ele:

Nestes bailes aqui, o chimango acho que foi uma dança criada mais pelos gaúchos e o chimango é o seguinte: uma pessoa, por exemplo, os organizadores diziam assim: agora vai ter uma moda de chimango ou três modas, por quê? Porque naquele chimango, as moças iam convidar os rapazes, principalmente aquele que ela estava querendo dançar com ele. Como sempre, as moças mais donzelas, mais formosas são as mais procuradas, muitas ficavam sem dançar. Outra questão, no chimango você tinha que dar alguma coisa de presente pra ela, ou seria um refrigerante, um pacote de bolacha, uma flor. Isso era pra movimentar e o dono daquilo levava uns trocados, mas o mais forte era que você ia descobrir com quem a moça queria dançar. Eu acho, no meu modo de pensar era isso. As vezes ela passava a noite inteira dançando com as outras pessoas e era proibido de dar o carão, a tábua como nós dizia, então quando saía uma ou três modas do chimango, os homens tinham que esperar as moças ir convidar. (ANDRADE, 2014).

Acontecia no chimango, ainda que de forma momentânea, uma inversão dos valores vigentes. Naquele momento as moças que praticamente eram obrigadas a dançar com quem viesse lhes convidar, poderiam dançar com quem desejassem. O sinal para o início das “moda” do chimango era quando o dono da casa pendurava um lenço branco¹⁵ no meio do salão. Há vários relatos de situações engraçadas e também constrangedoras ocorridas nesses chimangos.

15 O lenço branco era a identificação dos republicanos durante a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul (1893 - 1895), contudo o termo chimango é bem mais antigo, designava o partido moderado durante as regências.

Pode-se se dizer que os mutirões celebravam a vida, uma vez que se trabalhava em comunidade, se dividia o alimento entre aqueles que contribuíram na realização de determinada tarefa, ou em outras palavras, prestaram auxílio na precisão de um conhecido ou parente e ao fim se festejava o êxito do dia que fora proveitoso em todos os sentidos. Esta prática foi se perdendo com a mudança de mentalidade, podendo ser vista por analogia no início da cultura do tabaco quando as lavouras não eram tão mecanizadas e as famílias costumavam realizar a “troca de dias” para conseguirem realizar a colheita.

João Maria Pacheco, recorda não somente os mutirões que ocorriam em sua comunidade, mas também, como era a vida em uma época onde financeiramente as coisas eram mais difíceis, mas a ajuda mútua fazia com todos superassem estes empecilhos, sempre com muito respeito. Segundo afirma:

Era bom pra viver, serviço tinha bastante, a vizinhança tudo se dava bem um com o outro. A criançada da gente a maioria na escola tudo, tudo se respeitava e se ajudava, era bonito, um respeitava o outro, um compadre respeitava o outro, todo o pessoal se respeitava. (PACHECO, 2016).

Seu João Maria também cita um aspecto da vida comunitária que aos poucos foi sendo deixado de lado, mas que fez parte da formação da identidade cultural, não somente daquela comunidade, sendo recorrente em muitas localidades do município. Tal qual afirmou Pacheco:

Quando me conheci por gente, já no começo quando eu comecei a ir nas festas na Santa Cruz era tudo gratuito, não era cobrado, e daí cada dia três de maio que era dia da Santa Cruz, tinha cada um que fazer a festa. Tinha o chefe que fazia as festas, era nomeado, fulano de tal. Aí tinha o João Gonçalves, a maioria era ele que fazia as festas, daí nomeavam o irmão dele o Benedito e ali tudo junto, até o Ieno, o Jerônimo da Vila Nova, o Áureo Soares, todos faziam festa aí. Nomeavam o cara que fazia a festa, e todos ajudavam, era assim. Agora está mudando, dia de Santa Cruz estão trabalhando acabou as festas. Fazem duas festas por ano, é maio e setembro. (PACHECO, 2016).

Cada comunidade possui um ou dois padroeiros, no caso da comunidade de Braço do Potinga é Santa Cruz e São Sebastião. Antigamente as festas ocorriam religiosamente nos dias de seus padroeiros, mesmo que estes caíssem no meio da semana, com o passar do tempo e a mudança de mentalidade acarretada por diversos fatores estas ocorrem somente nos domingos, antes ou depois da data em questão. Se ser trabalhador é seguir a máxima de que tempo é dinheiro, ninguém mais pode se dar ao luxo de ficar sem trabalhar mais dois dias durante o ano.

O caráter gratuito presente nas festas antigas dos faxinais evidencia aspectos de uma vida comunitária presente ainda até pouco tempo. Esta característica das festas de outrora, pode ser associada à cultura cabocla, manifesta, por exemplo, nas cidades santas organizadas pelos sertanejos durante a guerra do Contestado. Conforme Élio C. Serpa, em Taquaruçú, por exemplo, os caboclos punham os seus bens em comum sob o lema “*quem tem mói; quem não tem, mói também*”. (SERPA, 1999).

Conforme os depoimentos, além dos festeiros responsáveis por oferecer a festa, muitos levavam doações para o almoço e logo após, como ocorre até hoje, ocorria um leilão com diversas prendas para ajudar os festeiros em suas despesas. A ideia é que a cada ano mudassem os festeiros, contudo, como poucos tinham condições financeiras de arcar com a grandeza do evento, quase sempre eram os mesmos.

Presente em praticamente todo o Município e vivo na memória dos mais velhos, em alguns registros iconográficos, imagéticos e na cultura material, o Sistema Faxinal, tendo como principal característica o criadouro e as práticas comunitárias de ajuda mútua começa a ser desarticulado e desestruturado a partir da década de 1970.

Tal fenômeno não ocorreu exclusivamente em solo rioazulense, pelo contrário, estendeu-se por todos os lugares onde havia se implantado o sistema, alguns sentindo mais e de forma mais rápida que outros seu impacto. Pode-se dizer que houve fatores internos e externos ao sistema que contribuíram para sua desarticulação e consequente desestruturação, contudo, o germe de tal questão foi a chegada de elementos externos ao mesmo e que aos poucos foram implantando uma nova maneira de conceber e lidar com a terra, suprimindo aos poucos as chamadas práticas comunitárias, sua principal característica.

Como elemento interno, o fato de alguns não colaborarem com a manutenção das cercas, foi um dos fatores que levaram à extinção dos criadouros comunitários, visto que com as cercas sem condições de segurar os animais longe das terras de plantar, começou-se a gerar alguns conflitos entre os vizinhos, até que a situação ficou praticamente insustentável.

Com a chegada dos “de fora”, como geralmente são chamados os plantadores de soja vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, que a partir da década de 1970 começam a chegar à região Sul e Sudeste do Estado do Paraná, a situação começa a se agravar nos faxinais. Alguns escritos os apontam como os principais responsáveis pela desarticulação do Sistema Faxinal na região, pois trouxeram além de novas tecnologias e técnicas de plantio, uma nova mentalidade, capitalista, sobretudo, onde não havia espaço para a vida e os costumes comunitários praticados no âmbito dos faxinais.

No caso específico do Faxinal do Braço do Potinga, além da figura do grande plantador de soja, a chegada também de um grande fazendeiro começa colocar em xeque a dinâmica faxinalense. Segundo João Maria Pacheco:

Daí o seu Wronski comprou a fazenda ali do João Gonçalves e fechou. Aí sempre a criação andavam solta, daí ele fechou tudo, cercou o que era dele e daí a criação cada qual tem o seu fechinho, os Gapinski tem o deles, nós temos o nosso, cada um tem o seu fecho. Não deu problema nenhum, o seu Wronski mandava em todo o terreno, pois ficou tudo dele, e nós ficamos bonzinhos, fechamos o que era nosso e fiquemos aí. (PACHECO, 2016).

Evidentemente que as terras do criadouro comunitário sempre tiveram donos, entretanto, por meio de acordos não escritos, os chamados acordos comunitários, eram permitidos que os “não proprietários” pudessem ali criar seus animais,

evidenciando o caráter coletivo e comunitário das decisões outrora tomadas no âmbito dos faxinais.

Tal evento mudará para sempre, não somente os aspectos espaciais das comunidades faxinalenses, mas também a mentalidade dos seus moradores, que aos poucos irão absorver elementos e influências outrora desconhecidas e que, somadas aos pequenos conflitos já existentes no bojo das mesmas, culminaram na desagregação da maioria dos Faxinais, não somente no Município de Rio Azul, mas em toda a chamada Região Centro-Sul do Estado do Paraná.

A esse respeito Ceslau Wzorek assevera que:

Quando começou a plantação de soja muitas destas terras que eram utilizadas como faxinal passaram a ser cultivadas com produtos químicos de adubação, os insumos agrícolas e aí começou a cultura da soja, da soja e também do feijão, tanto é que quando começou esta cultura, isto aqui deve ser 1970, 1980 por aí, então maior parte dos faxinais acabaram sendo extintos para utilizar as áreas de terra na agricultura. E acho que tem alguns faxinais mais é pouco, inclusive, teve muitos problemas de pessoas que faziam parte do faxinal, proprietários passaram a utilizar a terra pra cultura, os animais saíam do faxinal e entravam nas culturas, estragavam e até teve muitos agricultores aí que matavam os animais, principalmente suínos. Então teve uma porção de problemas com isso aqui, mas hoje eu acho que está mais ou menos pacífico. Quem mantém criação ainda, a mantém bem fechada que evita a saída para a terra de cultura. (WZOREK, 2014).

Nota-se na fala de Wzorek, que a partir das décadas de 1970 e 1980 os faxinais começam a entrar em crise, fruto da introdução de novas culturas e técnicas de plantio. As cercas, que possuíam toda uma simbologia e que passaram por um processo evolutivo, desde os valos, os “frechames” até chegar às tão debatidas leis dos fios, agora é motivo de discórdia, os animais antes criados soltos agora são fechados, invertendo-se a lógica do sistema, iniciando-se uma mudança nos usos, costumes e na mentalidade faxinalense.

Obviamente este processo que irá quase extinguir os faxinais não se deu da noite para o dia, pelo contrário, algumas das comunidades perderam o *status* de Faxinal reconhecido há apenas poucos anos atrás, fruto de muitos debates, reuniões, interesses políticos, desavenças entre vizinhos, entre outros tantos fatores.

Muitos conflitos ocorreram até bem pouco tempo atrás fruto de problemas relacionados a cercas, danos causados por animais, e desacertos entre vizinhos. Contudo, no auge do sistema, tais atritos eram resolvidos de forma amigável, por intermédio do inspetor de quarteirão. Segundo afirmou Wzorek:

O inspetor de quarteirão era nomeado pelo prefeito. Geralmente era um líder comunitário que ele tinha consideração e assim, que tinha respeito pela população do local. E a função dele era principalmente zelar pelas estradas, resolver problemas quando um animal saía do faxinal e entrava na terra de cultura e causava prejuízo, então ele tinha a função de acertar isto aqui. O animal que fez o dano, o proprietário deste animal teria que pagar o dano ao pro-

prietário da cultura. E, além disso, ele tinha outra função, era um, tipo de um conselheiro assim. Qualquer problema que havia assim, digamos familiar ou mesmo digamos social, ele tinha a função de dar uma orientação ao pessoal como solucionar aquele problema. (WZOREK, 2014).

O inspetor de quarteirão era incumbido de resolver os atritos desencadeados entre os moradores, nesse caso, principalmente, as questões relacionadas às cercas e aos estragos causados pela entrada de animais domésticos no interior das áreas de plantar. Segundo afirmam os moradores, a princípio a maioria dos conflitos era solucionada por meio do diálogo entre as partes, o que se pode considerar como manifestação das práticas grupais dos faxinalenses. Entretanto, chega um ponto que as desavenças escapam ao controle do inspetor e viram até casos de polícia, fazendo com que o que antes era sinônimo de ajuda mútua, passe a ser visto como um empecilho para a paz na comunidade.

Fala-se em vários eventos ocorridos até de forma proposital para se forçar o fim do sistema: derrubadas de cercas, morte de animais, abrir e não fechar portões para que os animais adentrassem as lavouras de outrem, entre outros. Contudo, a palavra chave é “encrenca” fruto das disputas pelas cercas e pelo fechamento ou não dos animais, como se pode perceber na fala a seguir:

Pois foi o caso de encrenca de cerca pros criador, uns queriam continuar com o criador, mas a maioria queria fechado. Eu até fui um que perdi na questão, eu queria criador e daí entrou fechado e fiquemos assim, só pode ter fechado a criaçãozinha, a lavoura ficou livre, ficou aberta e a criação tivemos que fechar tudo. Acabou-se aquele negócio de criação solta porco, vaca, animal, tudo. (CORDEIRO, 2008).

Cordeiro argumenta que os desacertos se devem à entrada de novos proprietários de terras no interior do sistema, que desconhecem a forma de organização dos moradores locais, pois para os faxinalenses a criação é que deveria ser cercada e não as terras de plantar. Segundo ele, a maioria dos moradores de sua comunidade, Marumbi dos Elias, optou por acabar com o criador comunitário, fato também seguido por outras comunidades do município, a partir de vários debates e de algumas pressões externas também.

Aos olhos de alguns não haveria mais razões para um sistema como este, ou seja, de subsistência, continuar existindo, visto que se configurava em um empecilho ao progresso e ao avanço do que poderíamos aqui chamar de “germe” de um agrogócio no Município, senão de sua prática efetiva, de sua mentalidade.

O senhor João Gapinski nos esclarece alguns pontos nessa questão que foi recorrente em todo o Município e que culminará com a derrocada do Sistema Faxinal não somente em Rio Azul, mas em toda a região. Segundo Gapinski:

Eu calculo que faz uns quarenta anos mais ou menos, faz tempo. É que começou devagarzinho os conflitos como dizem de cada um fechar o seu. E tinha reunião com prefeito pra fazer acordo, teve bastante reuniões e chegou um ponto que não teve acordo de ter

o criador, que era muito grande o criador, grande demais. Aqui nunca chegou em acordo mais brigas assim nunca teve, mas reunião sempre tinha com prefeito e não teve acordo, devagarzinho o povo foi entendendo foi caindo na real e foi indo até que não conseguiu, então cada um tem sua criação fechada e pronto. (GAPINSKI, 2016).

A fala de seu João sintetiza de maneira clara como se deu o processo que culminou primeiramente com a desarticulação do sistema e depois com sua desestruturção, salvo as exceções reconhecidas atualmente como ARESUR (Áreas Especiais de Uso Regulamentado) e anteriormente citadas que recebem o ICMS ecológico a fim de manter não somente suas características físicas, mas também, religiosas e culturais, mas que aos poucos estão sendo engolidas pelo agronegócio, presente também no seio dessas comunidades.¹⁶

O fim dos Faxinais na maioria das comunidades do Município, todavia, não implicou o desaparecimento das práticas doravante ocorridas e presentes ainda na memória dos moradores das comunidades onde o Sistema Faxinal era praticado. Para quem viveu o ápice daquele sistema e para aqueles que em certa medida ou simplesmente conheceu os faxinais ou os “faxinalões” como também são citados por alguns, este ainda se encontra presente, seja em alguns resquícios de cercas, valos, nos mata-burros que em algumas comunidades ainda fazem parte da paisagem, nas fotografias guardadas, histórias contadas aos mais novos e em algumas práticas culturais ainda presentes no interior dessas comunidades, como a dança de São Gonçalo e a Crença no Monge São João Maria que veremos a seguir de maneira pouco mais esmiuçada.

A DEVOÇÃO DANÇADA A SÃO GONÇALO DO AMARANTE NOS FAXINAIS DE RIO AZUL: MESCLA DE DEVOÇÃO E ARTE

Em vários momentos de minha infância, ao ouvir de meu pai as histórias que contava acerca de sua vivência no interior, as festas, rezas, lides e os bailes no campo, ao se referir aos costumes antigos, dentre outras, a seguinte frase era recorrente: “*A dança de São Gonçalo é a dança mais bonita que existe, vai dançando, beija o santo e depois volta a dançar*”.

Ora, meu pai nunca chegou a ver e nem participar de uma romaria de São Gonçalo, como é chamado evento realizado em honra Santo português, e quando comentava referia-se ao que os mais antigos haviam falado. Apesar de achar um

¹⁶ Ressaltamos aqui que não estamos fazendo uma apologia ao faxinais em detrimento das outras formas de organização e apropriação da terra que lhe são precedentes, aqui no Município. É inegável a sua presença e sua importância na formação dos vários aspectos perceptíveis hoje, não somente na agricultura, mas na parte cultural e até política. Contudo, queremos aqui instigar algumas reflexões de como se deu este processo não somente em Rio Azul, partindo de uma mudança de mentalidade a princípio para uma mudança na paisagem, culminando em sua desestruturção a partir de vários debates entre o que era tido como sinônimo de atraso e o progresso e a tecnologia empregada nas lavouras. Entendemos que há um grande número de escritos falando da inegável presença e importância do agronegócio na região, por isso, esperamos que este estudo seja também seu contraponto e uma versão a mais sobre o tema.

tanto engraçado e meio estranho uma dança dedicada a um santo, aquilo não me despertava interesse enquanto criança, até porque meu pai somente me falava isso, não sabia me explicar os pormenores, ou seja, não sabia contar-me me a história e as motivações da dança.

O tempo passou as histórias contadas por meu pai, por vezes foram esquecidas, no entanto, em um determinado momento de minha vida acadêmica me deparei novamente com este tema. Pois bem, a surpresa maior foi saber que até pouco tempo esta dança era praticada em algumas comunidades de Rio Azul. O que senti naquele momento foi um misto de saudades da infância, alegria e vergonha, por saber pela boca de outros algo tão bonito que faz parte da cultura rioazulense, mas que com exceção de meu hoje saudoso pai, ninguém havia me falado e nem estava nos livros de História do Município.

Passado o “susto” e em certa medida o constrangimento, resolvemos melhor conhecer este importante tema, tanto por meio de pesquisa bibliográfica quanto através da coleta de depoimentos junto a alguns participantes deste ritual cheio de simbolismo e fé, e que ainda é passível de ser encontrável em algumas comunidades, sendo realizado como pagamento de promessa por uma graça recebida por intermédio de São Gonçalo.

De origem portuguesa esta dança chega ao Brasil já nos primeiros anos da colonização. Criada no século XIII pelo padre dominicano Gonçalo de Amarante com o intuito de converter prostitutas e fazer com que estas se casassem de acordo com a doutrina católica. Acompanhada por violas, a dança inventada pelo padre Gonçalo caiu no gosto das pessoas menos favorecidas, fazendo com que busquem através dela a cura para suas mazelas, o que lhe rendeu além da fama de casamenteiro, o título de santo milagreiro.

Algumas biografias dão conta de que o padre viveu na região de Amarante, por volta do ano de 1250; nesse período, ergueu nas ruínas à margem direita do Rio Tâmega uma pequena Igreja dedicada a Nossa Senhora da Assunção. Voltando a fazer o trabalho de evangelizador, recebia os fiéis e percorria os povoados vizinhos, visitando os pecadores, doentes e pobres, confirmando, o que as narrativas populares afirmam até hoje, sua preocupação em ajudar os marginalizados e assistir aos desassistidos. (ANDRADE, 2004, p. 22).

É considerada uma das últimas manifestações do catolicismo onde se expressa a fé a um santo através da dança. Tal prática acontece como pagamento de promessa por uma graça recebida por intermédio do “santo” português, é encontrável ainda em várias regiões do Brasil. Na chamada região centro sul do Estado do Paraná há registros de sua presença nos municípios de Rio Azul, Rebouças, São João do Triunfo, Cruz Machado e Inácio Martins.

Esta devoção dançada provavelmente chegou à região de Rio Azul entre os fins do século XIX e início do XX, com os colonizadores portugueses que, segundo os registros que conhecemos, juntamente com os sírios, libaneses e ucranianos, foram os primeiros europeus a se estabelecer no território onde hoje se localiza o município.

Assim como ocorre nas várias regiões do Brasil, a dança de São Gonçalo, em Rio Azul, é também motivada pelo pagamento de promessa ao santo, pois salvo

raríssimas exceções, afirma-se que: “*sem promessa, não há dança*”. Conforme afirmou o senhor Antônio Tomaz de Andrade, “a pessoa faz um pedido pra São Gonçalo. Do jeito que você fizer tem que cumprir bem certinho, senão o santo castiga, o santo castiga daí fica pior, daí tem que cumprir”. (ANDRADE, 2009).

Qual o significado da dança para seus participantes? Quem foi São Gonçalo? Que partes compõem este ritual? Que instrumentos são utilizados na execução da música? Vejamos esses e outros aspectos desta devoção a seguir à luz de alguns relatos!

Amador Pedroso fora um dos precursores e grandes responsáveis por manter viva a tradição e a devoção a São Gonçalo pela região de Rio Azul, mais especificamente nas comunidades de Marumbi dos Elias e Taquari, onde temos registro até o momento de sua realização. Morador da comunidade de São Pedro, Município de Cruz Machado¹⁷, por muito tempo ostentou o título de rezador oficial das romarias de São Gonçalo na região de Rio Azul. Segundo ele, “São Gonçalo no tempo de dantes era curador, e agora então, daí pra cá que começou pegar uma confiança nele, que ele fazia cura tocando e cantando, fazendo aquela devoção e fazendo milagre”. (PEDROSO, 2009).

Para o senhor Antônio Tomaz de Andrade, que tinha a função de realizar a novena que antecede a dança, “São Gonçalo, ele era filho da virgem Maria, agora o fundamento eu não sei qual é, São Gonçalo e Nossa Senhora da Aparecida”. (ANDRADE, 2009).

“São Gonçalo é um santo milagroso, isto aqui veio do Rio de Janeiro pra cá que veio essa dança de São Gonçalo, de Minas Gerais”. (CORDEIRO, 2008). Embora não ofereça mais elementos, em sua fala Cordeiro demonstra conhecer traços importantes sobre a vida de São Gonçalo que é representado sempre com uma viola na mão e por isso é também conhecido e chamado por seus devotos de “santo violeiro”.

Amador Pedroso, Silvio Cordeiro e Antônio Tomaz de Andrade, faleceram recentemente. Junto com eles foram conhecimentos importantes sobre diversas manifestações culturais praticadas outrora, saberes tradicionais, entre elas, esta manifestação religiosa cada vez mais rara, correndo o risco de ser perdida no tempo por não haver mais pessoas que desempenhem suas funções, neste ritual.¹⁸

No dia 06 de setembro de 2013, em função da gravação do filme *No meu tempo era assim 2*, de Romualdo Surmacz, foi encenada uma Romaria de São Gonçalo na comunidade de Taquari, interior de Rio Azul. Embora ela tenha acontecido sem a

17 É importante notar que estas manifestações culturais extrapolam as fronteiras dos territórios faxinalenses, seja porque, podem ser detectadas em localidades em que não subsistem evidências do sistema, ou porque os organizadores habitam em faxinais diferentes. No caso específico da Dança de São Gonçalo há muito os rezadores responsáveis pela condução da novena que antecede a dança, bem como a dança propriamente dita sempre vieram dos municípios adjacentes, como Cruz Machado e Inácio Martins onde Rio Azul faz limite no extremo Oeste.

18 O senhor Amador Pedroso era o rezador oficial dos eventos na região, sua presença era tida como indispensável. Silvio Cordeiro era responsável por fazer a chamada “voz de fora” e ajudar na novena e no terço, com veremos a seguir, e senhor Antônio Tomaz de Andrade era rezar a novena em latim. Com relação ao senhor Amador, seu filho Clemente sempre acompanhava o pai nas Romarias, porém, não se achava preparado para levar adiante essa importante “missão”. Segundo ele: “Tem que pensar umas duas ou três vezes, porque a pessoa tem que fazer uma coisa bem consciente né. Porque tem fazer as coisas bem feitas. Na realidade, a Romaria ela é bastante complicada por causa que você tem que pegar e tocar bem ajudadinho, porque senão não adianta. A pessoa tem que confiar bastante. Na realidade faz horas que eu ajudo o meu pai. Eu confio, gosto, até estou sentindo saudades de assistir uma Romaria, tocar, ajudar o meu pai. Se o meu pai parar de tocar uma Romaria eu vou sentir muita saudade”. (PEDROSO, 2009).

motivação principal, ou seja, sem ser em função de pagamento de promessa, este recente evento, em certa medida, reacendeu nos devotos do santo violeiro, aquela devoção que muitos temiam que ficasse somente na memória dos mais velhos.

Adilson José Stresser, no filme em questão é o responsável pela reza e pela música. Residente no vizinho município de Inácio Martins, Stresser possui parentes na comunidade de Taquari, é natural da comunidade de Quarteirão dos Stresser, atualmente reside no meio urbano e atua como professor da rede estadual de ensino. Stresser nos fornece importantes elementos sobre esta dança, bem como nos ajuda a tecer a narrativa que aqui nos propomos.

Quando interrogado como e com quem aprendeu a tocar e também a rezar as romarias de São Gonçalo, assim falou Stresser:

Na verdade, ainda quando eu acompanhava o romeiro que tocava Romarias na região, o Senhor. Amador Pedroso, aprendi a “pontear” o violão, e sempre e ele dava suas dicas como tocar, mas a iniciativa de tocar romaria partiu há pouco tempo (setembro de 2013), quando convidaram a fazer parte do filme “No meu tempo era assim”. Dessa data em diante, muitos devotos do Santo nos procuraram para pagar suas promessas e, agora, estamos com muitas romarias para serem tocadas. (STRESSER, 2014).

Nota-se também na fala de Stresser que o senhor Amador Pedroso era o principal responsável pelas romarias. Se seus filhos não demonstraram interesse em prosseguir com elas, Stresser, a partir dos ensinamentos recebidos e da oportunidade trazida pelo filme, aparece como o novo detentor desse importante conhecimento e responsável por tocar as romarias na região de Rio Azul, passando a ser o rezador e tocador oficial das mesmas.

Uma das pessoas que acompanha e ajuda Stresser nas romarias de São Gonçalo é sua cunhada, a senhora Neusa Pacheco Stresser, moradora da comunidade de Taquari. Segundo ela, a devoção a São Gonçalo sempre fez parte de sua família. Conforme relatou: “isto já começou com o meu pai. O meu pai tocava junto com o Amador Pedroso e minha mãe cantava. Eu aprendi com eles, daí continuamos cantando, agora com o meu cunhado que depois que o Amador deixou, agora é com meu cunhado”. (STRESSER, 2014).

Uma das características mais marcantes da dança de São Gonçalo, não somente em Rio Azul, mas nas várias regiões onde há sua incidência, é ser um ritual que envolve famílias, sendo repassado dos mais velhos aos mais novos, estando atualmente seu conhecimento e preservação restritos a poucas pessoas. Além das famílias Pedroso, Cordeiro e Stresser, a família Andrade também era (é) muito devota do santo português.

O senhor José Tomaz de Andrade acompanhava seu irmão, que era um dos responsáveis pela novena que ocorria antes da dança e, sobre isto, recorda que: “Meu irmão mais velho o Antônio, já falecido, ele era o capelão que... nós, digo nós porque eu também participei algumas vezes das novenas, aquelas novenas antiga, que até ele rezava muitas orações em latim”. (ANDRADE, 2014).

No calendário cristão o dia dedicado a São Gonçalo é 10 de janeiro, data em que teria falecido, todavia, as romarias não possuem data certa para acontecer,

dependendo sempre da disponibilidade dos cantadores e rezadores. Nota-se, no entanto, que elas acontecem no período da entressafra do tabaco, entre os meses maio e setembro, período em que há certa “folga” dos diversos serviços que esse cultivo exige, havendo uma adaptação com a cultura local.

Dançada em seu início nos interiores dos templos católicos¹⁹ e depois abolida dos ritos oficiais do Catolicismo, no município de Rio Azul a dança de São Gonçalo ocorre nas casas dos devotos e às vezes nos barracões das capelas existentes no interior. Segundo o senhor José Tomaz de Andrade,

Sempre era procurado um salão mais ou menos de porte que pudesse ser executado, que fosse de uma área ampla dentro do salão para poder formar as filas e o povo que estava ali né, com muita devoção e silêncio, fazendo tudo o possível para se continuar assim como um momento de oração e digamos assim, não era uma diversão, muita gente tomava por uma diversão aquilo, mas eu acredito assim que era mais como agradecimento. (ANDRADE, 2014).

Enfatizado por Andrade, no imaginário dos devotos do santo português o ato é devocional e, embora seja constituído de orações, música e dança, não ocorre por mero divertimento, mas sim como agradecimento a São Gonçalo. Uma vez que Rio Azul ostentou por muito tempo o título de “Capital do Fumo no Paraná” e que as romarias de São Gonçalo ocorrem no período de entressafra do tabaco, muitas vezes os barracões das estufas são utilizados para a realização do evento. O lugar de trabalho e de estocagem deste importante produto para a economia local é convertido, ainda que momentaneamente, em templo para receber São Gonçalo e seus devotos.

A arrumação do local onde é realizada a dança, que geralmente merece destaque e atenção fica a cargo da pessoa que está pagando a promessa, juntamente com seus familiares e vizinhos, em um momento em que as pessoas deixam seus afazeres para atender o próximo, em muito lembrando os mutirões de outrora. O dono da casa em que ocorre o evento é também responsável por oferecer alimentação aos participantes, o que pode variar de acordo com sua condição financeira. Segundo Adilson José Stresser,

Eles fazem essa romaria, aí durante a noite são feitos janta, café, conforme a situação financeira da família que faz a promessa eles fazem esse banquete durante a noite. Então a gente vai nas romarias e sempre tem coisas diferentes. Ainda tem a tradição de matar um boi, um porco, aí tem carne durante a noite, ou só um pão ou coisa parecida assim, mas essa promessa, a romaria é paga pela família que faz a promessa. (STRESSER, 2014).

19 Dançar dentro das Igrejas já foi prática comum no catolicismo, principalmente no medievo europeu e um dos santos para quem se dançava era São Gonçalo. A dança teria sido retirada da liturgia católica no século XVII, pois, para a doutrina cristã, a “Casa de Deus” era um lugar de recolhimento, de meditação e de “respeito”, não cabendo dentro dela práticas de outra natureza. Banida do interior das igrejas, a dança de São Gonçalo persistiu em lugares onde o poder eclesiástico não se fazia tão presente, sendo possível de ser encontrada ainda atualmente em algumas comunidades do interior do Brasil. (GAPINSKI, 2014, p. 79).

Desta maneira, a romaria de São Gonçalo torna-se um evento festivo, em que a comida e a bebida são importantes elementos, pois, dependendo do número de pessoas que participam, pode ter início logo ao anoitecer e terminar com o clarear do dia. Uma boa alimentação, antes da dança e nos seus intervalos, é de fundamental importância. Conforme citou o senhor Silvio Cordeiro,

A romaria amanhece, ela não é só um pouco, tem que amanhecer. Começa das dez horas em diante, reza a novena primeiro e daí começa a Romaria, e a volteada leva quarenta e cinco, depende a quantia de par que vai no salão, que participa, quando é pouco passa mais ligeiro as volteadas porque tem que ir beijar o santo três vezes. (CORDEIRO, 2008).

As volteadas a que se refere o senhor Silvio Cordeiro são o número de vezes que os dançarinos devem passar na frente do altar, dependendo do número de pares, ela pode vir a terminar no clarear do outro dia. Corroborando com essa afirmação, Antônio Tomaz de Andrade comenta: “eles dançam um volteada e param, tomam chimarrão, descansam bem, e daí voltam a voltar. Amanhece o dia, termina cinco horas, às vezes seis...” (ANDRADE, 2009).

Observa-se que embora seja um ato religioso, a dança de São Gonçalo não segue o que se pode chamar de rigor teológico, muito pelo contrário, possui um caráter assistemático, em que as pessoas, embora possuam grande fé e devoção, adaptam o ato religioso aos seus costumes tradicionais, como tomar um chimarrão nos seus intervalos, por exemplo.

A fim de que as casas, ou os galpões utilizados para guardar a produção do tabaco, sejam convertidos ainda que momentaneamente em templos religiosos, além de sua limpeza, arrumação e enfeite, faz-se necessário um altar, pois esse é a referência para todos que participam. Nele são colocadas imagens dos santos de devoção de quem está organizando a romaria, juntamente com flores, fitas e velas acesas. A respeito desses altares, nota-se que,

Geralmente as pessoas colocam os santos a que são devotos. Geralmente assim em todas romarias são colocadas folhas de palmeira, folha butiá pra deixar o altar mais bonito, e colocam panos, colocam fitas pra deixar o altar bem bonito. Especificamente nas romarias os santos principais que devem estar lá é São João Maria, São Gonçalo, Nossa Senhora Aparecida e o divino espírito santo. (STRESSER, 2014).

A imagem de São Gonçalo é obrigatória nesses altares, tendo às vezes até duas ou três, as demais são conforme a devoção da pessoa ou família que está pagando a promessa, há também em alguns altares quadros de santos. Às vezes, a imagem de São Gonçalo é enfeitada com fitas, geralmente amarradas sobre a cintura.²⁰

²⁰ Sabe-se que na tradição cristã, a fita amarrada significa ligação, união, pacto e aliança. O sentido modifica pela variação das cores. A fita vermelha, por exemplo, largamente utilizada em enfeites natalinos, significa o amor que a divindade tem para com a humanidade, enviando seu filho ao mundo. Na religiosidade popular, as cores podem ter sentidos variados de uma região para outra. (GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2010, p. 62).

Com a alimentação garantida, estando o salão arrumado e o altar com as imagens dos santos a quem prestam devoção os pagadores da promessa, inicia-se a novena que precede a dança de São Gonçalo. Sendo um ato religioso e de respeito, há sempre no seu início e também antes de começar a dança certa advertência às pessoas. Conforme afirmou Adilson José Stresser, isso é necessário pois

Geralmente as pessoas ficam de conversa, então sempre é chamado atenção assim de um modo, com educação, pras pessoas durante as volteadas, então as pessoas não conversarem, não darem risada porque isto desconcentra a gente que está fazendo, essas linguagens, essas palavras que a gente está falando, cantando, tanto também as pessoas que estão dançando. Então geralmente a gente diz pro pessoal ficar em silêncio durante a volteada, porque depois da volteada daí a gente conversa neste intervalo, mas durante a volteada, é pra fazer silêncio. (STRESSER, 2014).

Após a novena, que é rezada em latim²¹, quando a maioria das pessoas reza ajoelhada, formam-se duas fileiras encabeçadas pelos tocadores, que com suas violas ou violões possuem a incumbência de dirigir todo o ritual. Nos rituais ocorridos em Rio Azul, a dança de São Gonçalo é acompanhada apenas ao som de viola ou violão, todavia, conforme a região em que ocorre, são utilizados outros instrumentos, como adufes, pandeiros e cavaquinhos.

Os tocadores, geralmente dois, encabeçam as duas filas que ficam em frente ao altar, sendo uma composta por homens e a outra por mulheres. Conforme um dos depoentes,

Então é formado duas filas, é sempre com números ímpares, conforme o salão podíamos fazer uma fila de até dezessete, dezenove, vinte e um, as vezes fazia, só que quando é bastante gente ficaria demorado porque as pessoas tem que chegar no mínimo acho que três vezes até o altar, fazer sua genuflexão, que seria o que muita gente diz, beijar o santo, a genuflexão se chega, quem está na direita, faz a genuflexão, passa a esquerda isso e ... dançando, tudo bem compassadinho e daí, depois daquilo volta lá atrás e daí todos passam naquela fila até que o primeiro volte a estar ali de novo como primeiro, daí é cantado um verso cada vez. (ANDRADE, 2014).

De acordo com os depoimentos colhidos, tanto o número de pares quando as vezes necessárias para chegar até o altar improvisado de São Gonçalo, ou seja, as volteadas, devem ser de número ímpar. Pode-se constatar isso também na fala da senhora Neusa Pacheco Stresser. Segundo ela, “ninguém me falou nada sobre isso, não sei por que, mas tem que ser ímpar, não pode ser par”. (STRESSER, Neusa Pacheco, 2014). Essa característica, de não se saber os motivos, também pode ser constatada na fala do senhor Amador Pedroso, segundo ele: “dançadores podem ser de cinco pra frente pode ser até, muitos. Então é assim o sistema, de cinco, sete,

21 Sendo conhecimento de poucos, as novenas em latim em algumas ocasiões não mais acontecem, sendo substituídas às vezes pelo terço e outras orações do repertório católico. Conforme afirmou Andrade, “sempre começava com orações, nossas, da Igreja Católica, a novena antigamente era em latim, hoje é mais o terço”. (ANDRADE, Antônio Tomaz de, 2014).

nove e por ali, não pode ser em par. É e daí sempre, toda vida assim. Desde que eu aprendi a tocar é assim”.(PEDROSO, 2009).

Se em outras regiões do Brasil a dança é acompanhada além de violas, violões, adufes e pandeiros, em Rio Azul, apenas violões ou violas ditam o compasso da dança e junto com as vozes dos cantadores dão cadência ao bailado, a fim de que haja o pagamento de promessa a São Gonçalo e seus devotos lhe prestem homenagem. Segundo Adilson José Stresser,

Pode ser com dois violões ou duas violas, ou um violão e uma viola, dependendo do que você tiver em mãos. Ela fica mais bonita tocada com duas violas, então a gente já tocou romaria com duas violas e ficou muito bonita, mas geralmente é tocado com uma viola e um violão, que nós tocamos. (STRESSER, 2014).

Os tocadores são sempre dois e, conforme a ocasião utilizam violas ou violões que dependendo da ocasião são afinados como violas, em uma afinação conhecida na região por “*paraguaçu*”²², cujo som em muito lembra o “*cebolão*” utilizado nas violas. Os cantos por sua vez, são executados a cinco vozes, sendo duas femininas e três masculinas. De acordo com Andrade,

A dança de São Gonçalo, que era formado aquelas fileiras, os dois que estavam com as violas ou violão, digamos tocando, as cordas da vila né e sobre aquilo o romeiro cantava com um terno, aí tinha mais, além dele mais quatro pessoas né, que seria um segunda voz, uma voz de fora, e a voz feminina de duas mulheres como primeira e segunda. (ANDRADE, 2014).

Corroborando com Andrade, ao comentar acerca da divisão das vozes e o seu papel nas cantorias que ocorrem nas romarias de São Gonçalo, Silvio Cordeiro relata que:

O papel meu é fazer a terceira voz, a terceira voz na Romaria, o falsete, como diz eles. É uma voz de fora, que o capelão reza daí o segunda voz é o que reza segunda depois dele, e daí as cantadeiras, daí quando o segunda levanta a voz eu levanto e as rezadeiras fazem a voz delas, uma faz contralto e a outra faz tipe debaixo dos outros. Que nem os cantadores, os violeiros né, mas fica lindo rapaz, vou te contar e o povo aí gosta acha bonito. (CORDEIRO, 2008).

22 Conforme já dissemos em outra oportunidade: “Tanto para o violão como para a viola não existe apenas um tipo de afinação. Embora a afinação mais comumente utilizada para o violão seja feita em E (Mí maior) e a afinação mais utilizada para a viola seja algo chamado de “CEBOLÃO”, o que corresponde ao “PARAGUAÇU” que é utilizado em violões, isso depende muito do estilo que se quer tocar, muitos músicos chegam a tocar com o violão completamente desafiando, pois segundo eles isso é um excelente exercício para se educar o ouvido. Trocando a afinação conseqüentemente também se mudam os acordes feitos, e no caso de um violão afinado em “Paraguaçu”, afinação de viola os acordes feitos são acordes utilizados em violas, por isso a utilização do violão no lugar da viola seria basicamente pelo fato de não se possuir viola”.(GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2010, p. 62). Essa consideração se faz importante e necessária, visto que São Gonçalo é patrono dos violeiros, tocava viola, em sua imagem é uma viola que segura, então na falta do instrumento “adequado” a criatividade dos devotos fez com que adaptassem os violões para que tivessem um som semelhante ao das violas.

A partir das falas de Andrade e de Cordeiro, percebe-se que mesmo sem terem estudado música, não desconhecem por completo a divisão clássica das vozes. O importante, segundo eles, é que o povo goste e ache bonito. Sabe-se que no canto lírico e no estudo da técnica vocal as vozes masculinas e femininas são assim divididas: masculinas: tenor, barítono e baixo; femininas: soprano e contralto. Há também vozes tidas como intermediárias, como, por exemplo, o meio soprano (*mezzosoprano*), que está entre o soprano e o contralto. (GAPINSKI e CAMPIGOTO, 2010, p. 66).

Ao falar das romarias de São Gonçalo que ainda ocorrem nas comunidades do interior de Rio Azul, a senhora Neusa Pacheco Stresser relata a sua função: “A minha voz é a voz alta, que eles falam tipe, não sei como que é, mas a minha voz é tipe. Da minha irmã é contrato e daí dos homens eu não sei como que é o nome das vozes”. (STRESSER, Neusa Pacheco, 2014).

No decorrer da dança são cantadas várias quadras²³ em honra a São Gonçalo, que são puxadas pelo violeiro mestre. Nos finais de cada verso, entram as demais vozes fazendo o que os cantadores (as) denominam tipe, que é uma espécie de coro bastante agudo feito pelas vozes acompanhantes, em que se procura acentuar a última sílaba cantada. A partir do depoimento de Adilson José Stresser é possível verificar algumas das quadras cantadas nas romarias de São Gonçalo em Rio Azul:

*São Gonçalo de Amarante
Casamenteiro das velhas.
Por que não faz casar as moças?
Que mal fizeram elas?*

*Deus voissarve minha santa
Onde Deus fez sua morada,
Onde mora o cálix bento
E a hóstia consagrada.*

*Deus voissarve altar bendito
Todo enfeitado de flor.
Onde está Nossa Senhora
Que é mãe de nosso senhor.*

Ainda de acordo com Stresser, em vários momentos, no entremeio dessas quadras que são decoradas de antemão, canta-se também *Viva viva São Gonçalo, São Gonçalo de Amarante*. (STRESSER, 2014). Percebe-se que as quadras cantadas nas romarias de São Gonçalo em Rio Azul são recorrentes em várias regiões do Brasil, há, no entanto, uma peculiaridade com relação aos versos cantados aqui: em um deles associa-se o santo português ao monge João Maria. Segundo o depoimento de Adilson José Stresser, faz parte dos cantos a seguinte quadra:

*São Gonçalo de Amarante,
e o profeta João Maria.
Sou um romeiro de longe,
não posso vir todo dia.*

23 Estrofes compostas de quatro versos de no máximo sete sílabas.

Nota-se mais uma vez que a criatividade dos devotos de São Gonçalo fez com que se adaptassem e (re) conciliassem nos versos cantados elementos próprios da cultura local, como a devoção a São João Maria. Ainda segundo Stresser,

Essa ligação entre São Gonçalo e São João Maria eu não posso te afirmar nada deste elo que existe entre os dois, o santo português e João Maria que é o santo pra muitos aqui na nossa região, a região do sul, contestado, porque São João Maria se você for analisar não tem muito a ver com São Gonçalo, mas na oração diz. (STRESSER, 2014).

Talvez o que une os dois santos que foram canonizados pela cultura popular²⁴ seja o fato de que são cultuados por pessoas simples em comunidades distantes da vigilância eclesiástica, em que as proibições e restrições a seus cultos não conseguiram fazer com que desaparecessem. Assim, dividem espaço com o catolicismo oficial, em uma espécie de sincretismo e, ainda que momentaneamente, fazem com que haja uma reconciliação entre o culto oficial com certas crenças populares compostas também, de elementos profanos.

Como já dito anteriormente, em duas fileiras ocorre a dança propriamente dita, que é acompanhada por violões e/ou violas juntamente com as cinco vozes. Há uma relação entre a dança de São Gonçalo que ocorre na região de Rio Azul com o Fandango Caiçara²⁵, existente no litoral do Estado do Paraná, dança também caracterizada pelo arrastar dos pés no chão e pelo valseado dos pares.

Outra importante característica da dança de São Gonçalo que ocorre nas comunidades do município de Rio Azul é o fato de não poder dar as costas para o santo. Conforme afirmou o senhor José Tomaz de Andrade: “É um costume não dar as costas, não sei se era por temer o inimigo, mas era de se chegar de frente e não dar as costas para o santo”. (ANDRADE, 2014). Uma vez que atende aos pedidos de seus devotos, sendo homenageado pela dança e pelos cantos em seu louvor, seria uma falta de respeito virar as costas a ele. Alguns acreditam que embora seja muito

24 São Gonçalo não é santo, é um beato, ou um bem-aventurado, como afirma a Igreja. Por isso não possui o “diploma” de santo, motivo pelo qual seu culto é restrito a Portugal e ao Brasil. Talvez pelo fato de São Gonçalo ter demonstrado sua preferência pelas prostitutas e pelos excluídos da sociedade, e por evangelizar de uma maneira entendida como “não convencional”, seu culto não se tornou unanimidade dentro da Igreja Católica. (GAPINSKI, 2014, p. 75). São João Maria por sua vez, embora tenha muitas capelas particulares a ele dedicadas, geralmente ao lado dos olhos de água, onde, segundo afirmam os mais antigos, ele pernoitava, é tido às vezes como fanático e apesar da grande devoção, nem de longe faz parte do que aqui pode se denominar catolicismo oficial. Tal fato não abala a fé que as pessoas possuem nele, muito pelo contrário, seu culto, assim como o de São Gonçalo, persiste por meio da criatividade de seus devotos.

25 Sobre o fandango caiçara ver: AZEVEDO, Fernando Rodrigues. *Fandango do Paraná*. Disponível em: http://br.geocities.com/famulos_bonifrates/fandango.htm. Acesso em: 7 set. 2014. O senhor Almir Domingues Cabral, relatou que em sua comunidade (Aguá Quente dos Domingues), antigamente acontenciam muitos pagamentos de promessa a São Gonçalo e que sua mãe era grande devota do santo violeiro. Casado há cinquenta anos, a última vez que ocorreu esta dança em sua comunidade foi três anos antes de seu casamento. Além da dança de São Gonçalo Cabral corrobora com a hipótese supracitada de que há uma relação entre esta dança e o fandango paranaense. Segundo ele: “O pai falava do tal fandango, mas o fandango não era reza, era dança só. O pai contava que era sapateado assim e os bem dançador pulavam nos bancos, pulavam nas paredes, mas esse eu mesmo nunca vi, era o fandango”. (CABRAL).

pronto em atender aos pedidos a ele realizados, São Gonçalo também castiga, então, mesmo sem ter uma explicação para o fato, é melhor “não facilitar”.²⁶

Após serem realizadas todas as volteadas necessárias ao pagamento da promessa a São Gonçalo, ocorre a entrega da promessa, momento em que a pessoa ou as pessoas, visto que as vezes se reúnem duas ou mais para oferecer uma Romaria, são desencarregadas de seu compromisso com o Santo violeiro, pois saldaram sua dívida. Júlia Savinski Pedroso, que acompanhava seu esposo Amador como uma das cantadeiras, referindo-se ao final das romarias, assim afirmou:

No fim da volteada, sabe? No fim da Romaria, os que são donos da promessa pegam o santo e outro pega a Santa, Nossa Senhora Aparecida, e saem dali cantando, muito bem, muito bonito. No final, eles pegam lá no altar o Santo e a Santa, e daí nós vamos cantando assim, e daí, damos três voltas? É três voltas, ali no pavilhão lá da Igreja, ou aonde for, ou na casa. E daí na última volta, que daí Amador entrega a promessa que fulano fez, que será desencarregado daquela promessa, então eles deixam os santos ali e as velas acesas no altar, é assim (PEDROSO, 2009).

A partir dos depoimentos aqui utilizados, constata-se que para os devotos do santo português no Município de Rio Azul, que por sinal são muitos, a devoção dançada é uma espécie de reunião dos santos. A cantoria e a dança envolvem os santos, realizam-se em torno deles, ou seja, com os santos dentro.

É como se o espaço utilizado para o pagamento da promessa se convertesse momentaneamente em lugar sagrado, construído de som e movimento, um espaço fugaz que se dissolve após o cumprimento da promessa. Ficam no altar as velas e os santos em sinal de que o que ali aconteceu, embora com alguns elementos tidos como profanos, foi um ato de fé, sagrado. A imagem de São Gonçalo que fica no altar improvisado “é o penhor de que a cantoria, os movimentos e os gestos não se esboçam em função de puro divertimento, ou da festa pela festa. Trata-se do regozijo por uma graça recebida”.(GAPINSKI; CAMPIGOTO, 2010, p. 60).

De acordo com Adilson José Stresser, atualmente o rezador e tocador oficial de das Romarias de São Gonçalo na região de Rio Azul, a última ocorreu no dia 09/09/2017 na comunidade de Marumbi dos Elias, no barracão da Igreja. O evento foi organizado pelo senhor Carmélio²⁷, em função do pagamento de pagamento de

26 Expressão corrente entre os moradores do interior de Rio Azul quando querem falar de algo que não é provado ou que não se tem certeza que ocorra, mas mesmo assim deve ser respeitado, pois assim como não certeza de que ocorra, também não há de que não venha a acontecer. No caso de dar ou não as costas para o santo, é melhor respeitar do que arriscar ser por ele castigado.

27 O senhor Carmélio Cordeiro juntamente com sua família são grandes devotos de São Gonçalo em Rio Azul, e também responsáveis pela preservação desta tradição. O primeiro contato que tivemos com a dança de São Gonçalo foi justamente em uma Romaria feita em sua residência, ou melhor dizendo, no galpão de estocagem de tabaco em sua residência, no Marumbi dos Elias gravada pelo senhor Miguel Schuta no ano de 2003. Nela estão presentes os senhores Amador Pedroso, Silvio Cordeiro e Antônio Tomaz de Andrade, já falecidos. Tivemos a oportunidade de participar de uma Romaria organizada pela família do senhor Carmélio e dona Nilda Cordeiro no dia 05/12/2016, também realizada no barracão da capela de Marumbi dos Elias. Conforme os nos relataram na ocasião, o evento ocorreu em função do pagamento de uma promessa feita em prol de sua neta de menos de um ano. Contando com muitos devotos do santo violeiro vindos de várias comunidades, inclusive do vizinho Município de Inácio Martins e também muitos curiosos que foram para conhecer a tão falada dança, a Romaria de São Gonçalo, iniciou por volta

promessa (s) feita pelas famílias Cordeiro e Maciel. Iniciado às 22 horas, a Romaria se estendeu madrugada adentro, com pausa para café e chimarrão em meio às várias volteadas ocorridas.

Percebe-se nas Romarias de São Gonçalo que vem ocorrendo nas comunidades do interior de Rio Azul, de modo especial no Marumbi dos Elias que já criou uma tradição dentro do Município, que sempre há um grande número de participantes, dentre eles muitas crianças e jovens. Essas premissas nos permitem crer que esta devoção dançada irá perdurar por muito tempo nas comunidades e no imaginário de grande parte da população de Rio Azul, bem como dará ainda muitos subsídios para o entendimento de nossa História local.

SÃO JOÃO MARIA DORMIU AQUI: OS OLHOS D'ÁGUA, AS PROFE- CIAS E A DEVOÇÃO AO MONGE EM RIO AZUL

Falar e escrever sobre a História de Rio Azul, ainda que seja apenas a partir de alguns olhares e experiências acumuladas pelo caminho, além de grande incumbência é, em larga medida uma grande experiência estética, visto que, muitas memórias de infância voltam a se fazer presentes. Entre elas, além dos faxinais onde meus pais foram criados e onde passamos grande parte da infância convivendo com aquela cultura, mesmo sem entendê-la, nem valorizá-la até chegarmos à Universidade, a dança de São Gonçalo presente nas histórias de meu pai, recordo também de algumas vezes ter ido buscar barro em um olho d'água de São João Maria para minha fazer um misto de remédio e simpatia para um problema nas mãos, fruto dos produtos de limpeza que utilizava em sua profissão de diarista, e que a estavam fazendo sofrer muito.

Além destes episódios, na busca deste “barro curativo”, muitas vezes fui a este olho de São João Maria, que está localizado no perímetro urbano da cidade, também buscar água. Meu pai que somente tinha estudado até o terceiro ano primário, me contou o que sabia sobre São João Maria, uma das poucas coisas que lembro é que ele dizia que a História dele tinha a ver com a construção de uma estrada de ferro, a mesma que passou por Rio Azul.²⁸

Aos meus professores de História²⁹ coube a tarefa de me ensinar o que foi a Guerra do Contestado (1912-1916), quem foi São João Maria do ponto de vista Histórico e qual sua relação com a história e cultura local, visto que está presente em

das 23 horas e findando após as 4 horas da manhã, com alguns intervalos para café e chimarrão.

28 A estrada de ferro em questão, São Paulo/Rio Grande do Sul, passa pelo território hoje rioazulense em 1902. Neste ano foi instalada uma pequena estação que recebeu o nome de Jaboticabal. No mesmo ano a estação foi inaugurada recebendo o nome de Roxo Roiz, em homenagem ao engenheiro que estava checando os trabalhos da construção da estrada.

29 O momento é oportuno para dizer que sempre tive excelentes professores de História, que de alguma forma devem ter me inspirado nos caminhos que segui, digo “devem” porque meu encontro com a História acadêmica ocorreu muito por acaso. Aliás, embora seja muito suspeito pra falar sobre este tema, é importante ressaltar que temos excelentes professores de História em nosso município que conosco compartilham seus conhecimentos e experiências, fazendo com que possamos aprender mais a cada dia. Sou muito grato a todos, não somente aos professores de História mas a todos, sem exceção, por me ensinarem o valor da educação e também a entender que somente ela pode nos emancipar. É a vocês que também dedico este modesto trabalho.

quase todas as comunidades do Município nos olhos d'água e na grande devoção que muitas pessoas endereçam a ele.

Somaram-se a estas experiências de infância e aos aprendizados adquiridos no Ensino Fundamental e Médio os conhecimentos provenientes da vida acadêmica, que há princípio não estavam endereçados a esta temática, mas que naturalmente foram também nos levando a querer saber mais sobre este personagem, que ao que tudo indica estava muito à frente de seu tempo, e suas histórias tão arraigados no imaginário popular de nosso município.

Sabe-se que além de povoar o imaginário popular, a crença no Monge São João Maria é perceptível também na paisagem de algumas comunidades do Município de Rio Azul. É possível encontrar muitas capelinhas construídas em sua homenagem, algumas ao lado dos olhos d'água onde o monge teria pernoitado e outras apenas a construção com imagens, fotos, flores, entre outros louvores. Há também locais onde encontra-se somente o olho d'água, sem nenhuma referência a São João Maria, exceto, pelo conhecimento dos antigos que ainda neles pegam água³⁰ e barro para simpatias.

Temos conhecimento de olhos d'água de São João Maria nas seguintes comunidades: Braço do Potinga, Porto Soares, Invernada, Vila Nova, Rio Azul dos Soares, Palmeirinha, Barra do Rio Azul, Faxinal dos Paulas, Marumbi dos Elias, Faxinal dos Elias, Água Quente dos Domingues, Água Quente dos Meiras, e quatro localizados no perímetro urbano.

Nesses locais que também fazem parte da paisagem das comunidades de praticamente toda a região, estendendo-se pelos Estado do Sul e até algumas cidades do interior de São Paulo³¹, as pessoas vão fazer suas preces, acender velas, levar fotografias e imagens sagradas, pegar água e até mesmo batizar crianças nas águas abençoadas pelo Monge.

Esta devoção espontânea, por assim dizer, explícita em vários aspectos da vivência de pessoas simples que buscam conforto espiritual por meio da crença em São João Maria, é também uma das marcas características da cultura faxinalense, e pode ser entendida como o conjunto das relações “que o sujeito estabelece com a natureza, com o meio em que vive e com o sobrenatural”. (SOCHODOLAK e CAMPIGOTO, 2008, p. 19).

Além dos olhos d'água e das capelinhas construídas para São João Maria, há vários relatos, legados pela oralidade, sobre a passagem de um monge, um andarilho, curador, sendo neles recorrentes as curas, as histórias, bem como as várias profecias que realizou quando passou em terras que viriam a ser denominadas, anos mais tarde, Rio Azul. Em um livro sobre lendas e contos populares do Estado do Paraná, há um importante e detalhado registro sobre a passagem de São João Maria sobre o Município de Rio Azul. Nele temos o seguinte:

30 Pegar água nessas fontes, já não é algo tão seguro como na época em que São João Maria por aqui passou, hoje a maioria dos olhos d'água está cercado por grandes plantações onde a utilização de agrotóxicos é constante.

31 Há registros da devoção a São João Maria até mesmo fora do Brasil, os Joaninos como são conhecidos seus devotos já foram registrados nos Estados Unidos da América, no Estado do Novo México e no Peru.

Um dos fatos mais curiosos e marcantes que aconteceram em Rio Azul, logo no princípio da colonização, foi a passagem de uma pessoa, identificada como monge, sendo por muitos considerado profeta, o profeta do povo. Seu nome, João Maria de Agostinho, hoje uma lenda em toda a região. São João Maria trajava-se de maneira simples, quase maltrapilho, com penduricalhos amarrados à cintura (canecas, chaleiras, colheres, etc.). Peregrinava pelas comunidades, agarrado a um cajado. Costumava acampar aos pés de uma árvore frondosa, à sombra. Sempre ao lado de uma nascente. Nas comunidades rioazulenses por onde passou, até hoje encontramos vestígios; em alguns locais a população construiu grutas e oratórios, onde faz pedidos, orações e agradece milagres alcançados, atribuídos a João Maria. Nos locais onde pousava, não demorava muito, juntava o povo que vinha para ouvir seus ensinamentos. Neste pequeno período, ouvia as pessoas, praticava atos de curandeirismo. Tinha um grande conhecimento de ervas medicinais, ensinando receitas curativas que são praticadas até os dias atuais. Falava do futuro sem deus, desejava a paz e a igualdade, fazia premonições, aconselhava o povo a rezar, pedia a todos que se mantivessem firmes na fé e na justiça para encontrar a paz e a felicidade. Quando se despedia do local que acampou, erguia uma cruz com as iniciais de seu nome e abençoava a água, dando-lhe poderes divinos. Até os dias de hoje, algumas pessoas de Rio Azul acreditam que são curativas e muitas batizam os recém-nascidos nessas águas. Profeta ou monge, São João Maria é muito respeitado nos dias atuais pela maioria do povo rioazulense, sendo que suas histórias são repassadas de geração em geração. (Lendas e Contos Populares do Paraná, 2005, p. 34).

Além dos olhos d'água e das capelinhas, dos quadros e imagens presentes na casa dos devotos, há uma série de histórias repassadas de geração em geração e que em muito contribuem para entender a importância desta passagem para a formação da cultura e identidade do Município, do ponto de vista político, hoje centenário. Ainda que sumariamente, apresentamos a seguir, do ponto de vista histórico, quem foi São João Maria, visto que, apesar da crença popular, por vezes desconhecer, foram três os monges.

Conhecido em toda a região como São João Maria, João Maria de Agostinho foi o terceiro dos três monges que passaram pelos Estados do Sul entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Figuras estranhas que levavam uma vida ascética, os chamados monges eram leigos e pregadores itinerantes que se assemelhavam aos remanescentes medievais. Recomendavam ervas medicinais curativas, exercendo grande poder de atração entre as pessoas mais necessitadas, sobretudo. (MOCELIN, 1989, p.11).

Segundo Paulo Pinheiro Machado uma das maiores autoridades sobre este tema, em seu livro **Lideranças do Contestado: a Formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**, *“a figura deste monge curandeiro, conselheiro e profeta, pode ter as mais diferentes origens e épocas distintas, mas, para o habitante do planalto catarinense, só existiu um monge João Maria”*. (MACHADO, 2004, pp. 163-164).

Tal característica também é encontrável no imaginário local, pois no credo popular, existiu apenas um São João Maria, o curandeiro, o profeta do povo, o santo, o padrinho de muitos.

Todavia, faz-se necessário e pertinente citar a partir do estudo de Renato Mo-
celin, que em sua obra **Os guerrilheiros do Contestado**, sobre os monges, afirma que:

O primeiro monge teria sido João Maria D’Agostini, imigrante ita-
liano, que levava uma vida austera, pregava e fizera muitos mila-
gres. Morreu não se sabe quando e nem como. Após a sua morte,
os sertanejos passaram a chamá-lo de “São João Maria” e passaram
a acreditar que ele voltaria. O segundo “monge” teria chegado à
região junto com os federalistas. Seu nome era AtanásMercafe, ao
que tudo indica, era de origem síria. Usava o nome de João Maria
de Jesus, desprezava as coisas materiais, criticava o regime republi-
cano e fazia terríveis profecias. (MOCELIN, 1989, p. 11).

Contudo, é um terceiro monge que ficará mais conhecido e que vai unir os
sertanejos desalojados da região contestada em torno de uma causa comum, fazen-
do com que haja a eclosão da guerra. Seu nome, Miguel Lucena de Boaventura, co-
nhecido, na Região Sul como José Maria. E é justamente este terceiro Monge que irá
passar pela região de Rio Azul em meados do século XX, onde permanece até hoje
no imaginário popular seu legado como profeta, curandeiro e santo, canonizado,
não pela Igreja, mas pelo povo que, na ausência da Igreja e do Estado, se apegou
àqueles que, de alguma forma lhe deram conforto físico e espiritual, bem como à
esperança de melhores dias, tal como fizera São João Maria.

Conforme afirmou Paulo Pinheiro Machado,

José Maria perambulou pelo interior do Paraná, pelos campos de
Palmas e por Lages, até se estabelecer por algum tempo na casa
de um agregado de Francisco Almeida, nos campos do Espinilho,
em Campos Novos. Consta que em 1912 recebeu a visita de uma
comissão, proveniente de Curitiba... (MACHADO, p.177).

Pinheiro Machado fala sobre a figura e a atuação de José Maria na sociedade
sertaneja às vésperas do início da Guerra do Contestado (1912-1916), porém, nos
fornece um elemento importante que corrobora com outro citado anteriormente. À
luz dessas afirmações, pode-se constatar que José Maria passou pela região de Rio
Azul, interior do Estado do Paraná, no início do século XX, pouco antes do início do
conflito na região então contestada pelos Estados do Paraná e Santa Catarina.

José Maria faleceu no combate do Irani, em 22 de outubro de 1912, foi santi-
ficado pelos caboclos da região contestada que tomaram sua morte como ato de ex-
tremo heroísmo e buscaram levar a cabo seus ensinamentos e profecias, visto que a
“reelaboração religiosa processa-se através da transformação de José Maria de sim-
ples curandeiro a indivíduo santificado, com qualidades proféticas”. (MACHADO,
p. 191). Tais prerrogativas dadas ao monge extrapolam os limites contestados por
Paraná e Santa Catarina e são perceptíveis até hoje em praticamente toda a Região
Sul do Brasil, em lugares onde sua passagem foi registrada.

Feito essas considerações sobre a figura histórica de São João Maria, trata-
remos de alguns aspectos referentes a seu culto em Rio Azul, de modo particular a
partir das especificidades apresentadas na comunidade de Braço do Potinga, nar-
rada por alguns de seus moradores. A partir de alguns relatos pretende-se, a partir

daqui, contar a História da Santa Cruz, padroeira daquela comunidade, da presença do monge São João Maria no imaginário local, bem como certa disputa ideológica que há em torno da Cruz de cedro supostamente por ele deixada quando por ali passou.

Uma das devotas mais fervorosas de São João Maria naquela comunidade é a Dona Constantina Ferreira da Silva, ou Dona Tantica, carinhosamente conhecida e chamada por todos. Em sua casa humilde, mas bastante acolhedora, há um “altar de santos”, comum ainda em algumas residências, tendo destaque, entre outras, várias imagens de São João Maria, entre quadros e fotografias.

Dona Tantica ao evocar suas memórias de infância, nos ajuda também a entender aspectos importantes a respeito da passagem de São João Maria pelo Faxinal Braço do Potinga. Segundo ela:

Foi meu avô, Pedro Ribeiro da Silva, que tomou chimarrão e conversou com o Monge São João Maria lá no Braço do Potinga³². Depois, logo depois, meu pai foi batizado pelo monge, quer dizer, é afilhado de São João Maria. O nome do meu pai era João de Deus da Silva. Quando ele foi batizado ele estava nos cueros ainda. Isso faz tempo. Mas dá para ter ideia tirando pela minha idade. Eu tenho 84 anos e quando o meu pai morreu com 63 anos eu tinha 20. Daí pode fazer a conta. Foi nesse ano que o São João Maria veio no Braço do Potinga. (SILVA, 2015).

Como já citado anteriormente, Dona Tantica nasceu em 1931, seu pai faleceu quando ela tinha 20 anos, isto é, em 1951. Se as datas supracitadas procedem, o pai de Dona Tantica, seu Pedro Ribeiro da Silva, o Pedro Grande, afilhado de São João Maria, morreu com 63 anos, tendo nascido então em 1888, sendo bem provável que tenha mesmo sido batizado pelo Monge, haja vista que este passou pelo interior do Estado do Paraná entre os fins do século XIX e início do século XX.

A respeito do local onde o pai de dona Tantica teria sido batizado, onde outrora havia a Igreja antiga e, onde hoje está a capelinha construída pelos devotos do Monge, Maria Odete Gapinski, relata que:

Falavam que São João Maria pousou ali onde é a igreja agora, mas não sei quantos anos faz isso ai, até como diz tem a igreja nossa, não é de São João Maria é de Santa Cruz, mas é ali diz que São João Maria diz que pousou em um olho d'água pra baixo um pouco, só que a igreja agora foi mudada na beira da estrada. Mas sempre é conservado o lugar lá onde São João Maria pousou, dizem que não é São João Maria é um profeta, como é que se diz, um que andava pelas comunidades, pelas cidades e ali sempre estão conservando o lugar onde ele posou e tudo então, tem até uma capelinha, tem a imagem dele e tudo, a foto dele. (GAPINSKI, 2015).

³² Dona Tantica atualmente reside entre as comunidades de Porto Soares e Braço do Potinga, porém não mais tão perto do local onde seu pai fora batizado e onde se encontra a guabirobeira, a capelinha e a cruz de cedro feita por São João Maria, por isso sua referência ao batizado de seu pai ter sido “lá no Braço do Potinga”. Fato cada vez mais raro devido a idade e problemas de saúde, atualmente ela e seu esposo frequentam as cerimônias religiosas no Porto Soares e não mais no Braço do Potinga, como outrora faziam.

A Igreja a que dona Odete se refere é a atual, a terceira, construída, segundo outros relatos, há cerca de 20 anos, próxima da estrada principal. Pouco abaixo da Igreja, ao lado do olho d'água, encontra-se atualmente uma capelinha consagrada a São João Maria, construída pela iniciativa dos devotos. A esse respeito, João Gapinski, assevera que:

A primeira capelinha, lá onde tem o olho d'água do São João Maria foram as Meninas Viera que fizeram. Mas nem os mais velhos sabem quando isso foi feito. Nós achamos que foi feita logo depois que o monge dormiu lá embaixo da gabirobeira. Onde hoje tem a capelinha de tijolo. Antes era de madeira. Era lá que estava a cruz que o monge São João Maria deixou. (GAPINSKI, 2015).

De lá a cruz do monge teria ido para a igreja da comunidade, entre prós e contras, principalmente de alguns padres mais conservadores, a mesma fez parte do altar das duas primeiras igrejas da comunidade. Porém, quando a Igreja atual foi construída, muitos moradores não mais queriam a cruz deixada por São João Maria, o que gerou certo desconforto e disputa ideológica entre os devotos e os que não seguem os preceitos do Monge. Símbolo máximo da cristandade, a cruz de cedro, por ter sido feita por São João Maria, já foi motivo de certa discórdia na comunidade. Sabe-se, entretanto que, na liturgia cristã,

A cruz, de maneira geral, é reconhecida como um dos símbolos religiosos mais importantes e usada, especialmente por católicos, como forma de proteção contra qualquer perigo ou ameaça. No caso da “cruz de João Maria”, denominada muitas vezes como “Santa Cruz”, mais do que um símbolo religioso, é demonstração da fé em João Maria, mas também presença de sua proteção contra perigos externos. (WELTER, 2012, p. 99).

Ora, “Santa Cruz”, a Cruz de São João Maria, juntamente com São Sebastião são os padroeiros da comunidade de Braço do Potinga, coincidência ou não, ambos também fortemente presentes entre os rebeldes da Guerra do Contestado, um dos legados do monge João Maria. Conforme afirma o senhor VitoldoPechibecheviske, os padroeiros foram deixados pelo próprio João Maria. Segundo afirmou,

Desse João Maria eu só vi falar, eu não me lembro porque foi antes de eu me conhecer por gente, foi antes. Então o vizinho falou que diz que ele ia passando por ali e daí ele falou, mas aqui não tem estrada, daí ele chegou e disse, pra mim não precisa estrada, pra mim se abre a estrada eu passo e vou pra São Mateus e ele foi pra São Mateus e deixou uma cruz, por isso que o nome da capela é Santa Cruz, Santa Cruz e São Sebastião. (PRZYBYSEWSKI, 2016).

Conforme ÉlioCantalício Serpa, estudioso do tema, durante suas peregrinações, João Maria D'Agostini, o primeiro dos monges, também,

Tinha por hábito erguer cruzeiros nos locais onde se estabelecia por algum tempo. Assim aconteceu no Rio Grande do Sul, Lages, Mafra e outras localidades. Em Lages isto se deu por volta de 1862, onde foi erguido, então, o seu cruzeiro dando origem à capela de Santa Cruz, a qual gerou conflito com a ordem Franciscana. (SERPA, 1989, p. 60).

Helena do Rosário Pacheco é também uma das devotas mais fervorosas de São João Maria, moradora mais idosa da comunidade e uma das responsáveis pela construção da capelinha no lugar onde São João Maria pernitoiu, bem como pela não retirada da cruz da Igreja da comunidade. Conforme relatou:

Minha mãe sempre contava pra nós que no lugar que ele posava, podia dar a chuvarada que desse, no lugarzinho que ele estava o fogo dele não apagava, pela fé que ele tinha. Então em cada lugar que ele pousou ele deixou a cruz, que lá no Passo do Meio também tem o cercadinho dele, só não tem a casinha né, mas tem o cercadinho dele e tem a imagem dele lá também. E daí de lá que ele foi vindo e daí o último lugar que ele posou foi aqui. Então desde que eu me conheci por gente falavam que São João Maria posou por ali e deixou os padroeiros Santa Cruz e São Sebastião e daí quando foi abandonado, daí quando o compadre contou que ele apareceu, nós todos nos incomodamos, daí combinamos de pegar e ajeitar. (PACHECO, 2016).

Além trazer à tona mais elementos sobre a figura do monge, Dona Helena relata que seu compadre, que mora próximo à capela e ao lugar onde antes ficava³³ o olho d'água teria visto São João Maria recentemente. Recordando o que seu compadre havia lhe contado sobre o ocorrido, assim falou Dona Helena:

Ele entrou e perguntou pros piá, escuta piizada, vocês não saíram pra fora e eles falaram, nós não. Porque estava um velhinho lá em roda da guabirobeira e quando eu quis chamar o que vocês estão fazendo aí piizada sumiu. Ai que ele contou que só podia ser São João Maria que veio e que alguma coisa ele estava querendo, só tinha que ser ele. E daí que nós se combinamos a vizinhança. (PACHECO, 2016).

Foi a partir desta suposta aparição a este morador que mora em frente ao local onde São João Maria pernitoiu que alguns moradores da comunidade se uniram, dividiram as despesas e resolveram construir uma capelinha no local que estava praticamente abandonado, tendo como ponto de referência uma grande guabirobeira. Os gastos foram divididos e a construção se deu por meio de um mutirão. *“Todos*

³³ Hoje já não há o olho propriamente dito, embora a nascente nunca seque, pois quando foi aplainado para a construção da nova capela, o olho foi coberto. Conforme afirma o senhor Vitoldo Przybysewski Vitoldo: *“eles acabaram, porque no lugar de aplainar pra capela eles deviam de ponthar uma taquara comprida pra poder cavocar depois, eles cobriram e perderam o olho”*. (PRZYBYSEWSKI, 2016). Depois que construíram a capelinha nova para São João Maria, os moradores cogitam achar uma maneira de revitalizar o olho para que esta memória e devoção seja preservada e conhecida pelos mais novos, bem como pelos que visitam a comunidade.

ajudaram, os meus irmãos e os vizinhos ajudaram com serviço e o que pode ajudar com tijolo ajudou com tijolo, outro ajudou com telha, com tábuas, o que precisava, com o que precisava todo mundo ajudou". (PACHECO, 2016).

Entre outros aspectos, a fala de Dona Helena também corrobora com o que afirmou o senhor Vitoldo, ou seja, foi o próprio São João Maria que deixou a Santa Cruz e São Sebastião como padroeiros da comunidade. Assim sendo, é amparado nesta autoridade que os devotos do monge vão se unir para que a mesma permaneça dentro da "igreja nova" junto com a imagem de São Sebastião, santo reconhecido pelo catolicismo³⁴. Tirar a Santa Cruz da Igreja, segundo os devotos de São João Maria, seria uma afronta a ele e seus ensinamentos, pois sem sua bênção a comunidade não teria os padroeiros que têm e talvez não fosse o que é hoje.

A respeito da retirada da Santa Cruz, a cruz de São Maria da Igreja do Faxinal Braço do Potinga, João Maria Pacheco afirma que:

Queriam mudar, tirar a cruz dali, até a nossa comadre a comadre Leoni disse não, pois é a Santa Cruz a padroeira do lugar, santa cruz e São Sebastião, como que vão tirar a cruzinha daqui. Então enlearam bem enleadinho com uma fita. Foi enleadado numa fita porque está enleadado num pijuquinha³⁵, então mexeu quebrou, então muita gente quer tirar. Então a comadre Leoni falou: Deus o livre, até a minha mulher falou, Deus o livre tirar essa cruz da Igreja aqui. (PACHECO, João Maria. 2016).

Dona Helena, esposa do senhor João Maria, ainda acrescenta ainda que:

Até tiraram dali a Santa Cruz e ponharam na sacristia, no confessionário, esconderam lá atrás numa estante que tinha. Um dia eu fui lá e daí perguntei pra comadre Leoni, escuta o que fizeram da Santa Cruz aqui, ela disse viu comadre a Santa Cruz depois que fizeram a Igreja pegaram e está escondida lá atrás, lá no confessionário, daí ela foi comigo lá, me mostrou onde que estava e a daí eu falei pro João Milão, escuta João o que foi feito com a Santa Cruz, que a Santa Cruz o lugar dela era ali e agora não está, onde que levaram? Ele falou, sabe que eu não sei, eu disse, pois é, foi tirada dali e estava escondida e vai ser posta no lugarzinho que estava no começo, vai ser posta ali na frente, não é pra estar escondida. Daí foi posto, já arrumaram outra vez e foi posto no mesmo lugar, eu, como sendo a mais velha daqui, peguei e falei pra eles. (PACHECO, 2016).

João Gapinski explica os motivos que fizeram com que a Cruz de São Maria fosse retirada de dentro da Igreja. Segundo ele, nem todos seguem as orientações de São João Maria e acreditam em sua santidade e profecias, por isso afirmam que esta crença pertence ao passado e deve ser deixada de lado. Segundo afirma,

34 Conforme relatos dos moradores da comunidade, na década de 1990, ainda na Igreja antiga de madeira, a segunda que a comunidade teve, um dos padres ordenou a retirada da cruz de seu interior. Os moradores se reuniram e "enfrentaram" o padre, os ministros da época, entre eles o senhor Pedro Gapinski, ministro da Eucaristia na Época, lideraram o povo e conseguiram fazer com que a cruz de cedro de São João Maria permanecesse dentro da Igreja. (GAPINSKI, 2018).

35 Dá-se o nome de "pijuca" a pedaços de madeira podre, cavacos, gravetos ou galhos.

São as missionárias que dizem isso, do ‘tempo do era’. E elas são as ministras da igreja também. Daí elas fazem curso lá em União da Vitória e vem dizendo que o padre disse que o São João Maria podia ser um foragido, um bandido, algo assim, e que por isso não se deve dar atenção pra isso... Que ele nem santo é. Elas dizem que isso do Monge São João Maria é coisa do ‘tempo do era’. Elas querem dizer que era, que já foi e que por isso não tem mais importância. Que a cruz não pode ficar na igreja. (GAPINSKI, 2015).

Evidentemente, os ministros e missionários citados na fala do senhor João, são representantes do poder eclesiástico e, assim sendo, zelam para que a Igreja Católica siga firme seu caminho sem que se deixe influenciar por nenhum tipo de sincretismo e rituais externos à sua doutrina. Entretanto é importante lembrar que práticas como esta denominada de Messianismo, presente também em outras regiões do Brasil, como por exemplo no sertão da Bahia, nos primeiros anos do Brasil República onde surge a figura de Antônio Conselheiro, tiveram campo fértil para florescer em locais onde a exclusão social era grande e os poderes estatais e eclesiásticos tardaram se fazer presentes³⁶, caso da maioria das comunidades de nossa região, quando, geralmente esses poderes nesse período defendiam os interesses da elite econômica, e de um coronelismo ainda em voga, de maneira mascarada em nossas cidades do interior do Brasil.

Em um momento em que a grande maioria da população era analfabeta e sequer sonhava em ler a Bíblia para interpretá-la a seu modo e onde as missas eram rezadas em latim, alguém que fizesse a pregação de forma simples e objetiva, certamente cairia no agrado desses desassistidos³⁷.

³⁶ Sabe-se que a região de Rio Azul só começou a ser atendida pelos padres missionários do Verbo Divino no ano de 1900. A primeira capela do então povoado foi construída no ano de 1910 pelo senhor José Lúcio da Silva, tendo como padroeiros Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião. Os padres, nesta época, visitavam as comunidades a cada três meses. Mais tarde, no ano de 1929, iniciou-se a construção da segunda igreja, concluída seis anos mais tarde, no ano de 1935. Onze anos depois, construiu-se um novo templo, sendo a atual igreja matriz, construção de 1978. (GAPINSKI; CAMPIGOTO, p. 59).

³⁷ Na década de 1950, surgiu em Rio Azul, mais precisamente na comunidade de Beira Linha, uma mulher que alguns chamavam de Santa. Ela também, fazia benzimentos, receitava remédios caseiros, entre outras coisas, seu nome era Ilda. Segundo Ceslau zorek: “Então apareceu aqui esta “santa” , dando orientação para o pessoal e o pessoal correu lá muito bastante, eu por curiosidade fui uma vez lá e fiquei vendo ela pela janela lá. Então ela tava fazendo a pregação dizendo: vocês tem que ser que nem Jesus Cristo, porque Jesus Cristo não era bandido, não era briguento, não era ruim, não era pinguço que nem vocês que tão aí, muitos de vocês e foi nesta altura. Eu disse isso aí pra mim não serve, daí tinha dois personagens aí que não gostavam porque eram mais ligados a religião e a igreja foi contra, sempre foi contra essas coisas, daí um dia eles foram lá nesta dita pregação, abriram os portões do potreiro onde estavam presos os cavalos e começaram a soltar foguete. Aquilo espantou com todos os cavalos e os cavalos geralmente foram embora e cada um foi para sua localidade, onde vivia né. Depois deu o maior dos transtornos lá pro pessoal reunir os cavalos e poder ir embora com as famílias, e eles fazendo farra. Daí essa pseudo santa no lugar lá implantou uma cruz lá, daí tinha uma cruz, daí esses dois mesmos personagens, foram lá, tiraram aquela cruz e jogaram no mangueirão de um outro cidadão que morava ali no, perto lá, e aquela cruz ficou lá. E veio chuva, veio enxurrada e encobriu aquela cruz, escondeu. Daí um dia o dono da área lá estava reformando a cerca e achou aquela cruz, achou aquela cruz e veio e fez queixa na delegacia. Queixou-se na delegacia que achou uma cruz lá, daí tiraram aquela cruz lá e chamaram o dono onde tava a mulher lá e aí não sei o que que fizeram, aí sei que daí acabou virando em gozação, virando em brincadeira, não deu nada, mas foi uma coisa assim hilariante por causa que quando chamaram os supostos autores e o dono do terreno lá. Ela percorreu toda esta região aqui, agora de onde é que era não sei, o nome também não sei, quando ela foi embora, eu lembro fizeram um procissão e uma porção de gente acompanhou ela em direção a Rebouças. Era uma mulher de meia idade e ficou parar na casa do José Machoski, já falecido,

Afirmar que tal crença diz respeito ao tempo do “era” é também dizer que seu tempo já passou, ou seja, antes podia, pois não havia ainda a crença “oficial”, autorizada, visto que a presença dos padres ocorria muito raramente devido às várias dificuldades da época. Assim sendo, a partir da cartilha da Igreja católica, na qual não consta São João Maria³⁸, a não ser São João Maria Vianney, o patrono dos sacerdotes, o que havia anteriormente à sua presença deveria ser negado em prol de seus ensinamentos.

Apesar de tais discrepâncias entre o oficialismo da Igreja e as devoções populares, como a crença em São João Maria, por exemplo, se observarmos a própria história da construção dos templos católicos na região, no início do século XX, veremos sua vinculação com essas devoções populares e a iniciativa do laicato. Os moradores dessas comunidades, como era de se esperar, não recorriam ao rigor teológico para falar de suas devoções.

Salvos esses debates acerca da santidade de João Maria e da manutenção ou não de sua cruz de cedro na Igreja, a comunidade em questão segue cada vez mais unida, conciliando o novo e velho, o “oficial” e o popular. Conforme afirmou o senhor João Gapinski:

As vezes falam de tirar mas por enquanto está quieto, ninguém reclama tudo fica, como diz, pra não entrar em conflito tudo fica quietinho, a comunidade é concordada, é tudo unida e não gosta de confusão então a cruz tá lá, dentro da igreja. O padre uma vez questionou mas aí foi conversado com ele e ele não ligou e os outros padres que vem não falam nada, são bons só vem rezar a missa, fazem a parte deles e não incomodam nós. (GAPINSKI, 2016).

Essa questão de o padre não ligar, não “incomodar” é bastante relativa. Há uma grande rotatividade de padres no município de Rio Azul, onde os vigários, responsáveis pelas visitas nas capelas, mudam de tempos em tempos. Assim sendo, aceitar ou não a religiosidade popular, as vezes é uma questão mais do padre do que da própria instituição.

Para os mais velhos, retirar a cruz de São João Maria, além de ser uma afronta aos ensinamentos do monge implica também ir contra uma de suas profecias. Dona Tantica lembra que o monge havia profetizado algo sobre a retirada da cruz do lugar onde o mesmo a plantou. Segundo ela,

apareceu na região da Beira Linha”. (CZORECK, 2014). Na ocasião, saindo de Rio Azul, esta senhora teria sido presa na localidade do Riozinho, Município de Irati, há relatos que dão conta de que a mesma está viva e reside atualmente em uma cidade do interior de Santa Catarina.

38 Mesmo não sendo reconhecido pela Igreja Católica, São João Maria consegue promover em alguns momentos uma reconciliação entre a religiosidade popular com o rito oficial. Um exemplo disso pode ser constatado na comunidade do Marumbi dos Elias, onde há um olho d’água e uma capelinha de São João Maria dentro da propriedade do senhor Junival Cordeiro. Neste local, por sinal um dos mais bem cuidados e bonitos do município, a comunidade se reúne para fazer novenas, rezar terços, realizar via sacras durante a sexta feira santa, entre outros encontros. De acordo com relatos dos moradores daquela comunidade, houve uma vez, em data incerta, em que o padre celebrou uma missa no local, mostrando que uma coisa não exclui outra e que ambas as crenças podem conviver em harmonia. “ *Portanto, quem não está contra nós, está a nosso favor*”. (Marcos 9:40, In. Bíblia Sagrada).

Não era para ter tirado a cruz de lá. Isso foi um erro porque o Monge São João Maria disse pro meu avô que se tirasse de lá tudo ia se acabar em água. Ia sobrar só a copa do pinheiro. A cruz ele disse pro meu avô que era para ficar sempre ali. Nunca era pra tirar a santa cruz de lá. Ia vir uma praga se o povo tirasse, que era que tudo ia se acabar em água. Não aconteceu, mas já deu uma enchente grande³⁹ e o povo não aprendeu. Agora querem tirar ela da igreja. Outro erro. (SILVA, 2016).

Conforme Dona Tantica afirmou, a controvérsia em torno da retirada ou não da cruz de São João Maria da igreja também tem a ver com as profecias que o mesmo realizava e que também poderiam ser tomadas como “pragas”⁴⁰ se não fossem realizadas, caso de suas determinações.

Fazer profecias era umas das qualidades atribuídas aos monges e que fizeram que com que os mesmos cativassem as pessoas e tivessem tantos devotos até hoje. Paulo Pinheiro Machado, ao falar da lenda que se formou em torno do nome João Maria, assevera que:

O que auxiliou de forma irresistível o aumento da devoção a São João Maria foram as inúmeras referências às suas prerrogativas e poderes sobrenaturais. Pela tradição cabocla, muitas curas são atribuídas diretamente à ação do monge, ou indiretamente, através da cura nas “águas santas” do chá que era feito a partir das cinzas de suas fogueiras, das cascas das árvores onde ele “pousava”. João Maria, como Cristo, tinha poderes especiais, como atravessar rios caminhando sobre as águas, sofrer tempestades e tormentas sem nunca se molhar, realizar curas milagrosas, adivinhar os pensamentos das pessoas e profetizar sobre o futuro. (MACHADO, p. 168).

Dona Helena do Rosário Pacheco fala de mais algumas profecias que o monge teria feito na região do Braço do Potinga antigo faxinal, a partir do que sua mãe havia lhe ensinado ainda na infância. Conforme afirmou:

Ele falava que quem tivesse fé nele, se desse uma tormenta, atrás de um canudo de taquara se livrava, era só ficar a par de um canudo de taquara que estava livre, ali não caía. Pois ele posava e ali no lugar com quem ele conversava falava que ia chegar um tempo que

39 A enchente grande a que dona Tantica se refere é de 1983, a mesma que causou vários danos nas cidades de União da Vitória (PR) e Porto União (SC) por conta das chuvas que elevaram o nível do Rio Iguaçu. Para os moradores daquelas cidades essa enchente foi fruto de uma “praga” do monge, que amaldiçoou a cidade de União da Vitória quando foi pedir alimento em uma casa e este lhe foi negado. Segundo ele a cidade seria engolida pelas águas. Assustadas na ocasião a população fez várias romarias ao morro da Cruz de São João Maria, rezando para que as águas baixassem e a profecia não viesse a se concretizar.

40 Segundo contam os moradores de Faxinal de São Pedro, os fundadores daquela comunidade, a família Ygyca, expulsou São João Maria quando o mesmo por lá passou, por isso o mesmo jogou uma praga dizendo que a comunidade iria virar um purungueiro. Há relatos que estendem esta profecia para todo o Município, afirmando que o mesmo havia dito que mesmo viraria o “Sertão do Purungal”. Teria sido uma alusão ao “Sertão do Jararaca”, nome pelo qual era conhecido a região de Rio Azul até os fins do século XIX?

ele não ia andar mais por aí, e ele não era santo, era um profeta. Então diz que ele não ia andar porque a estrada ia estar muito suja, dizia: vocês vão encontrar bastante rastro e pouco pasto, vocês vão ver e os ares vão estar tudo tramado de cipó, a estrada vai ser tudo cheia de pedra. Então isto nós estamos vendo, saímos da porta de casa e já vemos pedra e os cipós são os fios, isso tudo ele falou e isso que ele falou tudo se deu”. (PACHECO, 2016)

As profecias feitas por São João Maria São recorrentes, ou seja, são as mesmas, variando apenas o modo de contar e uma ou outra peculiaridade de acordo com o local por onde ele teria passado. Mercindo Ferraz, morador da comunidade de Porto Soares, antigo faxinal, lembra também a partir das histórias contadas por seus pais quando ainda morava no interior do vizinho Município de São Mateus do Sul, algumas das profecias feitas por São João Maria:

Ele dizia que o mundo ia ficar muito ruim, que vai haver muito pasto e pouco rastro. Vocês vão ver: a criação vai quase se acabar; tudo vai ser abaixo de remédio, os pais não iam se entender com os filhos, os ares vão estar tudo tramado de cipó, a estrada vai ser tudo cheia de pedra. Vai vim uma serpente negra que vai fazer muita mãe chorar por causa dos seus filhos. Se nós prestar bem atenção, tudo o que ele falou está acontecendo, é a mais pura verdade. (FERRAZ, 2018).

O senhor Almir Domingues Cabral, recorda que seus avôs conversaram com São João Maria, quando o mesmo passou pela Comunidade de Água Quente dos Domingues. Além das profecias, seu Almir traz também outros elementos para essa importante história, segundo afirmou:

A minha vó e meu avô, conversaram com São João Maria. Ela contava que São João Maria Falou que ia chegar um tempo que ia ter bastante pasto e pouco rastro, e a falecida avó contava que levou um litro de leite pra ele uns ovos e couve. O litro de leite ele não quis, diz que ele falou, esse vocês levem e derem para uma criança, eu não quero leite. Eles saíram e logo encontraram uma criança e deram, mas não conheceram aquela criança. E a avó contava que diz que ia chegar um tempo que ia ser igual a Torre de Babel, e ele falou pra avó que aqui ia acontecer um tempo que ninguém ia se entender. No outro dia o pessoal foi ali pra ver ele, foi bastante gente e não acharam mais ninguém, ele foi lá entremeio o Dezesseis com o Rio Corrente que tem outro olho, no outro dia viram ele lá, posou uma noite só. O pessoal até batizava no olho d'água onde ele posou, até não faz muito tempo batizaram crianças lá, seguido aparece gente pra batizar. Agora tem uma capelinha bem bonita lá. (CABRAL, 2018).

Com relação às profecias feitas por São João Maria, podemos afirmar que revelam, entre outras coisas, que além de estar à frente de seu tempo o mesmo era um visionário e, em certa medida utilizando uma linguagem metafórica buscava preparar seus seguidores para as várias mudanças que viriam pela frente. Suas parábolas

eram utilizadas para contar fatos que logo iriam acontecer, se atentarmos para elas, veremos que parecem ter muito mais sentido hoje do que quando foram proferidas.

Com relação à Torre de Babel citada por seu Almir, vive-se um momento em que às várias tecnologias de comunicação parecem que nos tornam incomunicáveis por vezes. Em tempos de democratização da informação e inclusão digital, todos querem ser ouvidos, contudo não ouvem, com o perdão da expressão, parece um diálogo de surdos. Assim sendo a História Bíblica citada pelo monge é de uma atualidade gritante.

Os cipós são os fios, de luz, telefone e internet que ainda fazem parte de nossa paisagem, tanto urbana quanto rural. As pedras nas estradas provavelmente são os cascalhos, pedriscos e as pedras irregulares outrora utilizadas, ao passo que a serpente negra é o asfalto, símbolo de progresso, assim como o trem que nas profecias realizadas na região contestada era comparado a um dragão devorador de gente, esta serpente negra infelizmente tem feito muita gente chorar.

Com relação ao muito pasto e pouco rasto ou rastro, o que se pode inferir é que atualmente em alguns lugares onde há os ditos “reflorestamentos”⁴¹ de pinus e eucalyptus, há grande quantidade de pasto, contudo nenhuma criação pastando, conforme a quantidade da plantação pode ser comparada a um “deserto verde”. O entendimento entre os filhos e os pais, pode ser visto de várias maneiras, contudo, muito muito desde a passagem do monge até os dias de hoje e, nem tudo pra melhor. Há que se rever muita coisa.

A disputa ideológica entre os seguidores do monge João Maria os responsáveis por zelar pelo catolicismo oficial na comunidade de Braço do Potinga, por exemplo, está intimamente ligada à uma das muitas profecias por ele realizadas.

Segundo os mais velhos, é a cruz, ou a Santa Cruz que permite que a comunidade ainda exista, por isso, todos os esforços para não retirá-la da Igreja.

Atualmente, a cruz de São João Maria, a Santa Cruz, padroeira do Faxinal Braço do Potinga permanece dentro da Igreja. Enleada em panos, fica em um lugar de pouca visibilidade a fim de que não ofenda e nem incomode aqueles que não seguem as orientações do monge.

Os panos ajudam a preservar o pouco que ainda resta da cruz centenária. Segundo Maria Odete Gapinski,

A cruz foi ficando encarquilhadinha, daí foram colocando panos para a madeira não aparecer. Desde que me lembro por gente a cruz é assim, enrolada nos panos. Eu nunca vi a cruz sem os panos. Já ajudei a arrumar três vezes, colocar panos, mas nunca vi a madeira. (...) não se tiravam os panos velhos, iam colocando em cima e pregando com tachinha, alfinete e até agulha. (GAPINSKI, 2015).

Como se nota na fala de Dona Odete, várias são as camadas de panos que, periodicamente, são acrescentadas à cruz de São João Maria a fim de que a mesma

41 Há que se problematizar este conceito, uma vez que floresta pressupõe diversidade de árvores e, por conseguinte, de animais, ou seja, um espaço de fauna e flora. plantas quanto de animais. Fazer uma grande plantação de pinus, eucalipto ou qualquer espécie que seja, é praticar a monocultura podendo ser, conforme a extensão de seu cultivo, um grande “deserto verde”.

possa resistir mais um pouco ao tempo que insiste em devorar seus filhos. Assim como a como a Dona Odete, a grande maioria dos devotos do monge não conhece a cruz sem os panos que a cobrem. Tirá-los seria um sacrilégio, então, se acredita nela como legado de São João Maria e busca-se seguir o preceito de não tirá-la daquele local.

Ao falar sobre a crença das pessoas na cruz de São João Maria, bem como na permanência da mesma ante a passagem dos anos, Tomazi assevera que:

Em todos os lugares onde passava, o Monge plantara ou pedia que plantassem cruzes, sendo que, em diversas cidades da região, estas se conservam praticamente intactas e são preservadas, cercadas de cuidados e rodeadas, muitas vezes de velas a queimar, até hoje. Quase sempre estas cruzes são chamadas de “cruz do Monge” ou “cruz de São João Maria.” Mesmo quando houve substituição das antigas por novas cruzes, este fato da “substituição” logo entra no esquecimento. O povo faz questão de lembrar e propagar a ideia de que aquela cruz, mesmo que substituída várias vezes, é a verdadeira cruz de São João Maria, feita e plantada por ele. Assim como o santo “não tem morredô” também as suas cruzes permanecem para sempre. É como se a cruz de São João Maria tivesse uma espécie de proteção que impedisse o tempo ou os cupins de a consumirem. (TOMAZI, 2005, p.330).

Por tais razões e, partir das considerações de Tomazi, entende-se que enquanto a cruz, embora envolta em panos, permanecer no interior da Igreja e enquanto na memória dos moradores ficar guardada os ensinamentos e o credo no monge, bem como não forem consumidas pelo tempo a capelinha e a guabirobeira, serão lembrados para a posteridade o São João Maria e a Santa Cruz do Faxinal Braço do Potinga. Tal conhecimento, vivo ainda, é repassado pelos mais velhos e desperta curiosidade e encanto nos mais jovens, principalmente nos que anseiam saber mais sobre a história local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PARA ALÉM DE PREÂMBULOS SOBRE A HISTÓRIA LOCAL

Buscou-se ao longo deste breve texto abordar, além dos faxinais, da Dança de São Gonçalo e da devoção a São João Maria, temas que a eles são relacionados, como a presença indígena e de ex-cativos em território hoje rioazulense. Evidentemente os apresentamos apenas de maneira sumária, visto que as pesquisas ainda estão em curso e as fontes ainda sendo levantadas. Contudo, tais povos e seus contributos para a formação da história e identidade local não podem ficar de fora de um evento tão importante que é o centenário de emancipação política.

Entende-se que ficaram ainda muitas reticências em torno dos temas abordados, o que para nós não significa algo condenável, mas sim ponto de partida para trabalhos futuros, daqueles que também comungam desta inquietação ante a História e que desejam mais que nomes e datas, embora sem estes não se escreva a História.

ria e os mesmo também estejam muito presentes também neste texto, ainda que na maioria das vezes em seu rodapé.

O que aqui foi apresentado foi o olhar do autor sobre esses diversos temas que fazem parte de uma temática maior que é a História do hoje centenário Município de Rio Azul. Outros autores, teriam outros olhares e fariam outras abordagens sobre os temas aqui tratados. Sabe-se que há uma série de excelentes trabalhos surgidos recentemente, principalmente sobre os faxinais e São João Maria no Município, realizados tanto por professores da rede municipal, quando por graduandos e pós-graduandos da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (UNICENTRO). Tais trabalhos demonstram tanto o interesse pela história local, quanto uma visão para além do tradicionalismo histórico.

Espera-se, ainda que minimamente ter contribuído na quitação do grande déficit histórico que o município de Rio Azul possui com a maioria de seus habitantes. E, se com este modesto trabalho não conseguimos superar o oficialismo que ainda impera na história rioazulense, espera-se que tenha contribuído, ainda que em pequena medida, para a construção de uma história outra, dando, quem sabe, certo retorno à sociedade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando Rodrigues. *Fandango do Paraná*. Disponível em: http://br.geocities.com/famulos_bonifrates/fandango.htm. Acesso em: 7 set. 2014.

BÍBLIA SAGRADA.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras Escolhidas*. Vol. 1: magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 241-252.

DADOS FORNECIDOS PELA SECRETARIA DE AGRICULTURA DO MUNICÍPIO DE RIO AZUL.

DADOS ESTATÍSTICOS DO MUNICÍPIO DE RIO AZUL.

GAPINSKI, Ivan; CAMPIGOTO, José Adilçom. A Dança de São Gonçalo nos Faxinais do Município de Rio Azul/PR. In: *Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)*. v 1, Nº 3, 2010. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/tel/issue/view/243>. Acesso em: 18 maio 2014.

GAPINSKI, Ivan; SCHÖRNER, Ancelmo. O processo de desagregação do faxinal Braço do Potinga em Rio Azul - PR: conflitos e resquícios da vida comunitária e da crença no Monge São João Maria. In.: *Territórios em Conflitos: Quilombolas, Indígenas, Faxinalenses, Geraizeiros e Atingidos por Barragens - História, cultura e Resistência*. AncelmoSchörner Org. 1ª ed. São Paulo - Todas as Musas, 2018.

_____ ; *A dança de São Gonçalo em Rio Azul - PR: uma leitura a partir da filosofia trágica do jovem Nietzsche*. Dissertação de Mestrado. Irati, PR: [s.n.], 2014. 139 p.

_____ ; Devoção e arte: a dança de São Gonçalo em Rio Azul. In.: *Diversidade étnica e cultural no interior do Paraná*. Anderson Prado, Jair Antunes e Lourenço Resende da Costa Orgs. São Leopoldo: Oikos, 2016.

GUELTES, José Augusto. *A História de Rio Azul*. Rio Azul, impresso, 2005.

Lendas e Contos Populares do Paraná/ coordenador Renato Augusto Carneiro Jr.; equipe de pesquisa Cíntia Maria Sant'Ana Braga Carneiro, José Luiz de Carvalho, Juliana CalopresoBraga, Myriam Sbravati. - Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2005. 244p.: 12 il.; 24cm. - (Cadernos Paraná da Gente; 3).

LITTLE, Paul E. "Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da Territorialidade". In.: **Anuário Antropológico**, Rio de Janeiro, V. 2003, p. 251-290, 2005.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)* - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

Paraná Negro/ Jacson Gomes Júnior, Geraldo Luiz da Silva, Paulo Afonso Bacarense Costa (Orgs.), *Fotografia e pesquisa Histórica: Grupo de Trabalho Clóvis Moura*. Curitiba: UFPR/PROEC, 2008.

SERPA, Élio. **A guerra do Contestado (1912-1916)** - Florianópolis: Editora da UFSC, 1999.

No meu tempo era assim 2. Direção: Romualdo Surmacz. Multmídia Produções, Rio Azul, 2013, 90 min.

VALASCKI, Reynaldo; WZOREK, Ceslau. *Rio Azul 70 anos de emancipação política: de braços abertos para o amanhã*. 1. ed. Curitiba: 1988.

WELTER, Tânia. *Discursos e interpretações contemporâneas em torno do profeta São João Maria*. In.: *Revista Esboços*, Florianópolis, v. 19, n. 28, p. 88-111, dez. 2012.

FONTES ORAIS

ANDRADE, Antônio Tomaz de. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 21.04.2009.

- ANDRADE, José Tomaz de. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 06.06.2014.
- CORDEIRO, Sílvio. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 02.10.2008.
- CABRAL, Almir Domingues. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 10.04.2018.
- WZOREK, Ceslau. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 14.05.2014.
- FERRAZ, Evinolda. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 13.03.2018.
- FERRAZ, Mercindo. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 23.01.2018.
- GAPINSKI, Fábio Miguel. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 30.04.2018.
- GAPINSKI, João. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 27/05/2016.
- GAPINSKI, Maria Odete. Entrevista cedida a Ivan Gapinski e AncelmoSchörnerem 15/10/2015.
- MIKOVSKI, Felix. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 05/05/2018.
- PACHECO, Helena do Rosário. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 27/05/2016.
- PACHECO, João Maria. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 27/05/2016.
- PRZYBYSEWSKI, Vitoldo. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 27/05/2016.
- PEDROSO, Amador. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 25.01.2009.
- PEDROSO, Clemente. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 25.01.2009.
- SAVINSKI, Júlia Pedroso. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 25.01.2014.
- SILVA, Constantina Ferreira Da. Entrevista cedida a Ivan Gapinski e AncelmoSchörner em 15/10/2015.
- _____. Entrevista cedida a Ivan Gapinski em 09/04/2018.
- STRESSER, Adilson José. Entrevista concedida a Ivan Gapinski em 20.06.2014.
- STRESSER, Neusa Aparecida Pacheco. Entrevista concedida a Ivan Gapinski em 23.04.2014.

A HISTÓRIA DA COMUNIDADE UCRANIANA EM RIO AZUL

Felipe Cheremeta

Felipe Cheremeta, 26 anos de idade, agricultor, formado em Administração e acadêmico de Jornalismo no Centro Universitário de União da Vitória (Uniuuv). Descendente de Ucrânicos, membro das comunidades ucranianas Apresentação de Nossa Senhora em Serra Azul e Santa Teresinha em Rio Azul – Pr. Agradeço o convite de José Augusto Gueltes para contribuir com este projeto comemorativo que conta a história do centenário da Câmara Municipal de Rio Azul e do Município de Rio Azul. Que este livro seja motivador, que desperte em mais rioazulenses o desejo de contar a nossa história através de mais livros a serem disponibilizados para a nossas gerações presente e futuras.

Para este trabalho, a quem vale agradecer muito, contei com a colaboração bastante especial de Maria Paula Biuhna, pesquisadora e também membro da comunidade que, junto a outras dezenas de pessoas, conseguiu reunir um rico material histórico que aqui serão revelados.

Costumes, cultura, culinária e relatos de famílias que compõem a comunidade são detalhes aqui trazidos como informação, mas que serão futuramente ainda objeto de um estudo mais aprofundado, tema do meu trabalho de conclusão do curso de Jornalismo em breve.

CULTURA UCRANIANA, MAIS DE UM SÉCULO PRESENTE EM RIO AZUL

Neste capítulo, alguns fatos que marcaram e construíram a história de imigrantes ucranianos no município de Rio Azul. Vindos para o Brasil há mais de cem anos, seus descendentes até hoje mantem preservados os costumes e tradições.

Em Rio Azul há duas igrejas do Rito Ucraniano Católico que pertencem à Paróquia Sagrado Coração de Jesus, de Mallet/Pr. Estas duas igrejas ainda mantêm as suas celebrações religiosas todas na língua ucraniana. A primeira igreja foi construída na localidade de Serra Azul, por volta do ano 1910, no alto de uma serra. Após alguns anos, devido as condições dificultadas de acesso, a comunidade resolveu construir uma outra, desta vez mais próxima da estrada, no local onde está até hoje, às margens da BR 153. Anos mais tarde, na década de 1930, foi construída uma igreja maior na cidade de Rio Azul, a Igreja Santa Terezinha.

IGREJA APRESENTAÇÃO DE NOSSA SENHORA AO TEMPLO Comunidade de Serra Azul

As primeiras celebrações eram realizadas na casa do Sr. Miguel Vasco pelo Pe. Pedro Protczkiw e depois pelo Pe. Emiliano Ananévitch, que foi o fundador da congregação das irmãs catequistas de Sant'Ana, a primeira Irmã que trabalhou na escola Santa Maria foi a professora e Irma Bernadete Domitila Jowtei e a primeira superiora do colégio Nossa Senhora de Fátima foi a Irma Ines Dobrowolski.

O Início da construção da igreja deu-se em meados do ano de 1909 e concluída em 1910 por moradores vindos da Ucrânia que residiam nas proximidades. O terreno medindo 1 alqueire foi doado pelo Sr. José Lucas e família, as madeiras foram doadas pelo Sr. Danelo Masney e outros. As madeiras eram desdobradas nos lugares das arvores e transportadas nas costas até o local. O mestre de obras foi o Sr. Romão Gudz, que também fez o desenho da planta da igreja. Para a construção da mesma foi necessário a ajuda de voluntários da comunidade.

No ano de 1935 a Igreja teve uma pequena reforma, realizada pelo Sr. Pedro Vasco, a mesma teve as portas e janelas trocadas e foi construída uma área na frente.

Já no ano de 1977 em uma passagem do Bispo Dom. Efraim Basilio Krevey, com o Pe. Josafat Gaudeda juntamente com a comunidade decidiram à construção de uma nova igreja, em um lugar mais próximo a estrada que havia tido um desvio, já que a antiga não oferecia condições de trafego. Realizado um abaixo assinado na comunidade visitaram mais de 100 residências nesta comunidade e em comunidades que frequentavam como Beira Linha e Vera Cruz.

Foi comprado um terreno a margem da estrada principal, juntamente com o da escola. O terreno foi adquirido do Sr. Paulo Dubeski e família, novamente as famílias se mobilizaram com doações de madeiras para construir a nova igreja. O prefeito de Rio Azul na época o Sr. Leonardo Skalicz juntamente com o Engenheiro Orlando Agulham que era engenheiro municipal, cederam a planta da igreja. Reunidos, Prefeito, Bispo, Padre e comissão, o prefeito propôs colaborar com a frente de alvenaria e o restante seria feito com a madeira doada pela comunidade, então

o Bispo Dom. Efraim tomou a palavra e sugeriu, se o prefeito construir a frente, então a comunidade poderia construir o restante, toda ela de alvenaria. Com toda a madeira já beneficiada decidiu-se vender e adquirir materiais. Foram feitas várias campanhas de arrecadação de alimentos, festas e outras promoções. A igreja antiga foi vendida para o Sr. Luiz Wrubléski.

No ano de 1982 foi iniciada a construção da nova igreja, o padre que atendia a comunidade era o Pe. Edison Boiko que pediu ajuda de outros países, na qual a comunidade foi agraciada. Em 24 de abril de 1983 teve a 1ª visita do Bispo Dom. Efraim que fez a bênção das paredes e da pedra fundamental. Os construtores foram, Sr. Argemiro Domingues, Sr. Bernardo Zub, Sr. Cassemiro Mosson e a ajuda voluntária de várias pessoas da comunidade.

Em 1988 deu-se início a pintura artística da igreja pelo Sr. Antonio Petrek, que levou cerca de quatro anos e meio para concluir a obra. A obra da pintura teve um custo muito baixo, pois o Sr. Antonio não visava lucros e não fazia preço pelo seu serviço.

Em 2008 Houve a ampliação da Igreja com duas novas salas e a construção das cúpulas com projeto doado pelo engenheiro Eugenio J. Musial, o Sr. Rogério Majeski e Sr. Alceu Firman foram responsáveis pela execução da obra com ajuda de membros da comunidade

No ano de 2010 tivemos a celebração do centenário da comunidade pelo Pe. Luis Pedro Polomei.

Em 2017 foi construída uma gruta no pátio da Igreja em honra a Nossa Senhora Aparecida, Santo Expedito e São Miguel Arcanjo que está disponível para visitação 24 horas por dia.



Primeira Igreja construída em 1910



Foto da igreja já ampliada, em 1935



A igreja nos dias atuais

IGREJA SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS

Rio Azul

A Construção da Primeira Igreja

A alguns anos falava-se em construir uma igreja ucraniana na cidade de Rio Azul. O sonho tornou-se realidade no final da década de 30. O terreno comprado pelo Senhor Pedro Paszhko, da Família de Alexandre Surmacz e doado para a construção da Igreja.

O registro da escritura foi realizada em nome na Mitra do Bispado de Ponta Grossa. Muitos anos atrás, este local era um enorme potreiro, onde os tropeiros - viajantes deixavam os animais ao passarem pelo povoado.

O Sr. José Demucharski (in memória) relata que *“quando nos mudamos para o Marumbi, no ano de 1938, estavam aprontando a madeira, porque iriam construir a igreja ucraniana.* Tal relato coincide com a data dos primeiros registros no livro-caixa, que mostra os movimentos de entradas e saídas de algumas doações e custos com a documentação do terreno (selos, escritura, taxa da Prefeitura).

E em 10/09/1939, no cinema central da “vila de Rio Azul” foi formada a nova diretoria para dar início às obras para a construção da Igreja Ucraniana na cidade de Rio Azul. A Igreja então construída era de madeira, possuía 12 bancos, distribuídos em duas filas de seis. Era toda pintada por dentro e tinha uma iconostasse que separava os fiéis do altar. A iconostasse não tinha portas, mas cortinas que eram abertas quando o padre celebrava a Divina Liturgia. O local desta construção é o atual salão paroquial e barracão de festas da nossa Igreja.

Em 1943, no livro da Paróquia, registrou-se uma permissão para celebração de uma missa campal.



A igreja, em foto da década de 1950



Cerimonia para recebimento dos sinos

A escolha da Padroeira da Igreja

Para isso, precisamos voltar no tempo. E quem nos ajuda a entender é Irmã Genoveva. Nestes anos, Monsenhor Padre Clemente Preima estava responsável pela comunidade e auxiliou na conclusão da obra iniciada pelo padre anterior (Padre Ananevicz).

Quando voltava de helicóptero para o município de Mallet, havia muita neblina e não conseguiam pousar. Após várias voltas, o combustível começou a acabar. Pensando que não havia mais o que fazer, Monsenhor Padre Clemente Preima pede a Santa Terezinha para pousarem em segurança, promete que a construção da nova Igreja seria dedicada a ela. Conseguiram pousar em segurança e após contar o fato para as pessoas aqui em Rio Azul, a Igreja foi dedicada a nossa querida Santa Terezinha do Menino de Jesus, foi canonizada em 1925.

O Sr. Emílio Lebit conta que as Divinas Liturgias eram celebradas às 8h e às 10h, a Igreja sempre estava cheia. Os sacerdotes que celebravam eram Padre Severo Preima, Padre Pedro Busko, Padre Floro, entre outros.

O Sr. Emílio relata também que no lado direito da Igreja de madeira tinha um poço de água, no qual, todos os anos, realizavam as orações para a benção da água. Depois, dois senhores de idade, tiravam vários baldes de água, na manivela, para as pessoas beberem e levarem para casa a água benta. Este poço era revestido de pedra de ferro de baixo até em cima na caixa, era muito bonito, mas com a construção do pavilhão de festas, foi desmontado e fechado. Sua localização é próxima a porta de entrada do botequim dos homens.

As Divinas Liturgias eram celebradas quinzenal ou mensalmente, e o Padre Clemente Preima vinha de trem. Posteriormente, o Padre Severo Preima comprou uma moto para se deslocar até as comunidades. Nesta época, as “mailkas” e “moleben do sertse hrestovo”, novenas de Maria e do Sagrado Coração de Jesus eram rezadas diariamente e com grande participação dos fiéis, que não se importavam com as distâncias caminhadas a pé.

As celebrações da quaresma incluíam as vias-sacras e adoração do Santo Sudário (plastchanetsia), a qual começava às 15h da Sexta-Feira Santa e se estendiam até a Divina Liturgia da Ressurreição. A comunidade fazia uma escala e cada responsável pelo horário permaneciam em oração ou cantando e seguravam as velas. A Divina Liturgia da Ressurreição era na madrugada do Domingo da Páscoa.

Na década de 1940, a comunidade foi abrilhantada pela criação de um coral sob a direção do maestro Monsenhor Padre Clemente Preima. Era composto pelas seguintes pessoas: João Cheremeta, Nestor Martinetz, Safron Spak, Sr. Cessak, Alexandre Latchuk, Miguel Bastchen, Pedro Kuczma que cantavam em primeira voz, Maria Gudz e Maria Kussi que faziam a segunda voz. Para auxiliar a dar os tons das vozes, Pedro Kuczma fazia as notas no violino. Depois do Monsenhor, Pedro Kuczma que se tornou o maestro.

João Cheremeta contou que vinha de bicicleta de Serra Azul para a cidade para os ensaios. Fala também que o coral de Rio Azul, juntamente com o de Mallet, certa vez foram cantar em Dorizon, quando ainda estavam construindo a Igreja de São José. Tinham improvisado o altar, os tijolos das paredes que se erguiam estavam à vista. As pessoas ficavam olhando para trás em vez de rezar, para verem o coral. O senhor Nestor Martinetz contava também que foram convidados para cantar uma missa em Prudentópolis, para onde foram de caminhão.

Após a construção da Igreja nova de alvenaria, a Igreja de madeira foi desmanchada e sua madeira vendida. Dois ícones (um de Jesus e um de Maria) ainda são conservados, mas estão em estado precário e não é possível restauração. Outros objetos da Igreja antiga que ainda existem são a cruz das procissões, os castiçais do altar (três de cada lado em tamanha decrescente). O sacrário foi restaurado pelo Padre Joaquim Sedorovicz e está na Igreja XXXX.

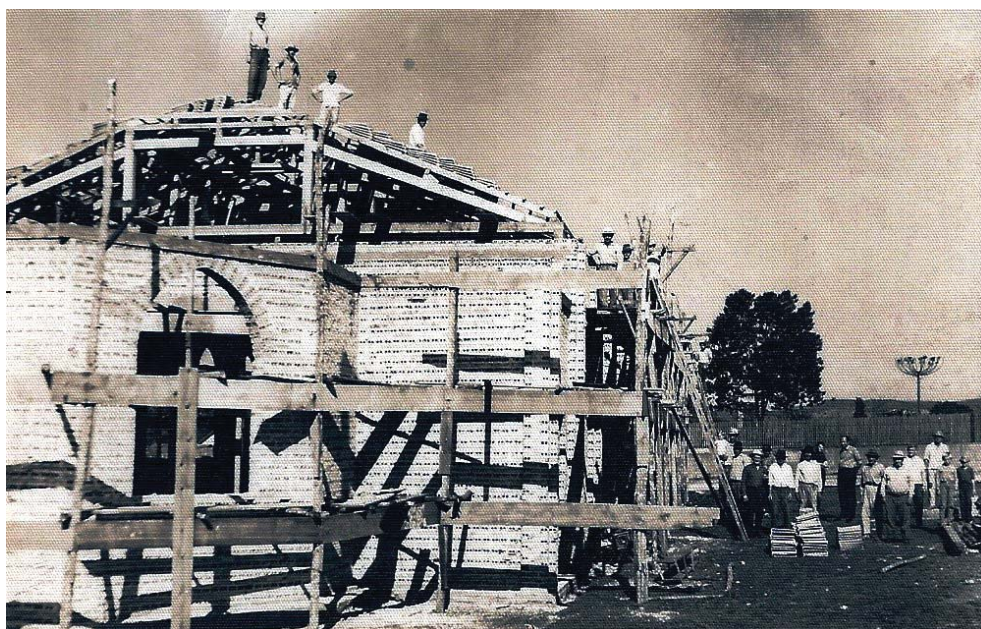
A construção da Igreja Atual

As Divinas Liturgias foram celebradas na Igreja Antiga até a data da inauguração da Igreja de alvenaria. A mudança para a Igreja nova ocorreu com uma procissão, uma Divina Liturgia, seguida por grande festa comemorativa. A inauguração ocorreu no dia 19/10/1969, domingo muito bonito, de muito sol, com gente vinda de várias partes, com a presença de sacerdotes, irmãs e outras autoridades, conforme relato do Sr. Emílio Lébit. Os sacerdotes presentes na inauguração foram Padre Pedro Busko e Padre Severo Preima.

No dia da inauguração foi colocada uma faixa grande na Igreja, na qual constava a data do dia da inauguração. A comissão administrativa trouxe uma banda grande de música de campo Mourão. O povo ficou encantado com a música, pois ninguém tinha visto coisa igual até então. Para terminar a festa, a banda musical foi

tocar um bailão no depósito do Sr. João Jasinski, que durou perto da madrugada. Ressalta-se que a festa da inauguração da Igreja está registrada na filmagem do Cinquentenário de Rio Azul.

A comissão administrativa que coordenou os trabalhos da construção da Igreja de alvenaria era presidida pelo Sr. Vitor Burko. Os pedreiros que construíram a Igreja foram os Srs. Antonio Domingues e seus filhos, Valfrido Domingues, Miro Domingues e Severo Domingues. A obra durou aproximadamente sete anos.



Início das obras de construção da nova igreja em 1960



Foto da inauguração, no ano de 1969



Foto da celebração da Divina Liturgia no ano de 1969

Construção das cúpulas

O desejo de construir cúpulas na Igreja inaugurada da década de 60 concretizou-se no dia 25/11/2001, quando em uma Divina Liturgia celebrada por Dom Efraim Krevey e pelo pároco Padre Sérgio Krasniak realizou-se a benção e inauguração das três cúpulas.

Para a escolha do modelo das cúpulas, Sr. Marcelino Bassuma e o Sr. Roberto Wronski visitaram as Igrejas ucranianas da região (Prudentópolis, Paulo Frontim, União da Vitória, Rondinha), mas foi em uma revista que o modelo foi encontrado.

O projeto foi elaborado pela Engenheira Lucimara Farias com assistência do Sr. Roberto Wronski. O início da construção ocorreu em 2000, tendo como o pedreiro construtor e responsável pela mão de obra, o Sr. Marcelino Bassuma. As cúpulas foram confeccionadas pelo Sr. Bobalo de Prudentópolis.



Inauguração em 25/11/2001

Dezesseis anos depois da inauguração, um novo projeto é almejado e iniciado para levantamento e ampliação das cúpulas. A Engenheira Civil Diana Serbai e o arquiteto Robson J Schmitz elaboraram o projeto inicial, que após ampla discussão com a comunidade e aprovação do bispo Dom Volodemer Koubetch, a versão final foi definida.

As obras iniciaram-se no dia 03 de novembro de 2017, com a deposição cuidadosa das cúpulas e demolição do prédio. E no dia 08, começam os fundamentos da construção.



Interior da Igreja

Para embelezar a Igreja, entre os anos 1997 a 1998, os quadros laterais de Nossa Senhora e Jesus, adquiridos em 1952, e o quadro central de Santa Teresinha, foram substituídos por pinturas, realizadas pelo Sr. Igor Pelech com auxílio do Sr. Tadeu Ales.

Mais tarde, entre os anos de 2006 a 2008 novas pinturas são realizadas na Igreja Santa Teresinha, com o objetivo de trazer características orientais às imagens. Foi então convidado o pintor Antonio Petrek para essa missão. Ele iniciou os trabalhos na Igreja, pintou a imagem de Santa Teresinha no fundo do altar, a pomba na parede do altar e iniciou a pintura de Jesus, na parede lateral direita. O Sr. Antonio Petrek preferia pintar a noite devido às interrupções que ocorriam durante o dia. Sr. Antonio não conseguiu concluir as obras da Igreja, por motivo de sua idade avançada e questões de saúde.

No ano de 2011, a Igreja adquire dois novos quadros para as laterais, que foram pintados pela Irmã Silvia Potchenok. As pinturas do altar foram retocadas em 2010 pela pintora Madalena Ianoski.



O interior da igreja com pinturas do senhor Igor Pelech



Interior da igreja visto com pinturas do artista Antonio Petrek



Interior da igreja onde são vistas as colunas de gesso que foram colocadas no ano de 2007

Construção e inauguração do novo campanário

O primeiro campanário da Igreja foi construído por volta da década de 40 e passou por várias reformas, sendo utilizado até o ano de 2012. Devido sua precariedade em termos de segurança, era necessária a construção de um novo campanário. O modelo foi escolhido, tendo como base o campanário da Igreja de Ontário - Canadá. Como em 2011 seriam comemorados os 120 anos da Imigração Ucraniana no Brasil, a comunidade de Rio Azul, por meio desta obra faria sua homenagem aos imigrantes. Na base, foi prevista uma área para a realização da bênção de água. As obras se iniciaram no dia 22 de novembro de 2010. A cúpula foi confeccionada pelo Sr. Bobalo, de Prudentópolis, em abril de 2011. Os sinos foram retirados da antiga sineira e, depois de restaurados, colocados no novo campanário, no dia 04 de abril de 2012.

Os primeiros toques dos sinos puderam ser ouvidos na cidade de Rio Azul no momento em que se iniciava a Divina Liturgia de corpo presente em Curitiba, de Dom Efraim Basílio Krevey, às 15h do dia 04 de abril de 2012. As primeiras pessoas que tiveram a honra de tocar os sinos foram João Osatchuk Filho, Emílio Lebit e Tadeu Ales.

No início de outubro de 2012 foi colocada a placa de granito, onde está estampado o logotipo da Comemoração dos 120 Anos da Imigração Ucraniana no Brasil e a seguinte frase: *“Homenagem e gratidão da comunidade Santa Teresinha aos destemidos imigrantes que vieram semear em nossas terras brasileiras o espírito ucraniano por meio da fé inabalável e de sua cultura. Rio Azul – 2011”*. A bênção e inauguração oficial do novo campanário foi realizada no dia 21 de outubro de 2012, antes da Divina Liturgia presidida por Dom Volodemer Koubetch, OSBM.



Campanário antigo



Novo campanário, quando ainda estava em construção em 2011

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA ANA

A Congregação das Irmãs Catequistas de Sant'Ana foi fundada no ano de 1932, no Brasil, pelo Revmo. Padre Emiliano Josafat Ananevitz, para auxiliar na educação das crianças e jovens, especialmente dos imigrantes, no Brasil.

As irmãs iniciaram o seu trabalho Pastoral no Sul do Paraná. Uma das primeiras localidades do trabalho assumido pelas irmãs foi a de Serra Azul, município de Rio Azul. Até o ano de 1962 as irmãs dedicavam-se na educação das crianças na Escola "Santa Maria" e no trabalho Pastoral na Igreja "Apresentação de Nossa Senhora no Templo" na localidade de Serra Azul, município de Rio Azul e na Igreja Santa Terezinha" na cidade de Rio Azul. Com a doação do Colégio pela Comunidade Ucraniana de Rio Azul as irmãs passaram a residir, primeiro, na residência Paroquial, na Cidade de Rio Azul. Na época, o presidente da comissão da Igreja Santa Teresinha em Rio Azul, era o Sr. Vitório Burko, o qual auxiliou na mudança das irmãs da localidade de Serra Azul para a cidade de Rio Azul.

Após a inauguração do Colégio "N. S. de Fátima", as irmãs assumiram o Ensino Primário na nova residência e continuaram o trabalho Pastoral na Igreja "Santa Terezinha" na Cidade de Rio Azul, na Capela "Apresentação de N. S. no Templo em Serra Azul, na Cidade de Rebouças e nas localidades vizinhas.



Irmãs catequistas de Sant'Ana com o casal Vitório e Alexandra Burko



Foto da inauguração do Colégio Nossa Senhora de Fátima

A primeira Diretora do Colégio “N. S. de Fátima” foi a Ir. Leocádia Maria Vodonoz, a qual exerceu também o cargo de Professora. No ano de 1965 foi transferida para o Grupo Escolar de Vera Guarani, Município de Paulo Frontim e o seu cargo de Diretora e Professora, assumiu a Irmã Néli Laudires Ravanelli.

A primeira Superiora do Colégio foi a Irmã Francisca Maria Vodonis a qual exerceu, também o cargo de Professora. Neste Colégio exerceram também o cargo de Professores: Ir. Beatriz Margarida Oribka, Ir. Paulina Maria Procek, Ir. Sérgia Rosa Gaudeda, Ir. Liduina Irene Marceniuk, Ir. Cristina Lucia Liss, Ir. Melania Ana Noga, Ir. Ilaria Ana Helmann, Ir. Noemia Celeide Ravanelli, Prof.^a Júlia Pinkoski, Prof.^a Irene Tomal, Prof.^a Natalia Boiko, Prof.^a Maria Tzar e Prof.^a Helena Levandoski.

O curso Primário de 1^a a 5^a Series funcionou a 2 períodos durante 10 anos, aproximado, com uma média de 100 alunos matriculados, anuais. Por ordem da Secretaria da Educação do Estado do Paraná, os alunos e Professores estaduais passaram para Escola Dr. Afonso Alves de Camargo, de Rio Azul no prédio do Governo do Paraná. Com o decorrer do tempo, foi fundado no Colégio, curso de datilografia e Obra Assistencial Abrigo e Jardim da Infância, para crianças necessitadas. Foi aberto uma livraria e diversos cursos de curta duração.

Com o crescimento e interesse do Grupo de Jovens surgiu a ideia de fundar Grupo Folclórico “Dunay” que se deu com sucesso. A primeira apresentação do Grupo deu-se, com muito sucesso no desfile por ocasião do dia do Município, no dia 15/07/1990. Com a perseverança, o Grupo folclórico continua atuando com sucesso. No ano de 2007 a Superiora Geral Ir. Aquelina Ana Palek com a Diretoria da Congregação da Irmãs Catequistas de “Sant’Ana” mantenedora do Colégio “N. S. de Fátima”, decidiu restaurar o prédio, o qual encontrava-se em estado precário.



Foto do Colégio Nossa Senhora de Fátima, na Av. Manoel Ribas, em frente a igreja Santa Terezinha

No dia 4 de Outubro de 2009 Sua Ex.^a D. Efraim B. Krevei (in memória) e sua Excelência Dom Daniel Kozlinski, abençoaram o prédio reconstruído e demais autoridades presentes assim como grande número de Sacerdotes, Religiosas e Fiéis foi inaugurada a nova residência. A partir desta data o Colégio passou a funcionar como Casa de Formação “Sant’Ana”. Atualmente as irmãs dedicam-se na formação das jovens e continuam no trabalho Pastoral. Quanto as vocações, a Congregação conta com 7 religiosas naturais do Município de Rio Azul e duas meninas na formação, também deste Município. As religiosas provenientes do município são: Ir. Emiliana Paulina Skiba (in memoria), Ir. Zenobia Pelagia Procek (inmemoria), Ir. Madalena Maria Krauczuk (in memoria), Ir. Paulina Maria Procek, Ir. Zita Pszymus, Ir. Salette Lucia Melnik, Irmã Eugênia Tereza Procek



O Colégio inaugurado em 2009

O GRUPO FOLCLÓRICO UCRANIANO DUNAY



Primeira formação em 1994

As primeiras manifestações de dança ucraniana no município ocorreram o ano de 1983, quando a Sra. Eugênia Osatchuk ensaiava coreografias no pátio da Igreja, preparando uma apresentação para o dia de São Nicolau. Em 1989, a ideia de formar um grupo de danças começou a ganhar força entre os jovens estudantes da língua ucraniana, que se reuniam *semanalmente*. Mas, tal sonho concretizou-se com o apoio e empenho de muitas pessoas.

Irmã Mihaíla reuniu-se com o Sr. João Slevinski, presidente do Folclore Ucraniano Kalena de União da Vitória, o qual colocou o grupo a disposição para ajudar a empreitada. E, no dia 18 de junho de 1989, enviou dois casais para ensinar os passos das danças para os jovens de Rio Azul. Posteriormente, seis dançarinos se deslocaram até União da Vitória, e para isto arrecadaram fundos para financiar as duas viagens. Os carros utilizados eram dos dançarinos Rafael Joch e Gervásio Surmacz. Lá passavam o dia aprendendo as danças com o grupo Kalena. Ao retornar para Rio Azul, os 3 pares repassavam as coreografias aos demais integrantes, que ficavam ansiosos esperando tal retorno.

Para definição do nome do grupo, foi realizada uma votação entre seis opções, nas quais constavam nomes de cidade, de rio e personalidades ucranianas. Optou-se então pelo nome Grupo Folclórico Ucraniano Dunay. O nome **DUNAY** homenageia um dos mais famosos rios da Europa que atravessa praticamente todo o território da Ucrânia.

Neste início, o grupo recebeu a visita da jovem canadense Orecha, dançarina de um grupo folclórico do Canadá, que passou uma semana em Rio Azul, incentivando os jovens e ensinando danças, incluindo o Hopak.

Mas, as contribuições não pararam por aqui. Era necessário os trajes típicos para as danças. E o apoio foi nos dado pelo Folclore Ucraniano Barvinok, os quais cederem parte dos trajes e equipamentos, já utilizados no desfile comemorativo ao aniversário do município, realizado no mesmo ano e que também usariam na primeira apresentação. Outra parte, o grupo conseguiu adquirir: as botas foram confeccionadas em Curitiba, as coroinhas feitas pelas mães e dançarinas, as charavaras e saias costuradas pelas irmãs do colégio.

Os recursos financeiros vieram de doações e da promoção da Festa Junina. Para isto, os dançarinos escreviam ofícios e solicitavam para pessoas da comunidade, comércios e políticos da época de Rio Azul e cidades vizinhas. O grupo folclórico ucraniano Dunay recebeu ajuda financeira, dos bancos da cidade: Banco do Brasil e Banestado. O então candidato Sr. Hilário Bejutchka e o Sr. Felipe Lucas também contribuíram com valores significativos. Para aquisição das botas, as doações vieram de pessoas como: Sr. Davi Loginski – 2 pares, Sr. Geraldo e Dr. Eduardo – 6 pares, vereador Sr. Vicente Solda, um aparelho de som. Houve também doações espontâneas das pessoas e comércio da região que estão registradas no livro ouro.

A primeira apresentação aconteceu no dia 29/07/1990, no salão da Congregação Mariana da Paróquia Sagrado Coração de Jesus. O evento contou com a presença dos grupos Kalena de União da Vitória, Vesselka de Prudentópolis e Barvinok de Curitiba. Participaram também a capela de bandurista de Prudentópolis e as *meninas do colégio* com canções.

O repertório das danças incluiu 10 danças: Previt, Diogun, Suchitka, Dostchek, Hretchanek, Holestchka, Hutsultchena, Kosatchok, Dança das espadas, Holetchka. E sua execução, contou com 8 meninos e 7 meninas. Os integrantes de grupo folclórico foram: Liliane Zub, Maria Salete Melnik, Rosemary Preidum, Jaqueline Pinkoski, Maria Izolete Preidum, Janete Vasco, Celia Vasco, Valdir Andreiko, Luis Coloda, Antonio Andreiko, Joaquim Pacholok, Gervásio Surmacz, Augusto Andreiko, Jaciel Vasco, Romualdo Surmacz. O apoio dos pais dos dançarinos foi fundamental para conseguirem realizar esta primeira apresentação e montar um grupo folclórico. Posteriormente, novos dançarinos aderiram ao grupo: Wilson Surmacz, Cláudio Duda, Janete Duda, Solange Preidum, fortificando os trabalhos do folclore recém formado.

Para coordenação dos trabalhos, o grupo folclórico ucraniano Dunay contou com uma diretoria, presidida por Romualdo Surmacz.

Em 1994, o grupo folclórico formado há cinco anos, por motivos de trabalho e estudo fora do município por parte dos componentes, o grupo diminui o número de seus componentes. Deste grupo de veteranos permaneceu apenas um integrante, Antonio Andreiko, que junto com novos dançarinos, ensaiaram as coreografias masculinas, pois não havia meninas. O grupo permaneceu assim por dois anos, quando após juntar-se com o grupo folclórico ucraniano de Mallet, participaram do Festival Nacional de Hopak, em Canoinhas – SC. A partir de então, o grupo se reergueu com a participação de novos integrantes.

No ano de 1998, o sonho de organizar um grupo folclórico ucraniano infantil torna-se realidade. A primeira coreógrafa do grupo infantil foi a Sra. Alzira Roiko e os ensaios ocorriam nos sábados, após a catequese. Para a confecção dos trajes, no

ano de 1999 o folclore recebeu uma doação de R\$3.000,00 (três mil reais) da empresa americana de queijos Schreiber, por intermédio do prefeito, na recepção do governador Jaime Lerner.



Primeira formação do grupo infantil

Os trajes ucranianos usados pelas crianças foram confeccionados na cooperativa de Prudentópolis e são compostos por 12 camisas masculinas, 12 blusas femininas, 12 faixas femininas e 12 masculinas, 12 anáguas com bordado inglês, 12 coletes em veludo preto, 12 colares de missanga. As botas foram confeccionadas em couro pelo Sr. Davi Robaskiewicz e totalizam 12 pares femininos e 12 masculinos. O total gasto com os trajes infantis foi a quantia de R\$3.700,00. A primeira apresentação do Grupo Folclórico Ucraniano Dunay Infantil ocorreu na festa da padroeira, da Igreja Santa Teresinha, no ano 1999. Na oportunidade, o grupo adulto também apresentou suas danças.

Na intenção de ampliar o repertório de danças do grupo adulto, no ano de 2001 um casal de dançarinos do Grupo Folclórico Ucraniano Soloveiko, da Colônia Marcelino, São José dos Pinhais e a dançarina Kátia Baran, do Folclore Ucraniano Barvinok, Curitiba, repassam passos e elaboram a coreografia de três danças: Hen Kujil e Hopak para o grupo adulto e uma dança para o grupo infantil. Na oportunidade, definiu-se como coreógrafos as dançarinas Liliane Zub e Maria Paula Bihuna.

Em 2002, a Unicentro – *Campus Irati* ofereceu um curso de “*Formação de Coreógrafo de Dança Folclórica Ucraniana*”, no período de 16 a 26 de julho de 2002, com a professora Hanna, da Ucrânia. Foi a oportunidade de iniciar a formação dos coreógrafos do grupo e participaram neste curso os dançarinos Maria Paula Bihuna e João Paulo Kussi.

Em 20/09/2003, o grupo começa a organizar o 1º. Estatuto do grupo, visando realizar o Cadastro Geral de Contribuinte, para formalizar o Grupo Folclórico em termos legais, fato que auxiliaria para o recebimento de verbas. Para isto, o grupo

não pode ter ligação com organizações governamentais e não pode visar à obtenção de lucros por parte dos integrantes. E, nos meses de março e abril de 2004, realizaram-se as reuniões necessárias, com posterior registro das atas no Cartório de Registros de Imóveis de Rebouças, para então efetuar o agora Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica do Grupo Folclórico Ucraniano Dunay.

Em posse do documento, conforme prometera em reunião com o grupo folclórico durante a campanha eleitoral, no dia 23 de julho de 2004, o prefeito Dr. Alexandre Burko intermedia para o grupo duas verbas da Secretaria Estadual de Cultura, bem como auxilia o grupo com o transporte para as apresentações, durante sua Gestão Administrativa (2005-2008).

No ano de 2006, o grupo folclórico ucraniano Dunay sedia o maior evento da dança ucraniana – o 13º. Festival Nacional de Danças Ucranianas. Foram várias promoções e reuniões internas do grupo e/ou juntamente com a comissão da Igreja para organizar o evento.

Vinte grupos participaram do evento, totalizando aproximadamente 500 pessoas entre dançarinos, equipe técnica e organizadores. Foi espetáculo maravilhoso, em que cada grupo abrilhantou o espetáculo com uma dança diferente. E está registrado em dois DVDs para eternizar este momento.

Neste momento, os trajes do grupo recebem a manutenção: são trocadas as fitas dos vinotchok (coroinha de flores) em 2005, confeccionados pela costureira Marília Golbinski Melek os trajes de Volínia e Hutsul, encomendadas botas femininas em couro em Irati em 2007 e alguns anos antes foram feitas as botas para os meninos pelo Sr. Davi Robaskiewicz. Os coletes e aventais femininos foram pintados pela Sra. Luciana Pazko. A partir do Festival Nacional de Danças Ucranianas de Cascavel, novos trajes foram confeccionados para cada apresentação do festival.

No início de 2007, surge uma nova oportunidade de qualificação em dança ucraniana dos coreógrafos do grupo, Maria Paula Bihuna e Teodósio Andreiko. Eles participaram do I Whorkshop de Danças Ucraniana promovido pelo Folclore Ucraniano Barvinok, nos dias 23 a 25 de fevereiro de 2007, tendo como professor o coreógrafo Andrij Cybyk, do Syzokryli Dance Ensemble, Canadá.

Em 28/05/2008 o grupo folclórico reúne-se com o Sr. José Augusto Gueltes que incentiva a elaboração de um novo estatuto e que se crie uma associação para facilitar a obtenção de recursos públicos. Nasceu então a Associação Cultural Dunay. O primeiro Estatuto não foi aceito pelo Cartório e então um outro foi elaborado pela Sra. Gissely Biuhna.

No ano de 2011, por intermédio do vereador João Biuhna, o então prefeito senhor Paulo Andrade recebeu a comissão do Folclore para uma reunião no gabinete. Após exposto as necessidades do grupo, foi solicitado uma professora de técnica de ballet para melhoria da qualidade técnica das danças apresentadas. E a prefeitura contratou e cedeu uma professora no segundo semestre de 2011, a bailarina Tatiane Roiek Lazier. Foi uma conquista importante para o grupo, pois a professora trabalhou a técnica do ballet, enfatizando a maior flexibilidade e força muscular dos dançarinos e harmonia na execução dos passos nas danças. Devido a não prorrogação do contrato da professora para o ano de 2012, a Associação Cultural Dunay custeou as aulas no ano de 2012, garantindo o progresso dos dançarinos.



Os dançarinos Luiz Fernando e Maria quando da participação no Workshop de Dança com o Grupo Kalena da Ucrânia

Após o 19º Festival de Danças Ucrânicas de Mallet, em 2012, seguiu-se um Workshop de dança ucraniana com o coreógrafo e um casal de dançarinos do grupo Kalena da Ucrânia. Foi a oportunidade de novamente formar a coreógrafa Maria Paula Bihuna e o dançarino Luis Fernando Pacholok para elaborarem as novas coreografias do grupo.

No início de 2013, após a reunião com a secretária municipal de cultura Sandra Romaniuk, na qual o grupo expôs a necessidade de uma professora técnica de dança e do transporte para as apresentações, a prefeitura cedeu a dançarina Camila Camilo para trabalhar a técnica da dança com os componentes do folclore do corrente ano.

Nova oportunidade de formação dos coreógrafos do Folclore surge em 2015, com o coreógrafo Andrij, do grupo infantil da maior companhia de danças da Ucrânia – VIRSKY. Participaram os dançarinos Luis Fernando Pacholok e Keissiane Lekki, que assumiram a coreografia a partir do dia 21/03/2015, que até então vinha sendo conduzida pela coreógrafa Maria Paula Bihuna.

O Folclore Ucrâniano Dunay segue em nova organização para divulgar e cultivar a cultura ucraniana por meio de suas danças, como já vem realizando nestes seus 25 anos de existência, período durante o qual muitos dançarinos mostraram suas habilidades, ensaiaram com dedicação as coreografias, fizeram história. Foram mais de cem dançarinos que fizeram parte do grupo adulto e mais de oitenta no grupo infantil.

Os ensaios eram organizados até 2009, no período da tarde para o grupo infantil e das 19h às 21h para o grupo adulto. Quando necessário, combinavam-se ensaios extras nos domingos, feriados ou num dia da semana à noite. A partir de 2009, os ensaios noturnos foram transferidos para o período da tarde. Os ensaios se dividiam no aquecimento e ensaio das coreografias. Posteriormente, com a professora de técnica em Ballet acrescentaram-se os exercícios na barra, no centro e diagonal.

Para manter as atividades do grupo e adquirir novos trajes, o grupo folclórico ucraniano Dunay e posteriormente Associação Cultural Dunay realizava várias promoções para arrecadar fundos, tais como a tradicional festa junina, almoços ou jantares típicos, rifas, confeccionavam pessankas para vender, pasteladas.

O grupo também participou de vários concursos de quadrilhas, e em muitos ficou em 1º. Lugar, tais como: Festival Municipal de Quadrilhas, na Escola Municipal Professora Vanda Hessel e do I Festival Regional de Quadrilhas, no barracão industrial, em 1999; Concurso de Quadrilhas promovido pela Secretaria Municipal de Cultura e Concurso Regional de Quadrilhas em Guamiranga/Pr, em 2013

Todo ano, na comunidade, para abrilhantar a festa junina promovida pelo Folclore Ucrainiano Dunay, grupos de jovens de comunidades do interior apresentam também suas quadrilhas, e posteriormente recebem a visita do grupo Dunay em suas festas. Após as apresentações, um grupo gauchesco conduz a animação e o baile, onde as pessoas dançam e se divertem. Ao final de cada ano, o folclore ucraniano Dunay faz uma confraternização, um passeio em um rio, na Pedreira, litoral, passeio ciclístico, onde é realizado um almoço ou piquenique.



HISTÓRIA DAS NOVENAS DE SANTA TERESINHA



No ano de 2005, o Sr. João Osatchuk e a Sra. Eugênia W. Osatchuk sugerem para a comissão administrativa, da qual era presidente, para realizarem novenas em honra a Santa Teresinha, como preparação para a festa da Padroeira. A ideia foi recebida por muito entusiasmo pelo Padre Joaquim Sedorovicz, responsável pela comunidade e pelos membros da comissão. As orações foram preparadas pelo Padre Joaquim e Eugênia Osatchuk. A cada ano, mais pessoas começaram a fazer as novenas e muitas graças já foram alcançadas pela intercessão de nossa querida Santa.

Com o passar dos anos, os bispos, os padres que já atenderam a comunidade ou que são provenientes daqui foram convidados para celebrarem a Divina Liturgia, a Novena e a benção dos objetos de devoção, medicamentos, velas, trabalhadores, crianças, jovens, famílias e casais. O último dia é destinado a benção das rosas oferecidas pelos fiéis durante a semana a Santa Teresinha. Após abençoadas, são distribuídas para as pessoas por uma jovem vestida como Santa Teresinha. Até 2014, esse papel foi exercido pela jovem Maria Paula Bihuna. As roupas de Santa Teresinha foram costuradas pela Irmã Laura.

Alguns anos, foi preparado o teatro da vida de Santa Teresinha pelas crianças, jovens e adultos da comunidade para serem apresentados durante as novenas. Foram momentos emocionantes, que mostraram o quanto é possível seguir uma vida simples de santidade, com amor e confiança em Deus.

No último dias das novenas, após a celebração da Divina Liturgia, novena, bênção e entrega das rosas, os participantes reúnem-se no pavilhão de festas da Igreja para um coquetel de confraternização. O bolo e os cachorros quentes são oferecidos pela comunidade, os demais alimentos e refrigerantes são trazidos pelas pessoas.

CELEM

O Centro Estadual de Línguas Estrangeiras Modernas - CELEM é um Departamento da Secretaria de Estado da Educação que visa oferecer gratuitamente o ensino de línguas estrangeiras. Com esse objetivo em 1997, iniciou-se, no Colégio Estadual Dr. Afonso Alves de Camargo, em Rio Azul, o ensino da Língua Ucraniana. Durante o ano 1997, as aulas eram ministradas pela Ir. Laura Dobrowolski, ICSA.

A partir de 1998 assume o ensino da Língua Ucraniana a professora Eugênia Osatchuk. De início, o curso tinha a duração de dois anos, com uma carga semanal de 4 aulas. Em 1999, o curso passou para três anos, a exemplo do idioma japonês e mandarim.

Durante o curso ocorria a alfabetização, escrita, leitura, tradução e conversação na língua. Muitos alunos eram de origem ucraniana e outros nem sequer tinham alguma raiz. Eram apresentadas as importantes festas litúrgicas e sazonais, como Natal e Páscoa. Confeção de Pêssankas com exposição. Muito alunos, de modo especial os que melhor se saíam nos trabalhos, vendiam diversas pêssankas. Fato que ocorreu durante muitos anos.

Confeção de Bábkas, Páskas também fizeram parte do currículo do curso. Anualmente, na semana anterior à Páscoa a escola, em parceria com a comunidade ucraniana de Rio Azul, realizava os tradicionais "SVIATCHENE", a fim de divulgar e para que os alunos apreendessem os costumes ucranianos. Para essa ocasião eram convidados diversas autoridades. Havia nesses eventos ainda, a participação de alguns pais de alunos. Constavam da programação a apresentação de cantos, declamação de poesias, bênção e explicação do significado da bênção pelos nossos padres.

No período natalino eram ensinadas Kólhades, poesias e era preparado o Sviat Vétchir, mais uma vez escola e comunidade em sintonia. Os alunos eram levados até a cozinha da Igreja Santa Terezinha e lá aprendiam a confeccionar varéneke, holuptchi, perohê, kutiá. Enfim era lhes repassado todo o cerimonial que a etnia conserva nessas festas.

Durante o ano letivo também fazia parte do currículo o ensino de bordados.

Eram visitados locais relevantes da Cultura Ucraniana, como: Museu de Prudentópolis, A Editora do Prácia, O Mosteiro dos Padres Basilianos, Casa das Irmãs SMI, Casa da Catequistas do SCJ, Igreja de Esperança, Cemitério Paroquial de Prudentópolis, Igreja de Serra do Tigre, Catedral Metropolitana de São João Batista, entre outros.

Infelizmente, em agosto de 2012, a professora Eugênia, por recomendação médica, em função de problemas nos braços e ombros foi afastada de sala de aula. A partir daí as aulas foram assumidas por Gilmara Koslinski Correia Rossa, ex- aluna

do CELEM. Com muita dedicação e com a ajuda pedagógica da professora Eugênia conseguiu exercer a função. Porém, nesse período o número de alunos diminuiu. Em 2013, as aulas passaram a ser ministradas pela ex-aluna Valquíria Stodolny. A partir de agosto de 2013, o número de alunos diminuiu drasticamente, fato que levou a SEED a extinguir o CELEM Língua Ucraniana em Rio Azul no final de 2013.

Em 2017 iniciou um novo curso de língua ucraniana em uma parceria entre a Representação Central Ucraniana Brasileira (RCUB), Unicentro, Núcleo dos Estudos Eslovos (NEES), Universidade Dragomanov de Kiev na Ucrânia, Prefeitura Municipal de Rio Azul e a Professora Eugênia Osatchuk. O curso é composto por três semestres, atividades são online com professor direto da Ucrânia e todo conteúdo é exclusivo em Língua Ucraniana, Professora Eugênia auxilia os alunos na compreensão das atividades para língua portuguesa.

A COMUNIDADE EM 2018

A comunidade é composta por aproximadamente 200 famílias que residem na cidade e nas localidades de Beira Linha, Rio Azul de Cima, Marumbi do Elias, Faxinal dos Elias, Marumbi dos Ribeiros, Pinhalzinho, Rio Vinagre, Serra Azul, Cachoeira dos Paulistas e Barra da Cachoeira.

A comunidade Ucraniana de Serra Azul, a maior do interior do município, é composta por aproximadamente 70 famílias que residem em Serra Azul, Beira Linha e Vera Cruz, esta última no município de Mallet. O Conselho Administrativo Paroquial está assim composto: Antonio Andreiko (Presidente), Irineu Joch, Teodosio Andreiko, Luiz Valenga, Terezinha Kussi, Janete Vasco, Madalena Andreiko e Janete Vasco, Isaías Lechechem, Augusto Andreiko, Dirceu Joch, João Kussi, José Carlos Ivancheski.

*Felipe Cheremeta
Adaptado de Maria Paula Biuhna
Revisado por Pe Daniel Horodeski*

A TRILOGIA “NO MEU TEMPO ERA ASSIM” A SAGA DE POLONESES E UCRANIANOS EM RIO AZUL/PR

Romualdo Surmacz
José Augusto Gueltes

Sou filho de Theodoro e Senka Bereza Surmacz e casado com a senhora Sônia Dziurkowski Surmacz com quem temos uma linda filha: Paloma. Rioazulense nascido em 1968, sou formado em Pedagogia com especialização em Administração Escolar, diploma que alcancei no ano de 1992, pela FECLI - Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Irati-PR, hoje Unicentro. Até os 24 anos de idade trabalhei como agricultor e em 1992 iniciei na profissão de Orientador Agrícola, na qual permaneço até hoje. Também sou comerciante, administrando junto com a esposa uma loja de confecções. Fui um dos fundadores e o primeiro Presidente do Grupo Folclórico Ucrâniano Dunay, grupo que preserva e cultiva a tradição ucraniana, o único que sobreviveu às dificuldades e falta de apoio e que ainda está em atividade no município. Sempre incentivei e defendi a preservação de nossas tradições e costumes. Sempre gostei de trabalhar com teatro, encenações e fazer filmes foi apenas uma brincadeira mais séria. Uma destas brincadeiras foi tão bem feita que ganhou destaque e reconhecimento regional e até estadual. Foi com o filme “No meu tempo era assim” e, mais tarde uma trilogia com o mesmo título toda realizada com o apoio de familiares e amigos, de orçamento particular e que já foi assistida por milhares de pessoas no Brasil e até no exterior. Foi também assunto em diversos meios de comunicação como jornais, revistas, rádio e televisão, entre eles, a RPC TV, afiliada da Rede Globo no Paraná que recentemente, em 27 de maio de 2017, dedicou um programa exclusivo – O Meu Paraná – para falar sobre o assunto.

Fiquei imensamente feliz quando soube que a Câmara Municipal, através do meu grande amigo José Augusto Gueltes, Secretário que há anos trabalha no Legislativo exercendo a função que por anos foi ocupada por meu querido pai, Theodoro, estava programando o lançamento de um livro para contar a sua história. Igualmente contente fiquei em saber que o Presidente da Câmara, senhor Edson Paulo Klemba, autorizou incluir na mesma obra, ciente da importância que terá para todos os rioazulenses, a história do município de Rio Azul. E não poderia ser diferente quando me convidaram para fazer parte deste projeto contando como foi realizar a trilogia “*No meu tempo era assim*”, uma coisa tão simples, despreziosa e que, graças a dedicação e o empenho de uma grande quantidade de pessoas que como eu amam esta nossa terra, pode ser realizada ajudando a contar a história daqueles que nos antecederam e que ajudaram a construir o Rio Azul que hoje temos em nossas mãos e do qual devemos muito bem cuidar para deixá-lo ainda melhor para os nossos filhos e netos.

NO MEU TEMPO ERA ASSIM

A inspiração

Uma história de Romualdo Surmacz, escrita por José Augusto Gueltes

Sílvio Surmacz, um dos sete filhos de Theodoro e Senka Surmacz, irmão de Romualdo, morava em Balsa Nova, uma pequena cidade da região metropolitana de Curitiba. Certo dia, Sílvio resolveu comprar uma pequena filmadora, novidade e artigo de luxo na época, que causava não somente a curiosidade mas também o espanto de muitos, considerando que para a grande maioria se tratava de algo até então visto somente em grandes eventos ou em filmes e novelas. Ninguém pensava que qualquer pessoa poderia adquirir algo parecido e ainda mais, sair por aí filmando o que quisesse. Mas foi isso que Sílvio fez. Tão logo veio visitar seus pais e trouxe a novidade para Rio Azul. Era início da década de 1990.

Como sempre acontecia nas tardes de verão e nos finais de semana, a grande varanda da casa do senhor Theodoro estava tomada pelos amigos do Romualdo e de seus irmãos. Ali, obviamente, se falava de tudo. Não havia assunto que não fosse lembrado. Eram todos piás ainda e quando não estavam lidando com as tarefas designadas pelos pais ou ocupados com os assuntos de escola, a imaginação levava longe. Horas e horas se passavam ali naquela área de tábuas que testemunhava histórias engraçadas, segredos e perversões da piazada que sempre se coçava em aprontar alguma coisa diferente, embora a opções para o diferente nesta época não fossem assim tão amplas. Dessa turma faziam parte o Romualdo Surmacz, seus irmãos Sílvio, Wilson, Ismael, o Jaciel Vasco, e os Andreikos Antonio, Augusto, Ambrósio, Luiz e quem mais aparecesse. E sempre aparecia mais alguém. Isso era certo!

Enfim, enquanto o sol teimava em continuar iluminando o ele da varanda do senhor Theodoro, todos ficavam lá tratando de assuntos diversos. Eram incríveis as façanhas, as descobertas, as aventuras, as promessas e também, por que não, as mentiras. Mas afinal eram piás e história não faltava.

A chegada da filmadora trazida pelo Sílvio foi um evento inesperado, excepcional, transformador. Tantas ideias, tantas histórias e aventuras lidas, ouvidas e vividas de imediato trouxeram à mente da piazada a possibilidade de transformar aquilo tudo em um filme produzido por eles mesmos. Um grupo de piás criados na roça que naquele momento, pela possibilidade à frente, passaram a sentir-se artistas em potencial. E logo saíram do campo das ideias e partiram com ímpeto invejável à fase de produção.

Era um final de semana e, enquanto Romualdo organizava as sequencias que seriam filmadas os demais partiram em busca de pica-paus, garruchas, pelegos, facões, louças e tudo o mais que fosse preciso para gravar as cenas. Até mesmo as roupas, os ponchos e as capas do diádio que estavam guardadas nas malas foram sendo resgatadas, afinal, a história que iriam filmar merecia uma indumentária e uma ambientalização digna das melhores produções. Mas, o que mais valia mesmo era a vontade e a disposição em fazer acontecer o que tinham planejado. Não

precisava ser nada hollywoodiano e nem tinham condições para inventar demais, mas era preciso caprichar. E tudo se arrumou em menos de uma hora. Já depois do almoço tinham tudo pronto.

Na localidade de Beira Linha, a casa velha da tia dos Andreiko que tinha morrido não fazia muito tempo, serviu de cenário principal para as gravações. Ademais, bastava se vestir, fazer pose, falar grosso e alto e seguir o roteiro ditado pelo Romualdo que tudo daria certo. E deu. Com a ajuda de um gravador a história ganhou até fundo musical e ficou pronta assim: na comunidade tinha um benzedor malandro que se aproveitava da ingenuidade das pessoas para viver às custas da desgraça alheia. Silvio fez o papel de um homem atacado de lombriga que procurou a ajuda do benzedor (papel do Romualdo), que cobrou pelo benzimento e, claro, não deu certo; o benzedor se gabava aos outros da malandragem que fazia com os “polaco”. Isso foi descoberto, gerou revolta e a turma partiu para pegar o malandro. Desse jeito simples e na base do improvisado contou-se uma história que virou filme. E chamou tanta a atenção das pessoas que fez sucesso imediato, primeiro entre os parentes e amigos e depois com os vizinhos, com os conhecidos dos vizinhos, e assim por diante.

Tanto sucesso aguçou ainda mais a criatividade dos agora artistas. E assim se repetiu por várias vezes. Primeiro com a câmera do Silvio Surmacz e depois com uma câmera maior, que fora comprada pelo Valério Pasczuk. O número de atores também foi aos poucos aumentando, pois a trupe inicial ganhou o reforço dos membros do Grupo Folclórico Ucraniano Dunay (o Romualdo foi o primeiro Presidente) e das namoradas da piazada. Assim outros filmes foram feitos, sempre com o mesmo sucesso. A cada nova história que virava filme aumentavam as cópias que eram gravadas e distribuídas aos interessados que vinham de toda a parte.

Mocinho, bandido, assalto a banco, a mocinha sequestrada pelos bandidos, cavalos e tiros com uma pitada de exagero são ingredientes de filmes de faroeste. Nas décadas de 1970 e 1980, Rio Azul tinha ainda o cinema perto da Praça Tiradentes. Tínhamos também o trem que cortava o estado de norte a sul levando e trazendo mercadorias e passageiros. As histórias faroestianas de certa forma poderiam facilmente confundir-se com algumas situações vividas pelo povo daquela época, dadas as devidas proporções, certamente. Naqueles tempos a piazada ainda brincava de “tiroteio”. Uns atrás de árvores, outros atrás das casas, outros atrás do que pudesse servir de esconderijo, enfim, atrás de qualquer coisa que a imaginação aceitasse e fizesse valer a brincadeira. Era *pá* de um lado, *pá*, *pá* de outro, e assim se passavam as horas entre a certeza de ter acertado o oponente e a dúvida que este punha na mira do atirador. Qualquer toco de madeira, galho de árvore, pedaço de coisa qualquer servia para imitar o Colt 45. Um feito de dois canos pvc três quartos juntados com um *cotovelo* então... nossa! Era tecnologia demais. Menina neste tempo ainda não brincava junto com os piás. A não ser que a brincadeira fosse pega-pega, esconde-ladrão, passa-fita, queimada, peteca...

A propriedade era das famílias dos senhores Basílio Andreiko e Antonio, na localidade de Rio Azul de Cima. O Romualdo já namorava a Sônia e era preciso fazer média com ela. Logo pôs-se a criar uma história. Como era conhecedor das aventuras do Velho Oeste americano, acabou reinventando a história da mocinha

sequestrada pelos bandidos. Não deu outra. Com a câmera do Valério em mãos, em dois meios-dias estava gravado o curta metragem. Um banco e uma fazenda são assaltados, os bandidos sequestram a mocinha. Fazendeiro e Policia partem em resgate, em busca de justiça. A produção já foi mais incrementada. Além dos tiros e brigas já vistos antes, agora tinha mais entretenimento como as cenas que mostram uma festa junina, um baile de casamento, etc. Feito em tão pouco tempo como então conseguiram realizar mais que das outras vezes? Simples: as ideias iam aparecendo à medida que as filmagens iam acontecendo, umas somando-se às outras até que entenderam que ficaria bom. E de fato ficou porque agradou tanto que perderam as contas de quantas cópias de fitas de vídeo foram usadas para reproduzir o filme.

Em um outro filme que ficou famoso nas redondezas e que também foi gravado com a câmera do Valério Pasczuk, foi contada uma história muito comum em Rio Azul e região: a história da panela de ouro. Aliás, vale deixar registrado que essa característica das gravações idealizadas pelo Romualdo, de trazer à vida, de certa forma, as histórias que antes apenas faziam parte do imaginário, contadas pelos mais velhos, é que foi a razão de tanto sucesso. O cenário desta vez foi a propriedade do senhor Basílio Andreiko na localidade de Rio Azul de Cima.

Uma situação bastante comum vivida por muitas pessoas na época em que o emprego na cidade não era tão comum como nos dias de hoje, foi o pano de fundo da história idealizada para este filme. Conta o drama vivido por um empregado despedido de uma fazenda pelo desalmado patrão que ainda o deixou desvalido, sem direito a receber nada mais que o minguado salário. Este empregado, revoltoso com a condição a qual foi submetido pelo patrão, depois de encher a cara num boteco qualquer comenta com os amigos que o ex-patrão tinha o costume de sempre carregar consigo um mapa que levava a um lugar onde havia uma panela de ouro enterrada. É claro que todos se interessam pela história e, com a desculpa de vingar o amigo, decidem partir em busca de justiça, roubando o dinheiro do fazendeiro e, por conseguinte, do mapa do tesouro. O patrão roubado chama a Polícia e juntos partem em busca daqueles que lhe haviam saqueado. No encontro acontece de tudo. Briga, facãoadas e... muito tiro. Afinal era preciso dar o máximo de realidade às imagens. Quanta pólvora queimada! Ao final disso tudo todos morrem, menos o fazendeiro que acaba por desistir de ficar com a panela de dinheiro. Um final diferente, que chamou a atenção de quem assistiu, pois o normal seria encontrar a panela de ouro e aproveitar a riqueza que traria por consequência. Talvez este mais um motivo para o filme alcançar maior sucesso porque o povo estava acostumado com a história con-

tada de um jeito e o filme contraria a expectativa, revelando um final incomum. Ou não, uma vez que todos já tinham ouvido falar muito a tal história da panela de ouro, mas jamais tinham visto falar ou conheciam alguém que a tivesse encontrado ou que estava rico em razão dela.

Uma das curiosidades nestes filmes, além de toda a indumentária e da criatividade para o desenrolar das cenas, foi o uso de um gravador



portátil que reproduzia na hora as músicas escolhidas para a filmagem. Conta-se que numa dessas aventuras acabou faltando pilhas e as gravações tiveram de ser interrompidas por um certo tempo até que alguém fosse até a cidade providenciar mais alguns pares da energizada. Este deve ter sido o um dos primeiros investimentos feitos pela trupe.

Ainda com a câmera do Valério Pasczuk e usando o mesmo velho gravador para reproduzir as músicas escolhidas, foram feitas outras filmagens. Depois de uma, duas, três produções, as coisas iam ficando mais sérias e envolvia mais preparo e investimento. O sucesso também fez ser alcançado um público mais exigente. Era preciso caprichar mais, mas isso não era problema. O cenário eram os ambientes em que se vivia. Casas velhas, utensílios domésticos, roupas, ferramentas ... as roças e os roçados, os animais, os poteiros, os *paiós* abandonados, os moinhos d'água, as carroças, os riachos, o mato, enfim, tudo que se precisava para ambientalizar as cenas tinha. E o que não se tinha, conseguia-se facilmente com os diádios, as bapkas, os tios, os vizinhos. Um esforço a mais e se conseguiria até automóveis de época. Para dar impressão de realidade aos tiros bastava arranjar um pouco de pólvora e os efeitos especiais estavam garantidos. Atores não era problema. E ideias também. Podia ser que faltasse condições para se investir em equipamentos mais modernos e sofisticados, pois uma câmera só e o gravador a pilhas poderiam falhar, mas o que se tinha a disposição e a vontade sempre aumentada de se fazer, já tinha sido mais que suficiente.



Os filmes caseiros ganharem até capa especialmente produzida para a distribuição entre os amigos em 1995

Em outubro de 2011, foi lançado um curta metragem intitulado “O dom de Deus”, que conta a história do pintor rioazulense Antônio Petrek. O filme produzido pela empresária rioazulense Regina Maria Pegoraro, com apoio do projeto “Revelando os Brasis”, do Ministério da Cultura, teve a sua primeira exibição para o público rioazulense em um grande telão montado em frente à igreja matriz onde uma multidão de pessoas ocupou todos os espaços da praça e arredores, incluindo, as

escadarias da igreja. A história de vida de Antonio Petrek serviu para mostrar que era possível resgatar o passado e trazer à realidade através de um filme. Isso, somado aos filmes antes feitos por pura brincadeira (que sempre tinham dado certo e eram apreciados por todos), despertou mais forte em Romualdo a vontade de realizar algo mais grandioso. Nasceria assim a trilogia “No meu tempo era assim”. O que havia começado por brincadeira estava se tornando algo mais sério.

O senhor Miguel Kroim era acostumado a filmar inúmeros casamentos que aconteciam em Rio Azul e na região. E não somente casamento, mas todo tipo de festa, particular ou promovida pela Prefeitura, eram por ele filmados. Se especializou nisso logo que chegou a Rio Azul. Nesta altura já contava com o apoio de Josiane, uma de suas filhas, fotógrafa profissional, para editar as filmagens. Logo seus trabalhos começaram a ganhar mais qualidade e os Kroim acabaram investindo e se profissionalizando no ramo. Daí nasceu a empresa Multimídia Produções – Fotos e Filmagens.

Querendo trazer mais qualidade ao seu projeto, Romualdo, que conhecia o senhor Miguel Kroim procurou por ele para ajudar nas filmagens. Tão logo conheceu a intenção do amigo, o senhor Miguel topou ser seu parceiro na produção que sempre teve como proposta resgatar as lembranças da infância e adolescência dos pais e dos avós (polacos e ucranianos). Rio Azul tem na maioria de sua população descendentes destes povos. Poloneses e ucranianos aqui chegaram vindos, normalmente, fugindo dos sofrimentos da primeira e depois da segunda guerra mundiais, embora haja o registro da chegada deles antes destes eventos.

Entre os anos 1890 e 1914, perto de cem mil imigrantes poloneses aportaram no Brasil, sendo o estado do Paraná o que mais os recebeu. Cruz Machado, São Mateus e Rio Claro estavam entre as colônias mais importantes e numerosas. Isso explica o grande número de descendentes desta etnia em nosso município. Mais tarde, em razão, principalmente, da Segunda Guerra Mundial, outra leva de imigrantes poloneses chegou ao Brasil, especialmente em São Paulo, na sua maioria poloneses judeus fugindo do nazismo. Quando aqui chegaram os poloneses enfrentaram muitas dificuldades apesar do “incentivo” dado pelo governo brasileiro. Com seus descendentes não foi diferente. Era uma vida sofrida, de muito trabalho e empenho, principalmente na agricultura. Certamente por morarem nas colônias e não nas cidades, estes descendentes por muitos anos cultivaram os costumes e tradições dos antepassados, algo que, infelizmente, ao menos em nosso município, ficou perdido no tempo. É certo que isso se deve a vários fatores, mas entre eles, sim, o fato de em nossa comunidade nunca ter havido incentivo e apoio (a grupos folclóricos, por exemplo), tanto da população quanto das autoridades e entidades diversas (inclusive da comunidade religiosa), contribuiu para que esta tradição ficasse presa nas gerações anteriores. Tanto é verdadeira esta afirmação que era comum nas décadas de 1970 e 1980 entender como xingamento chamar alguém de polaco ou de polaca. As crianças e jovens desta mesma geração cresceram achando engraçado e, por que não, feio e desprezível, falar ou aprender a falar em polonês. Na escola ou na igreja se arrepiavam de vergonha quando tinham de fazer uma leitura onde apareciam palavras com dois “erres”. A culpa, portanto, não é de um só e aí ganha importância a trilogia “No meu tempo era assim” porque não somente resgata como também deixa

registrados em vídeo os costumes e modos de se viver de uma época que foi fundamental para a construção da história de nosso município que, do contrário, jamais seria conhecida pelos que estão por nascer. “Caroça”, “baranco”, “coreto”, “erado”, “tera”, “baril”, “baro”, “caretel”, “soriso” e tantas outras, aos poucos deixam de ser pronúncias vergonhosas e passam a ser motivo de orgulho de quem descende de pessoas laboriosas que lutaram muito para transformar a terra que os acolhera no passado e que hoje desfrutamos.

O PRIMEIRO FILME

Retratando os costumes e tradições das famílias de poloneses e de ucranianos que em Rio Azul viveram por volta das décadas de 1940 e 1950 o primeiro filme tem duração de duas horas. Começou a ser filmado em março de 2012 e foi lançado em 11 de janeiro de 2013, numa sala do pavilhão de festas da igreja Santa Terezinha, do Rito Ucraino Católico. Inicialmente para um pequeno grupo de pessoas, quase todas atores que participaram das filmagens e autoridades do município como o Prefeito da época, Silvio Paulo Girardi, e a Secretária Municipal de Cultura, Sandra Romanhuk Nós, que apoiaram o projeto e depois o classificaram como um importante documentário para a cidade.

Para o lançamento desta primeira produção, foram colocados vários bancos para a plateia a fim de que todos os presentes ficassem devidamente sentados. O Romualdo conta que, mesmo assim, havia ficado meio desconfiado com a receptividade que o resultado final teria, pois afinal, para idosos e crianças e para pais com crianças ficarem duas horas sentados num banco de madeira assistindo, poderia ser sacrificante. Alguns poderiam cansar, desagradar-se e, por tantos outros motivos, abandonar e simplesmente ir embora. Tal qual foi sua surpresa e dos demais organizadores do evento ao perceberem que ao final destas duas horas um sequer levantou-se. E ainda mais, todos, emocionados e contagiados por uma alegria e satisfação incomuns, em pé aplaudiram a apresentação que tinham acabado de ver. Tanto o Romualdo, por sua iniciativa, quanto os Kroim, pela edição e montagem final da história, foram muito cumprimentados e elogiados por todos.

Neste primeiro filme foram investidas perto de vinte horas de gravações em locações distribuídas por diversas propriedades em comunidades do interior de Rio Azul e de Mallet. Aproximadamente sessenta pessoas participaram das filmagens, entre figurantes e protagonistas. Não havia diálogos escritos, apenas uma ideia central de história foi transferida para o papel e, partir disso, as cenas foram sendo gravadas. Os protagonistas eram orientados, discutia-se o tema da conversa, as sequências, as posições de cada um e assim a cena era gravada até que ficasse do jeito que todos concordassem estava bom.

O roteiro seguido mostra o cotidiano das famílias desde o acordar até o preparo do chimarrão e do café da manhã, a ordenha das vacas, o triturar das sementes de milho, as atividades na lavoura, no trato com os animais, o manuseio de ferramentas, os serviços de moagem de grãos, etc. Há também a preocupação de mostrar uma tradicional família providenciando casar sua filha mais velha. Neste enredo fica

destacado o valor da boa vizinhança, o respeito pelos vizinhos, como cumprimentar as pessoas e o respeito dos mais novos para com os mais velhos; o trato dos pais da noiva com os pais do noivo, os convites para o casório distribuídos de forma oral, o namoro durante o noivado, enfim, como os noivos iam se conhecendo aos poucos e como as famílias iam tratando da festa. Ponto de destaque também a religiosidade das pessoas, as tradições a serem observadas no encaminhamento do casamento, as aulas de catequese... Um bom exemplo de tradição secular visto neste filme é a importância que tinha a noiva, depois de casada, trocar a grinalda por um lenço que passaria a usar na cabeça no decorrer dos dias como sinal para a comunidade de que já era uma mulher de família. A festa de casamento que dá vida à parte final do filme é rica em detalhes e marcada pela presença do autor das músicas que foram utilizadas para compor a trilha sonora. A trilha sonora foi fundamental na narrativa porque as letras, todas compostas por Jaciel Bucco Martins, vinham perfeitamente ao encontro do que estava sendo contado.

Um detalhe importante observado na narrativa foi mostrar como as pessoas não tinham acesso facilitado aos tratamentos de saúde, tendo de confiar quase sempre na sabedoria e conhecimento de um benzedor ou benzeadeira. Importante lembrar que, naqueles tempos, a maioria das pessoas moravam no interior próximo às florestas e a fontes de água, sendo comum e necessária a companhia de animais de tração e de animais como cães, gatos, galinhas, porcos, gansos, patos e outros. Esses benzedores e curadores usavam a oração, ervas e chás medicinais em seus procedimentos para atender as necessidades das pessoas, fossem elas uma dor de dente, um corte qualquer ou uma simples dor de cabeça. Eram pessoas respeitadas nas colônias porque o tratamento de saúde pela medicina tradicional era pouco acessível e o governo não participava com políticas públicas de saúde à população.

Após o lançamento oficial, logo apareceram diversos representantes da imprensa regional para conhecer a aventura de Romualdo e Miguel. Queriam saber como fizeram algo tão simples que contagiou a todos de uma forma tão impressionante. Assim, acabaram dando entrevistas para a Rádio Thalento FM, que acompanhou a primeira exibição, bem como depois também para diversos jornais, revistas e até para a televisão. Repórteres da RPC TV de Guarapuava vieram especialmente a Rio Azul entrevistar os dois para falarem sobre o filme que haviam feito.

Tudo isso contribuiu ainda mais para que o filme fizesse ainda mais sucesso. Tanto, que as primeiras quarenta cópias não foram suficientes para atender a todos os interessados. Logo forma providenciadas mais e mais ao ponto de o Romualdo não saber informar ao certo quantas reproduções foram vendidas. Sabe-se, entretanto, que não apenas na região ou no estado o filme acabou sendo vendido, mas também para outros estados do Brasil e mesmo em outros países levados por pessoas que, tendo gostado tanto do que tinham visto, queriam logo levar para conhecimento de outros parentes e amigos.

O SEGUNDO FILME

Diante do sucesso alcançado pela primeira produção e sentindo que muita

coisa deixou de fazer parte do primeiro filme, Romualdo decidiu levar adiante as filmagens. Assim, nasceu o segundo filme da trilogia “No meu tempo era assim”. Foram mobilizadas perto de cento e oitenta pessoas e recebeu o apoio, além do pessoal da Multimídia Produções, também da Secretaria Municipal de Cultura, que tinha à frente a Professora Sandra Romanhuk Nós.

A temática deste segundo filme envolveu valorizar os pontos turísticos de Rio Azul como o Parque Municipal Ambiental Salto da Pedreira, o pico Marumbi, a Toca Funda (uma gruta na localidade de Cachoeira dos Paulistas), a Cachoeira Dusanoski (na propriedade do senhor André Dusanoski, em Marumbi dos Ribeiros), casarões antigos, o antigo campanário da Igreja Santa Terezinha e a Capela do Senhor Bom Jesus, que está localizada na comunidade de Cachoeira dos Paulistas. Essa capela tem valor sentimental e histórico para a comunidade. Dentre seus atrativos, o fato de que tem toda a sua parte interna (paredes e teto) pintadas pelo artista plástico rioazulense Antônio Petrek. Petrek ficou famoso em Rio Azul e na região, incluindo algumas cidades de Santa Catarina, por pintar quase uma centena de igrejas. Morto em 2011, teve seu talento reconhecido e foi tema de diversas reportagens, inclusive do programa “Fantástico”, da Rede Globo de Televisão e do programa “Meu Paraná” da RPCTV, afiliada da Rede Globo, entre outros. E não somente os pontos turísticos de Rio Azul mereceram destaque, pois no filme também podemos conferir a beleza de um antigo colégio construído em madeira ao lado da igreja matriz no Distrito de Rio Claro do Sul, em Mallet/Pr.

As atividades corriqueiras, a religiosidade, as crenças e tradições que eram mantidas pelas famílias de poloneses e de ucranianos novamente fizeram parte da temática deste novo filme que, surpreendentemente, deu uma guinada muito interessante para mostrar a tradição da “Dança de São Gonçalo”. Essa tradição, de origem campesina, teve forte presença na comunidade de Taquari e arredores, como aqui neste livro é revelado pelo Professor Ivan Gapinski.

Com quase quatro horas de duração, o enredo ainda mostra como era o rito da consagração de uma nova capela feita sempre por um Bispo, papel que coube ao Padre Silvano Surmacz, irmão do Romualdo, especialmente convidado para este fim. A lenda da panela de ouro é tema que ganha destaque também. Romualdo conta que isso se deu para mostrar que as famílias, por vários motivos, tinham muito medo de perder o dinheiro (moedas e joias) que haviam trazido ou herdado dos pais ou ainda conseguido a duras penas e que, por isso, era normal enterrarem estes tesouros a fim de preservá-los. Naturalmente que, com o passar dos anos, muitas destas histórias ganhavam tratamento de lenda, assim como a lenda do “boitatá” que era visto por aqueles eu se arriscavam a resgatar estes tesouros enterrados.

A questão do alcoolismo que muito afetou as famílias da época não deixou de ser lembrada, assim como as consequências, das quais a mais comum era a morte por doenças advindas do consumo exagerado de bebidas alcoólicas. Outro destaque são os carros antigos que aparecem em algumas cenas. Mas teve alegria também retratada no grande baile que teve por cenário a “Casa do Povo” em Rio Claro do Sul. Cenas engraçadas mostraram como eram importantes para a comunidade os serviços de rádio através dos avisos e comunicados que diariamente eram levados ao ar.

Muita música, novamente com a participação do senhor Jaciel Bucco Martins

e amigos, e uma animação sem igual marcam o encerramento da história sem esquecer do chimango, a hora em que tocava a música e eram as moças quem escolhiam o rapaz para dançar. Este, depois, em sinal de agradecimento e cavalheirismo retribuía a lembrança da moça pagando-lhe um doce ou uma gasosa.

Concluídas as gravações, o filme foi apresentado para a comunidade rioazulense em grande estilo. Em concorrido evento, às 19:30 horas do dia 23 de maio de 2014 mais de seiscentas pessoas foram assistir “No meu tempo era assim 2” no Martins Centro de Eventos. Novamente estiveram presentes representantes da imprensa local e regional.

Em razão do sucesso do primeiro filme, todos aguardavam ansiosos o que estava por vir nesta segunda gravação. E não somente pessoas de Rio Azul, mas também dos municípios vizinhos. Inicialmente foram feitas quinhentas cópias e como não foram suficientes, outras posteriormente foram necessárias.

O TERCEIRO E ÚLTIMO FILME

No dia 24 de março de 2017 aconteceu o lançamento do último filme da trilogia “No meu tempo era assim”. Produzido por Romualdo Surmacz, novamente contou com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura e da Prefeitura Municipal de Rio Azul, além de doações recebidas de diversas pessoas da comunidade. Foi produzido por Olé Propaganda e Publicidade, da cidade de Ponta Grossa/Pr e as gravações, que incluíram a participação de cento e noventa e seis pessoas, foram concluídas em setembro de 2016, ambientalizadas nas cidades de Rio Azul (comunidades de Invernada, Beira Linha e Água Quente dos Rosas), Imbituva, Mallet e União da Vitória e envolveu cerca de cento e cinquenta pessoas.

Com um total de trinta e cinco horas de gravações, esta terceira edição preocupou-se em mostrar um pouco da cultura local, além das danças e festas, como por exemplo a questão da erva mate, a Maria Fumaça, as pêsankas, a benção dos alimentos, etc. Na localidade de Invernada foi visitada a família de Oscar Matoso, com emocionante participação de seu pai, os quais ajudaram a construir as cenas de corte e manuseio da erva mate. No filme é mostrado como os galhos eram cortados com facões e foices e depois, no mesmo dia da colheita, como era feito o sapeco com os galhos e folhas passados rapidamente pelo fogo, para perderem um pouco de umidade e evitar a fermentação das folhas. O sapeco era importante porque o calor ajudava a fixar a cor e o aroma do produto. A fogueira era feita com lenha seca para não fazer muita fumaça e o trabalhador se protegia atrás de uma pilha de troncos. Em Rio Azul e região, eram bastante comuns os antigos barbaquás, estruturas de madeira onde ocorriam as etapas de secagem e de cancheamento (trituração dos ramos secos) da erva mate. Estas cenas do barbaquá, que mostram como era feita a erva mate antigamente contou com grande apoio da família Glus nas pessoas de José, Abel e Damásio.

A história da panela de ouro tem um capítulo final nesta última edição, mas claro que não vamos contar aqui para que o leitor possa se interessar ainda mais em assistir ao filme. A beleza das pêsankas (um ovo colorido a mão, de origem eslava

que simboliza a vida, a saúde e a prosperidade. Esta arte tradicional dos ucranianos, vem de alguns milhares de anos atrás, quando eles eram preparados para presentear as divindades no início da primavera) e da dança da Hailka trazem um colorido especial à história. A Hailka é muito interessante porque, além do teor religioso há a questão pessoal de cada dançarino que se envolve nos mistérios desta dança. Pela Páscoa, assim que terminavam as celebrações religiosas, acontecia nas comunidades ucranianas a Hailka, canções populares acompanhadas de coreografias, brincadeiras e danças da qual podiam participar somente os jovens e solteiros. Essa condição dava à Hailka uma importância crucial, pois ela constitui, além de momento de diversão esperado ao longo do ano, oportunidade para a formação de novos casais e para o conagraçamento entre os jovens de diferentes comunidades.

O grande trunfo deste filme, porém, além de novamente trazer às cenas alguns veículos antigos, é a marcante presença da Maria Fumaça. Como sabemos, o trem é personagem importantíssimo na história de Rio Azul. Nosso município começou a se desenvolver a partir da chegada da ferrovia no ano de 1902. Foram pelos trilhos do trem que exportávamos erva-mate, madeira, batatinha e tantas outras riquezas aqui produzidas. Foi com o trem que muitas pessoas puderam se deslocar para grandes centros com maior rapidez e foi com ele que chegaram até aqui os imigrantes e depois, mais tarde, muitos dos parentes que vinham visitar seus familiares aqui residentes, além dos caixeiros viajantes e de tantos outros personagens que ajudaram a construir nossa história. Com autorização especial foi possível gravar cenas com a utilização da Maria Fumaça em movimento na cidade de Porto União/SC. Romualdo e os atores escolhidos para estas cenas estiveram lá numa tarde de domingo onde foram muito bem recebidos pelos ferroviários Luiz Jorge Uliniki, Altamiro Lisboa e Antônio Xavier Paes, que se mostraram imensamente satisfeitos e felizes por terem sido escolhidos para fazer parte das gravações. A Estação de Porto União é muito bonita a ponto de ser considerada por muitos, uma verdadeira obra de arte. Construída em 1942 para servir aos Estados de Santa Catarina e Paraná, constitui-se de dois corpos iguais, um em Porto União e outro em União da Vitória, ligados de modo a formar uma grande abóboda em arco, atualmente tombada como patrimônio histórico nos dois Estados.

O *gran finale* ficou reservado para outro ponto turístico importante de nossa região: a Igreja do Arcanjo Miguel localizada na comunidade de Serra do Tigre, no Distrito de Dorizon, Município de Mallet. É patrimônio histórico tombado pelo estado. A sua construção data de 1897-1901 por imigrantes da Ucrânia e reflete a origem étnica de seus idealizadores e construtores, tem sido mantido em boas condições de conservação pela população local. Seus construtores utilizaram a técnica construtiva de troncos de pinheiro superpostos e encaixados para erguimento das paredes. Recoberta por telhas de “tabuinhas”, constitui-se em um dos raros exemplares de edificação religiosa a adotar a técnica construtiva de paredes de troncos, sistema utilizado somente pela primeira geração de imigrantes ucranianos e poloneses. Há uma réplica desta construção no Parque Tingui, em Curitiba/Pr.

As cenas finais são de muita religiosidade e alegria. A mesma que os descendentes de ucranianos até hoje cultivam em suas comunidades. O ponto alto da celebração é a benção da Páscoa ou da Cesta de Páscoa, que também ocorre na Igreja

Católica Latina. É um dos pontos altos das celebrações entre os ucranianos. A cesta de Páscoa é igual para latinos e ucranianos, mas os ucranianos colocam muito mais itens dentro dela. Um deles é essencial: a Paská, um pão especial, preparado com levedura doce, rico em ovos e manteiga, decorado com uma trança de massa e uma cruz no centro, que lembra a Paixão de Cristo. Na cesta vai também a pêsanka, que foi preparada na Páscoa e que simboliza a vida nova. Vai ainda o pão doce, a babka, sal, manteiga e requeijão, entre outras delícias típicas. A cesta abençoada é para o café da manhã, mas na verdade, acaba se tornando um grande banquete. E foi o que aconteceu!

Em 2017, no dia 24 de março, quando foi lançado no Martins Centro de Eventos, o filme recebeu mais de mil expectadores que a pedido dos organizadores, contribuíram também para que fossem arrecadados mais de mil quilos de alimentos depois doados a instituições de assistência. A imprensa, desta vez em maior número de representantes fez-se novamente presente. E, claro, não precisa mais falar o quanto fez sucesso. Quantas cópias de DVDs foram vendidas? Não se sabe ao certo. O que sabemos é que quem viu gostou tanto que ajudou a multiplicar estas cópias por inúmeras vezes.

Tanto sucesso desta trilogia idealizada pro Romualdo Surmacz fez o município de Rio Azul aparecer na mídia como nunca. Depois da história do Petrek não tinha aparecido tanto. Ao menos por motivos tão nobres. Jornais, revistas, rádio e TV falaram do filme (e de Rio Azul) e certamente ainda lembrarão muitas vezes porque se trata de uma obra tão importante para a comunidade que, sem dúvidas, daqui alguns anos estará sendo utilizada por todos que queiram mostrar aos mais novos como era a vida e os costumes de parte desta gente que muito batalhou para ajudar a construir a história de Rio Azul.

Em reconhecimento ao trabalho desenvolvido e por ter tido como consequência a elevação do nome de Rio Azul a patamares poucas vezes visto, fazendo-o conhecido no Brasil todo e até no exterior, por iniciativa do Vereador Sérgio Mazur, com o apoio de todos os demais vereadores, foi aprovada a Lei nº 860/2017, sancionada em 30 de junho de 2017 pelo prefeito Rodrigo Skalicz Solda, que concede ao senhor Romualdo Surmacz o honroso título de Cidadão Benemérito de Rio Azul.

A EFEMÉRIDE DOS PARALELEPÍPEDOS

Rio Azul, um enigma passado, um horizonte desafiante

Teobaldo Mesquita, pensador inato e em busca da exatidão impossível, afligido em alma, e contumaz na crítica acompanhada de arrependimentos. Na eterna observação do amor, dos sofrimentos e dos lapsos da existência humana, escreve a angústia nas mais suaves horas da manhã, especialmente em dias de calor. 54 anos de idade, Servidor Público, ex-caixeiro viajante e bancário.

“Agradeço a lembrança e o convite da parte do Sr Jose Augusto Gueltes, e do Presidente da Câmara, Edson Paulo Klemba.”

Talvez eles não nos olhem como olhávamos interrogativamente os nossos pais e avós, e mesmo a sua juvenil revolta seja mesmo bem diferente da nossa, quando éramos levados a querer o que não tínhamos, mas que alguns possuíam. Quando muito era de fato bastante difícil. Não nos comparávamos em selfies instantâneas, os vestidos eram medidos no baile de Aleluia. E bem menos era incômodo, senão nula a alusão, à falta de democracia nas nossas vidas, no país do café, do aço, do petróleo, e já das imensidões de lavouras que os sulistas começavam no Mato Grosso, indo e chegando ao Amazonas. Ao Amazonas. Tudo aconteceu ao mesmo tempo, em todos os cantos do país, e até mesmo do mundo, afinal caíra o Muro de Berlim, e assistíamos aqui a uma passeata, uma carreata, coisa inimaginável, e que levava anseios e busca de direitos dos fumicultores por melhores preços. Neste tempo, este que escreve, década de 1980, trabalhava na empresa bancária Banestado.

Talvez eles, os nossos filhos, nos olhem também diferentemente de como olhávamos para os nossos pais, porque enquanto eu escrevo, no curso do movimento contínuo da vida, eles nos provam, sem nos reprovar, que é possível numa mesma garagem caberem dois automóveis e uma motocicleta, ainda que com meia porta fechada. E riem, sem que seja de uma dentadura deformada, mas porque ficou mais fácil chorar e rir. Eles também choram por não termos mais o Clube Operário, que caiu, antagonicamente que seja, quase ao mesmo tempo, -um pouco mais tarde, quando do abraço das duas Alemanhas, na queda do muro de Berlim. A guerra que esteve nos vários mapas, e outras ainda que causaram devastação, miséria e fome na Europa, trazendo nossos avós e bisavós, e ainda tetravós para cá, nos pôs, depois de tanto tempo passado e gerações sofridas, num mapa rodoviário e político, não somente em 1918, mas também em 1994, quando o Estado do Paraná assumiu este trecho da Transbrasiliana, que tantos filhos da nossa gente já levou. E já levou muitos.

A insensatez pode nos fazer comuns e iguais, e às vezes até me convenço disso. Mas somos diferentes, mesmo professando fé, fé em qualquer coisa que pareça igual, e que é a prova definitiva que somos diferentes. Havia tanta ignorância, na acepção da palavra, tanta brutalidade e tanta inocência de tribunal paterno, que a propensão à força era um diferencial. Episódios, tempos de episódios escusos e obscuros, tantas almas ansiosas, rompimentos, bênçãos fingidas, premonições desprevenidas. Kafka coraria. Nós também, mas de vergonha, da estupidez de uma natureza não só bruta, mas impotente ante o império do confessorário e da falsidade que tanto mal noz fez e ainda faz. Morrer ainda seria um heroísmo. Bem desgostoso por sinal. Muitos morreram para sempre.

As namoradinhas do XIV, as meninas mais lindas, também sabiam que casar era a melhor herança do bom mocismo, do encaminhamento das resoluções pessoais, coisa inimaginável nos dias de hoje. Casar era a opção da maioria, nenhuma diversão encerrava-se em si própria, e era para garantir, não a honra de séculos atrás, mas de prosperidade, de prescindir da tanta abundancia de filhos, mas garantir sobriamente aquilo que o decanto do amor não resolve nas alcovas. As taxas de natalidade já mostravam números completamente distintos de décadas passadas,

quando havia a aberração de mulheres que, inevitavelmente carregavam o peso da criação e educação de 8, 10 filhos. E a renda do tabaco aumentava, era uma realidade. Elas, as mocinhas, e todos nós outros, vimo-nos sob o olhar de autoridades da república ulyssiana, de uma nova partição de dinheiros públicos. O regime militar já era coisa do passado, e casar em maio era sagrado e profano, porque era interessante. Por interessante, profano. Deu-se o tiroteio naquela igreja, deu-se que novas casas bancárias se instalaram em Rio Azul, deu-se que o padre João adoecera, e deu-se como regra geral que em nosso Estado não havia acontecido aquela maciça migração que inchou as grandes capitais de outros estados. E assim éramos vistos maldosamente, -opinião minha-, como índios espalhados por matas, mas não, já havia potentes cooperativas e já não havia mais selva fechada no Oeste do Paraná. Os ventos devastadores vieram depois, logo depois.

As namoradinhas do XIV, que viram o fim da União Soviética no final da década de 1980 ainda tinham o Clube Operário, que puseram ao chão um pouco mais tarde, mas a maioria delas frequentava o XIV, que não existe mais, o que foi muito lamentado por aquela geração à qual pertenci. Não foi decadente, mas perto disso, o fim...o fim do XIV e do Cine Rio Azul, o Cinema, depois de outro triste acontecimento num bar em frente, onde quem não tombou, gritou e até mesmo entalou na fuga pela janela lateral. Hilário, num panorama triste, e bem em frente também ao pipoqueiro que tinha seu lugar sem demarcação como vaga exclusiva, mas que era como se fosse. Poderia ser vaga de idoso, ou vaga de carga e descarga, como eram descarregados alguns exagerados no cinema, pela própria polícia. Talvez sob o enigmático e indecifrável, e mesmo indiferente olhar do Cesar Wouk. Se não fosse isso e assim, não haveria o que dizer. Se não fossem os filmes bíblicos, de bang bang, de artes marciais, ninguém diria naquele tempo que havia uma contenda nas noites de domingo, entre o responsável pelo cinema e o padre da missa noturna. E jamais alguém diria que fora em frente ao cinema que havia acontecido aquele crime, aquela briga, aquela morte.

Mas precisamos avançar nas toneladas de tabaco, precisamos vencer as décadas profícuas, que serão reclamadas, certamente, para que cheguemos mais próximo da expansão imobiliária, da sinaleira da Barão, do basquete da rodoviária, e do inventário de igrejas em nossa cidade. Em nosso Município, melhor dizendo. Chegaremos aos poucos onde nos encontramos.

Das lindas mocinhas do XIV depreendeu-se durante muito tempo, que então fizemos todos o que era possível por nós mesmos. Servimos uísque nas mesas, aos aristocratas, nos esforçamos em turma por levar agradáveis e bons momentos, não só aos boêmios. Aquela mocinha.....houve ainda aquela mocinha que pediu licença para dançar e depois pedir casamento.

Todos tratavam de um contrato com adendo de benção, remetido a séculos de um bom trato, de uma boa troca de dotes, de um bom planejamento, e da oferta de filhinhos aos falsos e inúteis preceptores. Inúteis como consequência de si próprios; não posso culpar ninguém. Somos contumazes em transferir responsabilidades. Hoje menos, talvez. A fila não andava tão depressa, os ritos não eram prescindíveis. Mas menti, a fila andava sim. Estou bem no

meio de uma tarefa traumática, admito, e o leitor precisa considerar que muito do que digo é verdade, sem se precisar concordar. Com prosperidade ou menos que isso, elas, as mocinhas sempre foram encantadoras, mesmo que debaixo de algumas críticas do escritor, que viu o céu da beleza polaca, não daqui, mas também daqui. E assim foi, sem que passasse imperceptível a sensualidade espontânea, aquela que não dependerá jamais da insinuação, -das mocinhas do interior, das brejeiras, jamais menos lindas e interessantes, ainda que entre todas, devotadas ao seu tempo e costumes, precisavam dissimular a pior das aparências de que é capaz o ser humano. Aquela que redundava em orgulho e traição, aquela que engana as mentes mais férteis na análise do comportamento da espécie. Haveremos de falar mais sobre algo dessa natureza de observação, quando pende de forma pesada para aquele que escreve, a lembrança pertinentemente da tristeza dois bailes do XIV ?

Tratamos as mocinhas, aqui, e destarte, no ensaio, da forma mais carinhosa, muito longe de tomarmos o título de trocistas. Hoje mesmo, no dia em que escrevemos, viu-se, este, tomado de emoção, sem relação qualquer com o texto, mas por enternecimento, na primeira caminhada do dia, cruzando com uma senhora que conduzia duas crianças. Não pretendemos nos perder em conjecturas de característica psicológica ao tempo referido, que ainda capengava do conhecimento genérico e amplo dos dias de hoje. E já pedindo perdão, quando pouco sabíamos ou mesmo que ainda de muito pouco sabemos de Mata Hari (Mata Hari ?) e Lou Salomé, a revolucionária da liberdade da mulher do século XIX...e liberdade no mais amplo sentido da palavra. Mas nossas mães, tias, madrinhas e amigas eram tão feministas quanto femininas. Nós, entre homens e mulheres, não distinguíamos este caráter de sublimação, da transformação invisível daquelas dotadas mulheres.

Talvez, -já não mais que talvez, -eles-, os nossos filhos, em meio ao próspero tempo sequente, bem próximos de nós todos, quando a nossa cidade já possuía bairros como a Cristo Rei e Vila Diva, e ninguém lembrava da mais feliz memória da geração dos outros, com nomes como o da professora Ivete Padilha Estival, e quando os números apontavam crescimento de renda comparada entre as décadas de 1970 e 2010, de um mil para treze mil dólares ao ano, também já não tínhamos mais a Casa Choma, as casas comerciais da família Pallu, de Raul e Sylvio Pallu e de Orestes Pallu, e ainda da família Burko. E como não lembrar da casa comercial de Felipe Murad. A precisão é bastante difícil, a constatação era imediata, penso, do quanto e grande era a frota das linhas dos carros Corcel II, Belina e Del Rey, na década de 1980, e de quanto menos carroças se viam pela cidade, que se livrava da sujeira dos cavalos. As missas das dez da manhã dos domingos já não eram rezadas em polonês, e havia entre a nossa e a geração dos nossos filhos, uma geração intermediária, que imagino todos tenham a mesma dificuldade em encontrar e identificar. Posso a despeito da ignorância estar cometendo um erro, um engano.

Se a renda é produto de mais trabalho ou de uma ótima aplicação de capital, urge, mais do que singelamente, e o mais simples possível, pisar em um terreno diferente, quando hábitos acabam ficando para trás, dando espaço a modismos e ao crescimento da tecnologia. Mas chegaremos lá. Trataremos disso adiante.

Dos paralelepípedos das ruas centrais, sempre foi possível recolher impressões emocionais. Os desenhos das pedras sempre favoreceram uma distração mental, esquadrejando e lateralizando as dúvidas, que todos por fim sempre damos por resolvidas em algum momento das nossas vidas. Estando entre todos, nestes períodos de mais de vinte anos, trinta, porque não, intriguei-me em concluir aquilo que eu buscava num todo de um coletivo, mas que poderia estar em mim, comigo mesmo. Jamais me convenci, mas passei a me preocupar menos, deixando isso envelhecer. Talvez eu volte a este tema, porque sempre tive lembranças do vai e vem de muitas pessoas com o olhar ao chão, indo ao bar da dona Amélia, esquadrinhando as bolas de bilhar nos paralelepípedos, bebendo-as mais tarde no bar do Pachinski, ou antes disso, indo ao mercado Trento, ou ainda subindo rumo à igreja, pecar menos, dividir menos que as frestas das pedras.

Aquele tempo transformou a vida de muitas pessoas, já década de 1990. Tínhamos mais de 20 anos de idade, a minha geração, e nascia outra nova geração, e nossos pais estavam no auge da produção. Mesmo sendo detestável ao gosto de algumas pessoas, não se foge deste termo. Produção. Desde quando alargaram as principais estradas rurais, desde a década de 1970, abrir caminhos em meio ao Plano Real mudava o curso de acontecimentos no entorno de muitas pessoas, de muitas famílias. A maldita paridade do dólar, a fórceps, garantia a eleição dos que foram oposição ao regime de 1964, desgraçando a vida de alguns que apostaram num novo Brasil. Mas outros conseguiram sucesso, mesmo assim, com o esteio da inflação baixa.

Eles vivem até hoje, já governaram o país, e tramam ainda nos bastidores da República. Não foram, no entanto, pedra de obstrução nas querelas menores e tão significativas da pessoalidade de cada um de nós. Elas, as mocinhas do XIV, casaram, amizades foram esfriadas, primeiras manchas de piche apareceram, piche chique cbuq, grandes colheitadeiras chamavam a atenção, pessoas do Rio Grande e de Santa Catarina, na maioria de gente italiana e alemã, vieram buscar a sorte e o trabalho, e os nossos costumes polacos e ucranianos, que ainda habitam a lembrança de muita gente, perdia, com exceção de ritos religiosos culturais, a repetição e sua pouco conhecida significância e identidade.

O mutirão da vida, o seu movimento contínuo seguia cursos os mais diversos, mas nas festas de igrejas do interior, agora já sem tiroteios, tardes todas se perdiam com senhoras emparelhadas em bancos de madeira, botequins repletos de sonhos e doces, e também de doces sonhos, enquanto o escândalo para as pessoas mais idosas e pudicas era o beijo extremamente amassado dos namoradinhos. Naturais.

Era o auge da tv Globo, das novelas, os carros, (ainda corcéis II), possuíam equipamentos de som, o ar patriarcal dos padres ainda existia, e creiam pacientes leitores, existia também os chamados inspetores de quarteirão.

Não se via, então, um palmo sequer de sabedoria que superasse a de preceptores, educadores e religiosos, que viviam o início de uma perda substancial, até mesmo do que não lhes pertencia. Havia, na verdade, mas ainda não poderia haver. Havia Petrek, havia e há Laercio Soares, hoje. Havia e ainda há bandas de rock de garagem, já havia a rebeldia no seu mais puro embrião. Quem pensou em Petrek, jamais imaginou a contrariedade, a introversão louca do revés da vida, da agressão, da transgressão. Quem escreve conheceu esta

realidade. Talvez tenha chegado o momento de tocar na ferida, na velha ferida da nulidade, questão que arrastei comigo por muito tempo. Talvez eu reflita por dez minutos e deixe para mais adiante. É tentador, porque os paralelepípedos tem uma relação, e já falei deles, de suas frestas, de seus caminhos, e me coube não voltar ao tempo, proposta deste projeto, bem quando neste momento lembro do pátio da estação de trem, no mais largo espaço vazio e ocupado por vegetação, ocasião para um ladrão de corações, e para decorações de mãos e mais mãos. Deixemos as decorações fantasiosas, intimistas, temos que seguir a proposição.

E já não eram os nossos filhos, próximos dos anos 2000, entregues aos preceptores, à despeito do desleixo de mães e pais que se garantissem nas escolas e nas igrejas, e já havia quem procurasse cursos melhores fora daqui, como havia senhoritas e moços vindos do interior, e morando na cidade, fruto da difícil partilha de áreas rurais pequenas, fruto de alguma vocação, fruto de liberdade, de desapego necessário, concursos públicos, início de jornadas, vagas na empresa Schreiber e na Rio Claro, sem que importassem as novas residências de alvenaria dos pais, rodeadas de açudes de criação de peixe, estufas de tabaco, garagens lotadas. Como os profetas, o destino era desprender-se, já não casar mais na casa do papai e da mamãe. E com novos costumes, este pequeno fenômeno, aliado àquele de muitas pessoas que vieram morar na capital do fumo, e até bem a propósito do fumo, pessoas de outras cidades, tema que concluímos parcialmente aqui, a investigar de modo de impressão mais adiante em nossa aventura que segue. Não nos cabe, sob exagero, avaliar aqui as mudanças contextuais do que acima foi escrito, pois será necessário nos limitarmos ao crescimento da economia local, dos arranjos da parte das pessoas e suas famílias, de seus anseios, sem que sejamos interrogativos e críticos, pois desde então, será preciso observar planilhas de valores, estatísticas, para depois, acomodadas as situações e suas consequências, deixar repousar, repito, sem exageros, a impressão mais real possível.

Não seria isso uma saga, mas um movimento dentro de muitos movimentos que viriam a acentuar-se no próximo futuro, anos 2010, de modo que assim foi, sem que alguém pudesse conter, sem que isso pudesse desfigurar a vocação camponesa da nossa gente, nas mais longínquas moradas aparelhadas de antenas parabólicas, de novas contagens de rendas, de novas aquisições de máquinas, de novas exigências de aumento de plantio e produção, à despeito, bem à despeito da independência daqueles que jamais se submeteram à assistência, e fizeram, fosse por empreendedorismo ou empiricamente, a promoção agrícola de produtos mais nobres, se cabe este rótulo, em áreas um pouco maiores, para o milho e para o soja. Foi neste tempo que se soube que, à parte do que claudico chamar de evolução, ainda prosperavam os casamentos de jovens casais, a chegada livre das separações de casamentos, da exposição destas vísceras, mais comuns no ambiente urbano. Já inseridos no mundo virtual, e longe de seus preceptores, engatinhavam como que com vida própria, em alguns casos, arranjada. Bem neste ponto caberia avaliar a junção que pareceu não ter havido, de iniciativas educativas e encaminhadoras, da família, dos amigos, do poder público... afinal a verve ousada presente busca reconhecer o pós modernismo

e a pós verdade, no viés que constatamos de liberdade com ausência, mas pior, sem que conhecêssemos a nossa própria identidade passada, porque muito da vida se constrói com base do passado. Juntaremos tudo isso, em forma de conclusão, sem deixar as bandas de rock, e algumas comemoradas ilhas de iniciativas, que a rigor, segundo julgo, sem merecer, é certo, precisaram e ainda hoje precisam de desmedido esforço, porque a força contrária, que é o seio do que antes dei a entender, deva ser considerado e esmiuçado, talvez ao final deste modesto trabalho.

Lamento, mas me conformo em pedir ao leitor as escusas por recorrentes menções, que parecem me levar ao passado, ao passado de todos nós, de quase todos, porque o interstício de tempo de três décadas é um tempo muito próximo entre as mesmas, se levarmos em conta um centenário. E jamais o que trago aqui, para a apreciação crítica que proponho, não tem nem para mim e nem para os senhores, base científica de pesquisas.

Nunca fomos um centro referencial intelectual ou abrangente, no sentido social de produção, e mesmo que o espectro histórico das nossas vidas pareça limitado e não é-, peço não esperem a lembrança de fatos e de pessoas que fizeram e ainda fazem a nossa história, mais ainda quando se propôs um olhar, uma impressão, o que torna lúdico o trabalho, mas confesso, carregado de extrema responsabilidade.

Enquanto segui e ainda segue a vida das gerações do mais contemporâneo Rio Azul, vivemos junto de pessoas populares, pelo seu jeito de ser, cujas explicações nem sempre buscamos saber, e que existem em qualquer lugar. O Zé (Iuschko), o Eliseu, o Barra Limpa para os mais antigos, e Zeca Pinto, o vulgo bastião cegonha, Sebastião Roberto da Silva, mas a esmagadora maioria de nós os conhece ou os conheceu durante o dia. Sem que jamais soubéssemos como se deram elas nas noites e madrugadas de verão e de inverno.

Já sem os cursos de Técnico em Contabilidade e Magistério, o que orgulhava a muitos, buscou-se crescentemente o acesso às universidades, num período em que havia vagas de emprego, muito por conta de pequenos empreendedores, como ainda das grandes empresas que já citamos. Raiavam os anos 2000, as alterações políticas locais, tanto no campo da disputa como no das conquistas que valessem a riqueza numérica e estatística, ajudou sobremaneira, igualmente, a vida de algumas pessoas, o que não abarca sempre toda uma sociedade. A esse respeito, cabe-nos frisar que políticas de atuação e de conceito, e com quanto menos viés ideológico se mostrarem, mais difícil parecem ser enxergadas pela maioria da população. Quando todos querem a presença do poder público em suas vidas, até o limiar de suas residências, e porque não lá dentro mesmo, menor será o resultado macro e o foco que deve ser dispendido em prol do futuro de um coletivo maior, que ainda assim não será o todo.

Quando da invasão francesa de Napoleão à Rússia, aludida na primorosa obra *Guerra e Paz*, de Leão Tolstói, o comemorado escritor entrou para o rol daqueles que abordaram o movimento contínuo da vida, conseqüente de uma só ação de uma só pessoa, ou ainda de um pequeno, mais influente grupo de pessoas. Os incêndios em Moscou, à época, o recuo dos russos residentes na maior cidade daquele país continental, promoveu o fracasso de Napoleão e a morte de centenas de

soldados por ele comandados. Não o fora por acaso, como ainda houve a cogitação do tédio de Napoleão.

Teríamos, assim, então, sido brutos e selvagens, desconfiados e crentes no obscurantismo das crenças populares e de cunho cultural, por acontecimento do movimento da vida. Teríamos também sido assim, pacatos, disciplinados e trabalhadores, de fácil manejo e condução por este movimento ? Por que não há semelhança em nosso país com relação a ação de povos de origem europeia em diferentes regiões ? Ou há... Mas não nos cabe tão somente aqui elencar dúvidas em nossas mentes a nosso próprio respeito, quando fomos e somos vitoriosos, não importando se se copiando faz-se bem, ou até melhor. E é assim.

Se se vende nos dias de hoje mais de dez mil litros de leite ao dia, deixamos por acaso de sermos originais ?

Percebe aquele atento ao texto que mostro não propositalmente a ideia de abordar um "que" frustrante que exponha as nossas almas ao ridículo, pois pode ser, e afirmo ao correr, deixando esperar o momento adequado, de forma a passar quase despercebido. Este movimento contínuo da vida parece muitas vezes ser obra do acaso. Mas não. As igrejas nos desmentem. Os influenciadores nos desmentem. As ideias trelouçadas revolucionárias partilhadas entre risos e bebidas nos desmentem. As ações públicas bem aplicadas nos desmentem. Até mesmo as boas mentiras em rodas interessantes nos desmentem. Um discurso só, político ou ideológico, filosófico ou empírico, nos desmentem. São Joao Maria nos desmente. Não, acho que não, Joao Maria não.

Todo o termômetro esquenta ou esfria por ação externa. Penso que o que vimos nos últimos quarenta anos em Rio Azul, vem também da ação das pessoas, sem que estas combinassem entre si quaisquer ações. Seria de todo uma obra ridícula da natureza se caminhássemos para um horizonte igual. Não estou desfazendo a ideia deste movimento contínuo da vida. Preciso ater-me ao proposto de aqui assentar.

Curioso, muito curioso deverá ser a nós a ação de pessoas, em reflexão ao que discorro, que já cansaram de viver a maneira antiga, dos lugares de onde vieram até nós, por conveniência e mesmo necessidade de trabalho aqui, enfrentando a aura obscura, o muro de obstáculo, com a qual tanto me incomodo, por falha minha, talvez, posso admitir, mas que jamais sossegou de todo. A estes não nascidos aqui sob a benção de Joao Maria, enfrentada a resistência da maléfica disciplina, de um refúgio forçado e talvez cheio de gozo dos nossos, fizeram organizar-se entre eles mesmos, conquistando contemporâneos nativos, para viver em sociedade, sem Clube XIV, em clubinhos, coisa repulsiva por muitos de nós. Admitamos, por favor admitamos.

Nossa riqueza anual beira os 500 milhões de reais, e 52% dela vem do campo, vem do tabaco, da soja, do milho, das culturas de inverno, das frutas, do leite, da madeira. Há 15 anos atrás a nossa riqueza produzida representava 67 milhões de reais. Era o ano de 2002. Somos o 106º Município no Ranking da Produção de Riqueza e Renda, dentro do Estado. Se comparados aos vizinhos, nada devemos, mas com

a moeda americana superior a 3,00 a unidade, a nossa renda estagnou em cerca de 10 mil dólares. Mas ainda assim a nossa renda per capita fica acima da média da região do nosso Município. Mantemo-nos com 15 mil habitantes, dos quais pouco mais de 9 mil residem na zona rural. E quando nos apresentamos junto aos entes Estado e União, isso tem sido um enorme diferencial. A fixação do homem camponês na zona rural é comemorada. Bem por isso, e bem mais, as administrações públicas voltam-se com grande atenção a este meio, com preocupações que não ficam restritas às estradas, que por sua vez sofrem com excedentes de chuvas ano, em mais de 500 milímetros. Saúde, Educação e Saneamento estão e estarão sempre na pauta.

Trazer esta pequena amostragem deve servir de orgulho, mas jamais deverá preencher os nossos déficits, as nossas carências. Teremos um povo mais próspero quando os coletivos manifestarem-se, quando as ilhas de conhecimento e produção artística e lúdica ganharem apoio do poder público, por exemplo, porque teremos que lamentar, -lamentam estes também-, que haja poderes que representam a apropriação do pensamento alheio.

Pode?

Poderes públicos em geral, políticos e religiosos, especialmente. Não pode.

Serão os nossos, livres acorrentados para sempre ?

Eles estão aí, mas há muito por se fazer. Vos escrevo lembrando neste momento, quando de algumas publicações de minha autoria em um jornal de Irati, quando foi preciso afirmar e reafirmar que tínhamos, então, a eles, poetas e profetas calados e trancafiados em casa. Repito: estavam eles, poetas e profetas, em suas casas, albergados, como sempre se deu no passado das nossas vidas e na de nossos antepassados. Eu não mentia, jamais inventava. Era isso. Pulula em mim, também isso ainda, como parte do que antes mencionei do nosso grande trauma a ser identificado e curado.

Eles e elas existem, estão espalhados, como a Carine Nietzsche, o quanto já fez o Talbiam Przybysz. Eles podem multiplicar-se não só em arte, mas muito em sabedoria. Eles querem e podem romper o lugar comum da pachorra, do velho caldo de cultura e pantomima velha, falsa e danosa, a pantomima que ainda esconde a verdade que nada mais é que a verdade, que é o expor-se, belo e feio, rude e delicado, deles para nós, variando os vértices do mapa, multiplicando doses de amor, rompendo malditos silêncios.

Quantos foram os que pisaram em ovos, quantos foram eles os rebeldes de causa perdida, de joelhos de penitência diante da falsidade e da hipocrisia, representando a farsa do moralmente correto, indo e vindo de cabeças abaixadas. Isso é dostoiévskiano, e se preciso for, será isso tolstoiano, pois então renasça um novo deus, uma nova forma, porque quanto conteúdo se foi e se desperdiça pelas vidraças a roldão. Eles já são o nosso tempo, em meio ao tabaco, urge uma cidade urbana e rural em música, em cravejadas e forjadas formas de manifestação e arte, fazendo assim por consequência surgirem homens da palavra, da palavra do compromisso, homens da sensibilidade não estética, mas do moral social, tanto que se carece disso. Os homens, na acepção do gênero humano, homens e mulheres, são aguardados para este novo tempo, este tempo de Centenário produtor e reproduzidor do fracasso que deve ficar depositado no passado, dando vez ao tempo da não daninha esper-

teza, mas da justiça que transforme uma pequena sala de 30 metros quadrados, na solução dos males físicos e psicológicos, tão possível pela inteligência humana, pelo bom interesse de não contar e apontar pessoas como as filas do holocausto. E buscando homens e mulheres para programas verdadeiros e intensos, que inundem as vidas das pessoas em bem menos que em cento e cinquenta e três metros quadrados, podendo assim mostrar o grão da terra, o chão da terra, a fonte do que mal comemos e mal bebemos. O interesse é uma dádiva que não precisa nascer no peito deles, os nossos, -é possível que o homem da honra os ensine. Não é impossível curar a alma, fonte da vida, difícil mesmo é construir paredes e apaniguar não vocacionados, arregimentar quem muitas vezes fica em desfavor do ser humano.

Devo aqui citar a pessoa de Paulo Cesar Chauszcz. Este me disse certa vez que eles, os homens da cura, da providencia, da educação, do cuidar de nós todos, careciam bem mais investimentos que os edifícios que não se curam a si mesmos, que em muitas vezes deterioram-se, até mesmo sem a ação da natureza, até pela maldade humana.

Um novo deus, sob a perspectiva de Tolstoi não substitui o imaginário, tampouco a fé misteriosa. Tolstoi, proprietário russo, contrariado com a igreja ortodoxa trajetou a sua alma na exposição de seus personagens os mais liberais imagináveis no século XIX daquele mundo russo, e terminou a sua vida arrebanhando pessoas ao redor de si com os evangelhos.

O nosso deus é intocável, mas o paganismo, se assim podemos nos expressar, é pobríssimo. Rio Azul, sob esta ótica da crença e costumes que dela vem, dividiu-se no silencio necessário, por motivos os mais óbvios, e que não precisaríamos elencar. O trabalho em busca de dinheiro, um culto devotado sob aparências expostas, contrariamente às culturas de cada família, e ainda cultos não conhecidos. Disso também temos. Sob o remédio do respeito, não exageramos nas citações e simples avaliações, dado que isto forma um conjunto, e para tanto basta um olhar um pouco mais observador. Escondemos a falta que cometemos, as faltas dissimuladas, da forma mais esdrúxula. Tanto quanto preguem a nós a união, tanto mais desunidos seremos.

De outra parte, uma certa fartura nos tempos atuais nos incluiu num coletivo crítico, onde o orgulho afeta bem menos os mais pobres que reclamam as suas vidas. Tratamos da fartura de direitos, de acessos, embebedados e embriagados num sistema dito inclusivista, deixando sempre para amanhã ou para nunca a nossa parcela de responsabilidade. Varrer a frente da casa ou morrer sob assistência tirou de nós a liberdade que sempre construiu a responsabilidade de viver do homem. Não temos morrido dignamente, morremos, ou morrem, como cães abandonados do olhar de todos, e todos fingimos que tempos atrás morríamos igualmente sem remédios tão doloridos. Esquecemos disso, estamos engendrados. Todos procuram a comodidade, muito por falta de alternativas em si mesmos, por ignorância em fartura, e isso impede, à despeito dos serviços públicos, que deveriam ser públicos no casamento do povo e do poder público, o que denota a nossa ausência na prosperidade de protagonismo (detesto esta palavra) em ações efetivas,

mesmo em nosso microcosmos. Mas ainda que longe de isso mudar bastante as nossas vidas, há e há ações nos mais diversos campos da atividade humana. Aqui mesmo. Contrariando o nosso complexo de vira latas. As ciências, todas elas, também devem recorrer mais ao ser humano.

As querelas significam diferenças, e diferenças acentuadas são mesmo querelas. Isso há nas guerras, e onde mais frutifiquem o orgulho e a ganância. As querelas também estão em nosso meio, seja lá por palmo de chão, seja mesmo por vingança do nosso próprio fracasso. Há situações diversas em que nos apropriamos de questões que não nos dizem respeito, e há ainda uma balbúrdia maior no campo da política. A erva daninha rasteja e ergue-se em edifício quanto maior for a ignorância, mas triste mesmo é um mar de tudo isso, quando mesmo algum coletivo se vê diante de uma pobre oferta, o que agrava mais, ao ver do escritor, o lamento de pisar este chão. Diferenças aqui também se vê em interesses, e o campo de batalha não oferece discussão, senão achaque, desconstrução, desqualificação, e a plateia acaba por gostar. Gosta e aplaude. Detestável.

É verdade que vivemos tempos para lá de estranhos em nosso país. Uns de nós acreditam na miragem, em falsos profetas, em pessoas sem projetos e sem grupos. Outras se deixam levar pelo espoucar de uma falsa festa, como rojões que cintilam diante dos olhos de um idiota. Quando nada disso constrói e somente é uma grande ilusão. Por ser um capítulo nefasto e infelizmente pouco agradável, queremos que todos sintam a conscientização do quão podem ser frutíferas as iniciações das novas gerações. O velho redime-se no silêncio, oferta a voz da sabedoria, mas estejam todos a assistir os novos condutores do timão. E o navio não pode ser particular, porque ele, o povo, está embarcado, está em alto mar.

Eu preciso confiar nas novas gerações, nós precisamos, e eles também. Sempre faltará aos mais jovens a experiência e a paciência, talvez o melhor antídoto da impulsividade. Ingenuidade seria dizer confiar em todos. Mas todos devem ter a sua chance. Não à toa, aqui mesmo falei que tudo será deles, e este "está sendo" não é a repetição da maldição dos vícios, antes pelo contrário, surgiu diante de nós e deles, um desafiador momento, um mundo recheado de possibilidades, e já aparece, ainda que longe, um tempo responsável, anti ideológico. Confio que a ética daqueles criará novos conceitos, novos processos, mas será preciso um muro de lamentações, será preciso certamente. Nada e nunca as coisas aconteceram com facilidade. Não há mágica. Lamentar diante do muro será buscar na existência a consciência de que devemos andar para a frente, corrigindo erros, plantando novos sonhos, sonhos possíveis, e zelando exclusivamente pelo bem estar dos homens e mulheres. Mas mais, livres da vaidade, criarem eles, e farão, tenho para mim, uma sociedade participativa, crítica e construtiva. Isto não é retórica, é uma realidade que inconscientemente todos conhecemos, sonhamos, e devemos por ela lutar. Já !

As gerações vão passando e nem mesmo nos damos conta. Os velhos polacos, e temos polacos, ucranianos, italianos, temos caboclos que foram os primeiros

a aqui chegar, quando sertão, e assim muitas configurações alteraram-se. Houve muita miscigenação, prova de que as raças tem um amor escondido e inevitável, permeado ainda que seja por preconceitos. Crescemos ouvindo falar da contenda antipática entre os descendentes de poloneses e ucranianos, coisa de vizinhança, questões da pátria mãe, como muito se deu entre russos, poloneses e alemães. Quem nunca observou a literatura mundial, jamais imaginaria que um dos povos mais rudes, assim vamos fazer, dos mais introspectos, zombavam de oficiais de laboros diversos, alemães e poloneses.

Teríamos tido indígenas aqui, temos o Taquari, zona do faxinal ecológico, e lá parece ser dos lugares mais antigos de habitação em Rio Azul. Temos o Pousinho, e não Pózinho como alguns acreditam, pois Pousinho vem de pouso, de parada, de hospedagem para quem persegue e ruma viagem. Os rapazes e moças que estão aí apresentando os seus trabalhos de conclusão de cursos nas universidades próximas, tem tido esta oportunidade, que este que aqui escreve, desconhece em seu todo, e bem caberia uma pesquisa, por mais superficial que fosse. A referência, no entanto, é válida.

Certa feita, anos passados, deram-me a oportunidade de assistir bem de próximo a Romaria de São Gonçalo, uma festa de origem portuguesa, encenada no melhor sentido, pelos residentes daquela comunidade de Taquari. Até então eu desconhecia a cerimônia, o que me deixou simplesmente encantado. É de um valor cultural riquíssimo, de se comemorar.

Retomemos a terceira pessoa.

Eles fizeram o ritual, que tem muito de caráter religioso, de forma espontânea, e eles, -recolhi esta impressão-, devem ser, porque não, um exemplar de outras tradições de culto, veneração, de prática em comunidade, e se não zelarmos, ainda que pertença a um coletivo de parte de toda a população, estaremos sendo não somente omissos, como mais, ignorantes.

Estou provando com isto que tenho razão ao afirmar que somos limitados, na razão do que sempre deduzi. Que o nosso umbigo é o nosso orgulho....deve ser pelo umbigo que nos enchemos de orgulho, é o que nos fez pequenos até agora. Mude-mos, pois. Poderemos mudar sem culpas.

Toda a razão de ser da formação de um povo vem do respeito. Mas em muitos casos, é por conquista. Por respeito ao menos deveria ser. A fricção é admitida, faz parte desta mesma formação, e isso se deu por mais de um século em Rio Azul. Bem mais, talvez. E se viu também a referência do escritor historiador Romario Martins sobre a estada de espanhóis no Rio Potinga, o que seria possível de imaginar à época das reduções jesuíticas. Ou tratou-se apenas de uma incursão particular, ou teria eu de duvidar do historiador. A fricção, o atrito, são intercorrências admissíveis

Bem imagino, e pouco sei de fato, o que confirma sermos distintos e exclusivos, e pouco dados a quebrar regras e preconceitos, especialmente. Que há mais costumes. Há aqueles que vimos na nossa primeira infância, da queima da varrição do pátio, às sextas feiras, há hábitos de toda esta gente que habita o nosso Município, e isso poderia aflorar. Ao menos não morrer tão solitariamente.

Um pé de pera, uma pereira, as vizinhas e suas conversas na pa-

liçada, a benzedeira, as portas da bodega que se fecham porque lá vem o féretro, e também as janelas se fecharam até que aquele passasse, os montes de ciscos queimando, o derramamento de cera, tudo coisas que nos fazem lembrar...e lembrar ainda o "páplocha", as babas, as nonas, o poço de água, o rito da barba com o espelho dependurado na parede, os banhos de cachoeira e os banhos no Marcondes, a morte nos trilhos do trem, as pilhas de lenha e madeira, o apito da locomotiva...E algumas destas coisas de costume ainda existem em persistência...

Tudo isto nos levará a um olhar sobre Rio Azul. Tudo isto, que parte passou, será de conclusões pessoais, de apreensões de presente e futuro, de observar como chegamos até aqui, se estamos bem, se estamos como deve ser, que chegamos cada qual cuidando de si, ou mesmo se deixando levar na têmpera, e assim resulta, é possível, uma leve impressão egoísta e pretensiosa, tão somente. Não sei. Os haveres, de todo modo, são de uma nova geração, das mais novas, às quais devemos oferecer o nosso acervo, o nosso silêncio até mesmo, o nosso silêncio compreensivo.

Não pretendeu o nosso trabalho até aqui relatar histórias, fatos, acontecimentos, e sim observar do restrito ponto de vista de quem escreve, sobre como chegamos, quem somos, bastante pretensioso, possam dizer, mas necessário, segundo assim nos colocaram como propósito.

Fossemos traçar a cronologia, precisaríamos antes disso, escolher de que tratar. Se da vida como um todo, as generalidades e fatos pitorescos, ou nos prenderíamos aos feitos do poder público, quando estamos em tempo de conjugação de esforços e sentidos, e sobre isso já escrevemos antes, buscando afirmar o sentido da liberdade. Seria então apenas uma nota, alguns nomes, referências. Cremos, no entanto, que participaram homens públicos, investidos de cargos, ou porque exerceram como atividade, e de lá tiraríamos exemplares únicos. Os anônimos. Mas não buscamos heróis, buscamos entender a nossa história. E não buscamos apenas vencedores, não quereremos jamais comparar pessoas, as suas linhagens. Ser-nos-á bem mais contemplar por onde todos caminhamos, se já nos encontramos como sociedade separada dos vizinhos, de toda a redondeza, e se a nossa identidade, que julgo de difícil compreensão, mostrou-se em seu todo, e que inferimos de tudo aquela calma, a calma que nos levará ao ápice da negação...isto, ao ápice do mistério...

Claro que seria bem mais fácil discorrer sobre a fama do nosso hospital, dos nossos médicos, já de décadas, da nossa vocação agrícola, das impressões as mais simples de nossa gente, das religiões, das nossas crenças, do nosso Independente lá no estádio, dos taxistas, dos padres, dos bêbados....Mas já fizemos referência até mesmo à nossa riqueza, falamos o que produzimos, falamos da nossa colocação de ranking, e sabemos que todos somos meio polacos, meio ucranianos, meio italianos e meio caboclos, e que já nos misturamos com essa gente que veio de fora, que veio do Rio Grande, que vieram de Santa Catarina, que vieram de diversos lugares. E que estes que vieram de fora daqui já se moldaram ao nosso jeito desconfiado de ser, e ainda veremos, tentaremos ao menos, faremos deduções, jamais ilações, sobre estes resultados. Se mesmo precisamos disso, falaremos como o temos feito, e ainda daremos por certo que cada qual deve ter a sua opinião.

Passemos a eles, os vindos.

Muita gente empreendeu em Rio Azul. Nativos e vindos. Parece serem os vindos os mais bem sucedidos, mas não, há de todos. Não citaremos nomes, à princípio, mas há os Rioazulenses e os novos Rioazulenses. Vivemos um período muito positivo nas últimas décadas, mas ainda convivemos com índices de pobreza. Poderemos falar mais.

Os próceres do passado, religiosos na maioria, são hoje, não como jesuítas exploradores, mas ensimesmados até, porém felizmente bem sucedidos. Serão os próceres nossos pais, será o Prefeito, o Vereador, o educador, aquele empresário, pequeno médio ou grande, será o bibliotecário, ou foi-se o tempo destes preceptores da nossa mente, da nossa formação? Os temos na vibe das linhas do tempo, e serão a minuscunidade de Felipe Pondé, de um Mario Cortella, de um Karnal, depois de podermos, -ao menos alguns de nós-, detestar aquelas personagens esdrúxulas de Machado de Assis, dos Dom Casmurros, das Capitus. Basta, creio. E aceito o contraponto. Falei de mim, não serei e nem pretendo ter-me dono da verdade. Apenas falo das referenciais das quais se valem alguns. Nos acomodaremos todos.

Perdoem-me inzoneiros, o exercício da crítica exige sempre mais e mais, exige do incomum.

Mudemos rapidamente, voltemos a quem está mais próximo de nós, aos vizinhos até. Não quero fugir do tema dos vindos para cá.

Sei que não conseguirei convencer quem sejam os próceres de hoje, porque ainda que de pouca fé, eu, vejo que tendo tudo mudado, parece não nos seriam prescindíveis pessoas como Eloy Pissaia, Joana Pissaia Paiva, Ivete Estival, Hamilton Durski. E que ficariam estes no passado, nos túmulos, na memória das famílias, nos registros dos anais públicos. Eles, os benemerentes de muitos, formadores de respeito, adornaram a sapiência de duas gerações ao menos, e jamais estarei aqui, eu, faltando com os educadores dos dias de hoje. Estes, cômicos de severos problemas de ordem social geral, penam em sua luta diária, sabendo o que aquele que escreve também sabe serem passadas as referências saudosistas. Imprescindíveis, Eloy Pissaia, Joana Pissaia Paiva, Ivete, Hamilton.

Vamos, pois, a eles, os vindos.

Eles passeiam em nossa mente, estejamos de olhos abertos ou não, e assim, facilmente vamos lembrando daqueles que moram perto das nossas casas, sem raiz alguma do chão Rio Azul. Vieram trabalhar em empresas de tabaco, estão na Schreiber, estão no serviço público, estão na exploração comercial, estão vivendo como aposentados, empreendendo na cidade e no campo. Ocuparam espaços, não invadiram, tratou-se de um movimento, e todas as ruas estão hoje cheia deles. Cruzamos - não devo ser o único, - não é um fenômeno epistêmico em mim, original-...E cruzamos com pessoas as mais diversas, gente de todas as idades, mas a maioria na fase mais produtiva do ser humano. Vemos a eles em lojas, em bancos, na área central, nos bairros mais afastados, também os vemos em igrejas de credos variados - outro fenômeno -, e sei que muitos dos nativos travam amizade. Mas sabemos todos nós o quão ainda é difícil, bem mais para eles, que uma vez vindos de costumes totalmente diferentes, aqui encontram o nosso povo, e alguns dizem "povo esquisito" esse. E somos ou não somos, se é verdade que somos em comparação.

“Quando estivemos em regime militar, debaixo de uma ditadura (1964-1985), -e agora muitos hão de lembrar, -à despeito dos políticos contrários à época-, que tudo nos corria bem. Jamais precisamos buscar mais liberdade, uma vez que nascemos em regime de silencio e disciplina, que foi onde formamos o nosso jeito de ser. O regime, então, só combinava, e ousou dizer que encaixava com o estrato das nossas despreocupadas vidas. Tínhamos sindicatos, protagonismo político popular, reacionarismo de esquerda?

Não será imprudente tratarmos disso em meio ao capítulo que reservo adiante.

Se polaco só casava com polaco tempos atrás, como receber essa gente que foi engrossando o contingente dos novos, crescendo mais e mais, e vendo isto intensificar-se da década de 1980 em diante...

Pouco sei como reagiram os nossos do meio rural, com a chegada de alguns que venderam as suas terras nos outros estados do Sul. Empiricamente falando, devem ter usado de seus ferramentais culturais e daqueles para a pratica do dia a dia. A vizinhança precisou acontecer, este tempo passou, e só mesmo quem viveu proximamente pode aferir algo destas relações. Nada de espantoso, mas há que se registrar aqui. Até porque como já disse, não somos iguais, somos rioazulenses da gema única, enigmática, mas da gema pura deste enigma.

Talvez nos tenham visto desconfiados, mas dados a aplaudir o outro, o outro modo, e sei que há entre nós os dispostos ao aplauso, porque muita gente de fora daqui teve a sua fama entre os nossos. Espécimes, exemplares, permitam-me, dos nossos, são bastante dados a bajulações, e isso denota futilidade, mas por outro viés, a demonstração que se pode viver socialmente bem, estendendo laços. Passemos ou não por malemolentes, pouco sociáveis, vá lá, mas esta constatação é de um tempo em que a minha geração estava ativa, carregava uma certa maldição de existir. Hoje já estão todos conformando-se com a brevidade da vida.

Talvez a presença daqueles tenha se dado bem mais em quantidade na cidade, na urbs (et urbs). E é certo que sim. Trabalhadores orientadores de agricultores no plantio do fumo, professores, alguns bancários, e já com o crescimento das atividades da Rio Claro e a chegada da Schreibber, mais pessoas, mais famílias. A elevação e expansão imobiliária perseguiu os anos 1990 e 2000, a Vila Diva deixou de ser um afastado bairro, os terrenos baldios foram se preenchendo, eram e ainda são muitas as construções. A Vila Maria se tornou um bairro nobre, chegou a primeira pavimentação, os colégios da cidade passavam constantemente por ampliações e reformas, a rodoviária descia para a Rua Gabriel Cury, tudo num movimento levado pelos dinheiros do milho, do feijão e seu ciclo, do tabaco afirmado como produção agrícola de renda e manutenção do homem do campo no campo. Foi tudo muito rápido, e entre tanto, eles, os vindos. Estranharam talvez, é certo que sim.

O homem é a sua circunstância. Talvez, e de fato, alguns estranharam a corrida pela modernização, quando já tínhamos mais de 20 anos com mais de 70% de cobertura de esgotamento sanitário na cidade. Estranharam e bravejaram. Os valentes envelheciam e os novos problemas se agravavam. As drogas, é certo, também chegavam para ficar. Os mais moços começaram a morrer bestamente na 153, o

consumo de bebida cresceu demais, a mulher jovem passou a mostrar o seu lado feminista, aqui, por imitação, Imitação, neste tipo de consumo. O feminismo mais pujante, aqui, também não se organiza, mas é resultado solteiro de mulheres que se afirmam. Não seria isso feminismo em marcha, em organização. E ninguém jamais disse ou afirmou que seria isso necessário. Mas ainda, sob tênue observação, o machismo tem forte apelo feminino. Lamentavelmente.

Aos excessos ofereço a minha tristeza e preocupação.

Vivemos, tempos atrás, eu e meus amigos a decadência do Clube XIV, e bebíamos sem imaginar que um dia seria proibitivo compartilhar consigo mesmo, em estado etílico, um automóvel. Mas éramos poucos, e nem sei se bebíamos menos. Brigávamos nos clubes da região, ouvíamos ainda Bee Gees e Abba, Pholhas e Beatles e um cara chamado John, Elton John e um outro John, e detestávamos Raul Seixas, porque nem havíamos percebido que a proibição da igreja cresceria conosco, quando alcançássemos a segunda década de vida. A porcaria das novelas da Globo estava em seu auge, sem concorrência, e vibramos com Roque Santero e Sassá Mutema em O Salvador da Pátria.

Nós e as nossas circunstâncias.

Só mesmo agora para enxergar.

Piedade e piedade, mas ação, ação. Nossos jovens devem viver entusiasmadamente, mas o apelo, -que bebam mais moderadamente.

Essa linda geração que já vai sendo sucedida por outra, não deve decair em entristecer seus amigos e familiares. Nem cabe a contagem daqueles que perderam as suas vidas ou ficaram com marcas para sempre.

Cabe um novo tempo. Sim, cabe, e até mesmo deve. Ler, estudar, brincar, beber e alegrar-se; não se percam jamais os seus amores e paixões por casamentos de curta duração. Isso custa caro. Casar é mesmo um ato de loucura, por isso, pesar e pensar. Nem tratamos de pós verdade, mas de pura racionalidade.

Viver é mais, há tempo, e se faça tudo o que é bom, responsabilmente. Estamos em tempos de acordos, a comunicação mundial da internete já chegou, nada escapará. É tempo ainda, moços, de loucuras pequenas, mas duradouras. Nós, da minha geração, invejamos a vossa. Pois, mais, façam mais a arte de todas as maneiras, como profissão, como amor e amar, porque amar é arte. Impregnem os corações, enternecem-se sem medo e receio do contraponto, cultuem-se, é válido, mas busquem cultura. De nada valerá a estética sem que o pensamento valha ao menos alguns meses, um ano que seja, um ano de vida eterna. Porque sim frente ao porque não. E não esqueçam da transgressão, porque transgredir também é viver. Vinguem-se do passado dos outros, seremos gratos, e nos surpreendam sempre. Rinjam as suas guitarras, gritem essa vida enigma só vossa, será assim a representação do sonho de seus pais e avós. Afirmem-se na busca, percam-se e reencontrem-se, mas jamais desistam, porque há muito de hilário nesta vida. Nada pode ser mais festejado que a vida saudável, nada mais que a insanidade salva, tão necessária, e que protege, cria. E tudo isso para festejar a vida.

Cabe-me mais uma vez, friso -resolutamente como pai também-, verificar amiúde e detalhadamente o quão de potencial guarda a

nossa juventude de seus vinte e poucos anos. Longe de redimidos dos erros, e em todas as periferias, guardam, -gravem isso por favor- um sentimento de desfavor da sociedade quando comparam a sua dedicação e ânsia de viver. A geração instagram não sofre com o obscurantismo que tanto referi dos tempos atrás, mas ao preparar-se mais, consequência dos tempos exigentes de agora, pedem passagem, organizam-se como podem, iniciam projetos, mas como que na bacia das almas, ficam ainda desamparados. Eles entendem de tudo, sabem bem em que mundo estão, em que país tão desgraçadamente se oferecem, a quem servem, são éticos e rígidos em conceitos. O pouco para estes seria pouco mesmo.

Os vindos também fundaram igrejas, e de fora trouxeram estas. Cabe a eles a fé e o que mais algo. E a mim, por pretensão, justifico-me, cabe observar o comércio do Cristo, em que pese deva haver de mim o respeito. Jamais o proselitismo da não religião deverá ser entendido por quem me vê. Destarte, eis a minha opinião.

Seguem aqueles que já estão conosco a cegar a maledicência tão comum na nossa gente, por motivos primitivos, inconscientes do coletivo, e graças, graças que hoje é menor esse rancor de fracasso. Devemos a nós mesmos o pouco da graça, e devemos também em precisar dividir o nosso espaço com aqueles que refundaram o lugar, agregando mais vida ao comércio, cobrando melhores serviços públicos. Todos refundamos o nosso lugar. Mas, aqui, quem escreve, pretende homenagear a coragem dos vindos, dos chegados, dos novos rioazulenses. Louvo o acontecido, mas mais, as novas gerações. Torcendo que deixem para trás o atraso de dividir, buscando somar. E isto adquire-se com cultura, das mais simples. Elas estão na vida social possível e mínima, estão na música, na pintura, na tentativa de remodelação do novo ambiente social, na iniciação desta. Estão no interesse de se olhar adiante, de frustrar a pequenez do ponto atual, e jamais se quererá aquele tempo inquisitório e ameaçador que já existiu, e que hoje jaz morto. Não basta olhar, será preciso enxergar bem mais, infinitamente mais as necessidades do que as comodidades.

Abaixo o comadrio. Louvo a todos por isto !

Queiram uma sociedade nova, construída a cada novo dia, e cada minuto novo de respiração, e que a arte de viver em arte, em opção de transgredir, sem afastar aqueles que ainda não cansei de afirmar, -vieram ser o que somos-, tirar-nos de certo empenho fora de moda, ranzinza, bronco...

Sejamos pacíficos na ponta da espada !

-Quem é o seu mais ilustre desconhecido ?-

Talvez este que pretenda tanto assim assentar, seja o que menos sabe disso, que por infelicidade não sabe dos arranjos que faremos e farão o possível no flashe da vida. E quem menos sabe, também sabedor não será sem imaginar quantos riozuleses temos espalhados pelo mundo afora. E que tudo findou, e breve devem ser estas linhas enfadonhas, ante o cosmopolitismo da moda das nossas vidas. Sempre contra o comadrio, o compadrio, a mesmice, a teimosia. Para o louvor da pátria Rio Azul. Graças a todos.

Trinquem os vidros da catedral do coração, gente, façam uma perene intifada, e que tremam todos. Perdão. Só isso. Amo-vos.

Um mestre de nome Ceslau.

O Professor Ceslau Wzorek, numa de suas memórias futuras premonitórias, e um tanto dramáticas, previu assistir apenas à Copa do Mundo no Brasil, 2014. Errou. Aquele que sempre acertou, vai agora ver que a Copa vai acontecer naquele mundo todo a parte da Europa. Não sabemos se ele é um eslavófilo, mas suas origens são de lá, e de lá, o nobre e reconhecido professor e Servidor Público, verá a mais um Campeonato Mundial.

Jamais esquecido, este sim, um prócer, é a referência de memória e conhecimento mais ilustre do nosso Rio Azul, cabendo-lhe reverências da parte de toda a população.

Falamos em acréscimo nesta reta final do nosso propósito, jamais em demérito daquele que irá se propor à leitura, ou ao reverenciado, mas correndo, é verdade, um pequeno risco de desvio de ideia, de correção de rumos, pelo que, neste seguimento extraordinário, pedimos perdão.

Elucidação

No sentido de ancorar-mo-nos num lance de lucidez e direção mais objetiva, entre a histórica neve de 2013, e a ideia de uma revitalização da Praça Tiradentes, já referida enigmaticamente aqui, passamos ao largo no texto, ao darmos o devido mérito àqueles que tem se dedicado à preservação ambiental, nas escolas, especialmente; jamais há 30 anos atrás imaginaríamos a coleta de lixo reciclável, o fim da fábrica de manilhas, a diminuição de algumas atividades econômicas, como a das olarias, a instalação de antenas de emissores de rádio, um belo e independente prédio da Câmara de Vereadores, o vigor, depois de muito investimento, no Parque da Pedreira, tão especial e querida área de lazer. Nada objeta o progresso, ainda que tenhamos muito da pobreza material. Ainda hoje, no dia em que escrevemos este adendo um pouco mais rico de luminância, lembrando dos antigos alfaiates, e entre eles, o avô deste ousado escrevente, lembramos da mesma forma outros ofícios que a ordem das coisas eliminou, e entre eles os famosos fotógrafos, de rua ou de estúdio, e dos coureiros, dentre tantas atividades menos praticadas nos dias de hoje. Ainda entre nós, muitos rejeitam a ideia destas mudanças, mas a maioria usa e goza de tudo que é moderno, e que logo passa, à medida em que tudo das nossas vidas e do nosso cotidiano sofre rápidas alterações.

Buscando concluir, não será demais separarmos tudo o que há, e comemorarmos a existência de um lugar em seus últimos cem anos. Haveremos de fazer a festa em nossos corações, estejamos bem ou não, sejamos nativos ou não, pois como num ato de registro histórico, solene em si, há cem anos, no antigo sertão do Jararaca, criou-se um Município, de tão poucos à época no nosso Estado, jurisdicionado, ou em Irati ou em São Joao do Triunfo. Perseguir o ato e o fato fará de nós partícipes e incluídos na história. Será mais fácil entender, se tal não se der por natureza de conclusão, por certa complexidade inerente ao caminho da vida, de uma ordem natural que a temos por inexplicável.

Que não seja insípido para a maioria, e sejamos condescendentes com quem não se deixe tocar. Porque não somos iguais, porque excluímos, admitamos, porque uma festa - que deve ser duradoura - não pertence a um grupo, a privilegiados, àqueles que tem mais próximos de si os elementos de um Município, elementos simbólicos e institucionais, quando os símbolos mais marcantes e perenes são os que estão na vida de toda a nossa gente.

Estes que habitam os quadrantes de Rio Azul, e guardam a memória de seus pais e avós, que guardam a memória de seus antepassados e de sua vida ainda presente, cheia de costumes e olhares...e seus olhares muitas vezes se dão através de seus filhos, deverão comemorar aqueles que aqui oferecem trabalho e renda, condições de bem residirem e sonharem.

Mas isto não nos afunda num ninho provinciano, e nem deve. Ao contrário, somos mundo !

Somos mundo não limitados as redes, à rede mundial de computadores, mas vemos o mundo longe das carrocinhas, e o temos aos olhos com a máquinas que lavram a terra dos nossos irmãos camponeses e produtores. E fazendo aumentar a produção primária ano a ano, para que aqueles que ainda não viram, vejam um panorama diferente; hoje, onde aqueles, proprietários ou arrendatários, ou classificados como moradores, estejam lá em belas casas de alvenaria, com qualidade de vida incomparável com poucas décadas atrás. De lá também sai gente, e saem para estudar, buscar as suas formações, e criarem força de trabalho nas indústrias e comércio da cidade.

Como crescemos em vários aspectos de uma sociedade relativamente organizada, temos hoje, e já vem de muitos anos, centenas de pessoas arranjadas no contexto de duas grandes empresas, e para que fiquemos sem nos estendermos na relação, a Madeireira Rio Claro e a Schreiber do Brasil. Emprego, renda, impostos. E o homem do campo, no campo, vivendo, produzindo, vivendo.

Aqui pulula intensamente um quadro © não curioso apenas-, mas de facilmente observar que dadas as pequenas áreas rurais, alguns dos que herdaram, abrem mão em arranjos que não nos pertence saber em detalhes, buscando uma vida nova, nem sempre fácil, na área urbana. Um desafio. Vivemos todos nestes últimos anos, desafios. Sempre foi assim, ficará melhor pensar deste modo.

Passemos ao quadro final. Tratemos da nossa identidade.

O deveras considerável crescimento da nossa economia, e ainda o contexto que procurei deixar antes aqui, me fez retroceder no tempo da solidão dos paralelepípedos. Foi por onde sempre andei, das poucas vezes em que andei, no sentido de quem sai e põe o nariz para fora. Ressinto-me desde o início, nesta transcrição de alma pura, do que pensei acrescentar após a presente necessidade. Ainda não sei se o farei, se será mesmo permitido, por isso sem demoras, sigamos.

Jamais pretenderia aludir culpas, mas pecamos seriamente, nem sempre por nossa máxima culpa. Jamais. Fomos forjados desde o facão e do contado morticínio, folclórico talvez, ainda que de uma só pessoa, num espaço nobre da cidade, e viemos

da pobreza europeia, quando por lá sobrávamos. Em levas, polacos e ucranianos, tchecos, italianos. E o medo, talvez o medo da fome, a repressão. O vernáculo das velhinhas acostumadas a um chimarrão nada uruguaio, nada castelhano, vazava puritanamente por aquelas bocas de bábas. Eram as bábas. E de pouco puritano, naquela preservação das línguas eslavas escondia-se o antagonismo do sonho que víamos no olhar delas. O nosso antagonismo. Já habitavam de muito, pessoas ignorantes, na acepção da palavra, e devia ter sido penoso viver em meio a costumes misturados, o que redundou em conclusões positivas do preconceito das bábas com os brasileiros morenos, para alguns, "negros". Já bastava, então, que havia muitos limites nas nossas vidas, nas vidas dos nossos pais. A religião que acompanhou a todos, a esmagadora maioria, tratou de pregar o Cristo, -e faz ainda hoje, e prescrever remédios pudicos, longe de serem paliativos, mas semearam como jesuítas a ignorância total, trataram de lançar a sombra mais negra possível. Em meio ao estado de preservação da resignação ante um passado pior, sabia-se que clamava o povo por mais e por melhor. Mas a resignação imposta pelos governos e pela Madre, nos deixou na conta de coronéis. E assim, inconscientemente nasceu o nosso complexo de inferioridade, o mais danoso filho mau, o monstro que arrastou-se, e que vi nos paralelepípedos. O ponto mais triste da bestialidade é a associação que pessoas fazem numa situação destas, colaborando, como fosse isto uma trama, onde no final alguém pudesse levantar um estandarte. A falta do espírito crítico num povo, em determinado tempo de sua existência, assume um risco de paternidade da ignomínia e permite um grande vazio existencial, com danos lamentáveis.

Criamos desta forma a proibição de qualquer coisa nova, de qualquer manifestação politicamente incorreta, estabelecemos a necessidade do pouco e do quase nada, jamais no sentido heroico, mas covarde mesmo. Mesmos nas camadas sociais mais abastadas, era proibitivo o saber, qualquer que fosse o modismo. Eles também sofreram.

Essa cultura de fracasso fazia compasso com a perene estagnação de alguma prosperidade. Foi-se, então, em forma de extrativismo, muita madeira, muita riqueza foi embora. Pobreza gerava pobreza, e estávamos longe de encontrar os tempos atuais. Jamais se progrediria tanto, não houvesse a intervenção. E ela aconteceu de parte do poder público, e da parte daqueles que chamei de vindos, despertando finalmente em todos o querer um novo tempo. E tudo ergueu-se. Admitamos que houve esta intervenção, no período que se convencionou chamar de democrata e que combinou com um dinamismo e incremento da nossa economia.

Foi-me pessoalmente e ainda constatado em alguns companheiros, muito custoso seguir os modos e as maneiras, e a farta perseguição da maledicência, da enganadora língua maldosa. Mas pior, muito pior que essa baixaza, tratou-se mesmo do enigma. Havia um pacto, claro que sim. Era surdo, era o inconsciente coletivo fraturado na porção possível do homem, como gênero, naquilo que poderia ter dado frutos. Desafio a qualquer um que porventura esteja lendo estas linhas, e que tenha a minha idade, ou menos, a rejeitar a reconhecer aquele monstro invisível da limitação, do cala a boca, isso não é nosso (sic). Havia um pacto entre o poder repressor, e pessoas "alter", encarregadas de uma certa repressão, e sabemos

onde ele se encontrava, e restava às nossas vidas, a sentença de ouvir, nada dizer, e por tudo zelar como dado e passado entre as hostes do céu. Franqueza minha, que tristeza aqueles tempos em que se podava qualquer iniciativa, que sofria a maldição da mudez. Não consigo ser mais direto, e por isso apelo aos que me entendem. Deixo de tudo isso lá, entre as frestas dos paralelepípedos. Que de lá debaixo nunca mais saia aquela nítida rota definida como irrealização, submissão, farta ignorância, achaque, inferioridade, covardia, pusilanimidade. Basta. Busquemos novos tempos, sejamos livres acima de tudo, e ousemos. Não nos serve a misericórdia dos que não mais existem. Se já nos serviu, fingimos para poder chegarmos até aqui. Chegamos. Nós chegamos, eles não.

Não atribuo este ensaio a força diversa que não seja o mais inteiro e sublime inconsciente do meu eu. Vejo-me dentro da proposta de um olhar sobre a contemporaneidade do nosso Município, com minhas pequenas forças. Não ousei, como cheguei a pensar. Também não tratei de qualquer expectativa alheia, eventual. Posto e exposto.

O que virá ?

Muitos semearam, alguns de nós o fazemos de alguma forma nova. Queremos o progresso, mas ensejo intimamente um progresso cultural e de sabedoria, que esteie iniciativas complementares às materiais.

O trem que já há anos não passa mais, é só uma lembrança. Nossos filhos e futuros netos saberão destes dias, mas deverão preservar a forma de vida, a divisão quase perfeita entre o bom e o melhor. As vidas seguirão, no campo e na cidade, fartas serão as colheitas e rica a prosperidade. Urge ainda, mais que tudo, bem mais, templos interiores que amparem as crianças, os animais, os pássaros. Mas que antes ampare a nós mesmos, no auto conhecimento, no equilíbrio mais possível, no ponto da independência.

Nenhuma culpa deve ser desprovida de amor, pois aquele que ama a culpa de todos nós e ama os animais e as crianças, tem a suavidade aos pés, bem como encantam o paraíso, as religiões.

Por fim, rogo a paciência para romancear, também em ensaio, sem nuances de pretensão, e jamais estender-me fastidioso.

Branca fora, então, daquelas moças, à época, como as de séculos passados, que pisavam as sujadas pedras com cuidado elegante, em sua mais completa simplicidade. Vinha de tempos em tempos, e por questões familiares. Vinha para reuniões de destino. Alva e de longos cabelos, tinha uma compleição mediana, e fazia reluzir e aparecer uma beleza indizível e incomparável. A boca e os dentes fortes, o largo sorriso que mexia com olhos mongóis, fazendo covas e linhas simétricas perfeitas; a tez serena, o céu pleno e azul, aberto em seus olhares...o que não poderia passar de um sonho, pois nada mais que um sonho poderia parecer. Branca não tinha fé em nada que fugisse dos acordos de família, e seu caminhar suave até mostrava isso. Claudicante, às vezes, em harmonia com certa humildade, parecia sempre tímida e relutante ao se mover. E fazia projetar as mãos e os braços para a frente.

Destro, apaixonado, a acompanhava sempre de longe. A beleza o encantara, mas dadas as preliminares da moça, punha-se com um pé atrás. Logo vira em Branca algo extremamente incomum, como se do céu descesse tal criatura, à qual jamais

teria acesso. Jurava intimamente haver um complexo, jurou bem mais ao vê-la passar mal, jurou que aquilo tudo que acontecia era um engano emocional de Branca. Cravou-se-lhe na alma ideias certas que somente um deus poria causa e solução, na pequena e rígida ordem dele. Dele, Destro, e no de Branca.

-Aleijo-me, sinto, destino, só pode, ao ver-te nos modos de anjo, nos modos teus de caminhar... Há de certa arbitrariedade que me desesperança, que me perde...

-Não, ela disse. Fui eu quem o vi, fui eu quem o permiti, fui eu que te encantei, fui eu quem te chamou. Fui eu. Fui eu quem mostrou-se viva, eu te encontrei, eu tudo verei e tudo decidirei junto de você, e pode ser que você jamais creia em mim.

Teobaldo Mesquita

AS CORES DA SOLIDÃO

VIDA E OBRA DE ANTÔNIO PETREK

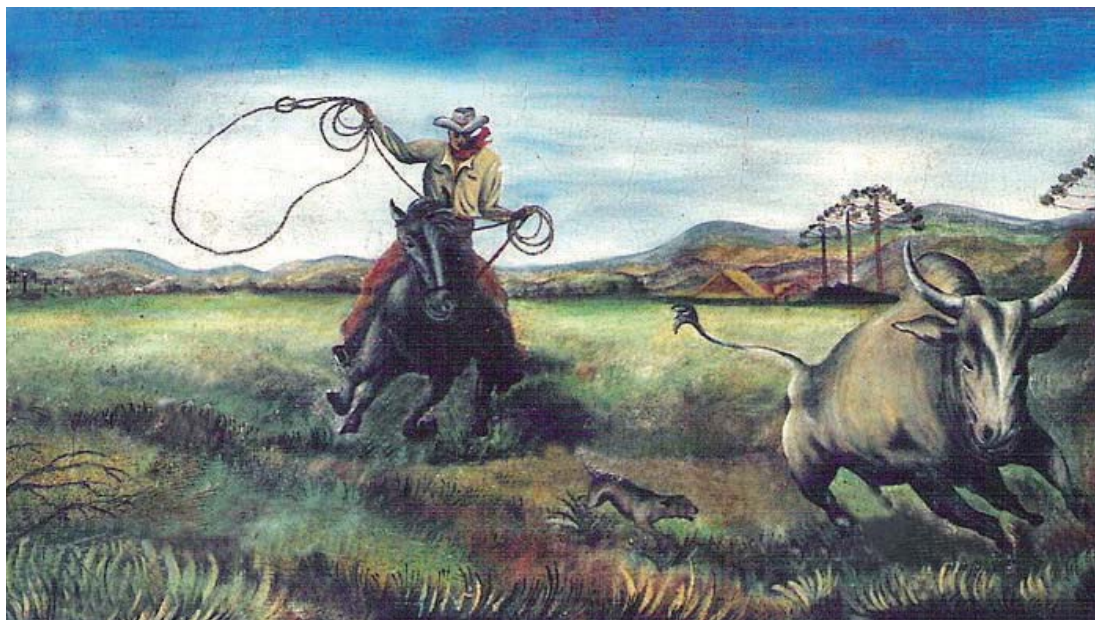
(1929 - 2011)

Sandra Maria Mosson

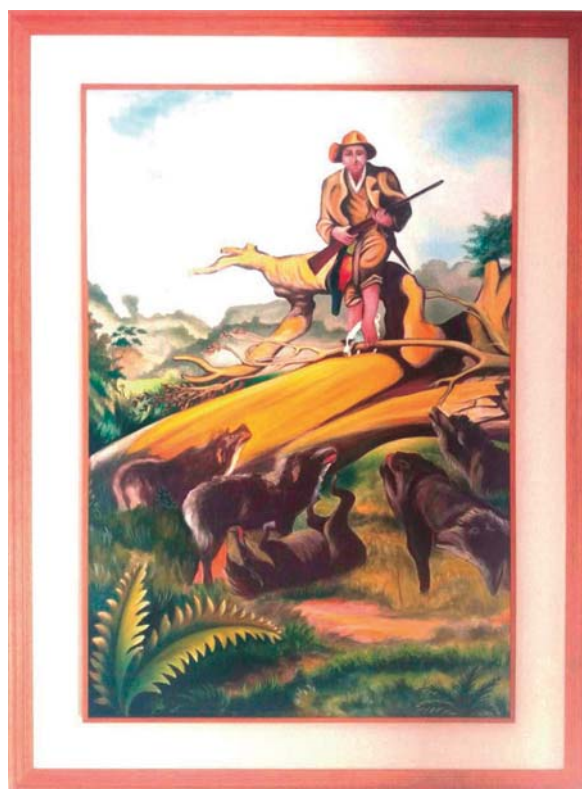
Antônio nasceu em Rio Azul no dia 13 de junho de 1929, filho de Gregório Petrek, um imigrante ucraniano, e Ana Tracz Petrek, descendente de ucranianos. Seu pai morreu quando era criança e depois do abandono de sua mãe, foi viver com sua avó. Quando pequeno trabalhava em depósitos de batata da região e, aos 14 anos, conheceu um Oficial do Exército Russo chamado João Kuroski, mestre da pintura que chegou em Rio Azul fugindo da Revolução Russa de 1917.

Kuroski era admirado por Petrek e foi quem o iniciou na vida artística, dando condições para desenvolver a habilidade com os pincéis e a combinação das cores. Foi quando levou Antônio para ajudar com a pintura de uma igreja em Marumbi dos Elias, ainda nos seus 14 anos.

Até iniciar sua carreira como artista sacro, Petrek trabalhou pintando seus desenhos sobre o cotidiano, estampas, paisagens e cenas bíblicas em paredes internas de comércios e residências de famílias ucranianas e polonesas. Confeccionou também alguns cartazes para o cinema de Rio Azul e pintou telas sob encomendas, porém, não assinava seus trabalhos.



Painel pintado na parede do bar e açougue de Alceu Paczko. Foto: Arquivo da Família Paczko.



Cópia feita pelo próprio artista de um painel no bar de Eugênio Zem. O quadro é propriedade de Fernando Viana. Foto: Fernando Viana.

Embora pintasse outros temas também, a religiosidade sempre foi um fator marcante nas suas obras e, no início de sua carreira, com incentivo do padre Severo Preima, começou a pintar em igrejas.

De acordo com Teobaldo Mesquita, sobrinho do artista, seu trabalho logo ganhou fama, e através de um intercâmbio de padres, cogitou-se a possibilidade de Antônio pintar uma igreja em comunidade ucraniana em Buenos Aires, porém, este sonho não teve continuidade por conta da Ditadura no Brasil, época em que só ofereciam visto temporário de turista, portanto, sem possibilidades de executar uma obra demorada fora do país.

Detalhista, Antônio Petrek gostava de trabalhar sozinho, durante a noite. Introspectivo e dono de uma personalidade forte, fazia questão absoluta de deixar tudo muito bem acabado, motivo pelo qual não vingaram suas tentativas de deixar um aprendiz. Ao olhar leigo, uma obra que parecia já acabada, recebia indicação



No início de sua carreira Antônio pintou telas, painéis e cartazes para o cinema. Foto: Arquivo da Família.

de detalhes e correções que o artista ainda acreditava serem necessárias, e assim fazia, de forma detalhista e esmerada. Como mestre alquímico, ele mesmo produzia muitos de seus materiais de pintura e arremate. Utilizava o leite fervido com zinco puro para que a finalização ficasse perfeita, couro e uma espécie de planta nativa com pigmentos. Um derivado do chumbo, o alvaiade, potencializava a mistura para um efeito que só ele sabia fazer.

Justamente por ser minucioso, Antônio guardou todos os desenhos, papéis e modelos, assim como cartas e fotos que ganhou ao longo dos tempos. Entre esses papéis está um salvo-conduto que tirou como aprendiz de pintor, em 16 de outubro de 1944, com 15 anos.

Suas obras se encaixam nas mais diversas tendências como arte cristã e bizantina, assim como o estilo barroco pela combinação de cores.



Sagrado Coração de Jesus, tela que Antônio dizia estar inacabada e que levava consigo onde estivesse trabalhando. Foto: Sandra M. Mosson

IGREJAS

Sem seguir ordem cronológica, entre as igrejas pintadas por Petrek:

Em Rio Azul

- Rainha da Paz, do rito ucraniano, em Lageado.
- Santa Cruz em Faxinal do Elias.
- Senhor Bom Jesus, em Água Quente dos Meiras.

- São Sebastião, também em Água Quente dos Meiras.
- Senhor Bom Jesus, Cachoeira dos Paulistas.
- Apresentação de Nossa Senhora, Ucraniana, em Cerro Azul.
- Igreja Santa Cruz, em Faxinal dos Elias.
- Igreja Ucraniana Santa Terezinha, na sede da cidade.
- São Sebastião, no Taquari, divisa com Irati

Em Mallet:

- Igreja Ucraniana Sagrado Coração de Jesus, na cidade.
- Igreja Ucraniana São Jasafat, na comunidade de Santa Cruz.

Em Paulo Frontin:

- Anunciação de Nossa Senhora, em Cândido de Abreu.
- São João Batista, na cidade
- Nossa Senhora, em Vera Guarani, mas esta incendiou.

Outras:

Na comunidade de Rio Preto, em Irati, também há uma capela com sua obra, a Igreja de Sant'Ana. Antônio realizou trabalhos ainda nas igrejas de Fluviopólis, onde a igreja incendiou, e Pinheiro Preto, ambas em Santa Catarina.

Painéis

Antônio deixou também seu talento registrado em paredes de varandas, cozinhas e salas de casas particulares. São elas em Rio Azul: de Ladislau Knaut; Aleixo Mikoski; Leopoldo Debacz; Boleslau Debacz; Leonardo Dobeziński; Adão Zipiela; Adão Iaski; família Drucek; João Knaut e Vítório Zem, além da escola de Rio Azul de Cima. Também pintou na Capela do Seminário Ucraniano de Mallet; na residência de Miguel Skibinski em Paulo Frontin; de Pedro Skiba em Vera Cruz, localidade de Mallet; na residência Zacarias Burko em Guaratuba, Casemiro Langoski em Irati; José Skina em Ponta Grossa e de Edgar Corsi em Curitiba.

CAPELA SENHOR BOM JESUS

Considerada por muitos como a principal obra do artista, a Igreja Senhor Bom Jesus localizada na Cachoeira dos Paulistas, a sete quilômetros da cidade de Rio Azul, possui uma imensidão de cores que enfeitam as paredes e o teto revelando todo o encanto que há no legado de Petrek.

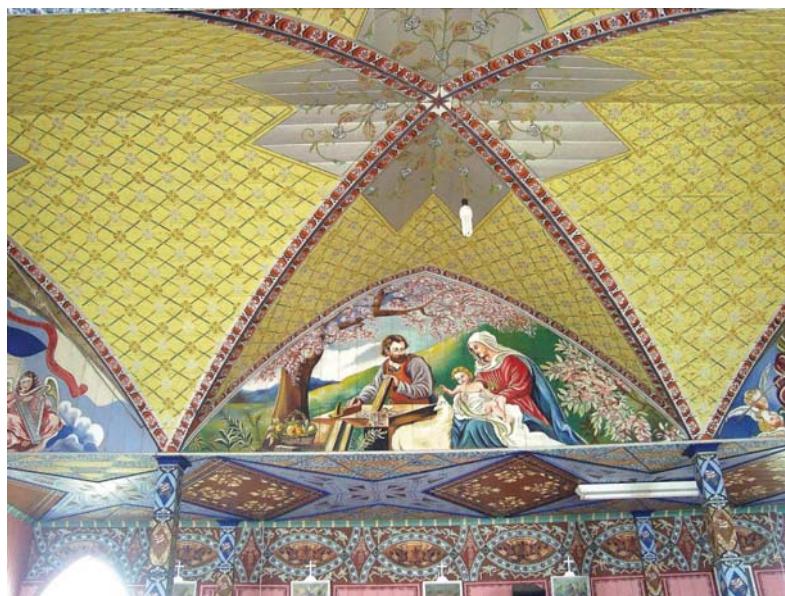
A Igreja foi fundada em 1948 e construída com a colaboração das famílias que moravam na comunidade, na maioria descendentes de poloneses e ucranianos. Da primeira comissão nomeada pelo então Bispo Diocesano Dom Antônio Mazzarotto, faziam parte: Antonio Zem, José Leal Cardoso, Miguel Valeski, Nicolau Andreiko, Pedro de Castro, Gabriel Renisz, Pedro Romaniuk e Miguel Kowalski. O pároco da época era o Padre João Gualberto Porzrzcza, conforme a 1ª ata da comissão, assinada em 06/08/1949. Em 1966 Antonio Petrek foi convidado para fazer as pinturas inter-

nas da capela. Pinturas que estão até hoje com o brilho inicial e sem necessidade de retoques. Não se percebe um único centímetro nas paredes ou forro que não tenha sido pintado pelo artista. Anjos, Sagrada Família, São José Marceneiro, passagens e personagens bíblicos estão retratados ali e encantam todos que conhecem a capela.

No ano de 2003 houve um movimento para a demolição da capela, com o intuito de construção de uma nova, mas isto não aconteceu. Apenas as paredes externas foram duplicadas, mas todo seu interior foi conservado. Petrek também tem pinturas na Capela que leva o mesmo nome, Senhor Bom Jesus, na comunidade da Água Quente dos Meiras, mas lá os personagens bíblicos são diferenciados. Ele nunca repetiu suas pinturas, mesmo aquelas feitas em outras cidades.



Interior da Capela Senhor Bom Jesus. Foto: Sandra M. Mosson



Detalhe da pintura na Capela de Cachoeira dos Paulistas. Foto: Sandra M. Mosson



Na localidade de Agua Quente dos Meiras, a pintura levou três anos para ficar pronta.
Foto: Sandra M. Mosson



As cores fortes conferem mais beleza ao trabalho de Petrek



A igreja de São Sebastião fica na comunidade rural de Taquari, divisa entre Irati e Rio Azul. Em 2012 Foi buscado recursos para ser feita uma limpeza nas paredes já que a pintura da igreja havia sido realizada no ano de 1956, há 62 anos, e nunca mais recebeu restauração. Este é outro lugar onde Antonio Petrek se esmerou e deixou seu trabalho artístico religioso para ser apreciado. Foto: Ascom de Irati



Na igreja do Taquari, os detalhes prendem a atenção. Foto: Ascom de Irati



Capela Santa Cruz em Faxinal dos Elias. Foto: Sandra M. Mosson



Na igreja ucraniana Apresentação de Nossa Senhora ao Templo, em Serra Azul, município de Rio Azul, Petrek também deixou sua marca. Foto: Sandra M. Mosson



A cortina, que parece de verdade, é uma pintura feita por Petrek. Foto: Sandra M. Mosson

SANT'ANA

A capela de Sant'Ana na localidade de Rio Preto, interior de Irati, também recebeu pintura de Antônio Petrek. Enquanto permaneceu ali, o peso da idade já dava sinais de que não seria gentil com o artista. Em uma ocasião, Antônio caiu de um andaime e precisou ficar um período internado no hospital. Depois que recebeu alta retornou para a comunidade para terminar seu trabalho, mas ele já não era como antes. Dores e dificuldades de locomoção fizeram com que esta fosse sua obra mais demorada.



A capela de Sant'Ana na localidade de Rio Preto, interior de Irati. Foto: Sandra M. Mosson



Mesmo com a idade avançada, o artista não deixou de pintar. Foto: Sandra M. Mosson



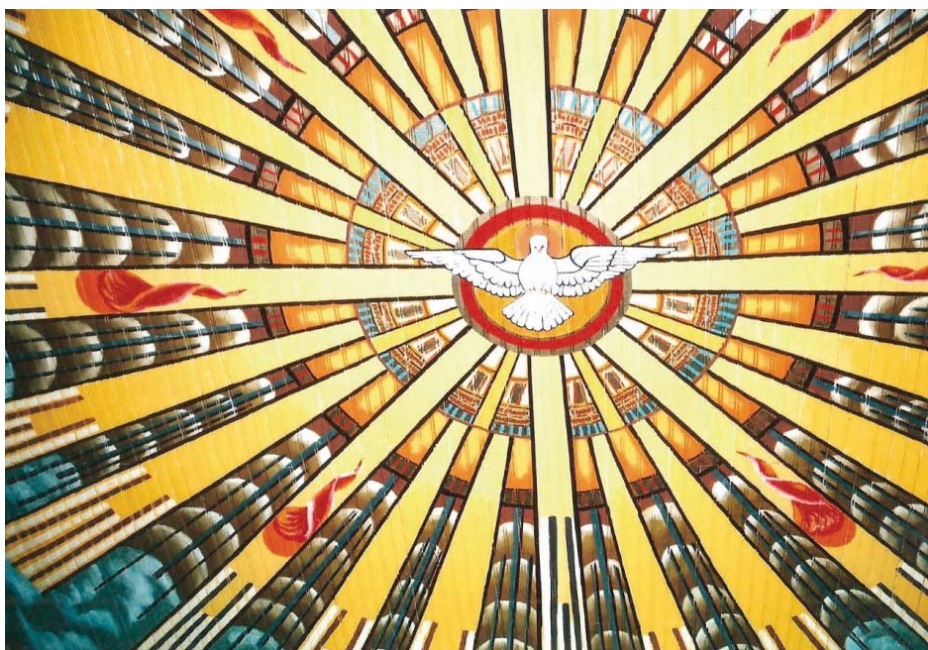
A Capela do Rio Preto foi a penúltima obra do artista. Foto: Sandra M. Mosson

SÃO JOSAFAT

Com o incentivo do Padre Taras Olinek cresceu a ideia de uma capela na colônia Santa Cruz, em Mallet. Assim, no dia 14 de junho de 1991 foi feita a festa inaugural da capela já concluída e com todos os móveis e bancos necessários. No dia 7 de janeiro de 1992, Antônio Petrek iniciou a pintura artística dos quadros e paredes e este trabalho foi concluído em junho de 1994.



Petrek levou dois anos para concluir a pintura em Santa Cruz. Foto: Sandra M. Mosson



Espírito Santo no teto da capela São Josafat. Foto: Sandra M. Mosson

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS



Detalhes da obra de Petrek em Mallet. Foto: Sandra M. Mosson

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Mallet, é uma obra diferenciada do artista. Nela, cores sóbrias se contradizem com os outros trabalhos apresentados. Talvez este fosse de uma época mais introspectiva, e que deixou suas marcas na maior igreja pintada por ele.



Em Mallet, a Igreja Ucraniana Sagrado Coração de Jesus recebeu tons mais sóbrios das mãos do artista. Foto: Sandra M. Mosson

ANUNCIAÇÃO DE NOSSA SENHORA

A igreja ucraniana Anunciação de Nossa Senhora está localizada a um km da BR 476, na Linha Cândido de Abreu, município de Paulo Frontin.

A pintura interna da igreja é, como em outras, uma verdadeira obra de arte feita por Antônio Petrek, que já havia pintado a igreja Sagrado Coração de Jesus. O padre Severo Preima também tem méritos na construção da nova igreja, em especial na pintura, pois ele era muito amigo de Petrek. Infelizmente o padre não viu a obra concluída, pois faleceu em acidente no dia 26 de setembro de 1976, no mesmo dia em que visitou o pintor e viu seus trabalhos. A pintura interna foi concluída no final de 1977 e, em seguida, Antônio seguiu para realizar a pintura da igreja São João Batista, também em Paulo Frontin.



A pintura interna foi concluída no final de 1977. Foto: Madalena Diduch



Detalhes da pintura de Antônio Petrek na capela Ucrâniana Anunciação de Nossa Senhora.
Foto: Madalena Diduch



Interior da Igreja de São João Batista em Paulo Frontin. Foto: Madalena Diduch



Em Paulo Frontin também se confere o trabalho desse grande artista. Foto: Madalena Diduch

LAJEADO DE CIMA – MALLET



Em Lajeado de Cima, comunidade de Rio Azul, o artista também deixou sua obra.
Foto: Sandra M. Mosson



Lajeado: Detalhes do forro da capela. Foto: Sandra M. Mosson

SANTA TEREZINHA

O último trabalho de Antônio Petrek foi em 2008, na Igreja Santa Terezinha, do Rito Ucrainiano, na cidade de Rio Azul. Debitado, o artista não conseguiu terminar sua obra e algumas pinturas foram acabadas pela artista Madalena Ianoski.



Interior da Igreja Santa Terezinha, ultima obra do artista. Foto: Sandra M. Mosson



Durante entrevista que Irmã Anastácia Smaha deu ao jornalista Fernando Parracho, da RPCTV, que produziu um documentário especial sobre Antonio Petrek, vinculado no programa “Meu Paraná”, em 14 de maio de 2011. Foto: Sandra M. Mosson

PALAVRAS DO ARTISTA

Durante o período em que Sandra Maria Mosson foi proprietária do Jornal Hoje Centro Sul, Antonio Petrek deu diversas entrevistas para o jornal e falou sobre seu trabalho. Disse pintar principalmente motivos religiosos por se tratar de temas mais sérios.

Contou que avaliava o preço do seu trabalho conforme as dificuldades que teve para realizá-lo, se recebeu comida e abrigo durante o tempo de pintura ou não. *“Eu valorizo meu trabalho, mas valorizo mais ainda a colaboração das pessoas. Se não te deixam faltar nada, você tem um outro ânimo para trabalhar”*, explicou Petrek.

O artista revelou que preferia trabalhar a noite. *“A memória é tranquila mais a tarde. Dias de chuva e durante a noite é quando pinto partes mais importantes. Em dias de sol faço os arremates finais”*.

Petrek classificou seu estilo como *“quase”* contemporâneo, e quando perguntado qual o artista que mais lhe chama a atenção, diz que gosta de Michelangelo e irmãos Van Dyck. Para ele, a sua obra na Capela Senhor Bom Jesus, pintada na década de 1960, foi uma pintura rápida, pois demorou cerca de um ano para ficar pronta.

Uma das peculiaridades da sua pintura está nos materiais utilizados para o arremate do seu trabalho. Leite fervido e zinco faziam a finalização perfeita. *“O branco que dá a sombra é feito de leite, e depois, os lados também. Devem fazer o tombamento da igreja e construir outra, mas essa não podem desmanchar”*, ressaltou o próprio artista na ocasião.

“A coisa mais linda”, assim se referiu a uma de suas pinturas que fica na Igreja Santa Terezinha. Para realizar seu trabalho Petrek utilizava várias fotos de santos ou com motivos bíblicos. *“Eu modernizei a Santa Terezinha. Juntando de todas as imagens eu me inspirei e fiz numa só”*, relatou.

Mas da imagem que existe pintada nas paredes da Igreja, havia uma em tamanho menor, ainda guardada com o artista. *“Essa Santa Terezinha é meu trabalho antigo, e essa eu modernizei. Fiz a primeira em 1969, e eram quatro horas da madrugada quando eu terminei”*, lembrou Petrek. Entre as modificações feitas na imagem consta a inclusão de mais rosas e três anjos de cada lado.

O artista lembrou dos convites que recebeu para pintar, como em um colégio na cidade de Mallet, falou do seu trabalho com a ‘Santa Cruz’, que fez naquela cidade, com mais de seis metros de



Na sua simplicidade, o artista posa para foto em frente à sua obra. Foto: Sandra M. Mosson

altura, e sua memória ainda trouxe à tona detalhes do início de sua carreira, quando não tinha materiais como telas para praticar, por isso usava madeiras para aperfeiçoar seu traço. Ele ainda guardava seus primeiros trabalhos. *“Eu não podia comprar tela, então usava algumas tabuinhas”*, contou.

Sua última entrevista ao Jornal Hoje Centro Sul foi concedida em dezembro de 2010, quando o Projeto *“Revelando os Brasis”* escolheu sua história para virar tema de um filme curta-metragem. Na ocasião, Petrek estava no Lar dos Velinhos em Rio Azul e afirmou que voltaria a pintar, pois muitas telas ainda estavam inacabadas. Ainda, para finalizar, confessou que o segredo da sua arte é a emoção que coloca em cada pintura que faz.

DIFICULDADES...

Enquanto pintava a Capela de Sant’Ana na comunidade do Rio Preto em Irati, Petrek sofreu uma queda e ficou meses afastado do trabalho. Quando terminou, seguiu para a Igreja Santa Terezinha de Rio Azul, mas não conseguiu concluir toda a pintura, pois a sua condição física já não lhe dava condições de subir em andaimes e ficar tempo com o braço suspenso. A última pintura do artista foi feita na Igreja Santa Terezinha, em 2008.

A idade avançada deu ao artista movimentos lentos e maiores dificuldades, mesmo assim, resolveu morar sozinho em uma casa simples de Rio Azul, mas foi vítima de roubos, nos quais levaram alguns materiais de trabalho como tintas e 51 pincéis. Essa situação o deixou consternado, e por isso, foi morar com familiares e posteriormente no Lar dos Velinhos de Rio Azul onde ficou até falecer.



Foto tirada durante sua última entrevista ao Jornal Hoje Centro Sul. Foto: Arquivo.

EXCENTRICIDADES

Antônio Petrek dedicou toda a sua vida à pintura, na maioria das vezes em troca de moradia e comida, pois, para ele, não eram necessárias grandes quantias como pagamento. Um teto para morar, comida e um pouco de dinheiro era suficiente. Não formou família e nem teve filhos. Dormia durante o dia e pintava a noite e quando terminava uma obra e seguia em direção a outra.

Durante as gravações do programa *'Meu Paraná'* da Rede Paranaense de Comunicação (RPC) em maio de 2011, foi conversado com pessoas que conviveram com Petrek enquanto ele pintava sua penúltima igreja, localizada na comunidade do Rio Preto, interior de Irati.

Joãozinho Zampier, agricultor que conviveu com Petrek durante cinco anos, período que o artista levou para pintar a igreja, se tornou grande amigo de Petrek, frequentando sua casa nos finais de tarde quando levava comida e ficava de conversa com o pintor. *"Ele gostava quando a gente trazia um peixe ou um salgado... Muitas vezes passava o dia trancado na casa, e só abria a janela quando já fosse noite e não viesse mais ninguém incomodar"* lembra Joãozinho.

Algumas peculiaridades de Petrek também foram reveladas por duas moradoras da localidade, Avani Grocholski Valigura e Fátima Brandalize. Uma das características mais marcantes do artista que impressionou elas foi trabalhar durante a noite e descansar pelo dia. Ele também costumava morar em casas localizadas junto às igrejas que eram cedidas pelos párocos. Ele colocava uma caixinha ao lado da porta para que a comida fosse depositada. *"Aqui na comunidade fizemos uma escala entre as famílias, todo dia uma era responsável por levar o alimento para ele"*, afirma Avani.

Dentre os alimentos preferidos de Petrek estavam o pierogue, bolacha e leite. As moradoras recordam que ele também gostava de preparar lambaris. *"Os homens quando voltavam das pescas deixavam alguns lambaris ainda frescos na caixinha. Depois de recolher, Petrek passava sal e os colocava para secar em uma cordinha pendurada acima do fogão a lenha"*, conta Fátima.

Mas a excentricidade do pintor se revelava mesmo nos pequenos detalhes. Petrek chegou a mostrar para Avani e Fátima o "Livro Ouro" que elaborou. O livro era uma lista das pessoas que ele mais gostava na comunidade, geralmente, estavam incluídas aquelas que além dos alimentos básicos, levavam também alguns "agradi-nhos" como sobremesas e doces.



Uma das poucas assinaturas feita pelo artista em um de seus trabalhos. Foto: Fernando Viana.

CONSIDERAÇÕES

Em nossa região, apesar de toda a genialidade da obra de Petrek muitas pessoas ainda desconhecem o seu trabalho. A experiência de entrar em uma igreja pintada por ele é indescritível, são tantas formas e cores que impossibilitam captar todos os detalhes com apenas um olhar.

O apresentador do *'Meu Paraná'* na época, o jornalista Fernando Parracho, classifica a obra do pintor como impactante. A história de vida de Petrek também lhe impressionou. *"Não sei se existem palavras adequadas para definir e explicar o trabalho que ele fez. Talvez nem uma imagem traduza a experiência que é ficar embaixo daquele teto todo pintado e ao lado daqueles murais"*, observou Parracho.

Para o apresentador, o fato de não cobrar e não assinar os seus trabalhos revela o caráter desprendido do pintor. A mistura de diferentes ingredientes na composição das tintas levou Parracho a comparar Petrek com um alquimista. *"Aqui no Paraná, nós tivemos um gênio com muito talento. As cores que ele usou são distintas, não são comuns em marcas de tintas. Se fossemos traçar um paralelo bem popular, e não muito comprometido com o lado técnico, diria que no Paraná nós tivemos o nosso Michelangelo que foi o Antonio Petrek, guardadas as proporções do que cada um pintou. Ele foi maravilhoso, entre outros sentimentos que vamos tentar transmitir durante o programa"*, frisou.

O cinegrafista Carlos Costa, afirmou que ficou fascinado com a obra do artista, principalmente com a pintura da igreja de Cachoeira dos Paulistas. *"Com tudo o que pudemos ver, gostaria de ter conhecido o Petrek, e de ter tido a oportunidade de perguntá-lo o que realmente o levou a dedicar a sua vida a pintura"*, destacou Costa.

As imagens com pequenos detalhes que dão a impressão de se tratarem de azulejos, despertaram a atenção do operador de áudio, Christopher Spuldar. *"Nunca tinha visto algo feito por uma pessoa que não é conhecida, mas que tem tamanha grandiosidade"*, concluiu. Para Irmã Anastácia Smaha, as melhores obras de Petrek estão em igrejas ucranianas do município de Mallet, em especial a da localidade de Lageado, devido aos detalhes. Ela listou alguns municípios em que o pintor deixou a sua marca. *"O Petrek foi uma pessoa santa, o que ele fazia era uma coisa de Deus"*, ressalta a Irmã Anastácia. *"Ele foi um homem muito simples e tinha uma bondade enorme"*, é assim que o diácono João Basniak, lembra do pintor. O diácono conviveu com Petrek na época em que ele pintava a Paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Mallet. *"Um amigo verdadeiro. Eu e o padre Severo íamos visitar o Petrek para jogar um truquinho ou conversa fora. Ele sempre fazia questão de servir os amigos com algum tipo de bebida ou comida, que na maioria das vezes ele recebia em troca do seu trabalho"*, recorda. A dedicação e a fé de Petrek também chamam a atenção do diácono. *"A pintura era a vocação e o dom que ele tinha. Foi um homem que estudou pouco, mas dedicou sua vida de corpo e alma para as igrejas e capelas. A sua espiritualidade e sua fé, eram transmitidas ao pintar, esse era o contato dele com Deus"*, ressalta. O legado deixado por Petrek é imensurável. Não foi apenas um artista, e sim, um homem com talento e virtudes. Com um simples olhar sobre sua obra percebemos que Petrek é imortal, principalmente, para aqueles que sabem reconhecer o valor deste grande artista

RECONHECIMENTO

O artista foi tema do extinto programa de televisão *“Bicho do Paraná”*, transmitido pela Rede Globo de Televisão e que mostrava as personalidades paranaenses. Por duas vezes as igrejas pintadas por Petrek foram ao ar no quadro *“Me Leva Brasil”*, apresentado por Maurício Kubrusly, no programa *“Fantástico”*.

Em 2008 Petrek foi homenageado com a maior honraria concedida pela Câmara Municipal de Rio Azul, sua terra natal, o título de Cidadão Benemérito, em cuja Sessão Solene marcou presença. Além disso, ele está imortalizado como Patrono da cadeira 17 da Academia de Letras, Artes e Ciências do Centro Sul do Paraná (ALACS), ocupada pela acadêmica Sandra Maria Mosson, representando a cidade de Rio Azul. A ALACS foi instalada em 23 de novembro de 2002 com incentivo da Academia Paranaense de Letras, para contribuir para a integração cultural do Paraná.

“Escolhi Antônio Petrek como meu patrono pois acredito que sua obra deve ser imortalizada e ele reconhecido, e através da ALACS seu nome ficará para sempre na história do Centro Sul do Paraná. Além de tantas qualidades, a harmonia, paciência e humildade são traços refletidos nas paredes que ele pintou”, explicou Sandra.



Antônio com o vereador da época, Quirino Alfredo Bucco, proponente do Título de Cidadão Benemérito do município de Rio Azul. Foto: Arquivo Câmara Municipal

A vida de Antonio Petrek foi tema de curta-metragem no projeto *Revelando os Brasis*, de incentivo da Petrobras. A empresária, Regina Maria Pegoraro criou uma

historia de forma fictícia baseada em fatos reais de Petrek. Os próprios moradores de Rio Azul participaram de filme sobre Antonio Petrek que tem como título “O Dom de Deus”.

Regina Maria Pegoraro contou que a escolha do tema teve como objetivo despertar na comunidade a atenção para a riqueza expressa nas pinturas da Capela Senhor Bom Jesus e para a relevância do artista para Rio Azul e região. “O texto é uma história simples que fala da infância do Petrek. Eu criei uma história que tem um encanto, mas que conta o que ele fez que era ir para as capelas pintar, e só sair de lá o dia que a obra estivesse pronta.”, ressaltou. Pouco antes de começar a rodar o curta-metragem, o grande artista nos deixou no dia 30 de janeiro de 2011, com 82 anos.

Depois da sua morte, em 17 de maio de 2011, a obra de Antônio Petrek foi tema de reportagem no programa ‘Meu Paraná’, da Rede Globo de Televisão, e reprisado diversas vezes nos canais via satélite da emissora.



Academia de Letras, Artes e Ciências do Centro-Sul do Paraná
BR 153, Km 7 - UNICENTRO
84500-000 – Irati – Paraná – e-mail: alacs@irati.unicentro.br

Irati, 17 de Outubro de 2002

Prezado Senhor **ANTONIO PETREK**

Há cerca de um ano, algumas pessoas de Irati e região fizeram um estudo sobre as personalidades que se destacaram nas artes, nas ciências, na literatura e nas ações comunitárias e SUA ILUSTRE PESSOA foi lembrada, pelo brilhantismo de seu trabalho.

Deste trabalho, nasceu a ACADEMIA DE LETRAS, ARTES E CIÊNCIAS DO CENTRO-SUL DO PARANÁ com sede na cidade de Irati, Estado do Paraná.

Em nome da Diretoria da ALACS, estamos dando-lhe ciência de que seu nome foi escolhido para **PATRONO** de uma das cadeiras da academia.

Informamos de que a instalação da referida academia será dia **23 de novembro de 2002, sábado, às 17 horas, no Campus Universitário de Irati, situado no km 07, Br 153, bairro Riozinho, em Irati.**

Gostaríamos de poder contar com sua presença a esta solenidade, que tem por objetivo o resgate e a memória de pessoas que tanto engrandecem e engrandeceram a região, o estado e a nação.

Colocamo-nos a disposição para qualquer esclarecimento com Luiza N. Fillus (042)-423-24-59 ou Sandra M. Mosson (42)-422-2461.

Contando com sua aquiescência, registramos nossa admiração.


Luiza Nelma Fillus
Presidente da ALACS

Carta enviada ao artista tratando da sua nomeação como Patrono, representante de Rio Azul, na ALACS.



Antônio Petrek, na noite de instalação da Academia de Letras, Artes e Ciências do Centro Sul do Paraná. Foto: Arquivo ALACS

Arquivos

Sua obra, que está registrada nas paredes de algumas igrejas da região, pode ser vista na página do facebook Antonio Petrek, criada por familiares para perpetuar e manter viva a memória deste artista tão importante para a história de Rio Azul. Além disso, digitando o link abaixo, dá para conferir duas produções feitas sobre o artista.

Vale lembrar que o importante conjunto de obras de Antonio Petrek é um patrimônio histórico, cultural, religioso e étnico não só de Rio Azul, mas para toda a comunidade eslava do Paraná.

Vídeos:

Meu Paraná - Antônio Petrek um artista iluminado (parte 1)

<https://youtu.be/gWuCwnE5x0Q>

Meu Paraná - Antônio Petrek um artista iluminado (parte 2)

<https://youtu.be/oEzdvmNzs3w>

Curta Metragem “*Dom de Deus*” de Regina Maria Pegoraro.

<https://youtu.be/WKDBA0-9nGw>

CORPUS CHRISTI: TRADIÇÃO E FÉ EM RIO AZUL

José Augusto Gueltes



Corpus Christi - A tradição ucraniana é percebida nos trajes típicos até hoje usados nas celebrações religiosas. Foto Marcos Maroski 2018

No catolicismo, o dia de Corpus Christi, realizado na quinta-feira seguinte ao domingo da Santíssima Trindade, consta de uma grande missa, seguida da procissão e adoração ao Santíssimo Sacramento. A Santa Missa é o memorial da paixão, morte e ressurreição de Cristo. A procissão lembra a caminhada do povo de Deus, que é peregrino, em busca da terra prometida e a adoração ao Santíssimo Corpo de Cristo, presente na Hóstia consagrada, é um dos gestos mais profundos de comunhão do fiel católico com Cristo.

A festa de Corpus Christi remete século XIII. No ano de 1264, o Papa Urbano IV estendeu esta solenidade para toda a igreja. Neste mesmo período surgiu também a procissão com o ostensório (que carrega o Corpo de Cristo), por ruas enfeitadas nas cidades e aldeias. Os tapetes confeccionados expressam a fé e o amor do povo cristão por Jesus que volta a passar pelas ruas das cidades e lugarejos. Na verdade, é o sacerdote com o ostensório que caminha por cima dos tapetes. A procissão solene constitui o testemunho público da piedade do povo cristão para o Santíssimo Sacramento.

A celebração de Corpus Christi é, depois das celebrações do Natal e da Páscoa, a data religiosa que mais empolga os fiéis católicos do município de Rio Azul. É

uma festa que lembra solenemente o mistério da Eucaristia. A confecção de tapetes de rua é uma das principais tradições na comemoração do Corpus Christi na maior parte das cidades brasileiras. Em Rio Azul, todos os anos, fiéis católicos das igrejas Santa Terezinha, do Rito Ucraniano, e Sagrado Coração de Jesus, do rito latino, se unem para a confecção do grande tapete que segue pela Avenida Manoel Ribas, unindo, literalmente, as duas igrejas. Às nove da manhã tem início a Santa Missa na Matriz Sagrado Coração de Jesus, que fica lotada. Pessoas que não conseguem entrar na igreja acompanham a celebração do lado de fora. A rua em frente e a praça ficam totalmente tomadas por fiéis. A Missa é presidida por padres dos dois ritos, ucraniano e católico. Rezas e cantos são feitos nos dois idiomas, português e ucraniano. Logo após a celebração da Santa Missa, tem início a grande procissão, momento singular onde fé e tradição se misturam. Mais de mil pessoas participam desta caminhada religiosa tendo à frente o Ostensório com a Sagrada Eucaristia. Cânticos religiosos e orações são entoados com grande fervor e emoção pelos fiéis. Entre a igreja Matriz e o final da procissão, quatro altares servem de parada obrigatória para leituras sagradas, preces e a bênção do Santíssimo.

Tudo começa dias antes com as reuniões preparatórias e a organização dos grupos responsáveis por cada trecho da avenida por onde será confeccionado o tradicional tapete. Normalmente uma quadra para cada grupo que é formado por duas ou três pastorais ou movimentos da igreja. Os ucranianos tem seu trecho entre a Rua Santa Terezinha e a igreja.

O material utilizado nas decorações é preparado com bastante antecedência. E o trabalho não é pouco e nem muito fácil. Exige tempo e criatividade, mas tudo é feito com muita alegria: tingir serragem, preparar os desenhos, revestir tampinhas de garrafas, escolher as flores e as folhas, etc. Também já participaram professores e alunos das escolas Dr. Chafic Cury, Dr. Afonso Alves de Camargo e Nossa Senhora Aparecida, esta da localidade de Invernada e a Apae de Rio Azul.

A prefeitura sempre colabora pintando no asfalto as linhas que ajudarão a organizar o tapete a ser produzido e também traz as serragens que são doadas pela família Gembarowski, proprietária da tradicional serraria de mesmo nome. Durante a fria madrugada de junho, no dia da procissão, a avenida começa a ser decorada. Adultos, jovens e até crianças esquecem o frio e partem para o trabalho antes das 5h da manhã. Aos poucos, tudo começa a tomar forma e logo vai surgindo o belíssimo tapete, transformando em verdadeiras obras de arte o material que antes havia sido escolhido e preparado para o grande dia. Todos os símbolos estão vinculados ao Cristo Eucaristia, por isso trigo e uva, pão e vinho são comuns. Outros símbolos também ganham forma nos desenhos coloridos como a cruz, o cálice, a hóstia, o peixe, etc.

O que se nota com o passar dos anos, é a preocupação com temas sociais ligados à fé cristã em relação à confecção dos tapetes. A solidariedade com os mais necessitados vem ganhando força entre os fiéis. Tradicionalmente o tapete de Corpus Christi tem na serragem colorida a sua principal matéria prima. De alguns anos para cá, entretanto, as escolas que participam da confecção dos tapetes, resolveram inovar: ao invés da serragem colorida e de outros materiais, utilizam cobertores e edredons. Depois da procissão este material é recolhido e doado para ser distribuído

à pessoas carentes da comunidade, assistidas pela Associação Beneficência Católica Pe João Salanczyk – ASBEC.

Como a celebração tem início às 9 da manhã, tudo tem de ficar pronto pelas 8h30. Assim, o trabalho, além de caprichado, tem de ser executado com certa agilidade. O que mais chama atenção de quem participa da confecção do tapete ou simplesmente acompanha toda a movimentação, é o calor humano e as expressões de solidariedade que tomam conta do ambiente. Não há razões para discussões ou desentendimentos. Todos acordam cedo e simplesmente se colocam a serviço, dispostos a simplesmente colaborar. Em locais previamente determinados, famílias inteiras e donos de casas de comércio também se dedicam a preparar os altares por onde a procissão passa. Cada um com seu estilo, devoção e capricho. Tudo contribui para tornar cada ambiente único, com sua beleza particular que, tal qual o tapete, chama a atenção de quem passa para simplesmente admirar, rezar ou tirar fotos de lembrança. Quase todas as pessoas, antes de irem à igreja, dão uma passadinha ao longo da avenida só para observar o tapete. Muitas pessoas vem de outras localidades para registrar e participar deste momento.



Corpus Christi - além da serragem colorida outros materiais também começam a ser utilizados.

Foto Marcos Maroski 2018



Corpus Christi - aspectos dos tapetes feitos de serragem colorida.
Foto Marcos Maroski 2018



Corpus Christi - mais um dos altares ao longo do caminho.
Foto Marcos Maroski 2018



Corpus Christi - momentot da saída da procissão da igreja Matriz.
Foto Marcos Maroski 2018



Corpus Christi - os tapetes feitos de serragem colorida e outros materiais chamam a atenção pela beleza. Foto Marcos Maroski 2018



Corpus Christi - Padres dos ritos latino e ucraniano celebram juntos todos os anos.
Foto Marcos Maroski 2018



Corpus Christi - um dos altares onde há parada para bênção do Santíssimo durante o trajeto da procissão. Foto Marcos Maroski 2018



Corpus Christi - uma grande multidão acompanha a procissão que segue da igreja matriz (do rito latino) para a igreja do rito ucraniano. Foto Marcos Maroski 2018



Corpus Christi - símbolo da Infancia e Adolescência Missionária feito com tampinhas de garrafa revestidas com papel colorido



Tapete com cobertores que depois serão doados a famílias carentes. Foto: J. A. Gueltes

VIAGEM PELALINHA DO TEMPO

José Augusto Gueltes

1885 - Iniciaram-se as penetrações nessa região, que havia sido habitada pelos índios cainguanes, guaranis e xetás, cujos remanescentes se encontram atualmente aldeados em reservas. Não há registro de aldeias no território rioazulense, assim como nos municípios vizinhos. Era conhecida como Sertão do Jararaca. Nos mapas oficiais do Paraná à época, entretanto, não há este registro.

1893 - Por volta deste ano a região foi alvo de um grupo de bandeirantes luso-brasileiros com as bandeiras de Afonso Botelho de Sampaio e Souza, sendo uma delas sob o comando do capitão das milícias Estevão Ribeiro Rayão, natural de São José dos Pinhais, Paraná e os pelotões do tenente Inácio Mota (Fonte: VALASCKI e WZOREK, 1988).

1895 - Há registro da chegada dos primeiros povoadores do território do atual município de Rio Azul. De origem e tradição portuguesa, foram eles: Cláudio Amâncio de Oliveira, Domingos Soares de Ramos, Frederico Ferreira, Joaquim Correia Lopes, Joaquim Marinho e José Lourenço Cardoso.

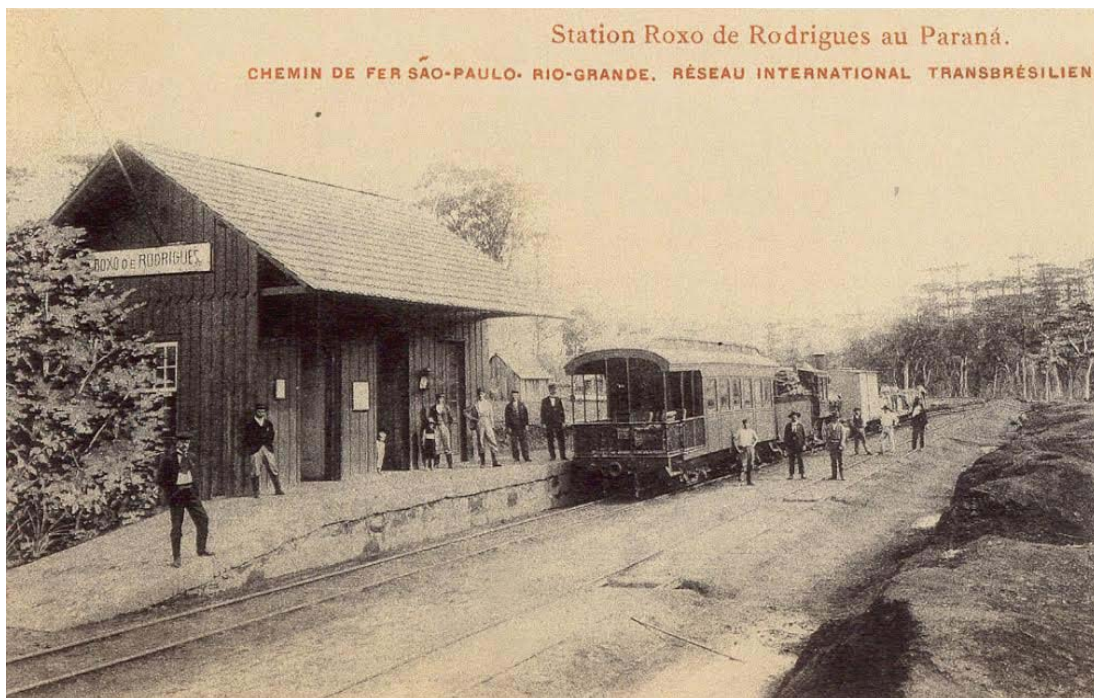
1894 - Tiveram início os trabalhos da construção da estrada de ferro São Paulo/ Porto Alegre. Começam as primeiras construções de residências e casas comerciais.

1895 - Os bandeirantes prosseguem com a penetração, estabelecendo as primeiras colonizações do município, objetivando a busca por pedras e metais preciosos e a caça ao índio. No território são fundadas as primeiras colônias por pioneiros de origem e tradições portuguesas e italianas, oriundos das proximidades de Curitiba e Lapa: Rio Azul dos Soares e Butiazal.

1900 - é registrada a chegada de um dos primeiros imigrantes a se estabelecer nestas terras, o senhor Jacob Burko (casado com a senhora Ana Bida), nascido na Ucrânia em 1882.

1901 - A família de Jacob Burko inicia atividade comercial com um pequeno comércio responsável pelo fornecimento de mantimentos aos obreiros e trabalhadores da estrada de ferro. (Fonte: VALASCKI e WZOREK, 1988). Esta casa de comércio estava localizada nos arredores da atual Rua Dr Campos Mello, cujo area de terreno ainda pertence a família Burko.

1902 - Com a passagem da estrada de ferro teve início neste ano o povoamento no lugar onde hoje está situada a cidade de Rio Azul. Foi neste ano instalada uma pequena estação que recebeu o nome de **Jaboticabal**, como referência. Quando inaugurada no mesmo ano, recebeu o nome de **Roxo Roiz**, em homenagem ao engenheiro que estava checando os trabalhos da construção da estrada.



A estação com o nome de Roxo de Rodrigues nos anos 1900. Cartão postal
Em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/rioazul.htm>

A estrada de ferro foi fundamental para aumentar a povoação, graças as facilidades do transporte trazidos pela instalação da ferrovia e da estação local. Começaram a aparecer atividades comerciais e industriais através das muitas serrarias que exploravam a vasta floresta de madeiras nobres, entre as quais a araucária, o cedro, a imbuia, etc., e da exploração da erva mate que até 1930, foi a principal atividade econômica do município, beneficiada nos tradicionais barbaquás e carijós e preparada para exportação aos estados do sul, Uruguai e Argentina.

*Havia ainda o transporte feito pelo **rio Potinga** com barcos a vapor. Três portos eram bastante conhecidos da população local: o Porto Soares, o Porto Mineiros, na comunidade de Barra do Rio Azul, e o Porto Cortiça, próximo às comunidades de Charqueada e Cortiça, na divisa com o Município de São Mateus do Sul, o que contribuiu em muito para o surgimento de pequenas comunidades (a exemplo das citadas), das quais a que mais cresceu e chegou ao status de Distrito, foi a de Porto soares*

1903 - Registro da chegada dos padres da Congregação do Verbo Divino (SVD) no Porto Soares onde permaneceram diversos meses. A visita se deu por acidente depois de andarem horas pelo mato a procura de vilarejo, uma vez que os cavalos com os quais viajavam haviam fugido enquanto descansavam. (Este relato está no livro Terra de Canaã, do Pe Fabiano Kachel, svd, na página 104)

1905 - O senhor Jacob Burko instala a primeira serraria.

1907 - Pelo Decreto Estadual nº 461, de 27 de novembro de 1907, foi criado um Distrito Policial, com atribuições de cartório, cujo primeiro responsável foi o senhor José Ribeiro dos Santos. A denominação oficial passa a ser **Distrito do Rio Cachoeira**, com sede na estação de Roxo Roiz, pertencente ao Município de Irati, Termo de Santo Antônio do Imbituva, comarca de Ponta Grossa.

1908 - Segundo Valascki e Wzorek (1988), é neste ano que chegam a maioria dos imigrantes em busca de extrativismo e exploração da agricultura. Estes se juntam aos migrantes que já haviam se estabelecido como negociantes e aos outros imigrantes que também haviam chegado em número menor anteriormente. Reunidos nas chamadas colônias, logo partiram para a construção de casas e de igrejas, dando origem às comunidades que hoje registramos.

Estes imigrantes eram provenientes de países como Itália, Alemanha, Polônia e Ucrânia - na grande maioria, mas também de Portugal, Síria, Líbano e Turquia. Como colocam Valascki e Wzorek (1988, p. 69):

“Ao lado das atividades extrativas de erva-mate apareceram outros grandes empreendimentos que proporcionavam bons lucros. A fertilidade do solo atraiu para Roxo Roiz uma considerável quantidade de imigrantes de origem polonesa e ucraniana que se dedicaram à indústria extrativa de erva-mate, à agricultura, desenvolviam criações de gado e em especial a criação de suínos. [...] Aumentavam assim a população e progresso econômico de Roxo Roiz. Para se dedicar ao comércio e indústria madeireira, imigraram famílias sírias, libanesas, e italianas vindas da região de Curitiba.”

Obs.: O corte de madeira e a exploração da erva mate continuam sendo as mais importantes atividades econômicas. O comércio e a indústria também tem seu desenvolvimento atrelado ao desenvolvimento da ferrovia. Soares (2012, p. 101) destaca que as terras do município de Rio Azul nos anos de 1870 e 1900, poderiam estar classificadas como “terras sem limites”. Como nestas terras poucas pessoas residiam e havia pequena quantidade de animais à solta, permitiu-se uma dinâmica de uso da terra em forma de faxinal. De acordo com este autor, todas as comunidades de Rio Azul tiveram o faxinal em sua gênese de povoamento. Fato este percebido quando da necessidade de se instituir no Código de Posturas Municipais, orientações sobre a forma de uso da terra e da criação dos animais, quando os moradores começam a ter conflitos envolvendo os mesmos.

1908 - os colonos de nacionalidades polonesa e ucraniana fundaram no território do Distrito, a Colônia Rio Azul (atual Rio Azul de Cima).

1909 - Em 19 de dezembro deste ano tem registro da primeira Certidão de Nascimento lavrada no Cartório do distrito de Rio Cachoeira: a da senhora Isabel Domingues da Silva, filha de José Domingues da Silva e de Ana da Trindade. (Fonte: Valascki e Wzorek)

1910 - Medindo 8,0m x 12,0m e coberta de tabuinhas, é construída a primeira capela do povoado pelo senhor José Lúcio da Silva, um cortador de matas e produtor de dormentes para a ferrovia. Padroeiros: Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião. Os padres da Congregação do verbo Divino, nesta época, visitavam a comunidade a cada três meses. O primeiro capelão foi o Pe Domingos Machado.

1910 - na localidade de serra Azul é registrada a construção da primeira capela do rito ucraniano

1910 - Chega na localidade de Porto Cortiça o senhor Antonio Vieira Alvarenga, casado com a senhora Ana Damasceno Batista e oriundo do Município de Balsa Nova/ Pr. Remodelou o porto permitindo que ali atracassem os famosos Barcos a Vapor. Também construiu e manteve em funcionamento durante muitos anos uma balsa que transportava pessoas de Rio Azul para São Mateus do Sul. Foi um dos grandes comerciante de erva-mate de sua época.

1910 - tem inicio os primeiros movimentos políticos para que a vila fosse elevada a Município. Destacam-se neste grupo: Coronel Hortêncio Martins de Mello, que estava à frente da Coletoria Estadual, Antonio José dos Passos, Gabriel Cury, Achilles Bueno, Jacob Burko e outros que encontraram um grande apoio na Assembléia do Estado junto à pessoa do Deputado Estadual Dr. Elizeu de Campos Mello.

1910 - iniciaram-se as instalações de mais residências. Foi criado o posto da Coletoria Estadual e ganhou destaque a presença de uma grande fábrica de palhões que serviam para a proteção de garrafas, garrafões e outros tipos de vidros nos quais eram vendidas bebidas finas. Nas colônias já havia registro de moinhos funcionando para a moagem de trigo e centeio.

1910 - Chegada do industrial Felipe Abrahão, proprietário da Serraria Monte Líbano, (na localidade de Palmeirinha) Neste ano ainda, registra-se a presença de muitos outros imigrantes libaneses, tais como Gabriel Cury, Chafic Cury, Oady Cury e She-ran Chalella que tinha uma casa de comércio de artigos em geral (Fonte: Alves Pires, Jurandir, “Rio Azul também tem história” – 2006)

1911 – Registro da passagem de Tadeusz Chrostowski, naturalista polonês, considerado depois o Patrono da Ornitologia no Paraná.

No entanto, também pretendia com isso realizar um tipo de reconhecimento em busca de outros tipos de paisagens e, especialmente, chegando àqueles que eram considerados os limites do Paraná “ci-

vilizado”, nas nascentes do rio Ivaí. Todo esse trajeto foi percorrido a pé, contando apenas com auxílio de uma mula para transportar sua bagagem. O primeiro destino foi Rio Claro do Sul, distrito de Mallet, onde se hospedou desde o início de dezembro até o Natal de 1910; esse período prolongado decorreu de ter “deslocado o braço”, exigindo um repouso forçado, no meio da incursão. Logo após, seguiu a norte, parando - e eventualmente coletando espécimes - em Santa Cruz (Braço do Potinga), Roxoroiz. (Chrostowski, 1911).

1913 - Roxo Roiz é elevado a categoria de Distrito Judiciário

CURIOSIDADE

Um dos fatos mais curiosos e marcantes que aconteceram em Rio Azul, logo no princípio da colonização, foi a passagem de uma pessoa, identificada como monge, sendo, por muitos, considerado profeta; o Profeta do Povo. Seu nome João Maria Dagostin ou João Maria de Jesus. São João Maria, como ficou conhecido e afamado entre os moradores, trajava-se de maneira simples, quase maltrapilho, com penduricalhos amarrados à cintura (canecas, chaleiras, colheres, etc.). Peregrinava pelas comunidades agarrado a um cajado. Costumava acampar aos pés de uma árvore frondosa, à sombra. Sempre ao lado de uma nascente. Nas comunidades rioazulenses, por onde passou, até hoje encontramos vestígios de suas histórias. Em alguns locais a população construiu grutas e oratórios, onde faz pedidos, orações e agradece milagres alcançados, atribuídos a João Maria. Nos locais onde pousava, não demorava muito, juntava o povo que vinha para ouvir seus ensinamentos. Neste pequeno período, ouvia as pessoas e praticava atos de curandeirismo. Tinha grande conhecimento de ervas medicinais, ensinando receitas curativas que são praticadas até os dias atuais. Falava do futuro, desejava a paz e a igualdade, fazia premonições, aconselhava o povo a rezar, pedia a todos que se mantivessem firmes na fé e na justiça para encontrar a paz e a felicidade. Quando se despedia do local que acampou, erguia uma cruz com as iniciais de seu nome e abençoava a água, dando-lhe poderes divinos. Até os dias de hoje, algumas pessoas de Rio Azul acreditam que são curativas e muitas batizam os recém-nascidos nessas águas. Profeta ou monge São João Maria é muito respeitado nos dias atuais pela maioria do povo rioazulense, sendo que suas histórias são repassadas de geração em geração.

Fonte: https://www.cidadao.pr.gov.br/arquivos/File/paranalivro_lendas.pdf

1914 - O “Distrito do Rio Cachoeira” voltou a chamar-se Roxo Roiz, agora com subordinação ao Termo de São João do Triunfo. Nesta época os países platinos (Uruguai, Argentina e Paraguai), grandes consumidores de erva mate, passavam por uma crise com a falta da matéria prima. Assim, grandes incursões se deram em nosso território

e registrou-se um grande volume da venda deste produto, exportado graças a estrada de ferro e também pelos barcos a vapor que navegavam pelo rio Potinga, onde haviam instalados três portos: Soares, Cortiça e Mineiros.

1915 - Em 29 de junho nasceu Chafic Cury, filho dos imigrantes libaneses Resala e Rosa Cury. Formou-se advogado em 1938 e foi eleito Deputado Estadual pela primeira vez em 03-10-1950, tendo sido 1º Secretário da Mesa da Assembleia Legislativa do Paraná. Foi deputado por duas legislaturas

1916 - Chegada do senhor José Pissaia que logo instalou a Serraria Santa Terezinha na localidade de Cortiça.

1917 - Ano de fundação da Banda de Música Lyra do Sul, regida pelo Maestro Roberto Ehlke Sobrinho, que mais tarde foi eleito vereador.

1918 - Em 26 de março foi sancionada pelo governador do Estado Dr. Affonso Alves de Camargo, com participação do Deputado estadual Elizeu de Campos Mello, a Lei nº 1759, criando o município de Roxo Roiz, desmembrando-o de São João do Triunfo e integrando-o ao Termo de Irati, Comarca de Ponta Grossa. Em 14 de julho do mesmo ano, o município é instalado oficialmente com a posse do primeiro Prefeito, o Coronel Hortêncio Martins de Mello, que permaneceu a frente do Executivo até 1920.

Vereadores, na época chamados de Camaristas, que foram os primeiros de Rio Azul: Zeferino Salles Bitencourt - Presidente -, Saturnino Bueno de Camargo - Vice-Presidente -, Gabriel Cury, Joaquim Luiz dos Santos, Honório Alves Pires e Antonio José dos Passos. Suplentes que assumiram ante a desistência dos primeiros: Jacob Burko, Horácio Vieira, Manoel Antonio Fornier, Achilles Bueno, José Januário dos Santos e Felicíssimo Ildefonso Neves. O primeiro Secretário da Câmara foi o senhor Antonio Salles Borges. (fonte: VALASCKI e WZOREK, 1988).

CURIOSIDADE

As terras onde o povoamento se formara eram de propriedade do industrial, camarista e Prefeito de Ponta Grossa - e depois Deputado Estadual -, senhor Elizeu de Campos Mello que acabou por doar parte destas terras em 1902, para a formação do povoado. Portanto, as terras onde hoje se encontra a região central de nossa cidade foram por ele doadas, daí a razão de uma de nossa principais vias levar o seu nome.

1918 - A população e autoridades enfrentaram um grande surto de gripe que fez vítimas em todos os lares da pequena povoação. Há registros de que “*não houve uma só família que não chorasse seus mortos*”. A gripe fez mais de duzentas vítimas, trazendo

o luto a praticamente todas as famílias.

1918 - Ano da construção da primeira capela do rito ucraniano na cidade (Capela Santa Terezinha) por iniciativa do Pe Emiliano J. Ananewycz, OFM. Foi primeiro Pároco o Pe Clemente Preima. Pertencia à Paróquia Sagrado Coração de Jesus, de Mallet/Pr

1918 - Em 04 de abril deste ano é fundada a loja maçônica **Arautos do Bem nº 0.946, com Carta Constitutiva do Grande Oriente do Brasil, emitida em 03-06-1918**. Provavelmente deixou de funcionar motivado por problemas durante a Revolução de 1930.

CURIOSIDADE: DE ACORDO COM Alves Pires, em "Rio Azul também tem história" (2006 – página 21) nesta época há o registro de pelo menos três ex-escravos: Antonio Leão, que veio de Irati com o amigo Honório Alves Pires e morreu por volta de 1940 em Curitiba; Antonio Diogo ou Euzébio de Lima, morador do Marumbi dos Ribeiros e Negra Geralda ou Geraldinha, supostamente membro da família de mulatos de Antonio Pinto.

1919 - A Câmara aprova o primeiro Código de Posturas Municipais

1920 - a partir de 18 de setembro de 1920, a denominação de Roxo Roiz foi mudada para Marumbi, fato resultante da mudança de nome da estação da estrada de ferro desta localidade, passando o município a pertencer ao Termo de Irati com nome de **Villa e Município de Marumbi**.

1920 - Neste ano foram instalados os lampiões a querosene para iluminação das poucas ruas existentes. Em Serra Azul é construída a segunda capela do rito ucraniano

1920 - O senhor Jacob Burko adquire uma Locomóvel (máquina a vapor) para a sua serraria tornando-a um dos maiores madeireiros da região e a sua indústria considerada a mais moderna e importante da região sul do Paraná.

1922 - Chega na cidade o primeiro funcionário do IBGE, o senhor Zacarias Pedroso e sua esposa, Cecília de Oliveira Pedroso

1924. O Prefeito Guilherme Pereira constrói a primeira Cadeia Pública e instala o primeiro cinema da cidade. Contratou também a firma dos Irmãos Cury para o fornecimento de luz elétrica pública. Neste ano o município recebeu convite para participar da eleição para escolha do novo Presidente do Estado. Foi representado pelo senhor Adelermo Camargo.

1926 - Quando estava à frente da Prefeitura o Prefeito Substituto, Adelermo Camargo, aparece o primeiro jornal da história do Município com o título "A Luz", com edição quinzenal, tendo à frente os jornalistas Ismael Fernandes e Ascânio Domingos Filho. Neste ano foi assinado o contrato para a telefonia municipal e intermuni-

cial com prazo de catorze meses para a conclusão da instalação dos aparelhos. Este serviço foi executado pelo senhor Guilherme Pereira e a concessão de três anos foi concedida ao senhor Alcy Demillecamps

1927 - Ano da última festa tradicional dos Carneiros na capela que Haia sido fundada pelo senhor José Lúcio da Silva em 1910. Se deu em razão da construção de uma nova igreja bem no local onde atualmente estão os mastros das bandeiras na Praça Tiradentes

1928 - Ocorre um grande incêndio que destruiu a estação ferroviária (de madeira).

1928 - em 07 de maio é registrada a chegada das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria

1928 - O Prefeito Adelermo Camargo decreta a concessão, por dez anos, ao senhor Helio Fonseca Almeida, de área de terreno para a instalação de uma bomba de gasolina automática. A Prefeitura também compra a usina elétrica dos irmãos Cury - que estava instalada onde hoje é o Parque da Pedreira -, e inicia a construção do Colégio Santa Terezinha, hoje sede da Escola Municipal Professora Wanda Hessel. É instalado o primeiro Posto de Saúde que funcionava na residência do próprio funcionário, o senhor Alberto Rangel a quem incumbia prestar todos os serviços como vacinas, saneamento básico e o controle de hansenianos. O primeiro médico foi o Dr. Lauro Wolf Valente que atendia nas proximidades de onde hoje está a Praça Tiradentes, na Rua Getúlio Vargas.



Parcial da antiga Praça, igreja Matriz, Casa Paroquial e Colégio S. Terezinha

CURIOSIDADE: O Colégio Santa Terezinha foi entregue à administração das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria. A construção se deu em parceria do município com a comunidade e na época servia para escola, moradia das irmãs e pequeno pensionato. Registra-se que neste “casarão” entre os anos 1928 e 1944 passaram mais de 2.200 alunos. Mais informações em VALASCKI e WZOREK, 1988, pág 331/332

1929 - Pela lei estadual nº 2645, de 10-04-1929, o município passou a denominar-se **Rio Azul** em referência a um rio com nascente e embocadura situadas dentro do território e cujas águas, assumiam uma cor azulada ao pico do sol do meio dia refletindo a cor do lajeado que formava seu leito. Nesta época era grande e intenso o tráfego de pessoas montadas, de carroças ou de carroções que transitavam entre o Distrito de Soares (Porto Soares) e a Villa, onde estava a estação de trem. Como não conseguiam percorrer todo o percurso sem parar para descansar, fazer refeições ou dar de beber e descansar aos animais, acabavam parando às margens do rio Azul (Rio Azul dos Soares), assim denominado pela razão já mencionada e que estava bastante conhecido e afamado. Quem partia do Distrito de Soares, que à época tinha maior população em direção à Villa de Marumbi, para levar produtos (erva-mate, madeira, dormentes para a ferrovia, etc.), a menção popular “*Vamos ao rio Azul*” pegou e ficou esquecida a referência ao nome da Villa de Marumbi, que era o nome oficial. Quando foi necessário trocar o nome, porque Marumbi já existia como denominação anterior de outro município, os moradores não tiveram dúvidas: Rio Azul.



Carregamento de erva-mate. A cooperativa ficava na Rua Dr Campos Mello. Ao fundo, à esquerda, o tradicional Clube Operário. Foto: Luiz Fernando Vianna

1929 - Nasceu Antonio Petrek em 13 de junho, filho de Gregório Petrek e Ana Tracz Petrek

1930 - em 02 de janeiro de 1930, a nomeação **Rio Azul** foi definitivamente oficializada em ato solene.

1930 - Em 22 de dezembro deste ano é inaugurada a nova estação, feita de alvenaria, o qual permanece até hoje, embora bastante desfigurado.



A estação de Rio Azul nos anos 1970. Foto cedida por Luciano Pavloski
Em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-tronco/rioazul.htm>

1930 - É instalada a primeira farmácia, de propriedade do senhor Francisco Gluzczynski, na Rua Dr Campos Mello, próximo à esquina com a Rua Barão do Rio Branco.

CURIOSIDADE: nesta época existia um famoso curandeiro, o senhor Pendiviater, conhecido como Toca-Vento, que além de benzi-mentos, fazia medicamentos caseiros. (Fonte: VALASCKI e WZO-REK, 1988 - pág.131)

1930 - É registrada a presença de revolucionários getulistas que desembarcaram na estação ferroviária à busca de suprimentos.

1931 - Ano de fundação do Clube Recreativo 14 de Julho, em 09 de agosto.

1932 - Em 22 de dezembro, por ato do então Bispo Diocesano de Ponta Grossa/Pr, Dom Antonio Mazzarotto, foi criada a Paróquia de Rio Azul

1932 - É cassada autonomia do Município.

Um grupo de patriotas rio-azulenses formaram um batalhão para a defesa dos princípios revolucionários, tendo tomada parte ativa em acirrados combates nas fronteiras do Estado, sob o comando de Estanislau Rosa, Luiz Estival e outros.

Em consequência das dificuldades pelas quais atravessava o país na época, motivadas pelas revoluções e crise econômica, também o Município de Rio Azul ressentiu-se do problema nacional. O Prefeito Municipal, não acatando o Código dos Interventores, procurou favorecer certos contribuintes e, conseqüentemente, houve a diminuição da Receita municipal para 30 contos de réis, ficando dest'arte sujeito à extinção pela exiguidade da renda. Assim, pelo Decreto nº 1918, de 04 de agosto de 1932, o senhor Interventor, Manoel Ribas, observando o Código Regulador de suas atribuições, decretou a EXTINÇÃO DO MUNICÍPIO DE RIO AZUL, anexando-o ao Município de MALLETT. (fonte: VALASCKI e WZOREK, 1988).

1933 - Chegada do polonês Alexandre Surmacz, pais de uma das maiores e mais tradicionais famílias rioazulenses.

1934 - Segundo registros, Rio Azul já possuía uma população de aproximadamente 12.500 pessoas e vivia o auge da produção de batatas, destacando-se como um dos maiores produtores do Estado. Neste ano, graças ao aumento da receita, é reintegrado à categoria de Município.

O povo não aceita a situação imposta pelo Interventor do Estado e soma forças numa luta sem igual que resulta na assinatura do Decreto 195, de fevereiro de 1934, pelo qual o Governo do Estado, apoiando-se nas promissoras fontes de receita que futuramente apresentaria, designou para a reintegração, em 26 de fevereiro de 1934, o Major Dagoberto Dulcídio Pereira, oficial da Força Militar do Estado, o qual, em 02 de abril do mesmo ano passou sua função de Interventor ao senhor Amador de Macedo Taques que ficou até o dia 17 de abril.

Antes, a 10 de abril de 1934, foi formado o Conselho Consultivo formado pelos senhores João Cirino dos Santos, Miguel Baschtzen, Honório Alves Pires e Agenor Garcia da Rocha que em 18 de abril assume no lugar de Amador de Macedo Taques.

No dia 30 de agosto de 1934, o senhor Agenor Garcia da Rocha é exonerado e, pouco depois, é assinado, a 15 do mesmo mês, o Decreto 2.231, que elevou Rio Azul novamente à categoria de Município, assume a Prefeitura o senhor José Pallú, no dia 30 de setembro. (fonte: VALASCKI e WZOREK, 1988).

CURIOSIDADE

Em divisões territoriais datadas de 31-12-1936 e 31-12-1937, o município é constituído do distrito sede.

Pelo decreto-lei estadual n.º 7573, de 20-10-1938, adquiriu o distrito de Soares, do município de São Mateus.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o município é constituído de 2 distritos: Rio Azul e Soares.

Em divisão territorial datada de 01-07-1960, o município é constituído de dois distritos: Rio Azul e Soares.

1935 - Inauguração da terceira capela, agora igreja matriz, na época do Pároco Pe Pedro Haida. Ficava na esquina da Avenida Manoel Ribas com a Rua 14 e Julho. Medindo 13,0m x 33,0m, foi construída em madeira e foi Mestre de Obras o senhor Paulo Bossak. Mais tarde foi pintada interna e externamente pelo polonês Flizykowski. Há registro de que este mesmo artista pintou a igreja matriz de Palmeira, em 1947.

1936 - Inauguração do novo Colégio Santa Terezinha, feito em alvenaria, com a presença do Bispo Diocesano de Ponta Grossa, Dom Antonio Lazzarotto. Neste ano a propriedade (quadra inteira e o colégio) foi adquirida pela comunidade e entregue em definitivo às Irmãs da Sagrada Família. Em 1985, três lotes foram vendidos e o dinheiro usado para a reforma. Curiosidade sobre este novo colégio em VALASCKI e WZOREK, 1988, pág. 330/331

1936 - Por incentivo do Prefeito José Pallú é criada a Cooperativa Mista de Rio Azul, depois extinta.

1937 - Neste ano foi registrada uma das maiores enchentes já vistas. Em 13 de outubro, é criada a Agência Municipal de Estatística e Impostos. Neste ano, o Presidente da República, Getúlio Vargas, decretou a dissolução de todas as Câmaras Municipais.

1938 - É fundada a Casa Escolar Santa Terezinha, pertencente à Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, hoje prédio da Escola Municipal professora Vanda Hessel. Pelo Decreto Lei nº 7.537, de 20 de outubro, o então Distrito de Soares passa a pertencer legalmente ao Município de Rio Azul. Houve grande festa. Também por volta desta ano há o registro da primeira olaria, de propriedade do senhor Nicolau Carlos Makowieski

1938 - É inaugurado o Matadouro Municipal na Rua Honório Pires, Vila Abib, hoje o Edifício Cultural Antonio Petrek. Começou a funcionar o primeiro estabelecimento com características de hospital em uma casa construída pelos próprios moradores num terreno próximo de onde hoje está o Colégio Estadual Dr Chafic Cury

1939 - Em consequência da anexação do Distrito de Soares, que pertencia a São Mateus do Sul, o dia 1º foi instituído Dia do Município de Rio Azul. VALASCKI e WZO-

REK, 1988, registra em sua página 175 o sucesso desta comemoração. O senhor Dr. Lauro Wolff Valente doa terreno para a construção da Caixa Econômica e do Clube Operário.

CURIOSIDADE: em data incerta, no final desta década, foi inaugurada uma fábrica de pasta mecânica na localidade de Lajeado dos Mellos, empresa da família Gluszczynski. A pasta mecânica (material fibroso obtido a partir da madeira) era enviada para ser processada em Quatro Barras, na região metropolitana de Curitiba, onde outra empresa da família, a Popasa, fabricava papel higiênico. Empregou muita gente até o final da década de 1980. A fábrica, no início, utilizava água do rio Lajeado para o processamento da madeira. Mais tarde, no final da década de 1940, foi construída uma barragem que existe até os dias atuais naquela comunidade. Logo abaixo está uma das mais bonitas cachoeiras do município, pouco visitada e conhecida.



Trabalhadores da construção da barragem no final da década de 1940. Da esquerda para a direita, o sexto homem em pé é o senhor Estanislau Kempe. A menina que aparece é a sua filha Elza Kempe Gueltes, que foi quem nos cedeu esta fotografia.



Caminhões carregados com pasta mecânica. Foto: Elza Kempe Gueltes



No final dos anos 1990, pouca coisa restava do local onde funcionou a fábrica dos Gluszczyński. Na foto, o senhor Antonio Gueltes, que trabalhou na empresa por quase trinta anos. Nesta época, com este caminhão e a junta de bois, retirava da mata a madeira que abastecia a Serraria do senhor Miro Gluszczyński, que também logo foi à falência. Foto: arquivo da família



A Cachoeira do Lajeado dos Mellos tem acesso somente por trilhas. Está em propriedade particular.
Foto: divulgação

1940 - Inauguração da Olaria São João, de Vladimier Lewandowski (falecido) e que até hoje se encontra em atividade na BR 153, administrada por um de seus filhos. Começa a funcionar na Rua Cafeeiro Corsi, o Grupo Escolar Dr. Affonso Alves de Camargo. Esta escola, conforme relatos de antigos alunos, até esta data funcionou em lugar incerto perto de onde hoje estão a Prefeitura Municipal e a Delegacia, na Rua Expedicionário Antonio Cação.

CURIOSIDADE: em 27 de abril de 1940, com a presença do então Presidente Getúlio Vargas, foi inaugurado o Estádio do Pacaembu, em São Paulo. O primeiro gol marcado no estádio foi anotado pelo jogador Zequinha, natural de Rio Azul, a 1 minuto do primeiro tempo. Seu pai trabalhava na estrada de ferro e ele, jovem, era jogador do Clube Ferroviário (hoje Paraná Clube), e estava emprestado ao Coritiba Foot Ball Club para o jogo inaugural. A partida foi disputada entre o Coritiba e o Palestra Itália (hoje Palmeiras). Apesar de ter marcado o primeiro gol da partida, o Coritiba acabou sendo derrotado por 6 a 2.



Time do Coritiba com Zequinha na inauguração do Pacaembu. Ele é o primeiro agachado (da esquerda para a direita) Fonte <http://www.gazetadopovo.com.br>

CURIOSIDADE

Em 1942, o Prefeito Vicente Bufen instituiu o desconto de 3% sobre o vencimento de cada funcionário a título de “Obrigações de Guerra”

Após o afundamento de seis barcos da Marinha Mercante em águas territoriais brasileiras, o governo brasileiro declarou guerra ao Eixo em 31/08/1942. A entrada brasileira na guerra acarretou necessidade de mais recursos financeiros para o Erário. Mais uma vez, o imposto de renda foi lembrado para ser uma das fontes de recursos. O Decreto-lei nº 4.789 de 05 de outubro de 1942 autorizou a emissão de Obrigações de Guerra. “Art. 5º. A partir de janeiro de 1943, todos os contribuintes do imposto de renda recolherão uma importância igual ao imposto a que estiverem sujeitos, no último exercício, para subscrição compulsória de Obrigações de Guerra, que lhes serão entregues de acordo com o artigo anterior.”. A instituição de Obrigações de Guerra ocorreu no mesmo dia de outras novidades econômicas e financeiras, como a transformação do mil-réis em cruzeiros. A subscrição compulsória de “Obrigações de Guerra” foi suspensa pelo Decreto-lei nº 9.138 de 5 de abril de 1946.

1944 - Jovens rioazulenses embarcam para a Itália com membros da Força Expedicionária Brasileira. Lutaram na Itália: Amid Abib, Antonio Cação, Eugênio Pinto dos Santos, João Guilherme Martins, José Ferreira Colaço Cury, José Golombrieski, José de Lima, José Machowski, Pedro Pereira, Vitério Zem e Waldomiro Sobenko, todos soldados, e ainda Aniss Cury, Cabo, e José Maravieski, 2º Sargento. Não voltaram:

Antonio Cação e José de Lima. Foram convocados, sem terem embarcado: Nicolau Burek, Nicolau Gavronski, Jacob Pissaia, Eroslau Seuchuk, André Klemba.

CURIOSIDADE: na época da Segunda Grande Guerra serviram nas Forças Armadas na Inglaterra Boleslau Pawluk (rioazulense) e Luiz Nawacki (Professor nascido em São Mateus do Sul) residentes na época em Cachoeira dos Paulistas. Com o início da Guerra, com outros seis amigos apresentaram-se como voluntários e não foram aceitos. Inconformados, Luiz e Boleslau fugiram para Montevideú/Uruguai. Aí, embarcaram num navio americano rumo à Glasgow - Inglaterra. Luiz foi encaminhado ao Exército Polonês, como soldado da marinha e Boleslau serviu o Exército Polonês, na Irlanda. Os filhos de Miguel Ostroski: na Inglaterra surgiu um exército de libertação para a Polônia com jovens filhos de poloneses. Por esse motivo, o velho Ostroski incitou os dois filhos mais velhos a irem servir a este exército, o que aconteceu, com os dois servindo na aviação inglesa, o que lhes rendeu o apelido de Águias Polonesas. (Fonte: escritos do Professor Osdival Neves Albini)

1944 - Registro do primeiro time de futebol: Marabá Sport Club. Em Invernada e Faxinal de São Pedro, nesta época, também havia times de futebol. (fonte: VALASCKI e WZOREK, 1988 - pág. 206).



Marabá Sport Club



Cafiheiro Corsi, Um dos maiores colaboradores do esporte e do Futebol de Rio Azul na época do Marabá E.C. Foto: Jandyr Corsi

1946 - Fundação do Cine Teatro Rio Azul, empreendimento do senhor Victor Burko.

1947 - Chega em Rio Azul o senhor Gregório Skalisz onde dedicou ao comércio, hotelaria e padaria. Foi o fundador do tradicional Hotel Estrela, até hoje atendendo na Rua Getúlio Vargas

1947 - Ano do regresso do senhor professor e diácono católico Luiz Nawacki. O senhor Luiz ficou famosos não somente pelo magistério na escola da localidade de Rio Vinagre, onde residiu por muitos anos, mas também porque no ano de 1943, junto com seu colega Boleslau Pawluk, decidiu servir nas Forças Armadas na Inglaterra.

1946/1947 - Na gestão do Prefeito Artur Pallú, Rio Azul sofreu com um grande ataque de gafanhotos que foram combatidos com apoio do governo do estado.

1949 - No governo do Prefeito Bronislau Wronski é fundada a APMI - Associação de proteção à Maternidade e à Infância e em 20 de novembro é inaugurado o Hospital de Caridade São Francisco de Assis.



Parcial do Hospital São Francisco de Assis. Foto: Acervo Câmara Municipal

1950 - Estabeleceu-se em Rio Azul o primeiro dentista, o senhor Dr. Olgierdo Hessel. É doado o terreno para a construção da Delegacia. É criada a Biblioteca Pública Municipal

1951 - Ano marcado pela grande produção local de batatas e trigo

1952 - Fundada pela senhora Ada Kosloski Choma, em 1º de março deste ano começa a funcionar a Escola Normal Regional Fagundes Varella que oferecia o curso de Magistério.

CURIOSIDADE: em 23 de agosto de 1952 o Hospital São Francisco de Assis recebeu algumas cabeças de gado por doação do governo municipal para a renovação do rebanho. Fato é que naquele tempo o hospital mantinha uma pequena fazenda onde criava gado e outros animais

CURIOSIDADE: em 1953, o senhor Antonio Stasiak veio de Mallet para Rio Azul onde instalou uma ferraria na Rua Mal Deodoro, hoje José Pissaia. Fazia canhas para malhar erva-mate, ferramentas de lavoura, peças para máquinas, carroças, serrarias e a industria local como um todo, ferrava cavalos, entre outros. Foi tido como o melhor fabricante de arados vira-folhas. (fonte: VALASCKI e WZOREK, 1988 - pag. 232).

CURIOSIDADE: entre o ano de 1952 e 1984 foi registrado o maior movimento madeireiro do município. (fonte: VALASCKI e WZOREK, 1988 - pág. 495).

1955 - Neste ano é instalada uma grande fábrica de farinha de milho, a terceira maior do estado do Paraná, pelo senhor Adão Schraier. Funcionou até o ano de 1982. Entretanto, na localidade de Serra Azul, foi fechado, em razão disso, um monjolo que fazia farinha de milho até então, pertencente ao senhor Pedro Kusnek.

1956 - O Prefeito Paulo Burko adquire usina e motor para o fornecimento de energia para a cidade de Rio Azul. No ano seguinte a usina elétrica foi comprada pelo Município.

1958 - Ano de instalação da Olaria Sobieski

1958 - são registradas as primeiras plantações de fumo. As primeiras estufas de fumo apareceram na propriedade das famílias Kruk, Weretycki, Rymsza e Zem na cidade, nas localidades de Cachoeira dos Paulistas e Barra da Cachoeira. A primeira companhia a investir e a incentivar os agricultores a plantar o fumo foi a Souza Cruz.

1959 - Este ano, no governo do Prefeito Orestes Pallú, foi marcado pelo encerramento das atividades da fábrica de palhões e de muitas outras indústrias locais levando o Município a uma fase de decadência. A produção de batatas e de trigo decaiu em razão do aparecimento de pragas, doenças e baixo preço de mercado. Muitos moinhos coloniais foram fechados. Isso favoreceu em muito o incentivo a cultura do fumo.

1959 - Pela Lei nº 3976, de 27-05-1959, foi criado o Ginásio Estadual Dr. Chafic Cury, depois de grande trabalho feito pela professora Ivete Padilha Estival, a qual foi depois a primeira diretora. Até ganhar sede própria em 1968, funcionou no prédio do antigo Grupo Escolar Dr Affonso Alves de Camargo.



Flagrante da inauguração do Ginásio Estadual Dr. Chafic Cury
Foto!; acervo de Eunice Teyski Kuspiz



Independente Esporte Clube na década de 1960. Moacir Farias, Moacir Lopacinski, Ayrton Farias, Rubens Borges, Celso Borges, Wladislau Jasiocha, Ceslau Wzorek, Lourival Albini, Eglair Tyski, Emilio Jasiocha, entre outros são os jogadores que aparecem na foto, arquivo de Jandyr Corsi.



Independente Esporte Clube. Aparecem nesta foto: Emanuel Dirceu Farias, Raul Borges, Amilton Jahn, Moacir Lopacinski, Alceu Paszko, Orlei Roberto Pulner, Eloy Pissai, Moacir Farias, Osdival Albini, Miguel Ogrisko (Micha), Aloise Fillus, Eurico Miroto, Antonio Paszko e o senhor Gregório Skalicz . Foto de Jandyr Corsi

1960 - É adquirido uma área correspondente a 28 lotes urbanos destinados à construção do Estádio Municipal, na Vila Abib. O Estado adquire a usina elétrica do Parque da Pedreira

CURIOSIDADE: o Prefeito Orestes Pallú ficou marcado pela realização de grandes pequenas obras na cidade e aquisição de equipamentos diversos para a melhoria dos serviços executados pela Prefeitura. Também ficou afamado por jamais ter cobrado da Prefeitura quaisquer de suas despesas de viagem feitas a serviço do Município com veículo próprio. As notas destas despesas possuiu em casa durante muitos anos para apresentar a quem quisesse conhecer. (fonte: VALASCKI e WZOREK, 1988 - pag. 238/239).



Incentivadores do futebol rioazulense: Nestor Martinetz, Pe. João Salanczyk, Sargento Arnaldo Rezende, João Carneiro, Eloy Pissaia e Orlando Borba

1966 - O Município é atingido por uma grande tempestade de granizo que devastou lavouras e trouxe outros inúmeros prejuízos

1967 - No governo do Prefeito Albino Ianoski que tinha por lema de seu mandato a Educação, ficando marcado pela construção de inúmeras escolas no interior do município, foi criada a Bandeira de Rio Azul. Se deu por concurso público do qual participaram 31 pessoas. A vencedora foi a senhorita Elza Maria Zem.

1967 - Em 13 de junho é fundado o Sindicato Rural com o registro inicial de 1.200 associados. Foi seu primeiro Presidente o senhor Miguel Desanoski

1968 - É inaugurado o Colégio Nossa Senhora de Fátima, ao lado da Igreja Santa Terezinha, administrado pelas Irmãs Catequistas de Sant@Ana. Lá era ministrado o Curso Primário, catequese e também funcionou um abrigo e jardim de infância em convênio com o Instituto de Assistência ao Menor até o ano de 1987

1968 - É comemorado o cinquentenário de Rio Azul. A data fiou marcada por grande desfile no dia 14 de julho e pela inauguração (?) da Praça Tiradentes e do Estádio Municipal entre outras pequenas obras e acontecimentos que não mereceram o devido registro.



Foto: Acervo Câmara Municipal

1969/1972 - No governo de Nestor Leonides Martynetz é construído o Viveiro Municipal e a fábrica de manilhas da Prefeitura, que funcionou durante muitos anos na Av. Manoel Ribas, esquina com a Rua Pedro Pissaia. Ficou marcado por ser um Prefeito que organizou os serviços internos da Prefeitura e apoiou iniciativas conjuntas com os governos estadual e federal que resultaram em benefícios a municipalidade como pavimentação de paralelepípedos, cascalhamento de estradas, placas de sinalização, calçamento, paque infantil e colocação de bancos na Praça Tiradentes. Também em seu governo iniciaram as tratativas para a implantação da rede de distribuição de água pela Sanepar.

1970 - Foi nesta década que um jogador de futebol nascido em Rio Azul ganhou fama. Lourival Neves Albini.



<http://coisasdabola.com.br/garoto-de-rio-azul-a-sensacao-do-iguacu/>

1971 - Em 20 de junho, por sugestão do Prefeito Nestor Martynetz, o Município é consagrado ao Sagrado Coração de Jesus, o que se deu por Lei de autoria dos vereadores Platonit Tarastchuk e João Faber (Lei nº 07/71)

1973 - É fundada a Associação Unidos em Cristo, por iniciativa popular para prestar atendimento aos mais pobres da comunidade. Foi provavelmente a entidade precursora do que depois viria a ser o Provopar Municipal, com a participação do estado. O Estatuto desta associação apregoava que a presidente seria sempre indicada pelo Prefeito e de preferência deveria ser a sua esposa.



Sr. Arnaldo Tomal, em desfile com seu trator novo no ano de 1973

1976 - em 31 de julho o Governador do estado senhor Jayme Canet Junior esteve visitando Rio Azul. Neste ano foi instalado o escritório da Acarpa, depois Emater. Depois de encampado O Banco Comercial do Paraná SA pelo banco Bamerindus do Brasil SA, instala-se em Rio Azul o Banco Itaú, funcionando provisoriamente nas dependências do antigo Clube 14 de Julho.



A Chegada da ACARPA ajudou a difundir iniciativas de diversificação agrícola.
Criação de abelhas. Foto: acervo Odete Markovicz

1977 - em 18 de dezembro, é fundado o Serviço de Obras Sociais - SOS - de Rio Azul, idealizado pela senhora Emília Paszko, com apoio de senhoras do Movimento de Cursilho, entre as quais figuras conhecidas como Emilia Paszko, Nair Skalicz, Florianiana Romanhuk, Irene Mesquita e Ezilda Kloda Wzorek

1978 - Inauguração da nova igreja Matriz em 04 de junho, com 790,00m² e capacidade para abrigar até três mil pessoas. Idealizada pelo Pe João Salanczyk, teve como responsável o engenheiro Elzio da Silva.



Aspecto da antiga igreja matriz, desmanchada depois da inauguração da nova igreja em 1978

Fotos: Acervo de Odete Markovicz e acervo de Fernando Knaut



A nova igreja matriz inaugurada em 1978. Foto: acervo Izaura Surmacz

1979 - Ano de fundação da Apae de Rio Azul. Primeiro Presidente (o senhor Nicolau Chauszcz, juntamente com o senhor Leonardo Skalicz, foram os idealizadores desta entidade)

1980 - Deixa de funcionar a estrada de ferro sob a justificativa de que exigia investimento que não compensava frente ao aumento e valorização do transporte rodoviário. No Governo do Prefeito Leonardo Skalicz começa a implantação da rede de água pela Sanepar, é reformado o Matadouro Municipal, inicia a construção do

Centro Social da Barra da Cachoeira, do novo Terminal Rodoviário (na Rua Pedro Estival) e construída a ponte de concreto na divisa com São Mateus do Sul. Também em seu governo o município recebe o atendimento de um posto avançado do Banco do Brasil.



Aspecto da estação ferroviária pouco antes de a estrada de ferro ser desativada.
Foto: acervo Câmara Municipal

1980 - É fundada em Rio Azul a primeira Igreja Assembleia de Deus - Missão que tinha à frente o Pastor João Batista de Moraes. Em 1982 é inaugurada sua sede definitiva na Rua Expedicionário Antonio Cação.

1981 - Pela lei estadual nº 7.518, de 05-11-1981, é extinto o distrito de Soares.

1982 - Registro do primeiro templo da Igreja do Evangelho Quadrangular, na Rua Paulo Burko, Vila Miroto.

1984 - Em 14 de julho é fundado o Lar dos Velhinhos de Rio Azul. Primeiro Presidente: Osvaldo Kosciuk.



Lar dos Velhinhos de Rio Azul na atualidade. Foto Lar dos Velhinhos



Lar dos Velinhos de Rio Azul na época em que foi fundado



Portal de entrada do Lar dos Velinhos. Foto Lar dos Velinhos

1985 (?) - No governo de Ansenor Valentim Girardi, é inaugurado o Terminal Rodoviário Municipal na Rua Pedro Estival com a presença do então Governador do Paraná, José Richa

1985 - em 13 de fevereiro, com a participação efetiva do Prefeito Ansenor Valentim Girardi é inaugurado o Parque Municipal de Rodeios na Vila Diva e criado o CTG Cavalos Pretos. Também é criada uma área de lazer com piscina pública e demais instalações no mesmo terreno, que depois viria a ser a sede da Associação dos Funcionários Públicos de Rio Azul

1985 - em 24 de maio a Câmara de Vereadores, Prefeito, lideranças comunitárias e povo em geral assinam documento de apelo ao governo do estado pela pavimentação asfáltica da PRT 153. A verba foi liderada mais tarde pelo Governador José Richa e a obra definitivamente entregue no governo de Álvaro Dias.

CURIOSIDADE: no dia da inauguração do asfalto (como o povo diz) foi montado um grande palco em frente a praça e onde hoje está o Sicredi. Autoridades empolgadas que fervorosamente discursavam ao povo presente foram repentinamente traídas pela presença de um helicóptero (do governador) que pousava onde hoje está a torre dos sinos da matriz. Assessores e organizadores desesperados gritavam "Voltem!" "Voltem!". O povo de Rio Azul nunca (?) tinha visto um bicho daquele tão de perto.

1985 - A Madeireira Rio Claro inicia suas atividades em Rio Azul. A empresa cresceu e hoje é a maior e a quem mais gera empregos na cidade.

CURIOSIDADE: Desde a sua fundação até 1998 a produção era totalmente destinada para o Mercado Interno. A partir deste ano, a empresa buscou novos horizontes, inserindo-se no mercado de exportação do compensado, inicialmente destinado para a Inglaterra. Com o passar dos anos houve incremento na produção destinada ao exterior e atualmente mais de 90% de toda a produção é exportada com destino aos países da Europa, EUA, Ásia, África, Oriente Médio, América Central e Mercosul. Também atende o mercado interno, atuando nas áreas de Construção Civil, Indústria Moveleira, Indústria Naval, Implementos Rodoviários e Palcos para Eventos. (Fonte: <http://www.mrclaro.com.br/a-rio-claro/>)

1986 - Pela Portaria nº 7018/86 foi criado o Colégio Comercial Estadual de Rio Azul que oferecia aos seus alunos o curso de Técnico em Contabilidade. Foi seu primeiro diretor o senhor Hamilton Durski.

1986 - É instalada uma antena repetidora de sinais de TV, no alto da Rua Campolim José Ribeiro

1986 - Início das atividades do Grupo Folclórico Ucrâniano Dunay

1987 - Ano da primeira Festa do Fumo

1987 - Pela Lei nº 19/87, de 14-12-1987, é criado o Brasão de Armas de Rio Azul e autorizada a contratação dos serviços de um compositor ou a instituição de concurso para a escolha do Hino de Rio Azul

1987 - É firmado convênio com a empresa Telecomunicações do Paraná SA - TELEPAR -, no valor de até CZ\$ 489.780,00 para interligação das comunidades de Vila Nova, Invernada, Faxinal de São Pedro, Marumbi dos Ribeiros, Marumbi dos Elias, Taquari, Barra da Cachoeira, Rio Azul dos Soares e Água Quente dos Meiras à Rede Interurbana Estadual através de um circuito interurbano e a ceder área destinada à instalação dos equipamentos para a prestação de serviços de telefonia rural

1988 - em 10 de julho é inaugurado o prédio do Centro de Saúde, na Rua professora Maria Tuto Ribeiro, a Casa da Cultura na Rua Getúlio Vargas. Neste ano também foram entregues a população as casas populares das Vilas Diva e Veronez

1988 - em 21 de agosto é instalada a imagem do Sagrado Coração de Jesus, no alto do Morro do Cristo (Rio Vinagre)

CURIOSIDADE: no governo de Ansenor Valentim Girardi, em data incerta, provavelmente quando da inauguração do Centro de Saúde, foram entregues homenagens (diplomas) a um grupo de parteiras leigas do município

1988 - Em setembro deste ano é lançado o livro comemorativo aos setenta anos de Rio Azul, de autoria de Reynaldo Valascki e Ceslau Wzorek com o título “Rio Azul 70 Anos de Emancipação política. De braços abertos para o amanhã”



O sr Vicente Popovicz, com seu Ford F6, fotografado por Antonio Maroski na esquina da Rua Getúlio Vargas com a Av. Manoel Ribas, no ano de 1975, carregado com uma tora de imbuia. A ausência cada vez maior de matéria prima e a intensificação da fiscalização motivaram em boa parte a decadência das serrarias no município.

CURIOSIDADE: no final da década de 1980, poucas serrarias ainda resistiam no Município. Por alguns anos ainda tivemos a serraria dos Gluszczynski, do Airton Moreto e da família Gembarowski, a única que resistiu. Na localidade de Lajeado dos Mellos, a fábrica de pasta mecânica da Popasa, empresa da família Gluszczynski que enviava o material primário para ser processado em Quatro Barras na região metropolitana de Curitiba, onde virava papel higiênico, faliu deixando os funcionários sem emprego e desamparados.



Trabalhadores na fábrica de pastas da localidade de Lajeado dos Mellos, na década de 1980.
Fotos: Ana Paula Futerko

1990 - em 04 de abril a Câmara Municipal, que até então funcionava numa das salas da Prefeitura, passa a funcionar em sala alugada no Colégio Santa Terezinha



Vista da Praça Tiradentes e da Matriz em 1990. Foto: acervo Câmara Municipal

1991 - No governo do Prefeito Mário Pietroski, o Município doa área de terras com 10.000,00m² na Av. Manoel Ribas à empresa Rio Grande Tabacalera SA, para a implantação de uma unidade de produção e comercialização de produtos. Atualmente

está a Schreiber do Brasil. No mesmo ano é doada também uma área de terras com 10.000,00m² adquiridas de Silvestre Romanhuk, à empresa Meridional de Tabacos Ltda., para implantação de uma unidade de produção e comercialização. Onde atualmente está instalada a Alliance One.



Schreiber do Brasil. Foto retirada do site da empresa

1993 – Com a Lei nº 93/91, é instituído o Regime Jurídico dos Funcionários Cíveis do Município de Rio Azul, os quais passam a ser regidos por um Estatuto, com regime próprio de previdência social, cujo fundo de recursos administrados pelos próprios servidores, através de um Conselho por eles eleito, no ano do centenário do município está para alcançar e superar a marca de cinquenta milhões de reais.

1998 - O Prefeito Vicente Solda é autorizado por Lei a agir para que o Município adquira os bens (áreas de terra e imóveis) pertencentes à antiga RFFSA - Rede Ferroviária Federal AS

1999 - É criado pela Lei nº 083/99, de 03-05-99, o Parque Ambiental Municipal Salto da Pedreira. É construído o Barracão Industrial na Rua Bronislau Wronski



Carnaval na década de 1990 no Clube Recreativo XIV de Julho. Foto: Luiz Fernando de Souza

2000 - Ocorre a instalação da Schreiber do Brasil, indústria de capital americano que processa diversos tipos de queijos

2000 - Pela Lei nº 142/200, é tombado ao patrimônio histórico de Rio Azul o prédio e os anexos da antiga Estação Ferroviária.

2002 - Em 18 de março é inaugurada a sede da primeira agência do SICREDI na Av. Manoel Ribas, em sala alugada, com incentivo das empresas fumageiras que ficaram sem opção para pagamento aos seus produtores depois que a agência do Banco Bamerindus do Brasil fechara suas portas.

2002 – Entra em atividade a Madeireira Costa Azul.

2003 - É comemorada com grande festa o centenário da chegada dos padres da Congregação do Verbo Divino em Rio Azul e os 75 anos de presença das religiosas da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.

2004 – Neste ano foi definitivamente desativado o Clube 14 de Julho. Muitas festas aconteceram no local que durante anos foi referência para eventos sociais no município.

2006 - Em 26 de setembro, pela Lei nº 345/2006, é tombado ao Patrimônio Histórico de Rio Azul o prédio do antigo Matadouro Municipal.

Em 12 de dezembro é sancionada a Lei nº 356/2006, que tomba ao patrimônio histórico o prédio do antigo Colégio Santa Terezinha, agora Escola Municipal Professora Vanda Hessel

2007 - Em 03 de outubro é sancionada a Lei nº 390/2007, que concedeu o título de Cidadão Benemérito de Rio Azul ao artista plástico Antonio Petrek.

2008 - No mês de julho, é inaugurada a nova sede da Câmara Municipal, na Rua Getúlio Vargas

2009 - Em 29 de outubro, no governo do Prefeito Vicente Solda, com a presença do Governador do Estado, Roberto Requião é inaugurada a Biblioteca Cidadã que recebeu o nome de Biblioteca Cidadã Municipal Professora Ivete Padilha Estival, em homenagem à uma das professoras mais queridas pelos rioazulenses. A Biblioteca Cidadã, que está aos cuidados da servidora municipal Terezinha Aparecida Markovicz Gueltes desde que inaugurada, atende professores, estudantes e público em geral. Possui um grande acervo composto por livros da literatura nacional e estrangeira. Sua fachada frontal chama a atenção pela beleza única de uma pintura da artista Efigênia Meiborg que retrata pontos turísticos de Rio Azul. Neste mesmo ano, em 19 de novembro, são entregues as primeiras 13 residências da Vila Gembarowski.



Fachada pinta pela artista Efigênia Meiborg Foto acervo da Biblioteca Cidadã



Sala de leitura com afrescos pintados pela artista Jane Luiz Skalisz Solda.
Foto acervo da Biblioteca Cidadã

2009 – Em 26 de novembro, entrou no ar a Rádio Th alento FM com sua programação definitiva na frequência de 88.7 MHz. Por muito tempo aguardada pela população rioazulense, foi idealizada pelo senhor Humberto Joaquim Malojo, que falecera pouco antes vítima de acidente automobilístico. O empreendimento foi assumido então por seu filho André Malojo.

2010 – Ano de fundação da Igreja Assembleia de Deus Ministério Madureira, com sede na Rua vereador Adão Klemba, tendo à frente o Pastor Francisco das Chagas Medeiros.

2011 - Em 30 de janeiro deste ano faleceu o artista plástico Antonio Petrek. Em 20 de junho, mês do seu aniversário, foi lançado o filme “O Dom de Deus” que conta a história do pintor rio-azulense. Idealizado por Regina Maria Pegoraro o filme fez parte do Circuito Nacional de Exibição, mostra itinerante do projeto Revelando os Brasis, na sua quarta edição. Reuniu mais de seiscentas pessoas diante de um telão montado na Rua 14 de Julho, em frente a igreja matriz.



Aspecto da igreja Matriz em junho de 2018.
Foto Marcos Maroski 2018

2012 - Através da Lei nº 653/2012, fica tombado ao Patrimônio Histórico Municipal a Caixa d’Água construída e utilizada pelos ferroviários localizada na Vila Beira Linha.

2012 – Em 21 de julho deste ano, com baile de João Luiz Correa e Grupo Campeirismo, inaugura o Centro de Eventos Martins. O empreendimento é do empresário Jair Martins e conta com aproximadamente 2.100 m² com dois ambientes para pista de dança, além de cozinha, banheiros, bares, camarotes e um estacionamento com capacidade para mais de 400 veículos.



Centro de Eventos Martins, na Rodovia Francisco Gluszczyński, Rio Azul de Cima.
Foto: divulgação

2013 – Em 23 de julho é registrada a precipitação de neve em Rio Azul e em outras dezenas de cidades do Paraná, inclusive Curitiba (mais fraca). Rio Azul ficou tomada pela massa de gelo que foi bastante fotografada a noite e depois, na manhã do dia seguinte. Telhados, ruas, pastos, árvores, enfim tudo ficou tomada por uma incrível cor branca da neve depositada. A noite, no auge do fenômeno, por volta das 23 horas, as pessoas saíram às ruas para vivenciar aquele momento único em suas vidas.



A precipitação de neve começou por volta das 22:30 do dia 23 de julho de 2013.
Foto: Marcos Antonio Maroski



Praça Tiradentes em 24 de julho de 2013. Prefeitura Municipal



Aspecto do pátio da antiga Rodoviária, na Vial Diva. Foto: Prefeitura Municipal



Foto: Prefeitura Municipal

2015 – Em maio deste ano, no governo de Silvio Paulo Girardi, é instalado e entra em operação o primeiro semáforo de Rio Azul na esquina da Avenida Manoel Ribas com a Rua Barão do Rio Branco.

2015 – Com investimento de três milhões e meio a fundo perdido, recurso originário do Governo Federal, em junho foi assinada a ordem de serviço para o início das obras da nova sede da Escola Municipal Professora Wanda Hessel, na Rua Barão do Rio Branco, Vila Diva.

